



**José Abel de Sousa**

**Crer promovendo o humano:  
a missão evangelizadora da universidade  
católica à luz do humanismo cristão**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada como requisito parcial  
para obtenção do grau de Doutor pelo  
Programa de Pós-graduação em Teologia,  
do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Abimar Oliveira de Moraes

Rio de Janeiro  
Junho de 2020



**José Abel de Sousa**

**Crer promovendo o humano:  
a missão evangelizadora da universidade católica à luz do  
humanismo cristão**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Prof. Abimar Oliveira de Moraes**

Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana**

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup> Maria Teresa de Freitas Cardoso**

Departamento de Teologia – PUC-Rio

**Prof. Pedro Rubens Ferreira Oliveira**

Universidade Católica de Pernambuco

**Prof. Franclim Jorge Sobral de Brito**

Escola Superior Dom Hélder Câmara

Rio de Janeiro, 30 de junho de 2020.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

### **José Abel de Sousa**

Graduado em Filosofia e Teologia pela FAJE-MG. Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana – Roma. Experiência em docência em Sagrada Escritura e em Teologia Pastoral e Espiritualidade, e atuação em pastoral universitária.

#### Ficha Catalográfica

Sousa, José Abel de

Crer promovendo o humano: a missão evangelizadora da universidade católica à luz do humanismo cristão / José Abel de Sousa; orientador: Abimar Oliveira de Moraes. – 2020.

361 f.; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2020.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Universidade católica. 3. Dignidade humana. 4. Fé cristã. 5. Diálogo e cultura. 6. Valores cristãos. I. Moraes, Abimar Oliveira de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

A todos os universitários que primam pela  
promoção e defesa dos Direitos Humanos.

## Agradecimentos

A Deus, pelo seu incondicional amor.

Ao meu orientador, Abimar Oliveira de Moraes, por me acolher e acompanhar nos desafios da orientação.

Aos meus pais, Jair e Sebastiana, por terem sido sempre exemplos de determinação e amor a Deus e cuidado por mim e minhas irmãs.

Às minhas irmãs, Edinalda e Edivalda, pelo apoio sempre fraternal.

Aos funcionários da Pastoral Universitária Anchieta da PUC-Rio, pela dedicação no serviço que prestam, pela confiança e partilha de vida e fé.

Aos amigos e amigas de todos os departamentos e unidades da PUC-Rio, pela interação e acolhimento que possibilitam instâncias de diálogo.

Ao Vice-reitor Comunitário, Augusto Sampaio, pelo exemplo de vida e de doação em benefício dos estudantes, em especial os mais necessitados, da PUC-Rio.

Aos graduandos dos mais diversos cursos na PUC-Rio com quem compartilho fé, esperança e afeto.

Aos professores do departamento de Teologia da PUC-Rio pelas aulas sempre enriquecedoras, e aos funcionários, pelo atendimento sempre prestativo, eficiente e amigável.

Ao professor Joel Portella Amado, por suas orientações precisas e muito valiosas dadas ainda no pré-projeto desta tese.

À Companhia de Jesus, em especial aos membros da comunidade Leonel Franca, pelo apoio e acolhimento.

A Bia Gross, pela revisão do texto, principalmente por cuidar das normas.

Aos membros da Pastoral da Universidade da PUCPR, membros da Escola Superior Dom Hélder Câmara de B. Horizonte, e da Unisal-SP, pela rica interação neste período da pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de Financiamento 001.

*O segredo da eterna juventude  
é dedicar a vida a uma causa.*

Dom Helder Câmara

## Resumo

SOUSA, José Abel de; MORAES, Abimar Oliveira de. **Crer promovendo o humano: a missão evangelizadora da universidade católica à luz do humanismo cristão**. Rio de Janeiro, 2020. 361p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa busca compreender como a universidade católica pode enfrentar os desafios atuais a fim de interagir com o seu corpo docente e, principalmente, com o discente, a partir dos valores presentes e provenientes do Evangelho de Jesus Cristo. Aborda-se a missão evangelizadora da universidade católica, mais precisamente seu desafio atual na sociedade pluralista. O ponto de partida é o de que o pluralismo cultural e religioso não é apenas externo, encontra-se dentro da própria instituição. O estudo é realizado a partir do método pastoral tripartido “ver-julgar-agir”, inter-relacionado com a *Ex Corde Ecclesiae*, documento que propõe a definição da identidade e da missão da universidade católica. A universidade católica atual necessita empreender um anúncio da fé cristã que promova o ser humano e que o faça à luz da mensagem do Reino de Deus, que traz consigo os valores cristãos, ainda que nem sempre nomeados como tais. Diante da constatação da existência de um hiato entre a fé e a vida, mostra-se necessário (e possível) que na universidade católica haja uma pastoral universitária ativa e dialogante. Mais que uma universidade em pastoral, que seja uma universidade em pastoralidade, conceito que aponta para um ambiente universitário em que haja atitudes concretas na promoção e defesa da dignidade da pessoa humana, na busca da vivência do humanismo cristão integral e integrado, tendo a solidariedade como eixo norteador. A missão evangelizadora proposta nesta pesquisa visa que a universidade católica adote uma postura de fidelidade aos valores evangélicos e, simultaneamente, valorize e respeite as liberdades, a diversidade religiosa e a pluralidade cultural que caracterizam toda a sociedade atual. A ação pastoral realizada no âmbito universitário busca constantemente o diálogo com o mundo contemporâneo conforme anunciado pela Igreja em documentos oficiais: o documento de Buga, a *Ex Corde Ecclesiae*, o documento conciliar *Gravissimum Educationis*, o Documento de Aparecida, entre outros. Reitera que o desafio posto à universidade católica atual, considerando que a fidelidade ao múnus da

evangelização não é opcional, mas vital, é que faça jus ao adjetivo católica, considerando-se o fato de as referências religiosas nas instituições católicas de ensino universitário encontrarem-se cada vez mais diluídas, sendo absorvidas ou sufocadas pela mentalidade e postura empresarial mercantilista presentes na sociedade da qual a universidade é parte. O adjetivo “católica” equivale a universal, e remete necessariamente aos princípios cristãos como os que iluminam a busca da verdade sobre Deus, o ser humano e a natureza. O título “católica” é o que especifica o dinamismo da universidade, distinguindo-a das outras.

### **Palavras-chave**

Universidade católica; dignidade humana; fé cristã; diálogo e cultura; valores cristãos.

## Abstract

SOUSA, José Abel de; MORAES, Abimar Oliveira de (advisor). **Belief and human promotion: the evangelizing mission of the Catholic university in the light of Christian humanism.** Rio de Janeiro, 2020. 361p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research seeks to comprehend how the Catholic university can face current challenges in order to interact with its faculty and especially with its student body according to the values present and stemming from the Gospel of Jesus Christ. The evangelizing mission of the Catholic university is discussed, specifically its current challenge in the pluralist society. The starting point is that cultural and religious pluralism is not only external but is found within the institution itself. The study is carried out in accordance with the tripartite pastoral method “see-judge-act”, interrelated with *Ex Corde Ecclesiae*, document that proposes the definition of the identity and mission of Christian faith that promotes human beings in the light of the message of the Kingdom of God, which entails Christian values, although not always named as such. Before the ascertainment of the existence of a hiatus between faith and life, it becomes necessary (and possible) for the Catholic university to have an active and dialogic campus ministry. More than a pastoral university, it should be a university in pastorality, a concept that points to a university atmosphere in which concrete attitudes are taken for the promotion and defense of the dignity of the human person, searching to live the integral and integrated Christian humanism, having solidarity as the guiding North. The evangelizing mission proposed in this research aims for the Catholic university to adopt a faithful posture to the evangelical values and, at the same time, to value and respect freedoms, religious diversity and cultural plurality, which characterize current society. The pastoral action undertaken in the university sphere constantly seeks to dialogue with the contemporary world as it has been announced by official Church documents: the document of Buga, the *Ex Corde Ecclesiae*, the conciliar document *Gravissimum Educationis*, the Document of Aparecida, among others. It reiterates the challenge presented to the present Catholic university, considering that the faithfulness to the office of evangelization is not optional, rather vital, justifying its Catholic adjective, considering the fact that the religious references in the Catholic institutions find themselves increasingly thinned, being absorbed or

suffocated by the mercantilist business mentality and posture in the society where the university takes part. The “Catholic” adjective is equivalent to universal and necessarily remits to the Christian principles such the ones that illuminate the search for the truth about God, the human being and nature. The title “Catholic” is what specifies the university dynamism, distinguishing it from others.

### **Keywords**

Catholic University; human dignity; Christian faith; dialogue and culture; Christian values.

## Sumário

1	Introdução	15
2	O contexto da missão evangelizadora da universidade católica atual	20
2.1	O método ver-julgar-agir	21
2.1.1	O “ver” como o primeiro polo da dialética, uma mediação socioanalítica em vistas da percepção da realidade	23
2.1.2	O “julgar” como segundo polo da dialética, uma mediação hermenêutica em vistas da interpretação da realidade	24
2.1.3	O “agir” como terceiro polo da dialética, uma mediação prática em vistas de uma nova realidade	27
2.1.4	A aplicação do método ver-julgar-agir no Documento de Aparecida	27
2.1.5	O uso do método ver-julgar-agir por teólogos no contexto latino-americano	33
2.2	O que é a universidade católica?	34
2.2.1	A identidade e a missão da universidade católica	42
2.2.2	A missão e o núcleo da universidade católica à luz da <i>Ex Corde Ecclesiae</i>	47
2.2.3	“Universidade” e “católica”, conceitos complementares	55
2.2.4	A universidade católica é intrinsecamente evangelizadora	60
3	O momento do <i>ver</i> , a percepção da realidade da missão evangelizadora da universidade católica	75
3.1	Os principais documentos eclesiais sobre a missão evangelizadora da Igreja no contexto da universidade católica	75
3.2	Evangelização e pastoral na universidade católica	83
3.3	A universidade católica enquanto “comunidade universitária” à luz da <i>ECE</i>	90
3.4	A realidade da missão evangelizadora no contexto da universidade católica	94
3.4.1	A realidade do diálogo entre fé e cultura	98
3.4.2	A realidade do anúncio do Evangelho	104
3.4.3	A realidade da busca da verdade	107
3.4.4	A realidade da integração entre fé e vida	112
3.5	Desafios para a missão evangelizadora da universidade católica relacionados à realidade da atual geração dos universitários	116
3.5.1	Desafios atuais relacionados à realidade da missão evangelizadora da universidade	125
4	O momento do <i>judgar</i> , a iluminação do ideal da missão evangelizadora da universidade católica	135
4.1	A missão evangelizadora da universidade católica à luz do ideal de Jesus Cristo, do Reino de Deus e do Evangelho	135

4.2 A evangelização segundo a perspectiva do apóstolo Paulo	139
4.3 A missão da Igreja é evangelizar	147
4.4 Evangelização da cultura e inculturação do Evangelho	153
4.5 Novos paradigmas de evangelização e pastoral	163
4.6 Desafios dos novos paradigmas quanto à evangelização	169
4.7 O ideal da evangelização à luz do pontificado do papa Francisco	174
4.8 O ideal da evangelização na universidade católica a partir de algumas linhas mestras	182
4.8.1 O ideal da evangelização a partir do diálogo fé e cultura	185
4.8.2 O ideal da evangelização a partir do anúncio do Evangelho	191
4.8.3 O ideal da evangelização a partir da busca pela verdade	196
4.8.4 O ideal da evangelização a partir da integração fé e vida	202
4.8.5 Síntese do ideal da evangelização da universidade católica	208
4.9 O anúncio dos valores crísticos na universidade católica	215
5 O momento do <i>agir</i> , o discernimento a partir do diálogo em vista da realização da missão evangelizadora da universidade católica	225
5.1 Perspectivas a partir dos desafios relacionados à missão evangelizadora da universidade católica	226
5.2. Diagnóstico a partir da dialética entre a realidade e o ideal no âmbito da missão evangelizadora da universidade católica de acordo com os quatro núcleos temáticos	238
5.2.1 Diagnóstico a partir do diálogo entre fé e cultura	242
5.2.2 Diagnóstico a partir do anúncio do Evangelho	246
5.2.3 Diagnóstico a partir da busca pela verdade	250
5.2.4 Diagnóstico a partir da integração fé e vida	254
5.3 Linhas de ação em vistas de orientar a missão evangelizadora da universidade católica	263
5.4 A importância da Teologia no interior do <i>campus</i> da universidade católica	277
5.5 A universidade católica é mais que uma universidade	290
5.6 A missão evangelizadora da universidade católica atual à luz da <i>ECE</i> e do humanismo cristão e integral	312
6 Conclusões	319
7 Referências bibliográficas	324

## Lista de abreviaturas e siglas

ABRUC	Associação Brasileira de Universidades Comunitárias
ABUB	Aliança Bíblica Universitária do Brasil
ANEC	Associação Nacional de Educação Católica no Brasil
Anptecre	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião
ASS	<i>Acta apostolicae sedis</i>
CA	<i>Centesimus annus</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDC	Código de Direito Canônico
CELAM	Conferência Episcopal Latino-americana
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPC	Conselho Pontifício para a Cultura
CRUB	Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras
CVII	Concílio Vaticano II
DAp	Documento de Aparecida
DH	<i>Dignitatis Humanae</i>
DMed	Documento de Medellín
DPb	Documento de Puebla
DSD	Documento de Santo Domingo
DSI	Doutrina Social da Igreja
EA	<i>Ecclesia in América</i>
ECE	<i>Ex Corde Ecclesiae</i>
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
FIUC	Federação Internacional de Universidades Católicas
FR	<i>Fides et Ratio</i>
GE	<i>Gravissimum Educationis</i>
GOU	Grupo de oração universitário
GS	<i>Gaudium Spes</i>
IES	Instituição de ensino superior
JOC	Juventude operária católica
JUC	Juventude universitária católica

LF	<i>Lumen Fidei</i>
LS	<i>Laudato Si</i>
MEC	Ministério da Educação
Oducual	Organização de Universidades Católicas da América Latina
PP	<i>Populorum Progressio</i>
Prouni	Programa universidade para todos
PrP	<i>Princeps Pastorum</i>
RH	<i>Redemptor hominis</i>
SCh	<i>Sapientia Christiana</i>
SEDOC	Serviço de documentação
SOTER	Sociedade de Teologia e Ciências da Religião
UCA	Universidad Centroamericana
VG	<i>Veritatis Gaudium</i>

# 1 Introdução

O nosso interesse nesta pesquisa tem origem no trabalho de docência exercido no Instituto São Boaventura em Brasília, há alguns anos, e no trabalho atual à frente da coordenação da Pastoral Universitária Anchieta da PUC-Rio, articulado a uma reflexão teológica intrinsecamente ligada às vicissitudes e desafios vividos no cotidiano dessa experiência. Esses anos de trabalho junto à universidade nos proporcionaram perceber a complexidade dos desafios da evangelização em ambientes acadêmicos e nos movem em direção à busca de respostas para esses e outros desafios que se apresentam. Procuraremos interagir com a questão relacionada à evangelização da cultura na realidade da universidade católica contemporânea. O pressuposto básico é que é necessário e, não obstante as mais diversas dificuldades, possível evangelizar na universidade, especificamente na que é católica. Os tempos atuais trazem-nos sentidos e desafios novos. A espiritualidade cristã oferece, para este contexto, grande contribuição, principalmente no que diz respeito ao tão necessário processo de humanização, conforme salienta o papa Francisco: “A grande riqueza da espiritualidade cristã, proveniente de vinte séculos de experiências pessoais e comunitárias, constitui uma magnífica contribuição para o esforço de renovar a humanidade” (*Laudato Sí* n.216).

Procuraremos desenvolver a intuição que teve o teólogo Mário de França Miranda, em 2015, no artigo “Universidade Católica hoje”, quando discorreu sobre o desafio atual posto pela sociedade pluralista à missão evangelizadora da universidade católica. Como ponto de partida para o anúncio da fé cristã na universidade católica atual, apresentamos o cuidado com o ser humano, um cuidado que busca superar o racionalismo, o cientificismo e o humanismo ateu. Nossa pesquisa busca respostas e saídas a partir do humanismo integral e cristão apresentado, dentre outros, por J. Maritain, J. M. Castillo e pelo papa Francisco, tal como é sintetizado em um outro escrito de M. F. Miranda, de 2014, “Evangelizar ou humanizar?”. Esses e outros autores nos ajudam a pensar em vistas de propor uma linguagem que seja adequada e abrangente, para testemunhar e falar de Jesus e do Reino de Deus à juventude universitária contemporânea, caracterizada pelo pluralismo cultural e pela diversidade religiosa. Como afirmamos no título da tese,

“crer promovendo o humano” exige do cristão a articulação entre fé e vida, portanto, intenta expressar esta busca integradora que visa a superação do hiato entre a fé e a vida. O subtítulo da tese, “a missão evangelizadora da universidade católica à luz do humanismo cristão”, busca especificar o nosso lugar de fala, bem como sublinhar o aspecto da universidade católica a ser enfatizado na pesquisa.

O objeto do estudo desta pesquisa é, portanto, a missão evangelizadora da universidade católica e como está sendo, ou necessita vir a ser, realizada na atualidade a fim de que a universidade permaneça fiel às suas origens. O contexto geral é a missão evangelizadora da Igreja e, mais particularmente, a evangelização da cultura com relação à evangelização do mundo intelectual. O recorte mais restrito se refere à ação concreta da evangelização em cada universidade identificada como “católica” e ou de inspiração cristã. Neste contexto, serão revisados tópicos que atualmente estão em vigor quanto à evangelização na universidade católica e de inspiração cristã, nos últimos anos, bem como as respectivas vicissitudes provenientes da emergência de novas culturas e da sua influência, cada vez maior, no tecido social, onde se encontram desafios postos à própria evangelização, que se vê, portanto, diante da necessidade de encontrar respostas atualizadas e vinculadas aos sinais dos tempos.

Os conceitos “ideal do Reino de Deus” e “realidade”, presentes no decorrer deste estudo, são utilizados respectivamente como o “dever ser” e o “ser” da universidade católica, ou ainda, o ideal e o real, respectivamente, na missão evangelizadora da universidade católica. Eles possuem conotação histórica e geográfica, devido a que nem sempre o “ser” e o “dever ser” dos comportamentos humanos se equivalem; por isso se faz necessário pensar em novos paradigmas.

A explicitação do ideal do Reino de Deus e da realidade da missão evangelizadora da universidade católica irá ser realizada por meio do método ver-julgar-agir, que não será utilizado na sua tipificação estrita, mas com certa liberdade a partir do que a sua inspiração tem de útil para o nosso propósito, complementado com a linha de leitura dos sinais dos tempos. Na sua aplicação mais restrita e concreta com referência ao objeto desta investigação em cada um dos três passos, como veremos a seguir, de forma resumida. A explicação detalhada e exemplificada do método e também do modo como é aplicado nesta pesquisa encontra-se no capítulo 2:

Ver: qual é a realidade da universidade católica quanto à sua missão evangelizadora. Será realizado um breve, porém necessário, olhar retrospectivo na história, contudo, a nossa ênfase é na atualidade, em como está sendo realizada a missão na universidade católica concretamente e, se não está sendo realizada adequadamente, procura-se explicitar os principais desafios que se apresentam.

Julgar: “julgar” a realidade acima mencionada será realizado em dois momentos inter-relacionados; o primeiro, como “iluminação”, a partir da palavra escrita e de documentos pertinentes, tanto da Igreja quanto de teólogos; o segundo momento é de “discernimento”, ambos partem da interpelação à realidade na qual se constata mudanças formuladas à própria missão evangelizadora, advindas dos novos paradigmas.

Atuar: a partir do confronto entre a realidade percebida e a respectiva iluminação, consideram-se suas concordâncias e discordâncias para chegar a uma síntese capaz de gerar orientações destinadas à prática concreta da missão evangelizadora da universidade católica.

Esta investigação se fundamenta em uma problemática real e bastante atual relacionada à evangelização da cultura em um espaço considerado o foco da universidade católica, enquanto protagonista e responsável pela evangelização do meio intelectual da sociedade e, portanto, chamada a ser geradora de respostas a uma necessidade cada vez mais premente. Por atualidade, circunscrevemos aproximadamente os últimos trinta anos, delimitados pela publicação, em 1990, da Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, documento que subjaz esta pesquisa. A *ECE* constitui um expressivo esforço da Igreja em favor da afirmação da identidade e da missão da universidade católica e também do seu protagonismo no processo de evangelização da cultura. A *ECE* recolhe o que foi sendo elaborando sobre universidade católica, sobretudo no decorrer da década de 1980.

A pesquisa fundamenta a sua pertinência teológica no campo da teologia pastoral a ser concretizada no contexto prático de ação na universidade católica, chamada a ser verdadeira vida da Igreja no âmbito da cultura. Tem como referência última a fé em Jesus Cristo, cuja vida se revela na realidade histórica, sendo interpretada à luz dos documentos eclesiais, das mais diversas interpelações dos últimos pontífices, tudo isso em vista de ser vivenciada em cada universidade católica, favorecendo que possam cumprir a sua função precípua, que é anunciar a fé cristã promovendo a dignidade da pessoa humana. A pesquisa intenta promover

um diálogo aberto entre a Igreja – em sua missão evangelizadora e formativa no ambiente universitário – e a cultura em tempos atuais, com os mais diversos desafios e consequências que tal diálogo comporta. Consideramos essa empreitada instigante, necessária e urgente.

A atualidade, a relevância e a pertinência do objeto desta pesquisa se veem confirmadas no atual pontificado de Francisco, cujos exemplos e principais iniciativas serão mencionados ao longo do trabalho. Merece destaque a recente convocação feita por Francisco que, no dia 14 de setembro de 2019, convocou profissionais da área da educação para atuarem em vistas da construção de um “Pacto Global pela Educação”, cuja reunião primeira acontecerá em 2020. O tema é “Reconstruir o Pacto Educativo Global” e vai na mesma linha do que aqui buscamos refletir, que é o reavivar o compromisso em prol e com as gerações jovens, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão.

O conteúdo do trabalho se desenvolve em cinco partes, compostas por esta introdução geral, quatro capítulos e uma conclusão final.

O segundo capítulo apresenta o método ver-julgar-agir tal como será utilizado, com as aplicações e inovações elencadas anteriormente. Em seguida, descreve os fundamentos da identidade e da missão da universidade católica, as suas características essenciais – segundo o texto da *ECE* – o ser e o fazer; quais são as bases da missão da universidade católica, que chamamos linhas mestras, que constituem núcleos temáticos presentes na *ECE* e expressam o sentido que perpassa a evangelização inculturada no âmbito da universidade.

O terceiro capítulo, a partir do “ver” observa o desempenho da missão evangelizadora da universidade católica, primeiramente como ela encontra-se prevista nos documentos eclesiais, nos escritos de autores; na sequência, apresentamos os desafios e dificuldades existentes para a missão evangelizadora da universidade católica relacionados à realidade da atual geração dos universitários.

O quarto capítulo propõe o momento do “julgar” como sendo iluminação do ideal da missão evangelizadora da universidade católica à luz do ideal de Jesus Cristo, do Reino de Deus e do Evangelho. Trata de como se busca realizar a inculturação do Evangelho e, em particular, na universidade católica. Do mesmo modo, se ressalta a necessidade de considerar a evolução das culturas no contexto

da globalização e da mudança de época e como responder aos desafios provenientes dos novos paradigmas que se apresentam à evangelização.

O quinto capítulo é o momento do “agir”, em que se pretende dar resposta aos desafios postos à evangelização, vistos nos temas anteriores, por meio de um diagnóstico elaborado através da relação dialética ideal-realidade, culminando em orientações e linhas de ação em vistas do agir – que é a própria realização da missão evangelizadora da universidade católica.

O tema de cada capítulo é analisado a partir de quatro “colunas”, que são linhas mestras que constituem núcleos temáticos extraídos da *ECE* e expressam o sentido que perpassa a evangelização inculturada no âmbito da universidade. São os seguintes: 1. Diálogo fé e cultura; 2. Anúncio do Evangelho; 3. Busca pela verdade; 4. Integração fé e vida.

O nosso objetivo não consiste em definir o que seja uma universidade católica, uma vez que assumimos como fundamento a *ECE*. Contudo, embora siga sendo muito válido, este documento foi escrito há 30 anos e a universidade é uma instituição histórica que existe somente inserida em uma realidade, uma época e um contexto sociocultural concretos. O tema é bastante complexo, e nos restringimos à atual situação da universidade católica na sociedade pluralista, que exige inovações para realizar com seriedade a sua missão. Interessa-nos apresentar uma nova perspectiva de evangelização que permita o diálogo aberto, iremos mostrar a necessidade dessa perspectiva, fundamentá-la e expor suas consequências para a missão evangelizadora da universidade católica.

## 2

### O contexto da missão evangelizadora da universidade católica atual

Neste capítulo, iremos apresentar o modo como utilizaremos o método ver-julgar-agir ao longo de todo o trabalho. Veremos o Documento de Aparecida, cuja menção consideramos significativa primeiramente porque retoma o uso do método ver-julgar-agir e também porque afirma o princípio que todo recomeço deve ser feito a partir de Jesus Cristo, porque só é possível ser cristão a partir de um encontro pessoal e comunitário com o Cristo. É desse ponto de partida, conforme salienta Aparecida, que a Igreja deve projetar a missão evangelizadora, particularmente na universidade.

Faremos alusão ao uso do método ver-julgar-agir por parte de alguns relevantes teólogos no contexto latino-americano na perspectiva de que a própria teologia não está isenta do risco de ideologização, portanto, necessita ser também ela submetida à libertação, do contrário poderá, inclusive, ainda que involuntariamente, favorecer a opressão e, conseqüentemente, não interpretar a fé em vistas da humanização do ser humano.

Iremos nos voltar para a busca da identidade e da missão da universidade católica, que continuará nos capítulos seguintes e será realizada a partir da “carta magna” que é a *Ex Corde Ecclesiae*. Consideramos que é possível uma articulação dos núcleos temáticos extraídos da *Ex Corde Ecclesiae* com o método ver-julgar-agir. A partir da aplicação desse método faremos uma leitura da missão evangelizadora da universidade católica à luz da *Ex Corde Ecclesiae*, cuja importância é enorme, pois, marca a recepção do Concílio Vaticano II<sup>1</sup> na universidade católica, numa leitura em sintonia com os “sinais dos tempos”<sup>2</sup>. O nosso trabalho propõe, em primeiro lugar, verificar a aplicação da *Ex Corde Ecclesiae* na universidade católica atual e, além disso, atentar aos desafios pastorais

---

<sup>1</sup> Doravante CV II.

<sup>2</sup> Na igreja e teologia pós Concílio Vaticano II, tornou-se quase banal falar a expressão bíblica “sinais dos tempos” (Mt 12,38-39; 16,1-4; Mc 8,11-13; Lc 11, 16-29; 12,54-56) para se referir aos apelos do tempo presente e definir os termos da missão eclesial. Como afirma P. Rubens “não se pode buscar as ‘razões de nossa esperança’ (1Pd 3,15s), função primeira da teologia fundamental e de toda teologia sem discernir os apelos de Deus presentes nas mais diversas situações humanas”. OLIVEIRA, P. R., Tudo que é humano ressoa no coração da fé: discernir a missão universitária à luz dos sinais dos tempos, p.2116.

atuais que apontam para a emergência de novos paradigmas para a evangelização e a necessidade de se pensar novas linhas de ação pastoral.

A ênfase nesta pesquisa consiste em valorizar as práticas herdadas, porém, em vistas de despertar a indispensável criatividade, já que nos encontramos imersos na história às voltas com novos desafios. Todos nós, de algum modo, nos damos conta das rápidas e sucessivas transformações socioculturais, das múltiplas e desconcertantes leituras da realidade à nossa volta. Esse fenômeno atinge todos os setores sociais: família, ensino, cultura, política, economia. Todos somos um pouco estrangeiros, na atual sociedade, uma vez que não conseguimos conhecer e, portanto, não dominamos toda a sua enorme e variada realidade.

Defenderemos que evangelização e humanização se complementam e se fundamentam na antropologia teológica cristã<sup>3</sup> que apresenta a premissa segundo a qual o ser humano só se realiza plenamente enquanto ser relacional. Criado à imagem e semelhança de Deus, o homem somente alcança a sua verdadeira e máxima felicidade quando responde fielmente ao seu chamado original, numa abertura a todas as dimensões que o constituem como pessoa. Em resumo, o ser humano só “é”, verdadeiramente, enquanto ser relacional e inculturado.

## 2.1

### O método ver-julgar-agir

A reflexão sobre a identidade e a missão evangelizadora da universidade católica destaca a atuação da pastoral universitária<sup>4</sup>, cujo principal objetivo é favorecer, em todo o ambiente universitário, a articulação entre a fé e a vida, entre

<sup>3</sup> Considera-se a antropologia teológica em sentido estrito como a disciplina que se ocupa da compreensão teológica sobre o ser humano em sua origem, antes era chamada de protologia; cabe o esclarecimento porque a teologia da graça (sobre o ser humano a caminho) e a escatologia (sobre o ser humano em seu destino último) também são disciplinas antropológicas, as quais, junto à primeira, formam o tratado teológico sobre o ser humano (ou antropologia teológica *lato sensu*).

<sup>4</sup> A distinção entre Pastoral Universitária (PU) e Pastoral da Universidade (PdU) é de onde parte a iniciativa de fazer a pastoral. Na PU, a iniciativa é dos próprios estudantes, na PdU, é a própria instituição que cria um setor responsável pelo serviço pastoral no seu âmbito. Essa distinção é restrita ao Brasil e à Igreja Católica devido ao surgimento mais remoto da Pastoral Universitária (PU) nos anos da Ação Católica. A PU está atualmente ligada à CNBB a cargo da comissão da Educação e Cultura no Setor Universidades. Não iremos fazer ao longo deste trabalho distinção minuciosa entre PU e PdU, por considerar que o mais importante é a atitude de Universidade em Pastoralidade e também porque tal distinção não é feita na *Ex Corde Ecclesiae*, que usa apenas o termo “pastoral universitária”. As universidades ou faculdades confessionais não católicas usam a denominação genérica: Pastoral Universitária e Escolar. ALVES, V. P., Universidade em Pastoral, p.7-8; BEOZZO, J. O., Cristãos na universidade e na política, p.133-6; SOUZA, L. A. G, A JUC: os estudantes católicos e a política, p.86-106; LIRA, J. L. C., Pastoral Universitaria, p.27.

ciência, espiritualidade e cultura<sup>5</sup>. A investigação será realizada em três passos ou momentos de um processo dialético a partir da aplicação do método teológico ver-julgar-agir.

O método ver-julgar-agir, proposto pelo Cardeal J. Cardijn em 1925, que é iniciador também da Ação Católica, marca a recepção de uma nova pedagogia, nos meios eclesiais, da racionalidade moderna, primeiro na atuação pastoral e, depois, na reflexão teológica. A pedagogia *cardjiniana* toma distância de uma racionalidade dedutiva, a-histórica, metafísica, escolástica, que a modernidade, desde o século XVI, havia superado. A racionalidade moderna é histórica, indutiva, articulada a partir da práxis e da experiência.

O método ver-julgar-agir<sup>6</sup> entrou no magistério pontifício por meio do papa João XXIII, na encíclica *Mater et Magistra*, em 1961, como metodologia de ação<sup>7</sup>. O CV II, dando relevância a uma leitura dos “sinais dos tempos” na *Gaudium et Spes*<sup>8</sup>, faz dele um método teológico (leitura dos sinais dos tempos, iluminação da Palavra e compromisso pastoral), que irá influenciar diretamente a missão da Igreja na América Latina, dando origem à Teologia da Libertação e seu método – mediação socioanalítica, mediação hermenêutica e mediação da práxis. Por isso iremos mencionar a utilização desse método por parte de alguns teólogos latino-americanos, bem como o seu emprego no Documento de Aparecida. O método ver-julgar-agir, embora não esteja explicitamente nomeado, está intrinsecamente presente na *Ex Corde Ecclesiae (ECE)*<sup>9</sup> e é possível uma leitura a partir do conteúdo

<sup>5</sup> Disse o papa João Paulo II, por ocasião da sua visita ao México em 1979: “(...) A implantação duma pastoral universitária – quer seja como pastoral das inteligências quer como fonte de vida litúrgica –, a qual deve atender a todo o setor universitário da Nação, não deixará de produzir frutos preciosos de elevação humana e cristã”. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/january/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19790131\\_messico-guadalupe-univ-catt.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/january/documents/hf_jp-ii_spe_19790131_messico-guadalupe-univ-catt.html). Acesso em: 15 out 2018.

<sup>6</sup> FIEVEZ, M.; MEERT, J., Cardijn; MARTÍNEZ, C. M., Teología Pastoral Inter Loci Una disciplina teológica ante el aporte de las experiencias creyentes en escenarios sociales contemporáneos, p.385-411.

<sup>7</sup> *Mater et Magistra*, n. 235: “Para levar a realizações concretas os princípios e as diretrizes sociais, passa-se ordinariamente por três fases: estudo da situação; apreciação da mesma à luz desses princípios e diretrizes; exame e determinação do que se pode e deve fazer para aplicar os princípios e as diretrizes à prática, segundo o modo e no grau que a situação permite ou reclama. São os três momentos que habitualmente se exprimem com as palavras seguintes: ‘ver, julgar e agir’”.

<sup>8</sup> GS Introdução geral n.4: “(...) é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático”.

<sup>9</sup> Doravante *ECE*.

desse documento sobre a missão evangelizadora da universidade católica, de acordo com a perspectiva do método<sup>10</sup>.

### 2.1.1

#### **O “ver” como o primeiro polo da dialética, uma mediação socioanalítica em vistas da percepção da realidade**

O olhar sobre a realidade da universidade católica será feito a partir do diálogo entre a fé e a cultura e será, portanto, um olhar contextualizado. Busca-se prestar atenção particular às características da realidade atual no contexto da cultura, expressas em fatos que podem ora favorecer ora dificultar esse diálogo. Entre esses estão a “mudança de época” e a globalização em nível geopolítico. É necessário levarmos em consideração a profissionalização e, inclusive, a “mercantilização” da universidade, tanto em âmbito interno quanto na sua relação com a sociedade, uma vez que de um modo ou de outro esses fatores incidem sobre a universidade católica com consequências na afirmação da sua “identidade e missão”<sup>11</sup>.

Não se trata de uma análise econômica, sociológica ou política da realidade, mas, desde a perspectiva teológico-pastoral<sup>12</sup>, de colocar a pergunta de como se aproximar da realidade para conhecê-la e a partir daí julgá-la e, por fim, transformá-la, sempre à luz do Evangelho. Não é, desse modo, um *ver* ingênuo, que considera a realidade como se fosse estática, passivamente dependente da nossa intervenção, mas que reconhece e valoriza o dinamismo de suas próprias tendências de desenvolvimento a serviço das quais deve colocar-se com empenho em tudo o que se realiza; como realidade lógica que não se encontra moldada por situações e problemas justapostos, mas que possui chaves de leitura que permitem compreendê-la como uma totalidade; como realidade dialética que apresenta desafios a serem levados em conta ao fixar as linhas de ações no momento do agir, não se resumindo a aplicação dos princípios do ideal a uma forma meramente dedutiva.

<sup>10</sup> O método ver-julgar-agir segue sendo utilizado em muitos documentos da Igreja. BRIGHENTI, A., A Laudato Si` no pensamento social da Igreja, p.67-81; SOUZA, J. N., A Laudato Si` na Perspectiva do Método: Ver, Julgar e Agir, p.145-61; FERREIRA, R., Papa Francisco, e o método? Considerações sobre método ver-julgar-agir utilizado pelo Papa Francisco, p.215-28; TABORDA, F. Métodos Teológicos na América Latina, p.293-319.

<sup>11</sup> IVERN, F., A Inspiração Cristã e Católica das universidades, p.46.

<sup>12</sup> CASTILLO, R. B., Ponderación teológica del método ver-juzgar-actuar, p.6-11; SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D., Teologia pública: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica.

Como a própria comunidade universitária está interagindo com a realidade na qual está inserida? Como está interagindo com os acontecimentos que caracterizam a geopolítica atual, a globalização e a mercantilização que afetam sob diversos aspectos a universidade? Como a comunidade que compõe a universidade católica tem atendido as principais demandas presentes nas formulações dos documentos eclesiais e os questionamentos postos nos seminários e fóruns afins das universidades católicas? Entre esses destacam o espírito da universidade católica, a educação integral e o compromisso com a verdade. Do mesmo modo, a questão se estende aos desafios que derivam de outros fóruns como os escritos de teólogos sobre a missão evangelizadora da universidade católica. Como a universidade se pensa e se expressa na sua realidade e sua missão enquanto católica? Como é percebida por seus integrantes e pela sociedade no que tange a sua catolicidade?

### **2.1.2**

#### **O “julgar” como segundo polo da dialética, uma mediação hermenêutica em vistas da interpretação da realidade**

O primeiro momento do julgar é caracterizado pela iluminação da realidade pelo “conteúdo” do Reino de Deus anunciado e vivido por Jesus Cristo. Constitui o ponto de partida e o ideal a ser alcançado na realização da missão evangelizadora da universidade, em consideração do ideal à luz dos documentos sobre a missão evangelizadora da universidade católica, principalmente do Magistério da Igreja e escritos de teólogos relacionados à identidade e missão a ser realizada para delimitar os princípios que propõem e interagem com a finalidade de uma transformação de pessoas e estruturas da universidade católica de acordo com certas atitudes fundamentais:

- Diálogo entre fé e cultura como contexto de onde emanam os valores da vida com seus problemas a serem solucionados, iniciando por um intercâmbio no qual fé e cultura interagem, na linha do que é denominado inculturação da fé cristã.
- Busca da verdade como missão principal de toda universidade, seja ela católica ou não; essa busca da verdade é desdobrada em verdade suprema, que é Jesus Cristo, no caso da universidade católica. Há igualmente a busca do saber como sendo fruto da investigação científica.

- Anúncio explícito do Evangelho vivido, não só conhecido externamente, mas uma presença eclesial, que chamamos evangelização na universidade; deve ser um serviço que se estende a todas as esferas de governo, da administração à docência, tendo a pastoral universitária como elemento que incentiva o diálogo e a articulação.

- Uma finalidade essencial, aliás, que constitui a razão de ser da universidade católica ou de inspiração cristã é o favorecimento da integração entre fé e vida a fim de que a essa seja dado um sentido transcendente e a partir daí se iluminem as mais distintas realidades que coexistem na universidade.

O segundo momento do julgar é o que intenta promover um confronto entre a realidade tal qual é percebida e o ideal proposto, a fim de, posteriormente, elaborar um diagnóstico prospectivo.

Na versão inicial do método ver-julgar-agir, a realidade é analisada a partir dos fundamentos da fé cristã (Bíblia e ensinamentos da Igreja), confrontando, posteriormente, o ideal proposto (julgar) e, com base nisso, empreendem-se as ações necessárias para conseguir a maior coerência possível entre a realidade e os fundamentos da fé cristã (agir)<sup>13</sup>. O centro é a palavra de Deus escrita e as orientações que dela se extrai, a fim de preparar propostas à transformação da realidade em concordância com essas mesmas orientações: trata-se da aplicação do método dedutivo. De acordo com essa compreensão, a realidade segue sendo considerada como uma situação que necessita ser transformada pela ação pastoral para que possa vir a ser coerente com a palavra de Deus escrita. O grande limite dessa via é que a realidade é vista como passiva.

Faremos um uso específico do método, visando alcançar maior aprofundamento em relação à fé bíblica. Iremos (ver) considerar a realidade como o espaço a partir do qual Deus se manifesta com o agir salvífico. A fé desempenha a função de discernir a presença de Deus como processo de salvação que atua nessas mesmas realidades no intuito de que a reflexão não seja somente teórica (julgar) e que a ação não seja um ativismo (agir), mas, uma ação iluminada pela reflexão. A ação salvadora de Deus conclama todos para colaborarem ativamente nesse

---

<sup>13</sup> BORAN, J. O senso crítico e o método Ver Julgar Agir.; PISO, A., Ver, Julgar, Agir.

processo salvífico, ampliando o entendimento que a Palavra de Deus está presente e atuante na história humana.

Para que esse objetivo seja alcançado, é necessário discernir, na realidade, os sinais dos tempos, entendidos, no sentido natural, como os fatos que as tendências históricas nos dão a conhecer e as forças de transformação que a própria realidade possui. Esses sinais dos tempos são compreendidos na perspectiva da fé como manifestações da ação que o Espírito realiza a fim de conduzir a comunidade a um processo de unidade, libertando-a dos elementos que a isso se opõem. Assim se compreende a história como sendo salvífica. Essa ação de Deus opera no marco das tendências e forças naturais para levá-las a perspectivas e horizontes que só podem ser alcançados por meio da fé na Palavra de Deus na história.

Ressalte-se, ainda, que não é o caso de nos restringirmos aos princípios provenientes da Revelação presentes na Escritura e na Tradição, é igualmente necessário fazer um confronto dialógico entre o ideal (Reino de Deus) e os processos que acontecem na realidade cotidiana. Tudo isso é fundamental para descobrir esses sinais dos tempos, bem como os indicativos da direção a ser seguida para concretizar a ação salvífica operada pelo Espírito Santo de Deus na realidade humana.

Esse segundo momento do *judgar* possui alguns pressupostos:

- Leitura dos sinais dos tempos para encontrar neles a presença viva e ativa de Cristo na salvação da realidade como processo que se orienta à unidade entendida como amor e comunhão, que implica a libertação em relação a obstáculos tanto pessoais quanto sociais.
- Percepção dos elementos presentes, nessa realidade, que favorecem esse processo rumo à unidade.
- Denúncia das situações adversas ao plano de Deus por meio de reflexões críticas, a fim de combater a alienação por elas produzida.
- Explicitação dos desafios que emergem das duas situações anteriores e o tipo de respostas exigidas, como expressão do serviço em favor do processo de unidade salvífica que Deus está realizando para a transformação das pessoas, em vistas de coerência de vida, compromisso, testemunho e, como tem insistido Francisco, uma conversão permanente.

### 2.1.3

#### O “agir” como terceiro polo da dialética, uma mediação prática em vistas de uma nova realidade

Nesta etapa, serão apresentadas linhas de ação provenientes do diálogo realizado nos passos anteriores, entre a realidade cotidiana e a ideal (Reino de Deus).

Diante da constatação que existem deficiências na realização da missão evangelizadora da universidade católica, procuramos apresentar vias de superação que são, antes de tudo, a realidade iluminada pela Palavra de Deus. O auxílio de mediações como documentos eclesiais são importantes, porém, insuficientes para o êxito da realização dessa missão. Faz-se necessário que o conteúdo desses documentos seja confrontado com a realidade particular e assimilado em uma atitude de diálogo inculturado.

Há que se levar em consideração as mudanças culturais cada vez mais perceptíveis, provocadas por novos paradigmas<sup>14</sup>. Ter isso presente é fundamental no momento de se propor uma evangelização às culturas da atualidade, particularmente no ambiente da universidade católica.

Todo o processo de evangelização deve ser proposto considerando a dimensão pessoal e comunitária, levando em conta, na comunidade universitária, tanto os aspectos de inter-relacionamento pessoal como também as relações de caráter institucional, uma vez que ambas, bem articuladas, podem favorecer o êxito do processo de concretização da missão evangelizadora na universidade católica.

### 2.1.4

#### A aplicação do método ver-julgar-agir no Documento de Aparecida

O documento produzido em Aparecida (DAp)<sup>15</sup> é significativo na perspectiva do presente estudo, antes de tudo, pela retomada do método ver-julgar-

<sup>14</sup> TOURAINE, A., Um novo Paradigma para compreender o mundo de hoje, p.9: “Os problemas culturais adquiriram tal importância que o pensamento social deve organizar-se ao redor deles. É dentro deste novo paradigma que precisamos situar-nos para sermos capazes de nomear os novos atores e os novos conflitos, as representações do eu e das coletividades que são descobertas por um novo olhar, que põe diante de nossos olhos uma nova paisagem”.

<sup>15</sup> O Documento da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, reunida em Aparecida, acolhe em suas linhas gerais a eclesiologia proveniente do Concílio Vaticano II, de acordo com a qual, pela fé e pelo batismo, todos “adquirem igual dignidade e participam de diversos ministérios e carismas” (DAp n.184). A missão comum para os leigos se refere primeiramente ao mundo (DAp n.210), mas também se realiza no interior da Igreja (DAp n.211). MIRANDA, M. F.,

agir<sup>16</sup> e também por enriquecê-lo em aspectos de singular importância para a nossa pesquisa: segundo o DAp, todo recomeço deve ser feito a partir de Jesus Cristo, porque só é possível ser cristão a partir de um encontro pessoal e comunitário com o Cristo (DAp n.13). Aparecida dá sequência a Santo Domingo<sup>17</sup> quanto à necessidade de uma conversão pastoral; ao protagonismo dos leigos na evangelização; à evangelização enquanto inculturação do Evangelho e ao respeito à liberdade das pessoas e de sua identidade cultural.

Desse ponto de partida é que a Igreja deve projetar a missão evangelizadora na universidade, com fidelidade à Sagrada Escritura e à Tradição, mas também com audácia, suscitando discípulos e missionários na qualidade de protagonistas de uma vida nova (DAp n.11), portadores de uma vocação específica, instrumentos do Espírito e dispostos ao serviço, às pessoas e aos povos (DAp n.14), com a consciência de um tesouro que é uma dádiva divina, um dom a ser transmitido com alegria.

O Documento de Aparecida foi elaborado em 2007 na Basílica de Aparecida, com a participação do papa Bento XVI, e teve como coordenador da redação final o então cardeal Jorge Mario Bergoglio, atual papa Francisco. O documento leva o título de “Discípulos missionários” e contém o projeto de uma Igreja em “estado permanente de missão” (DAp n.551); propõe um retorno à sua vocação original de ser sempre uma Igreja missionária, assim como Jesus ordenou: a Igreja é chamada a repensar profundamente e a realçar, com profundidade e audácia, sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. Ela não pode fechar-se frente àqueles que só veem confusão, perigos e ameaças (DAp n.11).

Aparecida faz uma crítica ao exacerbado poder que a ciência e a tecnologia exercem sobre todos. Restringir a verdade ao nível científico é reducionismo. A verdade sobre o mundo, sobre a existência, está em cada instância de conhecimento e, ao mesmo tempo, não se deixa aprisionar por nenhuma. O Documento diz que “necessitamos que o zelo missionário nos leve ao sentido unitário da vida, onde

---

É Possível Um Sujeito Eclesial?, p.55-82; BETIATO, A. M., Papa Francisco: a semântica missionária de uma Igreja em saída, p.54-66.

<sup>16</sup> CATÃO, F., O Documento de Aparecida: uma proposta teológica?, p.61: “Um dos pontos, a nosso ver, que define a originalidade da V Conferência em relação às anteriores, mantendo, ao mesmo tempo, a continuidade, é o método ver-julgar-agir. Medellín o adotou em 1968. Puebla o defendeu dez anos mais tarde. Santo Domingo se omitiu. Na preparação de Aparecida, não se podia deixá-lo de lado como em 1992, mas agora, em 2007, era preciso reformulá-lo a partir de suas bases teológicas”.

<sup>17</sup> Documento De Santo Domingo, Nova Evangelização, Promoção Humana.

nem a ciência, nem a economia, nem a política, nem os meios de comunicação chegam” (DAp n.41). O conhecimento científico se produz com pesquisa, principalmente, na universidade, instituição que nasceu para produzir e transmitir o conhecimento acumulado pela humanidade. É necessária uma abertura que ultrapasse o encantamento em relação à ciência denominada exata. A Igreja, em sua complexidade doutrinal, deverá transcender a esfera dos conceitos e do racionalismo teológico: quem exclui Deus de seu horizonte falsifica o conceito de realidade e conseqüentemente só pode terminar em caminhos equivocados e com receitas destrutivas. A verdade desta afirmação parece evidente diante do fracasso de todos os sistemas que colocaram Deus entre parênteses (DAp n.205).

O paradigma moderno cientificista é apresentado como insuficiente pelo Documento de Aparecida:

A ciência e a tecnologia não têm as respostas às grandes interrogações da vida humana. A resposta última às questões fundamentais do homem só pode vir de uma razão e ética integrais, iluminadas pela revelação de Deus. Quando a verdade, o bem e a beleza se separam; quando a pessoa humana e suas exigências fundamentais não constituem o critério ético, a ciência e a tecnologia voltam-se contra o homem que as criou. (DAp n.123)

De acordo com Aparecida, a missão evangelizadora da Igreja deve zelar para que o discurso se atualize e atinja as concepções de economia que podem ser causadoras de ameaças:

O objeto da economia é a formação da riqueza e seu incremento progressivo, em termos não só quantitativos, mas qualitativos: tudo é moralmente correto se está orientado para o desenvolvimento global e solidário do homem e da sociedade na qual vive e trabalha. O desenvolvimento, na verdade, não se pode reduzir a mero processo de acumulação de bens e serviços. Aplicar políticas públicas nos campos da saúde, educação, seguridade alimentar, previdência social, acesso à terra e à moradia, promoção eficaz da economia para a criação de empregos e leis que favorecem as organizações solidárias. (DAp n.69 e 76)

O conceito “discipulado”, bastante presente no documento, demonstra a atitude pascal do discípulo que sai de si mesmo, como opção fundamental, para ir até o outro como sacramento (sinal) de Cristo, e como compromisso eclesial. Entende-se que discipulado é o relacionamento pessoal com o mestre, transformado em missão; intimidade que é fonte de engajamento; experiência de vida e comprometimento com a causa de alguém que é mestre. No universo cristão, é a cumplicidade com o mestre Jesus Cristo e com o seu projeto. Discipulado é o ato

de acolher a pedagogia de Jesus. O discípulo é o aprendiz, o seguidor que caminha junto, nos passos do mestre. O discípulo imita, acompanha, possui sentimento de pertença e de fidelidade. Daí se pode afirmar que discipulado é um conceito coletivo. É a atitude de transformar a intimidade em processos de continuidade. Discipulado é uma postura eclesiológica e discípulo é uma opção pessoal. No contexto da evangelização, portanto, discipulado está relacionado com o compromisso na missão da Igreja, o que vai além de um simples encontro pessoal e individual com Jesus Cristo. A missão é coletiva, institucional “não há discipulado sem comunhão” (DAp n.156). O discipulado acontece concretamente em comunidade, na eclesialidade, no agir evangelizador do discípulo cristão e tem reflexos no “compromisso do discípulo com a sociedade” (DAp n.249). Discípulo é anterior ao discipulado, ambos são conceitos distintos, porém, complementares. Enquanto o discípulo é pessoal, o discipulado requer processos de ação pastoral, que poderá gerar outros discípulos. Discipulado, portanto, é o ambiente que “permite que os discípulos missionários possam perseverar na vida cristã e na missão, em meio ao mundo que os desafia” (DAp n.278). Decorre desse conceito que “a missão é inseparável do discipulado” (DAp n.278) e o principal desafio da evangelização é transformar discípulos em discipulado, ou conversão em missão. “A iniciação cristã, que inclui o *kerigma*, é a maneira prática de colocar alguém em contato com Jesus Cristo e iniciá-lo no discipulado” (DAp n.288). Isso é como dizer: a semântica da conversão deverá produzir agentes de evangelização, e a Igreja deverá transformar tudo em processos de pastoral. “Discipulado e missão, portanto, são como os dois lados de uma mesma moeda” (DAp n.146).

O Documento de Aparecida pretende exprimir o sentimento comum dos bispos face a realidade pastoral, mais exatamente do que designa como sendo o prosseguimento da evangelização na América Latina. Não constitui, portanto, nem um programa pastoral completo, nem, tampouco, a expressão de um grupo de estudiosos debruçados sobre a realidade social, cultural e religiosa da América Latina. São, antes de tudo, “pastores que querem (pros)eguir estimulando a ação evangelizadora da Igreja” (DAp n.1). “Com alegria estiveram reunidos com o sucessor de Pedro” (DAp n.2), “acompanhados pela oração do (...) povo católico” (DAp n.3), para pôr em evidência “as ‘sementes do Verbo’ presentes nas culturas autóctones, [que] facilitam (...) o encontro no Evangelho das respostas vitais a suas aspirações mais profundas” (DAp n.4).

O modo como o Documento de Aparecida segue o esquema do método *ver-julgar-agir*:

*VER*. A vida do povo atualmente (DAp, primeira parte).

O documento começa contemplando a realidade em suas dimensões sociais, os desafios existentes, para em seguida perguntar pela capacidade da Igreja de responder a esses desafios. Manifesta, portanto, uma visão lógica, com pontos-chaves, e dinâmica da realidade, bem como os desafios postos a ela e a capacidade de resposta a esses desafios. Partindo do social se almeja olhar o eclesial em função da resposta a ser oferecida à realidade.

*JULGAR*. A vida de Jesus Cristo na vida dos missionários (DAp, segunda parte).

A iluminação que emerge da palavra de Deus. Inicia-se por ver a Boa Nova desde a perspectiva que já fora apresentada na primeira parte de *Gaudium et Spes*. Segue-se a lógica desse documento, que é olhar a realidade e a iluminação fruto da revelação divina particularizada nesses aspectos específicos. A boa notícia da dignidade da pessoa humana, da atividade humana: o trabalho, a tecnociência e o uso dos bens, a ecologia, tudo isso deve ser observado, neste momento do *ver* a realização da atividade humana a fim de culminar na visão da América Latina como continente que, malgrado tantas injustiças político-sociais, nem por isso deixa de ser marcado pela esperança e pelo amor cristão.

A iluminação tem por base a cristologia e a eclesiologia, Aparecida faz alusão aos temas anteriormente propostos por Puebla: a verdade sobre o homem, a verdade sobre Cristo e a verdade sobre a Igreja. Desafios que são percebidos a partir dessa iluminação. O confronto da realidade com as orientações vistas acima, também em relação à capacidade e às limitações da Igreja de dar respostas aos inúmeros desafios, sugere como um outro desafio “o itinerário formativo dos discípulos missionários” (DAp n.6).

*AGIR*. A vida de Jesus Cristo na vida dos povos latino-americanos (DAp, terceira parte).

Apresenta resposta aos desafios surgidos da relação entre Palavra e realidade. Neste momento, apresenta o compromisso cristão que surge dessa reflexão, acentuando como a missão do discípulo missionário consiste em que a vida de Jesus Cristo e dos discípulos missionários se encarnem na realidade e nos desafios que caracterizam a vida dos povos atuais, a fim de obter a concretização da vida de Jesus

Cristo para esses povos. Plenifica um processo dialógico entre a iluminação da fé e os desafios apresentados pela situação e a inserção da Igreja nessa realidade, a fim de discernir as respostas e as linhas de ação que devem caracterizar, no tempo presente, o compromisso cristão.

A universidade católica tem a missão de desenvolver com fidelidade a sua especificidade cristã, visto que possui responsabilidades evangélicas que as outras instituições não estão obrigadas a realizar. Nela se encontra, sobretudo, o diálogo entre fé e razão, fé e cultura, a formação de professores, estudantes e pessoal administrativo por meio da Doutrina Social e Moral da Igreja, para que sejam capazes de compromisso com a dignidade da pessoa humana, de serem solidários com a comunidade e mostrarem profeticamente a novidade que representa o cristianismo na vida da sociedade. Para isso, é indispensável que se cuide do perfil humano, acadêmico e cristão dos que são responsáveis pela pesquisa e pela docência (DAp n.344). Aparecida apresenta à educação católica os desafios e as demandas provenientes da globalização, tais como uma concepção que vê o ser humano em função da produtividade e competitividade do mercado a partir da ótica capitalista:

A educação humaniza e personaliza o ser humano quando consegue que este desenvolva plenamente seu pensamento e sua liberdade, fazendo-o frutificar em hábitos de compreensão e em iniciativas de comunhão com a totalidade da ordem real. Desta maneira, o ser humano humaniza seu mundo, produz cultura, transforma a sociedade e constrói a história. (DAp n.329)

Aparecida reconheceu as instituições de educação católica como comunidades eclesiais e constatou a necessidade de uma pastoral no meio universitário: “É necessária uma Pastoral Universitária que acompanhe a vida e o caminhar de todos os membros da comunidade universitária, promovendo um encontro pessoal e comprometido com Jesus Cristo e muitas iniciativas solidárias e missionárias” (DAp n.343).

### 2.1.5

#### O uso do método ver-julgar-agir por teólogos no contexto latino-americano

Dentre os autores que mais se destacaram, até então, no uso do método ver-julgar-agir na teologia da latino-americana estão G. Gutiérrez, C. Boff e L. Boff.<sup>18</sup>

Gutiérrez teve o mérito de apresentar um novo campo epistemológico, cuja pergunta é de onde se deve fazer teologia: mais precisamente consiste em que a ação transformadora deve levar os mais pobres à libertação. O objeto da teologia, segundo essa perspectiva, é a práxis histórica, o que supõe o compromisso prévio do teólogo na práxis concreta da ação libertadora para, a partir deste lugar, viver e pensar a fé. Portanto, a teologia deve estar sempre aberta, uma vez que tem uma evidente dimensão social, comunitária e de testemunho. Tais dimensões não podem ser separadas, a teologia assim compreendida exerce função crítica em relação a si mesma, em relação à sociedade e à Igreja. O primeiro compromisso histórico da teologia é de libertação dos oprimidos, a isso se denomina ortopráxis e em seguida vem a reflexão teológica propriamente dita que é a ortodoxia.

De acordo com Leonardo Boff, estar comprometido com a libertação dos oprimidos é condição básica para fazer teologia. Esse compromisso se dá em três níveis de menor a maior intensidade: restrito, alternativo e de inserção. L. Boff assinala três tempos ou mediações no método ver-julgar-agir:

Socioanalítico (ver): explicitação dialética da realidade vista desde a perspectiva da pobreza tanto no aspecto social como cristão; pobreza como consequência da opressão.

Hermenêutico (julgar): plano divino frente à pobreza, uma leitura teológico-política da Bíblia, com ênfase na sua ação transformadora e sua aplicação prática. Destaque para os livros do Êxodo, Profetas, evangelhos, Atos dos Apóstolos e Apocalipse.

Prático (agir): uma ação em vistas da superação da opressão, um comprometimento requerido tanto para o teólogo “profissional” como àquele “popular”, quando atua diretamente como pastor.

---

<sup>18</sup> GUTIÉRREZ, G., Teología de la Liberación; BOFF, L., Teologia do cativo e da libertação; BOFF, C., Teologia e prática. Teologia do Político e suas mediações; BOFF, L.; BOFF, C., Como fazer teologia da libertação.

Entre outros, merece destaque H. Assmann<sup>19</sup>, que assinala a mediação racional com ênfase socialista na práxis revolucionária em vista das análises da sociedade. Segundo R. Schull, compete ao teólogo ser mais prático que contemplativo, deve cumprir uma ação política e revolucionária, pois sua função inclui fazer uma crítica à velha ordem, mediante uma teologia dialética e de contraste para instaurar uma nova ordem social marcada pelo empoderamento e liberdade.<sup>20</sup> J. Comblin dá ênfase à dimensão social e comunitária da “caridade cristã” a ser integrada no processo dialético revolucionário a favor da justiça.<sup>21</sup> R. Alves denuncia a situação de opressão existente na América Latina, critica os messianismos marxistas e as teologias tidas como progressistas, chegando à conclusão que o sofrimento dos pobres se assemelha ao de Deus expresso no “servo de YHWH”<sup>22</sup>.

Outro que faz uma crítica ainda mais aprofundada é J. L. Segundo, afirmando que a própria teologia necessita de libertação<sup>23</sup>, pois, ela não isenta do risco de ideologização e, inclusive, de favorecer a opressão, de não interpretar a fé no sentido de uma humanização do ser humano. C. Boff considera a teologia como uma hermenêutica das realidades sociopolíticas à luz da fé que parte da mediação socioanalítica, da práxis e para a práxis. A. González Dorado considera a teologia como reflexão sistemático-crítica sobre a teologia popular e encarnada<sup>24</sup>.

## 2.2

### O que é a universidade católica?

Diálogo, integração, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade são todos termos atualmente usados com frequência para indicar o método com o qual se quer caracterizar a abordagem do saber. Galileu Galilei (1564-1642) teve o mérito do pioneirismo na ciência moderna, determinando o objeto específico da investigação e o método pelo qual se atingia esse tipo de conhecimento. Mas a ciência moderna,

<sup>19</sup> ASSMANN, H. Teología desde la praxis de la liberación.

<sup>20</sup> Uma reflexão e abordagem interessante sobre a herança da Reforma do século XVI e a ação do Espírito Santo em meio aos pobres da América Latina e sua luta por libertação. Uma nova caminhada na direção do Reino de Deus exige a recriação da Igreja de Jesus Cristo em: SCHAULL, R., Reforma Protestante e a Teologia da Libertação: perspectivas para os desafios da atualidade.

<sup>21</sup> COMBLIN, J., Cristãos rumo ao século XXI: nova caminhada de libertação.

<sup>22</sup> ALVES, R., Por uma teologia da libertação.

<sup>23</sup> SEGUNDO, J. L., Libertação da Teologia; MURAD, A. A “teologia inquieta” de Juan Luis Segundo, p.155-86.

<sup>24</sup> GONZALEZ-DORADO, A., Mariologia popular latino-americana.

com seu método, restringia o campo de análise do saber, limitando-se aos dados próximos, empíricos, perceptíveis pelos sentidos ou por instrumentos: quer dizer, os dados de ordem material e física. Além disso, esta “ciência” provocou o nascimento de muitas “ciências”, com campos de especialização sempre mais delimitados e uma conseqüente fragmentação do conhecimento. Atualmente há inúmeras especializações oriundas da ciência moderna. Tudo isso, sem dúvida, resultou em progresso para a humanidade, promoveu o avanço científico e tecnológico, mas, por outro lado, favoreceu que muitos cientistas ficassem cada vez mais presos aos seus respectivos campos de conhecimento, possuidores de um saber parcial, desarticulado e incompleto. Hoje existe uma postura de reconsideração do caminho da ciência. A “virada” apenas aconteceu quando o ser humano procurou refletir não apenas sobre as “leis da natureza”, mas sobre si mesmo, questionando o rumo da ciência que, quando não estava a serviço do ser humano, acabava por destruí-lo, como foi o caso das duas guerras mundiais no século XX, a idolatria da máquina que degenera o ser humano e estraga o mundo e as desigualdades socioeconômicas existentes de Norte a Sul do planeta.

Na Idade Média, o termo *universitas* (universidade) servia para identificar uma “classe social”<sup>25</sup>, ou uma “profissão”<sup>26</sup>. Então, no campo educacional, surgiu a *universitas magistrorum et scholarium*, ou seja, uma corporação de mestres e alunos<sup>27</sup>. As novas instituições pedagógicas de nível superior que se desenvolveram a partir do século XII receberam, inicialmente, o nome de *studium generale* (= estudo geral) não porque incluíssem todos os ramos do saber, mas porque, à diferença dos “estudos locais”, eram dirigidas a todos os estudantes, sem distinção

<sup>25</sup> LIMA, A. A., O espírito universitário, p.14: “A universidade é uma instituição que se baseia na própria natureza do homem e das coisas, mas que historicamente data, como se bem sabe, da Idade Média.”

<sup>26</sup> Segundo J. Hortal: “*Universitas scholarum* é um conjunto harmonioso de saberes, que se entrecruzam”; HORTAL, J. A universidade: realidade e esperança, p. 86. De acordo com J. Henry Newman: universidade é: “(...) um local de transmissão do conhecimento universal. Isto significa que o seu objeto é, de um lado, intelectual e não moral; e, de outro lado, que é a difusão e a extensão do conhecimento em vez do progresso”; apud TURNER, F. M., Newman e a ideia de uma universidade, p. 45. FERNANDES, L. A., A universidade deve estar ligada, exclusivamente, à autoridade da verdade, p. 339-380; LAMPERT, E., O Ensino com Pesquisa: realidades, desafios e perspectivas na universidade brasileira, p.353-74. WANDERLEY, L. E., O que é Universidade, p.11: “A universidade é uma das instituições sociais mais importantes e cobiçadas do mundo. Ela é a entidade que articula o ensino, a pesquisa e a extensão nos níveis mais elevados da política educacional de um país, com o objetivo de formar de maneira sistemática e organizada os profissionais, técnicos e intelectuais de que as sociedades necessitam”.

<sup>27</sup> Carta do papa Alexandre IV à Universidade de Paris, 14 de abril de 1255, apud JOÃO PAULO II, *ECE*, p.5.

de raça e nacionalidade. Com o tempo, o nome *studium generale* foi designado para indicar o conjunto das ciências, o estudo geral ou universal, no sentido de ser aberto a todo tipo de conhecimento. Só mais tarde, no final do século XIV, o nome *studium generale* foi substituído por *universitas*. E desde o século XIV, o termo *universitas* (= universidade) passou a indicar a instituição que se consagrava ao serviço de todo o saber, nos seus diferentes campos e métodos de análise.

Aos poucos, foi-se definindo o objetivo da universidade, que pode ser expresso da seguinte maneira: tornar-se “um centro de criatividade e de irradiação do saber para o bem da sociedade” (*ECE* Introd.). Para conseguir esse objetivo, a universidade se consagra à investigação (= pesquisa), ao ensino e formação dos estudantes (= ensino) e a diversos serviços prestados à comunidade (= extensão). Como se vê, trata-se das três funções básicas da universidade: pesquisa, ensino e extensão<sup>28</sup>. A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 faz referência explícita a esses três objetivos: “As universidades (...) obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (Art. 207).

No que diz respeito à universidade católica, vale salientar que a universidade é, nas suas origens, uma das expressões mais significativas da solicitude da Igreja. O seu nascimento está ligado ao desenvolvimento das escolas constituídas na Idade Média pelos bispos das grandes sés episcopais. Embora as transformações da história tenham conduzido a *Universitas magistrorum et scholarium* a tornar-se cada vez mais autônoma, nem por isso a Igreja deixou de nutrir por ela menos solicitude que na origem da sua instituição<sup>29</sup>, uma vez que o contato do cristianismo com o mundo da cultura sempre suscitou, na Igreja, o problema de integrar ciência e fé.

Desde as origens, a Igreja procurou ser promotora do saber, das ciências, das artes, da cultura. Já no século II dC, apareceram sob o seu impulso centros de cultura cristã, os chamados *didascália*, entre os quais sobressaíram os de Alexandria, no Egito, de Esmirna e de Edessa, na Ásia Menor, e de Roma. Um momento importante

<sup>28</sup> RATZINGER, J., *Natureza e missão da teologia*, p.27: “O adjetivo ‘acadêmico’ hoje provoca reações conflitantes. Lembra, em primeiro lugar, coisas velhas e empoeiradas, uma teoria que se instalou em seu próprio mundo privado passando ao largo das exigências da realidade. Talvez nos lembre também que o fundador da academia foi Platão; mas o platonismo é visto por muitos como a fuga para um mundo irreal das ideias puras, como a essência de uma superada orientação do espírito, apesar de todas reabilitações de Platão que se podem observar, por exemplo, na ciência natural ou na política”.

<sup>29</sup> CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA et al., *Presença da Igreja na universidade e na cultura universitária*, introdução.

na história da cultura universal – sem falar da contribuição dada pelas abadias beneditinas na Idade Média – foi a fundação, a partir do século XII, das universidades de Bolonha, Pádua, Paris, Oxford, Salamanca e outras promovidas, de um modo ou de outro, pela Igreja. Com a presença marcante da Igreja na atividade educacional nos séculos XII-XIV, é normal que as universidades tenham procurado uma integração, no saber, entre a ciência e a fé. Nesse período, a universidade plenamente integrada compreendia quatro faculdades: teologia, direito, medicina e artes. As épocas da Renascença e do Iluminismo marcam a crise desse modelo: o famoso *Institut Catholique* de Paris lembra, pelo termo, o fato que, por muito tempo, na França, uma instituição católica não podia receber o título de “universidade”<sup>30</sup>. Desse modo, quando os Estados passaram a fundar universidades, a Igreja continuou promovendo a ciência e a cultura em centros acadêmicos próprios.

Historicamente, a primeira universidade católica foi fundada em Lovaina, na Bélgica, em 1834<sup>31</sup>. Tratou-se de uma iniciativa que se transformou em modelo para fundações posteriores. A partir de então, sucederam-se outras fundações que, no século XX, tornaram-se cada vez mais numerosas. O diário católico italiano *Avvenire* publicou, no dia 20 de novembro de 2011, um artigo do jornalista Andrea Galli apresentando números significativos a respeito das universidades católicas no mundo de hoje. Atualmente, existem no mundo centenas de instituições universitárias católicas: 998 universidades e 211 institutos semelhantes, ou seja, escolas de perfil mais técnico, mas que concedem títulos universitários. Estima-se um total entre 3 e 4 milhões de estudantes matriculados. Eis a distribuição quantitativa dessas instituições por continentes: a) América setentrional: 287; b) América central: 21; c) América meridional: 155, das quais 47 no Brasil; d) Europa: 172; e) África: 25; f) Ásia: 533; g) Oceania: 16<sup>32</sup>.

No Brasil, a experiência da universidade católica começou em 1941 no Rio de Janeiro<sup>33</sup>. De lá para cá nasceram muitas outras, dentre essas destacam-se sete pontifícias, que são as PUCs: Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Campinas,

<sup>30</sup> RAMPAZZO, L., *Antropologia: religiões e valores cristãos*, p.12.

<sup>31</sup> CASALI, A., *Elite intelectual e restauração da Igreja*, p.92-3.

<sup>32</sup> GALLI, A., *Avvenire*, p.3.

<sup>33</sup> HORTAL, J., *A Universidade: realidade e esperança*, p.101: “Em 1941, uma nova realização de Dom Leme – que levava à prática um desejo expresso no Primeiro Concílio Plenário Brasileiro – irá marcar a vida intelectual católica no Brasil: a fundação da que, naquele momento, era chamada Universidade Católica do Brasil”.

Belo Horizonte, Curitiba e Goiânia. As universidades católicas pontifícias mantêm uma ligação ainda mais estreita com a autoridade central da Igreja por meio da Congregação para a Educação Católica. Entre as universidades católicas que não são pontifícias estão as universidades católicas de Pernambuco (Recife-PE), Salvador (BA), Pelotas (RS), a Universidade Dom Bosco (Campo Grande-MS), a Unisantos (Santos-SP), a Unisinos (São Leopoldo-RS), a Universidade São Francisco (Bragança Paulista-SP), a Universidade Católica de Brasília (DF), a Universidade Sagrado Coração (Bauru-SP), além de centros universitários católicos e faculdades católicas<sup>34</sup>.

Por que a Igreja Católica continua à frente de universidades, sobretudo em tempos de crescente diversidade religiosa, de agnosticismo e de ateísmo? O cardeal J. H. Newman, a pedido da hierarquia da Igreja na Irlanda, por volta de 1850, se empenhou em apresentar o que foi se tornando os fundamentos de uma universidade católica. Newman escreveu os “nove discursos” sobre o ensino universitário, compôs vários outros escritos sobre a natureza e as funções de uma universidade<sup>35</sup>. Nesses escritos, ele delineou as relações entre as diversas ciências e a teologia. Newman deixou como legado mais que uma visão monumental de um pensador, ele conseguiu atingir a essência da instituição, portanto, à parte as particularidades próprias da sua cultura e da sua época, seus escritos seguem sendo de grande importância para a atualidade, uma vez que muitas questões por ele trabalhadas ainda não são totalmente consensuais. Que tem a ver a religião com a ciência? Como se pode conceber um direito católico? Ou uma engenharia ou uma matemática católicas? Não seria melhor que a Igreja aconselhasse seus fiéis a entrarem nas universidades leigas e aí, nas cátedras, fazer o seu apostolado? Que a Igreja queira ter os seus estabelecimentos de ensino superior é lícito, mas como e até quando irá resistir à concorrência das outras universidades, principalmente as do Estado, que contam, em geral, com mais verbas?

Importa-nos, nesta pesquisa, sobretudo, o fator específico da instituição que une o *ser* universidade com o *ser* católica, ou de inspiração cristã. Partimos da

---

<sup>34</sup> MOURA, L. D., A educação católica no Brasil, p.197; HORTAL, J., A Universidade: realidade e esperança, p.16.

<sup>35</sup> TURNER, F. M., Newman e a ideia de uma universidade; NEWMAN, J. H., Origem e Progresso das Universidades; Sobre o Cardeal Newman e a universidade católica; RIBEIRO, C. L., A contribuição da ética teológica no exercício da missão da universidade católica, à luz do pensamento de John Henry Newman.

concepção de universidade entendida como *Studium Generale* ou escola de conhecimentos universais, uma instituição de ensino superior que compreende várias faculdades destinadas à investigação e à pesquisa científica e que confere os graus acadêmicos correspondentes, uma vez que toda universidade tem entre os seus principais objetivos preparar culturalmente pessoas capacitadas a dirigir a sociedade, dando-lhes uma formação integral pela aquisição da verdade, através da pesquisa científica. Portanto, a universidade, qualquer que seja a sua especificidade, terá que unir mestres e discípulos para a obtenção desse sublime escopo<sup>36</sup>.

O vocábulo universidade remete a universo que significa o conjunto da criação. A universidade é uma representação do universo, pois nela coexistem inúmeros bens: o conhecimento, a experiência, o interesse e a paixão pela ciência. Há nela, constantemente, perguntas que dificilmente seriam postas ou trabalhadas com a mesma intensidade em outros ambientes. Faz parte da universidade também a reflexão crítica, o aprofundamento, a busca pela verdade, a inquietação de conhecer sempre mais e melhor o ser humano a partir da contribuição das distintas disciplinas, a busca de soluções criativas para os mais diversos problemas e a procura pela compreensão do todo também por meio da música, da literatura, do teatro etc.

A universidade permite observar a realidade com a perspectiva de abertura ao mundo como um todo, realizando isso desde o ponto de vista do conhecimento das mais distintas áreas que se congregam. A universidade se vincula ao universal também porque valoriza e interage com diversos países, na perspectiva da internacionalidade. A universidade, enquanto universal, tem a ver com a busca da totalidade que tem a pretensão de ser representativa do mundo real. Uma totalidade que é expressão do encontro de gerações, em que se relacionam professores e estudantes em espírito de necessário trabalho em equipe.

A universidade é também espaço no qual se vive a liberdade que favorece o desprendimento em prol da emergência de talentos, em vistas que cada um possa dar o melhor de si. Uma liberdade fundamentada no respeito a cada ser humano, portanto, uma liberdade que não se resume a um acúmulo de direitos, atribuições, mas, igualmente, de deveres, responsabilidades e consequências.

---

<sup>36</sup> CÂMARA, J. B., A universidade católica, p.11.

A universalidade da universidade implica uma formação integral que pressupõe um conhecimento científico de diversas disciplinas, mas que não se esgota nesse. A universidade católica não prepara profissionais apenas para que possam, no futuro, ganhar muito dinheiro. É necessário, antes de tudo, que a formação integral se construa sobre a base de valores e virtudes, pois, só assim, a universidade será verdadeiramente um espaço no qual imperam a razão, o conhecimento e o método científico que exigem dedicação, disciplina, esforço e perseverança, tudo isso sem se descuidar dos valores e das virtudes humanistas.

Um dos grandes desafios diante dos quais a universidade católica encontra-se é o de ser mais que um centro de pesquisa<sup>37</sup>, pois ela, como a maioria das outras, é fragmentada em áreas de conhecimento especializado. No interior de uma mesma área pode haver várias subdivisões, por exemplo, na área de engenharia há especialistas em cálculo, em hidráulica etc. Quando a sociedade traz para a universidade problemas que podem ir da escassez de energia à violência urbana, as respostas, na maioria das vezes, exigem intervenções de mais de uma área de forma integrada e transdisciplinar<sup>38</sup>.

Na situação presente, as universidades católicas têm a missão de resgatar a própria ideia de universidade. As universidades católicas, por causa de sua identidade e por causa de sua história estão em condições de poder modificar, pelo menos parcialmente, a tendência atual.<sup>39</sup>

As palavras com as quais tem início a Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae (ECE)*, dirigida às universidades católicas, sublinha a distinção e, ao fazer menção à tradição que remete a origem da universidade enquanto instituição, evidencia que a universidade católica é verdadeiramente universidade como as outras, “sempre um centro incomparável de criatividade e de irradiação do saber para o bem da humanidade” (*ECE* n.1).

<sup>37</sup> BELLONI, I., Função da universidade: notas para reflexão, apud BRANDÃO, Z. et al., Universidade e educação, p.73: “A função da universidade é apenas uma: gerar saber. Um saber comprometido com a verdade porque ela é a base da construção do conhecimento. Um saber comprometido com a justiça porque ela é a base das relações humanas. Um saber comprometido com a beleza porque ela possibilita a expressão da emoção e do prazer, sem o que a racionalidade reduz o humano a apenas uma das possibilidades. Um saber comprometido com a igualdade porque ela é a base da estrutura social inerente à condição humana. Um saber comprometido com o verdadeiro, o justo, o igualitário e o belo; é, em verdade, um compromisso com a transformação da sociedade, pois estes não são valores predominantemente estabelecidos e praticados na organização da vida humana, apesar de lhe serem próprios e inerentes”.

<sup>38</sup> MARCOVITCH, J., A universidade (im)possível, p.115.

<sup>39</sup> ZAMAGNI, S., A identidade e a missão de uma universidade católica, p.8.

A universidade católica, como todas as demais, é formada por uma comunidade de investigadores e estudantes que buscam a verdade a partir de diferentes disciplinas, com o objetivo de contribuir no desenvolvimento do saber humano. O adjetivo “católica” etimologicamente provém do grego *katholikós*, equivalente a universal, e remete necessariamente aos princípios cristãos como sendo os que iluminam a busca da verdade sobre Deus, o ser humano e a natureza. Não é casual que o conceito “católica” tenha muito a ver com o conceito “universal”<sup>40</sup>. O título “católica”, mais que um adjetivo e uma definição estática, é o que especifica o dinamismo da universidade e é o que a diferencia das outras. Católica é mais que um nome eclesial, cujo uso dependa da autoridade eclesiástica respectiva. A catolicidade da universidade não se resume tampouco às imagens religiosas presentes nos seus espaços nem às celebrações litúrgicas realizadas. Tais gestos, símbolos e atividades afins têm o seu lugar e sua importância tanto maior quanto mais favorecem a visibilidade da identidade e da missão de universalidade da universidade católica. Os tempos atuais são marcados pelos efeitos da globalização e por mudanças muito rápidas na cultura, no avanço tecnocientífico, na mentalidade, nos consensos básicos da sociedade, e tudo isso resulta em desafio para a vivência comunitária da fé cristã. Até há poucas décadas, havia uma única leitura da realidade, hoje elas se multiplicam velozmente. Estes novos tempos são caracterizados pelo questionamento quanto ao sentido da vida, pela fluidez no trabalho e também na expressão religiosa. Constata-se o predomínio do individualismo e a perda da confiança nas instituições, nos partidos políticos, nas Igrejas. Constata-se, também, não exatamente a perda, mas, uma grande mudança no sentido e na relação com o sagrado; isso faz com que a religião tenha dificuldade de afirmar o sentido comunitário e fique confinada ao âmbito privado.<sup>41</sup>

Diante das inúmeras mudanças hoje existentes, não cabe parar na mera constatação, nem se render à temerária inércia ou ao saudosismo. A missão evangelizadora exige a descoberta de novos sentidos nestes novos tempos.

---

<sup>40</sup> “Del lat. tardío *catholīcus*, y este del gr. καθολικός *katholikós* 'católico', 'universal'”. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, *Diccionario de la Real Academia Española de la lengua*. Disponível em: =[http://buscon.rae.es/draeI/SrvltGUIBusUsual?TIPO\\_HTML=2&LEMA](http://buscon.rae.es/draeI/SrvltGUIBusUsual?TIPO_HTML=2&LEMA). Acesso em: 10 dez 2018.

<sup>41</sup> PEDROSA-PÁDUA, L.; MELLO, Z., *Juventude, religião e ética*, p.7: “Apesar do chamado ‘retorno do sagrado’, os que se dedicam à educação em teologia e cultura religiosa percebem que os desafios continuam tão grandes quanto antes, ou talvez maiores. A novidade e a pluralidade deste ‘retorno’ talvez ainda não tenham sido suficientemente investigadas ou assimiladas na reflexão teológica”.

Encontrar o seu telos e sua correta orientação é um desafio posto. A universidade católica encontra-se imersa nesse cenário que favorece a perspectiva da liberdade religiosa reconhecida como direito fundamental da pessoa humana na Constituição da maioria dos países. No caso do Brasil, está expresso na Constituição brasileira de 1988 no artigo 5º parágrafo VI. Essa liberdade supõe o direito de crer ou não, de expressá-lo em público, privado, individual ou comunitariamente. A Igreja Católica fundou e mantém universidades amparadas neste princípio da liberdade religiosa.

Em paralelismo com a diversidade religiosa, vigora também o pluralismo cultural<sup>42</sup>, isso significa que há, no interior da universidade católica, tanto no corpo docente como principalmente no discente, muitos que não são católicos. Porém, todos estão igualmente chamados a refletir e a se empenhar na busca de soluções para os problemas sociais desde as diversas ciências, e cada vez mais há que se fazer isso com perspectivas inter e transdisciplinares. A universidade católica, portanto, interage cada vez mais com crentes e também com agnósticos e ateus. O caráter confessional da universidade lhe imprime de forma especial o cultivo dos valores cristãos em todos seus estratos sociais e para além das pertencas religiosas.

A interação da universidade católica com pessoas de matrizes religiosas não cristãs, com ateus e agnósticos não se dá de maneira automática, são necessários critérios a serem seguidos, sob pena de incorrer no relativismo e, conseqüentemente, na perda da própria identidade para adaptar-se a visões antropológicas diferentes. Uma das questões que se coloca é como a universidade, sendo católica, consegue dialogar com os avanços da ciência? Como conciliar a identidade católica com o respeito aos diferentes? Como ser verdadeiramente universidade e, simultaneamente, ser católica?

### 2.2.1

#### **A identidade e a missão da universidade católica**

Identidade e missão são inseparáveis, pois a universidade identificada como católica é uma instituição cuja missão, enquanto tal, é estar a serviço da

---

<sup>42</sup> RATZINGER, J., Natureza e missão da teologia, p.61: “A palavra pluralismo foi criada na Inglaterra por volta da virada do século 20 para a área político-social. Opunha-se a uma doutrina de soberania em que ao Estado e às suas exigências contrapunham-se unicamente os indivíduos. Diante desta exigência puramente estatal, o pluralismo afirma que cada indivíduo está inserido em uma variedade de grupos sociais, de onde resulta também uma variedade de papéis, nenhum dos quais esgota o ser humano por completo.”

evangelização da Igreja; nisso consiste o seu sentido e sua identidade. Ao proclamar e realizar na história o Reino de Deus anunciado por Jesus Cristo, realiza a sua missão. Missão significa “enviar”, ou mandato, que no cristianismo não é opcional, é imperativo. É o empreendimento coletivo de todos os cristãos na construção e reconstrução do projeto de Deus e do destino do mundo em Cristo. É a missão que qualifica a instituição universitária.<sup>43</sup>

A identidade<sup>44</sup> da universidade adjetivada como católica é, portanto, constituída em referência à missão que essa desempenha, não apenas no seu interior, nos centros de pesquisa, mas, também, na sociedade na qual se encontra inserida e em que exerce influência. Nessa perspectiva, a identidade se refere ao que é permanente e a missão ao que é variável de acordo com a sua localização espaço-temporal e sociocultural. Esses dois aspectos são fundamentais e referem-se à mesma realidade com o ser e fazer inseparáveis; daí é que se pode falar de identidade e missão como prioridade na universidade católica. A universidade, assim como toda a Igreja, tem responsabilidade na formação integral e integrada dos jovens a partir dos princípios éticos, humanos e cristãos, para além dos aspectos tecnocientíficos. Nisso está o que é específico e o que caracteriza a missão evangelizadora da universidade católica. Os sinais cristãos na universidade católica normalmente ficam aos cuidados da pastoral universitária, porém, é importante salientar que uma coisa é a pastoral universitária cumprir tarefas, atividades, encontros, oferecimento de cursos, cujos conteúdos sejam diretamente ligados à fé e à espiritualidade, outra coisa bem diferente é que a missão de vivência e de transmissão de valores cristãos na universidade católica fique restrita exclusivamente ao trabalho da pastoral universitária. A evangelização não é um detalhe opcional, é parte intrínseca da identidade e da missão da universidade católica como um todo. Isso não implica que em todos os departamentos acadêmicos e centros de pesquisa se deva falar expressamente de Deus, promover atividades especificamente religiosas, isso não seria possível. Mas a busca da vivência e do anúncio dos valores éticos, humanos e cristãos, isso sim é totalmente

---

<sup>43</sup> MIRANDA, M. F., *Universidade católica hoje*, p.15. SILVA, A. W. C.; BARBOSA, L. F. S.; ZACHARIAS, R., *Antropologia Teológica: pensar o ser humano na universidade*.

<sup>44</sup> ZAMAGNI, S., *A identidade e a missão de uma universidade católica*, p.3: “Começo com breves palavras de esclarecimento a respeito do conceito de identidade. ‘Identidade’ pode ter duas acepções ou interpretações. Podemos interpretá-la como algo recebido do passado, como uma espécie de herança que ganhamos do passado. Há também uma segunda acepção de identidade que a vê como algo escolhido livremente e que se encontra sob a necessidade constante de atualização.”

viável e não diminui, de modo algum, a autonomia da universidade. Uma formação a partir dos valores cristãos contribui, e muito, para a requerida excelência acadêmica, desde que não seja doutrinação proselitista, mas, formação integrada, transdisciplinar e pautada no diálogo e respeito aos diferentes.

A pastoral universitária é o elo que possibilita a integração entre fé e vida, ciência e sabedoria, como é nosso intuito demonstrar no decorrer deste estudo. No entanto, desde já apresentamos a pastoral universitária como forma de operatividade da missão evangelizadora a ser executada pela universidade católica, que pode ser realizada com êxito, de diversas maneiras, dependendo da realidade de cada universidade. A pastoral universitária goza de maior liberdade para realizar atividades extra-acadêmicas, porém, é necessário um relacionamento estreito com todos os departamentos que constituem a instituição, pois só assim será possível integrar os princípios cristãos à vida e à academia.

A missão evangelizadora da universidade católica goza, na Igreja, de atenção específica, os últimos sumos pontífices têm se ocupado de seu cuidado interpretando como sinal dos tempos a demanda de preparação intelectual ao alcance superior das sociedades modernas e a conseguinte proliferação de universidades no mundo todo. O papa Pio XII, em 1949, criou a Federação Internacional de Universidades Católicas (FIUC)<sup>45</sup> e logo depois foi criada a Organização de Universidades Católicas da América Latina (ODUCAL). O Concílio Vaticano II assinalou pautas bem claras sobre o papel da educação católica, particularmente na Declaração *Gravissimum Educationis*. O pontificado de João Paulo II prosseguiu o impulso da presença da Igreja no mundo da cultura, e merecem destaque a criação do Conselho Pontifício para a Cultura, em 1982, além de importantes publicações: em 1979, a Constituição Apostólica *Sapientia Christiana*, sobre as universidades e faculdades eclesiásticas; em 1990, foi apresentada a Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae* sobre as universidades católicas; em 1994, a Congregação para a Educação Católica publicou *Presença da Igreja na universidade e na cultura universitária*; em 1999, o Conselho Pontifício para a Cultura publicou *Para uma Pastoral da Cultura*.

O papa Bento XVI exerceu, durante muitos anos, a função de professor universitário e segundo ele:

---

<sup>45</sup>Carta de criação e constituição da FIUC, em 27 de julho de 1949. Disponível em: <http://www.filosofia.org/mfa/far949.htm> Acesso em: 28 set 2017.

Quanto à realidade acadêmica católica, hoje no mundo existem mais de 1.300 universidades católicas e cerca de 400 faculdades eclesiásticas, todas testemunham a crescente atenção que a Igreja dispensa à formação dos eclesiásticos e dos leigos e à cultura e à pesquisa.<sup>46</sup>

O papa Francisco igualmente tem dito, em relação à educação católica, “(...) que as instituições acadêmicas católicas não se isolem do mundo, mas saibam entrar intrepidamente no areópago das culturas contemporâneas e estabelecer um diálogo, conscientes do dom que podem oferecer a todos”<sup>47</sup>. Na Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*, destinada às universidades e faculdades eclesiásticas, Francisco afirma que “(...) hoje, diante dos nossos olhos, surge um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração também para as universidades e as faculdades eclesiásticas” (*VG* n.6).

Quando se trata de universidade católica, a investigação científica e o saber devem girar em torno dos valores do Evangelho. Busca-se parceria científica entre a revelação e o conhecimento humano. Como, enfim, reconhecer legítima a autonomia que a cultura reclama para si, sem cair em um humanismo meramente terrestre e mesmo adversário da própria religião? Um ponto de partida é o reconhecimento que não há disparidade entre o pensamento cristão e as ciências. Há, verdadeiramente, complementaridade entre esses saberes. Nenhum saber deve ficar anulado. Um e outro são verdadeiros. As ciências buscam exatidão que leve o homem ao inteiro conhecimento de si e para si reservam todas as suas descobertas. A inteligência humana busca compreender-se a si mesma, mas não se esquivando da revelação. Tarefas diferentes que pressupõem saberes diferentes, mas que se harmonizam. É estranho que, em pleno século XXI, ainda se possa conceber que as ciências e o pensamento cristão possam caminhar separados. É igualmente lastimoso que, nesse mesmo século, um e outro não se respeitem em suas bases epistemológicas.

Um campo que interessa de modo especial à universidade católica é o diálogo entre pensamento cristão e ciências modernas. Essa tarefa exige pessoas particularmente preparadas nas mais diversas disciplinas, pessoas dotadas também

---

<sup>46</sup> Discurso do papa Bento XVI aos participantes da Assembleia Geral da Federação Internacional das Universidades Católicas (FIUC) em 19 de novembro de 2009.

<sup>47</sup> Discurso do papa Francisco aos participantes da plenária da Congregação para a Educação Católica, em 13 de fevereiro de 2014.

de uma adequada formação teológica e capazes de enfrentar as questões epistemológicas, em nível das relações entre fé e razão. Tal diálogo refere-se tanto às ciências naturais como às ciências humanas, as quais apresentam novos e complexos problemas filosóficos e éticos. O investigador cristão busca mostrar como a inteligência humana se enriquece da verdade superior, que deriva do Evangelho. A inteligência não fica diminuída, muito pelo contrário, ela é estimulada e robustecida pela fonte interior de profunda compreensão – a Palavra de Deus – e pela hierarquia de valores que dela provém. De um modo singular, a universidade católica contribui para manifestar a superioridade do espírito, que nunca pode, sem correr o risco de perder-se, consentir em colocar-se a serviço de qualquer outra coisa que não seja a busca da verdade.

Podemos pensar e analisar a autonomia universitária sob diversos ângulos, a Constituição Federal brasileira de 1988, no art. 206, menciona a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber, como também o respeito ao pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas. Segundo J. Marcovitch “a autonomia não implica o fechamento da universidade ao meio externo, nem a ausência de fiscalização por parte do poder público. Avaliação externa e autonomia não se contradizem, têm que se alimentar mutuamente”<sup>48</sup>. De acordo com J. Ratzinger e também J. Siqueira, a liberdade acadêmica está relacionada à liberdade para a *verdade*<sup>49</sup>. Nas universidades católicas, a especulação e a investigação estão centradas sob a luz da Palavra revelada. Cada professor busca cercar-se de novas descobertas, tendo como referência a identidade católica da universidade.

---

<sup>48</sup> MARCOVITCH, J., A universidade (im)possível, p.101. VAZ, J. C. L., A universidade católica no Brasil: pesquisa sobre a identidade, a situação atual e as perspectivas da universidade católica no Brasil; VAZ, H. C. L., A universidade na cultura contemporânea.

<sup>49</sup> RATZINGER, J., Natureza e missão da teologia, p.27: “a palavra liberdade acadêmica pretende levantar um dique contra o omniabrangente poder da burocracia e também contra a pressão da ditadura das necessidades”; SIQUEIRA, J., Reflexões do Mundo Universitário, p.18: “Hoje quando se fala de autonomia na universidade, esse conceito está muito relacionado com o conceito de liberdade acadêmica, tema de reflexão que envolve muitas abordagens no pluriverso mundo universitário”; também em: JULIATTO, C. I., A Universidade em busca da excelência: um estudo sobre a qualidade da educação, p.52; MONTES, F., Pensando la universidad, posição:1145. \*Os livros consultados no formato e-book não são configurados em páginas e sim em posição, indicação que utilizaremos nesta tese.

## 2.2.2

### A missão e o núcleo da universidade católica à luz da *Ex Corde Ecclesiae*

Qual é a função da universidade católica? Quais são seus objetivos principais? Em 15 de agosto de 1990, as universidades católicas ganharam uma espécie de *Magna Charta* – a Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae* – aprovada pelo papa João Paulo II, em cuja redação contribuíram todas as universidades católicas do mundo, por meio de consultas que começaram em 1986. Como é comum nos documentos oficiais da Igreja Católica, esse também tem por título as primeiras palavras do texto latino: *Ex Corde Ecclesiae*, que quer dizer (nascida) do coração da Igreja. A leitura já do primeiro número desse documento pode nos ajudar a responder às perguntas feitas no início desse parágrafo. Eis o texto:

Nascida do coração da Igreja, a universidade católica insere-se no sulco da tradição que remonta à própria origem da universidade como instituição, e revelou-se sempre um centro incomparável de criatividade e de irradiação do saber para o bem da humanidade. Por sua vocação, a universidade se consagra à investigação, ao ensino e à formação dos estudantes livremente unidos com seus mestres no mesmo amor do saber. Ela compartilha, com todas as outras universidades, aquela “alegria a respeito da verdade”, tão a gosto de Santo Agostinho, isto é, a alegria de procurar a verdade, de descobri-la e de comunicá-la, em todos os campos do conhecimento. Sua tarefa privilegiada é unificar existencialmente, no trabalho intelectual, duas ordens de realidade que, não raro, tendem a se opor, como se fossem antitéticas: a investigação da verdade e a certeza de conhecer, já, a fonte da verdade. (*ECE* n.1)

Esse texto lembra, antes de tudo, a origem e a característica da universidade e, logo depois, indica a característica específica da universidade, que é católica. Existe, pois, um objetivo comum a todas as universidades, e outro específico da universidade católica. Todas as universidades, católicas ou não, têm o objetivo de servir à verdade. O termo “universidade” indica totalidade enquanto a procura e a comunicação da verdade em todos os campos do conhecimento. Mas a universidade católica tem uma tarefa privilegiada, que é a procura de uma integração entre ciência e fé. Ciência e fé pertencem a “duas ordens de realidade que, não raro, tendem a se opor”. E o texto indica um dos motivos dessa oposição: o método diferente. A ciência tem como método a investigação da verdade; a fé aceita uma mensagem que contém a verdade revelada, aliás, “tem a certeza de já conhecer a fonte da verdade”. Não há dúvida de que os métodos são bem diferentes. Existe, porém, para os cristãos, a seguinte convicção: Deus é a origem da natureza e, ao

mesmo tempo, da revelação, manifestada particularmente em Jesus de Nazaré. O cientista, de um lado, estuda a manifestação de Deus na natureza, por meio da investigação racional, e o ser humano de fé (que pode também ser cientista) aceita, ao mesmo tempo, a outra revelação de Deus, que se realizou em Jesus Cristo. E Deus, origem de toda a realidade, é totalmente perfeito, não pode contradizer-se.

Como consequência dessa convicção, desde os primeiros séculos da sua história, houve na Igreja a preocupação de integrar a cultura e a fé. Assim, o apologista Justino, na primeira metade do século II dC, desenvolveu a tese que o Logos (= a sabedoria de Deus) estava presente em Moisés, nos filósofos pagãos e tinha se encarnado em Cristo. Hoje, o desenvolvimento dessa mesma tese leva à procura de integração entre a ciência e a fé, que encontra na universidade católica seu lugar privilegiado. A procura dessa integração, naturalmente, encontra seu espaço tanto na universidade católica como também nas evangélicas, devido à comum matriz cristã. Por esse motivo as IES confessionais, na procura do bem-estar do ser humano integral, abrem um espaço para a formação humana, espiritual, religiosa e cristã, sempre com o devido respeito às convicções filosóficas e religiosas de cada professor e de cada estudante. Um desses espaços é constituído pela disciplina de “cultura religiosa”, “antropologia religiosa”, ou outras expressões semelhantes, que faz parte do currículo dessas instituições.

Para estabelecer o núcleo da missão da universidade católica atual, a *Ex Corde Ecclesiae* constitui referência basilar, uma vez que descreve de modo amplo estes aspectos na primeira parte do documento, constituindo a segunda parte um marco legal sobre os mesmos tópicos. A identidade da universidade católica é dada por ser “universidade” e também por ser “católica”. Enquanto “universidade” está empenhada no serviço do desenvolvimento humano por meio da investigação acadêmica:

A universidade católica é uma comunidade acadêmica que, de modo rigoroso e crítico, contribui para a guarda e o desenvolvimento da dignidade humana e da herança cultural mediante a investigação, o ensino e os diversos serviços oferecidos às comunidades locais, nacionais e internacionais. (*ECE* n.12)

Enquanto “católica”, se pauta pelos valores cristãos a fim de suscitar respostas aos problemas da sociedade e da cultura. De acordo com a *ECE*, constituem características essenciais da universidade enquanto católica:

1. Uma inspiração cristã que perpassa a comunidade universitária como tal; 2. Uma reflexão contínua à luz da fé católica, sobre o crescente tesouro do saber humano, ao qual trata de oferecer uma contribuição com as próprias investigações; 3. A fidelidade à mensagem cristã tal como é apresentada pela Igreja; 4. O esforço institucional a serviço do povo de Deus e da família humana no seu itinerário rumo ao objetivo transcendente que dá sentido à vida. (*ECE* n.13)

O objetivo da universidade católica é, dentre muitos outros, garantir de forma institucional uma presença cristã no mundo universitário e a partir daí contribuir para a reflexão em torno das grandes questões da sociedade e da cultura. A identidade da universidade que se distingue por ser católica implica uma única realidade da qual são inseparáveis o substantivo “universidade” do adjetivo “católica”; se ocorre uma separação entre eles, há uma perda quanto à sua realidade genuína distintiva. Ambas as realidades se imbricam mutuamente. Como afirma a *ECE*, a universidade católica “(...) é uma instituição acadêmica, na qual o catolicismo está presente de uma maneira vital” (n. 14).

A missão evangelizadora da universidade católica consiste em participar da missão de evangelização da Igreja mediante a investigação e o ensino. Segundo a *ECE* trata-se de uma missão “de serviço”: a universidade católica presta um serviço à sociedade com a busca da verdade sempre iluminada pelo Evangelho de Jesus Cristo, contribuindo na resolução dos problemas que a afligem. É óbvio que a missão de busca da verdade se estende a toda universidade, confessional ou não. A tipificação dessa tarefa como “evangelizadora” provém da identidade “católica” e como serviço na missão.

A Constituição Apostólica *ECE* determina a identidade da universidade católica a partir da sua dedicação à investigação, à busca da verdade e à integração do saber na resolução dos problemas atuais:

A universidade católica, a par de qualquer outra Universidade, está inserida na sociedade humana. Para a realização do seu serviço à Igreja, ela é solicitada - sempre no âmbito da competência que lhe é própria - a ser instrumento cada vez mais eficaz de progresso cultural quer para os indivíduos quer para a sociedade. As suas atividades de investigação, portanto, incluirão o estudo dos graves problemas contemporâneos, como a dignidade da vida humana, a promoção da justiça para todos, a qualidade da vida pessoal e familiar, a proteção da natureza, a procura da paz e da estabilidade política, a repartição mais equânime das riquezas do mundo e uma nova ordem econômica e política, que sirva melhor a comunidade humana a nível nacional e internacional. (n.32)

Tudo isso tem por objetivo promover a dignidade da vida humana e o serviço à sociedade. Enquanto “católica” o faz por meio da vivência pessoal, comunitária e

do anúncio do Evangelho dentro da universidade e como serviço à sociedade e à própria Igreja por meio de atividades diversificadas, cuidando de oferecer uma formação integral no intuito de que haja coerência entre a fé e a vida.

A *ECE* é considerada a “carta magna” porque constitui um expressivo esforço da Igreja em favor da afirmação da identidade e da missão da universidade católica e também do seu protagonismo no processo de evangelização da cultura. A *ECE* recolhe o que João Paulo II foi elaborando sobre universidade católica, sobretudo no decorrer da década de 1980. Os seus documentos e escritos posteriores referentes a essa temática se ocupam em desenvolver os pontos ali fixados, e constituem exemplos, dentre outros, as encíclicas *Veritatis Splendor*, em 1993, e *Fides et Ratio*, em 1998. Em 1979, num encontro com universitários católicos no México, João Paulo II anunciou o que se tornou a base do conteúdo da *ECE*, ao pontuar que à universidade católica compete: encontrar seu significado último em Cristo e, a partir daí, realizar as sínteses entre fé e razão, fé e cultura, fé e vida. Tais objetivos são alcançados a partir da integração entre a investigação científica e uma vida cristã autêntica. Aos participantes do encontro, fez a seguinte exortação “criai verdadeira família universitária, empenhada na busca, nem sempre fácil, da verdade do bem, aspirações supremas do ser racional e bases de sólida e responsável estrutura moral”<sup>50</sup>. A Constituição Apostólica *ECE* representa um marco quanto à ação das universidades e instituições de ensino superiores católicas: “Dirijo-me, enfim, a toda a Igreja, convencido de que as Universidades Católicas são necessárias ao seu crescimento e ao desenvolvimento da cultura cristã e do progresso humano” (n.11); também indica que a universidade católica desempenha uma “missão imprescindível”, uma “tarefa insubstituível”, “uma missão cada vez mais necessária” (n.10 e 11). A *ECE* segue sendo até os dias atuais um dos documentos mais importantes da Igreja dirigido às universidades católicas, ainda que João Paulo II já tivesse se debruçado sobre o tema:

Depois de ter dedicado às Universidades e Faculdades Eclesiásticas a Constituição Apostólica *Sapientia Christiana*, pareceu-me justo propor às Universidades Católicas um texto análogo de referência que seja para elas como a “magna carta”, enriquecida pela experiência tão antiga e fecunda da Igreja no setor universitário, e aberta às realizações promissoras do futuro, que requer uma corajosa imaginação e uma rigorosa fidelidade. (*ECE* n.8)

<sup>50</sup> Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/january/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19790131\\_messico-guadalupe-univ-catt.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/january/documents/hf_jp-ii_spe_19790131_messico-guadalupe-univ-catt.html) Acesso em 15 out 2018.

A *ECE* apresenta a pastoral universitária na perspectiva como essa deve influir na transformação da universidade:

A pastoral universitária é aquela atividade da Universidade que oferece aos membros da própria Comunidade a ocasião de coordenar o estudo acadêmico e as atividades para-acadêmicas com os princípios religiosos e morais, integrando assim a vida com a fé. (n.38)

Afirma também que a pastoral universitária “(...) concretiza a missão da Igreja na Universidade e faz parte integrante da sua atividade e da sua estrutura” (n.38). Esse é, portanto, o ponto de partida e também o eixo da presente reflexão. Inúmeros são os desafios encontrados pela universidade católica quanto à sua missão de evangelizar, e a *ECE* não se propõe a oferecer soluções já prontas, sua relevância está em ser um documento que fornece suporte às universidades católicas e outros Institutos de Estudos Superiores, a fim de que realizem a sua indispensável missão de evangelizar a cultura (n.11). Toda a Constituição Apostólica é uma resposta às perguntas fundamentais sobre o que é a universidade católica, o que ela faz e o que está destinada a fazer. O documento é um marco normativo que assegura a afirmação dessa identidade e missão na vida diária. A investigação universitária é destinada a estudar em profundidade as raízes e as causas dos graves problemas do nosso tempo, reservando atenção especial às suas dimensões éticas e religiosas.

Constatamos linhas mestras que constituem núcleos temáticos presentes na *ECE* e que expressam o sentido que perpassa evangelização inculturada no âmbito da universidade. São eles:

1. O diálogo entre fé e cultura: uma fé entendida como ato de adesão e compromisso com o conteúdo da revelação realizada por Jesus Cristo em harmonia com a razão no contexto específico da cultura compreendida no conjunto da vida humana.
2. O anúncio do Evangelho: o anúncio deverá ser realizado por meio do diálogo e deverá ter em vista a busca pela verdade.
3. A busca pela verdade: como foco do ideal que ilumina a realidade da universidade no âmbito de construção do conhecimento que, no caso da universidade católica, deve estar sob a iluminação do Evangelho e deve ter em vistas o seu anúncio dentro da universidade (meio acadêmico) e também fora.

4. A integração fé e vida: objetivo último da missão evangelizadora da universidade católica, se dá a partir da interação entre a realidade e o ideal.

Essas quatro linhas mestras constituem núcleos temáticos que podem ser vistos tanto como ponto de partida como finalidade, uma vez que permeiam toda a missão evangelizadora da universidade católica, e exatamente por isso estão bem presentes do começo ao fim da *ECE*. Ao longo da nossa investigação, veremos que podem ser trabalhadas de acordo com o método ver-julgar-agir, pois necessitam estar simultaneamente articuladas, não podem permanecer isoladas uma da outra. São como colunas sustentadoras do peso de um único edifício.

Metodologicamente falamos de passos, o primeiro (diálogo entre fé e cultura), na perspectiva do ver, constitui visão de conjunto e porta de entrada; o segundo (anúncio do Evangelho) e também o terceiro (busca pela verdade) se implicam mutuamente e correspondem ao *judgar*; o quarto (integração fé e vida) é lido no âmbito do *agir* e constitui, portanto, o propósito e a meta rumo aos quais se encaminha a ação. Na Constituição *ECE*, mesmo que de modo implícito, estão intrinsecamente presentes as instâncias do método ver-julgar-agir do seguinte modo: o *ver* é realizado a partir do diálogo fé e cultura; o *judgar* é a iluminação realizada a partir do anúncio do Evangelho articulado com a busca da verdade; e o *agir*, que consiste na integração entre fé e vida como sendo o principal objetivo da missão evangelizadora da universidade católica conforme buscaremos demonstrar no decorrer deste estudo. Enfatizamos que tanto o método ver-julgar-agir quanto os quatro núcleos temáticos estarão, com enfoques particulares, presentes em todas as partes da pesquisa.

A partir da orientação da *ECE*, a universidade católica deverá ter presente a realização progressiva da integração do saber em sínteses cada vez mais compreensivas e iluminadoras, que levem ao entendimento e conhecimento progressivos da realidade. O diálogo entre a fé e a razão expõe, de forma manifesta, como ambas se encontram no conhecimento da verdade única; uma preocupação ética, que incorpore em sua busca a dimensão moral, espiritual e religiosa dos problemas, valorizando as conquistas da ciência e da tecnologia desde a perspectiva total da pessoa humana e uma compreensão teológica, que ajude as outras disciplinas a se situarem e a valorizarem seus respectivos descobrimentos, no conjunto do saber, em prol do ser humano. Essa tarefa, confiada à universidade católica é fundamental e sedutora, porém, é igualmente recheada de desafios. É

fundamental e sedutora porque corresponde à fome e à sede de verdade insaciável no ser humano; é recheada de desafios devido ao esforço exigido para conciliar o rigor metodológico requerido pelas respectivas disciplinas acadêmicas que buscam conhecer e compreender a realidade com as perspectivas éticas e teológicas englobadas nessa mesma realidade. A *ECE* expõe à universidade católica não uma realidade dada e acabada, mas sim um desafio a ser enfrentado e uma tarefa a ser realizada constantemente.

É fundamental, no trabalho metodológico de aproximação da realidade, a leitura dos sinais dos tempos, que pode ser sintetizada e expressa como tendência a uma busca de unidade universal, da justiça e da paz, valorização da natureza, esforço de preservação e cuidado em relação aos recursos naturais, a promoção da dignidade e dos Direitos Humanos, a busca de um novo sentido da vida<sup>51</sup>. A necessidade de interpretar os sinais dos tempos, não é uma descoberta recente, é já mencionada por Jesus no Evangelho<sup>52</sup>, e foi destacada no Concílio Vaticano II:

É próprio de todo o Povo de Deus, mas principalmente dos pastores e dos teólogos, auscultar, discernir e interpretar com o auxílio do Espírito Santo, as múltiplas vozes do nosso tempo e valorá-las à luz da palavra divina, a fim de que a Verdade revelada possa ser melhor percebida, melhor entendida e expressa da forma mais adequada. (*GS* n.44)

Faz se necessário um constante discernimento teológico a respeito da ação de Deus na realidade atual e situada, na qual o diálogo com a Palavra escrita possa iluminar os agentes evangelizadores a fim de que descubram qual atuação é a mais apropriada para o êxito pleno do processo de evangelização e, portanto, da realização da missão da universidade católica.

Qual a identidade da universidade católica para o século XXI? É uma pergunta que necessita ser respondida a partir de três pilares: evangelho, autoridade e liberdade. Do tempo da realização do Concílio Ecumênico Vaticano II até os dias atuais, o contexto histórico-social mudou em vários aspectos, porém, o coração da educação católica é imutável, deve ser sempre a pessoa de Jesus Cristo<sup>53</sup>. Há forte

<sup>51</sup> *Laudato Sí* n.139, em que o papa Francisco nos chama a uma abordagem “integral” a fim de poder enfrentar a complexidade dos desafios atuais: “Nós não estamos lidando com duas crises separadas: uma econômica e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As estratégias para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza.”

<sup>52</sup> Mt 16,3; Lc 12,54-59: Jesus menciona a necessidade de se interpretar os sinais dos tempos.

<sup>53</sup> *Instrumentum Laboris*, n. III.

impulso à secularização, fundamentalismo e relativismo, porém, a universidade católica à luz da *ECE* privilegia a verdade sobre a natureza, o homem e Deus. Compreende as implicações éticas e morais, dialoga com os vários saberes. Na pluralidade, se empenha em compreender ciência e ética; na certeza que ciência e transcendência não se excluem, mas se complementam reciprocamente. Existe muito de multiculturalismo e multirreligiosidade; diante desses fenômenos, não deve haver indiferença ou tão somente manutenção de valores genéricos. Deve haver verdadeiro diálogo entre a fé e a cultura, diálogo inter e também transreligioso<sup>54</sup>. A universidade católica é um corpo docente homogêneo, disponível para aceitar e partilhar uma definida identidade evangélica e um coerente estilo de vida. A universidade católica deve estar inserida no mundo e proclamar sempre a verdade. Diante dos desafios impostos, não deve ter medo de enfrentá-los. Deve ter a coragem, também, de manter o discurso coerente à luz do Evangelho de Cristo Jesus. Quando for necessário, ela deverá ter a coragem de proclamar verdades incômodas, verdades que não lisonjeiam a opinião pública, mas que, no entanto, são necessárias para salvaguardar o autêntico bem da sociedade (*ECE* n.32). Entende-se por universidade todos os que nela estão exercendo um papel específico a serviço do bem. Aos professores, sobretudo com o dever da transmissão do saber de forma integral e íntegra, não deve haver parcialidade no conhecimento e nem mesmo imparcialidade no agir. Os professores das universidades católicas são chamados a oferecer uma original contribuição para a superação da fragmentação dos saberes disciplinares, favorecendo o diálogo entre os vários pontos de vista especializados, buscando uma recomposição unitária do saber, sempre aproximativa em desenvolvimento, mas orientada pela consciência do sentido das coisas. A Teologia oferece uma contribuição essencial para este diálogo. A investigação científica é parte integrante no campo do saber. A *ECE* incentiva a inserção da universidade no mundo e chama o educador à responsabilidade, à autenticidade e ao comprometimento com o conteúdo ensinado. A *ECE* é um documento discreto em relação à atividade pastoral porque se situa, forçosamente, no horizonte internacional, supondo diversos contextos, e também porque se trata de um documento de “referência” (n. 8), na perspectiva de uma orientação geral, deixando a cada universidade a criatividade de fazer a respectiva adaptação,

---

<sup>54</sup> ARAGÃO, G. S., Da intolerância religiosa ao diálogo transreligioso, p.152-171.

conforme o seu próprio contexto social, eclesial, inter-religioso ou pertença a espiritualidades específicas (salesiana, marista, diocesana, jesuíta etc.). Enfim, a Constituição Apostólica *ECE* não se fecha em um único modelo de pastoral, mas, sim, abre o leque a experiências distintas, suscitando a possibilidade de enriquecimentos, de troca de experiências em nome de uma catolicidade aberta ao sopro do Espírito: “em virtude dessa catolicidade, cada uma das partes traz seus próprios dons às demais partes e a toda a Igreja” (*LG* n.13).

Por sua natureza, a universidade católica promove a cultura e mediante sua atividade de investigação ajuda a transmitir a cultura local às gerações sucessivas, e através do ensino favorece as iniciativas culturais com os próprios serviços educativos. Ela está aberta à experiência humana, disposta ao diálogo e à aprendizagem de qualquer cultura; participa deste processo oferecendo a rica experiência cultural da Igreja. Além disso, consciente que a cultura humana está aberta à revelação e à transcendência, a universidade católica é lugar primeiro e privilegiado para um frutuoso diálogo entre Evangelho e cultura.

### 2.2.3

#### “Universidade” e “católica”, conceitos complementares

A universidade, graças a sua dimensão católica, é antes de tudo comunidade, isto é, instância de encontro, que reúne de acadêmicos consagrados a estudantes iniciantes, que apresentam seus conhecimentos, suas inquietações a serviço de outros que buscam a verdade nas mais diversas disciplinas, contribuindo para enriquecer todo o saber humano.

A consciência comunitária, no âmbito universitário, ajuda a evitar privilégios e anseios egoístas, de modo que tudo o que é estudado e conhecido deve ser posto a serviço dos outros, da sociedade, do país. Essa mesma consciência comunitária permite a superação do individualismo em favor da solidariedade, especialmente aos mais necessitados.

No tocante à fé cristã, a universidade católica irá sempre apenas propô-la, jamais impô-la como afirma o papa Bento XVI:

O que é que o Papa tem a fazer ou a dizer na universidade? Seguramente, não deve procurar impor de modo autoritário aos outros a fé, a qual pode ser dada somente em liberdade. Para além do seu ministério de Pastor na Igreja e com base na natureza intrínseca deste ministério pastoral, é sua missão manter desperta a sensibilidade pela

verdade; convidar sempre de novo a razão a pôr-se à procura da verdade, do bem, de Deus e, neste caminho, estimulá-la a entrever as luzes úteis que foram surgindo ao longo da história da fé cristã e, assim, sentir Jesus Cristo como a Luz que ilumina a história e ajuda a encontrar o caminho rumo ao futuro<sup>55</sup>.

A universidade católica pode proporcionar meios para que se encontrem pistas, sinais para questões como o sentido da vida, o desafio de vivência de uma fé refletida e adulta. A universidade católica está imersa em um mundo no qual convivem crentes e não crentes, o que exige um respeitoso diálogo, sobretudo, face a práticas conflitantes de outras religiões. Nem sempre há soluções fáceis para todos os casos particulares, mas é certo que, na universidade católica, o diálogo fé e razão, fé e cultura, deve ser garantido desde a sua identidade católica que exige convicção, coerência e jamais intolerância.

A universidade católica não deve se distanciar, nem tampouco se limitar à Igreja Católica. Deve ultrapassar as fronteiras da Igreja sem abrir mão da unidade da fé, a propósito disso afirma o papa Francisco: “Dado que a fé é uma só, deve-se confessar em toda a sua pureza e integridade. Precisamente porque todos os artigos da fé estão unitariamente ligados, negar um deles – mesmo dos que possam parecer menos importantes – equivale a danificar o todo” (*LF* n.48).

Os conceitos “universidade” e “católica” não se opõem, antes se complementam. A busca pela verdade não pode ser reduzida à aquisição de domínios tecnocientíficos ou a um acúmulo de conhecimentos eruditos. A busca pela verdade, na universidade católica, deve se dar calcada em princípios éticos que a enriqueçam, a fundamentem e a complementem, de modo que a tarefa acadêmica se realize de forma a harmonizar a liberdade, o diálogo e o respeito, todos elementos essenciais na atuação da comunidade acadêmica.

A universidade católica, tanto pela sua identidade quanto pela sua missão, tem um indeclinável projeto de evangelização, como já aludimos e iremos enfatizar ao longo desta investigação. Ela não é uma universidade neutra. Pela sua identidade, é portadora de um saber e um valor decorrentes da mensagem extraída do Evangelho e é evangelizadora também pela missão que lhe é confiada pela Igreja e que a sociedade, ao reconhecê-la, dela espera. A universidade católica é reconhecida pela sociedade enquanto universidade e também enquanto católica. A

---

<sup>55</sup> Discurso do papa Bento XVI para o encontro na Universidade de Roma “La Sapienza”.

sua especificidade resulta, ou pelo menos está ligada, da sua catolicidade. Seu projeto evangelizador está na origem e também nos fins da universidade.

A universidade nasceu à sombra da Igreja, compartilhando com ela a preocupação de, por um lado, dar à fé maior vigor racional e, por outro lado, iluminar a razão com essa mesma fé. O motivo básico que justifica a existência da universidade católica é primeiramente a natureza evangelizadora da Igreja. A universidade continua hoje a serviço da ciência, da cultura e da sociedade, mas a universidade católica existe para evangelizar a ciência, cuja pesquisa constitui a função mais nobre da universidade; para evangelizar a cultura, na qual a universidade está inserida, que ajuda a crescer, que transmite aos que a procuram e frequentam; para evangelizar a sociedade na qual se encontra e a comunidade que a constitui. A universidade católica está a serviço da evangelização da investigação científica, que é a mais específica função a ser desempenhada pela universidade que se caracteriza igualmente pela procura da verdade e do sentido último da atividade humana. A universidade é um espaço de investigação, de procura do conhecimento e da verdade. A universidade católica é chamada a proclamar o sentido da verdade, a investigação de todos os aspectos da verdade no seu nexo essencial com Deus que é a verdade por excelência, a estabelecer o diálogo fecundo entre a razão e a fé, a procurar o significado que deve mover a investigação científica e tecnológica, dando dimensão moral, social, espiritual e, se possível, também religiosa à pesquisa científica e técnica. A ciência é um saber que precisa de orientação. A fé cumpre o papel de ser iluminadora da investigação, a fé pode ser entendida como uma espécie de farol que ajuda a perceber qual é o melhor caminho a ser percorrido e a descobrir as margens de segurança. A fé é uma sabedoria que não nega, nem se opõe, nem se sobrepõe à ciência, pois é um conhecimento de outra dimensão que precede e estimula a aquisição do saber científico, bem como a sua aplicação. A *ECE* estipula expressamente que a investigação numa universidade católica, deve a) perseguir uma integração do conhecimento; b) o diálogo entre a fé e a razão; c) uma preocupação ética; e isso tudo em: d) uma perspectiva teológica. O verdadeiro saber é aquele que resulta da síntese dos vários contributos dos ramos científicos. A universidade como *universitas scientiarum* é uma casa de sabedoria. A universidade católica, ao afirmar a necessidade, e ao promover a inter e também a transdisciplinaridade, contribui para que essa síntese da sabedoria encontre o seu fundamento último.

A universidade católica tem a missão de realizar, no âmbito da investigação, a imbricação fecundante da fé e da razão, de modo a que se ajudem reciprocamente, exercendo uma em prol da outra – como afirmou João Paulo II na Encíclica *Fides et Ratio* – a função tanto de discernimento crítico e purificador, como de estímulo para progredir na investigação e no aprofundamento (*FR* n.100). A universidade católica existe para aproximar os cientistas de Deus, não no intuito proselitista, mas suscitando neles a consciência das limitações do conhecimento científico, remetendo-os para o fundamento último de todo o conhecimento. A ciência enquanto produção humana é um território com limites e fronteiras. A fé ajuda a balizar a pesquisa, em termos epistemológicos e em termos éticos, contribui para a percepção dos limites da própria ciência e do conhecimento científico.

A sociedade contemporânea caracteriza-se como sociedade do conhecimento. O conhecimento é o traço distintivo e marcante da sociedade pós-industrial. Defendemos que a universidade católica seja a forma por excelência de a fé marcar o conhecimento e, através dele, a sociedade contemporânea. A universidade católica, disse o cardeal patriarca de Lisboa D. José Policarpo, quando era reitor da Universidade Católica Portuguesa “é o lugar privilegiado do encontro da Igreja com a sociedade, no intercâmbio das suas perspectivas próprias sobre o homem e sobre o mundo”<sup>56</sup>. A universidade católica está a serviço da evangelização da cultura. A universidade é uma instituição criadora de cultura, que tem entre os seus fins a promoção social da cultura e a formação cultural dos seus membros. É tarefa da universidade católica evangelizar a cultura e evangelizar por meio da cultura, promovendo para isso o diálogo do Evangelho com as diversas culturas humanas, nas diversas civilizações. A cultura da universidade católica necessita ser marcada pelos valores do Evangelho, que encarnam a sua identidade e se traduzem na sua atividade. A cultura da universidade católica é, por definição, uma cultura evangélica, que traduz nos seus valores, normas e padrões de comportamento, os princípios cristãos. Ao criar em si mesma, comunitariamente, esta cultura cristã, está evangelizando a cultura universitária e a cultura que ela própria produz.

A cultura moderna tem perdido unidade e estabilidade à medida que se especializa e que institucionaliza o provisório. O grande contributo da universidade católica à cultura contemporânea é o do sentido da unidade e da perenidade

---

<sup>56</sup> POLICARPO, J., *Obras Escolhidas*, p.357.

definitivas<sup>57</sup>. A sociedade midiática na qual vivemos tem ameaçado substituir a cultura letrada pela cultura da imagem<sup>58</sup>. No princípio era o Verbo, mas também o homem criado à imagem de Deus. A centralidade do ser humano, entendida como valorização, uma centralidade aberta às relações, pode contribuir para a nitidez da imagem de Deus na cultura contemporânea. A universidade é, ela própria, comunidade enquanto *universitas magistrorum ac scholarum* – portadora de uma cultura. Há uma maneira de ser e de estar catolicamente na universidade, feita de valores e de virtudes. Entre os valores que informam a identidade da universidade católica está a prioridade da ética sobre a técnica, que sublinha as implicações éticas e morais dos métodos e descobertas. Compete à universidade católica também evangelizar pela cultura formando evangelizadores cultos, que deem testemunho, nas suas vidas, dos valores que formam a sua identidade. Cabe à universidade católica a evangelização da sociedade em que está inserida pelo seu testemunho comunitário. A universidade católica é uma forma de presença da Igreja na universidade. Não é certamente a única, mas a mais expressiva. Compete-lhe ser fermento transformador e desafiador. A universidade é uma comunidade de docentes e discentes, uma comunidade de criação e de aprendizagem. A sua dimensão comunitária é um valor no mundo contemporâneo, marcado pelo individualismo. A universidade católica é uma comunidade de fé, de esperança e de caridade, que, pelo seu testemunho, é chamada a evangelizar a sociedade, não por meio de doutrinação, mas da inspiração cristã. Deve ser uma comunidade a serviço da dignidade humana. A promoção da justiça e da igualdade de oportunidades ao maior número possível de pessoas são das principais tarefas da universidade católica.

A universidade é, hoje, um dos mais decisivos fatores de desenvolvimento social pela criação de conhecimento. Compete à universidade católica marcar e orientar esse desenvolvimento pela forma de dar cunho ao saber pela fé, dar esperança aos esforços de realização da justiça, testemunhar a caridade nas relações entre os homens e povos. Não pode ter a pretensão de formar todos, sendo, por isso, forçada a abandonar a veleidade de ser escola de massas; não pode, entretanto,

---

<sup>57</sup> POLICARPO, J., Obras Escolhidas, p.358.

<sup>58</sup> VIGANÒ, D. E., Connessi e Solitari, Di cosa ci priva la vita online. Neste livro, o autor chama a atenção para o fato que a conectividade não elimina a solidão. Como não renunciar às relações pessoais, até que ponto não estamos cada vez mais trocando um aperto de mão por um toque na tecla do computador ou na tela do celular?

deixar de procurar maximizar a sua intervenção na sociedade, pois tem uma importante função socializadora, ou seja, fazedora de sociedade, enquanto educadora. A universidade católica compartilha a sua missão evangelizadora com a Igreja, ela não evangeliza à revelia da Igreja, muito menos contra a Igreja. A comunhão eclesial é fundamental para o êxito da sua evangelização. Estar em comunhão com a Igreja significa estar em pensamento, ação e oração em sintonia com ela. Pensar livremente com a Igreja permite críticas construtivas a fim de contribuir responsabilmente para o seu aprofundamento evangélico. Agir com a Igreja implica anunciar a justiça e denunciar a injustiça tal como a Igreja toda é chamada a fazer. Orar com a Igreja significa manter viva, no coração da vida universitária, a relação com Deus, sobretudo através de ações litúrgicas. A universidade católica evangeliza no mundo, nunca separada ou afastada do mundo. A sua autonomia e liberdade de investigação e de ensino não é separável da sua responsabilização perante a Igreja e o mundo.

#### 2.2.4

#### **A universidade católica é intrinsecamente evangelizadora**

“Evangelizar ou humanizar?” essa questão que intitula um artigo de M. F. Miranda não constitui oposição que implique em uma escolha a ser feita, mas sim uma verdadeira complementaridade<sup>59</sup>. A função de evangelizar o meio acadêmico foi, desde sempre, a razão de ser e de existir da universidade católica. Nos tempos atuais, marcados pela diversidade religiosa, pelo pluralismo cultural e pela crescente secularização, mais do que nunca cabe enfatizar que a missão evangelizadora da universidade católica deve ser compreendida à luz do humanismo cristão ou crístico, uma vez que toda a humanidade, não apenas os cristãos, está assinalada pelo dom de Deus<sup>60</sup>. Isso que significa que, no cristianismo, o “dizer de Deus” é sempre trinitário, pois, Cristo, o Filho, não se desvincula do ser humano, por isso é que se pode afirmar que o discurso de Deus no cristianismo está vinculado à antropologia porque a revelação é intrinsecamente ligada à humanização de Deus que vem ao encontro da humanidade<sup>61</sup>.

---

<sup>59</sup> MIRANDA, M. F., *Evangelizar ou humanizar?* p.520: o autor propõe pensar conjuntamente criação e salvação, o humano histórico e o divino transcendente. Retornaremos mais detalhadamente ao conteúdo desse artigo no capítulo 4.2.

<sup>60</sup> SCHILLEBEECKX, E., *Deus e o homem*, p.50-88.

<sup>61</sup> CASTILLO, J. M., *A humanidade de Jesus*, p.31.

O ser humano, na universidade que faz jus ao título de católica, é tido como sujeito e pessoa integral capaz de conciliar conhecimentos, experiências e valores. Basílio de Cesareia, ao definir o ser humano, afirma: “É uma grande coisa”. Essa afirmação sugere que, não obstante a pequenez e a vulnerabilidade inerentes à condição de húmus (terra), o ser humano conserva uma grandeza que se expressa na reflexão por meio da qual emergem perguntas como: Quem é o ser humano? Qual é o seu destino e o que o espera? A reflexão antropológica ajuda o ser humano nas respostas a essas e outras perguntas existenciais sobre a sua condição. De acordo com a perspectiva adotada nesta pesquisa, a reflexão sobre o ser humano será empreendida por meio da razão enquanto busca de resposta, partindo de pressupostos naturais, porém, será, simultaneamente, à luz da fé, cujo ponto de partida é o sobrenatural.<sup>62</sup> Sendo um espaço por excelência da busca pela verdade e de debate saudável de ideias, a universidade contribui para “humanizar” a cultura, desde a sua própria antropologia e, a partir daí, pode gestar e articular mudanças sociais em favor da dignidade da pessoa humana a ser posta em primeiro lugar.<sup>63</sup>

A graça divina atua e a alma humana a acolhe, é esse movimento de transcendência que possibilita que a imagem de Deus vá se tornando mais clara naquele que crê. O ser humano é, simultaneamente, físico e metafísico. A razão humana busca a plenitude das exigências lógicas, ao mesmo tempo que se abre à transcendência de si.<sup>64</sup> Por meio da fé, o ser humano adere, de forma livre e inteligente, à doutrina revelada por outra inteligência, como afirma o *Catecismo da Igreja Católica*:

A fé é uma adesão pessoal do homem inteiro a Deus que se revela. Ela inclui uma adesão da inteligência e da vontade à Revelação que Deus fez de si mesmo por suas ações e palavras. Por conseguinte, “crer” tem uma dupla referência: à pessoa e à verdade; à verdade, por confiança na pessoa que a atesta. (CIC, n. 176-177)

Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino refletiram sobre a tensão existente entre a certeza e a dúvida, e ambos entendiam que a superação de tal tensão passa pela inteligência. Para Agostinho, o conflito da inteligência não elimina, antes

<sup>62</sup> SOUZA, J. N., Imagem humana à semelhança de Deus: Proposta de Antropologia Teológica, p.7; LIMA, A. A., Os direitos do homem e o homem sem direitos; LADARIA, L. F., Introdução à Antropologia Teológica.

<sup>63</sup> MOURA, L. D. de, A dignidade da pessoa e os direitos humanos, p.74: “O reconhecimento da dignidade da pessoa humana é certamente uma das grandes conquistas da cultura hodierna”.

<sup>64</sup> FRANCA, L., A psicologia da fé, p.225.

aperfeiçoa a fé “eu te buscava fora de mim, e não encontrava o Deus do meu coração. Havia chegado ao fundo do mar, e não tinha mais confiança nem esperança de encontrar a verdade”<sup>65</sup>. Segundo Agostinho, a certeza consiste na confiança em Deus e em não desesperar diante da dúvida. Tomás de Aquino, na mesma busca, observa que a *certeza* consiste na adesão do intelecto a um único objeto de desejo, mas “tudo aquilo que é dito acerca de Deus, e que a razão humana em si mesma é incapaz de descobrir, não deve ser de imediato considerado como falso, como acreditaram os maniqueus e a maior parte dos infiéis”<sup>66</sup>. Tanto para Agostinho quanto para Tomás, a certeza e a dúvida, por serem racionais, se direcionam ao mesmo objetivo: a verdade. Enquanto a certeza a afirma, a dúvida hesita em afirmá-la, no entanto tende-se a ela. A inteligência é fundamental no ato de fé; é por meio dela que o ser humano pode contemplar a verdade e compreender, no âmbito da fé, porque Deus o criou à sua imagem e semelhança. É pela inteligência que se edificaram os raciocínios sobre a verdade da criação e da revelação de Deus em Jesus Cristo.

Na Idade Média, os pensadores cristãos submeteram a filosofia à teologia de tal modo que se poderia pensar que o ser humano poderia chegar por meio da razão ao conhecimento da essência dos mistérios de Deus. Alguns fizeram isso por meio do método metafísico do platonismo cristão, cujo ponto de partida era a negação do ser humano em função do êxtase espiritual ou encontro místico com a verdade absoluta. Outros optaram pela filosofia de Aristóteles, se preocupando mais em afirmar a existência de Deus pela via lógica. Enquanto os platonistas buscavam uma espiritualidade que possibilitasse sentir Deus, os aristotélicos procuravam, racionalmente, compreender a inteligência e a vontade de Deus. De acordo com o filósofo cristão Mestre Eckhart, o ser humano, ao ser criado imagem e semelhança, foi chamado à unidade, isto é, não à identificação com Deus, mas à participação no Uno, portanto, o destino humano é unir-se ao intelecto indivisível que é Deus.<sup>67</sup>

A ciência moderna encontra-se em oposição à metafísica tradicional. O divórcio entre fé e razão, teologia e filosofia, Igreja e Estado, religião e ciência culminou na inauguração de uma antropologia cujo objeto é o ser humano, opondo-se a tudo o que reporta transcender a sua própria existência. De Hume até Freud, a

---

<sup>65</sup> Confissões, VI, 1,1.

<sup>66</sup> Seleção de textos: Súplica contra os gentios III, p.136.

<sup>67</sup> ECKHART, M., O livro da divina consolação e outros textos seletos.

religião foi sendo reduzida cada vez mais a um fenômeno a ser pesquisado pela ciência. Para Freud, as ideias religiosas são fruto da necessidade do ser humano suportar sua impotência, ideias construídas com os materiais e memórias da impotência da raça humana.<sup>68</sup> No início do século XX, o papa Leão XIII expressou grande preocupação com o avanço da modernidade e do ateísmo moderno. Na tentativa de responder a essa questão, houve intelectuais cristãos que retomaram a filosofia dos doutores medievais a fim de se defenderem dos ataques de racionalistas, empiristas, idealistas e materialistas. No Brasil o jesuíta Leonel Franca foi um dos que se destacou como crítico da modernidade. Segundo ele, o ser humano só pode ser considerado na sua relação com Deus, em outras palavras, ele defende a existência de uma antropologia teológica, segundo a qual a razão existe em conformidade com a fé.<sup>69</sup>

No contexto atual, predomina uma tecnociência indiferente à espiritualidade, emerge uma religiosidade da insegurança, desprovida do auxílio das construções simbólicas e de analogias, próprias da razão. Isso ocasiona a perda do princípio de responsabilidade, levando a substituição da fé pela crença na salvação individual, construída a partir de uma noção privada de Deus.

Não é de estranhar que haja um ressurgimento de bruxos e cartomantes, um exército de *médiuns* espirituais que procuram controlar o ingovernável e submeter à vontade do usuário a marcha do presente e do futuro.

Em tempos de desconfiança sobre a razão, apela-se para o mistério e para o enigma a fim de manipular o incontrolável. Uma antiga receita que surge novamente, mostrando as tendências atávicas do ser humano. Atualmente, há mais “bruxos” em Paris ou em Madri do que sacerdotes e religiosos/as.<sup>70</sup>

O cristianismo só pode ser entendido mediante a compreensão da centralidade da mensagem sobre a defesa e a promoção da vida humana em vista da humanização. Mais do que isso, o cristianismo deve ser vivido à luz da prática de Jesus porque Ele testemunhou de maneira única uma ética de humanização. O cristianismo é mais do que o Cristo continuado, é outra realidade, que, contudo, não pode ser entendida à revelia do Cristo. O cristianismo é um acontecimento histórico, porém, aberto à transcendência e em contínua construção. O seu ponto de partida, a sua perspectiva e também o seu ponto de chegada é o Reino de Deus, cuja vocação

<sup>68</sup> FREUD, S., O futuro de uma ilusão.

<sup>69</sup> FRANCA, L., A crise do mundo moderno.

<sup>70</sup> MARDONES, J. M., A vida do símbolo, p.144.

é estar a serviço da vida.<sup>71</sup> Um serviço orientado a dignificar e humanizar a pessoa em nome de um Deus que quer a vida em plenitude para todos (Jo 10,10).<sup>72</sup> O fundamento da vocação humanista está em duas afirmações fundamentais do dogma cristão: a encarnação do Verbo, isto é, o fato de o Filho de Deus ter assumido a condição humana, tornando o humano expressão do divino; e a ressurreição do corpo, isto é, a dimensão corporal participa da realidade salvífica, a matéria humana é divinizada.<sup>73</sup> Trata-se do paradoxo da encarnação do Verbo, de acordo com a qual o divino se faz humano, o humano evolui e se transforma, sem ameaçar a verdade do divino. Aprofundar a temática da compreensão da vinculação, da interação e da correspondência entre o cristianismo e a promoção humana exige captar bem a centralidade do mistério da encarnação, mistério central para o conhecimento de Deus. A partir desse mistério insondável, Deus se funde e se confunde com o ser humano, a ponto de já não ser possível entender, nem ter acesso a Deus prescindindo do humano.<sup>74</sup> Quem é Deus para o ser humano? Quem é o ser humano para Deus? Segundo L. Boff:

Se o ser humano emerge como pessoa, então Deus é a Pessoa absoluta, se o ser humano surge como espírito, então Deus apresenta-se como o Espírito infinito, se o ser humano irrompe como mistério, então Deus será o Mistério abissal. Esta personalidade suprema se autocomunica, entretém um diálogo com as pessoas humanas e entra na história dos homens.<sup>75</sup>

O cristão é, obviamente, definido a partir de sua referência a Cristo. Ter fé equivale a aderir à pessoa e ao projeto de Cristo. Tal adesão provoca uma nova compreensão do ser e do agir do cristão.<sup>76</sup> O assim chamado “giro antropológico” implica abordar a questão de Deus a partir da subjetividade, da abertura do ser humano ao transcendente. Deste modo, ao se falar de Deus, se está necessariamente falando de si. O discurso sobre Deus implica uma compreensão determinada do ser humano. O teólogo José M. Castillo apresenta uma contundente crítica ao fato da humanização, na teologia cristã, ter sido sempre pensada em função da divinização,

<sup>71</sup> BOFF, L., *Cristianismo: o mínimo do mínimo*, p.187.

<sup>72</sup> ÁVILA, F. B., *Antes de Marx: as raízes do humanismo cristão*.

<sup>73</sup> JUNGES, J. R., *O respeito à dignidade humana como fundamento de todo humanismo*, p.154.

<sup>74</sup> CASTILLO, J. M., *A ética de Cristo*, p.28-9; Mt 25 já evidenciava que é inconcebível vivenciar o cristianismo desvinculando-se de uma prática sintonizada com o resgate e a libertação da vida humana.

<sup>75</sup> BOFF, L., *A Trindade, a sociedade e a libertação*, p.32.

<sup>76</sup> JUNGES, J. R., *Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais da ética teológica*, p.118.

de forma que o humano seria tanto melhor quanto mais divino se fizesse ou se orientasse para o divino. Ele propõe que o inverso também deva ser considerado.<sup>77</sup> Na mesma linha, K. Rahner afirma que toda teologia é também uma antropologia teológica, “a teologia é uma antropologia por identificar-se a um discurso ‘de’ Deus que fala do homem que fala de Deus”<sup>78</sup>. Portanto, é importante que, na reflexão teológica, as características marcantes de uma antropologia sejam reconhecidas, pois elas tanto iluminam e aprofundam quanto condicionam e limitam a compreensão das verdades reveladas, como nos mostram as teologias de cunho transcendental, existencial, hermenêutico, ou fenomenológicos.<sup>79</sup> A teologia como antropologia será exatamente o discurso encarregado de expressar o *logos* sobre o ser humano que está incluído no *éthos*-fé. Porque há sobre o ser humano, na fé, um discurso específico e que tem o direito de ser proclamado/ouvido. Cabe à teologia resgatar esse discurso que as outras ciências do ser humano não tornam compreensível. É aqui, portanto, que se encontrará “o lugar próprio da teologia como discurso sobre o ser humano e que será justificada a sua tarefa no concerto antropológico”<sup>80</sup>.

O cristianismo propõe à humanidade, antes de tudo, a humanização em plenitude. Nisso consiste a salvação em Jesus Cristo. A vida em plenitude resume a missão de Jesus de Nazaré. Santo Irineu de Lyon, na aurora do cristianismo, afirma que “a glória de Deus é o ser humano pleno de vida” (*gloria Dei homo vivens*). João Paulo II, alinhado a essa mesma tradição, em *Redemptor Hominis* e em *Centesimus Annus*, tira as consequências para a ação evangelizadora: “O ser humano é o caminho da Igreja” (*RH* n.13 e 14; *CA* n.53). Jesus é o caminho da salvação; o caminho da Igreja é o ser humano, pois ela existe para o serviço da vida plena para todos, a única razão e fim da obra de Jesus.

O termo “humanismo” aparece pela primeira vez em 1808, no livro do pedagogo alemão F. J. Nietthammer, *A luta entre o filantropismo e o humanismo*. Por humanismo, o autor entendia o sistema tradicional de educação que visa à

<sup>77</sup> CASTILLO, J. M., Jesus, a humanização de Deus, p.14.

<sup>78</sup> RAHNER, K., Teologia e Antropologia, p.43-65; RAHNER, K., Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo.

<sup>79</sup> GREISCH, J.; HÉBERT, G., Philosophie et théologie à l'époque contemporaine IV, p.13-64.

<sup>80</sup> GESCHÉ, A., O ser humano, p.40.

formação da personalidade total por meio do estudo das humanidades clássicas, em oposição às escolas pedagógicas modernas.<sup>81</sup>

Cabe precisar que o humanismo cristão ou integral, que é o que mais diretamente nos interessa neste estudo, se distingue de outras concepções de humanismo, dentre as quais podemos resumidamente mencionar: o humanismo antigo, grego e romano, cuja característica básica é a valorização da pessoa humana com destaque para a beleza, a força, a harmonia, a virtude, a genialidade, etc; o humanismo histórico-literário, que se caracteriza pelo estudo dos grandes autores da cultura clássica, grega e romana, sendo um movimento cultural ligado à Renascença e às novas descobertas e saberes do início da era moderna; o humanismo especulativo-filosófico, que é o conjunto de princípios doutrinários referentes à origem, natureza e destino do ser humano<sup>82</sup>; o humanismo exclusivista, ou ateu, pensamento antropocêntrico radical, que procura fazer da subjetividade humana o ponto de partida e a última referência em detrimento da referência ao transcendente<sup>83</sup>. Há uma exuberância de humanismos contemporâneos tão diversos entre si, com perspectivas às vezes tão opostas que cabe a pergunta se há um denominador comum entre eles, a ponto de poder denominá-los de humanismo.<sup>84</sup> O termo é hoje empregado em sentidos tão diversos que a única definição suficientemente compreensiva para englobá-los todos seria a de antropocentrismo reflexo, que, partindo do conhecimento do ser humano, tem por objetivo a valorização do próprio ser humano, repudiando tudo o que o aliena de dele mesmo, seja procurando sujeitá-lo a verdades ou a potências transcendentais, supra-humanas, seja procurando desfigurá-lo pela redução a condições infra-humanas.<sup>85</sup>

O humanismo cristão, também denominado humanismo integral, indica o papel amplo da formação humana, com abertura universal e ao transcendente, no entendimento de que a perspectiva da transcendência não fecha, mas pelo contrário, abre a mente humana. O humanismo cristão marca profundamente a cultura ocidental. O papa Paulo VI, na encíclica *Populorum Progressio*, se refere à

<sup>81</sup> ÁVILA, F. B., Pequena enciclopédia de doutrina social da Igreja, p.221.

<sup>82</sup> NOGARE, P. D., Humanismos e anti-humanismos, p.15; MARITAIN, J., Humanismo integral, p.9-29.

<sup>83</sup> LUBAC, H., O Drama do Humanismo Ateu, p.20: “O mesmo Deus que o homem aprendeu a vê-lo a partir de sua grandeza, começa a aparecer-lhe como um antagonista, como o adversário de sua dignidade”; KONINGS, J., Humanismo e contemporaneidade, p.122.

<sup>84</sup> NOGARE, P. D., Humanismos e anti-humanismos, p.16.

<sup>85</sup> ÁVILA, F. B., Pequena enciclopédia de doutrina social da Igreja, p.222.

necessidade de promover “um humanismo total” (PP n.42). Segundo F. B. Ávila, “Paulo VI era amigo e admirador de J. Maritain, o autor de *Humanismo Integral*”<sup>86</sup>. O papa J. Paulo II, na encíclica *Redemptor Hominis*, dá sequência à reflexão de Paulo VI, vinculando o tema do humanismo ao mistério da Encarnação (RH n.14). Não podemos deduzir a mundividência a partir de um antropocentrismo radical, para o qual se invoca o sofista Protágoras, com a famosa expressão: “O ser humano é a medida de todas as coisas”<sup>87</sup>. O aristotelismo e o estoicismo, que marcaram também a Idade Média, sobretudo no tomismo, acentuaram o papel central da pessoa humana na percepção do mundo e na projeção da ação humana, inclusive na política. Quando, então, no fim da Idade Média, a atenção sobre a pessoa humana começa a ser enfatizada e tematizada, não se deve ver aí tanto uma revolução copernicana, mas sim um deslocamento de acento, pois a valorização do humano não começou nesse momento histórico, ela está presente na Bíblia já no Antigo Testamento.<sup>88</sup> A intuição que o ser humano resplandece algo divino permitiu aos primeiros cristãos dizerem que Jesus foi a imagem perfeita de Deus (Hb 1,3; 2Cor 4,4). Esta afirmação supõe que houve uma imagem imperfeita, a saber, o ser humano, homem e mulher, que na Bíblia recebem o nome de Adão (o da terra) e Eva (a da vida). No primeiro capítulo do livro do Gênesis, as primeiras páginas das Sagradas Escrituras narram que Deus lhes confiou um jardim para cuidarem (Gn 2,9; 2,16-17; 3,1-24). Instaurou, porém, um limite: Adão e Eva podiam comer todas as frutas, especialmente da árvore que tinha o lugar mais importante e que se chamava a árvore da vida, mas Deus interditou a árvore do saber do bem e do mal, pois esse saber precisa da chancela de Deus. Porém, o fruto do outro lado da cerca parecia melhor, sobreveio um bicho rasteiro (...) e o ser humano tentou ser igual a Deus, mas se viu nu (...) (Gn 3,1-6). Refletindo sobre isso, um dos primeiros teólogos cristãos, S. Ireneu, sugere que Adão foi o rascunho e que Jesus é Adão passado a limpo.<sup>89</sup> Diz o escrito aos Hebreus: “Jesus foi experimentado humanamente como todos nós, mas não pecou” (4,15) – não ter pecado não

<sup>86</sup> ÁVILA, F. B., Pequena enciclopédia de doutrina social da Igreja, p.222.

<sup>87</sup> COURT, P. M., Un nuevo humanismo para la vida de la Universidad, p.87.

<sup>88</sup> “Que é o homem, para que te lembres dele? Que é o ser humano, para que te preocupes ele? Contudo, fizeste-o quase como um deus e encheste-o de honra e dignidade. Deste-lhe autoridade sobre as tuas obras, tudo colocaste sob o seu poder” (Sl 8,5-7); “Deus disse: ‘Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança. Que ele tenha poder sobre os peixes do mar e as aves do céu, sobre os animais domésticos e selvagens e sobre todos os bichos que se movem sobre a terra’. Deus criou então o ser humano à sua imagem; ele o criou homem e mulher” (Gn 1,26-27).

<sup>89</sup> KONINGS, J., Humanismo e contemporaneidade, p.123.

diminui a humanidade de Jesus, pois pecar não é parte essencial do humano. O humanismo bíblico acentua o valor, mas também a responsabilidade da pessoa humana, de cada um em particular (Ez 18). Cada pessoa é responsável por seus erros, mas Deus oferece a graça do perdão e da salvação. Isso entra em colisão com certo modo de pensar moderno, exacerbado por J. J. Rousseau, que vê no ser humano uma inocência original, segundo a qual o ser humano é desde a origem bom, só precisa ser bem educado.<sup>90</sup> A Bíblia é mais realista: apresenta o ser humano trazendo desde o nascimento alguns “vírus” que devem ser constantemente combatidos. Para insistir na responsabilidade ética, a Bíblia constata a onipresença da falta, mas acentua a possibilidade da melhora (2Sm 12,1-15). Deus é muito maior que o coração humano (1Jo 3,20). Os profetas insistem na responsabilidade ética de cada um (Am 5,21-24), o Salmo 138/9 (“Senhor, tu me sondas”) expressa de outro modo o valor que a pessoa humana tem aos olhos de Deus. O estar diante da face de Deus é o que dá ao homem bíblico a sua personalidade, tanto na justiça como no pecado. A reflexão sobre a condição humana encontra-se bem explicitada nos escritos sapienciais, Jó, Eclesiastes, Sabedoria e o Cântico dos Cânticos, esse último apresentando o mistério do eros que une homem e mulher que são imagem e semelhança de Deus.

Desde os primeiros contatos com o mundo greco-romano, os cristãos se viram confrontados à cultura helenística. O evangelista Lucas demonstra apreço positivo pelos valores humanos desse ambiente, descrevendo com sensível simpatia o centurião romano (Lc 7,1-10) e a curiosidade dos atenienses (At 17). Contudo, a fé cristã não busca uma mera assimilação ao mundo dos “gentios”. Os escritos de João e Paulo acentuam a distinção em relação aos poderes deste mundo (Jo 15,19; Col 2,20; Ef 6,12). O cristão não deve ser ventia a este mundo; seu Senhor é Cristo, o enviado de Deus e confirmado pelo próprio Deus na ressurreição. Entretanto, o mundo é destinatário da mensagem do Reino de Deus e de seu amor.<sup>91</sup> Desde o início do cristianismo, houve pensadores que demonstraram desconfiança em

---

<sup>90</sup> “A teoria do bom selvagem”, de J. J. Rousseau surgiu em 1755, e afirma que o homem por natureza é bom, nasceu livre, mas sua maldade advém da sociedade que em sua presunçosa organização não só permite, mas impõem a servidão, a escravidão, a tirania e inúmeras outras leis que privilegiam as elites dominantes em detrimento dos mais fracos firmando assim a desigualdade entre os homens, enquanto seres que vivem em sociedade. Desta forma Rousseau faz uma crítica objetiva contra a sociedade moderna e um grito de alerta sobre a exploração do homem pelo próprio homem, desta forma privilegiando o ter em desfavor do ser. FORTES, L. R. S., Rousseau: O bom selvagem.

<sup>91</sup> KONINGS, J., Ser Cristão: fé e prática, p.76.

relação ao mundo, são exemplos Tertuliano e, em parte, também Agostinho, influenciado pelo dualismo maniqueísta. Porém, já a *Didaqué* e Justino Mártir dialogam com naturalidade com a cultura helenista, e Clemente de Alexandria, Basílio, Gregório de Nazianze extraem do helenismo tudo o que podem. Os monges depois deles, no contexto das invasões bárbaras, salvaram a cultura antiga e cristã. Esses teólogos julgaram providencial que a Palavra de Deus, Jesus de Nazaré, se encarnasse na época em que por toda a parte se falava a língua grega, a língua dos filósofos. Eles viram nos valores da cultura helenista sementes do Reino de Deus e ensinaram a olhar do mesmo modo a cultura ambiente, encontrando-se aqui as raízes da inculturação do Evangelho. Como disse o apóstolo Paulo: “Ponderar tudo e ficar com o que é bom” (1Ts 5,21). Foi do encontro da revelação bíblica com a cultura helenista que brotou a teologia cristã, nas escolas das catedrais e nos mosteiros, de onde, a partir do século XII, surgiram as universidades. Aristotélicos como Abelardo e Tomás de Aquino coroaram esta abertura.

Com a Renascença e as descobertas do início da Idade Moderna, teve início o desejo de estruturar a educação e de incluir nela todo o novo saber.<sup>92</sup> O humanismo clássico foi, por excelência, educativo. Por um lado, a *paideia* helenista, junto com a valorização da Bíblia nos idiomas originais, levou a que se privilegiasse o estudo das línguas. Achava-se, inclusive, que as gramáticas latina e grega eram excelentes para formar a mente e o raciocínio, sobretudo quando combinadas com a matemática e a geometria. E o estudo dessas línguas servia ao mesmo tempo para instilar o socratismo, a ética estoica de Cícero e a história das civilizações antigas. Pois a história era considerada *magistra vitae*. Os matemáticos, físicos e geógrafos introduziram as ciências que posteriormente seriam chamadas de “exatas”. Criou-se, a partir dos jesuítas, um programa de estudos destinado a transformar os jovens em cristãos e cidadãos exemplares: mais humanos, *humanior* em latim. Daí o nome de “*humaniora*”, ou também “*les humanités, humanidades*”<sup>93</sup>. Desse modo, a formação humana foi assentada no duplo eixo de ciências e letras.

<sup>92</sup> LIMA, A. A., O espírito universitário, p.26: “A especialização e a cultura geral não se contradizem, se completam em todo verdadeiro sistema pedagógico.”

<sup>93</sup> FRANCA, L., O método pedagógico dos jesuítas, p. 55-6: “Que o *Ratio Studiorum* tenha sido elaborado com grande sabedoria e diligência invulgar é o que não se pode pôr em dúvida. Nem tampouco é possível contestar que, no seu conjunto, o seu plano de estudos se adapta bem às exigências do tempo; tudo o que tinha um valor no mundo científico do século XVI foi nele levado em consideração. Não duvido tampouco, que pela organização escolar, a Ordem tenha promovido eficazmente a difusão da cultura intelectual, e, em particular, o conhecimento das línguas clássicas nos países católicos, onde os jesuítas eram os mestres mais instruídos e mais zelosos.”

No século XIX, o conteúdo das ciências empíricas e exatas se tornou tão amplo e sua praticidade tão ou quiçá mais atraente que a das letras que culminou no divórcio entre ciências e letras. Ciências exatas e empíricas por um lado, ciências humanas por outro. Tal divisão, no entanto, suscita a pergunta: as primeiras seriam desumanas e as humanas seriam inexatas? Alguns, em vez de exatas, preferem o termo ciências positivas<sup>94</sup>. Hoje constata-se que a emancipação e dominância das ciências exatas, sobretudo em sua forma aplicada, estão intimamente ligadas a tendências utilitaristas, mercantilistas e capitalistas. A desvalorização pela qual passam as ciências humanas é a outra face da mesma moeda.<sup>95</sup> Nas ciências positivas deve estar incluída a reflexão sobre o humanismo, porém, no mundo pós-moderno não se pode desconsiderar a técnica que marca profundamente a vida da humanidade. A universidade deve assumir tanto as ciências positivas como as humanistas, a fim de que todas progridam em prol de um horizonte favorável ao humanismo integral. Do mesmo modo se deve procurar que a técnica esteja a serviço da pessoa humana de tal modo que se respeite a natureza, que é a “casa comum”<sup>96</sup> de todos. O cenário de divisão provoca dúvidas e incertezas em relação ao sentido da vida e ao futuro da humanidade, suscitando novos paradoxos: atinge-se uma consciência da complexidade da sociedade e da própria humanidade, em suas dimensões irreduzíveis e, ao mesmo tempo, reafirma-se a importância da responsabilidade humana ao lado de sua extrema fragilidade e impotência.<sup>97</sup>

Jacques Maritain viu, no humanismo que ele denomina “integral”, isto é, aberto ao transcendente, um antídoto contra os “absolutos” e os ídolos do antropocentrismo radical e, contemporâneo de duas guerras mundiais<sup>98</sup>, diz: “que exista um humanismo cristão é coisa normal e justa, mas suponho que o azedume jansenista e, do lado oposto, a prevenção antirreligiosa sejam os únicos a se irritarem”<sup>99</sup>. Na mesma linha encontra-se a visão de Emmanuel Levinas, que reage

<sup>94</sup> COMTE, A., Discurso sobre o espírito positivo. Os ideais da doutrina positivista de A. Comte se resumem em: Amor como princípio, Ordem como base e Progresso como objetivo, que inspiraram a proclamação da República no Brasil, em 1889, e os atos que a ela se sucederam, tais como: a separação entre Igreja e Estado, o estabelecimento do casamento civil, o fim do anonimato na imprensa e a reforma educacional.

<sup>95</sup> BENEDETTI, L. R., Entre pastoral e administração: dilema da universidade católica.

<sup>96</sup> *Laudato Si*, carta encíclica na qual o papa Francisco menciona já no subtítulo o “cuidado da casa comum”.

<sup>97</sup> MORIN, E., Os sete saberes necessários à educação do futuro.

<sup>98</sup> MARITAIN, J., Humanismo integral; MARITAIN, J., Os direitos do homem; MARITAIN, J., Princípios duma política humanista.

<sup>99</sup> MARITAIN, J., Por um humanismo cristão, p.45.

profundamente à egolatria da Modernidade e contra o humanismo centrado em torno do ego. Sua proposta é o “humanismo do outro homem”<sup>100</sup>, equivalente àquele que o mandamento bíblico do amor chama de “próximo” (Lc 10,25-37). É um humanismo em que não o “eu” se torna a medida de todas as coisas, mas o outro, que me afeta, me fere, com um apelo que é um vestígio de Deus que passa. É um humanismo em que o centro não é o “eu”, nem a subjetividade, mas o outro ser humano, que desde sua carência dirige ao outro o apelo que lhe dá verdadeira identidade como próximo e como ser para o outro. O apelo ao outro é o que torna a pessoa ética, para Levinas ser humano equivale a ser ético.<sup>101</sup>

Humanismo é, portanto, muito mais que o estudo dos idiomas latim e grego, ou outros aspectos da cultura clássica. Humanismo integral consiste na abertura ao pluralismo, à diversidade e a tudo o que é verdadeiramente humano e ao divino no humano. Há, ainda, uma grande tarefa para o humanismo tradicional quanto ao desenvolver a dignidade do ser humano, porém, o desafio é realizá-lo em um sentido menos individualista que o humanismo clássico. É necessário um humanismo para todos, a ser alcançado por meio de uma educação que seja, conforme a expressão do educador Paulo Freire, “verdadeiramente libertadora”<sup>102</sup>. Nessa perspectiva, Paulo Freire sistematiza a novidade da educação como prática da liberdade. Para ele, o caminho verdadeiramente cristão de um “um homem novo” só é possível em um “mundo novo”. Freire enfatiza que isso se alcança “convidando as pessoas a tirarem os véus da realidade, a descobrirem as verdadeiras causas de sua miséria e opressão”<sup>103</sup>. Segundo Freire, a “libertação” é um processo crítico de busca permanente que tem na esperança sua mola educativa, portanto, “uma teologia em que a esperança fosse uma espera sem busca, seria profundamente alienante, porque estaria considerando o homem como alguém que tenha renunciado a sua práxis no mundo; negaria o homem como ser da transformação e negaria ainda a própria salvação como busca na conversão”<sup>104</sup>. O ser humano, mesmo na sua condição de limitado, tem uma coparticipação na obra divina, ele é ser de decisões livres que se humanizam na história. Paulo Freire diz que a educação

<sup>100</sup> LÉVINAS, E., Humanismo do outro homem, p.55-7.

<sup>101</sup> LÉVINAS, E., Totalidade e infinito, p.28.

<sup>102</sup> FREIRE, P., Pedagogia do oprimido; FREIRE, P., Conscientização: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.

<sup>103</sup> FREIRE, P., Terceiro mundo e teologia: carta a um jovem teólogo, p.88.

<sup>104</sup> FREIRE, P., Terceiro mundo e teologia: carta a um jovem teólogo, p.89.

“é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não é fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”<sup>105</sup>. Nesse sentido, cabe a questão sobre a politização da educação, será ela neutra ou defende um determinado projeto? Essa questão é atualmente muito pertinente, pois, no Brasil, muito se tem discutido sobre a questão da assim chamada “escola sem partido”. A propósito escreveu A. A. Lima há algumas décadas: “Essa politização da juventude universitária não é, em si, nem democrática nem antidemocrática. Não existe, é curioso observá-lo, nem na Rússia nem nos EUA. Nem na Espanha nem na Inglaterra. Na Rússia, os meios universitários são mantidos dentro do mais rigoroso autoritarismo”<sup>106</sup>. Segundo P. Freire “a raiz mais profunda da politicidade da educação se acha na educabilidade mesma do ser humano, que se funda na sua natureza inacabada e da qual se tornou consciente”<sup>107</sup>.

A conscientização, enquanto empoderamento diante da realidade, afirma a superação da consciência oprimida em vista de uma consciência crítica e fundamentada no dever do ser humano que, como ser histórico, cria, recria e transforma a realidade concreta como compromisso utópico de humanização da vida.<sup>108</sup> O medo da liberdade supera-se no coletivo: “é algo muito difícil, porque ninguém dá liberdade a ninguém, ninguém liberta ninguém e ninguém se liberta sozinho. Os homens só se libertam em comunhão, mediatizados por uma realidade que eles devem transformar”<sup>109</sup>. Conscientizar-se é humanizar-se na comunhão humana, é um processo permanente que faz renascer e é o que torna os seres humanos de fato livres<sup>110</sup>.

O humanismo integral, cristão e crístico, não deve ser jamais uma exaltação egoísta da própria subjetividade, mas sim uma descida até o outro, especialmente o mais necessitado. Fazendo isso é que se está sendo verdadeiramente humano. O humanismo cristão realça o valor do ser humano enquanto pessoa, como princípio autônomo e individual de consciência, responsabilidade, mas, simultaneamente, aberto à plenitude do ser. A universidade católica tem, entre muitos outros, o

<sup>105</sup> FREIRE, P., Educação como prática da liberdade, p.104.

<sup>106</sup> LIMA, A. A., Pelo humanismo ameaçado, p.65.

<sup>107</sup> FREIRE, P., Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa, p.110.

<sup>108</sup> FREIRE, P., Conscientizar para libertar, p.117: “A utopia é a palavra verdadeira, é a dialética entre o ato de denúncia do mundo que desumaniza e o anúncio do mundo que humaniza”; HERKENHOFF, J. B., Direitos Humanos: a construção universal de uma utopia, p.131.

<sup>109</sup> FREIRE, P., Conscientizar para libertar, p.103; a mesma afirmação do autor encontra-se na obra FREIRE, P., A Pedagogia do oprimido, p.71.

<sup>110</sup> BOBBIO, N., A era dos direitos, p.25.

desafio de trabalhar os conhecimentos oriundos das “ciências naturais” a fim de ressituar a condição humana no mundo e das “ciências humanas” para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar a “contribuição das humanidades”. Um humanismo digno desse nome deve culminar em uma visão do ser humano a fim de gerar uma cultura capaz de permitir uma convivência que favoreça a humanização<sup>111</sup>. Compete à universidade católica possibilitar que o ser humano nela presente reflita sobre a sua própria complexidade, sua origem, seu lugar no cosmos e sua corresponsabilidade com esse mundo no qual habita, sua natureza material, sua transcendência, sua diversidade e a convivência social. A universidade católica tem como desafio se empenhar na redefinição do humanismo em vista que esse se situe na cultura atual e contribua eficazmente para a sua humanização. Trata-se de pôr a pessoa humana, seu lugar no mundo, sua vida social e política como referência.

Os limites da cultura atual, assinalada pela globalização, podem paradoxalmente constituir uma oportunidade para repensar o humanismo, uma vez que crentes e não crentes, intelectuais, gente com escassa formação acadêmica todos são igualmente instados a mutuamente colaborarem na busca fundamental para a sobrevivência humana neste tempo de mudanças aceleradas que clama pela fundamentação de valores éticos calcados em bases sólidas. Trabalhar a cultura objetivando plasmar uma visão mais humanizadora é, certamente, uma das mais sublimes tarefas da universidade católica atual, enquanto imersa em um contexto no qual o ser humano é, frequentemente, pensado apenas como um recurso a serviço do mercado ou convertido em um espetáculo a ser explorado pelos meios de comunicação de massa.<sup>112</sup>

A sustentação da identidade e da missão evangelizadoras da universidade católica tem, entre outros fundamentos, a concepção do ser humano como pessoa. O conceito de pessoa, baseado na fé e na razão, exprime, necessariamente, uma concepção integral, includente e dialógica do ser humano, cuja compreensão como pessoa constitui um referencial fundante, comum e orientador do diálogo inter e

---

<sup>111</sup> TEILHARD-DE-CHARDIN, O Fenômeno Humano, p. 168: “O Homem - é o mais misterioso e o mais desconcertante dos objectos com que a Ciência depara. E de facto, temos de confessá-lo, a Ciência não lhe encontrou ainda um lugar nas suas representações do Universo”.

<sup>112</sup> MELLER, P., Universitários: el problema no es el lucro sino el mercado!, p.177; SIBILIA, P., La intimidad como espectáculo.

transdisciplinar, dos projetos acadêmicos e administrativos que compõem a comunidade educacional na universidade católica atual.

### 3

## O momento do *ver*, a percepção da realidade da missão evangelizadora da universidade católica

A partir do método *ver-julgar-agir*, neste capítulo iremos *ver* a realidade relacionada à missão evangelizadora da universidade católica. Em um primeiro momento, iremos considerar os principais documentos eclesiais, em seguida considerar a missão, o núcleo e a dimensão comunitária da universidade à luz da *ECE*. Após, iremos *ver* a realidade da missão de evangelizar na universidade a partir de cada uma das linhas mestras que compõem os núcleos temáticos extraídos da *ECE*. Elencaremos, neste capítulo, algumas questões que constituem desafios atuais quanto à realidade da missão evangelizadora da universidade católica. Sublinharemos limites e fragilidades e, por fim, iremos considerar alguns desafios postos à missão evangelizadora da universidade católica advindos da realidade da atual geração dos universitários.

### 3.1

#### Os principais documentos eclesiais sobre a missão evangelizadora da Igreja no contexto da universidade católica

Educação e evangelização são ambas dimensões eclesiais, que devem estar sempre integradas, pois, embora distintas, são complementares. O processo de evangelização na universidade católica é também eclesial e, por isso, necessita manter o caráter de continuidade histórica do itinerário de promoção da vida pela fé, iniciado com Jesus, no mundo e para o mundo. Partimos da constatação de que se faz necessária a superação de uma ciência fragmentária e da reivindicação de uma educação integral, comprometida com o desenvolvimento harmônico das qualidades do ser humano, a propósito afirma S. Mendonça:

Educar é atitude, mas não qualquer atitude. A atitude esperada da Educação Católica é aquela que considera o despertar da consciência do estudante para a beleza da vida e do mundo e isto ocorre quando se sai de si, quando se se coloca no lugar e condição do interlocutor, seja jovem ou adulto, quando se assume a escuta como lugar de reconhecimento da vida do outro e, em última instância, quando o outro não é considerando distante, mas, um irmão a ser orientado<sup>113</sup>.

---

<sup>113</sup> MENDONÇA, S., Educação católica, ciências e educação, p.71.

A apresentação sucinta dos principais documentos eclesiais sobre a missão evangelizadora da universidade católica irá privilegiar o aspecto “evangelização e cultura”. Há outros documentos, que fazem menção, implícita ou explicitamente, a essa temática e que mencionaremos em outros momentos, como, por exemplo, o Documento de Aparecida, já mencionado no capítulo anterior no contexto da apresentação e da descrição do método utilizado na investigação. Aqui, nos restringimos a alguns considerados nucleares: o documento de *Buga*, a Declaração *Gravissimum Educationis*, do CV II; a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, apresentada pelo papa Paulo VI, a Exortação Apostólica *Ecclesia in America* de autoria de João Paulo II e as Constituições Apostólicas do mesmo pontífice, *Sapientia Christiana*, que discorre sobre as universidades e faculdades eclesiais e a *ECE*, que prossegue e amplia a anterior. No dia 29 de janeiro de 2018, o papa Francisco apresentou a Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*, o documento dos três Dicastérios – Educação Católica, Leigos e Cultura –, *Presença da Igreja na Universidade e na cultura universitária*, e o escrito do Conselho Pontifício para a Cultura, *Para uma Pastoral da Cultura*.

*La Misión de la Universidad Católica en América Latina* é um documento do CELAM conhecido também como documento de *Buga*, pois foi concebido nesta cidade na Colômbia, de 12 a 18 de fevereiro de 1967. Trata-se da primeira iniciativa assumida colegiadamente pelo episcopado latino-americano no setor da pastoral universitária. O documento expõe uma visão cristã da cultura, a missão da Igreja na universidade, a própria universidade católica, a responsabilidade das universidades católicas e indicações práticas.

A Declaração *Gravissimum Educationis* (*GE*), escrita em 1965, aborda questões que podem ser apresentadas graças aos avanços das ciências e do diálogo entre religiões cristãs e não cristãs. Oferece orientações gerais sobre a educação católica, sobre as faculdades e universidades católicas, ressaltando que a fé e a razão caminham harmonicamente rumo à verdade. Afirma que é compromisso da Igreja dar a seus filhos a melhor educação e ajudar todos os povos a promoverem a pessoa para o bem da sociedade; exorta rumo ao cultivo da verdade e da caridade, conforme cada cultura, e incentiva aos mestres a darem testemunho com a sua vida e com a doutrina, cujo fundamento provém do único mestre: Jesus Cristo. A Declaração tem em conta o pluralismo que caracteriza a sociedade moderna, intenta favorecer o

respeito pela liberdade religiosa e à educação conforme os princípios morais e religiosos das famílias. A Igreja tem direito a estabelecer e dirigir escolas com a finalidade de contribuir para a liberdade de consciência, proteção das famílias e progresso da cultura (*GE* Proêmio 1.3.7.8.10.12) O documento, no entanto, não faz menção explícita à missão evangelizadora da universidade católica. A Declaração *Gravissimum Educationis* tinha por objetivo chamar a atenção de todos os batizados para a importância da questão educativa. O documento, que pretendia fornecer algumas orientações básicas sobre os problemas da educação, deve ser enquadrado no conjunto do ensinamento conciliar e lido junto com os outros textos aprovados pelo CV II. A *Gravissimum Educationis*, como consta na sua introdução, não deve ser vista como a resposta definitiva para todos os problemas da educação, mas como um documento que foi entregue a uma especial Comissão pós-conciliar – que se tornou a Seção das Escolas da Congregação para a Educação Católica –, com o objetivo de desenvolver ulteriormente os princípios da educação cristã, e também às Conferências Episcopais para aplicá-los às diversas situações locais.

A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (*EN*), apresentada por Paulo VI em 1975, diz que evangelizar é “levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade” (*EN* n.18). Diz também que “a evangelização se dá através do testemunho e do anúncio explícito do Evangelho” (*EN* n.21 e 22). Ligada a essa ação está a evangelização da cultura. A ruptura entre Evangelho e cultura é, sem dúvida, o drama de nossa época, é imperativo fazer todos os esforços para que as culturas sejam regeneradas mediante o impacto da Boa Nova (*EN* n.20). Paulo VI propõe a evangelização da cultura como palavra de ordem. Isso significa transformar a “cultura de morte” em que estamos mergulhados em cultura de vida. Essa evangelização deve ser inculturada, o que significa apresentar o Evangelho e a experiência cristã de maneira inteligível a cada cultura, suscitando o desenvolvimento de valores cristãos de modo recíproco. A missão de evangelizar, portanto, exige não apenas que o Evangelho seja pregado em espaços geográficos cada vez mais vastos e a multidões de homens sempre maiores, mas que sejam também impregnados pela virtude do mesmo Evangelho os modos de pensar, os critérios de julgar e as normas de agir; numa palavra, é necessário que toda a cultura do homem seja penetrada pelo Evangelho (*EN* n.19 e 20) .

A Constituição Apostólica *Sapientia Christiana* foi elaborada pelo papa Paulo VI, porém, só foi promulgada por João Paulo II em 1979. Seu conteúdo principal se caracteriza pela brecha existente entre fé e cultura como está expresso:

O ambiente cultural em que vive o homem exerce uma grande influência no seu modo de pensar e, conseqüentemente, na sua maneira de agir; por isso o dissídio entre a fé e a cultura constitui um não pequeno obstáculo para a evangelização, ao passo que uma cultura imbuída de espírito cristão favorece a difusão do Evangelho. Além disso o Evangelho de Cristo, que é destinado a todos os povos de todos os tempos e de todas as latitudes, não está ligado de modo exclusivo a nenhuma cultura particular, mas sim pode permear todas as culturas para iluminá-las com a luz da Revelação divina e purificar em Cristo os costumes dos homens. (*SCh* Proêmio I)

Igualmente, outros problemas da sociedade, como os gerados pelo desenvolvimento das novas ciências, as novas invenções e o ateísmo contemporâneo requerem a evangelização da cultura e assinalam o papel importante que tem a universidade católica e os centros eclesiais de educação superior, cujo impulso tem sido dado desde o CV II. A *Sapientia Christiana* acentua que nesses centros de estudos se deve pôr especial atenção ao desenvolvimento das ciências e a investigação nas ciências sagradas à luz da verdade revelada e no contato com a realidade, estabelecendo entre ambas um diálogo permanente (Proêmio III e artigo 69). A Constituição Apostólica formula leis e normas para as universidades e faculdades eclesiais que estão sob a autoridade da Sagrada Congregação para a Educação Católica.

A Constituição Apostólica *ECE* apresentada em 1990 por João Paulo II constitui uma “carta magna” para o estabelecimento da identidade e da missão da universidade católica, por esse motivo é o ponto de partida e uma das principais referências na presente investigação. A *ECE* apresenta a universidade católica como a presença da Igreja no mundo intelectual e universitário para desenvolver sua missão evangelizadora em diálogo com a cultura e entre a fé e a razão. A primeira parte do documento trata da “identidade e missão” de forma mais inspiradora (baseadas no Concílio Vaticano II e na tradição da Igreja), a segunda parte propõe “Normas gerais” (baseadas no Direito Canônico, Art. 1, 1). Na primeira parte, por sua vez, há dois temas didaticamente distintos, embora interligados, que são a Identidade (n.12-29) e a Missão (n.30 a 49) da universidade católica.

O documento *Presença da Igreja na Universidade e na cultura universitária*, escrito em 1994, sublinha a existência de problemas que são internos à própria

universidade católica, tais como a dificuldade que professores têm para orientar os estudantes a partir de valores humanos e mais ainda espirituais<sup>114</sup>. O documento já no início enfatiza que:

A Universidade e, dum modo geral, a cultura universitária constituem uma realidade de importância decisiva. Estão em causa questões vitais neste campo e as profundas mudanças culturais com consequências desconcertantes suscitam novos desafios. A Igreja deve tê-los em conta na sua missão de anunciar o Evangelho.<sup>115</sup>

O documento acena para a crise institucional visibilizada no colapso das ideologias, no crescente questionamento da autoridade do mestre, na massificação devido ao aumento no número de estudantes, o pessimismo frente às perspectivas profissionais, o positivismo científico e no outro extremo o liberalismo relativista. Tudo isso constitui desafios à missão da Igreja na universidade que, é antes de mais nada, anunciar o Evangelho. Esses desafios presentes na universidade católica exigem atitudes tais como consultas, diálogo e depois linhas orientadoras. Entre essas linhas merece destaque o apostolado dos leigos, especialmente dos professores, o estudo dos graves problemas atuais para buscar soluções à luz da fé e priorizando uma visão cristã do ser humano, criação de equipes de pastoral universitária bem preparadas, departamentos de ciências religiosas, cursos de ética, promoção do diálogo entre intelectuais e iniciativas interdisciplinares, acompanhamento de jovens para a interação com a realidade.

A carta encíclica *Fides et Ratio*, de 1998, cuja temática é focada na busca da verdade, da inter-relação intrínseca entre fé e razão, é de suma importância para a compreensão da missão evangelizadora da universidade católica no atual momento histórico marcado pelos efeitos da pós-modernidade, caracterizada por inúmeras incertezas. Frente à multiplicidade de significantes, é válido considerar a plausibilidade e a lucidez com a qual o papa João Paulo II se referiu a esse momento histórico e suas implicações para a fé e a razão:

A nossa época foi definida por certos pensadores como a época da pós-modernidade. Este termo, não raramente usado em contextos muito distanciados entre si, designa a aparição de um conjunto de fatores novos, que, pela sua extensão e eficácia, se revelaram capazes de determinar mudanças significativas e duradouras. (...) Uma

<sup>114</sup> CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA et al., Presença da Igreja na Universidade e na cultura universitária, Proêmio 1,2.

<sup>115</sup> CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA et al., Presença da Igreja na Universidade e na cultura universitária, Nota preliminar.

coisa, todavia, é certa: as correntes de pensamento que fazem referência à pós-modernidade merecem adequada atenção. Segundo algumas delas, de fato, o tempo das certezas teria irremediavelmente passado, o homem deveria finalmente aprender a viver num horizonte de ausência total de sentido, sob o signo do provisório e do efêmero. Muitos autores, na sua crítica demolidora de toda a certeza e ignorando as devidas distinções, contestam inclusivamente as certezas da fé. (FR n.91)

A Exortação Apostólica *Ecclesia in America*, de autoria de João Paulo II, no ano de 1999, apresenta a educação como um dos meios fundamentais para a evangelização das culturas. João Paulo II ressalta a importância da referência constante a Jesus Cristo e sua mensagem na educação, para que seja “possível formar dirigentes autenticamente cristãos nos mais diversos campos da atividade humana e da sociedade, especialmente na política, na economia, na ciência, na arte e na reflexão filosófica” (EA n.21).

O documento *Para uma Pastoral da Cultura*, do Conselho Pontifício da Cultura, em 1999, menciona a necessidade de novos areópagos que podem conflitar com as situações culturais tradicionais. A ciência, a bioética, a ecologia, os meios de comunicação, as tecnologias da informação, tudo isso se apresenta como novos lugares de evangelização nos quais a fé tem o desafio de propor valores cristãos e, desse modo, realizar a inculturação. O documento assinala como os centros culturais católicos têm um papel decisivo e de protagonismo na evangelização da cultura. O ser humano se encontra necessariamente imerso em uma cultura, por isso a cultura é o meio pelo qual se pode chegar a ele. O documento alude a uma necessária “ruptura” cultural a ser feita a fim de possibilitar a abertura ao ser transcendente – Deus – que o habita. Cita como exemplo, o típico caso originário de Abraão, patriarca que foi marcado por uma ruptura cultural realizada pela fé que possibilitou a criação do “povo de Deus”, cujo cume é a cruz de Jesus Cristo, de onde nascem dois novos constitutivos fundamentais: a pessoa e o amor.<sup>116</sup> Esse documento, no entanto, não contempla diretamente a missão evangelizadora da universidade católica.

Na Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*, o papa Francisco apresenta uma nova perspectiva para as universidades e faculdades eclesiais perante a globalização e a necessidade de uma Igreja “em saída”. O mundo está cada vez mais globalizado e igualmente permeado por discórdias, incompreensões e conflitos, porém, constata-se uma crescente preocupação das pessoas de boa vontade com o

---

<sup>116</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA, *Para uma Pastoral da Cultura*, 3,14.

diálogo entre os povos e as culturas. Neste contexto, o papa Francisco salientou, já na *Evangelii Gaudium*<sup>117</sup>, que as universidades têm um papel especial, pois possibilitam o diálogo com a cultura, a interdisciplinaridade e a inclusão: “o individualismo pós-moderno e globalizado favorece o estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares” (EG n.67). Afirma ainda que “o anúncio às culturas implica também um anúncio às culturas profissionais, científicas e acadêmicas” (EG n.132). “As universidades são um âmbito privilegiado para pensar e desenvolver este compromisso de evangelização de modo interdisciplinar e inclusivo” (EG n.134). Na *Veritatis Gaudium* Francisco ressalta a importância da transdisciplinaridade na investigação acadêmica:

De fato, hoje, torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais. É necessário chegar onde são concebidas as novas histórias e paradigmas (...) A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade exercidas com sabedoria e criatividade à luz da Revelação. O que qualifica a proposta acadêmica, formativa e de investigação do sistema dos estudos eclesiais, tanto em nível do conteúdo como do método, é o princípio vital e intelectual da unidade do saber na distinção e respeito pelas suas múltiplas, conexas e convergentes expressões. (VG, Proêmio; EG n.74).

No Brasil, o Setor Universidades da CNBB publicou, em 2013, *Estudos da CNBB 102: O seguimento de Jesus Cristo e a ação evangelizadora no âmbito universitário*. Esse documento já foi submetido a um processo de revisão, pois os representantes dos principais dispositivos pastorais na universidade (Regionais da CNBB, movimentos eclesiais, IES católicas, ANEC e outros) chegaram à conclusão de que necessitaria ser atualizado, levando em consideração as inúmeras transformações ocorridas nos cenários eclesial e universitário, no Brasil e no mundo, no decorrer dos últimos cinco anos, o resultado foi a publicação em 2019 de uma nova edição com o título: *Estudos da CNBB 112: Setor Universidades da Igreja no Brasil: identidade e missão*. Alguns anos antes, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2008-2010), em sintonia com Aparecida, apresentam princípios que constituem desafios e compromisso missionário nos “novos areópagos”:

---

<sup>117</sup> A Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* não é um documento dirigido exclusivamente à missão da Igreja na universidade católica, mas, é um discurso programático de todo o pontificado de Francisco.

A sensibilidade para a missão, a solidariedade e o compromisso sócio transformador levam a Igreja a assumir novas realidades que marcam a vida do povo brasileiro (...) entre os novos aréopagos, podemos destacar o mundo das culturas, a realidade urbana, o mundo da educação. (n.191)

Ainda o mesmo documento da CNBB ressalta que:

o empenho da Igreja pela promoção humana e pela justiça social exige, também, um amplo e decidido esforço para educar a comunidade eclesial como um todo no conhecimento da Doutrina Social da Igreja como decorrência ética imprescindível da própria fé cristã. (n.197)

Posteriormente, nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2011-2015), a CNBB destaca a importância do diálogo inter-religioso, a ser entendido como “o encontro fraterno e respeitoso com os seguidores de religiões não cristãs e com todas as pessoas empenhadas na busca da justiça na construção da fraternidade universal”<sup>118</sup>.

Em todos esses documentos eclesiais, fica de diversos modos evidenciada a preocupação da Igreja com a educação católica, que faz parte do mundo da educação como um todo, permeia o entendimento eclesial mundial e, por isso, a exigência que seja de boa qualidade e efetivada desde o testemunho cristão dos educadores. Deve levar em consideração, antes de tudo, as pessoas, o ser humano enquanto filho amado de Deus, preocupação que continua bastante presente no pontificado do papa Francisco. Em relação aos problemas existentes no mundo de hoje, a universidade católica tem se tornado paulatinamente mais sensível e consciente de que está a serviço da sociedade. Esses desafios vão surgindo da própria dinâmica social, do pluralismo cultural, do desenvolvimento das ciências, dos descobrimentos, da liberdade de consciência e religiosa, da superação de rupturas, como entre a fé e as dimensões culturais, da perda da valorização da dignidade da vida humana e do incremento da injustiça nos campos social, político e econômico. Por isso, se põe questionamentos, intencionais ou não, explícitos ou apenas inferidos, sobre a evangelização da cultura, mediante um decisivo diálogo com a fé cristã, que deve ser realizado por pessoas capazes de integrar competência científica com a busca de uma vivência cristã.

---

<sup>118</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, p.71.

Nos documentos eclesiais, não se encontram receitas prontas e acabadas sobre a realização da missão evangelizadora da universidade católica, porém, eles evidenciam a importância de se ter o fundamento no Evangelho e em Jesus Cristo, apresentado como caminho, verdade e vida, e expressam a preocupação do Magistério pela formação do ser humano, com especial atenção para com a juventude, faixa etária na qual se encontra a maioria dos universitários.

A sociedade, principalmente as juventudes, com novas dinâmicas de desenvolvimento, apresenta novos desafios à Igreja e, particularmente, à universidade católica enquanto espaço de diálogo e lugar de se concretizar a missão evangelizadora da Igreja. A universidade católica e em particular a pastoral universitária e a teologia se deparam com a obrigação de desenvolver ou pelo menos interagir com novas antropologias e novas epistemologias. O pluralismo cultural e a liberdade religiosa estão cada vez mais presentes e se fazem visíveis na difusão de doutrinas e religiões diversas, incluindo o agnosticismo, o ateísmo e o indiferentismo religioso. Não é raro a opção de considerar esse cenário apenas como ameaça à missão evangelizadora, uma visão que tem como consequência atitude defensiva que conduz ao fechamento e à paralisia. A perspectiva dessa nossa investigação é de otimismo em relação à necessidade e à viabilidade de reflexão, promovendo a investigação e um diálogo cada vez mais amplo e profícuo.

### 3.2

#### **Evangelização e pastoral na universidade católica**

A fim de compreender o que seja e como se deve realizar a missão evangelizadora da universidade católica, é necessário que se tenha, antes de tudo, clareza quanto aos conceitos “evangelização” e “pastoral”, que são muitas vezes empregados como sinônimos. No entanto, apesar da proximidade, não são idênticos.

Mesmo depois do CV II, muitos cristãos ainda prosseguiram com a concepção que evangelizar restringia-se ao anúncio do querigma cristão, à proclamação de Jesus Cristo como Filho de Deus, único salvador da humanidade, por meio de sua morte e ressurreição. A partir do Sínodo dos Bispos de 1974<sup>119</sup> e o subsequente documento apresentado por Paulo VI, a *Evangelii Nuntiandi*, é que foram se abrindo

---

<sup>119</sup> SÍNODO de 1974, A evangelização no mundo de hoje, p.6, 10, 74-75.

novos horizontes de compreensão do que é a evangelização e do que é a pastoral. Esse documento enfatizou a necessidade de se criar laços de proximidade com quem se evangeliza, a fim de que o Evangelho penetre as culturas.

Evangelizar significa, simultaneamente, testemunhar e anunciar o Evangelho, que é um vocábulo de origem grega, cujo significado etimológico é dar boa notícia. Para os cristãos, o conteúdo desta boa notícia é a mensagem de Jesus Cristo, seus ensinamentos e a fé em sua ressurreição. Conforme a Sagrada Escritura, já no nascimento de Cristo, os anjos apresentam-se como os primeiros evangelizadores (Lc 2,10s) e durante toda a vida pública de Jesus se vê a tônica do anúncio de uma grande notícia, uma realidade inédita, cujo início de realização é a própria pessoa dele. O conteúdo de tal anúncio é o Reino de Deus (Mc 1,15; Mt 13), que deve ser construído ao longo da história. Jesus ressuscitado prescreve aos apóstolos ir anunciar a todos os povos o Evangelho da Salvação, indicando que compete aos discípulos e aos apóstolos irem pelo mundo afora anunciar essa notícia a todos os povos, raças e culturas.<sup>120</sup> Evangelização encarna toda a atividade eclesial sendo, portanto, um conceito tão amplo quanto o agir da Igreja. Compreende toda e qualquer ação que o cristão estabelece para viver os princípios e os ensinamentos do cristianismo em sua realidade prática, sendo também o conjunto de todas as ações da Igreja em vistas da atualização do mandato de Jesus de levar, a todas as pessoas, a novidade de sua mensagem de amor e fraternidade<sup>121</sup>.

Segundo o papa Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* evangelizar significa “levar a Boa Nova a todos os ambientes da humanidade e, com o seu influxo, transformar desde dentro, renovar a própria humanidade” (n.18). Diz ainda Paulo VI, na mesma exortação, que “evangelização é testemunho, anúncio explícito, adesão do coração, entrada na comunidade, acolhida dos sinais, iniciativa do apostolado” (n.24). Na *Evangelii Nuntiandi*, o conceito “evangelização” tem um sentido amplo, afirma que a Igreja existe para evangelizar, isto é, para anunciar e ensinar, ser canal e dom da graça divina, cumprindo a função de reconciliar os pecadores com Deus. A evangelização é, portanto, uma realidade dinâmica que requer o testemunho de

<sup>120</sup> O mandado de Jesus é missionário, considerando que “missão” provém do latim *missio,ōnis*, cujo significado é a ação de enviar: “Ide e evangelizai a toda criatura” Mc 16,15; também em: *Evangelii Nuntiandi*, n.13; LIBANIO, J. B., *Evangelização e libertação*, p.13.

<sup>121</sup> MORAES, A., *O anúncio do Evangelho na atualidade*, p.36: “Paulo VI entendia que a evangelização é o processo total mediante o qual a Igreja anuncia o Evangelho do Reino de Deus, dando testemunho do novo modo de ver e ser inaugurado por Jesus Cristo”.

vida; o anúncio explícito; a adesão do coração; a inserção na comunidade; o acolhimento dos sinais e dos sacramentos; a transformação e a renovação da humanidade<sup>122</sup>. Além de anúncio da vida, da mensagem de Jesus, de sua ressurreição o é igualmente de sua promessa da vinda do Reino de Deus. Evangelização diz respeito a tudo o que edifica o Reino de Deus, entendido como a expressão bíblica de uma realidade construída de acordo com o projeto do Reino de Deus, que é um mundo fundamentado no amor, na justiça e na paz, no qual as pessoas vivam a fraternidade com a consciência que são destinadas à comunhão eterna com Deus<sup>123</sup>. A evangelização pressupõe a experiência pessoal de encontro e seguimento da proposta de Jesus, portanto, antes de se tornar evangelizador é imprescindível deixar-se evangelizar<sup>124</sup>.

O termo “pastoral” diz respeito ao empenho de organizar as ações evangelizadoras dos cristãos e está ligado a realidades específicas, a necessidades prementes, faz uso de meios adequados para se chegar a fins predeterminados. Compete à pastoral cuidar da organicidade e da processualidade das ações evangelizadoras dos cristãos.

Pastoral cumpre a tarefa de concretizar setorizando o processo de evangelização<sup>125</sup>. Pastoral<sup>126</sup> forma parte do processo de evangelização e está referida a uma comunidade guiada de algum modo por um pastor<sup>127</sup>. Pastoral evoca a ideia de acompanhar, doutrinar, ensinar, conduzir. A tradição cristã utiliza a metáfora do pastor de ovelhas para simbolizar o cuidado de Deus pelos seres humanos. Jesus é apresentado como “o bom pastor, aquele que dá a vida por suas ovelhas” (Jo 10,11), a imagem do pastor entrou na teologia da Igreja através da tradição bíblica (Sl 23). É lá que se encontra a origem que deve iluminar a compreensão de pastoral. O povo de Israel encontrava no cultivo do rebanho de ovelhas a sua principal fonte de sustento e de subsistência, e, mais que isso, a ovelha

<sup>122</sup> CNBB, Para uma pastoral da educação, p. 27.

<sup>123</sup> Jesus fazia referência ao “Reino” porque expressava a experiência política de Israel de então, tratava-se, portanto de uma linguagem acessível a todos.

<sup>124</sup> CNBB, Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, n.61.

<sup>125</sup> NAVARRO, N., La evangelización en el mundo universitario, Medellín, Itepalcelam, p.120, 2001; MIRANDA, M. F., Em vista da nova evangelização, p.13-34, 2013.

<sup>126</sup> LIBANIO, J. B., O que é Pastoral. p.14: “A etimologia de ‘pastoral’ nos permite perceber que está ligada com a raiz ‘pastor’. Qualquer ação pastoral tem a ver com ação própria de um pastor.”; BRIGHENTI, A., Pastoral dá o que pensar; SZENTMARTONI, M., Introdução à teologia pastoral; CNBB, Pastoral Universitária: Documentos e Conferências; CNBB, Diretrizes e normas para as universidades católicas: Evangelização e universidades.

<sup>127</sup> CNBB, Cultura e fé: um olhar pastoral interdisciplinar, p. 10.

era também um dos principais animais utilizados no sistema de sacrifício religioso (Lv 14,13). Em termos teológicos, a pastoral é a ação evangelizadora organizada da Igreja no mundo. Pastoral remete à práxis, que é ação transformadora, porém, articulada com a reflexão, práxis não é, como comumente se afirma, um simples sinônimo de prática, de ação ou comportamento. Não é o oposto de teoria. Práxis é aqui entendida como uma forma concreta de desempenho histórico; é o agir consciente da história. A práxis cristã é a concretização consciente na vida do alcance ético-histórico da fé.<sup>128</sup> A pastoral pressupõe atenção à realidade concreta das pessoas, é a práxis cristã que visa responder aos apelos da realidade no cotidiano das pessoas, nos seus contextos vitais. Ela é a inter-relação do pastor com o rebanho. No contexto da universidade católica, a pastoral é acompanhada do adjetivo “universitária”<sup>129</sup>. A pastoral universitária é uma ação e, simultaneamente, uma atitude inspirada no único e verdadeiro pastor que é Jesus Cristo, cuja atividade incluiu o cuidado e o compadecimento das pessoas que se encontravam carentes de orientação e de sentido para a vida, vivendo como “ovelhas sem pastor” (Mt 9,36). Por pastoral universitária pode ser entendido o aspecto subjetivo pastoral “de universitários”, que consiste na atenção pastoral junto aos estudantes e aos que trabalham na universidade, e o aspecto objetivo, a pastoral universitária enquanto evangelização da cultura universitária. Portanto, a pastoral universitária é uma pastoral da inteligência<sup>130</sup> e de serviço à verdade que é a *diakonia* da verdade (FR n.2). A fé que a Igreja anuncia deve impregnar o coração e a inteligência do ser humano, deve ser pensada e vivida, isso faz parte da inteligência da fé. Na mesma linha, o papa Bento XVI incentiva propor uma

“pastoral da inteligência” e mais amplamente da pessoa e que tome a sério as interrogações dos jovens – tanto as existenciais como as que brotam do confronto com as formas de racionalidade atualmente generalizadas, a fim de ajudá-los a encontrar as respostas cristãs válidas e pertinentes.<sup>131</sup>

<sup>128</sup> AZEVEDO, M. C., *Entroncamentos e entrechoques*, p.144.

<sup>129</sup> GUSSO, E. C., *Pastoral Universitária*, p.26: “A formação do cristão universitário é específica e não pode ser confundida com a formação genérica do jovem cristão”; KONINGS, J., *Pastoral Universitária*, p.12: “A PU considera os próprios universitários como sujeitos da pastoral”; JUNQUEIRA, S. R. A., *A Identidade Pedagógica da Pastoral na universidade católica*.

<sup>130</sup> Documento de la submission episcopal de universidades de la conferencia episcopal espanola (1995). *Orientaciones de Pastoral universitaria en el ambito de la pastoral de la cultura*. Disponível em: [https://conferenciaepiscopal.es/wp-content/uploads/2010/01/comisiones\\_seminarios\\_universidades\\_1995OrientacionesPastoralUniversitaria.PDF](https://conferenciaepiscopal.es/wp-content/uploads/2010/01/comisiones_seminarios_universidades_1995OrientacionesPastoralUniversitaria.PDF) Acesso em: 2 dez 2018.

<sup>131</sup> BENTO XVI, *Discurso aos participantes da Assembleia eclesial da diocese de Roma, na Basílica de São João de Latrão*, em 5 de junho de 2006.

Nos últimos anos, tem havido empenho para agregar valor ao conceito de pastoral, uma vez que esse sofreu um certo desgaste devido à sua estreita ligação com a confessionalidade no contexto de secularização e ou, pelo menos, de pluralidade e de diversidade. Evangelizar e fazer pastoral em uma universidade, sobretudo nos tempos atuais, é muito diferente da pastoral tradicional baseada apenas no anúncio querigmático ou nas celebrações sacramentais; não obstante a sua inegável importância, tais se revelam cada vez mais insuficientes para se atingir as grandes questões próprias do ambiente universitário, que exige uma atitude pastoral evangelizadora que inclua reflexão e anúncio configurados além de uma atuação paroquial.

É urgente a necessidade de uma pastoral dinâmica, atuante, inovadora quanto às suas propostas e comprometida com a realidade sócio-política-econômica e cultural. Trata-se não apenas de uma ação pastoral pontual e esporádica, mas, uma universidade em pastoral<sup>132</sup>. Constata-se o esforço expresso na tentativa de se falar de “universidade em pastoral”, expressão entendida como a atividade das IES no sentido de realizar uma educação que auxilie os estudantes a irem além da competência profissional e a estarem abertos à solidariedade. Todavia, o termo “pastoral” continua ainda ressoando como algo apenas relacionado ou restrito a Igrejas, afastando pessoas que atuam nas IES que temem a ingerência demasiada do elemento religioso sobre o exercício da razão e da pesquisa científica.

Uma outra tentativa, em vistas de romper com o peso do aspecto estritamente religioso, consiste no desafio de reelaborar o conceito e, conseqüentemente, também a respectiva prática. Em vez de pastoral, J. M. Oliveira e C. Theobald fazem referência ao termo “pastoralidade”: “visto que o sufixo ‘dade’ forma substantivos a partir de adjetivos. E os substantivos formados por tal sufixo expressam qualidade, caráter, e falam de um atributo, de algo que é próprio de outro substantivo, além de revelarem um permanente modo de ser e de estar”<sup>133</sup>. Portanto, a expressão “pastoralidade” exprime qualidade e condição mais ampla e mais

---

<sup>132</sup> ALVES, V. P., *Universidade em Pastoral*, p.12: “Uma universidade em pastoral significa que ela tem consciência de que não se evangeliza apenas nas aulas de fundamentação religiosa ou através de atividades especificamente religiosas confessionais, mas que toda a sua estrutura é evangelizadora e está comprometida com a pastoral”.

<sup>133</sup> OLIVEIRA, J. L. M., *Universidade em Pastoralidade*, p.13; THEOBALD, C., *Vaticano II: do Concílio pastoral à pastoralidade conciliar hoje*; GENOLINI, A. C. M., *Pensar a fé e sua transmissão em um mundo que nunca mais será cristão*.

atraente, incluindo mais facilmente os membros da IES que não estão ligados ao aspecto religioso. “Pastoralidade” possibilita transcender a religiosidade e chegar ao contexto da humanização da educação, da abertura para o diálogo com os não cristãos e à solidariedade. O conceito de pastoralidade também provém de pastor enquanto símbolo do líder (Sl 23,4), que é não apenas aquele que conduz, mas é também o que acolhe, que cuida, que alimenta as ovelhas (Ez 34). O fundamento da pastoralidade segue sendo Jesus Cristo, o único e verdadeiro pastor. Ele é símbolo, modelo e referencial para os relacionamentos entre as lideranças e os demais membros da comunidade. Jesus Cristo não é apenas um bom pastor. Somente ele é o verdadeiro e perfeito pastor (Hb 13,20; 1Pd 5,4), e sua superioridade e seu caráter paradigmático se revelam por sua capacidade de manifestar, num plano histórico concreto, a partir da encarnação do Filho, a caridade. Esta não pode se reduzir a palavras bonitas, precisa ser traduzida em gestos concretos<sup>134</sup>. A caridade praticada por Jesus Cristo não se reduziu a assistencialismo, foi antes uma prática de libertação de tudo o que oprime e explora o povo.

A Igreja Católica, apesar da renovação ocorrida no e graças aos efeitos do CV II, ainda não conseguiu se desvencilhar completamente da cristandade. Em tempos de turbulências, que geram insegurança e medo, muitos optam por refugiar-se nas velhas seguranças do passado. Contudo, voltar à cristandade ou à neocristandade equivale a enclausurar a Igreja em um castelo e suspender as pontes levadiças que a conectam com o mundo de hoje, reduzindo-a “a um gueto ou confinando-a numa subcultura eclesialística”<sup>135</sup>. Urge, portanto, passar do espírito da cristandade medieval à cultura religiosa urbana, moderna, pós-moderna – a que prepondera na universidade católica – que é marcada ora pela positividade, ora pela negatividade. Compete ao evangelizador inserir-se nela e acolhê-la, para enriquecer-se com ela e redimi-la de suas eventuais sombras.

Os tempos atuais, caracterizados por mudanças rápidas advindas dos avanços tecnológicos, clamam por um paradigma pastoral capaz de interagir com essa realidade e que seja capaz de superar os famosos dualismos corpo-alma, material-espiritual, sagrado-profano, em vista de uma antropologia unitária, que una

---

<sup>134</sup> SPIC, C., O amor de Deus revelado aos homens nos escritos de São João, p.20.

<sup>135</sup> BRIGHENTI, A., A ação pastoral em tempos de mudança, p.30.

evangelização e promoção humana; um modelo pastoral que considere a missão evangelizadora como implementação da encarnação do Evangelho na diversidade das culturas; uma atitude pastoral que passe do mero ritualismo mágico a uma evangelização mistagógica; da Igreja-massa a uma Igreja de pequenas comunidades ou grupos acolhedores e aconchegantes; da doutrinação à formação teológico-pastoral permanente.

Enfim, é muito necessário um novo paradigma pastoral que seja capaz de desvencilhar do modelo de neocristandade. Um modelo para o qual a volta ao passado seja vista não como refúgio, mas como memória que permite ressituar no presente e impulse para o futuro; um modelo que supere a visão da Igreja possuidora exclusiva da verdade em vista de uma Igreja que se deixa possuir pela verdade; um modelo que relativize a racionalidade pré-moderna, dedutiva e essencialista rumo a uma racionalidade histórico-existencial capaz de pôr a Igreja, a teologia e a missão evangelizadora da universidade católica em interação propositiva e respeitosa com o mundo de hoje e todas as suas vicissitudes; um modelo pastoral que em vez da apologia possibilite a emergência de uma Igreja em diálogo e serviço ao mundo, não presa aos manuais e catecismos, mas aberta à pesquisa teológica, em diálogo inter e transdisciplinar; do exclusivismo católico ao diálogo inter e transreligioso que supere a dualidade que separa o sagrado do profano, para a santificação de tudo e de todos. Um modelo pastoral que supere a apresentação da imagem de um Deus todo-poderoso que esmaga os inimigos em favor da imagem de um Deus amor, que valoriza a liberdade humana, tal como foi revelado por Jesus Cristo.

A universidade católica é um valioso instrumento de evangelização e pode atuar nos mais diversos âmbitos, no ensino, na pesquisa, na extensão, nos meios de comunicação, na gestão, nas artes e cultura, na ação social e em muitos outros, desde que a visão de pessoa humana e de sociedade esteja de acordo com a proposta de Jesus e do seu Evangelho. A isso chamamos humanismo cristão, e neste sentido a tarefa de evangelizar e atuar pastoralmente não é uma opção entre outras, mas é uma consequência direta e intrínseca à condição de instituição católica e de inspiração cristã.

### 3.3

#### **A universidade católica enquanto “comunidade universitária” à luz da ECE**

A universidade, tradicionalmente, se definiu como uma comunidade composta por mestres e estudantes. Essa definição, contudo, necessita ser ampliada. A universidade católica é definida como “(...) uma comunidade acadêmica que, de modo rigoroso e crítico, contribui para a defesa e o desenvolvimento da dignidade humana” (ECE n.12). Entretanto, à medida que se aperfeiçoa, se aprimora nas mais diversas linhas de pesquisas, a universidade católica incorre no risco de ir paulatinamente se transformando em uma universidade laboratório, se concentrando tanto na investigação técnico-científica que desprestigia as outras áreas do saber. A universidade, obviamente, possui laboratórios, mas, ela não é um laboratório. Quando isso ocorre, o investigador se fecha hermeticamente na própria carreira acadêmica, restrita a pequenos grupos de cada área. Desse modo, a universidade se transforma em uma instituição complexa, burocrática, de difícil manejo, perde-se a visão de totalidade da vida humana, restringindo-se à especialização que produz novas técnicas, aumentando a produtividade e o desenvolvimento econômico e, como consequência, a universidade se torna tão profissionalizante que descuida do valor educativo global, estreitando os horizontes, desvalorizando o saber que humaniza. Sobre isso, H. Lewis, professor da Universidade de Harvard, uma das que mais se destacam no mundo quanto aos *rankings* acadêmicos, afirma que a universidade pode ter excelência acadêmica, mas isso, por si só, não garante que ela seja humanizadora; pode alcançar excelência acadêmica, porém, “permanecer sem a alma”<sup>136</sup>, a supervalorização do acadêmico pode favorecer o surgimento de pessoas autorreferentes, portanto, arrogantes e de difícil convívio humano e social. Os indicadores que avaliam as universidades normalmente se limitam a quantidade de publicações, patentes, acervos, empregabilidade, porém, muitos desses itens são parciais, respondem a critérios apenas do mercado, não incluindo e, muitas vezes, nem levando em conta, índices sociais, como prestações de serviço a comunidades menos favorecidas da respectiva região.

---

<sup>136</sup> LEWIS, H. R., Excellence without a soul: how a great university forgot education.

A Constituição Apostólica *ECE* se ocupa da universidade católica enquanto “comunidade universitária”, professores, estudantes e também pessoal administrativo. Tradicionalmente a universidade era definida apenas por professores e estudantes, porém, a realidade atual obriga a integrar a todos os que nela trabalham, todos devem compartilhar do mesmo espírito, os funcionários formam um todo com os mestres e estudantes, como exemplifica F. Montes “em algumas circunstâncias, o porteiro, sempre presente, para muitos pode ser mais importante que o reitor, pois é o rosto mais visível e acolhedor da instituição”<sup>137</sup>.

A composição dessa comunidade, de acordo com a *ECE*, deriva da sua consagração à verdade, da visão comum da dignidade humana e, em última análise, da pessoa e da mensagem de Jesus Cristo, que fornecem à Instituição seu caráter distinto; fala do espírito de liberdade e caridade, com o qual esta comunidade está animada, do respeito recíproco, do diálogo sincero e do zelo aos direitos de cada um; finalmente, da responsabilidade a ser compartilhada quanto às decisões que dizem respeito à própria comunidade e da manutenção do caráter católico da instituição (*ECE* n.21). Também aqui se vê um quadro ideal a ser almejado pela universidade católica. Um ideal a ser aspirado continuamente como um desafio permanente e uma missão dinâmica, sempre inconclusa. A universidade católica é convocada a uma constante renovação, tanto por ser universidade como também por ser católica (*ECE* n.7); renovação projetada ao futuro, “que exige criatividade audaciosa e, simultaneamente, fidelidade rigorosa” (*ECE* n.8).

A dimensão comunitária da universidade católica leva em consideração e busca concretizar sempre mais o diálogo “fé e cultura” tal como é apresentado no conjunto da *ECE*, pois parte do princípio segundo o qual a universidade católica é espaço idôneo para esse diálogo, enquanto favorece o relacionamento entre o Evangelho e a cultura como fontes de respostas e interpretação dos “sinais dos tempos”. Tem presente, também, o fato de a universidade ser afetada de diferentes modos pelos efeitos da globalização, da mudança de época e da mercantilização. Tais questões afetam toda a sociedade, e a universidade católica, enquanto comunitária, põe em andamento mecanismos especializados para a superação de problemas concretos como: crises familiares vividas pelos estudantes, perda de valores humanistas, falta de sentido da vida, violência, insegurança etc. A natureza

---

<sup>137</sup> MONTES, F., *Pensando la universidad*, posição:969.

comunitária da universidade católica no Brasil possibilita que ela não seja nem pública estatal nem privada particular, e essa condição, por mais desafiante que seja no cotidiano, põe a universidade católica em uma situação favorável quanto ao serviço às comunidades e, paralelamente, gera possibilidade de consolidação da própria comunidade universitária.<sup>138</sup>

Outro aspecto igualmente primordial na missão evangelizadora da universidade católica, considerado a partir da dimensão comunitária, é o “anúncio do Evangelho” de Jesus Cristo. Esse anúncio se dá na linha da participação na vida da Igreja a ser especificado no estatuto de cada universidade católica. Trata-se, aqui, de averiguar sempre de que maneira os diretores, o pessoal administrativo, os docentes e discentes estão conscientes desse compromisso inegociável da universidade católica. É necessário observar, também, como está a harmonia entre essa missão de “anúncio do Evangelho” e a vida acadêmica, e com as pesquisas e investigações especializadas igualmente essenciais na universidade. Nem sempre será uma tarefa fácil, porém, o “anúncio do Evangelho” é fundamental, o que deve ser discutido é o modo de realizá-lo, que não poderá ser, na atualidade, como foi feito, por exemplo, nos tempos da cristandade. É mister levar em consideração o pluralismo cultural e a diversidade religiosa cada vez mais evidentes entre todas as esferas da comunidade universitária. Tradicionalmente, a missão da Igreja de anunciar o Evangelho de Jesus Cristo na universidade tem ficado sob a responsabilidade da pastoral universitária, o que é correto no que tange a promover atividades específicas no âmbito da espiritualidade e dos valores éticos, humanos e cristãos. Porém, esse anúncio tem êxito bem mais amplo quando os “agentes de pastoral universitária” encontram, no todo da universidade, “promotores” dos valores da evangelização a ser realizada primeiramente no próprio interior da universidade e, posteriormente, como projeção para toda a sociedade.

A “busca da verdade” é o propósito mais óbvio de toda universidade. Importa, no entanto, observar como se explicita essa busca em cada universidade católica concreta. Quando, por exemplo, se contrata docentes e destes se cobra apenas aulas

---

<sup>138</sup>VANNUCCHI, A., A Universidade Comunitária, p.28: “(...) o primeiro pressuposto para se definir uma universidade comunitária é que ela seja, verdadeiramente, universidade. A identidade de uma universidade comunitária se revelará também pelo enfoque dado às suas pesquisas e, conseqüentemente, à sua produção técnico-científica, marcada pelo empenho permanente de captar, interpretar e transformar a sociedade local e regional”. A instituição superior comunitária é uma “invenção” brasileira (aparece na constituição de 1988, na LDB e, finalmente, foi transformada na Lei nº 12.881/2013).

e a produção de *papers* de tempos em tempos, mas não há acolhida, instrução e, cobrança também quanto ao modo de proceder da universidade católica, tais profissionais poderão até ser úteis para o prestígio acadêmico da instituição, mas o ideal de comunidade acadêmica ficará comprometido. Do mesmo modo que se propicia o encontro entre a fé e a razão ou a fé e a ciência, deve-se buscar a integração do saber e das ciências. Em que medida, na universidade católica enquanto comunidade educativa, está acontecendo a formação integral, integradora e contínua junto aos estudantes, e, também, junto a todos os demais integrantes da mesma comunidade educativa?

Um outro desafio também mencionado na *ECE* a ser logrado por todos cristãos é a coerência entre a fé cristã e a vida cotidiana. Na universidade católica se põe a questão de como contribuir a fim de que cada vez mais haja pessoas capazes desse almejado testemunho de coerência, fruto da integração “fé e vida” a ser buscada por todos, de fundamental importância no interior da comunidade acadêmica. Trata-se, em primeiro lugar de uma busca pessoal, mas, simultaneamente, comunitária. A universidade pode promover atividades que contribuam e sinalizem rumo a essa dimensão a ser concretizada cada vez mais em vistas do crescimento individual de cada membro e igualmente de um melhor serviço a ser prestado por todos.<sup>139</sup>

A gestão da autoridade da universidade deve se empenhar para promover uma legítima integração em torno de um projeto comum a ser conhecido e compartilhado por todos. Não é raro os responsáveis pela gestão se dedicarem muito às questões de ordem econômica e acadêmica – sem dúvida, necessárias – mas é lamentável quando se ocupam muito pouco da visão de conjunto, do espírito compartilhado, do “nós” como sujeito principal, da gestão criadora de uma alma e um espírito comum na comunidade educativa. Todos deveriam fazer-se corresponsáveis do clima de trabalho e promotores de uma convivência saudável. Em uma comunidade de mestres, estudantes e funcionários, portanto, bastante heterogênea, deve haver uma linguagem comum que evite a política partidária que, se for extremada, pode levar ao desvio do objetivo principal da universidade católica.

---

<sup>139</sup> SILVA, E. W., As funções sociais da universidade, p.83.

### 3.4 A realidade da missão evangelizadora no contexto da universidade católica

A realização da missão evangelizadora da universidade católica exige especificidade, pois não coincide com quaisquer outras propostas ou ações pastorais que podem ser exitosas em outros contextos, mas, podem ser inadequadas para o ambiente universitário<sup>140</sup>, principalmente no momento atual, caracterizado por crescente descrédito, por parte de muitos jovens, das religiões tradicionais<sup>141</sup>. A administração de sacramentos, pregações e práticas piedosas podem até ter lugar e fazer bem a muitos, mas não constituem a essência da missão de evangelização da universidade católica.<sup>142</sup>

As diretrizes da missão evangelizadora da universidade católica estão bem explicitadas, especialmente na *ECE*, porém, a pluriculturalidade presente no interior da própria universidade indica que tanto a *ECE* como qualquer outro documento eclesialístico pode ter grande utilidade como orientação, como ponto de partida e como referencial, mas não funcionam como se fossem um manual a ser aplicado sem considerar o contexto e a realidade particular. A *ECE*, por exemplo, mesmo depois de quase trinta anos, segue sendo um documento de valor e atualidade, porém, desde sua publicação até os dias atuais, tem havido inúmeras mudanças eclesiais e culturais, como o surgimento de novas tecnologias e mesmo muitas mudanças sociais. Isso significa que a missão evangelizadora da

---

<sup>140</sup> KONINGS, J., *Teologia da Libertação e Universidade*, p.242: “O desafeto entre a universidade brasileira e a Igreja data desde os tempos do liberalismo e do positivismo, tempos de anticlericalismo combativo. Hoje, existe indiferença, um desafeto difuso. Os marxistas continuam vendo o cristianismo como alienador e os cristãos como ingênuos e acrílicos. Mais ainda pesa a indiferença causada pelo pragmatismo consumista. Existem, porém, universitários conscientizados a respeito dos novos rumos do saber na transformação histórica da sociedade a partir do desejo de igualdade e participação dos oprimidos”; também em: ANTONIAZZI, A., *Educação Universitária: desafio para a Igreja*; ARAUJO, S. A., *A Evangelização no mundo universitário*.

<sup>141</sup> KONINGS, J., *Espiritualidade no Compromisso*, p.21: “O conflito da espiritualidade e da identidade religiosa e eclesial surge da opção social do jovem que começa a se desligar da estrutura moral e religiosa de sua juventude, pois a religião e a moral perdem sua relevância e até se tornam um obstáculo”.

<sup>142</sup> KONINGS, J., *Pastoral Universitária e Vida de Fé*, p.82: “Vivemos num tempo de pluralismo. Ora, não existe verdadeiro pluralismo sem identidade. Pluralismo sem identidade é confusão. Identidade não significa fanatismo, não significa jogar no inferno os que são diferentes. Identidade é assumir o que se é. Identidade cristã é assumir o homem Jesus e sua prática de vida como referência última”; BENEDETTI, L. R., *Catolicismo entre a ética e a emoção: uma análise institucional a ser discutida*.

universidade católica não pode ser entendida como algo hermético e acabado, para ter o êxito esperado faz-se necessário o confronto com a realidade atual.

Os conflitos entre razão e fé seguem presentes no meio acadêmico e são quase sempre resultado de incompreensões de representações religiosas tradicionais questionadas por conclusões provenientes das ciências naturais. A fé cristã não é uma abstração, a sua compreensão acontece inevitavelmente no interior de um horizonte de conhecimento. A mudança de horizonte pode problematizar um dado da fé que, no passado, era aceito tranquilamente. Surge a exigência de uma nova representação e uma nova compreensão, tarefa nem sempre fácil.<sup>143</sup> Surgem, ainda, outras questões: como dizer o transcendental a partir do reconhecimento dos nossos limites humanos e da nossa necessidade racional na forma como o acolhemos? Como lidar e apresentar intuições metafísicas fundamentais num mundo tão plural?

A teologia liberal<sup>144</sup> recebeu duras críticas de K. Barth, que afirmou a absoluta transcendência divina, Deus como o “totalmente Outro”<sup>145</sup>. Se por um lado é acertado a teologia negativa e apofática questionar as representações de Deus, uma vez que muitas vezes se confundem com o próprio Deus, por outro lado não há como conceber um Deus completamente isolado do mundo, pois equivaleria imaginar Deus totalmente fora da sociedade, da cultura, da história, da linguagem e da experiência humanas. Esse viés pode culminar no deísmo filosófico, que, no extremo, impossibilitaria toda e qualquer expressão sobre Deus, inclusive a analógica.<sup>146</sup> O único acesso possível a Deus é por meio da realidade criada, com destaque para o ser humano. Na teologia está embutida uma antropologia, portanto, há possibilidade de projeções humanas na identidade de Deus, mas isso não impede que ousemos pensar a realidade tendo a sua realização plena em Deus, que não obstante permaneça sendo um mistério para o ser humano não está alheio a nossa

<sup>143</sup> AZEVEDO, M. C., Universidade católica e transmissão da fé cristã.

<sup>144</sup> Por “liberal”, aqui, entende-se o ramo da teologia protestante que se produziu sob o impacto do Iluminismo, com seu princípio de autonomia da razão e o criticismo literário radical que conduziu o estudo das Escrituras até as últimas consequências. Esse radicalismo literário conduziu a uma nova hermenêutica: o método histórico-crítico. VOLKMANN, M., et al. Método Histórico-Crítico.

<sup>145</sup> Ao lado de outros grandes teólogos do século XX, K. Barth buscou compreender a importância da teologia para a Igreja. Numa conferência em 1934 afirma que é preciso ter consciência que a revelação é ato de Deus para a Igreja. “Cabe à teologia o papel de vigiar para que a Igreja nunca se esqueça dessa verdade. Sua função é constantemente lembrar que o trabalho do teólogo, ou seja, da própria Igreja, é manter-se sempre atento a esta revelação”. BARTH, K., Dádiva e Louvor, p.181-99.

<sup>146</sup> TAYLOR, C., Uma era secular, p.221-69; ESTRADA, J. A., Imagens de Deus, p.179-210.

história. Não fosse assim, que significado teria a encarnação do Verbo de Deus?<sup>147</sup> Quando a fé (teologia) e a razão (filosofia) falam de Deus, não estão falando dele em si, mas da relação do mundo e do ser humano com ele. No caso da teologia, a partir dos dados provenientes da revelação, isso diminui o risco das representações religiosas de Deus se resumirem a projeções humanas do que possa ser o próprio Deus. Um Deus limitado à razão humana resultaria em um Deus longínquo e incapaz de intervir na história.

A razão e a fé, mais especificamente a filosofia e a teologia, por muito tempo caminharam juntas, completando-se mutuamente.<sup>148</sup> A filosofia ocidental, nascida na cultura grega, favoreceu as tradições religiosas por meio da reflexão crítica, permitindo que, particularmente, a fé cristã pudesse chegar à plena consciência de si mesma. Por meio da reflexão racional, a fé pode indagar sobre a totalidade do universo em sua unidade. Como uma pluralidade de deuses antropomorfos, o politeísmo, poderia explicar a origem do cosmos? Tal origem seria melhor entendida como fruto de um único Deus, criador, o monoteísmo. Esse dado histórico constitui um exemplo que ilustra a relação entre fé e razão, sem deixarmos de reconhecer a existência de outras concepções religiosas além da judaico-cristã, bem como também de outras correntes filosóficas.

Não obstante as tensões existentes ao longo da história, a razão filosófica de matriz grega segue sendo estimulada por perguntas iluminadas pela fé – a questão do mal, do sofrimento, do sentido, da morte; questões que favorecem que o horizonte filosófico se expanda para além de si próprio. Constituem exemplos os conceitos de pessoa, de liberdade, do sentido da história<sup>149</sup>. A fé cristã não pode prescindir da razão, ela é uma opção livre, uma liberdade que, enquanto consciente, é necessariamente racional.

Já se foi o tempo no qual cada sociedade acalentava o ideal da unidade na uniformidade. Quando as comunicações eram precárias, cada povo poderia viver voltado para si mesmo em um isolamento radical, capaz de impedir o contágio de ideias conflitantes com os valores majoritários. Atualmente, a globalização da informação possibilitou uma permeabilidade entre as diversas sociedades. No final do século XVIII por exemplo, a notícia da queda da Bastilha tardou dias para chegar

<sup>147</sup> Prólogo do Evangelho de João. Jo 1,14; MÜLLER, U. B., Encarnação do Filho de Deus.

<sup>148</sup> MORI, G., A Teologia e suas interfaces com as Ciências Sociais no estudo da religião, p.400-2.

<sup>149</sup> Sobre isso se ocupa repetidamente a Encíclica *Fides et Ratio*.

a Madri. Hoje, qualquer acontecimento no recanto mais remoto do planeta demora apenas alguns segundos para atingir milhões de diversos aparelhos de comunicação espalhados pelo mundo. O volume e a variedade de informações disponíveis atualmente são incomparavelmente superiores aos que tinham gerações passadas. Essa revolução informativa impulsionou o pluralismo ideológico, de modo que valores provenientes de diversas tradições e culturas convivem quotidianamente e, às vezes, até se misturam na concepção de cada pessoa. Não faltam evidências que vivemos em um mundo essencialmente pluralista.

O mundo universitário está inserido no mesmo contexto do fenômeno acima descrito. É comum docentes que representam diversas “escolas” se encontrarem nos mesmos ambientes universitários. Os estudantes têm acesso cada vez mais facilitado a obras das mais variadas correntes de pensamento. Diante dessa constatação, surge uma legítima preocupação em relação à universidade que tem no próprio título o qualificativo “católica”. Uma primeira impressão seria que nela não haveria espaço para quem não professasse esta fé, mas essa impressão estaria equivocada. O catolicismo é, por sua própria essência, abrangente. Ao longo da história, foi incorporando elementos provenientes das mais diversas culturas. Católico é universal enquanto busca de anúncio e testemunho no mundo inteiro, mas, também, enquanto acolhida de tudo o que de verdadeiro e bom se encontra na sociedade humana. Por isso a palavra inculturação tem sido insistentemente enfatizada como uma atitude irrenunciável e inerente à verdadeira evangelização. A *ECE* é bem explícita a respeito da existência do pluralismo:

A comunidade universitária de muitas instituições católicas inclui colegas pertencentes a outras Igrejas, a outras comunidades eclesiais e religiões, bem como colegas que não professam nenhum credo religioso. Estes homens e essas mulheres contribuem com a sua formação e experiência para o progresso das diversas disciplinas acadêmicas ou para a realização de outras tarefas universitárias. (n.26)

Esse pluralismo não se restringe à convivência e à contribuição científica de pessoas de diversos credos, ele almeja o diálogo, pois, a mesma *ECE* afirma que a universidade:

está aberta a toda experiência humana disposta ao diálogo e à aprendizagem de qualquer cultura. A universidade católica participa deste processo oferecendo a rica experiência cultural da Igreja, além de estar consciente de que a cultura humana está aberta à renovação e à transcendência. (n.43)

### 3.4.1

#### A realidade do diálogo entre fé e cultura

A universidade católica participa do processo de promoção da cultura mediante o ensino (“transmissão às gerações sucessivas”), a pesquisa (“investigação”) e a extensão (“iniciativas culturais e serviços socioeducativos”), aberta a toda experiência humana e disposta ao diálogo e a aprendizagem de qualquer cultura; ela postula, também, que a cultura humana deve permanecer aberta à revelação e à transcendência, tornando-se, assim, um lugar privilegiado para o diálogo entre a fé e a cultura.

Por “cultura” entende-se aqui mais que “cultura do conhecimento”. É de grande importância enfatizar que “conhecimento”, na universidade católica, não se resume a tecnologia. É igualmente necessário o desenvolvimento das ciências humanas e sociais, sendo importante, também, que os parâmetros e critérios de avaliação dessas não sejam os mesmos empregados nas ciências exatas. As ciências sociais e as humanidades, em geral, não dão retorno financeiro imediato, como podem dar as exatas, mas, são elas que, via de regra se adaptam melhor à compreensão da totalidade e a uma reflexão integrada sobre o conjunto da vida. Não se trata de contraposição, importa, antes, sublinhar o valor e a importância de ambas.

A universidade católica contribui com a Igreja em vistas de um melhor conhecimento das diversas culturas e em favor do discernimento quanto a seus aspectos positivos e negativos. Contribui, também, na tarefa de tornar a fé mais compreensível a determinadas culturas. A fé cristã não se identifica com uma cultura particular, porém, todas as pessoas estão ligadas a uma cultura, por isso os elementos culturais são indispensáveis à construção do Reino (*ECE* n.44). A universidade católica deve tornar-se cada vez mais atenta às culturas do mundo de hoje, consciente das várias tradições culturais existentes na Igreja, de maneira a promover um contínuo diálogo entre o Evangelho e a sociedade contemporânea, sobretudo na tentativa de discernir e avaliar as aspirações e contradições da cultura moderna (*ECE* n.45), bem como defender as culturas tradicionais, ajudando-as na desafiante tarefa de acolher os valores modernos sem renunciar ao seu patrimônio; promover o diálogo entre pensamento cristão e ciências modernas (*ECE* n.46); promover o diálogo ecumênico no horizonte da unidade dos cristãos e o diálogo

inter-religioso no horizonte do discernimento dos valores espirituais presentes nas várias religiões. A universidade, está, com efeito, estritamente ligada às grandes questões do ser humano, ao seu valor, ao sentido do seu ser e do seu agir, particularmente à sua consciência e à sua liberdade. Compete prioritariamente aos intelectuais católicos a promoção de uma síntese renovada e vital entre a fé e a cultura<sup>150</sup>, porém, é óbvio que não se trata de um processo que acontece de modo espontâneo, há que se perguntar como está sendo trabalhada, na universidade católica atual, a relação entre a fé e a cultura? Por cultura entendemos, aqui, uma realidade abrangente, uma vez que inclui crenças, artes, costumes, hábitos. Como estão sendo interpretados os “sinais dos tempos” e, principalmente, como estão sendo respondidos? Como a globalização, a mercantilização tem impactado o ambiente universitário?

As gerações de jovens que atualmente encontram-se na universidade se diferenciam bastante das de épocas anteriores, inclusive não muito além de trinta anos atrás. “Do ponto de vista geracional e como trajetória singular, a experiência da juventude contemporânea tem sido cada vez mais o berço de seus ensaios de elaboração de sentidos para a existência”<sup>151</sup>. As ciências sociais confirmam que os jovens de hoje são mais instruídos; procedentes de lugares diversos, muitas vezes distantes, têm acesso à universidade de formas também não presenciais através dos cursos à distância. Os universitários atuais gozam de muitas possibilidades para desenvolver suas potencialidades, graças ao acesso cada vez mais facilitado à internet.

Um dos aspectos que exemplifica a diferença dos jovens atuais em relação aos de décadas anteriores são as mudanças nas configurações familiares. Muitos dos atuais jovens universitários, pelos mais variados motivos, não foram criados na presença do pai e da mãe. Os modelos tradicionais de família monogâmica já não são os únicos no contexto marcado pela industrialização, urbanização e globalização. Enquanto a técnica celebra inegáveis avanços, a humanização nem sempre tem progredido com a mesma intensidade.

Uma das grandes dificuldades que se apresenta atualmente à universidade é de cunho espiritual e cultural, pois, os jovens se veem imersos em uma confusão

---

<sup>150</sup> CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA et al., Presença da Igreja na universidade e na cultura universitária, n.2.1.

<sup>151</sup> RIBEIRO, J. C., Religiosidade jovem pesquisa entre universitários, p.15.

existencial propiciada, em grande medida, por respostas contraditórias da própria ciência, que ainda desconsidera a existência e, conseqüentemente, a importância de outras inteligências além da intelectual e lógica.<sup>152</sup> Perguntas pelo sentido da existência e até da própria vida nem sempre encontram espaço nas universidades, tantas vezes tão espremidas pelas leis do mercado que acabam por considerar os estudantes como meros consumidores de conhecimentos massificados e despersonalizados, ocasionando enormes frustrações no âmbito da fé, da vocação e da própria realização profissional.<sup>153</sup>

O ambiente universitário de hoje não aparenta ser propício para encontrar-se com Deus, já que a sociedade faz outras demandas à universidade. Entretanto, pode ser convidativo para o alcoolismo, para o consumo de entorpecentes, para relações afetivas muitas vezes superficiais e até traumáticas. Muitos estudantes não dispõem de meios econômicos para custear a carreira de estudos, muitos se veem compelidos a trabalhar para subsistirem ou desertam do estudo. Entre eles, são frequentes as rivalidades e competições suscitadas, às vezes, pelos próprios professores. Nesta circunstância, se faz ver e ouvir o testemunho cristão de pessoas convencidas de sua fé e de que essa não pode ficar restrita ao âmbito privado, é o momento dos educadores, partindo de uma fonte crística, darem exemplo de uma visão integral da pessoa que busca harmonia entre fé e cultura, fé e vida, com abertura e vinculação com o “mistério” transcendente da vida.

Não obstante a problemática acima aludida, e por paradoxal que possa parecer, a universidade é genuinamente o melhor lugar para buscar e construir o sentido da vida, porque é na juventude que emergem as ideias e os sonhos; a universidade é também o melhor lugar para formar e expressar juízos fundamentados sobre as realidades que mais inquietam a juventude e a sociedade para discernir o que é danoso à vida humana e aderir à verdade, ainda que, muitas vezes, tendo que enfrentar inúmeras dificuldades. Os jovens que ingressam na

---

<sup>152</sup> ZOAR, D.; MARSHAL, I., *Inteligência Espiritual*, p.17: “Nossa inteligência intelectual ou racional (QI – Quociente intelectual) é a inteligência lógica; (...) porém, no fim do século XX, um conjunto de dados científicos, ainda não assimilados, mostrou-nos que há o QS – Quociente Espiritual. Por QS entende-se a inteligência com que abordamos e solucionamos problemas de sentido e valor; a inteligência com a qual podemos inserir nossos atos e nossa vida em um contexto mais amplo, mais gerador de significado”. É importante ressaltar que termo espiritual aqui não é utilizado no habitual sentido religioso.

<sup>153</sup> FRANKL, V., *Um psicólogo no campo de concentração*, p.83: “A liberdade espiritual do homem, de que não é possível privá-lo até ao último alento, permite-lhe sempre, encontrar, até que exale o último suspiro, uma ocasião para construir a sua vida de modo a dar-lhe um sentido”.

universidade com esses ideais, muitas vezes tidos como revolucionários, geralmente ficam desiludidos e boa parte opta por uma espécie de anomia frente às opções de mudança e melhorias sociais que poderiam inclusive, ser oferecidas na universidade a fim de evitar a nefasta indiferença fruto da massificação.

Fala-se muito de “comunidade universitária”, a expressão é bonita, porém, muitas vezes, na realidade é tão diluída que parece inexistente, sobretudo para os estudantes, pois, o seu contato com os professores são, salvo honrosas exceções, puramente funcionais; há carência de compreensão, de apoio e diálogo diante das vicissitudes cotidianas, prepondera um convite à alienação e à impessoalidade. Os professores, por vários motivos, tendem a tratar os estudantes como consumidores de informação e não como pessoas em processo de formação da própria identidade e em busca de respostas a tantas perguntas próprias da sua faixa etária. Entre os próprios estudantes nem sempre vigora um clima de amizade, de companheirismo, mas, sim, de indiferença, quando não de acirrada e desleal competição, ainda mais acentuada e evidenciada nos últimos anos devido às diversas políticas de inclusão universitária, como cotas e Prouni<sup>154</sup>.

Ainda estão presentes certos paradigmas, por parte dos adultos, a respeito dos jovens que dificultam as relações intergeracionais. São afirmações como: os jovens são indefesos, estão sob riscos ou perigos, por isso necessitam de custódia, são ignorantes, cabe aos mais vividos assessorá-los com sua experiência, pois os mais novos são tidos como irresponsáveis, necessitam que as instituições os acolham.

Esses paradigmas são muito característicos de mentalidades de outrora, desfocadas da realidade em que vivem os jovens. Ainda vigoram em muitos ambientes, inspirando atitudes pastorais inadequadas, como, por exemplo, a concepção que a juventude é uma etapa da vida em que pululam contestações e combates, mas é questão a ser superada com o decorrer do tempo. Mais feliz que “juventude” é o termo “jovialidade”, uma condição inerente ao ser humano e não uma mera fase temporal da vida. Do mesmo modo, as culturas juvenis criadas pelos próprios jovens expressam lógicas, formas de pensamento e estilos de vida sensíveis e estéticas diferentes do mundo dos adultos, e são totalmente capazes de dialogar com outras culturas e com o entorno no qual vivem. A experiência pessoal que passa pelo tato, que é o sentido que articula os demais, constitui uma dimensão importante

---

<sup>154</sup> Prouni (Programa Universidade Para Todos) é um programa criado pelo Ministério da Educação que fornece bolsas de estudo parciais e integrais em instituições de ensino.

no mundo juvenil, em que tem grande valor o simbólico expresso nas artes, por exemplo na música, dos mais diversos gêneros.

A identidade e a autonomia são essenciais na busca dos jovens; por isso têm resistência em receber correções da parte dos adultos. Característica marcante dessa identidade é a alegria, a liberdade, o romântico, o lúdico, é fato que os jovens em geral são mais facilmente atraídos pelo insólito, o inexplicável, o extravagante. Conhecer bem a realidade na qual vivem os jovens é essencial para lhes propor propostas pastorais adequadas aos seus anseios.

Diante dessa realidade descrita, no campo da fé se abre ao estudante universitário um duplo desafio: por um lado, existe a necessidade de amadurecimento da fé que de uma maneira ou outra pode ter recebido na infância, por outro lado, está como exercitar essa fé em um ambiente com requerimentos culturais e intelectuais tão diferentes dos que estavam acostumados, por exemplo, no ensino médio que precedeu o ingresso no ensino superior. Verifica-se que um grande número de jovens não enfrenta, mas busca fugir desses desafios; há um crescimento, desenvolvimento acadêmico e intelectual, mas no âmbito da fé e espiritualidade permanecem no nível da catequese infantil, culminando, em muitos casos, no abandono da fé. Costuma-se ouvir muito que “os jovens perdem a fé” quando ingressam na universidade<sup>155</sup>. A pergunta é que tipo de fé é essa que se “perde” quando confrontada com uma etapa de amadurecimento dos conhecimentos apreendidos nos mais diversos cursos oferecidos na universidade? Seria essa uma fé muito restrita aos sentimentos, pouco aprofundada? Nesse caso, é natural e até positivo que se perca, contanto que esse vazio seja o quanto antes preenchido por uma fé amadurecida, que não esteja em conflito, mas, antes, em diálogo com a razão.<sup>156</sup>

O conhecimento das culturas presentes na universidade<sup>157</sup> é um desafio a ser enfrentado a fim de interagir com a grande diversidade dessas culturas; faz-se necessário dar atenção aos aspectos da cultura, verifica-se ainda apreço tímido para com a pluralidade cultural, que muitas vezes é constatada, mencionada, porém, com

---

<sup>155</sup> Segundo uma pesquisa realizada nos EUA, em 2010 40% dos jovens continuam na igreja depois do período escolar. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/integra.php?s=12&i=799>. Acesso em: 28 set 2018. Retomaremos esse ponto mais adiante.

<sup>156</sup> BOOF, C., Teoria do método teológico, p.25: “A fé precisa saber. A pessoa de fé quer naturalmente saber o que é mesmo aquilo que acredita, se é verdade ou não. Quer saber também o que implica tudo aquilo em sua vida concreta e em seu destino”.

<sup>157</sup> FIUC, Las culturas de los jóvenes: en las universidades católicas, p.13-8.

outros interesses e não em benefício das próprias culturas. Essa realidade é notada principalmente nas discriminações sociais, muitas vezes os adultos ignoram as diferenças ou não lhes dão a devida atenção. Talvez as culturas dos jovens que chegam à universidade nos tempos atuais não sejam aquelas que os adultos supõem e que, portanto, esperam.

Quanto ao dado específico da relação entre Evangelho e cultura, uma realidade que se percebe cada vez mais na universidade católica é que há estudantes excelentes nas dimensões acadêmicas e sociais, e que se declaram ateus, agnósticos, indiferentes ou com aversão à religião. A situação torna-se preocupante quando se constata que os professores não são, na sua grande maioria instrumentos de evangelização, uma vez que os valores do Evangelho estão efetivamente ausentes das práticas de ensino de vários docentes da universidade. Essa realidade expressa um grande vazio, pois, ao invés de integração o que há é uma cisão entre o genuíno que define a universidade católica como universidade e simultaneamente como católica, e a imagem que passa, entre a suposta solidez e a sua tarefa há essa dicotomia.

É, no entanto, digno de valor que haja na universidade católica o esforço para que o aspecto cultural seja impregnado do Evangelho, um esforço não de doutrinação ou proselitismo, mas, uma visão cristã da cultura a partir do Evangelho. Trata-se do empenho em favor do processo denominado “inculturação do Evangelho”<sup>158</sup>, é necessário avaliar sempre como essa inculturação está sendo realizada. Na maioria das universidades católicas, é buscada a partir da faculdade de teologia ou da pastoral universitária. A pretensão de se trabalhar a partir da chave de leitura do Evangelho nas áreas de investigação e extensão muitas vezes se restringe ao âmbito teórico, sem chegar à prática, que no caso é a atividade e o anúncio, que não acontecendo compromete o encontro com o Cristo vivo.<sup>159</sup>

De uma maneira ou de outra, a situação social dos professores e estudantes tem reflexo na universidade. Os problemas da sociedade afetam a universidade e reclamam dessa uma solução ou, pelo menos, vias para lográ-la. A universidade, e mais ainda a universidade que se distingue por ser católica, se envolve e se compromete com essa tarefa, cabe revisar o que está respondendo desde a sua

---

<sup>158</sup> Sobre a “Inculturação do Evangelho” retornaremos no capítulo seguinte.

<sup>159</sup> GARCIA RUBIO, A., O encontro com Jesus Cristo vivo, p.112: “(...) a fidelidade mantida pela Igreja à fé cristológica é importante para o encontro com Jesus Cristo e para a evangelização”.

“catolicidade”. Cabe analisar, neste ponto, os propósitos da universidade católica, uma vez que a sua missão não se manifesta exclusivamente nos cursos de religião, mas quiçá a partir desses, favorecendo a tomada de consciência, as opções em favor da vida, por exemplo, na bioética e outros, em fatos concretos.

No interior da universidade católica coexiste uma gama de obras de cunho social realizadas sob inspiração cristã, fóruns nos quais se aguçam as sensibilidades que culminam em missões de evangelização em favor de camadas sociais desprovidas, cuidado com anciãos, cooperação por meio de docência e investigação, com outras regiões e países em dificuldades e muitas outras ações que marcam a influência da universidade na sociedade, buscando melhorias também para aquelas pessoas que nunca tiveram acesso à universidade.

### **3.4.2 A realidade do anúncio do Evangelho**

Segundo o documento do Vaticano sobre a presença da Igreja no mundo universitário, demasiados professores e estudantes “consideram a sua fé como sendo um assunto privado (...) a sua presença na Universidade parece ser um parêntesis na sua vida de fé. Alguns em nome da autonomia universitária, chegam ao ponto de se absterem do testemunho explícito da sua fé”<sup>160</sup>. A Igreja, sensível aos sinais dos tempos, demonstra-se compassível às aflições e às buscas humanas.

Essa motivação foi assumida pelo Concílio Vaticano II, particularmente, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. O magistério Pontifício, inúmeras vezes, revelou-se atento aos problemas da humanidade, especialmente quando as “novidades” ameaçavam ferir o resguardo da vida humana e da mensagem evangélica. A pós-modernidade representa um grande desafio à missão da Igreja de anunciar o Evangelho. A resposta eclesial não se furta aos seus deveres e nem se precipita diante da ansiedade e do clamor de algumas pessoas que parecem caminhar ao vento aspirando a companhia de todos, desejosos de não ter que enfrentar nada que possa questionar seus ideais e suas veleidades. A coerência, a adesão da fé, a novidade vivida e pregada por Cristo e a racionalidade da fé são

---

<sup>160</sup> CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA et al., *Presença da Igreja na universidade e na cultura universitária*, n.15.

questionadas por diversos segmentos sociais. A propósito expressou o então cardeal J. Ratzinger:

Quantos ventos de doutrina conhecemos nestes últimos decênios, quantas correntes ideológicas, quantas modas de pensamentos (...) A pequena barca do pensamento de muitos cristãos não raramente foi agitada por essas ondas - jogada de um extremo ao outro: do marxismo ao liberalismo, até ao libertinismo; do coletivismo ao individualismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo, e assim por diante. Todo dia nascem novas seitas e se realiza quando diz São Paulo sobre o engano dos homens, sobre a astúcia que tende a arrastar ao erro. Ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, frequentemente é etiquetado como fundamentalismo. Enquanto o relativismo, isto é, o deixar-se levar “aqui e acolá por qualquer vento de doutrina”, aparece como a única atitude que não reconhece nada como definitivo e que deixa como última medida somente o próprio eu e as suas vontades.<sup>161</sup>

A universidade católica participa da missão de evangelização da Igreja com a intenção de garantir a relação fé e vida e o faz mediante o “anúncio da Boa-nova a todos os estratos da humanidade” com o objetivo de transformar, a partir de dentro, tornando nova a própria humanidade (*ECE* n.48). Cada universidade contribui com a Igreja na missão evangelizadora dando testemunho vital, uma vez que todas as atividades da universidade católica estão harmonizadas com a missão evangelizadora da Igreja, que de forma explícita ou implícita realiza isso enquanto coloca as novas descobertas humanas a serviço dos indivíduos e da sociedade; com a formação de pessoas capazes de discernimento crítico e conscientes da dignidade transcendente da pessoa humana; com a formação profissional, ética e com senso de serviço ao outro; no diálogo com a cultura para melhor compreender a fé; na investigação teológica que ajuda a fé a exprimir-se em linguagem nova (*ECE* n.49).

A universidade católica é o lugar privilegiado para “um frutuoso diálogo entre Evangelho e cultura” (*ECE* n.43), por isso o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo enquanto participação na vida e na missão da Igreja é um aspecto primordial da missão evangelizadora da universidade católica, conforme – de um modo ou de outro – consta nos estatutos dessas respectivas instituições<sup>162</sup>. Porém, põe-se a questão até que ponto os diretores, o pessoal da administração, os docentes e discentes têm presente esse compromisso que de tão óbvio pode ser dado por

<sup>161</sup> RATZINGER, J., Homilia da Missa Pro Eligendo Romano Pontífice, em 18 de abril de 2005.

<sup>162</sup> PUC-Rio, Marco referencial estatuto regimento, p.16: “(...) A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro visa à promoção da cultura e ao desenvolvimento integral de pessoas que revelem: atitudes éticas, coerentes com os valores cristãos; liderança, comprometida com a evangelização da cultura (...)”.

suposto e pouco a pouco vai se diluindo? Como se harmoniza a missão evangelizadora da universidade católica com o labor da investigação acadêmica?

A pastoral universitária está adequadamente organizada e, portanto, em condições que de pôr em prática os elementos que darão visibilidade à missão evangelizadora da universidade? Conta com “agentes de pastoral” devidamente preparados para serem promotores da evangelização? Como tem sido realizada essa missão no interior da universidade, e também sua projeção junto à sociedade?

Na universidade católica faz-se necessário um cuidado constante, a fim de que não haja desinformações e, inclusive, contradições no exercício da missão evangelizadora, particularmente por parte dos responsáveis. Isso pode ocorrer quando não há unidade de critérios entre os departamentos, entre as diretorias e os docentes etc. A valorização exclusiva da dimensão acadêmica é um sintoma dessa desunião. Como consequência, o professorado se reduz a profissionalizar, não forma, não educa, não é verdadeiro mestre e menos ainda um evangelizador. Quando se observa tão somente os aspectos acadêmicos, se consolida a existência de uma nociva cisão entre essa dimensão e a missão evangelizadora da universidade com prejuízos visíveis para esta e também para a formação humanística como um todo.

É importante cultivar, de algum modo, na universidade católica, a concepção que os princípios cristãos são importantes para a construção de uma sociedade marcada pela fraternidade, pela justiça e pela solidariedade. Essa concepção implica o reconhecimento que todo o conjunto da universidade é, ou pelo menos deveria ser, evangelizador, evangelização que implica o envolvimento de todos, mas não se reduz à prática religiosa pessoal, por mais importante e valiosa que seja. Pautase pela vivência e pelo testemunho comunitário quanto aos valores próprios do Evangelho a serem anunciados<sup>163</sup>, de modo que a requerida harmonia entre a missão evangelizadora e as funções específicas da universidade não se conflitem, mas se complementem. Concretamente, se deve prestar serviços sacramentais, mas de acordo com um planejamento que articule as necessidades dos membros da comunidade universitária com a missão evangelizadora da universidade. As convivências e encontros com os distintos estamentos universitários são muito

---

<sup>163</sup> “O espírito cristão de serviço aos outros para a promoção da justiça social reveste particular importância para cada universidade católica, e deve ser compartilhado pelos professores e desenvolvido entre os estudantes.” (ECE n.34)

válidas e proveitosas, desde que respeitados os diferentes credos professados pelos membros da comunidade universitária. O desafio é fazer isso salvaguardando a autonomia própria da universidade.

Em vistas de uma formação integral e continuada aos estudantes cabe verificar a existência e a qualidade das instâncias formativas para além da sala de aula convencional que potencializem o desenvolvimento humano integral, como grupos de reflexão sobre a identidade institucional, de reflexão e estudos de espiritualidade, podendo, obviamente, ter nomes e características específicas correspondentes aos respectivos contextos. Tudo isso é muito importante, porém, não substitui a relação docente-discente também no nível da verdade evangélica a ser expressa em um diálogo confiante. Não se trata de esperar, nem tampouco exigir, que os professores mencionem Jesus Cristo nas suas aulas, mas, sim que, com a própria vida e conduta, possam de algum modo testemunhar um estilo que dentro do possível manifeste o enfoque cristão característico da instituição.<sup>164</sup>

### **3.4.3 A realidade da busca da verdade**

Buscar a verdade, aderir-se a ela e ordenar toda a vida segundo as exigências que daí surgem é uma obrigação moral (*DH* n.2). O papa João Paulo II, falando aos universitários, lhes recordava que devem estar “em contínua busca da verdade”, advertindo sobre um mal que é recorrente nas universidades, pois segundo ele “pode suceder também entre os que professam ser cristãos de se comportarem na universidade como se Deus não existisse. O cristianismo não é uma simples preferência religiosa subjetiva, irracional, relegada ao âmbito privado”<sup>165</sup>.

A racionalidade tem se tornando cada vez mais instrumental, o conhecimento foi somado ao poder, gerando a reificação/coisificação do ser humano e favorecendo o eclipse da razão. As consequências disso dão vazão ao relativismo, que no seu auge leva a razão a se esquecer da exigência de pensar o pensamento, deixando de fazer com que o ser humano seja mais humanizado.

---

<sup>164</sup> “Os professores universitários esforcem-se sempre por melhorar a própria competência e por enquadrar o conteúdo, os objetivos, os métodos e os resultados da investigação de cada disciplina no contexto de uma coerente visão do mundo.” (*ECE* n.22)

<sup>165</sup> JOÃO PAULO II, discurso aos universitários em Roma, 14 de dezembro de 2004, n.3.

Aquilo que um dia foi imaginado como um porvir glorioso no final das contas não deixou o homem mais feliz. Livre da submissão religiosa e guiado unicamente por sua razão, o homem seria o dono de seu destino, imaginava-se. Mal desconfiavam os iniciadores desse programa que essa razão, libertadora das cadeias do autoritarismo, haveria de converter-se ela mesma numa espécie de novo deus cujas divindades menores haveriam de conduzir os homens a uma nova forma de alienação.<sup>166</sup>

O progresso da técnica é em si muito bom, mas desordenado tem tido como efeito colateral a fragmentação, inclinando-se ao estabelecimento de dicotomias. Desse modo, os seres humanos tendem a se sentirem cindidos internamente. A fé e a razão são polarizadas em pessoas sedentas e ameaçadas por inúmeras possibilidades.

(...) ameaças resultam destas mesmas possibilidades e devemos perguntar-nos como poderemos dominá-las. Conseguir-lo-emos apenas se razão e fé voltarem a estar unidas numa forma nova; se superarmos a limitação autodecretada da razão ao que é verificável na experiência, e lhe abriremos de novo toda a sua amplitude. Neste sentido, a teologia não só enquanto disciplina histórica e humano-científica, mas como verdadeira e própria teologia, ou seja, como indagadora da razão da fé, deve ter o seu lugar na universidade e no amplo diálogo das ciências.<sup>167</sup>

A maior e a melhor defesa do ser humano e da purificação do mundo ocorre quando se resiste ao domínio do dogma da transformação e da factibilidade e se adere ao direito da verdade por causa dela mesma. Quando o ser humano se torna verdadeiro, o que equivale dizer que se deixa conduzir pela verdade, ele está estendendo a verdade e também a bondade ao mundo. A definição clássica de verdade de Tomás de Aquino, segundo a qual verdade é a adequação do espírito à realidade, é reinterpretada por J. Ratzinger, pois segundo ele essa fórmula, embora mostre elementos de decisiva importância, não diz tudo, uma vez que

perceber a verdade é um processo que ajusta o homem ao ser. É o ajuste entre o eu e o mundo, é a harmonia, na medida em que os homens se deixam conduzir pela verdade, eles encontram o caminho não apenas para o seu verdadeiro eu, mas também para o tu.<sup>168</sup>

A “busca da verdade” é o propósito essencial de toda universidade. “A missão fundamental de uma Universidade é a procura contínua da verdade [em vistas] da

<sup>166</sup> GOERGEN, P., Pós-modernidade, ética e educação, p.8; HALL, S., A identidade cultural na pós-modernidade, p.68-74.

<sup>167</sup> BENTO XVI, Aula Magna da Universidade de Regensburg, 12 set 2006.

<sup>168</sup> RATZINGER, J., Natureza e missão da teologia, p.33.

conservação e a comunicação do saber para o bem da sociedade” (ECE n.30). A questão é como em cada universidade concreta essa busca se explicita? Como se propicia o encontro entre a fé e a razão ou a fé e a ciência e a integração entre o saber e as ciências?<sup>169</sup> Como está acontecendo a formação integral e contínua dos estudantes na universidade?

A “busca da verdade” enquanto exercício próprio da ciência é uma ação da universidade. Para a universidade católica a verdade é, antes de tudo, Jesus Cristo, afirmação presente no Evangelho e relembrada pelo papa Francisco na primeira frase da Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*<sup>170</sup>. Ela não exclui que se possa ter acesso à verdade pelos caminhos da fé aliados aos da ciência e dos estudos filosóficos, que não estão em contradição, mas em complementaridade<sup>171</sup>. Quando a razão se fecha a todo o capital simbólico da fé, a razão se confina ao campo fechado da imanência, ao relativismo cultural, podendo dar espaço à emergência do niilismo. Do mesmo modo a fé, por sua vez, não pode prescindir da razão, pois ela é um ato fruto de uma opção consciente, racional. Por meio da teologia a fé busca compreender sempre mais o que crê e espera, a razão é princípio constitutivo e intrínseco à fé e à teologia. Assim sendo, a teologia e a filosofia têm, cada uma, autonomia própria, e elas não só se ajudam como também se necessitam mutuamente. Sem este exercício junto à razão, a teologia poderia incorrer facilmente no fideísmo e no fundamentalismo.<sup>172</sup>

O enfoque é, antes de tudo, na busca e não em quem possui a verdade, que embora possa ser particularizada é universal. Essa busca se dá no empenho em fazer o bem, no esforço da generosidade, no empenho em ser agente de transformação social por meio da investigação. O encontro entre fé e ciência é possível por meio do diálogo, especialmente entre filosofia e teologia. Ainda há resistências quanto à comunhão entre fé e ciência, não obstante haja muitas iniciativas em favor do avanço neste particular<sup>173</sup>. Do ponto de vista da estrutura da universidade, existe o

<sup>169</sup> PASSOS, J. D., Para o diálogo com a Universidade, p.157-66.

<sup>170</sup> “A verdade não é uma ideia abstrata, mas é Jesus, o Verbo de Deus, em quem está a Vida que é a Luz dos homens (Jo 1, 4)”;

MOLTMANN, J., Ciência e Sabedoria: um diálogo entre ciência natural e teologia, p.18.

<sup>171</sup> “A universidade católica deve empenhar-se, mais especificamente, no diálogo entre fé e razão, de modo a poder ver-se mais profundamente como fé e razão se encontram na única verdade.” (ECE n.17)

<sup>172</sup> SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D., Teologia Pública, p.59-63.

<sup>173</sup> “A fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade”. Essas são as primeiras palavras do papa João Paulo II na Encíclica *Fides et Ratio*.

perigo que a filosofia, deixando de se sentir à altura da sua autêntica missão, se degrade em positivismo; que a teologia, com a sua mensagem dirigida à razão, seja confinada na esfera privada de um grupo que pode ser mais ou menos numeroso. Se a razão ciosa da sua presumida pureza se torna surda à grande mensagem que lhe chega da fé cristã e da sua sabedoria, seca como uma árvore cujas raízes já não chegam às águas que lhe dão vida. Perde a coragem pela verdade; e deste modo não fica maior, mas, pelo contrário, diminui<sup>174</sup>. A revelação divina realizada por Jesus Cristo engrandece a ciência. A revelação e a verdade não são realidades opostas, Jesus é apresentado pelos cristãos como a verdade de Deus encarnada; isso implica que nele convergem as verdades particulares de cada ciência, de modo que a verdadeira investigação deve ter em vista contribuir para uma sociedade mais justa e solidária.

Uma ciência que exclua a possibilidade da fé não pode ser considerada verdadeira ciência. O inverso também é igualmente válido, uma religião que opta por se distanciar da ciência é uma religião que, no mínimo, se atrofia. Entre fé e ciência, religião e ciência há distinção, mas, não oposição.<sup>175</sup> A universidade católica tem a missão de realizar, no âmbito da investigação, a imbricação fecundante da fé e da razão, de modo a que se ajudem reciprocamente, “exercendo uma em prol da outra a função tanto de discernimento crítico e purificador, como de estímulo para progredir na investigação e no aprofundamento” (*FR* n.100).

De modo semelhante ao da sociedade em geral, no ambiente universitário cresce o número daqueles que não confiam na Igreja, não entendem bem a sua linguagem e, por isso, não acreditam que ela seja necessária para a relação pessoal com Deus, muitos alegam que pertencer à Igreja resulta em um empecilho à liberdade pessoal<sup>176</sup>. Os universitários, no entanto, estão abertos à espiritualidade, à oferta de transcendência, à busca do sentido da vida, a valores, porém, muitas vezes não encontram na religião oficial e institucional as respostas adequadas a seus anseios.<sup>177</sup>

A tranquilidade e o otimismo que o racionalismo proporcionou desapareceu quase por completo. A explosão de novas questões, de novas dimensões da

<sup>174</sup> BENTO XVI, em discurso lido durante a visita à Universidade de Roma "La Sapienza".

<sup>175</sup> JULIATTO, C. I., *Ciência e transcendência: duas lições a aprender*, p. 80.

<sup>176</sup> DEL AGUA, A., *Pastoral Universitária*; SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D., *Teologia e ciência*.

<sup>177</sup> BOFF, L.; BETTO, F., *Mística e Espiritualidade*.

realidade, acarreta a sucessiva mudança de paradigmas e a tentação do ceticismo com relação ao próprio conhecimento humano da verdade. Há, hoje, uma consciência, talvez inédita na história da humanidade, da historicidade da existência humana e de suas conquistas. O que antes era evidente e por todos aceito se tornou objeto de risco, já que as previsões estão continuamente sendo refeitas pela descoberta de novos dados e pelo surgimento de novos problemas. O risco pressupõe que não se tenha completo domínio da realidade. Nesse sentido, o risco é algo inerente à condição humana, onde a evidência racional se impõe, não há mais espaço para a liberdade, para a opção. O saber absoluto traria o reino da repetição e da paralisia histórica.

A Sagrada Escritura apresenta a fé como uma opção livre, mas não oposta ao saber científico, como protagonizou o racionalismo anticlerical do passado. Não só porque os primeiros princípios, como já vira Aristóteles, se impõem, sem poderem ser provados, mas porque, em nossos dias, não se pode mais negar o fundo histórico de todo conhecimento humano, a inevitável dependência do pensar da linguagem ou do horizonte recebido do passado, que jamais poderá ser examinado e avaliado em todos os seus componentes, para poder, assim, fornecer a garantia racional de que representa realmente a expressão da verdade. Além disso, as múltiplas e diversas perspectivas de interpretações da realidade, que só se desvendam como tal no interior de cada uma delas, sem que uma interpretação possa deslegitimar as outras, por serem diferentes (fato que pode ser observado hoje no interior das próprias ciências), comprova que a racionalidade da ciência não está tão distante da racionalidade da fé, como já foi pensado. O que caracteriza a fé é exatamente o fato de ela não se apoiar na razão humana para se justificar. Seu fundamento não é produto humano, e sim oferta à liberdade humana. Na Bíblia, diferentemente da concepção grega, a verdade está intrinsecamente ligada à firmeza, à consistência, à fidelidade (entre pessoas) como indica o vocábulo hebraico *emet*. Palavras humanas podem ser verdade, desde que se comprovem como tais, manifestando assim sua consistência. São então dignas de confiança, oferecem firmeza para o que nelas se apoia. A fé do Antigo Testamento significa apoiar-se em Deus, confiar nele e, conseqüentemente, extrair daí fundamento e consistência para a própria vida. Pois só Deus, em suas palavras e ações, é ilimitadamente consistente e confiável (Sl 111,7s; 119,90s; 146,6). Por isso a palavra do profeta: “Se não credes, não subsistireis” (Is 7,9).

A universidade católica busca “manifestar a superioridade do espírito, que nunca pode, sem o risco de perder-se, consentir em pôr-se a serviço de qualquer outra coisa que não seja a procura da verdade” (*ECE* n.46) por meio da convivência, do diálogo e do conhecimento mútuo entre as diversas tradições culturais, religiosas e filosóficas.

#### **3.4.4**

#### **A realidade da integração entre fé e vida**

A integração entre fé e vida a ser alcançada na universidade católica refere-se primeiramente aos que professam uma fé, mas, de um modo ou de outro, deve contemplar também os ateus e agnósticos presentes na instituição. Como a universidade tem contribuído rumo a uma crescente coerência entre o que dizem crer e o que de fato vivem? Que atividades existem para atingir essa integração? Como a comunidade universitária tem participado e como tem colaborado em favor da vivência da missão evangelizadora da universidade católica?

Embora nem sempre se logre o desejado êxito, a integração de fé e vida de todos os que compõem a comunidade universitária consta nos objetivos das universidades católicas ou de inspiração cristã. Isso significa que, ao menos oficialmente, a universidade católica intenta contribuir para a integração entre fé e vida que se dá por meio do cumprimento das responsabilidades relacionadas e em prol de um ambiente humanizado, na formação dos estudantes na sensibilidade e no compromisso social.

Constata-se contradições entre o que se crê formalmente e o que se vive no cotidiano. Há muitas falhas quanto à sensibilização em relação à pessoa humana apresentada como sendo criatura de Deus, e que, no cotidiano, tem a sua dignidade de diversos modos desvalorizada. Há práticas que denunciam a separação entre fé e vida, como consequência a fé torna-se apenas uma teoria, cuja importância é indiscutível, mas que não pode permanecer restrita ao intelecto, incapaz de afetar o cotidiano das pessoas. São as ações e as práticas concretas dos integrantes da universidade católica que indicam em que medida existe uma fé viva na instituição.

Atividades internas, das quais participam a comunidade universitária, como jornadas, oficinas, grupos e encontros de reflexão e espiritualidade, celebrações religiosas são indicativas da intensidade da vivência da missão evangelizadora da

universidade católica. Como têm sido oferecidas, com que frequência, incluem todos os membros, são estendidas aos trabalhadores terceirizados e aos estudantes dos cursos de extensão universitária? Há outras modalidades de vivência da fé que explicitem o propósito da universidade de transmitir a fé cristã?

Quanto às instâncias externas, que relação há com outras IES católicas ou de inspiração cristã? Realizam e participam de simpósios e congressos nos quais se tem oportunidade de contato com diversas crenças e linhas de pensamento? Quanto a redes, associações de universidades católicas – FIUC, Oducal, reuniões do CELAM, ABRUC, ANEC –, como tem sido a participação da universidade nessas e eventuais outras que tenham o propósito de viver e incrementar vivências de algum modo referentes à fé cristã?

A atual sociedade pluralista e secularizada constitui um sério desafio, tanto para a comunidade eclesial como para o indivíduo cristão, pois se a epistemologia deixa de estar vigente e começam a preponderar as ciências que possibilitam as tecnologias que originaram as sociedades industriais e as sociedades dinâmicas e de inovação, a religião entra em colapso.<sup>178</sup> Tanto a Igreja enquanto hierarquia quanto o cristão católico individual estão marcados por uma experiência de séculos, que por um longo período foi conhecida como a era da cristandade. Nessa época, não havia propriamente um diálogo com a sociedade, pois tudo era decidido pelas autoridades civis e/ou religiosas. As doutrinas e crenças religiosas eram predominantemente católicas e constituíam as referências básicas da sociedade, influenciando diretamente na organização e na vida social. No caso do Brasil, por meio do batismo a pessoa não apenas ingressava na Igreja, mas também recebia um nome que equivalia a sua cidadania.

Devido à união de Igreja e Coroa na época da monarquia, regulada pela instituição do padroado, recebia o Estado legitimação por parte da religião, e esta, por sua vez, garantia seu sustento material e seu domínio doutrinal. A influência evangelizadora da Igreja era pequena entre a população, que entregue a si própria em sua vida religiosa sobrevivia com um catolicismo devocional e festivo.

---

<sup>178</sup> BERGER, P. O dossel sagrado, p.119; RICOEUR, P., O conflito das interpretações; LIBANIO, J. B., Plausibilidade do cristianismo histórico nos dias atuais, p.10: “O cristianismo ocidental vem sendo questionado de dentro de suas entranhas”.

Paradoxalmente, o Brasil era maciçamente católico, mas carente de evangelização.<sup>179</sup>

O advento do regime republicano proporcionou mais liberdade para a Igreja, que pôde receber reforços missionários vindos da Europa. Ainda assim, apesar dos esforços e dos méritos de vários bispos, padres, religiosos e leigos, ou mesmo de iniciativas fecundas como as Comunidades Eclesiais de Base, é forçoso reconhecer que o Brasil católico ainda carece de uma evangelização adequada. A realidade que conseguiu sobreviver dissimulada na época de cristandade responde hoje, em grande parte, pela diminuição dos católicos registrada nos sucessivos recenseamentos.<sup>180</sup> A sociedade pluralista privou-os do respaldo social de sua fé, e a oferta numerosa de crenças levou-os a migrarem para outras comunidades cristãs, em que alguns conseguem, pela primeira vez, ao menos se aproximarem de uma experiência salvífica com Jesus Cristo. Muitos católicos, sobretudo jovens universitários, veem a Igreja como uma instituição autoritária, moralista e com um discurso que não os ajuda, pois nem sempre conseguem aplicá-lo à sua vida concreta. Seria incorreto, no entanto, atribuir somente à hierarquia da Igreja a dificuldade experimentada hoje pelos católicos para viverem sua fé, uma vez que a sociedade pluralista, em rápidas transformações, torna inócuas, inadequadas e até ineficazes muitas referências vitais do passado, questionando, assim, o valor das tradições responsáveis pela vida social e pelas identidades individuais.<sup>181</sup>

Com exceção do mundo da economia, guiado pela produtividade e pela eficácia, talvez nenhum outro setor da sociedade consiga, sem muita dificuldade, impor interditos ou gerar compromissos em vista do bem comum. E quando tentam fazê-lo devem vir equipados com um discurso justificativo e convincente, do contrário não serão ouvidos.

Desde o século XVI constata-se a passagem de uma cultura cosmocêntrica para outra antropocêntrica, que enfatiza a subjetividade, a liberdade, o direito do indivíduo, oferecendo espaço para que cada um construa sua própria biografia e siga seu próprio itinerário existencial. Nada é aceito apenas por vir apoiado na

---

<sup>179</sup> CASALI, A., *Elite intelectual*, p.39-56.

<sup>180</sup> ANDRADE, P. F. C., *Possibilidade da relação entre fé e política em uma era secular*, p.56.

<sup>181</sup> LIBANIO, J. B., *Plausibilidade do cristianismo histórico nos dias atuais*, p.9.

tradição ou na autoridade, como se deu no passado.<sup>182</sup> Esta situação impõe ao indivíduo a obrigação de fazer escolhas, mas também lhe oferece opções mais conscientes e autênticas, ainda que mais complexas quando comparadas com as de outrora. A emergência da subjetividade, tal como constatamos hoje, desregula o consagrado sistema de transmissão dos saberes, dos valores, das práticas sociais e dos sentimentos, gerando um mal-estar coletivo e patente no difícil relacionamento com as gerações mais jovens. Naturalmente as instituições sociais sofrem a mesma crise, sem que a Igreja e a universidade constituam exceções.

Essa situação se vê agravada pela fragmentação do saber, pela ausência de amplas visões da realidade ou de ideologias que garantam a liberdade, privando a sociedade de um horizonte hegemônico facilitador da convivência com os semelhantes. Pelo contrário, cada vez mais só se tem acesso a pedaços de cultura e, portanto, a fragmentos da realidade. Será que a sociedade está condenada a viver em meio a leituras diferentes uma das outras, sem que possa integrá-las todas num sistema unitário? É fato incontestável que existe um relativismo que mina as convicções, fomenta um pragmatismo existencial que impele a um consumismo de objetos ou de sensações. Transposta numa escala macro, essa realidade se manifesta na hegemonia do lucro, na insensibilidade das grandes potências, na escalada da violência, no terrorismo, na degradação socioambiental, no incremento da indústria bélica ou da disseminação das drogas, que gera temor pelo futuro da própria humanidade.

A instabilidade cultural leva muitas pessoas a buscarem saídas para o impasse em que se encontram. Alguns cedem à tentação fundamentalista, entregando sua liberdade a gurus em troca das almeçadas certezas. Outros buscam refúgio na experiência de sentimentos intensos, aliando-se, por exemplo, ao movimento pentecostal em alguma de suas várias modalidades. Outros ainda partem para as crenças orientais, talvez em alguma versão ocidentalizada, em busca de luz e de sentido para a vida. O fenômeno aí está, resultante tanto da eventual imperícia da Igreja quanto também da vertiginosa velocidade das mudanças socioculturais. Muitas pessoas lançam mão de válvulas de escape utilizadas numa perspectiva de autoajuda, isto é, centradas no próprio indivíduo que as utiliza para seu conforto

---

<sup>182</sup> BOBBIO, N., A era dos direitos, p.123: “Com a revolução francesa, entrou prepotentemente na imaginação dos homens a ideia de um evento político extraordinário que, rompendo a continuidade do curso histórico, assinala o fim último de uma época e o princípio de outra.”

espiritual ou de sua própria paz interior. A incrível produção de bens de consumo, à custa do empobrecimento de grandes majorias do planeta, aliada à sensação de um futuro incerto e ao enfraquecimento das convicções tornam problemática a vivência da fé cristã. Cresce o imediatismo, caracterizado pelo querer alcançar a felicidade já, desejando o Reino de Deus em sua plenitude nesta vida, deixando de lado o fato que a promessa divina de uma eternidade bem-aventurada não constitui, pelo menos, não como no passado, uma instância capaz de dar sentido e motivar as diversas renúncias próprias de quem vive a fé ou se aventura na caridade fraterna. Não existe mais a tranquilidade religiosa vivida pelos antepassados. O ato de fé (*fides qua*) era um pressuposto tranquilo; com isso se dava mais atenção a seu conteúdo (*fides quae*), às formulações doutrinárias. A inexistência de sérios desafios não estimulava um questionamento, nem tampouco o aprofundamento da própria fé. Tudo era aceito, com ou sem a devida compreensão, já que pertencia à cultura hegemônica da época. Em boa parte, essa fé de âmbito religioso-cultural, sem muita raiz e por isso frágil, talvez explique parte da situação de desafio em que se encontra a missão evangelizadora da universidade católica, particularmente no que tange à integração entre fé e vida.

### 3.5

#### **Desafios para a missão evangelizadora da universidade católica relacionados à realidade da atual geração dos universitários**

“Geração dos universitários” é um conceito proveniente da sociologia, que constata atitudes, posturas e comportamentos predominantes nos jovens universitários, relacionadas a períodos históricos e características que sublinham distinções específicas. Há outras classificações, porém, as mais conhecidas e influentes são as denominadas gerações X, Y e Z<sup>183</sup>. Existem grandes diferenças

---

<sup>183</sup> BARBOSA, L., Juventudes e gerações no Brasil Contemporâneo; OLIVEIRA, S., Geração Y: o nascimento de uma nova versão de líderes. Oliveira nessa obra apresenta e discute as características, os comportamentos e as expectativas desse grupo denominado geração Y em contraposição às gerações anteriores. A maioria dos universitários atuais pertencem à geração Y e/ou Z. Sobre a geração Z: TAPSCOTT, D., A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos, p.53: “eles querem estar conectados com amigos e parentes o tempo todo, e usam a tecnologia – de telefones a redes sociais – para fazer isso. Então quando a tevê está ligada, eles não ficam sentados assistindo a ela, como seus pais faziam. A tevê é uma música de fundo para eles, que a ouvem enquanto procuram informações ou conversam com amigos on-line ou por meio de mensagens de texto. Seus telefones celulares não são apenas aparelhos de comunicação úteis, são uma conexão vital com os amigos”.

entre os universitários de cada uma dessas gerações, pois pertencem a contextos políticos, econômicos, sociais e tecnológicos bem distintos. Esses fatores influenciam diretamente os hábitos e a forma como as pessoas se comportam, o que acaba marcando as suas características e o modo como agem no mundo. Antigamente, as gerações eram classificadas a cada 25 anos. Atualmente, devido às mudanças cada vez mais rápidas, os especialistas afirmam que novas gerações, com características e comportamentos distintos, estão surgindo a cada 10 anos aproximadamente<sup>184</sup>. Os avanços tecnológicos cada vez mais velozes e influentes fazem com que os estudiosos não saibam prever como essas transições geracionais se darão daqui a alguns anos.

A geração Y reúne os que nasceram aproximadamente entre 1980 e 1990, e recebeu esse nome porque a antiga União Soviética (URSS), que exercia grande influência sobre os países comunistas, definia a primeira letra dos nomes que deveriam ser dados aos bebês entre 1980 e 1990 com o Y. Os pertencentes a esta geração se caracterizam por serem extremamente informados e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, considerados alienados, “pois ainda não conseguem ou não sabem lidar com toda esta informação de forma produtiva”<sup>185</sup>. Os jovens dessa geração aprenderam a lidar com a ausência não somente do pai, mas também com a da mãe. Metade dos jovens não têm pai e mãe morando na mesma casa; 33% tem pais separados; 8% nunca tiveram contato com o pai ou com a mãe, conforme constata a pesquisa realizada pela MTV, chamada Dossiê Universo Jovem<sup>186</sup>. Para compensar a ausência, os pais procuraram proporcionar aos filhos a melhor educação possível, cursos de idiomas, esportes ou qualquer outra atividade que pudesse preencher o tempo da criança. Os jovens tiveram uma qualificação elevada, pois nenhuma geração anterior recebeu tantos estímulos e informações. É importante salientar que isso não inclui todos, pois a sociedade atual possui enormes lacunas em “bolsões de pobreza”, em que os jovens encontram muitas limitações, com um nível de ensino inferior e poucas alternativas para se desenvolverem.

---

<sup>184</sup> A periodização (a delimitação do período) de cada uma das gerações X, Y, Z e Alfa é aproximada, uma vez que visam captar características comportamentais predominantes. A datação não é unânime, a maioria dos autores apresenta: geração X = 1961-1981; geração Y = 1982-1989; geração Z = 1990-2009; geração Alfa: 2010 - aos dias atuais.

<sup>185</sup> OLIVEIRA, S., Geração Y: o nascimento de uma nova versão de líderes, p.40.

<sup>186</sup> Pesquisa realizada pelo canal de TV paga MTV para conhecer os valores, atitudes e o comportamento do jovem brasileiro. Disponível em: [http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4\\_Mtv.pdf](http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf). Acesso em: 17 out 2018, p.6.

Entre os universitários, que é o foco do nosso estudo, essa realidade se verifica de maneira bastante acentuada. A estrutura familiar desta é bastante diferente daquela de outras gerações, pois muitos desses jovens viram seus pais se casando novamente e tiveram irmãos e irmãs de pais diferentes. “O conceito de família tem se modificado substancialmente ao longo dos anos”<sup>187</sup>. De acordo com a pesquisa “Juventude, o que une ou separa”, “entre os jovens brasileiros, apenas 33,8% vivem em uma família cuja estrutura é do tipo nuclear ou extensa, ou seja, com a presença dos pais e irmãos”<sup>188</sup>. Os jovens da geração Y são caracterizados por fazerem questionamentos constantemente, pois para eles questionar é uma forma de se conectar. Demonstam impaciência em quase todas as situações, desenvolvem ideias e pensamentos com superficialidade. O Dossiê Universo Jovem 4, em suas considerações finais, afirma: “a informação está muito presente, mas de forma superficial, sem profundidade. Com a *internet* e a mídia, os jovens sabem falar sobre tudo, mas a maioria não consegue filtrar nem se aprofundar em nada”<sup>189</sup>. Esses jovens buscam viver intensamente cada experiência, mas são transitórios em suas decisões e escolhas, possuem necessidade de constante reconhecimento, buscam intensamente a ampliação da rede de relacionamentos, optam por padrões informais e flexíveis e buscam a individualidade como forma de expressão. O individualismo é a consequência da superproteção e de um padrão de vida e consumo que favorece o egoísmo. A ideia do coletivo ficou de lado, o que prevalece é a vontade de cada um, a opinião de cada um. “Pensar em quem está ao lado é uma tarefa incomum para esta geração”<sup>190</sup>. Os principais atributos que os jovens usaram para descrever sua geração foram vaidade, consumismo e acomodação, e de acordo com o Dossiê Universo Jovem 4 essas informações coincidem com outras obtidas em pesquisa anterior<sup>191</sup>. Para essa geração, o trabalho tem que ter valor, precisa ter significado e contribuir para a empresa, para o país, uma causa ou comunidade. Os jovens desta geração precisam ver sentido no que fazem. A geração Y tem uma paixão enorme por transformar o mundo em um lugar melhor, o fator mais importante para eles,

---

<sup>187</sup> ABRAMOVAY, M. et. al., *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*, p.44.

<sup>188</sup> ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G., *Juventude, juventudes: o que une e o que separa*, p.20.

<sup>189</sup> Disponível em: [http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4\\_Mtv.pdf](http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf) Acesso em: 5 out 2018, p.64.

<sup>190</sup> Disponível em: [http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4\\_Mtv.pdf](http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf) Acesso em: 5 out 2018, p.65.

<sup>191</sup> Disponível em: [http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4\\_Mtv.pdf](http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf) Acesso: em 5 out 2018, p.13.

em um emprego, é fazer a diferença, e ter um trabalho significativo é uma necessidade e não apenas algo bom ou importante<sup>192</sup>. A preocupação predominante da juventude universitária da geração Y não é apenas se haverá emprego ou não, mas que tipo de trabalho realizará.

Outra geração a que pertence parte significativa dos universitários atuais é a geração Z: “Ainda em fase de consolidação, a geração conhecida como Z se caracteriza por uma grande nuance que é o zapear. Zapear é um verbo proveniente do inglês: *to zap* + *-ear*, utilizado para designar o ato de mudar constantemente o canal na televisão, geralmente através de um controle remoto, os membros desta geração se caracterizam por gostar de fazer várias coisas ao mesmo tempo”<sup>193</sup>. Essa é a geração daqueles que nasceram após a popularização da internet. Desde pequenos esses jovens já foram familiarizados com as mais diversas possibilidades da era tecnológica. É a geração que compreende o funcionamento das ferramentas melhor do que qualquer outra. Os integrantes dessa geração Z nunca viram o mundo sem a ostensiva presença de computadores, *tablets* e celulares, e desde muito pequenos já interagem muito bem com esses dispositivos, aprendendo com muita facilidade seu manuseio. Por isso, quando o assunto é tecnologia digital, estão sempre um passo à frente em relação aos de gerações anteriores. Quando o assunto é carreira profissional, são desconfiados, pois não acreditam na ideia de exercer apenas uma função durante a vida inteira. Estão ainda para chegar ao mercado, mas já se espera dessa geração uma grande flexibilização nas relações de trabalho, com uma forte produção conectada à velocidade da tecnologia. As principais características da geração Z são: responsabilidade social, ansiedade extrema, menos relações sociais, desapego das fronteiras geográficas e necessidade de exposição de opinião.

A maioria dos universitários atuais são jovens pertencentes a uma ou outra dessas gerações que vimos. O ser jovem situa-se entre a etapa da infância, tempo da primeira fase de desenvolvimento corporal (físico, emocional, intelectual) e da primeira socialização e a idade adulta, quando se espera que aconteça o ápice do

---

<sup>192</sup> LANCASTER, L. C.; STILLMAN, D., O Y da questão: como a Geração Y está transformando o mercado de trabalho, p.79.

<sup>193</sup> CERETTA, S. B.; FROEMMING, L. M., Geração Z: compreendendo os hábitos de consumo da geração emergente, p.19.

desenvolvimento e da cidadania plena.<sup>194</sup> A juventude tem início com as mudanças físicas da puberdade (de maturação das funções fisiológicas ligadas à capacidade de reprodução), com as concomitantes transformações intelectuais, emocionais e termina, em tese, quando se conclui a “inserção no mundo adulto”. Na concepção clássica da sociologia, tal inserção, que marca o fim da juventude, abarca, de modo geral, cinco dimensões: terminar os estudos, viver do próprio trabalho; sair da casa dos pais e estabelecer-se numa moradia pela qual torna-se responsável; casar, ter filhos.<sup>195</sup> Este período etário que compreende a juventude é legitimado pela sociedade como um tempo para a sua exclusiva formação com vistas ao exercício futuro das responsabilidades atribuídas ao adulto. A juventude é tida, também, como uma etapa de vida que possui suas próprias oportunidades, mas também limitações. Essas fases da vida são culturais e históricas. O próprio conceito de juventude é uma construção histórica, social e relacional que, através de diferentes épocas, processos históricos e sociais, veio adquirindo definições e delimitações diferentes. Percebe-se um crescente alargamento desta fase, este período da vida atualmente começa mais cedo e termina mais tarde em comparação com outras gerações.<sup>196</sup>

“Mais que em outras fases, é na juventude que a sociabilidade entre amigos se manifesta. Também entre os universitários ela se verifica: depois da família, a amizade é a realidade mais importante para eles”<sup>197</sup>. No Dossiê MTV 5, afirma-se que os amigos são os formadores de opinião mais importantes.<sup>198</sup> Os pertencentes às gerações Y e Z se caracterizam por estarem abertos para conversar sobre qualquer assunto, dinheiro, sexo, política ou drogas. Esta abertura é uma oportunidade a ser valorizada por quem se propõe a trabalhar e acompanhar a juventude atual. Com o acesso à internet cada vez mais facilitado, os universitários dessas novas gerações dificilmente conseguem ficar muito tempo concentrados em uma aula tradicional. Considerando essa realidade, uma alternativa seria aceitar que os *smartphones*, *tablets* e demais aparelhos façam parte das aulas. É cada vez mais

<sup>194</sup> A Assembleia Geral das Nações Unidas define “jovem” como sendo o grupo de pessoas com idade entre 15 e 24 anos. ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G., Juventude, juventudes: o que une e o que separa, p.9.

<sup>195</sup> FREITAS, M. V. et al., Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais, p.7.

<sup>196</sup> FREITAS, M. V. et al., p.10.

<sup>197</sup> RIBEIRO, J. C., Religiosidade jovem pesquisa entre universitários, p. 184.

<sup>198</sup> Disponível em: [http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie5\\_Mtv.pdf](http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie5_Mtv.pdf). Acesso em: 17 out 2018, p.76.

necessário que o educador aja de forma criativa e analítica; e leve para a sala de aula as ferramentas como aliadas, de forma a engajar e estimular o interesse, levando em consideração todas as características predominantes da geração Y e principalmente da Z. É muito importante se adequar a esse novo estilo de educação, pois a geração *Alpha* já está se aproximando e é ainda mais determinada por pessoas muito mais autônomas e com mais facilidade para resolver problemas do que seus pais e avós. As relações autoritárias marcadas por imposições hierárquicas na geração *Alpha* tendem a ceder lugar a relações marcadas pelo diálogo, realidade que já se constata bastante nas gerações Y e Z. Na educação, portanto, a tendência é a mudança do sistema para um ensino cada vez mais voltado para o verdadeiro sentido do aprender, ajustando o conteúdo e as metodologias às necessidades e à vivência do cotidiano. O corpo docente das universidades católicas é cada vez mais desafiado a se adaptar a esses novos paradigmas de transmissão de conhecimentos.

A juventude pode ser abordada por diferentes aspectos. A visão biocronológica define a juventude em termos de idade, a partir da qual a juventude é entendida como etapa de transição; a visão psicológica vê a juventude como uma etapa de construção da identidade, durante a qual o jovem tem muitas opções e define sua vocação; já a visão sociológica vê a juventude como um grupo social diferenciando vários setores: estudantes, universitários, jovens em situações críticas, indígenas, operários/trabalhadores e outros grupos; e a visão cultural-simbólica vê a juventude em seu universo cultural a partir do qual constrói símbolos identitários; pode-se ainda mencionar uma visão jurídica ou legal de juventude. Essas visões são obviamente distintas, mas não são excludentes<sup>199</sup>, a própria definição de juventude pode ser desenvolvida por uma série de pontos de partida: como uma faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social, uma geração. Existem elementos que são comuns a todos os jovens, por isso é necessário evitar uma visão fragmentada da juventude. É importante salientar, no entanto, que não existe somente uma única juventude, mas várias. Não existe um único perfil de jovem. Este estudo é restrito à juventude universitária e sua relação com a religiosidade, a vivência da fé e da espiritualidade cristã. Contudo, a juventude universitária é apenas uma dentre muitas e mesmo no seu interior há inúmeras diferenças e desigualdades que atravessam esta condição.

---

<sup>199</sup> DICK, H., Gritos silenciados, mas evidentes, p.15.

“É crescente a compreensão de que não há propriamente uma juventude, mas várias, definidas e caracterizadas segundo diferentes situações, vivências e identidades sociais”<sup>200</sup>.

De acordo com a teoria de desenvolvimento da fé proposta por James Fowler, o jovem se encontra na transição do terceiro para o quarto estágio, pois este se dá no final da adolescência e início da vida adulta, fase esta que compreende geralmente a etapa durante a qual o jovem está na universidade cursando a graduação. Para Fowler, o movimento do estágio 3 (fé sintético-convencional) para a fé individual-reflexiva do estágio 4 é particularmente crítico, pois é nessa transição que o adolescente ou adulto deve começar a assumir seriamente o encargo da responsabilidade por seus próprios compromissos, estilo de vida, crenças e atitudes.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha, em maio de 2007, revela que 97% dos brasileiros disseram acreditar totalmente na existência de Deus, 2% reconheceram ter dúvidas, e apenas 1% admitiu não acreditar na existência de Deus.<sup>201</sup> Segundo o Dossiê Universo Jovem 4, 69% dos jovens pesquisados disseram acreditar em Deus, aumentando a porcentagem de outra pesquisa realizada pela mesma MTV pouco tempo antes, que era de 63%<sup>202</sup>. Uma pesquisa realizada nos EUA, em 2010, identificou que aproximadamente 40% dos jovens continuam na igreja depois da formatura.<sup>203</sup> Outro estudo realizado em 2006, por Steve Henderson, presidente do Instituto Consulting for Collegessand Ministries, demonstrou que aproximadamente 58% dos jovens cristãos norte-americanos se afastaram da igreja ao ingressar na universidade. Na mesma época, uma pesquisa semelhante foi realizada também dentro de universidades brasileiras e o resultado foi equivalente.<sup>204</sup>

É fato que o jovem, em geral, responde a convites para participar de atividades religiosas. Cabe às instituições como as universidades católicas proporcionarem aos jovens uma programação que os atraia. De acordo com Jorge Claudio Ribeiro:

---

<sup>200</sup> DANIELSKI, G., Esperança cristã e juventudes, p.79.

<sup>201</sup> RIBEIRO, J. C., Religiosidade jovem pesquisa entre universitários, p.101.

<sup>202</sup> Disponível em: [http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4\\_Mtv.pdf](http://www.aartedamarca.com.br/pdf/Dossie4_Mtv.pdf), p.11. Acesso em: 9 jan 2018.

<sup>203</sup> EUA: 60% dos jovens não continuam na igreja depois do período escolar. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/integra.php?s=12&i=799>. Acesso em: 14 out 2018.

<sup>204</sup> NASCIMENTO, V., O cristão e a universidade, posição:199.

uma motivação para os jovens aderirem a alguma igreja é a intensa necessidade de sociabilidade que estimula rapazes e moças da mesma religião a formar grupos, participar juntos de cultos e de lazer. Neste ambiente, a música é elemento importante na experiência religiosa, atraindo os jovens para shows e cultos evangélicos.<sup>205</sup>

Em relação à religiosidade dos jovens universitários brasileiros, é possível verificar que:

Podemos identificar o entrelaçamento de três tendências que se fazem presentes na experiência desta geração, a saber: a) forte disposição para o trânsito religioso e para novas combinações sincréticas; b) diminuição da transferência religiosa intergeracional e ênfase na escolha individual (seja para declarar-se ateu ou agnóstico; seja para mudar de religião e seja, até, para permanecer na religião dos pais); c) ampliação das possibilidades para o desenvolvimento da religiosidade sem vínculos institucionais.<sup>206</sup>

No ambiente universitário constata-se, portanto, que muitos jovens cristãos têm abandonado suas igrejas de origem aderindo a movimentos estudantis como: GOU, Movimento Estudantil Alfa e Ômega, ABUB<sup>207</sup>, todos esses são movimentos que se propõem a uma busca da religiosidade e a propagação da fé em Cristo. Alguns permanecem ligados às igrejas de origem, outros se distanciam, em todo caso continuam suas práticas e seu desenvolvimento religioso sem nenhum ou com poucos vínculos institucionais.

As pesquisas disponíveis, particularmente as aqui referidas, indicam que o jovem universitário está sendo envolvido por essa cultura religiosa cada vez mais marcada pela diversidade de alternativas. O que esta tendência significa em termos teológicos e de vivência da fé, sobretudo da fé cristã, bem como as respectivas consequências, é algo que ainda necessita ser refletido a fim de ser devidamente compreendido<sup>208</sup>, pois constata-se uma situação extremamente paradoxal: um eclipse do cristianismo nas sociedades ocidentais, apresentadas como laicas e pós-cristãs “sendo o meio universitário brasileiro o mais laico e secularizado do país”<sup>209</sup>, mas, simultaneamente, assiste-se ao ressurgimento da religiosidade de diversas

<sup>205</sup> RIBEIRO, J. C., *Religiosidade jovem pesquisa entre universitários*, p.128.

<sup>206</sup> TEIXEIRA, F.; MENEZES, R., *As religiões no Brasil. Continuidades e rupturas*, p.145.

<sup>207</sup> GOU (Grupo de oração universitária), disponível em: <http://www.universidadesrenovadas.com/portal/>; Alfa e Ômega, disponível em: <http://alfaeomega.org.br/site/quem-somos/o-que-e-o-alfa-e-omega/>; ABUB (Aliança Bíblica Universitária): <http://www.abub.org.br/>. Acesso em: 4 nov 2018.

<sup>208</sup> LIBANIO, J. B., *A religião no início do milênio*, 2002.

<sup>209</sup> OLIVEIRA, P. R., *Tudo que é humano ressoa no coração da fé: discernir a missão universitária à luz dos sinais dos tempos*, p.2116.

formas na vida contemporânea. Cabe interrogar sobre o que significa “retorno” em um país como o Brasil, no qual o aspecto religioso nunca esteve totalmente ausente.

Segundo o teólogo Jung Mo Sung enfatiza, em nome da fé na ressurreição de Jesus, muitos ao longo da história têm lutado por uma sociedade mais justa e solidária:

a multidão mudou a sua maneira de ver o mundo e de viver porque creu na ressurreição daquele que morreu na cruz por pregar a boa nova aos pobres. Sem a fé na ressurreição, não haveria sentido nem força espiritual para vencer o egoísmo e o desejo de acumulação pessoal, para viver a vida da comunidade, partilhando para que todos pudessem ter uma vida digna, sem passar necessidades.<sup>210</sup>

O autor afirma ainda que:

a fé em Deus é uma aposta que nasce a partir de uma experiência espiritual e nos dá um sentido último para as nossas vidas. Até as coisas pequenas da vida adquirem um sentido mais profundo a partir da fé. Por isso ela é tão importante e marcante na vida de uma pessoa que crê.<sup>211</sup>

Não que somente os cristãos sejam os responsáveis, ou menos ainda, os únicos agentes de transformação da sociedade. Tampouco, se trata de uma visão simplista segundo a qual a conversão da mente e dos corações dos cristãos faz com que a transformação social aconteça automaticamente. Não se trata de negar o paradoxo presente no ser humano<sup>212</sup>, contudo espera-se que a pessoa que põe sua fé na morte e na ressurreição de Jesus tenha uma maior participação na busca da justiça e na solidariedade em vistas da transformação da sociedade. Em referência à fé cristã, afirma Paul Tillich que: “fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente”<sup>213</sup>. J. B. Libanio, buscando compreender os rumos da juventude, afirma que: “a fé significa resposta pessoal à Palavra revelada que pede adesão, conversão e atuar segundo suas exigências”<sup>214</sup>.

Conforme a teoria de desenvolvimento da fé proposta por James Fowler, a grande maioria dos universitários se encontra na faixa etária na qual se dá transição da fé sintético-convencional para a fé individuativa-reflexiva, período em que ocorre a tensão entre sua autorrealização como preocupação primária e o serviço

<sup>210</sup> MO SUNG, J., Cristianismo de libertação. Espiritualidade e luta social, p.75.

<sup>211</sup> MO SUNG, J., Cristianismo de libertação. Espiritualidade e luta social, p.93.

<sup>212</sup> Mt 12, 24-46: segundo a parábola do joio e do trigo, no coração do ser humano encontram-se presentes o bem e o mal. Sobre a mesma questão, também Rm 7,14-15.

<sup>213</sup> TILLICH, P., Dinâmica da fé, p.5; OLIVEIRA, P. R., O rosto plural da fé.

<sup>214</sup> LIBANIO, J. B., Para onde vai a juventude?, p.188.

em prol de outros acontece de maneira mais significativa<sup>215</sup>. Estar possuído por aquilo que os toca incondicionalmente pode fazer com que os universitários encarem esta tensão de maneira sadia e se envolvam prioritariamente a partir dos valores crísticos presentes no Evangelho, na transformação da sociedade, servindo ao outro através da vivência em prol da dignidade da vida humana.

É fato que a rotina de um universitário é bastante intensa devido às exigências inerentes aos estudos, aulas, estágios, iniciação científica, atividades esportivas. Essa situação, em geral, pode se agravar ainda mais, em consequência do longo tempo gasto no trajeto até a universidade, principalmente para os estudantes que residem distante dela. Apesar das inúmeras tarefas realizadas pelo universitário, o que determina o tempo é a prioridade. J. B. Libanio argumenta sobre a necessidade de uma pedagogia do tempo. Segundo ele, o primeiro princípio desta pedagogia é que “não existe falta de tempo. Trata-se de prioridade. Para as realidades a que atribui importância se arruma tempo. À medida que a desloca para grau de menor relevância, então o tempo disponível não alcança”<sup>216</sup>. Acrescenta-se a isso o fato de uma importante característica desta juventude, geração Y e até mais da geração Z, ser a capacidade de realizar várias tarefas ao mesmo tempo. Ser multitarefa é uma característica destas gerações, que ajuda o jovem a lidar bem com a questão do tempo. Eles gostam de estar envolvidos em muitas atividades. Desde cedo aprenderam a estar ocupados durante todo o dia com muitas atividades simultâneas. Ser multitarefa ajuda o universitário a participar com entusiasmo de atividades extraclasse, nas quais podem, de algum modo, aplicar o conteúdo teórico apreendido na sala de aula ou na biblioteca e assim exercer algum tipo de influência na sociedade.

### 3.5.1

#### **Desafios atuais relacionados à realidade da missão evangelizadora da universidade**

A civilização atual se caracteriza pela supervalorização da produção, do dinheiro e do consumo. Em consequência disso, a operosidade e a eficiência técnica

---

<sup>215</sup> FOWLER, J. W., Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido, p.154.

<sup>216</sup> LIBANIO, J. B., Para onde vai a juventude?, p.172.

cada vez mais se impõem como critérios de avaliação da sociedade, cenário que apresenta muitos desafios à evangelização do meio universitário.

Os jovens universitários dos tempos atuais têm acesso cada vez mais facilitado aos meios de informação, o que lhes favorece terem, pelo menos, conhecimentos gerais muito mais acessíveis que tiveram outras gerações anteriores, inclusive as recentes. Não obstante o notável avanço tecnológico, a humanização desses universitários tem sido mais fragmentada (*ECE n.7*)<sup>217</sup> devido a vários fatores como: a desestruturação da família, a mercantilização preponderando nos mais diversos segmentos da sociedade, os conflitos entre os próprios jovens que ocasionam solidão, desilusão e desorientação existencial. Todos esses são problemas muito sérios diante dos quais a universidade encontra dificuldades quando se propõe a interagir efetivamente (*ECE n.32*). A isso soma-se a crise de fé que tem caracterizado o cristianismo nos tempos atuais. O advento de uma sociedade pluralista e as aceleradas mudanças socioculturais tira a Igreja Católica da zona de conforto vivida no período da cristandade, e como consequência a transmissão da fé, que parecia acontecer de forma automática em tempos passados, pelo menos nos países marcados pela fé cristã, tem se tornado cada vez mais um sério desafio para as Igrejas. Constata-se a ineficiência do discurso doutrinal e ético por parte das autoridades eclesiais, pelo menos quando se apoiam nessas mesmas instâncias institucionais tradicionais. Diante desse cenário, emerge a pergunta: como apresentar a mensagem, a “boa-nova” salvífica de Jesus Cristo para nossos contemporâneos?

Na cristandade, a sociedade era interpretada em sua globalidade à luz da fé. Qualquer setor da realidade, que não recebesse a luz da verdade, enfraquecia a visão cristã, pois o liberava para outras leituras, religiosas ou não, mas sempre questionadoras da visão cristã. Desse modo, a Igreja conseguiu plasmar o horizonte cultural ocidental que fornecia chaves interpretativas e padrões de comportamento para toda a sociedade. Nesse cenário, a transmissão da fé era tranquila porque encontrava respaldo na sociedade como um todo. Hoje, a realidade é bem diferente, pois se constata apenas fragmentos do saber e de práticas comportamentais diferenciadas que coexistem e se relativizam mutuamente. E volta a questão: que mediação há hoje para transmitir a fé cristã?

---

<sup>217</sup> Também em: LADRIÈRE, J., Pour une conception organique de l'Université Catholique.

O imperativo cultural predominante, nos dias atuais, é a busca da realização pessoal. Cada pessoa se acha no direito de viver a seu modo, procurando o que lhe parece construir sua felicidade, seja do ponto de vista afetivo, material, comportamental e também religioso. Cada um quer ser considerado e respeitado na sua singularidade, nas suas aspirações, interesses, afeições e conflitos, contrapondo-se, assim, à pasteurização cultural e à penúria de relações sociais consistentes que caracterizam as sociedades ocidentais afluentes, burocratizadas e atomizadas. Igualmente cada um reivindica sua própria capacidade de refletir, julgar e decidir sobre suas opções concretas, inclusive as de cunho religioso, e mesmo sem a devida reflexão dos critérios utilizados. Ninguém quer ser considerado apenas uma concretização anônima de uma norma geral, aplicada igualmente a outros. Mesmo reconhecendo estar essa busca de autorrealização permeada por ideais consumistas, quiçá também egoístas e hedonistas, é possível aproveitá-la para apresentar hoje a fé cristã?

Na universidade católica acontece com facilidade um hiato entre a dimensão acadêmica e a evangelização que enquanto “católica” lhe compete fazer; isso ocorre, principalmente, porque há falta de unidade de critérios quanto a como se deve evangelizar. Com isso, muitos docentes se limitam a transmitir conhecimentos sobre as suas respectivas disciplinas, mas não se sentem impelidos a cumprirem, também, a função de colaborar na formação integral dos estudantes<sup>218</sup>. Nem sempre nas universidades católicas há harmonia entre as funções acadêmicas e o “anúncio do Evangelho”. São grandes os desafios postos às universidades católicas quanto à evangelização do meio intelectual a ser realizada por meio da inculturação do Evangelho.

O propósito existente em toda universidade de “busca pela verdade”, como exercício específico da ciência, tem na universidade católica o caminho da fé para se chegar à verdade suprema, Deus; e superando os preconceitos científicos ou até teológicos, entrar em diálogo com a ciência para descobrir novos caminhos para se ter acesso a Cristo, em quem confluem todas as verdades e a partir de quem se pode projetar uma investigação rumo à sociedade com critério de justiça e a convicção de que a universidade católica está a serviço da sociedade para ajudá-la quanto aos

---

<sup>218</sup> “Os professores universitários esforcem-se sempre por melhorar a própria competência e por enquadrar o conteúdo, os objetivos, os métodos e os resultados da investigação de cada disciplina no contexto de uma coerente visão do mundo.” (ECE n.22)

muitos problemas que a afligem.<sup>219</sup> Essa busca pela verdade contempla uma interdisciplinaridade entre as mais diversas áreas e pressupõe igualmente a transdisciplinaridade, que visa ir além das particularidades de cada disciplina isolada.<sup>220</sup> Manter a coerência entre a expectativa criada ao apresentar propostas que motivem o ingresso e o panorama de realização profissional que sucede à graduação é um grande desafio para a universidade católica.

Na realidade atual da sociedade globalizada e mercantilista, prepondera a competitividade que favorece o eclipsamento dos interesses axiológicos.<sup>221</sup> A consciência que a realização plena do ser humano pode se encontrar ou, pelo menos, ter referência na vivência da mensagem de Jesus presente nos Evangelhos põe à pastoral da cultura desafios que devem ser tratados no âmbito do diálogo fé e cultura e a serem acolhidos pela universidade católica para repensar sua posição no mundo e as suas funções à luz de sua identidade e missão.

É facilmente identificável que entre o conteúdo presente nos catecismos e o que os universitários pensam, creem e expressam em matéria de religião há divergências evidentes. O contato e o respectivo diálogo cotidiano com jovens universitários permitem que constatemos a emergência de questões relacionadas mais diretamente a religião e ao diálogo fé e cultura, tais como: Se Deus é o único absoluto, que sentido e que consequências há em absolutizar uma religião? A fé é para ser vivida, se falta coerência entre a fé e a vida haverá que ser mudado o conteúdo da religião ou o comportamento pessoal? A Igreja deve se conformar com a diminuição dos fiéis ou ir em busca dos que estão se afastando? Uma pessoa verdadeiramente religiosa é a que cumpre os mandamentos de uma religião ou a que vive os compromissos que nascem de uma experiência pessoal de fé? Qual deve ser o papel de quem está evangelizando quando a crença em um Deus transcendente não está em harmonia com as vivências humanas? Os canais pelos quais Deus se manifesta são sempre aqueles estabelecidos por uma igreja ou poderiam surgir outros como sendo frutos da criatividade dos filhos de Deus? Quanto à acolhida e

<sup>219</sup> “(...) graças aos resultados das investigações científicas por ela colocados à disposição, a universidade católica poderá ajudar a Igreja a responder aos problemas e às exigências do tempo.” (ECE n.31); BACHER, M. C., *Teología Pastoral inter loci*, p.386.

<sup>220</sup> COIMBRA, A. A. J., *Considerações sobre a Interdisciplinaridade*, p.52: “Transdisciplinaridade é o grau máximo de relações entre disciplinas”.

<sup>221</sup> BENEDETTI, L. R., *Entre Pastoral e Administração: dilema da universidade católica*, p.570-81.

ao diálogo com as culturas, tradições, religiões, suas atitudes críticas, que comportamentos pessoais, familiares e sociais não promovem a dignidade humana e que novos modelos de ação será necessário elaborar? Considerar a fé articulada com a cultura favorece o desmascaramento de ídolos, de personalismos messiânicos, de piedade mágica? O valor formativo da fé está sendo considerado suficientemente, está indo além do fomento de rituais piedosos, da transmissão de doutrinas exclusivas da religião?

Esse contato com os universitários permite ainda a constatação de questões também de cunho pessoal (ligado ao cotidiano deles) e outras que constituem desafios a serem respondidos pela universidade: Como Jesus Cristo se faz presente na vida de maneira testemunhal para além do nível das simpatias pessoais? Como está sendo o envolvimento pessoal e consciente na tarefa evangelizadora em vistas de cessar o hiato entre Evangelho e vida? Como se pode desenvolver, a partir da cultura, a promoção da dignidade da vida humana em vistas de um humanismo integral? Como favorecer que a universidade seja uma comunidade de comunidades, na qual as relações entre as pessoas sejam orientadas pela ética do cuidado e não sejam reféns das leis do mercado? Como distinguir a sabedoria humana do conhecimento digital e como ajudar a que se chegue àquela? Como lograr a integração do saber frente ao incremento da superespecialização? Como promover a síntese entre conhecimento particular inter e transdisciplinar?<sup>222</sup>

Para a realidade da universidade católica se apresentam, igualmente, as seguintes questões e desafios: Se não é (se não estiver sendo na prática concreta) a evangelização, qual é o propósito último da universidade católica atual? É realmente viável a harmonização da investigação científica com a vivência cristã? Uma busca conjunta da verdade, por parte da fé e da ciência, evita o integrismo teológico? Que atitudes são necessárias a fim de que o diálogo entre fé e ciência sejam frutíferos na universidade católica? Quanto à busca pela verdade, que lugar ocupa Deus enquanto verdade suprema? Como está acontecendo a vivência dos valores e a evangelização na universidade católica? O departamento de teologia, a capelania e a pastoral universitária tem tido êxito em imprimir um estilo evangelizador unido? Esse estilo tem sido de fato “universitário” intelectual, enquanto exercício dialético, promovendo um diálogo entre a fé e a razão

---

<sup>222</sup> SOMMERMAN, A., *Inter ou transdisciplinaridade?*, p.31.

objetivando uma verdadeira e sólida pastoral da cultura? Por que, muitas vezes, as conferências, cursos, de corte humanístico ou religioso, oferecidos no interior da universidade católica, têm que ser de “caráter obrigatório” para que se obtenha um *quorum* de participação mínimo?

Um amplo estudo realizado pela FIUC junto aos estudantes de universidades católicas em todas as regiões do mundo constatou que a grande maioria dos jovens as buscam porque elas gozam de prestígio acadêmico, o que possibilita que depois de egressos possam ter maior aceitação no mercado de trabalho. Não lhes interessa a catolicidade, nem que produzam investigações avançadas; essa concepção culmina em um modo de estudar utilitarista, egocêntrico e alheio à responsabilidade social.<sup>223</sup> Essas constatações põem perguntas para a universidade católica: ela poderia fazer algo a mais para promover entre os jovens uma maior consciência da responsabilidade social? Quem deve fazê-lo? Como trabalhar essa questão com os docentes? Seria viável a criação de grupos de estudantes imbuídos da compreensão cristã dos estudos? Quanto aos capelães e os agentes de pastoral universitária, que postura e atitude deveriam ter para que os valores cristãos sejam cultivados?

Todas essas questões constituem desafios a serem superados a fim de que a dimensão cristã e católica na universidade seja integral e que envolva a diretoria, o pessoal administrativo, os docentes e discentes, enfim toda a comunidade universitária no exercício de um humanismo social e cristão.

Tais desafios não são exclusivos da universidade, a Igreja Católica como um todo carece de espaços nos quais os fiéis possam se expressar livremente, e não só os fiéis mas toda a sociedade, como buscava fazer o cardeal Carlo Martini, com grupos dos quais faziam parte também não crentes e que deram lugar ao chamado “pátio dos gentios”<sup>224</sup>. As instituições nem sempre estão preparadas para ouvir em seu interior vozes dissidentes, porém, muitos buscam a verdade e o bem comum, a universidade católica deveria ajudá-los a partir de sua missão evangelizadora. A propósito, afirma Mário de França Miranda:

Penso, sobretudo, nas universidades católicas, que deveriam ser um espaço privilegiado para o encontro da fé com a cultura, mas nas quais se encontram emudecidas as vozes mais conscientes por não estarem tão sintonizadas com a linguagem oficial do magistério. Nossa sociedade é pluralista e ela está dentro de

<sup>223</sup> FIUC, Las culturas de los jóvenes: en las universidades católicas. Un estudio mundial, p.167-9.

<sup>224</sup> MIRANDA, M. F., A Igreja que somos nós, p.224; MARTINI, C. M. M.; SPORSCHILL, G., Diálogos noturnos em Jerusalém, sobre o risco da fé, p.53-70.

nossas instituições, que não mais podem desempenhar o papel de ilhas de cristandade no mundo atual.<sup>225</sup>

Essa tese parte da constatação da existência de lacunas entre as pretensões do Magistério da Igreja a respeito da missão evangelizadora da universidade católica e a sua respectiva efetivação na vida e nas ações da universidade católica concreta. J. Siqueira depois de vários anos, primeiro como vice, depois como reitor da PUC-Rio, escreve: “nos últimos anos, o excesso de trabalho e cobranças internas e externas em nossas universidades não tem nos permitido tempo para o sábio exercício de contemplação e reflexão”<sup>226</sup>. Na mesma linha, diz F. Montes, ex-reitor da Universidad Alberto Hurtado: “a universidade muitas vezes gera, com suas ideias, a desigualdade social. E pode formar líderes autorreferentes”<sup>227</sup>. Importa identificar as lacunas, quais são as suas causas e as possíveis vias de superação. Por que a universidade católica atual não está conseguindo cumprir de maneira satisfatória a missão que lhe é requerida? E o que pode ser feito?

Sem desprezar as mais diferentes iniciativas até então realizadas, é forçoso admitir que entre o ser e o dever ser, entre o real e o ideal existe um longo caminho a ser percorrido, a necessidade de novos paradigmas pastorais se impõe, dentre outros motivos porque o perfil dos universitários de algumas décadas atrás era totalmente diverso daquele dos dias atuais, intensamente influenciados pela tecnociência que cada vez mais abrange todas as esferas do ser humano<sup>228</sup>.

A nossa investigação se situa neste espaço crítico entre o real e o ideal, com a pretensão de ser um lugar teológico pastoral de diálogo entre as instâncias que compõem a missão evangelizadora da universidade católica, em que a pastoral universitária deve atuar possibilitando a integração e a transdisciplinaridade em vistas da inculturação da fé cristã. Desde essa perspectiva é que fazemos uma crítica construtiva, apresentando não apenas as falhas, mas, sobretudo, buscando perspectivas e vias de superação.

A existência de não poucos desacertos entre os planejamentos e a sua concretização quanto à realização da missão evangelizadora da universidade católica evidencia o hiato entre a fé e a vida, entre a fé e a razão, entre a religião e a ciência. Esse hiato é cada vez mais presente e se intensifica na sociedade

---

<sup>225</sup> MIRANDA, M. F., Em vista da Nova Evangelização, p.22-3.

<sup>226</sup> SIQUEIRA, J., Reflexões do mundo universitário, p.130.

<sup>227</sup> MONTES, F., Pensando la universidad, e-book, posição:782.

<sup>228</sup> LAFER, C., A reconstrução dos direitos humanos, p.13-31.

ocidental, até há poucas décadas marcada pela preponderância do catolicismo. Esse hiato pode ocorrer como consequência das mudanças estruturais cada mais intensas na nossa sociedade, motivadas pela assim denominada globalização e a existência de uma “mudança de época”, ou como argumenta Joel P. Amado, se pode dizer também que é uma: “época de mudanças”<sup>229</sup>. A influência da mercantilização do ensino atinge em cheio a universidade, inclusive a católica, constituindo igualmente outro grande desafio ao processo de evangelização, precisamente no que se refere ao cultivo de valores éticos e humanistas. Diante disso emerge, dentre outras, a seguinte questão: “a universidade estará apta a desencadear uma conversão institucional capaz de provocar um processo consistente de evangelização que atinja toda a comunidade acadêmica?”

Nossa investigação tem a pretensão de contribuir para a mútua interpelação entre teoria e práxis, entre os princípios e a realidade no âmbito da teologia pastoral, partindo do pressuposto segundo o qual nenhuma racionalidade particular consegue enquadrar corretamente em sua perspectiva toda a realidade. Os mestres da suspeita no passado e muitos cientistas atuais seguem incorrendo nesse erro referente à redução da questão de Deus aos limites da racionalidade humana. Um grande desafio posto a universidade católica é: Como fazer para que os cientistas possam alargar sua estrutura mental e também a sua consciência profissional? Como favorecer que os acadêmicos transcendam o seu próprio horizonte em vistas do diálogo inter e transdisciplinar? No âmbito acadêmico, a universidade preserva sua identidade e assegura sua autonomia em função do bem da Igreja e em relação direta com a sociedade? Como os valores evangélicos devem ser preservados para uma eficiente e madura reflexão científica? Qual é a especificidade da vocação do docente na universidade que é também católica? Qual a contribuição específica da universidade católica na sociedade? Qual a relação entre revelação e razão como autêntica e amadurecida reflexão científica na universidade católica? Como compreender a identidade católica em articulação com a autonomia universitária?

---

<sup>229</sup> DAp n.94 - “A passagem para o terceiro milênio é o símbolo de uma mudança de época cuja transição ainda perdura”. Outras referências à mesma expressão no Documento de Aparecida: n.97, 106, 112. Ver também: AMADO, J. P., Mudança de época e conversão pastoral, p.333: “São mudanças tão estruturais que afetam não apenas a realidade circundante. Afetam – e aqui se encontra a novidade – os próprios critérios para compreender e julgar esta mesma realidade. Não se trata somente da transformação dos aspectos objetivos. Se assim fosse, poderíamos utilizar a expressão época de mudanças. Trata-se, na verdade, de alterações tão profundas, tão globalizadas, que afetam os critérios de compreender e julgar. Daí a utilização do termo mudança de época”; também em: CANDAU, V. M., Direitos humanos, educação e interculturalidade, p.45.

Diante das tantas propostas apresentadas através dos meios de comunicação, como discernir o que são os autênticos valores? Qual é o papel da universidade? Qual é o papel específico da universidade católica? Como entender a universidade nascida no coração da Igreja, sua presença e seu papel no mundo secularizado, como universidade católica? Ao assumir sua identidade católica, a universidade perde espaço no campo universitário e diminui sua abrangência e presença transformadora na sociedade? É possível sustentar a identidade católica na universidade e continuar a manter o diálogo entre os saberes, respeitando as respectivas competências e habilidades? A crise moral, ética e ideológica pela qual passa o mundo, obviamente, atinge a universidade católica. Júlio Feroso, ex-reitor da Universidade de Salamanca, a propósito disse: “se a Universidade não muda, a sociedade civil a abandonará à sua morte”<sup>230</sup>.

No final do ano de 2018, a Cultura Religiosa e o Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio realizaram uma pesquisa envolvendo 2.114 estudantes de graduação de diversos departamentos da universidade, correspondendo 18,7% do total de estudantes<sup>231</sup>, tal pesquisa revelou uma série de valores existentes nos jovens, uns mais, outros menos explicitados. Analisando os dados, evidencia-se que os sete valores mais destacados foram: respeito pela diferença (70,7%), solidariedade (66,6%), igualdade de oportunidades (62,4%), respeito pelo meio ambiente (60%), liberdade individual (49,6%) e justiça social (47,5%).

Entre os sete valores menos destacados pelos universitários entrevistados estão: religiosidade (3,5%), prazer sexual (5,1%), obediência às autoridades (5,4%), respeito às tradições (5,6%), autenticidade pessoal (6,4%), temor a Deus (7,5%) e dedicação ao trabalho (8,4%). Em se tratando de grau de satisfação cotidiana entre os entrevistados dois valores são destacados de forma positiva: família (71,6%) e amizade (73,1%). Trata-se de uma amostragem relativamente pequena, contudo apresenta indicadores que necessitam ser refletidos, discernidos e tematizados por todas áreas das ciências presentes na universidade, é claro que cada uma a partir da sua respectiva particularidade, pois com as mudanças acontecendo cada vez com mais rapidez na sociedade é compreensível que os jovens que atualmente ingressam

<sup>230</sup> CENTRO DE PASTORAL DA PUC-RS, Compreender para crer, universitários caminham na fé, p.8.

<sup>231</sup> Segundo o reitor da PUC-Rio a pesquisa em breve será em breve publicada no portal da instituição e estará disponível também no formato impresso: SIQUEIRA, J., Valores dos jovens universitários da PUC-Rio, p.12.

na universidade manifestem valores humanos, sociais e religiosos diferente de outras épocas, ora priorizando alguns que são mais consolidados, ora não realçando outros que, embora não ocupam um lugar de destaque como ocorrera em outros tempos.

Este estudo sobre a missão evangelizadora da universidade católica busca suscitar a compreensão do papel que a universidade católica deve desempenhar, bem como sua eficiente e pronta ação dialogante com a sociedade contemporânea. No decorrer deste trabalho iremos apresentar outras questões, algumas restarão como desafios para serem respondidos, por exemplo, pelo departamento de Teologia, pela administração geral da universidade católica; partimos do pressuposto de que urge uma reflexão do mundo universitário católico, com vistas a um projeto de sociedade portadora de valores cristãos, intrinsecamente unidos aos direitos humanos. É urgente, por exemplo, repensar a ética econômica, dentro do contexto atual e com uma visão cristã.

## 4

### O momento do *judgar*, a iluminação do ideal da missão evangelizadora da universidade católica

Prosseguindo a partir do método ver-julgar-agir, neste capítulo, a ênfase é no *judgar*, que consiste na consideração da realidade em relação à missão evangelizadora da universidade católica. Será considerada a missão evangelizadora à luz do ideal do Reino de Deus, do Evangelho, do apóstolo Paulo, do papa Francisco, da Igreja e da cultura sempre sob a referência de Jesus Cristo, que é o fundamento do humanismo integral. Iremos considerar também o ideal da evangelização a partir de cada uma das linhas mestras que compõem os núcleos temáticos extraídos da *ECE*, em vista do sentido da missão evangelizadora a ser realizada pela universidade católica.

#### 4.1

##### A missão evangelizadora da universidade católica à luz do ideal de Jesus Cristo, do Reino de Deus e do Evangelho

A universidade é, antes de tudo, destinada à formação intelectual, a Igreja busca contribuir para que essa formação seja integral, abrangente, ampla e humanizadora. Por meio da universidade católica, a Igreja atua em vista da edificação de um novo humanismo arraigado no Evangelho, portanto, integral e cristão. Esse humanismo contrasta com a mentalidade instrumental e pragmatista predominante nos tempos atuais e deseja acolher os questionamentos e as dúvidas em diálogo com os que escolhem a universidade para crescer<sup>232</sup>. “É bom não esquecer que também a razão, na sua busca, tem necessidade de ser apoiada para um diálogo confiante” (*FR* n.33). O fundamento e a razão última da existência e da missão da universidade católica se encontram na pessoa, no exemplo e na mensagem de Jesus de Nazaré<sup>233</sup>. O escopo central da missão da universidade

---

<sup>232</sup> CNBB, Setor universidades da Igreja no Brasil: identidade e missão, p.15.

<sup>233</sup> MAGGIONI, B., Era verdadeiramente homem, p. 21: “A certeza que sustenta e configura toda a fé cristã - tanto a dos primeiros cristãos como a da Igreja de hoje - é a de que em Jesus revela-se a verdade de Deus, a verdade do homem e o sentido da história. Jesus de Nazaré - em suas palavras, em sua pessoa e nos inequívocos acontecimentos históricos que viveu - é a ‘transparência’ humana, histórica e visível de Deus. Jesus é a ‘imagem do Deus invisível’ (Cl 1,15); RAHNER, K., Curso fundamental da fé, p.39-69; BOURGEOIS, H., Libertar Jesus: cristologias atuais.

católica é considerar a pessoa humana com as categorias de hoje e a partir daí tornar compreensível a mensagem de Jesus Cristo para as pessoas dos tempos atuais.

A encarnação de Jesus inaugura, na humanidade<sup>234</sup>, a possibilidade de concretização do ideal do Reino de Deus, que consiste em um mundo de justiça, de solidariedade, de fraternidade, de dignidade humana<sup>235</sup>, de vida em abundância, de comunhão, de serviço, de verdade, de liberdade; uma vida em plenitude que vem ao encontro das necessidades humanas, tudo isso encontra-se anunciado por Jesus na períclope lucana Lc 4,16-22, um discurso programático de toda a sua missão<sup>236</sup>. Este mesmo ideal do Reino de Deus constitui o conteúdo também das bem-aventuranças<sup>237</sup>. Em Jesus, e com ele, se faz presente o reinado de Deus<sup>238</sup> aqui e agora, se faz *tópos* e *kairós* na sua pessoa e na sua ação. Jesus torna visível e palpável a Boa Notícia do Reino de Deus com sinais de salvação e libertação que evocam a fé nele e o chamado à conversão.

O Reino de Deus constitui o ponto fundamental da pregação e da ação de Jesus. Este Reino estabelece um novo relacionamento filial dos homens com o Pai e um relacionamento fraterno com os outros..., diz respeito às pessoas, às estruturas, à sociedade, ao mundo inteiro.<sup>239</sup>

Isto significa que a evangelização se concretiza na história, portanto, é essencial a relação entre evangelização, promoção humana, desenvolvimento e libertação.<sup>240</sup> Esse é o principal conteúdo e a razão de ser da evangelização, pois é a missão de Jesus e, por conseguinte, a missão da Igreja, portanto, é também o que constitui o conteúdo da missão evangelizadora da universidade católica.<sup>241</sup>

<sup>234</sup> COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA, Jesus Cristo: Ontem, Hoje e Sempre, p. 171: “O Mistério da Encarnação do Filho de Deus está inteiramente subordinado à Virtus Pneumática do Espírito Santo. Da Encarnação ao Pentecostes, o acontecimento “Cristo” encontra no Espírito Santo o seu dinamismo fundamental”; EDWARDS, Experiência humana de Deus.

<sup>235</sup> DELLA MIRANDOLA, P., Discurso sobre a dignidade do homem, p.55: “Que a nossa alma seja invadida por uma sagrada ambição de não nos contentarmos com as coisas medíocres, mas de anelarmos às mais altas, de nos esforçarmos por atingi-las, com todas as nossas energias, desde o momento em que, querendo-o, isso é possível”; MOURA, L. D., A dignidade da pessoa e os direitos humanos, p.73; HORTAL, J., A Igreja vive no mundo, p.57.

<sup>236</sup> “O Espírito do Senhor está sobre mim porque me ungiu para anunciar aos pobres a Boa Nova. Esta Escritura que acabam de ouvir se cumpre hoje.” (Is 61,1); VAZ, E. D., Jesus e a sua relação com o povo no Evangelho de Lucas: um estudo teológico-bíblico de Lc 4,16-30.

<sup>237</sup> Mt 5,1-12 par. Lc 6,20-26.

<sup>238</sup> LUCIANI, R., Retornar a Jesus de Nazaré, p.180: “O Reino de Deus não é uma nova religião. Trata-se de uma práxis inspirada na compaixão fraterna”.

<sup>239</sup> CNBB, Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil - 1991-1994, n.45, p.33 et seq.

<sup>240</sup> Santo Domingo, n.157; também em: *Evangelii Nuntiandi*, n.188.

<sup>241</sup> MURPHY, T. J., A Catholic University: vision and opportunities. p.12-19.

Dentre todos os mandamentos da lei de Deus; o maior é amar como ele ama. Jesus tornou realidade e legou a toda a humanidade o seu supremo mandamento: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei” (Jo 13,34; 15, 12-17; 1 Jo 3,23; 2 Jo 5), esse é o critério, por excelência, do discipulado<sup>242</sup>. Ninguém pode amar “como Deus ama” por conta própria, para realizar plenamente o sonho e a utopia do amor de Deus é necessário estar unido a ele. A propósito afirma M. F. de Miranda:

Para a fé cristã, Jesus Cristo não é apenas mais alguém na história que nos revela “algo” de Deus na limitação e imperfeição próprias da condição humana. Por ser Filho de Deus pode ser mediador único e universal, essa universalidade não inviabiliza o diálogo ecumênico e inter-religioso.<sup>243</sup>

Segundo Miranda, “as religiões, inclusive o cristianismo, constituem sempre a resposta humana a uma interpelação do Transcendente”<sup>244</sup>. O papa Bento XVI, no seu livro *Jesus de Nazaré*<sup>245</sup>, mostra como as bem-aventuranças são um plano de formação de discípulos e de missão além de constituir também uma catequese e um respeitável programa social. Jesus formula as bem-aventuranças integrando elementos práticos e teológicos,<sup>246</sup> ele o faz após olhar para os seus discípulos e recordar-lhes dos pobres, famintos, perseguidos em um mundo que se estrutura segundo outros valores e lhes anuncia a felicidade como promessa do Pai, porque esse é também o olhar do Pai. A realização do ideal do reino e do amor de Deus em Jesus Cristo é o núcleo, por excelência, da missão evangelizadora da universidade católica.

A resposta pessoal à plenitude do ser humano se encontra em Jesus Cristo. Conforme ilustra a *Gaudium et Spes* o mistério do ser humano só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente<sup>247</sup>; Cristo revela o ser humano a si mesmo e descobre a ele sua vocação mais sublime; tais verdades têm nele a sua fonte e é nele que também atingem a sua plenitude (GS n.22). É a partir de cada uma das relações essenciais do ser humano – com Deus, com o outro, com o mundo e consigo mesmo – que Jesus Cristo mostra-lhe o caminho da autêntica

<sup>242</sup> Jo 13,35: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos: se tiverem amor uns para com os outros”; KASPER, W., Jesús, el Cristo, p.44.

<sup>243</sup> MIRANDA, M. F., As religiões na única economia salvífica, p.19.

<sup>244</sup> MIRANDA, M. F., As religiões na única economia salvífica, p.21.

<sup>245</sup> BENTO XVI, Jesus de Nazaré, p.71-112.

<sup>246</sup> DUPONT, J. Les béatitudes: Tomo II.

<sup>247</sup> CARDOSO, M. T. F., Ter em vista o ser humano, p.142: “A *Gaudium et Spes* [...] valoriza a pessoa humana e procura as relações dos cristãos e da Igreja com o mundo contemporâneo”.

humanidade, que não se opõe a Deus, nem às demais criaturas. É em Jesus Cristo que se realiza a liberdade humana no seu grau mais elevado.

O critério utilizado para julgar, ou mais precisamente iluminar a realidade da universidade católica é o amor enquanto serviço, cuja fonte é Jesus de Nazaré.<sup>248</sup> Conforme encontra-se explicitado em todo o Evangelho, ao falar do amor, o Novo Testamento faz uso, quase sempre, da palavra *ágape*<sup>249</sup>. A fé viva em Jesus Cristo, salvador de toda a humanidade, é resultado da ação do Deus vivo por meio de seu Espírito, a ser acolhida livremente pelo ser humano. Este encontro constitui uma experiência de sentido, de plenitude e de salvação.<sup>250</sup> A razão de ser e de existir da missão evangelizadora da universidade católica é a Boa Notícia do Reino de Deus, portanto, é exatamente a mesma da que é anunciada por Jesus de Nazaré; obviamente contextualizada, a universidade católica é um espaço privilegiado para a evangelização da cultura.<sup>251</sup> A fé em Jesus revela o ser humano pleno a cada pessoa humana, como afirma Hugo Echegaray:

A prática de Jesus representa para o homem a máxima radicalidade alcançável no processo libertador. Na abertura que rompe toda diferença opressora entre os seres humanos, no perdão eficaz do pecado, no livre dom de si, por amor, essa prática coloca o processo libertador diante da tríplice esperança da libertação de todos os homens, de cada homem em sua integridade, e do triunfo definitivo sobre a ameaça da morte e do nada. Jesus é universal porque enquanto Ressuscitado faz todo homem participar em sua condição redentora efetiva. E nesta participação a vida em abundância tem a última palavra.<sup>252</sup>

A universidade católica, por meio da sua especificidade que é a reflexão em nível acadêmico, deve contribuir para que o ser humano contemporâneo compreenda a razoabilidade do seguimento de Jesus. Deve fazê-lo educando e formando profissionais, aprofundando os conhecimentos – tudo isso é fundamental

<sup>248</sup> CASTILLO, J. M., El seguimento de Jesus.

<sup>249</sup> O amor que Jesus pede nos Evangelhos é o amor *ágape*, vocábulo grego, o idioma no qual os Evangelhos foram redigidos. Jesus falava aramaico, mesmo assim, não é difícil entender que quando pede para amar inclusive aos inimigos (Lc 6,27-28) ele não está se referindo ao amor *filós* (amizade) ou *stergo* (consanguinidade), mas ao amor *agapé*, cujo significado aponta para uma decisão e uma atitude ética, “fazer o bem”, portanto, um amor-serviço fundamentado em valores e princípios solidários, um amor capaz de doação contínua e gratuita não exigindo recompensas. VALDÉS, A., Cosa sappiamo della Bibbia, p.62-3; PAGOLA, J. A., É bom crer em Jesus, p.35-36: “*Agapé* é o amor com que se ama o outro buscando somente o seu bem, sem nada esperar dele; é um amor de doação gratuita”.

<sup>250</sup> MOINGT, J., L'homme qui venait de Dieu, p.96.

<sup>251</sup> CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA, Presença da Igreja na universidade e na cultura universitária, n.2.1.

<sup>252</sup> ECHEGARAY, H., A prática de Jesus, p.159.

para a construção do Reino de Deus a ser iniciada já neste mundo. Trata-se de um reino para todos os seres humanos e a universidade, graças à sua dimensão universal, em si mesma pode ser um modo expressivo de seguimento de Jesus. A universidade católica tem entre os seus principais desafios possibilitar que a visão racionalista da revelação seja ampliada quanto aos seus horizontes. A revelação não é uma “verdade abstrata”, ela se concretiza na própria pessoa de Jesus que, para os cristãos, é o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,6). Ele é também a fonte na qual se fundamentam os questionamentos existenciais. Os limites da cultura atual, marcada pelo secularismo, paradoxalmente, permitem redescobrir o Evangelho de Jesus dando-lhe pertinência. Uma visão da transcendência encarnada, uma compreensão do valor da genuína liberdade e da responsabilidade humana no campo da moral, da dimensão solidária da existência, do valor da entrega, do sentido da vida e da morte, tudo isso é hoje muito necessário.

A universidade católica deve contribuir para confrontar a pessoa e a mensagem de Jesus com o cristianismo e com a Igreja católica e cristã no mundo atual, com o modo de ser e de pensar predominante, não com o objetivo de condenação<sup>253</sup>, mas de colaboração em favor de um progresso que seja inclusivo e humanizador.

## 4.2

### **A evangelização segundo a perspectiva do apóstolo Paulo**

A evangelização empreendida pelo apóstolo Paulo foi respeitosa com as diferentes experiências humanas nas quais o cristianismo foi inserido. A pregação de Paulo foi ampla, adaptando-se aos judeus submetidos à Lei, mas se estendia também aos que vivem sem a Lei, os gentios (1Cor 9, 19-22). Para Paulo, isso constitui uma condição para que ele próprio participe do Evangelho (1Cor 9,23), pois é a forma como ele se torna servo de todos, respeitando os modos culturais de assimilar Jesus Cristo. A forma de anunciar o Evangelho foi adaptada para viabilizar o diálogo com as culturas, sem prejuízo para o seu conteúdo. Esse diálogo

---

<sup>253</sup> Jo 3,17: “Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele”; SCHNACKENBURG, R., Jesus Cristo nos quatro Evangelhos, p.264-9.

realizado por iniciativa de Paulo constitui uma exigência também para o discípulo missionário dos dias atuais<sup>254</sup>.

A missão de Paulo de Tarso foi ímpar e de grande importância em vários aspectos no cristianismo nascente. Dos 27 escritos do Novo Testamento, 13 – portanto, praticamente a metade – têm o nome de Paulo no título. Os estudos históricos atestam que as cartas autênticas de Paulo são anteriores aos quatro Evangelhos.<sup>255</sup> Elas distinguem-se desses também quanto ao gênero literário, permitindo ao leitor conhecer detalhes de como eram as primeiras comunidades cristãs. Por meio de suas epístolas, Paulo fornece informações em primeira mão sobre o modo como a mensagem evangélica se difundiu na região do Mediterrâneo Oriental nos dez primeiros anos que se sucederam à morte e à ressurreição de Jesus. Nas suas cartas Paulo revela muitos aspectos da sua personalidade, da sua história, daquilo que o leva a ser um infatigável apóstolo missionário de Jesus Cristo.

O aspecto evangelizador, na qualidade de apóstolo, é o que mais se destaca em Paulo. Ele considera que evangelizar é algo intrínseco a sua vida. “Ai de mim de se eu não anunciar o Evangelho” (1Cor 9,16). Todos os cristãos, pelo batismo, são chamados a serem anunciadores de Cristo ressuscitado, mas nem todos o fazem do mesmo modo e nem com a mesma intensidade. Paulo se destaca como um incansável pregador, anunciador do Evangelho, faz isso a partir de uma convicção vivencial, enfrentando destemidamente os obstáculos com que se deparou.

Entre Paulo e Jesus há muitos paralelismos. Ambos tinham aproximadamente a mesma idade. “Uma precisão absoluta é impossível, mas, há uma convergência real”<sup>256</sup>. Dentre outras semelhanças e contrastes, merece destaque o fato de que ambos optaram por percursos de vida que pressupunham obediência estrita à lei de Moisés, porém, a certa altura das suas vidas decidiram, a partir de uma experiência pessoal com Deus, fazer uma releitura da lei, a fim de serem ainda fiéis à sua autenticidade – “não penseis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir” (Mt 5,17). Tanto Jesus como Paulo foram vítimas de condenação por parte dos romanos.

<sup>254</sup> CARDOSO, M. T. F., Paulo e o ecumenismo, p. 245: “Paulo é judeu, com formação helenística e cidadão romano. O modo do Apóstolo Paulo se relacionar com judaísmo e com helenismo refletem tanto sua origem e sua formação, como sua identidade cristã e sua atitude ao mesmo tempo evangelizadora e dialogal. Até a missão não suprime o diálogo nem muito menos as origens”.

<sup>255</sup> PULCINELLI, G., ABC per conoscere l’Apostolo Paolo, p.5.

<sup>256</sup> MURPHY-O’CONNOR, J., Jesus e Paulo, vidas paralelas, p.11.

A leitura dos textos sagrados era o eixo da formação da cultura de ambos. Marcava a piedade do povo. “Desde criança” (2Tm 3,15), os judeus começavam a estudá-la. Era sobretudo a mãe, em casa, quem cuidava de transmiti-la aos filhos (2Tm 1,5 e 3,14). Desse modo, Paulo, ainda na tenra infância, com certeza começou a aprender que “toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, corrigir, educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, qualificado para toda boa obra” (2Tm 3,16-17; Rm 15,4; 1Cor 10, 6.11).

Paulo e Jesus, provavelmente, nunca se encontraram (2Cor 5,16). Além do estudo das Sagradas Escrituras em casa, Paulo e Jesus devem ter tido formação básica na sinagoga. Paulo é da cidade, Jesus do campo, do interior. As metáforas utilizadas por Jesus nos Evangelhos são, na sua grande maioria, ligadas ao mundo rural: semente, campo, flores... diferentes são as comparações de Paulo, que fazem mais referência ao ambiente da grande cidade. Paulo talvez não tivesse muito contato com plantações, mas, conhecia jogos urbanos. Antes de Jerusalém, já em Tarso, sua cidade natal, ele pode ter tido contato com ginásio de esportes, onde a cada quatro anos havia jogos de atletismo: corridas, lutas<sup>257</sup>. Quando jovem, Paulo provavelmente praticara jogos no estádio, pois, como adulto se referia a eles para comparar as exigências do Evangelho: “ganhar a coroa” (1Cor 9,24; Fl 3,14), lutar sem soltar soco inútil no ar (1Cor 9,26) correr na direção certa (Gl 2,2;5,7; Fl 2,16). Fala em combate (2Tm 4,7) e pugilato (1Cor 9,26). Conhece o esforço e a disciplina requerida dos atletas (1Cor 9,25). Distinto era o modo como cada um se comunicava, Jesus falava aramaico, anunciava o Reino em parábolas criadas a partir da observação atenta da vida simples do povo nas aldeias. Paulo conhecia o aramaico, mas falava e escrevia em grego, pois seus ouvintes são judeus na diáspora e pagãos que falavam grego – o idioma internacionalmente predominante naquele tempo. Os Evangelhos são narrativas, cujo conteúdo principal é a vida, palavra e ações de Jesus, porém ele não é o autor. Evangelho é vocábulo proveniente do grego que significa Boa Notícia, que no caso é Jesus, narrada por Marcos, Mateus, Lucas e João, respectivamente. Jesus anunciou o Reino de Deus, por meio de palavra falada e ações praticadas, não consta que haja algum escrito de sua autoria. Paulo, na pregação e nas cartas, transmite às comunidades aquilo que recebeu da Igreja (1Cor 15,3). Entretanto, não se limitou a transmitir mecanicamente o que recebeu,

---

<sup>257</sup> MESTERS, C., Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho, p.18.

mas, sob a ação do Espírito Santo, reelabora de modo criativo os dados fundamentais do Evangelho a fim de aplicá-los às situações concretas das comunidades cristãs. Não seria errôneo afirmar que ele já se esforçava em praticar o que, muito tempo depois, passou a ser chamado de inculturação da fé.

Paulo foi o primeiro teólogo do cristianismo, nos seus escritos ele não se preocupa em narrar as palavras, os atos de Jesus. O que faz é uma reflexão sobre Jesus ressuscitado e sobre a Igreja, a partir da experiência concreta do seu apostolado e do testemunho pessoal. Ele realiza uma síntese ao conceber o Evangelho à luz das antigas promessas feitas ao povo de Israel. Paulo fixa a sua atenção naquilo que Deus realizou em Cristo a favor do ser humano, sem qualquer tipo de distinção.

Não há nem sequer indícios de que Jesus tenha feito grandes viagens, enquanto Paulo, para os padrões daquele tempo, era considerado um homem “internacional”<sup>258</sup>, conhecedor de várias culturas, bem preparado do ponto de vista acadêmico em vista da missão que ele considerava reservada por Deus a ele “antes de nascer”(Gl 1,15). Ele foi se dando conta de que Deus o conduzia e o formava para o grande objetivo que era o de ser “doutor das nações” (1Tm 2,7). Além do aramaico, hebraico, grego, talvez conhecesse também o latim. Sendo filho de hebreus (Fl 3,5) conhecia bem a cultura, a fé e as tradições do seu povo, mas reconhecia também os valores culturais dos não judeus, com os quais conviveu desde criança. Comunicava-se oralmente e por escrito em grego. Paulo era atento ao modo como aconteciam as relações na sociedade de então, e descobriu nisso uma grande força para a evangelização. Ele observava como se davam as comunicações entre cidades, por exemplo, o eficiente sistema de correios que o império romano havia implantado. Paulo fez uso e transformou esses sistemas vigentes na sociedade em instrumento de evangelização. Ele entrou em contato com o mundo cultural grego a fim de iluminar essa cultura com a luz do Evangelho. Ele conhecia igualmente os grandes filósofos da época, seus argumentos e pontos de vista. Não temeu o confronto entre culturas, antes provocou a abertura para o mundo com desejo de dialogar. O seu apostolado não foi isento de dificuldades, na carta aos Gálatas expressa: “Gálatas insensatos! Quem foi que os enfeitiçou. Vocês tiveram

---

<sup>258</sup> BERTOLINI, J., Introdução a Paulo e suas cartas, p.20; COSTA, P. C., Diálogo entre Cristianismo e mundo cultural nos primeiros séculos, p.330. “O Encontro com o mundo cultural Grego – Romano abriu o cristianismo à sua dimensão de universalidade”.

diante dos olhos uma descrição clara de Jesus crucificado” (Gl 3,1). Por trás da palavra “descrição” alguns estudiosos veem a possibilidade de Paulo ter-se comunicado visualmente com os gálatas, dada a impossibilidade de falar claramente a eles por desconhecer o seu dialeto.<sup>259</sup>

Carlos Mesters deu a um de seus estudos sobre Paulo um título que é uma chave de leitura para se conhecer a pessoa e o significado da atuação missionária do apóstolo: *Paulo Apóstolo, um trabalhador que anuncia o Evangelho*. As principais fontes existentes sobre Paulo e sua obra são as suas cartas e também o escrito lucano denominado “Atos dos Apóstolos”, título que não é do próprio Lucas e que poderia ser Atos de Pedro e de Paulo, já que apenas esses dois apóstolos dominam a narrativa – na primeira parte Pedro e na segunda Paulo. Pedro é mencionado pela última vez em At 15, por ocasião da assembleia de Jerusalém, e Paulo a partir de At 8,1.3, quando do martírio de Estevão. Deste ponto em diante, Saulo se torna figura dominante; a partir do capítulo 13, a narrativa das suas viagens apostólicas constitui a trama do livro<sup>260</sup>. As cartas de Paulo têm influenciado inúmeras pessoas ao longo da história, um exemplo no século XX foi K. Barth, que fez um comentário da carta aos Romanos que assinalou a passagem do protestantismo liberal para a descoberta da graça de Deus como elemento fundamental do cristianismo.<sup>261</sup>

O universalismo de Paulo inclui Atenas, que é uma das mais famosas cidades da antiguidade graças à sua história e à sua arte. Mesmo já tendo, na época, perdido muito do seu antigo esplendor, Atenas, no tempo de Paulo, ainda possuía escolas importantes no campo da filosofia, sendo as principais o estoicismo e o epicurismo. Paulo interagiu com ambas. Em Atenas havia uma sinagoga onde Paulo começou a sua pregação. Havia, na cidade, numerosas estátuas e simulacros dedicados a divindades, entre os quais um altar dedicado aos “deuses desconhecidos” que Paulo encontrou ao atravessar a cidade (At 17). Neste mesmo capítulo do livro dos Atos dos Apóstolos se faz menção à Ágora, importante praça onde Paulo se põe a discutir com aqueles que ali se encontravam, entre os quais havia alguns filósofos; e o Areópago (“colina de Ares”, deus grego da guerra) aonde Paulo é levado para

<sup>259</sup> BERTOLINI, J., Introdução a Paulo e suas cartas, p.21.

<sup>260</sup> COTHENET, E., Paulo, apóstolo e escritor, p.11.

<sup>261</sup> BARTH, K., A Carta aos Romanos.

aprofundar a discussão. Contudo, naquela ocasião só uns poucos aderiram à fé cristã.

Há leituras de Paulo que não lhe fazem justiça, pois, mal interpretadas o apresentam distante do povo, moralista e antifeminista<sup>262</sup>. A raiz disso pode estar na incompreensão do texto, conforme a segunda carta de Pedro, que afirma que as cartas de Paulo nem sempre são fáceis (2Pd 3,15-16). Um exemplo dessas dificuldades pode ser visto na Primeira epístola aos Coríntios<sup>263</sup>. Em Corinto, havia um grupo que, valendo-se da liberdade cristã concedida por Paulo, incorreu no que foi considerado libertinagem. A epístola menciona dois casos concretos: a tolerância sexual e a atitude frente aos ídolos. No contexto do primeiro caso, Paulo recorda que já havia escrito aos coríntios uma carta que não foi conservada, advertindo-os de que não se relacionassem com impudicos (1Cor 5,9). Os coríntios estranharam tal admoestação, argumentaram ser impossível praticá-la. Paulo respondeu esclarecendo a ambiguidade da carta anterior: “Não me referia, de modo geral, aos impudicos deste mundo, ou aos avarentos ou aos ladrões ou aos idólatras, pois então teríeis que sair deste mundo” (1 Cor 5,10). O que Paulo não desejava tolerar era que, na comunidade e em nome da liberdade cristã (Gl 5,13), se convivesse com pecadores como se fossem cristãos exemplares. Ao cristão não cabe rejeitar o mundo – embora esteja concretamente, sem ambiguidades, diante do mundo, deve ter consciência crítica frente ao que de pecaminoso ocorre na sociedade. O mundo “é antes o lugar da fé, porque pertence a Deus e – como criação – não foi abandonado por Deus, apesar do pecado”<sup>264</sup>.

Emerge daí um elemento elucidador desafiante para a universidade católica, que deve ter consciência crítica frente a seu papel igualmente crítico na sociedade. A universidade não pode ser reprodutora de um sistema social de pecado e, mais ainda, idolátrico. Um segundo elemento de juízo pode ser visto na discussão de Paulo, sobre se é lícito ou não ao cristão comer carnes sacrificadas aos ídolos. Os fortes de Corinto não viam problema, pois – aduziam – não existem deuses (1Cor 8,4). E, no entanto, Paulo delimita e corrige essa tese, acrescentando: “Se bem que existam aqueles que são chamados deuses...” (1 Cor 8,5).

<sup>262</sup> SOUSA, J. A., São Paulo era antifeminista?, p.81-8.

<sup>263</sup> TABORDA, F., Cristianismo e ideologia, p.224-5.

<sup>264</sup> BROWN, R. E., The Jerome Biblical commentary, p.306.

Como sair dessa aparente aporia? Os deuses existem enquanto existem adoradores, são esses que lhes dão força. Diante disso, a postura de Paulo quanto aos alimentos que haviam sido consagrados aos ídolos é muito criteriosa, pois, por um lado não há problema em comê-los, são alimentos iguais a quaisquer outros, já que os ídolos existem só na cabeça dos seus respectivos adoradores (1Cor 8,8), mas, por outro lado, outros cristãos que estavam acostumados ao paganismo, ainda não completamente convencidos da inexistência dos deuses, poderiam ser arrastados a comer e, para eles, esse comer teria significado de reconhecimento aos deuses. Paulo não titubeia: “Se um alimento é ocasião de queda para meu irmão, para sempre deixarei de comer carne, a fim de não causar a queda de meu irmão” (1Cor 8,13).

Até que ponto a universidade católica serve aos ídolos? Ela o faz se se coloca a serviço de uma sociedade idolátrica. Se não se desvencilhar desse perigo, ela se porá a serviço dos ídolos vigentes, sendo a riqueza o principal deles. Esses ídolos são criados pelo ser humano e por isso têm força e vigência. Toda contribuição para consolidá-los é pecado contra o próximo que será de algum modo explorado, vitimado e sacrificado em honra do ídolo e para que ele possa prosperar.

Paulo apresenta reflexões apontando para o carácter demoníaco da adoração aos ídolos (1Cor 10,20ss). Trata-se de uma tensão a ser superada, no caso da carne sacrificada aos ídolos, elas podem ser consumidas com liberdade, mas com a devida atenção ao mal que pode acarretar ao próximo (1 Cor 10,23-30). Edificar um ídolo tem conotação estrutural, gera uma situação permanente de mal. Transposta para o contexto da educação universitária, representa um desafio para a universidade católica, uma vez que que faz parte da sua missão a busca pela verdade, no cuidado em que as pessoas sirvam e sigam Jesus Cristo e não os mais diversos ídolos.

A reflexão feita por Paulo pode fornecer critérios e até princípios de solução para o desafio posto para a universidade católica atual, que é o de evangelizar em um contexto nem sempre favorável. Um desses desafios é aceitar a tensão entre estar no mundo e não ser do mundo. Por detrás desta afirmação está o entendimento da palavra “mundo” segundo um dos usos bíblicos, que considera o mundo não como o cosmos criado por Deus, mas enquanto a realidade estruturada e construída a partir do pecado praticado pelo ser humano. A partir daí, dizer que o ser humano, cristão, está no mundo significa afirmar que o cristão continua a viver nessa realidade estruturalmente em pecado; essa é, portanto, a localização do cristão.

Dizer que não é do mundo significa que ele nega que as raízes do cristianismo estejam nessa realidade marcada pelo pecado. Embora vivendo no mundo idólatra, sua origem é Deus que cria do nada (*creatio ex nihilo*). Essa tensão consiste, pois, em uma distância crítica, já que os critérios de julgar essa localização não são dados pelo local, mas pela origem. O princípio paulino de solução (aceitar a tensão) se opõe a outro princípio também utilizado por Paulo que é do respeito ao próximo.

O desafio para a universidade católica é como manter a distância crítica, se ela se sustenta financeiramente em grande parte com meios cuja origem é o mundo. A universidade católica, no Brasil, atualmente é comunitária, o que possibilita a pessoas de baixa renda o acesso a ela na condição de bolsistas, porém, para muitos segue tendo que ser paga o que a torna acessível, na maioria dos casos, aos que têm possibilidade de alto desembolso financeiro.

Uma possível saída para esse impasse é começar pelo reconhecimento segundo o qual a universidade é uma instituição sob forte dependência do poder dominante (legal, jurídico, pressão dos pais, meios de comunicação social...), mas, exatamente por ser uma instituição, ela é capaz de fazer frente aos limites do sistema vigente. Sem a mediação das instituições, as pessoas ficariam mais facilmente vulneráveis ao arbítrio do Estado. Cabe à universidade, a partir da sua identidade católica e graças à sua realidade enquanto instituição, adotar um posicionamento reflexivo frente à idolatria presente nos que a sustentam financeiramente. Entra aí a função crítico-social que lhe deve ser inerente, ela terá que assumir como norma de ação o que Moacir Gadotti denominou de “pedagogia do conflito”, que consiste em uma prática que procura não esconder o conflito que divide a sociedade, que faz da imensa maioria vítimas e possibilita apenas a alguns poucos o gozo da intimidade com os ídolos vigentes. Essa pedagogia afronta e desmascara o conflito.<sup>265</sup>

Em relação à tensão entre estar no mundo e não ser do mundo, tal como o apóstolo Paulo na época, também hoje a universidade católica não tem uma tarefa fácil, ela se encontra diante do desafio de manter a permanente distância crítica frente aos valores da idolatria vigente, ao mesmo tempo em que fornece ao educando os instrumentos necessários para viver nessa mesma sociedade. Cabe enfatizar que a justiça é um valor do Reino. Implantá-la, particularmente através de

---

<sup>265</sup> GADOTTI, M., Educação e poder, p.59; SILVA, J. S., Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade.

uma ação educativa, na realidade concreta de um “anti Reino” é um desafio, sendo inevitável que poderá suscitar conflitos.

Paulo de Tarso é uma figura bíblica que constitui grande inspiração para o seguimento de Jesus Cristo no âmbito acadêmico. Paulo é “modelo de universitário”<sup>266</sup> graças à sua experiência tanto de discípulo como de missionariedade que nascem do encontro dele com Jesus Cristo. Paulo se sente motivado a plantar o cristianismo nas mais diversas fronteiras, a dialogar com as experiências religiosas do seu tempo e a lutar pelo reconhecimento da dignidade humana, o que ele faz como apóstolo dos gentios. A passagem do Evangelho da cultura e da região da Ásia Menor para o ambiente greco-romano exigiu de Paulo muito empenho. A investigação e a busca pela verdade, inerentes à natureza das atividades acadêmicas, acarretam situações de muitos questionamentos pessoais.

### 4.3

#### A missão da Igreja é evangelizar

A Igreja é uma instituição que necessita estar sintonizada com o seu tempo e com o seu ambiente cultural. Ela é portadora de uma mensagem divina, contudo é composta por seres humanos e existe para esses. Para cumprir adequadamente a sua missão, a Igreja não pode ser vista como pura, imaculada e desvinculada do tempo e do espaço, mas não pode, igualmente, ser tão mergulhada no mundo a ponto de mudar constantemente, ao impulso das vicissitudes da sociedade global. É fato que a Igreja está condicionada, no seu agir, a este mundo. Ela anuncia uma ordem permanente e eterna, mas, se debruça sobre o transitório.<sup>267</sup>

Os chefes do judaísmo rejeitaram a proposta de Jesus, tal rejeição resultou no nascimento da comunidade cristã, que é o novo povo de Deus. A sua razão de ser segue sendo a mesma do antigo povo de Israel, pois toda eleição, na Bíblia, tem a ver com uma vocação e é uma tarefa apostólica. Portanto, a finalidade da Igreja é, antes de tudo, realizar e proclamar para a sociedade o projeto divino, sintetizado na pregação de Jesus com a expressão “Reino de Deus”<sup>268</sup>.

<sup>266</sup> CNBB, Setor universidades da Igreja no Brasil: identidade e missão, p.13.

<sup>267</sup> BARREIRO, A., Igreja, povo santo e pecador, p.105; ESTRADA, J. A., Para compreender como surgiu a Igreja.

<sup>268</sup> MIRANDA, M. F., Vislumbres de Deus, p.20: “Não podemos separar a pessoa de Jesus Cristo de sua missão pelo Reino de Deus, podemos igualmente afirmar que o dinamismo do Espírito Santo nos impulsiona para a construção desse Reino”; COMBLIN, J., Cristãos rumo ao século XXI, p.27.

Evangelizar é uma tarefa que a Igreja cumpre para levar a cabo o desígnio de Deus, é também uma expressão de fé em Jesus Cristo, seu seguimento e a transmissão de sua mensagem, sob a iluminação do Espírito Santo. Trata-se da afirmação da presença trinitária na constituição da Igreja até o fim dos tempos e aos confins do mundo, como afirma Lucas no seu escrito que marca os primórdios da Igreja<sup>269</sup>. A Igreja segue sendo iluminada, como sempre, e a partir dessa iluminação desenvolve a sua missão no mundo, inculturando-se e interpretando os “sinais dos tempos”, convertendo-se em sinal de salvação. A Igreja enquanto comunidade de fé, esperança e amor só pode ser corretamente entendida no contexto da missão, pois ela é o grupo social por excelência chamado a reconhecer a soberania de Jesus e a proclamar, significar e concretizar o Reino de Deus entre os seres humanos.<sup>270</sup>

A Igreja está a serviço do Reino, o que lhe dá características particulares que convém ter presentes ao organizar sua missão. O centro da pregação da Igreja não é ela mesma, uma vez que está ligada à realidade transitória deste mundo. Exatamente por isso a Igreja não pode realizar por si mesma o Reino de modo pleno, mas pode e deve testemunhá-lo; ela não se apresenta como uma espécie de teocracia político-religiosa, não é seu papel ameaçar e menos ainda condenar, pois lhe compete anunciar, curar, cuidar e salvar. A Igreja necessita estar em constante processo de renovação e em atitude de contínua conversão.<sup>271</sup>

No contexto eclesial universal, o CV II é bastante preciso ao mencionar que a Igreja está destinada a percorrer o mesmo caminho percorrido por Cristo, um caminho que inclui a cruz, compreendida como sendo atitude de serviço e fruto da salvação à humanidade a quem a Igreja busca ajudar na descoberta do sentido da vida e do sentido definitivo da existência humana, a fim de levar a cabo uma humanização o mais autêntica possível.<sup>272</sup> A Igreja peregrina é por natureza missionária e como tal deve, a partir de Jesus Cristo, se empenhar em realizar a missão que ele encomenda quando envia os seus discípulos.<sup>273</sup> Ainda no contexto dos albores do CV II, o papa Paulo VI dá novos rumos ao enfoque do enfrentamento modernista que contrapunha Cristo-Igreja, ele enfatiza que a tarefa que Cristo

<sup>269</sup>At 1,4-8: “(...) serão batizados com o Espírito Santo dentro de poucos dias (...) serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia, na Samaria e até os confins da terra”.

<sup>270</sup>ALONSO, J. J. H., *La Nueva Creación*, p.159-64, 504.

<sup>271</sup>KUNG, H., *L'Église*, p.119-41; MIRANDA, M. F., *A Igreja numa sociedade fragmentada*.

<sup>272</sup>Ef 1,8-12; *Gaudium et Spes*, 41et seq.; MIRANDA, M. F., *A reforma de Francisco*; DIANICH, S., *La Chiesa Cattolica verso la sua Riforma*.

<sup>273</sup>Mt 28,19s; Mc 16,15.

encomenda à Igreja a situa no mundo tal como esse se encontra. A publicação da *Evangelii Nuntiandi* incrementou o crescimento da consciência de que a Igreja “existe para evangelizar” (EN n.14). Essa é a sua razão de ser e a sua “missão essencial”<sup>274</sup>. A *Evangelii Nuntiandi* é um documento de cunho pastoral e básico sobre a evangelização, sublinha que a Igreja é “evangelizadora e que começa por se evangelizar a si mesma” (EN n.15). Vê-se, portanto, sublinhada a necessidade de a Igreja ser evangelizada se ela quiser conservar o alento, a força e a sua credibilidade no mundo de hoje; isto significa dispor-se a uma conversão e renovação constantes. Não poderá haver anúncio se não houver uma vida que se faz testemunho vivo do que é pregado.

A evangelização é concretamente entendida como evangelizar a cultura e as culturas, os fatos culturais e transculturais, não em primeiro lugar como conhecimentos teóricos, mas como fatos da vida humana, de suas relações interpessoais e também com Deus. O Evangelho deve fazer-se presente inserindo-se na cultura, pois deste modo o testemunho e a pregação serão mais sólidos. O evangelizador deverá falar a linguagem dos evangelizados, que muitas vezes se encontram em ambientes “descristianizados”, por isso emerge a necessidade de uma nova evangelização<sup>275</sup> a ser realizada com o devido respeito à diversidade religiosa e outras convicções dos que são alvos da evangelização. Para viver a fé cristã não se deve abandonar a própria cultura, ao contrário, a transcendência do Evangelho se manifesta melhor quando há interação com uma nova cultura, no contexto da igreja local. Para essa vivência são importantes novas figuras de apresentação do cristianismo, aspectos diferentes do mistério, novas tradições que demonstram os processos no caminho de unidade da Igreja que não exclui a criatividade.

A Igreja existe para evangelizar, isso implica que ela não pode se desviar, por exemplo, para exclusivismos ou partidarismos.<sup>276</sup> O envio de Cristo é direcionado a todo o mundo, a todos os seres humanos, a todas as raças e a todas culturas. Porém, a evangelização não pode ser imposta, a atitude da Igreja para com as diferentes

<sup>274</sup> Sínodo dos Bispos de 1974, “Evangelização no mundo de hoje - Declaração final, SEDOC, 7 (1974/75), p.736, n.4; *Evangelii Nuntiandi*, n.15 et seq.

<sup>275</sup> MIRANDA, M. F., Em vista da nova evangelização, p.14: “Evangelização enquanto proclamação do querigma salvífico presente nas palavras e na vida de Jesus Cristo não pode ser velha nem nova, é sempre a mesma e é o que garante a identidade do cristianismo”. A expressão “nova evangelização” é uma categoria utilizada na conferência de Medellín (1968) para expressar justamente a exigência de levar adiante a renovação preconizada pelo CV II. Contudo, essa expressão foi popularizada em um discurso de João Paulo II, p.778.

<sup>276</sup> MIRANDA, M. F., Igreja sinodal, p.14; LOHFINK, G., Deus precisa da Igreja?

culturas, com os não evangelizados e os que não estão em comunhão com o cristianismo ou com a Igreja católica deve ser sempre de diálogo.<sup>277</sup> Um diálogo aberto e contextualizado, em sintonia tanto com a Igreja universal quanto com a particular<sup>278</sup>. Evangelização não é abstração, ao longo da caminhada da Igreja, ela tem assumido aspectos práticos, em vista de uma libertação integral do ser humano (DPb n.2574), de construir uma nova síntese entre o antigo e o moderno, o espiritual e o temporal, entre o que é recebido e o que constitui a originalidade de cada pessoa (DMed, Introdução n.1).

Vários documentos eclesiais têm dado força ao dinamismo evangelizador da Igreja, além do grande impulso verificado no CV II. Na história recente, há outros registros significativos; em *Medellín* houve um esboço, continuado em *Puebla*, no espírito de comunhão e participação, da valorização das culturas; em *Santo Domingo*, esses mesmos pontos foram aplicados no contexto da “nova evangelização”, caracterizada pela promoção humana e a cultura cristã. *Aparecida* reforça os discípulos e missionários como agentes da evangelização.<sup>279</sup> A evangelização não é, portanto, extemporânea, ela está em constante relação com os sinais dos tempos. Aí encontram-se as interpelações de Deus que se constituem no lugar da experiência de fé, um *kairós*, um “lugar teológico”<sup>280</sup>. A necessidade de uma constante escuta e leitura atenta dos sinais dos tempos brota da convicção de que “não podemos dissociar o plano da Criação e o plano da Redenção” (DSD n.157). É tarefa de todos participar ativamente na promoção humana, combatendo as situações concretas de injustiça, promovendo a justiça, a paz, os direitos e a dignidade da pessoa humana<sup>281</sup>. A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* possui palavras que seguem atuais sobre o que é, para a Igreja, evangelizar:

<sup>277</sup> KUNG, H., *Religiões no mundo*, p.17: “Não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões, se não existir padrões éticos globais. Nosso planeta não irá sobreviver, se não houver um ethos global, uma ética para o mundo inteiro”.

<sup>278</sup> “(...) à diferença dos cristãos da Antiguidade e da Idade Média ou do católico médio do século XIX, a dimensão eclesial da fé não é vista nem vivida pelos cristãos de hoje como “óbvia” e “evidente”... contudo, a fé cristã ou é eclesial, isto é, comunitária, ou não é cristã”. BARREIRO, A., *Igreja, povo santo e pecador*, p.11.

<sup>279</sup> *Aparecida*, n.144-146 afirma que ser discípulo e ser missionário são duas faces da mesma moeda, pois aquele que está enamorado de Cristo não pode deixar de anunciá-lo.

<sup>280</sup> CELAM, *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*, doc.7, §13; *Santo Domingo*, n.164-209.

<sup>281</sup> HERKENHOFF, J. B., *Direitos Humanos: a construção universal de uma utopia*, p.184: “Os Direitos Humanos constituem uma obra coletiva da aventura e da utopia humana”.

Para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação. (*EN* n.19)

“Evangelizar ou humanizar”? por mais provocativo que possa parecer, essa questão que intitula um artigo de M. F. Miranda, já mencionado no segundo capítulo, não constitui um dilema. Ele propõe pensar conjuntamente criação e salvação, o humano histórico e o divino transcendente. Como descobrir o divino no humano sem torná-lo imanente? E nem confiná-lo ao âmbito do “religioso” ou reduzir o cristianismo a um simples humanismo? Estas questões não surgiram de especulações de mentes ociosas, mas brotaram do próprio contexto sociocultural contemporâneo.<sup>282</sup> Deste modo, elas se encontram necessária e intimamente relacionadas com a configuração do cristianismo, com sua tarefa evangelizadora e com sua própria compreensão.

Como proclamar o Evangelho em uma sociedade com tal diversidade cultural e religiosa? Dever-se-ia assumir a bandeira da inculturação da fé de modo a oferecer discursos e práticas plurais respeitando as idiossincrasias de cada grupo social? Esse caminho acarretaria ao cristianismo perda em nitidez e unidade? Deveria configurar diversamente, já que o cristianismo constitui uma contínua interpretação do evento Jesus Cristo ao longo da história e só assim mantém sua identidade, sua pertinência salvífica e sua atualidade? Não permaneceu o cristianismo demasiado preocupado com sua própria sobrevivência após o fim da cristandade, fechado em si mesmo, e pouco ousado em se lançar na missão de evangelizar esta sociedade complexa que tem diante de si? E como poderia fazê-lo diante de um público tão diversificado? Haveria uma linguagem de tal modo universal que pudesse ser captada por todos?

Essas interrogações apontam para o desafio de uma autêntica evangelização, que se apresenta em diversos campos da missão cristã. A universidade católica e as demais instituições educacionais estão entre as mais afetadas por esse problema, e este desafio atinge também outras instituições sociais e os demais areópagos a serem evangelizados.<sup>283</sup> Neste contexto sociocultural instável e em contínua transformação, como evangelizar? Manifestações cristãs, sobretudo de

<sup>282</sup> MIRANDA, M. F., *Evangelizar ou humanizar?*, p.520.

<sup>283</sup> MELO, A. A., *A evangelização no Brasil*.

cunho devocional arriscam incorrer em um cristianismo meramente cultural o qual, de fato, não tem real incidência evangélica na vida dos que o aceitam.

A dificuldade encontrada pela Igreja em se fazer ouvir na contemporaneidade provém de um modo de proclamar a mensagem salvífica, posto em prática durante todo o tempo da cristandade e que resulta ineficiente devido à mentalidade reinante nos dias atuais.<sup>284</sup> Privilegiava-se a exatidão da exposição doutrinal e a obrigatoriedade do enunciado ético, sem emitir um convite a uma liberdade adulta.<sup>285</sup> Porém, as pessoas, hoje, particularmente a grande maioria dos jovens universitários, não aceitam discursos prontos aos quais devam obedecer, nem tampouco normas impostas às quais devam se submeter. A maioria das pessoas, atualmente, almeja o diálogo, a liberdade de pensar, a autonomia do agir, o direito da consciência moral e a corresponsabilidade. Não se nega que tais aspirações possam estar deformadas pela cultura marcada pelo individualismo atual, mas, sem dúvida, constituem a mentalidade dominante daqueles aos quais a Igreja e, concretamente, a universidade católica são chamadas a anunciar Jesus Cristo.<sup>286</sup>

A instituição eclesial é vista muitas vezes, por um significativo número de universitários, como uma entidade impessoal e burocrática, autoritária e moralista, preocupada primeiramente com formulações, mandamentos e ritos. Diante disso, padece o sentido último da Igreja de ser o sacramento da salvação para o mundo inteiro. A partir da sua missão de evangelizar, ela deve deixar transparecer em sua proclamação o núcleo do querigma primitivo e, em sua vida, a realização efetiva do Reino de Deus já acontecendo na comunidade humana. Tanto a proclamação da Boa-Nova do Reino, como a sua presença viva entre os membros da comunidade eclesial devem convergir para a pessoa de Jesus Cristo<sup>287</sup>, constituindo-se um convite atraente à liberdade humana.<sup>288</sup>

A maioria dos católicos vive no assim chamado Terceiro Mundo em condições precárias e desumanas; aqueles que com eles trabalham são relegados à periferia da sociedade, experimentando a *kénosis* dos sem força e sem voz, mas vivendo a fé em toda sua verdade, alicerçados na força de Deus. Essa afirmação não

<sup>284</sup> NOLAN, A., Jesus hoje: uma espiritualidade de liberdade radical; FRAIJÓ, O cristianismo: uma inspiração ao movimento inspirado em Jesus de Nazaré.

<sup>285</sup> POUPARD, P., Iglesia y culturas: orientación para una pastoral de la inteligencia.

<sup>286</sup> PAGOLA, J. A., Jesus: uma aproximação histórica, p.324-350; NOLAN, A., Jesus antes do cristianismo.

<sup>287</sup> THEISSEN, G.; MERZ, A., O Jesus Histórico: um manual, p.213-5.

<sup>288</sup> MOLTSMANN, J., O caminho de Jesus Cristo, p.227-31.

visa desmerecer a presença viva e atuante das classes médias e altas na Igreja e em seu meio social. Mas a pergunta permanece: não deveria a Igreja buscar uma configuração institucional que correspondesse mais ao projeto de Jesus Cristo que, mais que fundador, é o seu fundamento?

Evangelizar, para a Igreja católica, é levar a Boa-Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade. É a partir dessa perspectiva que entendemos que deve ser a missão evangelizadora da Igreja no contexto e a partir da universidade católica.

#### **4.4 Evangelização da cultura e inculturação do Evangelho**

Inculturação é um conceito que pressupõe outros, como cultura e fé, que abrangem distintas vertentes epistemológicas, especialmente da antropologia cultural e da teologia. Como tema de reflexão, ele surge no contexto de mudanças teológicas. Nesta investigação, iremos considerar alguns elementos fundamentais requeridos para a compreensão da inculturação em uma perspectiva integradora, a fim de delimitar a definição de inculturação como experiência de fé interpretada.

A inculturação sempre existiu na tradição bíblico-cristã. Porém, nos últimos decênios emergiu uma nova consciência em relação ao fenômeno, tornando-se um dos temas centrais no contexto da renovação teológica. Os motivos são variados, um desses é a percepção de que o cristianismo ficou distanciado das realidades concretas da vida, tornando-se uma religião anacrônica em relação à modernidade e não respeitadora das múltiplas culturas a que chegavam os missionários e onde vivia grande parte das comunidades cristãs espalhadas pelo mundo.

Ao longo do tempo, a Igreja se tornou predominantemente monocultural, identificando a experiência da fé e a mensagem da revelação com uma única inculturação: a expressão ocidental europeia pré-moderna.<sup>289</sup> Foi no contexto do CV II e no pós-concílio que a Igreja tomou consciência do abismo que a separava tanto da modernidade como das múltiplas culturas dos povos originários da África, da Ásia e da América. A expressão de Paulo VI – “a ruptura entre o Evangelho e a

---

<sup>289</sup> AZEVEDO, M. C., Viver a fé cristã nas diferentes culturas, p.20-4; SUESS, P. Inculturação, p.81-127.

cultura é sem dúvida o drama de nossa época” (EN n.20) – reflete a realidade de um cristianismo que, ao se identificar predominantemente com a expressão cultural do passado – práticas religiosas, instituições, ritos e linguagem –, deixou de ser lugar de experiência viva, significativa e transformadora.

A categoria teológica “inculturação” mais que ressaltar o valor das culturas para a evangelização também sublinha a realidade histórica e cultural da fé. Deus se manifesta sem reservas a todas as pessoas e a todas as comunidades humanas, e o ser humano se dá conta de sua presença salvadora, acolhendo-a em uma atitude de fé, que acontece por meio de mediações culturais, no sentido amplo do termo, que incluem práticas, significados, valores, padrões, formas de relações, emoções etc. O núcleo mais determinante de um processo de inculturação é a experiência da fé que surge, influenciando na tradição de experiências e em seu horizonte teológico. As múltiplas inculturações são mediações equivalentes da revelação, que em linguagem humana aludem ao mistério de Deus na sua totalidade. Na Igreja, essa variedade de experiências possui valor teológico fundamental, que não só aponta de várias maneiras para o mesmo mistério de Deus, como também contribui para que Deus não fique restrito a uma única linguagem.

Decorridos séculos de uma Igreja que predominantemente moldava sua prática e sua linguagem na cultura europeia pré-moderna<sup>290</sup>, surge uma nova consciência sobre a importância das culturas para a evangelização.<sup>291</sup> Em sentido diacrônico, abre-se o diálogo com a modernidade; e, em sentido sincrônico, percebe-se o valor das culturas das comunidades humanas presentes em todo o mundo. O processo que conduziu o cristianismo a uma abertura ao diferente e ao pluralismo não é linear, nem tampouco isento de vicissitudes. Porém, com a emergência de culturas marginalizadas e com o desenvolvimento da antropologia cultural, muitos setores do cristianismo tomaram consciência da igualdade das culturas e da necessidade de superar a mentalidade e a prática etnocêntrica que caracterizaram a atuação da Igreja por tanto tempo. Acresce-se o fato de que a antropologia cultural ofereceu um instrumental precioso à teologia cristã.<sup>292</sup> Cada vez mais tem crescido a consciência de que a cultura humaniza o ser humano,

<sup>290</sup> FERNANDES, L. A., Missão e missiologia a partir da *Evangelii Gaudium*, p. 287: “Na idade média, toda a Europa parecia estar evangelizada. A cristandade era a sua marca característica, porque se considerava que o mundo ocidental era todo cristão”.

<sup>291</sup> AZEVEDO, M. C., Viver a fé cristã nas diferentes culturas, p.20-6.

<sup>292</sup> GARCIA RUBIO, A., Antropologia: o projeto de Deus sobre o ser humano.

iluminando-o, guiando-o em sua existência, oferecendo-lhe as riquezas das gerações passadas e abrindo-lhes perspectivas para o futuro. Tudo isso culmina na provocação da reflexão teológica, já que a identidade cristã se caracteriza pelo seguimento de Cristo, por uma práxis iluminada pela fé, enfim, pela vida vivida à luz do Evangelho. Fé e cultura aparecem, portanto, estreitamente inter-relacionadas.<sup>293</sup> Os cristãos tomaram consciência das implicações que as relações sociais têm na realização da cultura, na evangelização e na inculturação.<sup>294</sup> Em determinados contextos sócio-históricos, a mensagem do Evangelho, por um lado, pode ser encaminhada ideologicamente para ajudar a manter relações de domínio, mas, por outro lado, na medida em que ocorre uma autêntica inculturação, o Evangelho conduz a uma experiência cristã comprometida com relações justas, com uma práxis transformadora, com o bem-estar de todas as pessoas. Não foi só a visão antropológica das culturas que mudou, mas também a sua visão teológica. A propósito, afirma Vattimo:

Nas novas condições de relações entre povos e culturas diversas, no mundo pós-moderno, o cristianismo não pode pensar em cumprir sua constitutiva vocação missionária acentuando a própria especificidade doutrinal, moral, disciplinar. Ao contrário, ele pode esperar participar do diálogo/conflito, ou confronto, entre as culturas e as religiões.<sup>295</sup>

No contexto do discurso teológico-missionário, se reconhece o valor das culturas não exatamente para a atualização do Evangelho, uma vez que ele é sempre atual, mas para enriquecer a própria Igreja. A renovação teológica do sentido da criação, em uma perspectiva integradora, desconstrói interpretações dualistas entre fé e cultura, de acordo com as quais a fé faria parte de uma esfera sagrada em contraposição à cultura relegada a uma esfera profana. Cultura e fé provêm ambas de uma fonte comum, que é o amor gratuito e criacional de Deus.<sup>296</sup> As culturas, segundo a perspectiva teológica, são obras da criação de Deus no mundo humano e na história, uma criação que é sempre salvífica. Porém, como realização finita, histórica, que só se realiza mediante a cocriação humana, nelas se refletem as resistências do mundo real, da liberdade humana limitada, e também do egoísmo ou do pecado presentes no ser humano. A fé é igualmente fruto da ação amorosa de

<sup>293</sup> MIRANDA, M. F., *Inculturação da fé*, p.16.

<sup>294</sup> SUESS, P., *Culturas e evangelização*.

<sup>295</sup> VATTIMO, G., *Depois da cristandade: por um cristianismo não religioso*, p.126.

<sup>296</sup> MIRANDA, M. F., *Inculturação da fé*, p.87-104.

Deus que se autocomunica a todos, porém, dentro de condições históricas determinadas, essa revelação é experimentada explicitamente no interior de uma tradição de fé. Essa base comum em Deus permite um diálogo entre fé e cultura, no qual a palavra teológica está presente em ambos. A cultura, não obstante esteja sujeita a ambiguidades, por resultar também ela da finitude humana e do egoísmo, consegue deixar transparecer o dinamismo do Espírito no ser humano. Ela se distingue da fé cristã enquanto acolhimento consciente por parte do ser humano desse dinamismo divino mediado pela figura histórica de Jesus Cristo, no qual o acolhimento à realidade teologal não está apenas implícito, mas se encontra reconhecido reflexamente e acolhido livremente como o sentido último da vida humana. Na fé cristã, o teologal se torna teológico, enquanto discurso explícito sobre o Último, sobre Deus.<sup>297</sup> O mesmo contexto que recuperou a visão das culturas como realidades teônomas<sup>298</sup> também apresentou o significado salvífico das religiões não cristãs, tema que aqui é mencionado como parte da mesma renovação sobre a inculturação. A partir da visão teológica da criação por amor e da universalidade da salvação cristã, rompe-se a visão que considera unicamente a tradição bíblica como revelação de Deus e as outras tradições religiosas como obras exclusivamente humanas. Em uma perspectiva cristã, em todas as religiões, atua a revelação salvífica que tem seu ponto culminante em Cristo.<sup>299</sup>

O fenômeno da inculturação é o processo da própria experiência cristã, que abrange a totalidade do ser humano. Com a consciência de que a fé só existe dentro de uma cultura, compreende-se que o processo de inculturação não é outro senão o processo da própria fé, que não se reduz ao aprendizado teórico de conteúdos, mas sim uma experiência do acolhimento consciente da ação criadora e salvadora de Deus na vida no decorrer da história.<sup>300</sup> Sensibilizar-se com as referências culturais dominantes na sociedade não significa submeter o Evangelho às categorias ou às coordenadas de uma determinada época, deturpando-o, em vista de conquistar clientela. A autêntica inculturação da fé é sempre acompanhada de uma correspondente evangelização da cultura. O respeito por outras culturas nem sempre aconteceu, porém, sobretudo na história mais recente da Igreja, a consciência da

---

<sup>297</sup> MIRANDA, M. F., *Inculturação da fé*, p.99.

<sup>298</sup> TILLICH, P., *Teologia Sistemática*. p.272-9.

<sup>299</sup> AZEVEDO, M. C., *Evangelização e cultura secular*, p.18-33.

<sup>300</sup> PALÁCIO, C., *A originalidade singular do cristianismo*, p.312.

importância desse respeito tem progredido. Na Encíclica *Evangelii Praecones* (1951), Pio XII insiste em favor de que os missionários cultivem o respeito a tudo o que há de bom na civilização e nos costumes dos diferentes povos.<sup>301</sup> João XXIII, na Encíclica *Princeps Pastorum* (1959), avança um pouco mais reconhecendo que a Igreja é pluricultural e que há uma igualdade entre as culturas, afirmando também que a Igreja católica não está identificada com nenhuma cultura, nem mesmo com a cultura ocidental, à qual a sua história está estreitamente ligada (*PrP* n.16). Contudo, a realidade da inculturação da fé, como hoje é entendida, só se desenvolveu no pós-CV II. Até então havia muitas dificuldades por parte da hierarquia da Igreja católica em reconhecer o valor da pluralidade das culturas. De acordo com essa concepção, não se tratava de evangelizar culturas, mas, no máximo, adaptar a fé cristã a fim de torná-la aceita por todo e qualquer grupo humano. Era como se existisse uma única cultura católica a ser transmitida a todos os demais povos.<sup>302</sup>

Dando sequência à pauta iniciada no CV II na *Gaudium et Spes* (n.53-62), a constituição pastoral do Concílio sobre a Igreja no mundo contemporâneo, e também a Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* (n.18-20), o documento de *Puebla* desenvolve o tema da “evangelização da cultura” e posteriormente *Santo Domingo* e *Aparecida* tratam da inculturação do Evangelho.<sup>303</sup> Inculturação do Evangelho ou da fé cristã é uma atitude em vista de possibilitar a vivência da fé de uma comunidade eclesial no seio de uma cultura. Não se trata de imposição de doutrinas, mas de um processo contínuo favorecido pela liberdade do Espírito, responsável último pela experiência cristã em permanente e respeitoso diálogo com as respectivas culturas locais. Como todas as culturas possuem algum tipo de fundamentação religiosa, a inculturação da fé implica, inevitavelmente, um encontro com outra religião, sem a qual as categorias culturais se tornam ininteligíveis. Diante dessa constatação, A. T. Queiruga sugere que a inculturação deve ser completada pela “inreligiosação”: “Toda religião – também a cristã – é sempre *intrinsecamente* uma experiência interpretada e, portanto, inculturada: a

<sup>301</sup> *Evangelii Praecones*, n.55: “A Igreja, quando civiliza os povos sob inspiração da religião cristã, não procede como quem corta, lança por terra e extermina uma floresta luxuriante, mas sim, como quem enxerta árvores bravas com qualidades escolhidas, para que elas venham a dar frutos mais saborosos e sazonados”.

<sup>302</sup> SHORTER, A., *Toward a Theology of Inculturation*, p.158-75.

<sup>303</sup> QUEIRUGA, A. T., *Diccionario de Teología Pastoral*, verbete: *Inculturación de la fé*, p.471-80.

experiência original teve de encarnar-se nos elementos culturais das pessoas e comunidades que a vivem”<sup>304</sup>.

O termo “cultura” tem sido entendido de diversas maneiras<sup>305</sup>, sendo difícil chegar a uma definição exaustiva, uma vez que “cultura é uma totalidade complexa que abrange conhecimento, crença, arte, costume e quaisquer capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano como membro da sociedade”<sup>306</sup>, como se pode observar a partir do CV II e de escritos do papa Paulo VI. Na *Evangelii Nuntiandi*, há referência à evangelização da “cultura e das culturas do homem” não de forma decorativa, mas em profundidade, indo até as raízes onde se encontra a verdadeira identidade (EN n.20).

Para um povo determinado, uma das mais graves desgraças possíveis de acontecer seria a perda da respectiva identidade cultural, pois é ela que possibilita a comunidade reconhecer-se como original, bem como ser reconhecida pelas demais como distinta. A identidade cultural cria e possibilita que a comunidade cresça na consciência de si mesma, valorizando a sua própria história e que tenha resistência a eventual invasão de outras culturas. A identidade de uma cultura não é afirmada no isolamento, mas é na abertura a outras culturas que acontece o avanço e o enriquecimento no processo de intercomunicação. Uma frequente causa de conflitos étnicos, sociais, religiosos etc. é a reivindicação em excesso da afirmação da própria cultura, pois a absolutização da própria identidade cultural frente a outra ou outras pode vir a inviabilizar o diálogo.

Com o processo evangelizador deve ocorrer algo semelhante, pois consiste no encontro entre o Evangelho e uma determinada cultura particular, encontro que supõe e almeja um mútuo enriquecimento. Em vistas disso, o evangelizador, sem abrir mão da sua própria identidade cultural, deve, simultaneamente, levar em consideração a cultura que encontra e que para ele é nova, uma relação que deve ser de respeitosa e profundo diálogo, em nível de fundamentos, da respectiva identidade cultural e da consciência coletiva dentre outros pontos importantes. Esse

---

<sup>304</sup> QUEIRUGA, A. T., O diálogo das religiões, p.71.

<sup>305</sup> Segundo o Documento de Aparecida, n.476: “A cultura, em sua compreensão mais extensa, representa o modo particular com que os homens e os povos cultivam sua relação com a natureza e com seus irmãos, consigo mesmos e com Deus, a fim de conseguir uma existência plenamente humana”. Ver também *Gaudium et Spes*, n.53: “A palavra ‘cultura’ indica, em geral, todas as coisas por meio das quais o homem apura e desenvolve as múltiplas capacidades do seu espírito e do seu corpo”.

<sup>306</sup> TYLOR, E., Primitive Culture I, p.1.

é o processo de inculturação do Evangelho e, simultaneamente, de evangelização da cultura e das culturas.<sup>307</sup> Em princípio, a evangelização da cultura supõe apresentar os valores do Evangelho e inseri-los na determinada cultura, a fim de renová-la a partir de dentro. F. Pastor ressalta que:

A ligação entre religião e cultura é intrínseca. Por conseguinte, o fenômeno da inculturação de uma nova cultura deve ser considerado problemático, dado que a religião e a cultura não existem abstrata e isoladamente. Pelo contrário, da união de uma nova religião e uma velha cultura deveria nascer em realidade uma cultura nova e diversa.<sup>308</sup>

Evangelização, portanto, não se resume à conversão pessoal, inclui também a transformação da cultura. Não há dúvidas quanto a importância de tudo isso ser feito com respeito tanto pelos indivíduos como pela sua respectiva cultura. A própria cultura sendo valorizada se transforma em mediação para a transmissão do Evangelho, logo não há motivo para o abandono da identidade cultural. Trata-se de retomar e atualizar constantemente a relação entre a fé e suas diferentes formas de se expressar, bem como as linguagens mutantes das culturas, processo esse duplamente versátil e que, portanto, exige espírito de abertura e atenção tanto à fé quanto à cultura.<sup>309</sup>

Para que a evangelização seja verdadeira, a Igreja deve, antes de tudo, conhecer bem a cultura a ser evangelizada, com atitude de amor e ciência, só assim será possível realizar uma “encarnação” nessa cultura. Conhecer a cultura atual em vista de sua evangelização implica considerar também as novas realidades que influem nas diversas culturas, tais como: globalização e virtualização econômica, informação e conhecimento como fontes de poder, exclusão de milhões de pessoas em relação a benefícios do desenvolvimento econômico, progressiva perda da identidade do Estado enquanto nação, inquietante ressurgimento dos fundamentalismos religiosos e políticos, desvalorização da dimensão ética, insensibilidade diante dos sofrimentos alheios, apatia fruto da maldade.

<sup>307</sup> AZEVEDO, M. C., *Modernidade e cristianismo o desafio à inculturação*, p.18: “A inculturação implica uma dimensão teológica; não pode ser entendida, pois, se não formos além do horizonte da antropologia cultural. É recente na Igreja a sensibilidade à necessidade de inculturação”. No Brasil, o teólogo e antropólogo cultural Marcelo Azevedo é um dos primeiros a empreender uma reflexão do impacto da cultura moderna no cristianismo.

<sup>308</sup> PASTOR, F. A., *O Reino e a história*, p.92.

<sup>309</sup> TORNOS, A., *Inculturación. Teología y método*, p.152-4.

Compete à evangelização apontar as falhas em vista de que a cultura se transforme à luz do Evangelho. Para isso se deve começar por conhecer respeitosamente a cultura, a sua dinamicidade; a sua vinculação e a adaptação da Igreja em vista de ressaltar, nessa cultura, os valores humanos e cristãos a fim de que por meio da força proveniente do Evangelho, este, paulatinamente, não seja estranho à cultura, mas, em atitude de serviço e a exemplo do Cristo, possa corrigir os contra valores existentes, as falsas imagens de Deus, para uma restauração e um aperfeiçoamento constantes (DPb, n.397-407).

A evangelização da cultura ocorre, necessariamente, em sintonia com a inculturação do Evangelho. A inculturação é um processo com as seguintes características: um encontro criativo, dinâmico, dialógico, dialético entre a fé eclesial e a cultura social, que se dá tanto em nível pessoal como comunitário. O fundamento deste processo encontra-se no Espírito Santo; o primeiro sujeito é Jesus Cristo, o sujeito agente é o evangelizador e a Igreja local é o sujeito coletivo enquanto encontra-se imersa na realidade cultural dessa comunidade. É um processo vivo no qual interagem e se integram as dimensões eclesial e social, resultando em quatro níveis de correlação: querigmático cognoscitivo, litúrgico expressivo, comunhão estrutural e diaconal material.<sup>310</sup> Ao encontrarem-se diferentes culturas e religiões, os processos são denominados de interculturação e de diálogo inter-religioso, de conculuturação (uma mesma cultura e diferentes religiões); de transculturação (diversas culturas rumo a unificação em Cristo).<sup>311</sup> Trata-se de uma tarefa permanente e urgente do cristianismo como um todo, em atenção às mudanças que as sociedades e as culturas vão sofrendo.

A inculturação não é um aspecto opcional para a vida cristã, não é um processo unilateral da fé, nem da cultura, não é um processo isolado, nem tampouco exclusivamente de âmbito missionário, não acontece automaticamente. Ela decorre de uma obrigação inevitável que brota intrinsecamente da fé, é uma via de mão dupla entre a fé eclesial e a cultura social, envolvendo diversas dimensões tanto da fé como também da cultura. Inculturação é um processo multifacetário que envolve diálogo inter-religioso, transculturação, libertação, ela é uma tarefa também da Igreja local em diálogo com as demais e com a Igreja universal. É uma experiência

---

<sup>310</sup> AMALADOSS, M., Missão e inculturação, p.27: “A relação entre Evangelho e cultura na missão cultural interativa é complexa”.

<sup>311</sup> AZEVEDO, M. C., Modernidade e cristianismo o desafio à inculturação, p.18-20.

da pastoral ordinária global, que requer uma convicção, uma resolução, critérios, competência e espiritualidade precisas. A inculturação significa uma saudável tensão rumo à recapitulação de tudo em Cristo, a realização do Reino e o florescimento de uma humanidade nova.<sup>312</sup> Segundo R. Crollius, a inculturação da fé e do Evangelho pode ser expressa como:

Integração da experiência cristã de uma igreja local na cultura do povo no qual reside, de tal modo que essa experiência não só se expressa conforme o específico de determinada cultura, senão que além disso chega a converter-se em uma força que a anima, orienta e renova, criando nela uma nova unidade de comunhão enriquecedora para a própria, mas, também para a universalidade da Igreja.<sup>313</sup>

A evangelização da cultura e a inculturação do Evangelho não podem existir separadas; ambas, juntas, são a encarnação do Evangelho nas culturas. A inculturação do Evangelho é a concretização do modo de se evangelizar as culturas, segundo o papa João Paulo II “inculturação é a íntima transformação dos autênticos valores culturais mediante a sua integração no cristianismo e a radicação do cristianismo nas diversas culturas” (*RM* n.52). A inculturação se concretiza na Igreja por meio do reconhecimento dos valores evangélicos presentes na cultura e o aporte de outros valores para que sejam assumidos por ela.

A inculturação do Evangelho tem dimensão de universalidade, já que este pode encarnar-se em qualquer cultura e a partir daí ser anunciado. Inclusive, não só na cultura senão que também na religião; qualquer religião autêntica pode deixar-se impregnar pela mensagem de amor evangélico, que propicia o diálogo inter-religioso. Esse diálogo não se limita às religiões, ele se estende a experiências vividas em diversos contextos históricos, culturais, sociais... Não se trata de juntar as diversas religiões em uma única, mas sim aprofundar o sentido básico da experiência e da atitude religiosas, enriquecendo-as com a vivência diversificada de acordo com os diversos povos e a sua respectiva cultura. Sondar essa diversidade permite avançar rumo ao núcleo em que as diferentes experiências se encontram – e a compreensão desse núcleo se enriquece com a diversidade de formas em que vive. O cristianismo aporta elementos valiosos para o aprofundamento da experiência religiosa fundamental.

<sup>312</sup> CASTRO, L. A., *Fe missionera, fe de primeira*, p.178-83.

<sup>313</sup> CROLLIUS, R., *Inculturación: hacia una elaboración teológico-conceptual*, p.184.

Da compreensão da inculturação do Evangelho e da evangelização da cultura como missão fundamental e não acidental da Igreja adquirem sentido muitas relações entre as pessoas e os povos, incluídos os meios intelectuais nos quais o diálogo é instrumento fundamental de entendimento e convivência. O fundamento propriamente dito deste planejamento constitui a própria teologia da encarnação. Deus se dá revelando-se de muitas maneiras, mas sua revelação em plenitude é o ato segundo o qual o Verbo que é o Filho tenha se feito carne. O próprio Deus entrou na história e na existência humana concreta. “Deus aconteceu em Jesus Cristo não ‘apesar’ da humanidade, mas, em virtude dela mesma. O rosto de Deus se fez humano; em Jesus Cristo o Filho de Deus é um homem verdadeiro”<sup>314</sup>. João Paulo II, no discurso inaugural dirigido à assembleia reunida em Santo Domingo, ressalta um exemplo de inculturação:

América Latina, em Santa Maria de Guadalupe, oferece um grande exemplo de evangelização perfeitamente inculturada. Com efeito, na figura de Maria desde o princípio da cristianização do Novo Mundo e à luz do Evangelho de Jesus se encarnaram autênticos valores culturais indígenas. No rosto mestiço da Virgem de Tepeyac se resume o grande princípio da inculturação: a íntima transformação dos autênticos valores culturais mediante a integração no cristianismo e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas.<sup>315</sup>

É ainda comum a existência de um divórcio entre o contexto sociocultural onde vivem os fiéis de uma determinada religião e, de um outro lado, as expressões e práticas da fé, o que leva as pessoas a buscar, em outras religiões, o que não encontraram na sua. Toda religião, como já foi dito anteriormente, vem expressa necessariamente em uma determinada cultura. O encontro de duas religiões é também, na maioria dos casos, o encontro de duas culturas – pois a religião é, no fundo, o coração da cultura.<sup>316</sup>

O processo de inculturação da fé é longo e trabalhoso, mas é igualmente muito útil e necessário. Como enfatiza João Paulo II: “uma fé que não faz cultura é uma fé que não foi plenamente recebida, não inteiramente pensada, não fielmente vivida”<sup>317</sup>. A comunidade cristã é agente da inculturação enquanto está

<sup>314</sup> RAMIREZ, A., La inculturación de la fe, único medio para llevar el evangelio al corazón de la cultura y de las culturas.

<sup>315</sup> Santo Domingo, discurso inaugural de João Paulo II apud VELA, A., Una reflexión sobre las relaciones entre evangelización y cultura, p.25.

<sup>316</sup> MIRANDA, M. F., Um catolicismo desafiado. Igreja e pluralismo religioso no Brasil, p.22.

<sup>317</sup> JOÃO PAULO II, apud MIRANDA, M. F., Um catolicismo desafiado. Igreja e pluralismo religioso no Brasil, p.23.

comprometida com o Evangelho e vivendo-o no interior de sua respectiva cultura. É, no entanto, necessário reconhecermos que houve muitos conflitos entre religiões e culturas, inclusive com violências, o que já foi inclusive objeto de críticas à Igreja e até pedidos de perdão proferidos pelos papas João Paulo II e Francisco.

#### 4.5 Novos paradigmas de evangelização e pastoral

“Novos paradigmas”, trata-se de uma expressão em voga nos últimos anos nas discussões de cunho acadêmico<sup>318</sup>. A origem dessa terminologia remonta à filosofia da ciência, mais precisamente à epistemologia do conhecimento. Desse contexto originário foi transposta para outros âmbitos do conhecimento humano e hoje pode ser encontrada nos mais diversos campos do saber, incluindo a teologia.

Carlos Palácio aponta para um problema em torno do uso da expressão “novos paradigmas”<sup>319</sup> aplicada à teologia. Segundo ele, por detrás da expressão, que na sua opinião alguns empregam como se fosse uma fórmula mágica, na realidade há uma outra questão que é a situação de crise da cultura ocidental e o que subjaz é a crise da razão moderna. Palácio afirma que “para responder à altura e de maneira original aos desafios deste momento histórico, a teologia tem de ir ao fundo da questão levantada por sua ‘simbiose histórica’ com essa civilização da razão. Pois de fato, esse foi até hoje o seu paradigma”<sup>320</sup>.

A expressão “novos paradigmas”, portanto, sugere ou, pelo menos, evoca mutações do cristianismo, porém, obviamente, não “mutações genéticas”, não se trata de um outro cristianismo, mas o exercício de considerar a fé cristã e, portanto, a teologia enquanto uma das expressões dessa fé que se compreende a si mesma em cada momento da história, é o que se chama comumente de inculturação da fé que é a sua maneira de estar presente no mundo, de entrar em contato com o ser humano e a cultura de determinada época. Não se trata de outro cristianismo, mas do mesmo, apresentado de forma diferente, quiçá nova, sob vários aspectos em relação àquele

<sup>318</sup> TOURAINE, A., Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje, p.13: “A ideia de paradigma dá lugar tanto à luz quanto à sombra. Se um discurso pode ser consagrado todo inteiro a vigiar e punir, um paradigma valoriza tanto à liberdade quanto a alienação, tantos os direitos humanos quanto a obsessão pelo dinheiro, pelo poder e pela identidade”.

<sup>319</sup> PALÁCIO, C., Deslocamentos da teologia, mutações do cristianismo, p.59-85.

<sup>320</sup> PALÁCIO, C., Deslocamentos da teologia, mutações do cristianismo, p.60.

conforme foi apresentado por uma certa tradição que jaz no passado.<sup>321</sup> Uma Igreja que busque ser, verdadeiramente, povo de Deus enquanto sacramento de comunhão e salvação – eis o novo paradigma pastoral por excelência, uma vez que mais que uma ideia ou proposta recém descobertas, trata-se de uma categoria fundamentada na Tradição da própria Igreja, de modo especial no CV II.<sup>322</sup>

A Igreja católica, no decorrer do último quinquênio, vivenciou altos e baixos. Da mesma forma que se convencionou dizer que, por ocasião da abertura do Vaticano II, a Igreja católica vivera sob um inverno eclesial e o concílio significou uma primavera, já desde os últimos anos do pontificado de João Paulo II, a Igreja novamente foi entrando em um clima de crescente inverno e a renúncia de Bento XVI e a chegada de Francisco<sup>323</sup> têm significado não apenas tempos primaveris para a Igreja, como também verifica-se o início de um processo, denominado por vários teólogos<sup>324</sup>, como sendo uma reforma eclesial<sup>325</sup>.

A Igreja católica, nos anos imediatamente seguintes ao CV II, foi tomada por um espírito de renovação e por uma nova atitude pastoral, ecumênica e missionária. Havia na Igreja um espírito de abertura, de vontade de dialogar, de fazer novas experiências nos mais diversos campos no contexto do mundo contemporâneo<sup>326</sup>. No decorrer dos últimos anos, se pôde constatar a consolidação de alguns avanços, tendo como base o que fora pretendido pelo CV II. Dentre tantos outros, merece destaque a maior participação dos fiéis batizados, porém não pertencentes à hierarquia clerical, nas celebrações litúrgicas e na vida da Igreja como um todo. O surgimento seguido da expansão das comunidades eclesiais de base marcou a

<sup>321</sup> KAUFMANN, F. X., A crise na Igreja. Como o cristianismo sobrevive?, p.95: “O cristianismo deve seu êxito histórico à capacidade de sempre interpretar a mensagem novamente à luz das diversas culturas. (...) Num tempo de mudança constante, o cristianismo também é desafiado a novas interpretações de sua mensagem e ao desenvolvimento de formas contemporâneas de comunitarização. Mas ele não poderá cumprir sua missão como adaptação, mas apenas em *contemporaneidade crítica*”.

<sup>322</sup> A Constituição dogmática sobre a Igreja do CV II, *Lumen Gentium*, no capítulo 2, apresenta a Igreja a partir da categoria “povo de Deus”; QUEIROZ RONSI, F., O Concílio Vaticano II e o diálogo inter-religioso, p. 153-167: o autor apresenta o caminho indicado pelo Concílio Vaticano II como sendo o da construção de um paradigma teológico novo.

<sup>323</sup> Um papa proveniente do “fim do mundo”, expressão usada pelo próprio papa para ressaltar o fato de ele ser o primeiro pontífice originário do continente americano. A mesma expressão foi utilizada no subtítulo do livro de Gianni Valente, Francisco: um papa do fim do mundo, publicado no Brasil pela Geração Editorial.

<sup>324</sup> FERREIRA, A. L. C., A sinodalidade eclesial no magistério do Papa Francisco, p.394.

<sup>325</sup> MIRANDA, M. F., Reforma eclesial e mística da fé, p.156: “(...) o papa Francisco demonstra ter captado este desafio da atual sociedade ao enfatizar a mística da fé como elemento fundamental em sua reforma eclesial”.

<sup>326</sup> LIBANIO, J. B., Igreja contemporânea encontro com a modernidade, p.152.

presença da Igreja nas camadas mais pobres e os diversos grupos de vida cristã desempenharam papel semelhante nos setores médios da sociedade.

Rica e significativa tem sido a participação da Igreja, hierarquia e leigos, na defesa da dignidade da pessoa humana, na conquista dos Direitos Humanos, da justiça, da paz, da liberdade<sup>327</sup> – muitas vezes tais esforços culminam no martírio. É fato que a Igreja católica, nos anos pós-conciliares, desenvolveu maior sensibilidade aos problemas sociais e igualmente adotou uma atitude mais otimista diante do mundo, abriu-se ao diálogo com cultura moderna e também com outras tradições religiosas e, inclusive, com os não crentes.

Apesar de todos esses pontos claramente positivos, houve também limites e falhas quanto a não se ter ido mais adiante nos itens apontados. Esses limites, falhas ou pecados se deram não por erro de escolha do caminho, mas, sobretudo, pela timidez e hesitação de meter-se a fundo por trilhas promissoras, porém desafiadoras.<sup>328</sup>

É importante considerar os mais diversos modelos que orientaram a sociedade na modernidade, época imediatamente anterior à atual. Constatam-se características deduzidas da relevância dada à ciência em relação à cultura: a ciência se caracteriza pela pretensão de revelar uma imagem homogênea do universo, que pode ser entendido matematicamente; como o conjunto dos logros do ser humano com a promessa de resolver todos os problemas; a cultura que o ser humano cria lhe dá identidade; o critério de verdade se encontra no progresso, que era a novidade de então; a ética se destina ao “viver bem”, a ordem jurídica se fundamenta a si mesma, sem recorrer à moral nem a Deus; a entrada de novas culturas na ordem mundial acarreta novos problemas antropológicos, que se somam ao da interioridade subjetiva do ser humano.

A pós-modernidade se caracteriza por ser mais que uma época de mudança, ela é também uma mudança de época, uma vez que uma das suas características é ser uma reação frente à modernidade que prometeu a solução de todos os problemas, mas culminou em desencanto. Na pós-modernidade emergem novos paradigmas e novas ênfases, que afetam particularmente a cultura. Dentre esses, destaca-se: uma

---

<sup>327</sup> DOIG, K. G., *Direitos Humanos e ensinamento social da Igreja*, p.20: “A preocupação, promoção, tutela e defesa da dignidade do homem brotam, portanto, da própria missão da Igreja e estão estritamente unidas a ela”.

<sup>328</sup> DOIG, K. G., *Direitos Humanos e ensinamento social da Igreja*, p.155.

compreensão holística da realidade e uma universalização da “aldeia”; uma ênfase nas questões socioecológicas<sup>329</sup>; a economia altera o domínio da ciência e se impõe como novo centro da sociedade; a bolsa de valores, a fábrica na produção, os produtos do mercado financeiro, as redes da informática, da comunicação, os bens materiais. Todas as atividades humanas são mediatizadas virtualmente, são também muitas vezes convertidas em anedotas sem horizonte histórico, é a preponderância da globalização do fenômeno cultural. Na pós-modernidade os compromissos, não raro, são imediatistas, não se valorizam, como outrora, os compromissos sólidos, trata-se de viver o momento presente. Há um desapego cultural ocasionado pelo êxodo rural, acrescenta-se a isso o processo de emigração, as diversas migrações forçadas, a busca do bem-estar econômico e de diversão excessiva. Há uma carência de verdades absolutas e de critérios ultraculturais. Tudo é relativizado, confunde-se facilmente verdade com desejo, evidência com emoção, criatividade com agressividade, religião com superstição. Busca-se Deus em qualquer parte e se aceita como religião qualquer espécie de crença, “a modernidade colocou a utopia humana no lugar de Deus; a pós-modernidade colocou o pequeno burguês no lugar da utopia”<sup>330</sup>.

Nessa mudança de época, o eixo é a “mudança”, em torno da qual gira a sociedade, a ciência, a cultura, impregnadas nas e a partir do anonimato das redes sociais. Compete aos educadores e, igualmente, aos evangelizadores, particularmente na universidade católica, o desafio de adaptar-se a essa realidade que se impõe. No entanto, é mister fazer isso sem perder a essência da verdade, do amor, do próprio ser humano, de Deus, cuja essência é imutável, mas é alvo de fortes questionamentos, o que obriga o evangelizador a reaprender a mensagem de Jesus, que é válida para todos os tempos e todos os seres humanos, mas necessita ser apresentada de tal modo que possa ser acolhida pelo ser humano de hoje. A mudança é uma realidade na qual e da qual se pode aprender, a partir de uma postura e de um juízo crítico para não ignorar as mudanças, mas, envolver-se nelas de forma criativa, considerando-as como oportunidades e não ameaças, já que afetam,

---

<sup>329</sup> Corroborar bem essa afirmação a repercussão que teve nos mais diversos âmbitos a encíclica *Laudato Si*, a primeira a abordar explícita e enfaticamente a temática socioambiental.

<sup>330</sup> FAUS, J. I. G., *Desafio da pós-modernidade*, p.25.

inevitavelmente, a natureza e a missão da Igreja, a evangelização e as formas de comunicação da mensagem.<sup>331</sup>

Desse modo, se pode falar hoje de diferentes horizontes para a teologia: intercultural, inter-religioso, hermenêutico, feminista, ecológico, ético-prático, utópico, anamnético, simbólico. Esses horizontes, no entanto, não podem ser entendidos como únicos, mas, sim, estão no contexto da globalização em que se inter-relacionam para buscar o que há em comum entre eles e, a partir daí, possibilitar as condições para um diálogo entre culturas e entre teologias, culminando em um “novo paradigma teológico”<sup>332</sup>.

Particularmente no horizonte intercultural para a teologia, é necessário considerar como se realiza a inculturação do Evangelho. Atualmente, o modelo cultural do cristianismo não pode ser nem o medieval e nem o da modernidade, mas, sim, um modelo que leve em conta a realidade pluricultural, para o qual a globalização contribui e evidencia. Por outro lado, é necessário levar em conta que o Evangelho transcende todas as culturas, portanto, nenhuma pode se apropriar dele. Deve-se considerar, igualmente, que não existe o Evangelho em forma pura, nem sequer na cultura judaica na qual ele teve início. O Evangelho é sempre intrinsecamente inculturado.

Diferente de outros tempos, hoje é absolutamente necessário seguir algum modelo de evangelização e de teologia que leve em conta a interculturalidade e a contextualidade. Um modelo que fundamenta as suas raízes nas diferentes culturas e se desenvolve ao seu lado, utilizando como metodologia o diálogo multilateral, por meio do qual, e incluindo as mais diversas vozes culturais, se transmite uma polifonia que é expressão da universalidade da cultura e também do Evangelho.

Nessa circunstância é que se estabelece um movimento em vista do diálogo intercultural e inter-religioso que possibilita a convivência entre diversas confissões e culturas em vista da valorização da função desta teologia contextual, com a conseqüente superação do etnocentrismo e das rivalidades rumo à união dos povos.<sup>333</sup> Frente ao panorama atual, em que “vivemos uma mudança de época, cujo nível mais profundo é o cultural” (Dap n.44), no que diz respeito à evangelização no contexto da América Latina, a Conferência de Aparecida reforça a constatação

<sup>331</sup> RUIZ, L., El sacerdote y las nuevas tecnologías de la comunicación..

<sup>332</sup> TAMAYO-ACOSTA, J. J., Nuevo paradigma teológico, p.11-4.

<sup>333</sup> TAMAYO-ACOSTA, J. J., Nuevo paradigma teológico, p.31-42.

que Jesus Cristo, por meio da encarnação, se fez história e cultura e o Espírito Santo hoje e sempre fecunda toda cultura, purificando-a e favorecendo o crescimento das sementes do Verbo. Não obstante, não se pode desconhecer o impulso da mudança globalizante, a partir da qual as raízes antropológicas são agitadas por uma ciência e uma tecnologia interesseiras, que isolam e absolutizam a pessoa, espalham dúvidas e se deixam influenciar por outros propósitos que não se orientam primordialmente ao bem-estar dos indivíduos, como o benefício econômico e o emotivo. Diante de tal situação, as pessoas não encontram o sentido da vida e facilmente entram em estados depressivos, como enfatiza o Documento de Aparecida:

A ciência e a tecnologia quando colocadas exclusivamente a serviço do mercado, com os critérios únicos da eficácia, da rentabilidade e do funcional, criam uma nova visão da realidade. A utilização dos meios de comunicação de massa está introduzindo na sociedade um sentido estético, uma visão a respeito da felicidade, uma percepção da realidade e até uma linguagem, que se querem impor como uma autêntica cultura. Deste modo, termina-se por destruir o que de verdadeiramente humano há nos processos de construção cultural, que nascem do intercâmbio pessoal e coletivo. (DAP n.45)

É oportuno destacar, igualmente as ênfases positivas existentes na atual mudança de paradigmas. Uma dessas é a importância e a valorização da pessoa humana, a afirmação da liberdade, o valor da vivência e do testemunho, o crescimento da sensibilidade pluricultural, as novas experiências de espiritualidade, a solidariedade, a transmissão cultural por meio da migração e o respeito pelas diferenças e a abertura a novos valores, às novas ciências e à transcendência.

Considerando os mais variados fatores desta panorâmica, é possível vislumbrar algumas linhas de ação para a concretização de uma evangelização à altura dos anseios atuais para todo o mundo a partir do continente latino-americano à luz de Aparecida (DAP n.477-480): Não se pode mais pensar separadamente evangelização da cultura e mistério da encarnação, pois cada vez mais se impõe o modelo advindo de uma evangelização inculturada; a inculturação é um processo salvífico, dinâmico e teológico que requer amor e respeito salvíficos em relação aos valores humanos presentes na cultura. O Evangelho serve para alcançar a alma da cultura; a pastoral da cultura deve ser transversal, perpassando todas as outras. Cabe a Igreja preencher o vazio deixado pela ciência e pelas ideologias fazendo-se

presente nos novos areópagos – como a comunicação, especialmente a *Internet*, a ecologia, a bioética.

#### 4.6

#### **Desafios dos novos paradigmas quanto à evangelização**

A evangelização deve ser sempre contextualizada, mais que isso, ela necessita ser inculturada, só assim se poderá ousar construir respostas aos desafios atuais. Os passos metodológicos são importantes, porém não se trata de aplicar uma técnica predeterminada à prática, trata-se, antes, de uma pedagogia a ser utilizada em um contexto que apresenta exigências específicas. O evangelizador é mediador; o sujeito da evangelização é o próprio receptor. A inculturação da mensagem pressupõe a inculturação da Igreja a fim de se criar uma Igreja culturalmente nova.

Toda religião está necessariamente dentro de alguma cultura, por isso não há porque absolutizar uma determinada expressão de fé nem tampouco uma manifestação missionária, pois, antes que o missionário, atua o Espírito Santo por meio da religião autóctone, expressa igualmente em matizes culturais. A principal tarefa, portanto, do missionário será a de suscitar que a revelação implícita nesta determinada cultura seja explicitada e, desse modo, possa enriquecer a tradição por meio da ação do Espírito Santo, valendo-se dos textos que vão se desenvolvendo e fazendo-se vida. Trata-se de um processo hermenêutico no qual se dá uma fusão de horizontes, entre o texto presente, interpretado e vivido, que aflora em um novo horizonte de criatividade.

As verdades da fé, que são transculturais e trans-históricas são autênticas e valiosas nas distintas vivências das pessoas no contexto pluricultural. Somente neste espaço pode dar-se a inculturação do Evangelho e da Igreja e só em um contexto pluricultural de relações se pode chegar à unidade fruto delas mesmas e esperar o crescimento da fé. A unidade suplicada por Jesus ao Pai<sup>334</sup> não é sinônimo de uniformidade, mas como que uma síntese ou ponto de chegada a partir das diferenças; é a unidade das comunidades, da Igreja, dos cristãos, que vão se logrando desde a intencionalidade pelo Reino, em um processo que não pode ter rosto, pois deve estar presente tanto nos meios como nos fins, tanto nos conteúdos

---

<sup>334</sup> Jo 17: a oração de Jesus por sua obra, pela comunidade dos seus discípulos e por todos os que creem.

como na prática. A unidade a ser anunciada pelo evangelizador deve se assemelhar a que Jesus promoveu; ela não se resume, portanto, a uma estratégia técnica, mas, sim, é uma atitude pastoralista; a inculturação está ligada à essência do ser Igreja, à sua missão e ao seu método.

Na atualidade, o crescimento da migração põe em questão a identidade cultural, no entanto, a multiculturalidade não pode se basear em um relativismo segundo o qual tudo tem o mesmo valor e ignore as origens, as tradições, em que a novidade sempre predomine, criando incertezas que culminam em atitudes de resistência fundamentalista. Em toda cultura existe uma identidade de base a ser preservada e que pode ser beneficiada na relação com outras culturas: a identidade valorizada que não se reduz a um igualitarismo indiferenciado do modelo multicultural. O enriquecimento mútuo não provém de uma abertura indiscriminada nem de uma imposição intransigente, mas sim da vivência, com a maior autenticidade possível em relação aos próprios valores e crenças.<sup>335</sup>

A necessidade de evangelização das pessoas se projeta também na cultura e a partir das culturas, em um processo de diálogo múltiplo de ida e vinda, como um fluir e refluir entre a fé transmitida pelo evangelizador e a cultura na qual está inserida. Nessa aproximação se requer, primeiramente, respeitar a cultura na sua particularidade, na sua história, na sua dimensão social etc., e retomar a relação entre a fé e as linguagens, imagens e expressões nas quais pode ser transmitida. Em seguida, é mister levar em conta como a fé é transmitida e compreendida cotidianamente<sup>336</sup>. A propósito, diz Paulo VI:

A evangelização perderia algo da sua força e da sua eficácia se ela porventura não tomasse em consideração o povo concreto a que ela se dirige, não utilizasse a sua língua, os seus sinais e símbolos; depois, não responderia também aos problemas que esse povo apresenta, nem atingiria a sua vida real. (*EN* n.63)

Como em um caminho de retorno a partir das igrejas locais inseridas no contexto cultural, é necessário que sejam observadas as experiências concretas de comunhão, expressas por exemplo nas celebrações eucarísticas, reconhecendo o valor da oração e de como ela é expressa na linguagem autóctone. A interpretação

<sup>335</sup> POUPARD, P., *Hacia una nueva cultura cristiana*.

<sup>336</sup> TORNOS, A., *Inculturación. Teología y método*, p.151-4.

da Palavra a partir das experiências vividas e da reflexão teológica é realizada segundo as categorias de pensamento de cada cultura.

A Boa Notícia de Jesus Cristo transcende as suas formulações impressas nos quatro Evangelhos e na fé cristã, ela ultrapassa a sua expressão pela Igreja nos distintos tempos e latitudes. Porém, a formulação da fé se faz necessária, a fim de experimentar e possibilitar aos interlocutores a experimentação do Espírito que emerge do Evangelho nas suas respectivas formulações<sup>337</sup>. O Evangelho escrito e a fé formulada remetem à vivência de cada pessoa e cada comunidade, que devem ser respeitadas, porém criticamente; daí a necessidade do diálogo e, se for o caso, do confronto, ainda que evitando a desqualificação de uns pelos outros baseada em paradigmas etnocêntricos. Em todo caso, como coexistem distintas formas de expressar a fé segundo as culturas, fica evidente a necessidade de repensar como se raciocina ou se faz compreensível a fé por parte de quem se propõe a transmitir o Evangelho. Esse processo excede o subjetivo ou o privado da fé e deve adotar uma atitude de compartilhamento que ultrapasse o dar e o receber para se chegar a um estado de comunhão em que a vivência e o testemunho predominem em relação ao estritamente racional.

A fim de se lograr que o Evangelho seja verdadeiramente assimilado pela cultura e não se restrinja a uma transposição ou acomodação, faz-se necessário ter em conta algumas atitudes pastorais, começando por uma relação dialógica com características ou princípios pedagógicos tais como: abertura ao outro, avaliação das próprias opiniões, atitude de apoio ao interlocutor, honestidade e integridade sobre as discrepâncias.<sup>338</sup>

Essas características de uma evangelização inculturada revelam o essencial dos conteúdos e o seu horizonte e estão estritamente relacionadas ao método a ser empregado, mais do que uma série de técnicas ou leis pré-estabelecidas para serem postas em prática, trata-se de uma pedagogia contextualizada capaz de expressar o espírito da evangelização segundo as exigências particulares de cada contexto. É necessário levar em consideração alguns pressupostos e passos metodológicos tais como: uma evangelização que apresente Deus de forma implícita, a partir de uma inserção gratuita e respeitosa no contexto a ser evangelizado, solidariedade, atitude de diálogo, de escuta das pessoas com seus sonhos e seus problemas, confiança e

---

<sup>337</sup> RAHNER, K., Curso Fundamental da Fé, p.37-96.

<sup>338</sup> RAMOS, V. M., Principios y pasos metodológicos de una evangelización inculturada.

simpatia que levem a interessar-se uns pelos outros, conversação genuína que disponha uns e outros a encontrarem as pegadas de Deus, as sementes do Verbo, na cultura alvo da evangelização.

Uma evangelização também explícita, que coadune a expressão dos conteúdos evangélicos sem abrir mão da evangelização implícita: uma oferta gratuita e alegre do Evangelho que plenifica as dimensões humanas, uma conversão a Jesus Cristo e adesão ao Reino de Deus por ele anunciado, uma reflexão recíproca e discernimento da transcendência do Evangelho, a distinção do Evangelho da sua roupagem cultural, haurindo da cultura autóctone sua própria expressão do cristianismo, assimilação do Evangelho a partir do núcleo de valores da própria vida e cultura, criação de uma Igreja que valorize e esteja sintonizada com o particular autóctone, com rosto próprio, chamada ao discipulado e à missão.

A tarefa pastoral em vista da inculturação do Evangelho e da Igreja é, essencialmente, um processo pedagógico e metodológico, o método é a própria prática da evangelização, constituído de alguns passos ordenados a partir da gratuidade. Tal processo segue passos que obedecem a uma certa lógica de ação e de labor pastoral; antes de tudo, uma evangelização implícita, depois, a explícita. Considerando que toda revelação é recebida e expressa segundo o modo de vida dos receptores, todo processo autêntico de inculturação leva à criação de uma Igreja pluricultural, culturalmente nova na construção da qual os membros autóctones são protagonistas.

Aplicando a evangelização inculturada à universidade, se deve começar pelo conhecimento da realidade em que vivem os jovens, como já foi tratado no capítulo anterior. A partir daí se abrem campos novos de evangelização, que começam pela relação pessoal nos centros culturais. Os jovens não são passivos na sua formação, eles não apenas assimilam a cultura, mas também a produzem. Isso suscita um diálogo que inclui perguntas e questionamentos, especialmente para reconhecer os limites do conhecimento, e a compreensão da educação não como um ato que vise apenas distribuir sabedoria, mas sim um esforço dialógico na busca pela verdade, que não é possuída na sua plenitude por ninguém. Igualmente, se deve compreender a evangelização não como uma “transmissão de verdades” pré-estabelecidas, mas acentuar a necessidade de descobrir a presença e a ação de Deus nos elos e mutuamente em cada ser humano em um intercâmbio de experiência religiosa.

Em relação ao jovem universitário, é necessário amar o seu rosto e a sua pessoa, a exemplo do que fez Jesus em relação ao homem rico (Mc 10,21). Esse olhar deve culminar no diálogo interativo, sem estigmatização, tais atitudes denotam a capacidade de descobrir o dom de Deus nos jovens e considerar a juventude como um tempo de graça dado pela Providência.<sup>339</sup> Neste tempo eivado de contínuas mudanças, os jovens apresentam novos paradigmas que contém desafios a serem superados em vista de reformular atitudes evangelizadoras. Por isso, as ofertas pastorais devem ser feitas com base nos novos paradigmas que chegam aos destinatários e geram experiências. A evangelização deve ser de acordo com a linguagem das experiências e processos reais de crescimento da fé. A evangelização na universidade deve ser sempre de acordo com a linguagem das culturas e as necessidades dos acadêmicos; isso requer uma inserção no meio universitário, não pode ser planejada distante do *campus*. Do mesmo modo, é necessária uma sólida formação dos agentes pastorais nas mesmas linhas expressas nos passos anteriores, a fim de estarem à altura de interagir no âmbito da investigação nas áreas da cultura.

Jesus Cristo foi morto crucificado, vítima da idolatria praticada pelos ídolos que ele abalara ao anunciar e viver o Deus verdadeiro, o único e absoluto. Esse Deus o ressuscitou como confirmação de que ele, pondo-se em oposição aos ídolos, inaugurou um paradigma válido para todos os tempos que é o doar a vida, mesmo quando a morte pareça vencer. O desafio para a universidade católica hoje é atuar a partir da mediação crítica que o próprio Jesus praticou: a opção pelos que, graças à malícia do ser humano e das estruturas sociais, vivem segregados na sociedade.

Os desafios atuais exigem dos evangelizadores uma atitude criativa, de diálogo sincero e respeitoso para com todos e de acolhimento aos que resultam de alguma forma diferentes. Portanto, quer se chame de “novos paradigmas”, “nova evangelização” ou quaisquer outras denominações, o fato é que a necessidade de atitudes “novas” se impõe diante do desafio de se manter sempre viva e atual a novidade do Evangelho.

O contexto contemporâneo reivindica da teologia uma mudança que consiste em passar de uma “pastoral de conservação”, cuja ênfase é nas burocracias de administração e no ministrar sacramentos muito característica da cristandade, a uma

---

<sup>339</sup> FRANCISCO, Deus é jovem: uma conversa com Thomas Leoncini, posição:71: “A juventude não existe e quem existe em seu lugar são os jovens”.

pastoral criativa, com ênfase na evangelização entendida no contexto de modernidade ou pós-modernidade. Uma evangelização sempre atenta aos sinais dos tempos não implica que seja refém da moda em vigor, mas é uma tomada de consciência de que um “tempo novo” exige uma “nova” evangelização, enquanto nova linguagem e, dependendo do contexto, também novos métodos. Sempre que mudam as condições e realidades socioculturais, apresenta-se o imperativo de uma “nova evangelização” e/ou “novos paradigmas”, portanto, não se trata de uma novidade a ser fixada, talvez sequer seja duradoura, pois a humanidade se encontra em uma época e em um contexto caracterizados pela cultura dissolvente, expressa e bem trabalhada pelo sociólogo Z. Bauman, que constata ser a modernidade líquida, um tempo no qual sobressai uma misteriosa fragilidade dos laços humanos.<sup>340</sup> A grande pergunta para o evangelizador é como pregar o Evangelho e a correspondente exigência ética nesse contexto?

O teólogo A. Brighenti adverte que nem todo “modelo” que se autodenomina “nova evangelização” necessariamente é novo. Pode ser que seja um modelo recente, porém inadequado para encarnar a mensagem de sempre nas novas circunstâncias, como pode ser um modelo novo, mas incapaz de responder aos desafios de hoje.<sup>341</sup>

Novos paradigmas e nova evangelização, no âmbito da teologia pastoral são expressões que bem entendidas, são muito bem-vindas, uma vez que evocam a necessidade de caminhos novos para a evangelização, caminhos esses que incluem o chamado a reavaliar constantemente o modelo eclesial escolhido em uma atitude de conversão também constante. Só assim a Igreja será portadora de um modelo eclesial dinamizado e capaz de transmitir, a todos, a Boa Notícia do Reino de Deus.

#### 4.7

#### **O ideal da evangelização à luz do pontificado do papa Francisco**

Sintetizar o pensamento do papa Francisco se revelaria uma empresa demasiado complexa, uma vez que não se trata de um homem preso a reflexões doutrinárias, mas sim alguém preocupado antes de tudo com o cuidado pastoral,

---

<sup>340</sup> BAUMAN, Z., Amor líquido, sobre a fragilidade dos laços humanos; do mesmo autor e sobre a mesma temática: A modernidade líquida, o mal-estar da pós-modernidade.

<sup>341</sup> BRIGHENTI, A., Por uma evangelização realmente nova, p.88; BRIGHENTI, A., A missão evangelizadora no contexto atual.

próprio de um ministro de Jesus Cristo. Jorge M. Bergoglio teve sua formação teológica e seus primeiros anos de ministério à luz da renovação eclesial trazida pelo CV II. O papa Francisco tem evitado entrar em disputas quanto às várias interpretações sobre o Concílio, ele tem optado por tornar o Concílio realidade. Mais do que falar sobre o Vaticano II, ele “faz o Vaticano II”<sup>342</sup>.

“Um papa do fim do mundo, uma teologia do terceiro mundo e uma Igreja para todo o mundo”<sup>343</sup> são expressões que resumem bem o significado do pontificado do papa Francisco não só para a Igreja, mas para a sociedade como um todo. Francisco inaugurou um “novo” tempo na Igreja, que tem sido chamado de “primavera eclesial”<sup>344</sup>. Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*<sup>345</sup>, ele apresenta com clareza o que pretende ser não uma receita pronta e acabada, mas diretrizes visando encorajar e orientar, em toda a Igreja, uma nova etapa evangelizadora, cheia de ardor e dinamismo. O papa enumera questões com base na *Lumen Gentium* dentre as quais se destacam: a reforma da Igreja em saída missionária e a Igreja vista como a totalidade do povo de Deus que evangeliza (*EG* n.17).

O papa Francisco, portanto, ao mesmo tempo que retoma o CV II, não se limita a repeti-lo, ele inova no enfoque, salienta a relevância e a incidência prática destes assuntos na missão atual da Igreja “(...) de fato, todos esses temas ajudam a delinear um preciso estilo evangelizador, que convido a assumir *em qualquer atividade que se realize*” (*EG* n.18). A motivação que subjaz à exortação *Evangelii Gaudium* se assemelha a que pode ser encontrada no CV II, no qual já se inaugura um novo modelo eclesial que é uma Igreja entendida como povo de Deus, sacramento de comunhão e salvação.<sup>346</sup>

O discernimento existente no pontificado de Francisco não é exclusivamente dele, é antes o fruto do discernimento da Igreja latino-americana nos anos precedentes ao encontro do CELAM ocorrido em maio de 2007 em Aparecida, no qual o então cardeal Bergoglio teve papel fundamental na redação do documento

<sup>342</sup> ROUTHIER, G., Les accents ecclésiologiques du pontificat du pape François: une mise en oeuvre originale de lumen gentium, p.551.

<sup>343</sup> GROSS, B., Um papa do fim do mundo, uma teologia do terceiro mundo e uma Igreja para todo o mundo.

<sup>344</sup> MIRANDA, M. F., A reforma de Francisco, p.11; VIDAL, J. M.; BASTANTE, J., Francisco: o novo João XXIII, p.27.

<sup>345</sup> O primeiro escrito de Francisco como papa foi a *Lumen Fidei*, escrita em colaboração com Bento XVI. A *Evangelii Gaudium* foi, portanto, a primeira exortação escrita somente pelo papa Francisco.

<sup>346</sup> VÉLEZ, O. C. C., La Iglesia y la nueva evangelización, p.52-72.

final. Por discernimento, neste contexto, entende-se o discernimento dos espíritos e também o discernimento dos sinais dos tempos, salientados na *Gaudium et Spes*.<sup>347</sup>

O confronto com a realidade eclesial encontra-se, não raro, com a velha estrutura que quer sempre tudo igual, insistindo em manter-se fechada dentro de hábitos que não respondem às novas necessidades, que obstaculizam ver a realidade com mais transparência. Diante de tal constatação, Francisco não cultiva atitude pessimista, mas proativamente propõe: “Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual” (EG n.11).

(...) hoje todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho. (EG n.22)

A raiz da maior parte das dificuldades encontradas por Francisco está no confronto de paradigmas: por um lado, o paradigma lateranense-tridentino, sacramentalista e clerical, centrípeto e de olhos fechados aos sinais dos tempos; de outro, o paradigma Vaticano II franciscano: alegre e centrado em Jesus e na sua Palavra, centrífugo e leve, misericordioso e ecológico; da Igreja pobre para os pobres.<sup>348</sup> Segundo o papa Francisco “a mensagem evangélica não pode ser reduzida a alguns aspectos que, mesmo se forem importantes, sozinhos não manifestam o coração do ensinamento de Jesus”<sup>349</sup>.

J. M. Bergoglio disse aos seus padres que “a característica de uma mudança de época é que as coisas já não estão no seu lugar (...) o que nos parecia normal sobre a família, a Igreja, a sociedade e o mundo, parece que já não será deste modo”<sup>350</sup>. O catolicismo cultural caracterizado por um conjunto de regras e proibições, de práticas piedosas ocasionais não tem tido mais a força que teve em outros tempos. A fé cristã tende a depender cada vez mais do encontro pessoal com Jesus Cristo e da experiência da misericórdia transformadora de Deus. Aparecida

<sup>347</sup> IVEREIGH, A., A opção de Francisco: evangelizar um mundo revolto, p.49.

<sup>348</sup> GROSS, B., Um papa do fim do mundo: uma teologia do terceiro mundo e uma Igreja para todo o mundo, p.75.

<sup>349</sup> FRANCISCO, La mia porta è sempre aperta: una conversazione con Antonio Spadaro, p.63; FRANCISCO, A verdade é um encontro: homilias proferidas na Casa Santa Marta, p.21.

<sup>350</sup> SPADARO, A., En tu ojos está mi palabra: homilias y discursos de Buenos Aires, 1999-2013.

expressou a necessidade de se voltar à atitude que plantou a fé nos primórdios da Igreja. O que se necessitava era abraçar a ideia de missão, não tanto como uma atividade, mas como um modo de ser: “permanente” e “paradigmático”, não simplesmente *ad extra*, mas, ao mesmo tempo, *ad intra*. Ao sair em missão, a Igreja é convertida e evangelizada. O principal desafio era possibilitar um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que gere discípulos e missionários, aquilo que Bergoglio descreveu como o “encontro fundante de nossa fé”. Ele disse que isto requereria reformas espirituais, pastorais e também institucionais, para fazer a Igreja visivelmente presente como uma mãe que sai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária.<sup>351</sup> Aparecida consolidou a constatação de que a distinção tradicional entre os países cristãos e os territórios de missão está superada. Essa percepção está presente na *Evangelii Gaudium*: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (EG n.27). Se a Igreja não é missionária, ela não pode evangelizar; e se não evangeliza, então deixa de existir. Diante da tribulação da secularização, a resposta da Igreja na América Latina não é a de lamentar-se e condenar, mas, discernir e reformar. A questão é o que o Espírito Santo está pedindo nestes tempos de mudanças rápidas e de liquidez? Como a Igreja pode mudar para melhor evangelizar? Nota-se a existência de uma pedagogia de reforma em vista do êxito da missão, Bergoglio percebeu as reações defensivas e as utilizou como sinais de alerta. A sua capacidade de percepção dessa realidade foi registrada em uma série de textos que ele redigiu sobre congregações religiosas em tempos de tribulação<sup>352</sup>. Essas reações defensivas foram como tentações dificultadoras da concretização da visão missionária e evangelizadora do CV II. Em vez de se focar em Cristo, a Igreja, tal como Pedro que sai da barca a convite de Jesus, focou-se mais nas ondas (Mt 14, 22-36). Em vez de discernir aquilo que provinha do Espírito Santo, a Igreja ficou na defensiva, culminada em uma espécie de paralisia, deixando de ser fonte de vida e amor, uma especialista em humanidade, um oásis de misericórdia, identificada pela sua

<sup>351</sup> BERGOGLIO apud SPADARO, A., *En tu ojos está mi palabra: homilias y discursos de Buenos Aires, 1999-2013*.

<sup>352</sup> BERGOGLIO, J. M., *Reflexões na esperança*.

compaixão e cuidado pelos mais pobres. A Igreja passou a ser vista por muitos como uma corporação interessada em si mesma, rigorosa, moralista e dogmática.

Já o antecessor de Francisco, o papa Bento XVI, compartilhou desse discernimento sobre o desvirtuamento do cristianismo contemporâneo na sua primeira Encíclica – *Deus Caritas Est* – afirmando que “no início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, assim, um rumo decisivo”<sup>353</sup>. Essa citação aparece no documento de Aparecida e também na *Evangelii Gaudium*, onde Francisco disse que não se cansa de repetir as seguintes palavras: “que nos levem até ao coração do Evangelho”. A verdade absoluta, diz Francisco, é o amor de Deus por nós em Jesus Cristo. Quando evangelizamos, comunicamos essa relação: a relação *Abba* que Jesus tem com o Pai.<sup>354</sup>

A oferta do cristianismo não pode ser reduzida a algum tipo de conhecimento ético ou espiritual. No segundo capítulo da exortação apostólica *Gaudete et Exultate*, Francisco alerta sobre o risco de uma “espiritualidade desencarnada”. Ele disse aos bispos brasileiros, recordando Aparecida, que “a Missão começa precisamente neste divino encantamento, no fascínio do encontro (...) A Igreja começa a perder fiéis quando introduz uma racionalidade que é estranha às pessoas, quando esquece a gramática da simplicidade”<sup>355</sup>.

No ano de 2004, em uma conferência por ocasião do aniversário da encíclica *Veritatis Splendor*, Bergoglio disse que Jesus não dá simplesmente um código moral ou uma série de regras e rituais segundo os quais se deve viver o amor ao qual Cristo chama, isso só é possível, dizia ele citando a encíclica, “pela virtude de um dom recebido”, isto é, a Sua graça. Citando Santo Agostinho, advertiu que não é o fato de guardar os mandamentos que faz ganhar o amor de Deus, mas o contrário: a misericórdia e o amor de Deus são o que permite o ser humano ser ético, santo e também misericordioso.<sup>356</sup> Na *Evangelii Gaudium*, Francisco critica o eticismo, que equivale a reduzir tudo à ética. O documento critica as “doutrinas que são mais filosóficas do que evangélicas” (*EG* n.231), aqueles que falam mais de lei

<sup>353</sup> *Deus Caritas Est*, n.1.

<sup>354</sup> FRANCISCO, Lettera a chi non crede. Papa Francesco risponde al giornalista Eugenio Scalfari. *La Repubblica*, 4 sept. 2013.

<sup>355</sup> Discurso do papa Francisco em almoço com cardeais do Brasil, a presidência da CNBB e os bispos da região, no Palácio Episcopal São Joaquim. Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013.

<sup>356</sup> BERGOGLIO, J. M., Es posible ser santos, apud SPADARO, A., *En tu ojos está mi palabra: homilias y discursos de Buenos Aires*, p.406-13.

do que de graça, mas da Igreja do que de Cristo; ou aqueles que sugerem o cristianismo como uma versão de estoicismo, ou um código moral, a esses ele diz:

O Evangelho convida antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-o nos outros e saindo de nós mesmos procurar o bem de todos. Esse convite não há de ser obscurecido em nenhuma circunstância! (...) Se tal convite não refulge com vigor o fascínio moral da Igreja corre o risco de se tornar um castelo de cartas, sendo este o nosso pior perigo. (EG n.39)

Bergoglio, falando a catequistas, afirmou que o grande *insight* de Aparecida foi perceber que o maior perigo para a Igreja não vem de fora, mas de dentro, “da eterna e sutil tentação de nos fecharmos em nós mesmos e pormos uma armadura (*abroquelarmos*) para nos protegermos e nos sentirmos seguros”<sup>357</sup>. Francisco empregou, posteriormente, essa palavra *abroquelamiento* em uma carta aos bispos do Chile convocando-os à Roma. Francisco escreveu que em tempos de tribulação, quando estamos “assustados e blindados pelos nossos confortáveis *palácios de inverno*, o amor de Deus vem até nós e purifica as nossas intenções para que possamos amar como homens livres, maduros e éticos”<sup>358</sup>. Essa é uma descrição bastante clara de uma Igreja medrosa que não evangeliza, pois está “blindada nos seus confortáveis palácios de inverno”. A confiança que Francisco transmite à Igreja é a de que, mesmo em meio a tribulação e fracassos, Deus está vindo ao seu encontro e impelindo a mudança, é o que ele denomina de conversão missionária e pastoral, do mesmo modo que na vida pessoal os momentos de derrota podem se tornar oportunidades para conversão e crescimento.

Que características, a partir de Francisco, deve ter a evangelização? A resposta a essa questão necessita ser construída, porque à medida que a Igreja sai dos *palácios de inverno*, ela tem que abandonar as ideias pré-concebidas e deixar que o Espírito a guie. De acordo com Bergoglio, depois de Aparecida uma Igreja com audácia evangelizadora que ofereça um encontro com a misericórdia de Cristo necessita de mudanças e uma transformação de mentalidades. Ele definira uma lista das atitudes que considera necessárias e que viriam, posteriormente, aparecer mais desenvolvidas na *Evangelii Gaudium* – uma dessas características era uma ação

<sup>357</sup> BERGOGLIO, J. M. Él llama a cada una por su nombre y las hace salir, apud SPADARO, A., En tu ojos está mi palabra: homilias y discursos de Buenos Aires, p. 691-6.

<sup>358</sup> Carta do papa Francisco aos bispos do Chile, 8 de abril de 2018.

pastoral com coração de samaritano<sup>359</sup>. Bergoglio percebe a necessidade da Igreja responder à angústia causada pela modernidade líquida. Um dos principais símbolos dessa angústia é o migrante, principalmente na condição de refugiado. Como o Bom Samaritano, a resposta da Igreja diante dessa e de outras situações de sofrimento deve ser em três níveis: o primeiro, ajudar as pessoas a reconectarem-se com a criação e com o mundo, como criaturas de Deus, que “trabalha e age” por elas; o segundo, experimentar a família e a comunidade como laços de confiança e amor incondicionais, que favoreçam a resiliência, o caráter e a autoestima; e por fim, ajudar as pessoas a encontrar santuários, lugares de paz, privacidade e oração, livres das pressões e ameaças do paradigma tecnocrático, espaços nos quais se possa reconhecer o seu valor intrínseco e descobrir a santidade. Aqui se pode ver as bases de suas prioridades como pontífice, reconstruir e restaurar o ambiente humano destruído pela tecnocracia, tal como consta nos seus principais escritos: *Evangelii Gaudium*, *Amoris Laetitia*, *Gaudete et Exultate* e *Laudato Si'*. Neste último aparece a palavra *oikos*, que é a casa comum de toda a humanidade e é igualmente a raiz da palavra ecologia. Francisco é um papa socioambiental, enquanto se empenha em reconstruir os ambientes, natural, eclesial, social e familiar, pois refletem a hospitalidade e a misericórdia de Deus. Na *Laudato Si'* encontra-se bem expressa a necessidade de superação da cisão existente entre o ambiental e o social:

É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza. (*LS* n.139)

A capacidade de acolhida é fundamental para o êxito de uma evangelização integradora. Segundo Francisco, o cristão é alguém que aprendeu a acolher os outros, a mostrar hospitalidade: “quantas vezes vemos a evangelização como algo que envolve várias estratégias, táticas, técnicas como se pudéssemos converter as pessoas com base em nossos próprios argumentos (...) não se convence as pessoas com argumentos, mas, aprendendo a acolhê-las”<sup>360</sup>. A hospitalidade e o acolhimento missionários são fundamentais, a encarnação é próxima e concreta. Em

<sup>359</sup> BERGOGLIO, J. M., Volver a las raíces de la fé: la misión como propuesta y desafío, apud SPADARO, A., En tu ojos está mi palabra: homilias y discursos de Buenos Aires, p.745-54.

<sup>360</sup> FRANCISCO, Homilia, Campo grande de Ñu Guazu. Asunción, 12 de julho de 2015.

uma sociedade líquida e tecnocrática, um risco presente em todas as instituições é incorrer na abstração, é refugiar-se em ideias (gnosticismo) ou no funcionalismo (pelagianismo). A Igreja necessita ir na direção oposta. Cabe a ela imitar a *synktákbasis* de Deus, o seu abaixamento; isso implica em mostrar um Deus que atende à pessoa, às realidades e não é restrito às ideias. Diante da falta de esperança, a tarefa do evangelizador, de acordo com Francisco, é redescobrir o seu modo de se tornar próximo, para que então possa evangelizar. A advertência em favor da mudança do abstrato para o concreto e da conversão pastoral é plasmada na *Amoris Laetitia*: “Durante muito tempo, pensamos que, com a simples insistência em questões doutrinárias, bioéticas e morais, sem motivar a abertura à graça, já apoiávamos suficientemente as famílias, consolidávamos o vínculo dos esposos e enchíamos de sentido as suas vidas compartilhadas” (*AL* n.37). Ocorre que em um mundo líquido, pós-moderno, uma ideia é apenas uma narrativa desprovida de poder para transformar ou salvar. Nesta sociedade líquida, o compromisso com a permanência segue sendo possível, porém, a partir da convicção do coração.

A Igreja é credível quando é misericordiosa, porque comunica quem é e como é Deus. Não há melhor maneira para comunicar o ser misericordioso de Deus do que agindo com misericórdia. Na *Misericordiae Vultus*, Francisco apresenta como Jesus mostrou-nos que a misericórdia é o critério de credibilidade da nossa fé.<sup>361</sup> Na *Gaudete et Exultate*, Francisco insiste que o coração do Evangelho está no capítulo 25 de Mateus e nas Bem-aventuranças (*GE* n.95). Francisco quer que a Igreja missionária de hoje recupere a gratuidade da misericórdia. Por isso, a primeira tarefa de um discípulo missionário é, antes de tudo, propiciar, através da sua misericórdia, um encontro com a gratuidade de Deus, a transformação ética vem em seguida.

Francisco não lamenta a secularização: ele a discerniu como uma oportunidade para recuperar a gratuidade, ele se refere a essa gratuidade quando diz que este é um tempo de *kairós*, de misericórdia.<sup>362</sup> A identidade e, portanto, também a postura do evangelizador no mundo atual, de acordo com o papa Francisco, não podem ser outras que não a promoção da dignidade humana, com uma mente aberta

<sup>361</sup> *Misericordiae Vultus*, n.9; KASPER, W., A misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã, p.81-193.

<sup>362</sup> THEOBALD, C., Urgences Pastorales: comprendre, partager, réformer, p.68-9.

e capaz de interagir com a pluralidade cultural e a diversidade religiosa, identidade que o evangelizador adquire do próprio Evangelho de Jesus Cristo.<sup>363</sup>

#### 4.8

#### **O ideal da evangelização na universidade católica a partir de algumas linhas mestras**

Na sequência e na pertinência teológica da missão da Igreja a ser realizada na e pela universidade católica, prosseguimos tendo como pano de fundo as orientações presentes na *ECE*. Iremos apresentar cada um dos núcleos separadamente, porém trata-se de uma distinção que acentua a inter-relação e a complementaridade, uma vez que todos têm por base a integralidade do mesmo objeto que é a missão evangelizadora da universidade católica.

A educação sempre foi considerada tarefa de grande importância na missão evangelizadora da Igreja, precisamente no contexto da educação superior. No medievo, as universidades emergiram do seio da Igreja<sup>364</sup>, passando pela consciência humanista, pelo desenvolvimento da teologia e da filosofia. Com o surgimento da ciência moderna, culminando na secularização iniciada nos séculos precedentes, a universidade foi assistindo à diluição da sua confessionalidade. Em todos esses períodos, a pastoral e a evangelização da cultura sempre estiveram entre as principais preocupações da Igreja, porém as vicissitudes fazem com que as motivações e os condicionamentos sejam diferentes em cada época, de acordo com evolução das sociedades e também da Igreja.

A missão evangelizadora da universidade católica deve ter o início e a base no seu próprio meio cultural, pois só assim, contextualizada, poderá afrontar os problemas da evangelização da cultura a serem vistos a partir da inculturação da fé. Ela deve começar por discernir nas expressões culturais, e também nas contraculturais, da própria sociedade o movimento de plenitude semeado por Deus no ser humano. A crescente indiferença religiosa e a incredulidade presentes nas culturas põem atualmente desafios que requerem aprofundar a fé vivida e o anúncio da Boa Notícia e, a partir daí, por meio do diálogo, atuar em vista de uma humanização o mais plena possível. Uma humanização cuja referência e base sejam

---

<sup>363</sup> GODOY. M., *Eclesiologia em propulsão*. Papa Francisco, semeador da esperança, p.24.

<sup>364</sup> BINGEMER, M. C. L., *Natureza católica das instituições católicas de educação superior*, p.89: “O próprio conceito de universidade, aliás, nasceu no seio da Igreja e aí se manteve”.

a encarnação de Jesus – importa considerar até que ponto há coerência entre a profissão de fé e a prática do seguimento do caminho vivido por Jesus<sup>365</sup> – esse deve ser o caminho e também o método de evangelização, por excelência. Trata-se de fazer-se próximos uns dos outros, seguindo o exemplo de Cristo que se humanizou. Ele é o ponto de partida e o modelo a partir do qual o evangelizador deve anunciar o Evangelho do amor, com uma atitude que suscite a comunhão, a partilha da vida, uma dinâmica que protagoniza o Espírito alicerçado no coração e dissolve as tendências humanas da uniformidade, de identidades reducionistas ou ainda o enfrentamento e a desqualificação dos outros.

As expressões da mudança de época no âmbito da cultura podem ser notadas na passagem de uma cultura antropocêntrica a um individualismo pragmático e narcisista, de uma cultura marcada pela austeridade e renúncia à cultura que incentiva o desejo consumista, de uma cultura pautada pela axiologia transcendental a uma cultura de valores hedonistas, de uma cultura da complementaridade à cultura da intolerância, de uma cultura da cristandade à cultura da indiferença religiosa, de uma cultura dos valores tradicionais à cultura do bem-estar efêmero, de uma cultura local a uma cultura universalizante, de uma cultura agrícola e rural a uma cultura urbanizada, de uma cultura etnocêntrica e patriarcal a uma cultura do multiculturalismo étnico.

Diante desse contexto, a força penetradora para instalar os eixos da missão evangelizadora atinge a universidade católica que é sacudida nos seus fundamentos. A identidade do ser humano não é mais vista a partir da sua filiação divina, mas segundo a natureza e desde a cultura que o próprio ser humano cria e desenvolve. A emergência, novidade e agudeza das novas situações postas no ambiente universitário deixam os responsáveis desprevenidos e tornam os métodos tradicionais da pastoral da cultura inoperantes. O documento da *Comissão Pontifícia para a Cultura* tem início assinalando que:

A universidade e, de modo mais amplo, a cultura universitária, constituem uma realidade de importância decisiva. Em seu âmbito são postas questões vitais, profundas transformações culturais de consequências desconcertantes, suscitam

---

<sup>365</sup> GARCIA RUBIO, A., Orientações atuais na cristologia, p.33: “Neste início de milênio vale a pena parar um pouco para examinar como se responde, hoje, à mesma pergunta feita por Jesus sobre a opinião das pessoas a respeito da sua identidade”.

novos desafios que a Igreja não pode deixar de considerá-los na sua missão de anunciar o Evangelho.<sup>366</sup>

João Paulo II considera que a globalização pode ser promissora para a humanidade, mas adverte quanto a seus perigos para o futuro da dignidade da pessoa humana, dos direitos, às políticas legais e bioéticas. Adverte também que a universidade católica tem um papel essencial e decisivo, por isso ele insiste que ela deve dar testemunho de compromisso com a verdade, o respeito pela pessoa e realizar as investigações que lhes são próprias à luz da fé, arraigada na oração, na Palavra, na Tradição e no Magistério.<sup>367</sup>

Mario Peresson, para quem o “furacão da globalização foi instalado no coração da realidade”, descreve qualidades e aspectos da globalização como o hiperliberalismo, a megalomania do mercado, o conflito social global, o poder político transnacional, a civilização que ele denomina de “copo de champanhe”, a enfermidade ecológica do planeta etc., todos considerados desafios à educação cristã e ao educador do século XXI chamado a ser “educador-profeta”, que deve “pensar globalmente e atuar de forma localizada”<sup>368</sup>.

A chave para o êxito da missão evangelizadora da universidade católica está, não exclusivamente, mas sobretudo, nas mãos dos educadores. Há que evangelizar educando a partir das áreas de cada currículo, suscitando atitudes educacionais humanizadoras, propondo novos enfoques epistemológicos e promovendo o diálogo entre as ciências e o propósito educativo evangelizador. A educação é um lugar privilegiado e necessário para a evangelização e a seguir, sucessivamente, para a transformação das pessoas e da sociedade em prol da construção do Reino de Deus. É uma mediação entre a situação das pessoas, dos povos, das metas e dos ideais que pretendem alcançar.<sup>369</sup>

A tarefa da Igreja se tipifica atualmente na evangelização da cultura e das culturas e se faz, ou se deveria fazer, palpável na universidade católica, na qual tem importância, por excelência, o conhecimento via busca pela verdade. Estabelece-se, pois, uma relação estreita entre a Igreja católica e a universidade católica, na

<sup>366</sup> CEC, Presença da Igreja na universidade e na cultura universitária, n.1.

<sup>367</sup> JOÃO PAULO II, Discurso do papa João Paulo II aos participantes numa conferência promovida pela congregação para a educação católica.

<sup>368</sup> PERESSON, M., Misión profética de la educación católica en los umbrales del tercer Milenio, p.21.

<sup>369</sup> PERESSON, M., Evangelizar educando desde las áreas del currículo, p.37-42.

qual aquela deve estar presente e atuante. De acordo com o planejamento presente nos textos que servem para inspirar a missão da universidade católica a partir do seio da Igreja, a aplicação fiel desses textos na universidade deverá contribuir a fim de formar pessoas íntegras que aprendam a refletir com o devido rigor e atuar com retidão para servir à sociedade da melhor maneira possível. No *campus* universitário se desenvolvem as relações e as dialéticas entre fé e razão, religião e ciência, fé e vida, evangelização e cultura, universidade e sociedade, Igreja e universidade. Como elencamos no capítulo anterior, há ainda uma grande distância entre a realidade e o ideal previsto pelo Reino de Deus.

A fim de que a evangelização da cultura seja de fato realizada na universidade católica, é fundamental a fixação de parâmetros a serem observados a partir do ideal do Reino de Deus. É necessário definir o ser, a identidade, a missão e a subsequente tarefa específica da universidade católica no contexto global e local; a universidade católica tem uma grande responsabilidade, atualmente, na evangelização do meio intelectual, a partir da sua visão cristã da cultura e da inculturação do Evangelho; esta evangelização deverá adotar a forma de diálogo em distintos níveis, entre fé, ciência e cultura, entre o ideal do Reino de Deus posto nos documentos eclesiais e a realidade da universidade católica em particular; na tarefa da universidade na qual há genuína busca pela verdade, é preciso ir do fenômeno ao fundamento, a partir do qual o saber tem um sentido transcendente que se concretiza na investigação e na vida.

#### **4.8.1**

##### **O ideal da evangelização a partir do diálogo fé e cultura**

A universidade é entendida como um ambiente de cultura e saber no qual o ensino, a pesquisa e a extensão constituem um tripé indissociável. Ao desempenhar a tarefa de produção intelectual se empenha em analisar a realidade e a oferecer respostas de cunho científico aos mais diversos problemas contemporâneos. A universidade é um verdadeiro laboratório da vida profissional. No entanto, em inúmeros momentos, essa importante instituição é alvo de disputas políticas, mercadológicas e ideológicas que tentam distanciá-la do seu propósito primeiro que é a produção do conhecimento em resposta às necessidades da pessoa humana e do

bem comum.<sup>370</sup> A Igreja pede e espera que a universidade católica possa levar a mensagem de Cristo ao ser humano, à sociedade e às culturas, como afirma João Paulo II:

Toda a realidade humana, individual e social, foi libertada por Cristo: as pessoas, bem como as atividades dos homens, cuja expressão mais alta e encarnada é a cultura. A ação salvífica da Igreja sobre as culturas realiza-se, antes de tudo, mediante as pessoas, as famílias e os educadores (...) Jesus Cristo, nosso Salvador, oferece a sua luz, a sua esperança a todos os que cultivam as ciências, as artes, as letras e os numerosos campos desenvolvidos pela cultura moderna. Todos os filhos e todas as filhas da Igreja, portanto, devem tomar consciência da sua missão e descobrir como a força do Evangelho pode penetrar e regenerar as mentalidades e os valores dominantes, que inspiram cada uma das culturas, bem como também as opiniões e os comportamentos mentais que deles derivam.<sup>371</sup>

A cultura é o ponto de partida e também o substrato para se estabelecer o diálogo evangelizador com o objetivo de enriquecer tanto a fé quanto a própria cultura em vistas de promover novas sínteses nos contextos social e intelectual na universidade católica.

A *ECE* sublinha que existe uma única cultura que é a cultura humana, que provém do ser humano e existe para ele (*ECE* 3), essa unicidade não nega a diversidade dessa mesma cultura enquanto particularizada. Por isso é necessário conhecimento, promoção e transmissão, sem se esquecer da transcendência do Evangelho a respeito das culturas (*ECE* 6, 9, 43, 44). A universidade católica, como autêntica universidade, é composta por uma comunidade acadêmica que promove os direitos e a dignidade humana; desenvolve a cultura mediante a investigação e o faz com autonomia e liberdade a serviço da sociedade tanto a local como a nacional e inclusive a internacional (*ECE* 12,15,30). Compete à universidade católica exercer o papel de instância crítica em relação às injustiças no mundo (*ECE* 32), atuar em prol da inclusão de todos na universidade (*ECE* 34), contribuir de maneira eficaz para a solução de problemas indo a fundo na busca das suas causas (*ECE* 32), dentro e também fora da universidade (*ECE* 40), com atitude de abertura e propensão para o diálogo ecumênico (*ECE* 26,37,49). A universidade católica ajuda a Igreja a interpretar e responder aos sinais dos tempos e com isso contribui para o desenvolvimento da cultura e do progresso (*ECE* 10,31). Considera a família como

<sup>370</sup> CNBB, Setor universidades da Igreja no Brasil: identidade e missão, p.14.

<sup>371</sup> JOÃO PAULO II, ao Pontifício Conselho para a Cultura, 13 de janeiro de 1989, n.2: *AAS* 81 (1989) p.857-8.

sendo a célula primária da cultura, bem como o desenvolvimento da pessoa dentro dela (*ECE* 45).

A universidade exerce um importante papel no campo da missão profética da Igreja a fim de que todos os seres humanos encontrem Cristo e sejam salvos por ele (Jo 3,17) (*RH* n.13). Coloca-se o problema da relação entre a fé e a cultura, uma relação que deve acontecer em atitude de diálogo e respeito mútuo. A salvação é o desígnio divino para todo ser humano e para toda cultura; tal como é testemunhado na aliança divina com a humanidade.<sup>372</sup> A fé proveniente dessa claridade que se realiza em todo ser humano, em toda cultura, deve encarnar-se nas culturas que evoluem continuamente, uma vez que a interação de comunhão mútua faz com que ambas se enriqueçam. A fé deve converter-se em cultura, o que equivale dizer que a fé deve ser concretizada, vivenciada. Quando isso não ocorre, surgem as dicotomias presentes nas crenças e aspirações das pessoas, gerando insatisfação e a sobrevivência em uma realidade marcada pela incoerência.

Toda invocação de Deus supõe uma experiência de fé, já que se trata de um mesmo Deus, uma mesma comunhão entre os seres humanos, sob a ação do “Espírito da Verdade” que se projeta para além dos confins da Igreja (*RH* n.6; At 17,23). Essa comunhão entre os seres humanos tem a sua origem na comunhão com Deus, que se abre à fé, à esperança; a fé se faz firme em relação à purificação das contradições humanas e na abertura à salvação histórica, à busca da verdade e à defesa da vida.

Essa tensão possibilita a abertura do dom divino da caridade aos seres humanos, uma caridade que se enraíza no compromisso pela justiça, pela solidariedade e pela paz, ao mesmo tempo que lhes dá uma motivação e um significado amplo. Nesse compromisso, a universidade católica deve estar diretamente envolvida, a começar pela atitude de facilitar o acesso ao ensino superior ao maior número possível de pessoas.<sup>373</sup> Esse dom transcendente da

<sup>372</sup> VON RAD, G., Teologia do Antigo Testamento, p.129. “A palavra “aliança” é uma tradução do hebraico *berít*, significa a convenção, seu cerimonial ou ainda a relação mútua que se estabelecia entre as partes.” A aliança foi primeiramente estabelecida com Noé (Gn 9,8-17); depois com Abraão (Gn 12,1ss); com Moisés (Ex 6,7; 19); com Josué (Js 24) e a “nova” aliança anunciada pelos profetas e infundida nos corações também novos (Jr 31,31; Ez 36,27) realizada plenamente em Jesus Cristo, selada com o seu sangue (Mt 26,28; Mc 14,24; 1Cor 11,25).

<sup>373</sup> SIQUEIRA, J., Reflexões do mundo universitário, p.94: “A PUC-Rio é uma instituição que ao longo dos anos tem procurado ampliar as suas ações sociais, abrindo mão de mais de 30% de suas receitas para possibilitar a inclusão social de jovens que desejam cursar o ensino superior; sobretudo pelo programa de bolsas de estudo para pessoas de baixo poder aquisitivo”.

caridade se espalha como uma semente entre os seres humanos através de autênticas relações culturais que são por isso relações de amor; sem esse substrato essas relações não serão verdadeiramente culturais e nem tampouco humanas.

Para que haja um genuíno e fecundo diálogo entre fé e cultura é necessário apresentar concretamente a fé cristã, pois se o Evangelho é boa notícia de salvação para a humanidade globalmente e para cada ser humano, conseqüentemente o será também para a cultura humana como um todo e para cada cultura em particular. Esta é a inculturação do Evangelho, uma atitude que alimenta a evangelização da cultura, como imperativo do seguimento de Cristo e condição de possibilidade de toda a evangelização. O propor a fé à cultura deve ter início dentro da cultura, entrando em sintonia, coenvolvendo o reconhecimento dos valores evangélicos existentes em toda cultura, as sementes do Verbo, que estão intrinsecamente relacionadas à encarnação de Cristo, presença atuante do Evangelho nas culturas, para assumi-las e abrir-lhes novos horizontes.

Jesus Cristo, ao estar presente em todas as culturas, converte-se em seu impulso vital real, que será logo mediatizado nas expressões religiosas (DSD n.13, 17, 230, 245). Tais valores estão presentes no cristianismo e podem estar também em outras tradições religiosas. Estão em muitas e diversas expressões culturais, e com maior razão ainda devem estar na universidade católica, que deve ter abertura e acolhida ao outro, sendo um verdadeiro encontro da razão, da vontade e da ação entre pessoas. Na sequência desse essencial diálogo entre fé e cultura, é necessário explicitar a integração, porque não se trata de um diálogo ocasional e figurativo, como poderia ocorrer nos acordos de paz em nível geopolítico, mas integrador desde dentro da pessoa e envolvendo todas as suas dimensões (física, mental, afetiva, espiritual, ética, familiar, social, axiológica, religiosa etc.), a partir das quais se envolve também toda a vida da comunidade.

O momento histórico atual encontra-se marcado pela ruptura entre fé e cultura devido a diversos fatores, para além de razões geográficas, históricas, econômicas e de poder (*EN* n.19). Algo semelhante ocorre também com o desenvolvimento ilimitado da ciência. Nesses casos se dá uma ruptura entre a ciência e a ética, entre ciência e consciência. A fim de recompor sua relação, se impõe a necessidade do diálogo entre ambos os pares (fé-cultura e ciência-consciência) como dimensões da vida humana, do qual o humanismo cristão deve ser o paradigma que guie o desenvolvimento cultural e científico e a universidade católica ocupe uma função

de vanguarda para propiciar um efetivo diálogo entre fé e cultura a fim de alcançar o ponto de equilíbrio entre ciência e consciência. A investigação na universidade católica deve estar integrada na docência e na projeção à sociedade para melhorá-la. Desde a consciência humana, a consideração da pessoa integral, sem deixar de lado a dimensão espiritual, transcendente, que formam a sabedoria humana que é mais do que conhecimento.<sup>374</sup> Deve-se informar, condicionar e canalizar a investigação que não pode absolutizar-se, ou seja, não ter limites, para que o avanço da ciência seja sempre a favor da pessoa e nunca contra. A consciência é, pois, a guia da ciência, a que lhe impõe limites para que a investigação científica não vá nunca contra o ser humano.<sup>375</sup>

A ciência pode impulsionar o progresso, mas não forma nem orienta o ser humano se não for no interior de um processo cultural, tarefa que compete principalmente à universidade como um todo. De igual maneira, do lado da cultura, a ciência pode investigar o porquê das crises sociais e as causas de outros problemas, não só constatar-los ou denunciá-los, mas exercer a solidariedade como condição necessária para a paz. “A universidade católica, para cumprir a sua função junto à Igreja e à sociedade, tem a tarefa de estudar os graves problemas contemporâneos e de elaborar projetos de solução que concretizem os valores religiosos e éticos próprios de uma visão cristã do homem”<sup>376</sup>.

A missão específica do apostolado intelectual na Igreja, na universidade católica tem o papel genuíno de interpretar e responder aos sinais dos tempos. É lugar propício de diálogo, em que se valorize o ser humano de forma integral, que o ajude a trabalhar em vista da construção do sentido de sua vida, promovendo os valores culturais que o dignifiquem e que proscreeva e elimine tudo o que o escravize. Nela se apresentam de maneira vivencial os valores cristãos e nesse processo se proponha uma síntese entre a fé e a cultura.

O papa João Paulo II assinala que a tarefa universitária refere-se em última análise à cultura, a sua promoção, aprofundamento, enriquecimento e transmissão às gerações seguintes, ao diálogo com outras culturas, ao amadurecimento de uma

<sup>374</sup> JULIATTO, C. I., *Ciência e transcendência: duas lições a aprender*, p.42.

<sup>375</sup> *Gaudium et Spes*, n.15: “Nossa época, mais que os séculos passados, necessita essa sabedoria para que se humanizem todos os novos descobrimentos realizados pelo homem. O destino futuro do mundo está em perigo se não se formam homens mais sábios”.

<sup>376</sup> GUTIÉRREZ, G., *Identidad de la Universidad Católica de cara a la evangelización de la cultura*, p.38-40.

nova cultura sempre “consciente do próprio patrimônio cultural, justa, fraterna, participativa, de onde o homem, integralmente considerado, seja sempre a medida do progresso”<sup>377</sup>.

A síntese entre a fé e a cultura é um processo permanente no interior da Igreja, pois provém de longa data, se bem que permeada de vicissitudes. Tem sido mais aprofundado nas últimas quatro décadas, uma vez que tem crescido a concepção de que a cultura secular pode contribuir para uma melhor compreensão da fé e esta pode, simultaneamente, enriquecer a cultura. Trata-se de partir da realidade, não de ignorá-la. Como se dialoga a partir de instâncias que em princípio não têm muita coisa em comum, com um olhar atento, se pode perceber que a primeira coisa em comum é o próprio ser humano enquanto sujeito, portador de fé e pertencente a uma determinada cultura. Longe da superficialidade, trata-se de uma fé arraigada na própria cultura que pode frutificá-la e enriquecê-la.

Desde essa perspectiva há que se reler as características básicas de toda universidade e com maior razão ainda da universidade católica, que é chamada a ser aberta às pessoas e às suas respectivas crenças, a se pautar por uma autonomia que ponha em marcha um projeto ético e estético, uma cientificidade com capacidade crítica e criativa na busca pela verdade, uma corporatividade que resulte na interação dos processos sociopolíticos, uma docência na qual o centro de interesse sejam as pessoas e não os códigos ou os dados presentes nos computadores.<sup>378</sup>

A universidade, sobretudo a católica, deve ser um lugar de encontro, de diálogo, de crescimento humano para os crentes e igualmente para os ateus e agnósticos – para esses será oportunidade de abrir-se a uma dimensão nova da vida e ao encontro com Deus. Nessa interação é de singular importância a relação mestre-estudante por meio da qual o aluno busque com avidez e o professor ensine

---

<sup>377</sup> JOÃO PAULO II, Discurso aos intelectuais e ao mundo universitário no dia 5 de julho de 1986. O papa tratou da mesma temática em seu discurso na Unesco no dia 2 de maio de 1980, no qual disse que “o futuro do homem depende da cultura”. Em uma mensagem ao reitor da Universidade Católica do Sagrado Coração de Roma, no dia 5 de maio de 2000, ele se referiu à necessidade da promoção de uma cultura de acolhida, de respeito, de comunhão, de solidariedade e compromisso da universidade católica com uma “refundação” cultural para uma síntese sapiencial que ajude a descobrir o sentido da vida. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt.html>. Acesso em: 28 abr 2019. Ver também: DOIG, K. G., Juan Pablo II y la cultura en América Latina, p.169-76.

<sup>378</sup> LUGO, H. E., La cultura, la universidad y la educación cristiana, p.502-4; PONTIFICIUM CONSILIUM PRO LAICIS, Los Jóvenes y la Universidad: testimoniar a Cristo en el ambiente universitario, p.74-7.

em atitude de doação de si. Essa relação e diálogo são verdadeiramente fecundos para as pessoas, para a ciência e para a cultura. O mestre que é crente na universidade é alguém que, mais que ensinar conteúdos, transmite lições de vida; passa algo de si próprio aos estudantes, favorecendo desse modo que eles possam ir construindo o sentido das suas próprias vidas.

A experiência do encontro entre mestre e estudante capacita esse último para desenvolver-se como pessoa, como sujeito ético, no qual se estruturam escalas de valores, se configura o sentido de dignidade e a consciência de autonomia e de responsabilidade. Há inúmeras oportunidades para se desenvolver essa experiência do encontro dentro da vida acadêmica, entre o mestre e seus estudantes e destes entre si, nas salas de aula, na pesquisa, nos grupos de estudo, nas redes acadêmicas, atividades extra-acadêmicas, atividades culturais, interinstitucionais, de extensão, em obras sociais<sup>379</sup>, voluntariados profissionais etc.

#### 4.8.2

#### O ideal da evangelização a partir do anúncio do Evangelho

A universidade é, desde os seus primórdios, uma das mais significativas expressões da solicitude da Igreja. O nascimento da universidade, como já fizemos alusão, é o resultado do desenvolvimento das escolas medievais constituídas por bispos nas suas respectivas sedes episcopais. As transformações históricas conduziram a *universitas magistrorum et scholarium* às universidades autônomas (ECE n.1). A presença da Igreja na universidade está intrinsecamente relacionada à sua missão de anunciar o Evangelho. “A síntese entre cultura e fé não é somente uma exigência da cultura, mas também da fé (...) uma fé que não se torna cultura é uma fé que não é plenamente acolhida, inteiramente pensada e fielmente vivida”<sup>380</sup>. O conteúdo do anúncio da Igreja se expressa em uma *fides quaerens intellectum*, uma fé que exige uma inteligência que seja pensada, mas também vivenciada. A presença da Igreja na universidade não pode se limitar a uma intervenção cultural e científica, ela deve propiciar condições de possibilidade de encontro pessoal com Jesus Cristo. A presença e a missão da Igreja no meio universitário se revestem de

<sup>379</sup> PONTIFICIUM CONSILIUM PRO LAICIS, Los Jóvenes y la Universidad: testimoniar a Cristo en el ambiente universitario, p.86-94.

<sup>380</sup> JOÃO PAULO II, Carta autógrafa de instituição do Pontifício Conselho da Cultura, 20 de maio de 1982, em *AAS*, 74 (1983), p.683-8.

formas variadas e complementares, e como salienta o papa Francisco “só pode haver verdadeira evangelização a partir do anúncio explícito de Jesus como Senhor e da primazia do anúncio de Jesus Cristo em qualquer trabalho de evangelização” (EG n.110).

A fé em diálogo com a cultura é o que possibilita a transmissão do conteúdo do Evangelho, que por sua vez encontra semente na cultura e por isso se faz inteligível, valorável e assimilável<sup>381</sup>. A Igreja se faz presente na universidade particularmente por meio do testemunho de vida dos educadores, sendo esse o modo por excelência de se disseminar os valores do Evangelho a todos que na universidade estejam dispostos a acolhê-los com liberdade. Esse anúncio deve ser feito por meio do diálogo e da colaboração a serem buscados junto a todos os membros da comunidade universitária que estejam empenhados na promoção cultural do ser humano e no desenvolvimento cultural dos povos. Para o êxito do anúncio do Evangelho é necessário igualmente que a comunidade universitária possa estar em sintonia com a comunidade cristã, ambas, dentro do possível, somando forças em vista do cumprimento da sua responsabilidade pastoral e missionária no âmbito universitário.

A *ECE* afirma que a missão primordial da Igreja é a evangelização (*ECE* n.48, 49). O anúncio do Evangelho é uma maneira privilegiada da participação da universidade católica na vida da Igreja (*ECE* n.41). Esse anúncio deve ser realizado em harmonia com a investigação, profissionalização, formação, reflexão teológica e diálogo com a cultura (*ECE* n.49), com auxílio de movimentos eclesiais (*ECE* n.42). A Igreja sustenta os direitos e as liberdades da universidade católica e apoia seu desenvolvimento (*ECE* n.11), faz isso em sintonia com os bispos, as congregações religiosas e os leigos que estão de algum modo comprometidos com a missão evangelizadora (*ECE* n.9, 25, 28, 29). Garante sua presença vital no mundo como inspiração, reflexão, fidelidade e serviço cristão (*ECE* n.13,14), mantendo estreitos vínculos de respeito e identificação (*ECE* n.27). A universidade católica apoia a missão específica da pastoral universitária que consiste em explicitar a concretização da missão da Igreja na universidade (*ECE* n.38), por meio do diálogo, da reflexão e da oração (*ECE* n.39).

---

<sup>381</sup> COSTA, P. C., Anunciar Jesus Cristo na Pós-modernidade: desafios e perspectivas, p.5-20.

A evangelização tem sido tratada tanto nos documentos da Igreja como também por diversos autores, como vimos nos dois capítulos anteriores. Diante disso, cabe a questão sobre o modo, isto é, o como a universidade católica participa da evangelização; ela o faz, antes de tudo, evangelizando o que lhe é próprio e específico, que é o contexto universitário e da cultura. A universidade nasceu em um ambiente de fé, teísta e em uma cultura impregnada pelo catolicismo, e assim tal tarefa lhe era natural.<sup>382</sup> Com o decorrer dos tempos, a universidade foi crescendo, algumas delas permaneceram sendo católicas, outras deixaram de sê-lo; surgiram novas universidades católicas e muitas que não o são. Diante disso, a tarefa educativa, investigativa e de serviço à sociedade, que constitui a identidade da universidade, no caso da universidade católica tem por característica ser evangelizadora e deve seguir sendo “quando se junta com a visão apostólica da construção do Reino que anuncia o Evangelho; Reino que é vivido por homens profundamente vinculados a uma determinada cultura”<sup>383</sup>. Isso significa que a evangelização impregna a identidade e a missão da universidade católica<sup>384</sup>, por isso se pode afirmar que uma universidade católica que não evangeliza não está sendo de fato “católica”, ainda que ostente esse título agregado ao seu nome.

A educação é parte da missão evangelizadora da Igreja, a evangelização é ela própria educadora e formadora na medida em que conduz o ser humano aos valores cristãos, o que é uma forma radical de humanização. Na universidade, a evangelização está presente na formação que se transmite por meio de faculdades de teologia, ciências religiosas, filosofia ou quaisquer das faculdades civis por meio de “disciplinas humanísticas ou formadoras”, normalmente a cargo de departamentos de pastoral universitária ou similares, em que se põe especial acento na formação de lideranças que se capacitam para construir uma nova sociedade e a restaurar as suas estruturas mais necessitadas (DAp n.362-367). De acordo com João Paulo II, o caráter católico e cristocêntrico da universidade católica é o critério supremo de suas opções, por isso “a Igreja, a sociedade e o mundo necessitam de universidades católicas”<sup>385</sup>.

---

<sup>382</sup> GUTIÉRREZ, G., *Identidad de la Universidad Católica de cara a la Evangelización de la Cultura*, p.30.

<sup>383</sup> GUTIÉRREZ, G., *Identidad de la Universidad Católica de cara a la Evangelización de la Cultura*, p.42.

<sup>384</sup> CNBB, *Setor universidades da Igreja no Brasil: identidade e missão*, p.35-48; GULIKERS, P. S. A., *Un Cristianismo postreligional?*, p.80-110.

<sup>385</sup> JOÃO PAULO II, *L'osservatore Romano*, p.9.

A evangelização é uma das três tarefas básicas de toda universidade católica e também de todo centro católico de educação superior, segundo João Paulo II. Além da evangelização específica, outras duas tarefas que constituem eixos são: as relações entre fé e razão e entre educação e cultura.<sup>386</sup> Na mesma linha, afirma o papa Francisco: “não basta a preocupação do evangelizador por chegar a cada pessoa, mas o Evangelho também se anuncia às culturas no seu conjunto” (*VG* n.5; *EG* n.133).

A inspiração e a alma da universidade católica provêm do seu caráter católico; o ser católica e evangelizadora lhe é intrínseco; não é apêndice, portanto “tem que aparecer claramente na missão, no projeto educativo, enfim, em toda a filosofia da universidade”<sup>387</sup>. Atualmente, quando a universidade católica é confrontada com inúmeros fatores que lhe são adversos, é mais do que nunca necessário enfatizar a tarefa evangelizadora que lhe é peculiar. Há que se fazê-lo por meio de conferências, fóruns, debates, encontros, convivências e outras estratégias de difusão e ação, dentro e também fora do *campus*, como sinais cristãos que evangelizam e, por isso, devem ser próprios e distintivos da universidade católica.

Para evangelizar, a Igreja e a universidade católica se necessitam mutuamente. A Igreja necessita da universidade porque a fé deve estar em sintonia com a inteligência humana, ela não é um atributo isolado, mas deve converter-se em cultura, ela é a inculturação do Evangelho. A cultura, por sua vez, deve se deixar modelar pelos valores e pela mensagem evangélica que a ajudam a se humanizar, bem como podem conduzir os homens a uma conversão.<sup>388</sup> A pastoral da cultura tem a finalidade de ajudar a Igreja no cumprimento da sua missão de anunciar o Evangelho – a universidade católica e os centros culturais católicos são espaços idôneos para a escuta, o respeito, o intercâmbio e as propostas. Nesses espaços, se verifica o serviço que os católicos devem realizar em prol de toda a sociedade, da cultura moderna e pós-moderna. A sociedade atual é multicultural e é nela que a Igreja e a universidade são chamadas a se pautar por uma atitude evangelizadora. A universidade católica se caracteriza também por ser espaço de encontro e de diálogo, inclusive com quem esteja disperso no contexto do pluralismo

---

<sup>386</sup> CUARTAS, C. J., *La idea de universidad en Juan Pablo II*, p.164.

<sup>387</sup> NAVARRO, N., *La evangelización en el mundo universitario*, p.110.

<sup>388</sup> CPC, *Para uma pastoral da cultura*, n.21.

sociocultural-religioso, comum sobretudo nos ambientes urbanos. De acordo com C. Hummes,

reunir e ter oportunidade de dialogar e de intercambiar ideias, crenças, modos de ver e de viver, angústias, incertezas, esperanças, criar comunhão e resgatar do individualismo, do anonimato e da dispersão. Trata-se de um serviço precioso que os Centros oferecem a sociedade urbana e sem dúvida também à Igreja.<sup>389</sup>

A inculturação do Evangelho é um processo salvífico e não apenas uma adaptação externa, ela é uma radicação do Evangelho na respectiva cultura, a fim de que essa se abra aos valores transcendentais.<sup>390</sup> A finalidade desse processo é tornar presente a Boa Nova na universidade e a partir daí se perfilar uma nova visão do ser humano, do mundo e dos valores culturais, humanísticos e éticos.<sup>391</sup>

Compete à universidade católica a tarefa de evangelizar não apenas as pessoas sob o ponto de vista vital, mas, igualmente, evangelizar a ciência e a cultura que as universidades produzem. Trata-se de fazer isso levando em consideração a projeção e a incidência que essa ciência e cultura terão na sociedade, no contexto do diálogo fé e cultura (Dap n.385-443; 1188). Da mesma maneira deve dar-se a relação entre a Igreja e a universidade. A universidade necessita da Igreja na sua tarefa de conhecimento científico da verdade e no serviço de formação integral do ser humano.<sup>392</sup> A Igreja espera da universidade a abertura do campo intelectual de onde se divulgue o pensamento cristão, com o propósito de que a fé se converta em cultura; propiciando o diálogo entre a fé e a razão, sendo a universidade o contexto idôneo para isso, com espaços nos quais se semeiam os valores que a sociedade necessita, como por exemplo o serviço educador extracurricular, a investigação sobre os problemas contemporâneos, a promoção da justiça social e a solidariedade. Do mesmo modo, a universidade por sua vez espera da Igreja a participação nas atividades intelectuais como fóruns de fé e cultura, simpósios, atividades inter e transdisciplinares, sempre respeitando e valorizando a liberdade acadêmica. Da mesma maneira a assistência pastoral, exercida pela pastoral universitária.<sup>393</sup>

<sup>389</sup> HUMMES, C., Los centros culturales católicos: una propuesta de comunión frente al individualismo y anonimato urbano, p.83.

<sup>390</sup> BELLOSO, J. M. R. I., Fe y cultura en nuestro tiempo, p.174-6.

<sup>391</sup> NAVARRO, N., La evangelización en el mundo universitario, p.125; *Evangelii Nuntiandi*, n.18.

<sup>392</sup> NAVARRO, N., La evangelización en el mundo universitario, p.123 et seq.

<sup>393</sup> GEORGE, F. L., L'application d'Ex Corde Ecclesiae dans les universités catholiques américaines, p.436.

Os estudantes, obviamente, necessitam receber, mas podem também doar, colaborando de diversos modos em projetos – como exemplo, algum tipo de paróquia mista, cuja estrutura combine habilmente o perfil da paróquia tradicional com uma perspectiva universitária própria, em que os fiéis, na sua maioria, famílias com filhos jovens e universitários, colaborem de muitas maneiras na evangelização e com as necessidades catequéticas, sociais e outras mais características do setor paroquial. Desse modo, o anúncio do Evangelho terá a perspectiva da unidade desejada por Jesus para a Igreja, de atenção aos universitários a fim de que a sua estada na universidade seja espaço e tempo marcados pelo amor do Pai, pelo diálogo e pela ajuda mútua entre a universidade católica e a Igreja na resolução dos problemas que afligem de diversos modos a sociedade.

### 4.8.3

#### O ideal da evangelização a partir da busca pela verdade

Um dos grandes males da humanidade é a unidimensionalidade causadora de tantos sofrimentos para a própria humanidade. De que adianta a ciência e a técnica, se não conseguem tornar as pessoas mais realizadas? A unidimensionalidade implica ver o mundo apenas sob um único olhar. Uma das visões de mundo diz que a verdade é a adequação do pensamento com a coisa, porém, isso é complicado, uma vez que uma coisa é o ser em si, e outra é o que o ser humano é capaz de captar dos seres, capta apenas aspectos ou fragmentos da realidade; não há uma correspondência exata entre o que se pensa sobre a realidade e o que ela de fato é. O conhecimento da realidade nunca se realiza de forma totalmente objetiva, de modo que a visão que o ser humano tem de um determinado fenômeno é sempre mediada pelos conhecimentos biográficos e culturais.

A universidade contemporânea se vê diante da realidade que postula a emergência de um novo paradigma científico, que propugna o fim das certezas universais, contribuindo para que se instale na sociedade o que o papa Bento XVI designou como “ditadura do relativismo” – expressão utilizada para se referir à única atitude que parece caber ao ser humano moderno, que “nada reconhece como definitivo e que deixa, como última medida, apenas o próprio ‘eu’ e as suas verdades”<sup>394</sup>.

---

<sup>394</sup> BENTO XVI, Homilia na Santa Missa *Pro Eligendo Romano Pontífice*, 18 de abril de 2005.

Difunde-se uma mentalidade em que o próprio significado de verdade é esvaziado de sentido e cada um é incentivado a buscar, em si mesmo, os critérios para a verdade de seu comportamento. Diante disso, para o cristão, faz-se necessário que Jesus, o Mestre por excelência, o ensine a ser discípulo missionário, sempre em diálogo com a liberdade e a busca pela verdade. Jesus Cristo não teve medo de se deixar questionar pelos discípulos e evitava respostas prontas e fechadas; ele apresentou aos discípulos elementos para reflexões e convites: “Vinde e vede” e eles mesmos se deixaram tocar pela vida de Jesus, “ficando com ele naquele dia” (Jo 1,39).

A busca pela verdade no âmbito da universidade católica é uma atitude antes de tudo de abertura em vista de transcender o que é já conhecido rumo às realidades a serem descobertas. É uma passagem do fenomenológico ao essencial. Do imanente ao transcendente e ao fundamento da vida, ao sentido do saber e da ciência, das verdades parciais à abertura, à verdade suprema, que é Deus, conforme a revelação de Jesus Cristo.

Com mais intensidade que nas outras universidades, a dinâmica da universidade católica consiste em buscar não apenas a excelência acadêmica e a eficiência profissional, mas, principalmente, a busca pela verdade, descobri-la e comunicá-la para que integre todos os campos do conhecimento nos mais distintos níveis (*ECE* 1, 15, 16, 17, 30). Não é suficiente uma parte, a busca é pela verdade toda, a verdade da natureza, do ser humano e de Deus (*ECE* 4) e que não seja condicionada a interesses particulares, mas que o progresso técnico-científico esteja a serviço da pessoa e da sociedade (*ECE* 7). Nesta mesma linha, importa valorizar e ressaltar a supremacia da pessoa sobre as coisas, do espírito sobre a matéria, da ética sobre a técnica, da consciência sobre a ciência, de Deus sobre o ser humano e deste sobre o mundo (*ECE* 18, 46). Deve-se propiciar o encontro entre fé e razão na única Verdade (*ECE* 5, 17), como sendo elementos fundamentais da pessoa e propiciar seu papel na integração do saber (*ECE* 15, 16, 20) e das ciências naturais e humanas na dimensão da universidade (*ECE* 4, 6), particularmente na e a partir da teologia (*ECE* 19, 20, 29).

É necessário fomentar a paixão pela verdade, mas não uma verdade instrumentalizada e manipulada pelo poder, origem de muitas crises na universidade; não apenas a verdade teórica, mas uma cultura da verdade; não servir-se da verdade, mas, pelo contrário, realizar um serviço a ela enquanto busca

permanente; jamais uma corrupção e nem tampouco uma prisão da verdade na injustiça.<sup>395</sup> É preciso ter força, hoje mais necessária que nunca, para encontrar a verdade na cultura. Atualmente é importante trabalhar na interioridade de cada ser humano o anseio pela verdade, como expressão da própria dignidade humana, como base do processo de evangelização que apoia e acompanha a busca pelo humanismo integral, a fim de interagir com o agnosticismo e contra o desencanto presente na sociedade pós-moderna. A verdade não se possui plenamente, se busca incansavelmente e se deixa possuir por ela como mostra da vocação e da missão de cada um, cuja realização só pode se dar à luz da verdade. “A verdade não é algo que se tem, que se possui ou que se alcança; é sempre algo que se busca”<sup>396</sup>.

Atualmente faz-se necessário uma nova purificação, conversão e restauração de ideias como verdade e realidade, inclusive no âmbito da religião. Quiçá o desencanto por uma verdade tergiversada tenha trazido como consequência a absolutização da realidade imanente. Por isso é preciso recuperar a verdade presente na realidade. Existe uma verdade da fé e uma outra da razão, que podem encontrar-se e travar um diálogo, podem coincidir em muitos contextos, especialmente no universitário, no qual podem discorrer sobre a busca de Deus a partir da revelação de Jesus Cristo. João Paulo II insistiu nessa verdade em muitos de seus encontros com jovens universitários: “Jesus é a verdade do cosmos e da história, o sentido da existência humana, o fundamento de toda a realidade! A vós que haveis acolhido esta Verdade como vocação e certeza de vossa vida corresponde demonstrar-vos seu caráter razoável no ambiente e no trabalho universitário”<sup>397</sup>.

No cristianismo, a verdade teológica é articulada com a filosófica, sendo que a primeira muitas vezes fica prejudicada, uma vez que reduzida à pura construção mental da racionalidade objetiva ou subjetiva. Por isso é fundamental recuperar o sentido da verdade que está relacionado com a ciência, mas também com a sabedoria, ressaltando que a verdade sapiencial das religiões, se bem interpretada,

<sup>395</sup> Is 5,20: “Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem mal (...)”.

<sup>396</sup> HUMMES, C., Los centros culturales católicos: una propuesta de comunión frente al individualismo y anonimato urbano, p.84. Os centros culturais católicos cumprem um papel prestimoso nesta tarefa, ao proporcionar espaços de diálogo e de escuta mútua.

<sup>397</sup> JOÃO PAULO II, Pontificium consilium pro laicis los jóvenes y la Universidad: testimoniar a Cristo en el ambiente universitario, p.17.

não contradiz, nem tampouco nega, aquela posta pela filosofia, pela ciência e os seus respectivos métodos.<sup>398</sup>

A diaconia da verdade inclui respeito e acolhida da realidade e nela a pessoa, no seu contexto, a atenção, o cuidado, a sensibilidade, a busca com humildade, adquire um protagonismo especial e demanda uma investigação específica a ser realizada por cada uma das disciplinas; o que implica inculcar um saudável espírito crítico, uma paixão pela investigação por parte dos mestres e estudantes como a melhor capacitação para a vida, abandonando a realidade segundo a qual as universidades se resumem ser a uma “fábrica de títulos”, em que os professores se limitam a ensinar como as coisas funcionam, mutilando assim o “espírito universitário”<sup>399</sup>. Esse tema referente à diaconia da verdade tem sido abordado profusamente, revelando-se um elemento que corresponde à própria missão da universidade e não só da universidade católica.

A razão última de ser da universidade é a busca pela verdade e a investigação metódica é a atualização da ideia de verdade na construção das ciências, no entanto, entre a verdade e a ciência está o ser humano e as suas respectivas possibilidades, sem ele não há universidade; o ser humano é sempre mais do que a sua aparência, mais do que aquilo faz, mais do que ele conhece e do que pode conhecer, por isso a evangelização almeja também o crescimento, o que implica tomar muito a sério em cada pessoa o projeto que Deus tem para ela. “Cada ser humano precisa sempre mais de Cristo e a evangelização não deveria deixar que alguém se contente com pouco, mas que possa dizer com plena autenticidade: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim (Gal 2, 20)” (EG n.160). A universidade se desvirtua como tal se der proeminência ao funcional, ao utilitário, ao produtivo, ao quantitativo, ela altera a sua vocação original se nela o sábio se resumir a ser um técnico, o mestre se tornar um instrutor – o que culmina na universidade se tornando uma escola técnica. A educação universitária autêntica não é a *escolástica* nem a

<sup>398</sup> PARRA, A., Hacia la legitimación del creer, p.296: “A Verdade subjetiva nas religiões históricas é aquela que se mostrou como verdade e sua permanência na verdade é sua própria permanência Nele e nelas. Por sua vez a verdade objetiva tem relação com o perfil do plano, projeto ou propósito de salvação revelado no coração do mundo e operado pela força do Espírito no tempo histórico. A verdade objetiva das religiões é a verdade da nossa salvação, da boa nova de nossa redenção, destinação, convocação, adoção, santificação e glorificação”; SÁNCHEZ, Y., Edith Stein: un camino hacia la verdad. Disponível em: [www.monografias.com/trabajos16/edith-stein](http://www.monografias.com/trabajos16/edith-stein). Acesso em: 3 mai 2018.

<sup>399</sup> LIMA, A. A., O espírito universitário, p.19: “O pecado do profissionalismo é o encerramento no seu canto e a cegueira, em nome de uma falsa honestidade intelectual, para com as atividades e verdades vizinhas e remotas (...) O espírito universitário é, ao mesmo tempo, geral e particular”.

*magisterial*, mas sim a *mayéutica* determinada pela ideia do espírito; nessa, estudantes e professores devem buscar e ensinar a verdade, independente de desejos e ordens de poderosos, expressando uma autêntica autonomia universitária, um amor à verdade e ao bem comum, uma genuína vocação pela verdade, com uma projeção comunitária.<sup>400</sup>

O principal problema que aguça a crise atual na universidade não está situado no âmbito da técnica, mas na falta de clareza acerca do seu próprio telos, o que põe em perigo o próprio significado do ser humano. J. H. Newman pensou a finalidade da universidade, pelo menos da universidade católica. Segundo ele, o objetivo primeiro não é promover líderes sociais, políticos ou profissionais, mas sim formar pessoas íntegras, livres e espirituais.<sup>401</sup> É importante formular um novo humanismo no qual a universidade deve estar empenhada, o que equivale à reconfiguração da universidade, partindo dos seres humanos e depois, também, das estruturas para configurar de maneira vivencial o lugar da verdade que deve ser também o lugar do gozo desta mesma verdade – e que este gozo seja, antes de tudo, difusivo e comunicativo. Isso porque a experiência do bem e da verdade se vive na primeira pessoa, numa relação constante e criativa. No íntimo do ser humano habita a verdade, dizia Santo Agostinho, e ali onde está a essência do ser humano e de Deus encontra-se também o sentido da vida, na interioridade do eu.<sup>402</sup> A universalidade, mais do que uma tarefa dentre outras, é uma atitude a ser alcançada pela universidade, e deve ser entendida como totalidade de concreções culturais e históricas, deve estar presente na ciência realista e aberta. A universalidade deve ser constantemente buscada a partir da esperança de se encontrar a verdade para comunicá-la.

A universalidade universitária deve se dar em conexão com a busca pela verdade e pela justiça, a investigação deve abarcar toda a realidade, todo o verdadeiro, o bom e o belo, com a presença e a esperança do transcendente.<sup>403</sup> A universalidade da universidade tem um caráter criador e integrador da ciência experiencial e experimental com a espiritualidade e a transcendência, pois da mesma maneira que nada do que é autenticamente humano escapa à natureza

<sup>400</sup> REMOLINA, G., El docente universitario profesor y maestro, p.7-8.

<sup>401</sup> TURNER, F. M., Newman e a ideia de uma universidade, p.45-55.

<sup>402</sup> POUPARD, P., Dios y la libertad: una propuesta para la cultura moderna, p.26.

<sup>403</sup> GUTIÉRREZ, G., Identidad de la Universidad Católica de cara a la evangelización de la cultura, p.36.

humana de Cristo<sup>404</sup>, nada pode escapar à disciplina universitária<sup>405</sup>. João Paulo II, nos frequentes discursos proferidos durante seus encontros com jovens, enfatizou a relação entre verdade e liberdade, assinalando também a experiência e o sentido da liberdade como caminho para a busca da verdade, vista como a sede a partir de onde se elabora a ciência e a cultura, ambas constituindo as bases da universidade. A verdade dá ao ser humano maior consciência da sua dignidade de filho de Deus, o define como tal e lhe antecipa a eternidade.<sup>406</sup>

A universidade católica contribui significativamente neste processo por meio da pluridisciplinaridade, da interdisciplinaridade, da transversalidade e da integração dos saberes; um diálogo de verdades que supere a costumeira rivalidade devido à forte carga ideológica, as eventuais disputas de egos, a fim de se criar um clima de “bondade” a partir do anúncio da Boa Nova do Evangelho compartilhado pelos universitários de “boa vontade” comprometidos com o “bem comum” da sociedade.<sup>407</sup>

A relação entre a verdade e a Boa Notícia ou entre o anúncio do Evangelho e a busca pela verdade é expressão e concretização, na universidade, do diálogo fé e cultura, que para a universidade católica é fundamental e, por isso, deve constar na base de toda a sua missão evangelizadora. A partir da *ECE* se deve reiterar a ênfase segundo a qual a universidade católica enquanto universidade deve buscar a verdade e como católica deve anunciar o Evangelho.

Tal anúncio deve acontecer a partir de uma visão relacional e integral por meio do diálogo fé e cultura; superando a tradicional ênfase exclusivamente na mente ou no voluntarismo e nas dimensões intelectual ou afetiva tomadas separadamente, deve-se buscar integrá-las em favor da construção de uma síntese humana vital, caracterizada pela união e comunhão que é uma relação de amor (Espírito Santo) que existe nas pessoas divinas do Pai e do Filho, *ad intra* como Trindade e *ad extra* em direção a cada ser humano como ser pessoal e a comunidade da Igreja como corpo místico.<sup>408</sup> Esta relação é vivencial e prospectiva como veremos a seguir no item da integração fé e vida.

<sup>404</sup> LADARIA, L. F., Introdução à antropologia teológica, p.76; RIBEIRO, E. V., Antropologia teológica e hermenêutica, p.34.

<sup>405</sup> MOLTMANN, J., Ciência e Sabedoria, p.29-32.

<sup>406</sup> JOÃO PAULO II, Discours a des universitaires, p.473 et seq.; FAUS, Acesso a Jesus.

<sup>407</sup> BRIANCESCO, E., Evangelización de la inteligencia y articulación del saber, p.18-24.

<sup>408</sup> BOFF, L., A santíssima trindade é a melhor comunidade.

#### 4.8.4

#### O ideal da evangelização a partir da integração fé e vida

A integração fé e vida é o resultado almejado para ser alcançado por meio da formação integral que constitui a meta a ser atingida pelos que conseguem viver a partir da integração dos três passos anteriores. É a coerência fruto da integração do saber acadêmico, da vida com a fé cristã, a religião e a moral (*ECE* n.38). A universidade católica é chamada a ser exemplo de comunidade de fé cristã no âmbito acadêmico (*ECE* n.9, 21). A expressão de coerência de fidelidade será a evangelização (*ECE* n.48) e sua concretização na atuação da pastoral universitária a fim de adquirir, cultivar e manifestar a fé (*ECE* n.32, 39), uma fé que busque a integração de todas as pessoas da comunidade universitária e não somente junto aos estudantes (*ECE* n.23). Deve-se suscitar uma sensibilidade responsável junto aos mais necessitados e exercer um efetivo labor social (*ECE* n.34, 40). Destaque também para a importância da formação de agentes que sejam líderes que conheçam, vivenciem e difundam a identidade e a missão da universidade católica (*ECE* n.49).

Entre os mais variados campos de apostolado, de evangelização e de ação nos quais a Igreja atua, a cultura universitária é um dos mais desafiantes, mas está também entre os mais promissores, uma vez que a universidade tem por escopo refletir sobre as mais diversas realidades humanas e problemáticas sociais. Por isso a presença e a ação da Igreja neste meio com influxo sobre a vida social e cultural para obter o êxito esperado depende muito de todos os envolvidos, dos padres, dos leigos, de todo o pessoal administrativo, dos professores e dos estudantes.

A presença da Igreja se realiza no contexto universitário por meio de pessoas comprometidas que, servindo a universidade servem também a sociedade, à medida que se inserem no processo de inculturação da fé como uma das principais exigências da evangelização. O dever de anunciar o Evangelho torna-se ainda mais urgente, nas primeiras décadas deste terceiro milênio, em que a cultura cristã segue tendo muita importância, porém é inegavelmente muito desafiada. Diante dos inúmeros desafios exigem-se comunidades de fé aptas a transmitir hoje a Boa Notícia trazida por Jesus Cristo a todos os que se formam, ensinam e exercem a sua atividade no contexto da cultura universitária. A urgência de tal empenho apostólico

para a universidade é enorme, uma vez que ela é um dos mais fecundos espaços geradores de cultura. A propósito, diz João Paulo II:

Plenamente consciente de que, do ponto de vista pastoral, é urgente reservar à cultura uma atenção muito particular, a Igreja pede aos fiéis leigos para, guiados pela coragem e criatividade intelectual, estarem presentes nos lugares privilegiados da cultura, como sejam o mundo da escola e da universidade, nos centros de investigação científica e técnica, nos lugares de criação artística e da reflexão humanista. Esta presença tem como finalidade não só reconhecer e eventualmente purificar os elementos da cultura existente, submetendo-os a uma crítica sábia, mas também o de acrescentar o seu valor, graças às riquezas originais do Evangelho e da fé cristã.<sup>409</sup>

A tarefa evangelizadora da Igreja a ser realizada pela universidade católica pode ser sintetizada como o processo em vista de conduzir os seres humanos a um encontro pessoal com Jesus Cristo, um encontro no qual se recebe e se suscita a fé; tal encontro pessoal comporta não só um conhecimento ou um sentimento, mas sim coenvolve a pessoa integralmente. A fé que a Igreja pretende transmitir não é apenas para ser conhecida no plano intelectual, mas para que impregne também o coração e toda a vida.<sup>410</sup> Desse modo, haverá nas pessoas uma coerência de vida; do contrário, podem emergir as dicotomias e conflitos de cunho psicológico e outros. Por isso, embutida na missão evangelizadora da universidade católica está a tarefa de integração entre as atividades acadêmicas, extra-acadêmicas e os princípios morais e religiosos que dão coerência à vida dos membros da comunidade universitária e procuram a integração entre a fé e a vida.<sup>411</sup>

A coerência que se pretende suscitar para que se tenha credibilidade e força transformadora deve vir avalizada pelo testemunho dos agentes, pois é muito lamentável o divórcio entre a fé e a vida (DAp n.437, 783), por isso se a universidade é sinal da maturidade da vida, deve sê-lo igualmente de uma fé madura. A incoerência entre a fé e a vida dos universitários, o indiferentismo religioso que se percebe no interior do *campus*, por exemplo, na incessante busca de novidades em filosofias orientais, esoterismos, ideologias políticas, a massificação ou o mercantilismo infiltrado nos mais diversos programas, representam desafios para serem enfrentados no âmbito da universidade e da

<sup>409</sup> Christifideles laici, n.44.

<sup>410</sup> Dt 30,14: “(...) bem perto de ti está a Palavra, na tua boca e no teu coração, para que a realizes”.

<sup>411</sup> CEC, Presença da Igreja na universidade e na cultura universitária, n.5, 25.

Igreja,<sup>412</sup> particularmente quanto ao que devem ser as universidades, principalmente as católicas, que buscam ser espaços de diálogo com todas as correntes culturais, na perspectiva ecumênica, inter e transreligiosa, como vertente entre as mais avançadas da missão da Igreja.

A universidade católica deve partir de uma antropologia cristã que apresente à realidade humana, e à realidade de cada pessoa em particular, a desintegração proveniente da ferida ocasionada pelo pecado, mas com a possibilidade de ser radicalmente restaurada em Cristo, que é a pessoa integrada por excelência. No âmbito da universidade católica, as pessoas devem ser consideradas integralmente, a pessoa toda, não fracionada, e igualmente suscitar nelas o realizar-se pleno e não só o de uma única dimensão. Integral, no sentido cristão, refere-se também à dimensão transcendente e universal, para além do espaço e do tempo, ainda que não se possa esquecer que os alvos desta formação são pessoas concretas e em ambientes igualmente concretos. A integridade das pessoas e das comunidades chama constantemente a atenção em relação à verdade, à bondade, à beleza e à santidade, todos esses elementos essenciais da mensagem cristã.

A integração fé e vida cristã na universidade católica pressupõe a evangelização como expressão de sua coerência. As universidades católicas se caracterizam por serem laboratórios humanos e cristãos de homens e mulheres que façam frente aos desafios atuais com a cultura da vida, da solidariedade, da fraternidade, da justiça, da criatividade, da liberdade; homens e mulheres que compreendam a sua vida pessoal e profissional no âmbito da antropologia cristã, como pessoas abertas a Deus e aos outros. Isso serve igualmente para todas as pessoas e estruturas existentes na universidade católica,<sup>413</sup> que deve ser toda ela uma universidade evangelizadora.<sup>414</sup>

A universidade é também o lugar típico do encontro e do compromisso entre pessoas diferentes, mas que congregam objetivos comuns em torno da cultura. A universidade católica é, além disso, o espaço apropriado para o encontro da vida, da sociedade, da cultura, da razão, da ciência e sobretudo da fé que, por força do Espírito Santo, é motor de transformação das outras realidades. São níveis distintos

---

<sup>412</sup> BRIANCESCO, E., Iglesia, cultura, universidad, p.23-6.

<sup>413</sup> CEC, Presença da Igreja na universidade e na cultura universitária, 22 de maio de 1994.

<sup>414</sup> SENA, L. G., A juventude universitária católica; ARAÚJO, E. S., A evangelização no mundo universitário.

de um diálogo integrador que se inicia no interior das pessoas que buscam e que de alguma forma vivenciam a verdade que é, portanto, uma experiência e uma vivência de fé que vai se concretizando nas relações fraternas com as demais pessoas; esse diálogo se dá entre os programas, as disciplinas, os conteúdos em vista de uma integração com origem na pessoa, pois só pondo no centro o ser humano e valorizando o diálogo e as relações interpessoais é que se pode superar a fragmentação das disciplinas derivada da especialização e recuperar a perspectiva unitária do saber. As disciplinas tendem naturalmente à especialização necessariamente fragmentada, enquanto a pessoa humana clama por síntese e unidade.

Nos processos próprios da universidade católica, como estamos procurando desenvolver nos quatro núcleos temáticos, se vão assimilando a busca pela verdade com a integração do saber e, da mesma maneira, o anúncio do Evangelho com a evangelização da cultura. Essa identificação indica que os dois núcleos temáticos – a busca pela verdade e o anúncio do Evangelho – são objetivos ou propósitos a serem alcançados enquanto a integração do saber e a evangelização da cultura ou a inculturação do Evangelho são métodos, procedimentos ou modos de se atuar correspondentes a cada uma delas, mas procedendo integrados tal como os seus respectivos objetivos, ou seja, considerando como finalidade o anúncio do Evangelho deve-se recorrer ao caminho da sua inculturação. De modo semelhante, para se realizar a busca pela verdade é necessário fazê-la por meio da integração do saber.

Prosseguindo com a inter-relação entre os eixos temáticos, o sentido do que deve ser realizado aponta para a radical necessidade do diálogo entre fé e cultura e o que deve ser realizado é a evangelização da cultura. Essa evangelização se realiza na universidade no marco da busca pela verdade, que é a tarefa própria da universidade, e se completa, na universidade católica, com o anúncio do Evangelho que complementa e enriquece a busca pela verdade. Tudo isso conflui rumo à integração entre fé e vida como concretização vivencial e a sua respectiva consequência prática.

F. George, ao contextualizar a *ECE* para a sua aplicação nas universidades católicas norte-americanas, assegura que nelas a identidade católica era dada pela instituição em si, independente da profissão de fé dos seus membros em particular; o que quer dizer que, independente de as pessoas que estão dentro da universidade

serem ou não católicas, a universidade possui uma identidade e uma missão que são católicas e tem por isso uma personalidade definida e definidora e, o que é mais decisivo, uma vocação que deve ser vivenciada pela maioria dos seus integrantes.<sup>415</sup> Isso, naturalmente, se refere ao espírito original que inspirou a fundação das universidades católicas, a iluminação a partir de onde provém o olhar retrospectivo que essas instituições católicas possuem como referencial.

A fé em Jesus Cristo pressupõe a fé no ser humano feito à imagem de Deus (Gn 1,26), portanto, portador da mais alta dignidade que o faz pessoa, capaz de realizar-se na liberdade e na fraternidade; não separadas, mas, por sua inter-relação e interdependência constituem o ser humano em ser capaz de amar, de comunhão e comunicação que se realiza plenamente na comunidade, na Igreja e a partir desta ama os demais através da doação generosa, da solidariedade, da compaixão, especialmente para com os mais carentes, os mais necessitados, os marginalizados.<sup>416</sup> Essas qualidades e virtudes se implicam mutuamente.

Pastoralmente, os sinais dos tempos se identificam como voz e interpelação de Deus que convida à mudança, ao compromisso pelo Reino e são o critério de discernimento dos sinais dados por Jesus, o Cristo, o Senhor da história na qual se revela o rosto humano de Deus e o rosto divino do ser humano. Para se ler esses sinais teologicamente e de forma adequada, já que não se manifestam de forma imediata, faz-se necessário penetrar no seu interior, confrontar a realidade com a Sagrada Escritura e o ensinamento da Igreja por meio de uma “conversação hermenêutica”, com perguntas-chaves por meio das quais a realidade é interpelada, como são interpeladas também a Palavra e a pessoa. Finalmente, a interpelação dos sinais requer um compromisso, uma resposta em que a fé e as obras estejam sintetizadas, como ilustram os fatos nos quais se afirma a vida em meio a condições de morte e de violência; sinais de libertação e de justiça em uma sociedade na qual há tanta injustiça e exclusão; sinais de solidariedade em um mundo egoísta e discriminatório; fatos que garantam o valor e a dignidade da pessoa humana em uma realidade na qual se impõem o prestígio e os privilégios e se negam os direitos

<sup>415</sup> GEORGE, F., *L'application d'Ex Corde Ecclesiae dans les universités catholiques américaines*, p.433.

<sup>416</sup> SILVA, E.; COSTADOAT, J., *Centro Teológico Manuel Larraín: una interpretación teológica del presente*, p.506.

fundamentais do ser humano; a afirmação da verdade e da honestidade que denunciam e desmascaram a mentira e a corrupção.<sup>417</sup>

João Paulo II assinala duas condições para o diálogo entre fé e cultura. Trata-se de dois aspectos específicos do item anteriormente visto, a busca pela verdade – a verdade sobre Deus e a verdade sobre o ser humano. É necessária a fidelidade à Palavra de Deus, à verdade que é revelada por meio de Jesus Cristo e que se explicita na evangelização. Essa busca e essa fidelidade à verdade que é Deus devem estar amparadas na reflexão da verdade sobre o ser humano, a fim de superar uma ideia historicista que torna provisórios os valores fundamentais, que intenta conduzir tudo a um relativismo ideológico e moral.<sup>418</sup>

O exercício do labor universitário obedece a um projeto coletivo no qual se inserem livremente os projetos pessoais, particularmente dos professores; nesses processos se contempla a realidade da vida de cada um, com diferentes níveis de comprometimento, para o enriquecimento de todos, além do aspecto comunitário, efeito da interação dos diferentes projetos. O projeto global é resultante da sinergia entre as pessoas, o que requer clareza quanto à missão e às finalidades, coordenação, coerência, persuasão e convicção, tudo isso é tão ou até mais importante que os investimentos financeiros. Quanto aos projetos pessoais, esses serão permeados pela identidade católica da universidade.<sup>419</sup> Não haverá verdadeira universidade católica sem que se logre atrair e conservar nela homens e mulheres para os quais formação e investigação são uma contribuição à prefiguração do Reino, vivida à luz e com a animação da fé, no marco de uma instituição cristã (DSD n.53).

Com a compreensão de que a cultura deve estar aberta à transcendência da vida humana, se pode concluir que compete à universidade católica, como objetivos primordiais: 1) a promoção de uma cultura integral; 2) a formação de seres humanos sábios e abertos à santidade; 3) o testemunho cristão – dentro do que for possível, é importante que esteja presente na atuação dos educadores.<sup>420</sup> A universidade católica tem uma dimensão social que deve favorecer o cuidado e a atenção especial

<sup>417</sup> PERESSON, M., *Evangelizar Educando*, p.103-12.

<sup>418</sup> Resposta do papa João Paulo II à alocução do então superior geral da Companhia de Jesus, P. H. Kolvenbach. *La mission des Jésuites dans l'enseignement supérieur*. In: *Documentation Catholique* n.1910, p.90.

<sup>419</sup> BOHM, D., *Diálogo: comunicação e redes de convivência*, p.34; BUBER, M., *Eu e tu*.

<sup>420</sup> DOIG, K. G., *Juan Pablo II y la cultura en América Latina*, p.169-76.

à pessoa: as universidades católicas são como as outras, enquanto se responsabilizam pelo estudo e pela investigação, mas o fazem à luz do anúncio cristão; a credibilidade do testemunho e a capacidade de diálogo são o que há de mais persuasivo no âmbito universitário. À universidade compete mostrar de maneira clara que são possíveis atitudes e ações concretas para a superação dos problemas cotidianos das pessoas e da sociedade,<sup>421</sup> para isso ela deve investir na promoção do bem espiritual dos que a ela pertencem, oferecendo-lhes ajuda em sentido amplo. A teologia, na universidade católica, deve manter viva a pergunta sobre a origem e o destino do ser humano, do mundo e da história – ela está a serviço da Igreja, mas também das ciências e do mundo.<sup>422</sup>

#### 4.8.5

#### Síntese do ideal da evangelização da universidade católica

A especificidade da universidade é, obviamente, o ensino, a pesquisa e a formação integral dos estudantes, características que, na universidade católica ou de inspiração cristã, devem contribuir para o progresso do conhecimento humano à luz da fé cristã por meio do respeito a princípios éticos nos âmbitos e nos métodos de pesquisa, bem como pela presença de um horizonte cristão que assinale as fronteiras de cada disciplina (14-19). Além disso, devem estar a serviço da sociedade por meio do estudo dos graves problemas contemporâneos (32), insistindo na concretização da justiça social (34), criticando as contradições existentes nas culturas do mundo de hoje e promovendo um contínuo e proveitoso diálogo entre o Evangelho e a sociedade atual (45).

Esse quadro ideal se depara com inúmeros desafios para tornar-se realidade na universidade católica nos dias atuais. O pluralismo cultural e religioso no interior da própria instituição, a diversidade das chaves de leitura utilizadas pelos docentes nas suas respectivas áreas do saber, a sucessão ininterrupta de novas informações, a dificuldade na obtenção de recursos materiais e a forte dependência dos interesses do mundo empresarial são alguns dos fatores, dentre outros já elencados no capítulo anterior, que constituem obstáculos a serem superados em vista da concretização dos princípios da *ECE* na universidade católica.

<sup>421</sup> MARIA, E. A., Trajetórias de estudantes bolsistas na PUC-Rio, p.43-7.

<sup>422</sup> PASSOS, J. D., Para o diálogo com a Universidade, p.282-6.

Os anos posteriores ao CV II e, sobretudo, mais recentemente, a ação do papa Francisco, como vimos anteriormente, atenuaram as consequências da imagem negativa da Igreja, todavia ela ainda permanece arraigada em muitas pessoas. A realidade eclesiológica e social atual evidencia a necessidade de se repensar o modo de garantir a identidade e atingir os objetivos da universidade católica.

Um ponto de partida deve ser o núcleo do cristianismo tal como atesta o Evangelho. O fundamento de toda a evangelização é a proclamação que Jesus Cristo faz da irrupção do Reino de Deus – em primeiro lugar na sua própria pessoa: “cumpriu-se o tempo, está próximo o Reino de Deus” (Mc 1,15). Reino de Deus, como já mencionamos, é uma expressão sempre presente na atividade de Jesus e significa a soberania de Deus, um domínio proveniente da força do amor em vista da promoção de vida. O Reino de Deus pode ser caracterizado também como o projeto de Deus para a humanidade, um projeto que visa possibilitar uma convivência possível e plena em favor de todos os seres humanos.<sup>423</sup> Nas palavras e ações de Jesus, Deus se revela como alguém que deseja a felicidade dos seres humanos,<sup>424</sup> que deseja uma humanidade que se constitua como uma grande família no interior da qual o respeito e o amor mútuo tenham lugar. Tal projeto foi já iniciado no Antigo Testamento, ocasionando a formação de um povo por meio da lei e dos profetas, sempre na expectativa de sua realização em um futuro, cuja plenitude é alcançada em Jesus de Nazaré.<sup>425</sup>

As palavras e ações de Jesus visam despertar a fé e a confiança em Deus, sobretudo por meio das parábolas e dos prodígios que expressam com simplicidade o rosto do mistério denominado Deus. Em Jesus, Deus se mostra misericordioso e paciente com as limitações próprias da condição humana, ao mesmo tempo que é também sensibilizado com a situação de sofrimento padecida pelos pobres, pelos injustiçados na sociedade. Uma leitura atenta do sermão da Montanha (Mt 5-7) corrobora essa afirmação e deixa claro que as relações pessoais corretas e fraternas são mais valiosas para Deus do que requintadas cerimônias ou tradições religiosas a serem observadas. Jesus relativiza o repouso sabático, o templo e as personagens religiosas sempre que conflitem com um ser humano em necessidade, “(...) o sábado

<sup>423</sup> CASTILLO, J. M., El Reino de Dios: por la vida y la dignidad de los seres humanos, posição:2920: “Os evangelhos sinóticos utilizam a expressão Reino de Deus 121 vezes”.

<sup>424</sup> CASTILLO, J. M., Deus: e nossa felicidade, p.25; CASTILLO, J. M., Espiritualidade para insatisfeitos, p.73-92.

<sup>425</sup> LOHFINK, G., Deus precisa da Igreja?

foi feito por causa do homem e não o homem por causa do sábado” (Mc 2,27). Desse modo Jesus revela o rosto de Deus, já que ele é sua expressão humanizada (Jo 14,9). A revelação de Deus realizada por Jesus não foi restrita a declarações teóricas, mas visibilizada por meio das curas, do perdão oferecido indiscriminadamente e do seu comportamento acolhedor diante da mulher, da criança e do pobre. Em todas essas atitudes, ele deixa evidenciado que Deus promove a vida, a felicidade e a dignidade de todo e qualquer ser humano.

A vida de Jesus Cristo é toda ela voltada inteiramente para os outros, por isso determina a identidade do que é o cristão e caracteriza sem mais o que seja o cristianismo e confere à Igreja sua razão de ser, que é trazer à humanidade o projeto de Deus. É fato que esse projeto de Deus não se realiza perfeitamente nesta vida, pois, sendo os seres humanos dotados de liberdade, nem todos acolhem esse projeto, preferindo viver voltados para si mesmos, cultivando ambições de poder, de prestígio, de bens materiais à custa de seus semelhantes. Assim como ocorreu com Cristo ressuscitado, também com os seres humanos a vida plenamente feliz só se dará na vida em Deus, em uma comunidade fraterna caracterizada pelo amor e pela justiça.<sup>426</sup> Entretanto, já no decorrer da vida terrena o projeto de Deus acontece cada vez que o ser humano se volta para o seu semelhante praticando ações gratuitas (caridade efetiva) que estarão presentes no Reino definitivo na outra vida, pois constituem a pessoa plasmada ao longo de sua vida através do uso de sua liberdade, conforme é apresentado pelo evangelista Mateus na narrativa do juízo final (Mt 25,31-46).

Inclusive para os que não professam nenhuma fé, a pessoa de Jesus Cristo impressiona pelo cuidado com os outros, pela sua humanidade.<sup>427</sup> Jesus não assumiu uma natureza humana abstrata, ele mostrou ao longo de toda a sua vida terrena o que significa ser realmente humano: levar vida, ânimo, esperança, sentido, em uma palavra, amor, a seus contemporâneos, nada recusando do que constituía o normal da vida humana. Jesus, sem prejuízo para a divindade, é plenamente

<sup>426</sup> BOFF, L., A santíssima trindade é a melhor comunidade. Nesta obra Leonardo Boff reproduz, em linguagem mais acessível, o que expôs em seu outro livro *A Trindade, a Sociedade e a Libertação*. Ele reflete sobre a Trindade partindo da comunhão das três pessoas e examinando as características de cada uma. O autor critica concepções trinitárias que partem ora de uma pessoa, ora de outra, prejudicando, segundo ele, a perfeita harmonia trinitária. O mistério da Santíssima Trindade permaneceu distante da piedade dos fiéis, pois se acentuava tanto seu caráter de mistério que a grande maioria preferia ficar apenas com o conceito de um só Deus, onipotente, criador do céu e da Terra.

<sup>427</sup> CASTILLO, J. M., *Jesus. A humanização de Deus*, p.282-301.

humano, “tão humano como só Deus pode ser humano” – essa afirmação clássica se fundamenta no fato de que ele veio mostrar o caminho para quem quer ser divino: que seja antes de tudo profundamente humano (Fl 2,6-11), “todo aquele que segue Cristo, o homem perfeito, torna-se ele também mais homem” (GS n.41). Em palavras do papa Francisco: “Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro” (EG n.8). Tomás Halík diz que “num mundo hominizado, mas não humanizado, as pessoas se sentem perdidas”<sup>428</sup>. Por isso deve-se manter, em geral, uma atenção renovada para as condutas que sirvam de freio para a lógica do individualismo, da competição e do desejo de ser o mais importante; modos que elucidam o proceder de uma “ética da solidariedade” como afirma o papa João Paulo II (SRS n.38).

Isso significa que o cristão se caracteriza, como tal e antes de tudo, por assumir o modo de vida de Jesus Cristo, mais do que por confissões doutrinárias, recepção de sacramentos, fidelidade a tradições religiosas, de modo que o humano autêntico coincide com o que é definido como cristão e vice-versa, o cristão autêntico é humano. O cristianismo, portanto, se revela como um humanismo que é revelado pelo próprio Deus na pessoa de Jesus Cristo. Isso significa que tudo o que promove o humano está de acordo com o cristianismo e por outro lado tudo o que diminui o ser humano em sua dignidade é não apenas desumano, mas também anticristão, mesmo que seja realizado pela Igreja ou em nome de Deus. O cristianismo não rejeita nada de humano, mas se posiciona contra tudo o que desumaniza a pessoa. O cuidado com o outro, a partir da fé cristã, implica renúncia de si próprio, podendo gerar incompreensão diante do individualismo presente na cultura contemporânea.<sup>429</sup>

Para o cristianismo, sagrado é antes de tudo o ser humano, como fica bem evidenciado, por exemplo, na parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37). Contudo, o cristianismo não se reduz a um humanismo antropocêntrico, o seu centro está em Deus, portanto, há nele uma dimensão transcendente. Eis o motivo do núcleo da fé cristã necessitar se expressar em uma doutrina, ser celebrado em um culto, se manifestar em normas morais e ser vivido em uma comunidade de fiéis. Trata-se

<sup>428</sup> HALÍK, T., A noite do confessor, p.223.

<sup>429</sup> MERTON, T., A Igreja e o mundo sem Deus, p.24: “O Deus que está conosco nos faz viver no mundo, sem usá-lo como hipótese que funciona”.

dos sinais exteriores da fé, necessários à vida cristã. O problema está no fato que, em muitos momentos da história, tem sido posta mais ênfase na dimensão religiosa da fé do que na sua vivência a partir do Evangelho. O cristianismo tem sido, muitas vezes, reduzido a confissões doutrinárias, observação de preceitos morais, devoções e práticas de piedade, constitutivas de qualquer religião, porém relativizadas em face do amor fraterno como ensinam Paulo (1Cor 13,1-3) e João (1Jo 4, 20s), ambos, obviamente, inspirados em Jesus Cristo. A separação entre natureza e graça, cotidiano e salvífico, que marcou o inconsciente católico por muito tempo, hoje se encontra teoricamente superada, mas ainda restam resquícios, cujas consequências são nefastas para a presença e atuação da fé cristã na universidade católica.

Deus é uma realidade transcendente, mas só pode se manifestar na realidade imanente, uma vez que essa é a única acessível ao ser humano. Logo, ao afirmar a centralidade do amor fraterno no cristianismo, ao considerar o ser humano como a instância de encontro com Deus e se empenhar na luta em favor de salvar a dignidade do ser humano, o cristianismo mantém-se fiel à sua identidade, pois o humanismo cristão tem por base e ponto de partida a revelação e a própria pessoa de Jesus Cristo, perspectiva segundo a qual se pode afirmar que toda a realidade foi criada em vista de Jesus Cristo (Cl 1,16), a humanidade de Jesus precede e atua como matriz de todo o gênero humano (Jo 1,9). Como consequência, o CV II afirma que “Cristo manifesta o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação” (EG n.22). A revelação do que deve ser o ser humano se encontra na própria vida terrena de Jesus Cristo, cuja existência humana não pode ser desvinculada de seu projeto de vida, que era também o projeto do Pai: fazer irromper na humanidade o Reino de Deus de tal modo que todos se tornem a família de Deus (Mt 12,48-50).

Na cultura atual marcada pelo culto à eficiência e à produtividade, refém do lucro inclusive às custas da pessoa humana diminuída em sua dignidade, a missão evangelizadora da universidade católica e do cristianismo como um todo é, antes de tudo, humanizar a sociedade, contribuindo para que as pessoas possam encontrar o sentido de sua própria dignidade, liberdade e transcendência. Neste esforço se encontra Deus, cuja presença acompanha a busca sincera que indivíduos e grupos efetuam para encontrar apoio e sentido para a sua vida. “Ele vive entre os cidadãos promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, de verdade, de justiça” (EN n.71), portanto, ao atuar objetivando a humanização do ser humano,

em particular se está trabalhando em favor da salvação da humanidade toda. De acordo com o projeto de Deus, a humanização integral possibilita ao ser humano ir além do conhecimento racional, essa abertura constitui um mistério intrínseco ao ser humano, como diz B. Pascal: “o homem ultrapassa infinitamente o homem”<sup>430</sup>.

Atualmente, as expressões religiosas não são mais captadas pela maioria dos jovens com a intensidade com que foram outrora. A linguagem utilizada nos pronunciamentos do magistério e na liturgia eucarística é tida muitas vezes como obscura e distante da realidade deles. A consequência disso é a dificuldade, sobretudo das gerações mais jovens, de se ter acesso ao coração da fé cristã<sup>431</sup>. Como afirma o papa Francisco: “somos fiéis a uma formulação, mas não transmitimos uma substância” (EG n.41).

A missão evangelizadora da universidade católica consiste na ênfase em favor da vivência dos valores cristãos no ambiente acadêmico e faz isso por meio da inculturação do Evangelho – o que só será possível no contexto preparado para o diálogo entre fé e cultura. A evangelização da cultura não é sinônimo de doutrinação, uma vez que é um processo que supõe reciprocidade, considerando a realidade local na sua dimensão de universalidade, de comunhão com a Igreja, devendo chegar a todos os membros da comunidade universitária a fim de suscitar o diálogo inter e também suprarreligioso.

Remonta ao CV II o início da tomada de consciência da necessidade de uma renovada forma de humanismo cristão com ênfase na dimensão sociocultural. O CV II sublinha a existência da cisão que há entre a fé que muitos professam e as suas respectivas vidas cotidianas. O mundo se mostra fragmentado<sup>432</sup> em contraste com o período da cristandade, em que a mensagem cristã era imposta às pessoas juntamente com os demais componentes do horizonte cultural. Nos tempos atuais, um procedimento como esse resultaria estéril e suscitaria animosidade. Assim, a tarefa da universidade católica por meio da teologia pastoral consiste em apresentar a mensagem cristã implícita no evento Jesus Cristo como uma modalidade de

<sup>430</sup> PASCAL, B., Pensamentos, §131.

<sup>431</sup> MORANO, C. D., Crer depois de Freud. O psicanalista e jesuíta C. Morano procura fazer nesta e também em outras obras a reconciliação entre a experiência psicanalítica e a experiência da fé, aplicando a esta o que de mais válido se encontra no texto freudiano. Oração, imagem de Deus, culpa, pecado e salvação, sexo, poder e dinheiro são alguns dos aspectos abordados por ele à luz da psicanálise.

<sup>432</sup> *Gaudium et Spes*, n.43; FIUC, 50 anos após o Concílio Vaticano II, p.53: “Uma contribuição maior do Vaticano II em relação aos ensinamentos precedentes da Igreja reside na sua vontade de compreender a situação das mulheres e dos homens no mundo contemporâneo”.

realização da própria liberdade. A generosa oferta de fontes de sentido, na atual sociedade, e a liberdade usufruída por cada um para assumir as que preferir, fazem com que o imperativo da escolha se torne uma necessidade nos tempos atuais. Naturalmente, pesarão as modalidades de autorrealização dominantes e impulsionadas pela mídia, embora elas nem sempre sejam seguidas, já que episódios de rebeldia se sucedem. A fé cristã assumida como uma possível modalidade de vida parte de dentro da pessoa, considera a instituição, mas, em um segundo momento, se comprova e se fortalece na própria caminhada. Desse modo, poderá conseguir um contato pessoal com Jesus Cristo, com os valores centrais do Evangelho, que, com frequência, não são devidamente percebidos e valorizados, dada a multiplicidade dos discursos doutrinários e morais provenientes da hierarquia. Por conseguinte, o cristianismo terá maior chance de aparecer em sua verdade profunda como um ideal de vida atraente, que mobiliza liberdades e faz nascer comunidades. Caso contrário, poderia ficar soterrado e restrito a práticas tradicionais, a proibições morais, a formulações doutrinárias, que não são supérfluas, mas carecem de força apelativa.

A fé cristã como uma real possibilidade de se viver a aventura da vida deverá se confrontar com a ótica individualista que hoje predomina. Em tudo, também nas religiões, se busca a realização de suas potencialidades, a paz interior, o equilíbrio, o consolo afetivo, o que acarreta uma redução do ideal cristão, cuja plenitude só se dará na outra dimensão da vida. Neste contexto de prevalência da secularização, a autorrealização pessoal pretendida deve dar-se nesta vida e imediatamente. O “já” e o “ainda não” do Reino de Deus são como que separados a favor de uma felicidade que não se relaciona com Deus, mas no cumprimento de expectativas meramente humanas. Cabe à teologia pastoral demonstrar como a liberdade humana não tem sua realização exaurida em si mesma, mas que chega à sua meta ao se voltar para o próximo necessitado, no amor fraterno e na construção de uma sociedade mais justa, propósito este que só atingirá sua realização plena na outra vida em Deus. Cabe também à universidade católica promover o devido espaço para a atuação da liberdade individual do cristão que dela faz parte de algum modo. Não tem mais lugar a antiga concepção de que tudo possa ser ditado de cima. A realidade vivida pelos cristãos nem sempre é acessível aos responsáveis pelo Magistério eclesial. Vale mais oferecer critérios à luz dos valores cristãos para que se chegue a determinada opção do que exigir um ideal distante que dificilmente será realizado.

Se assim o fizer, a Igreja perde credibilidade e as pessoas dela se afastam, criando um perigoso fosso entre a hierarquia e os fiéis. Cabe igualmente à teologia, nos dias atuais, particularmente no âmbito universitário, não apenas explicitar e atualizar as expressões das verdades cristãs, mas principalmente argumentar a fim de que a vivência e a apreensão pessoal dessas verdades aconteçam ao longo da vida em um processo natural, com características próprias da condição humana, sem culpabilizar de antemão os que não correspondem perfeitamente às formulações doutrinárias ou às normas morais.

#### 4.9

#### **O anúncio dos valores crísticos na universidade católica**

Anunciar Jesus Cristo para a universidade católica não é uma opção ou escolha a ser feita dentre outras alternativas, trata-se de uma missão essencial que marca a vida cristã no contexto acadêmico, uma vez que a universidade católica reveste-se de grande significado – a educação é um lugar privilegiado de evangelização e de promoção humana.<sup>433</sup> A universidade católica tem por missão expressar uma presença baseada no Evangelho, cujo fundamento deve ser cristocêntrico, ainda que seja preferível em certas circunstâncias expressá-la por meio de valores crísticos<sup>434</sup>, por respeito e em vista da inclusão dos não-cristãos. Contudo, a fé cristã deve ser o eixo central a partir do qual se fundamentam todos os demais princípios e em torno do qual se desenvolvem todas as suas ações.

Uma das características inerentes ao cristão é o cuidado com o outro, o que implica não se deixar aprisionar pelo egocentrismo coexistente no ser humano ao lado de virtudes e de atitudes altruístas, como ilustra a parábola do joio e do trigo (Mt 13, 24-30). O cuidado com o ser humano é um critério que emana do Evangelho e se contrapõe a uma mentalidade que apresenta uma religiosidade a ser vivida de forma individualística. Tal religiosidade é descompromissada, distante da comunidade de fé.

Dentre muitas outras, uma prova evidente dessa religiosidade superficial encontra-se no fato de que o continente latino-americano, uma região onde a

<sup>433</sup> JULIATTO, C. I., Educação católica: desafios e perspectivas, p.33.

<sup>434</sup> MIRANDA, M. F., Vislumbres de Deus, p.18: “(...) toda a criação tem uma dimensão crística (...) toda criatura alcança sua realização plena e perfeita no próprio Deus. Esse dinamismo é intrínseco a qualquer criatura (Rm 8,19-23), embora somente o ser humano tenha conhecimento dele”.

maioria dos habitantes professam a fé cristã, é uma das regiões do planeta em que há uma gigantesca concentração de riquezas e, conseqüentemente, uma enorme desigualdade social. Não há dúvidas de que a universidade católica, assumindo sua identidade cristã, tem uma grande responsabilidade em colaborar efetivamente para que esse quadro seja alterado, pois se se contentar em formar profissionais que irão seguir perpetuando as práticas de exclusão e de opressão, ela estará sendo igual ou quicá pior que as demais, estará renunciando a raiz de sua identidade e missão que é realizar o seu labor educativo em consonância com o Evangelho de Jesus Cristo, cuja promoção do humano é muito evidente.

É necessário enfatizar que o projeto de Deus, a implantação do Reino, o advento de uma sociedade fraterna e justa, caracterizou a vida e a pregação de Jesus e deve caracterizar igualmente a vida e a pregação da Igreja. O papa Francisco diz que a Igreja deve ser “um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual do que à sua autopreservação” (*EG* n.27). É missão da Igreja manter vivo e atual, por meio dos cristãos, ao longo dos séculos, o projeto de Deus para a humanidade. Essa é a missão da Igreja na sociedade e para a sociedade. Essa é, igualmente, a missão evangelizadora e o sentido da universidade católica na sociedade e para a sociedade.

Tudo isso, além de ser o cumprimento do que Jesus Cristo pede aos cristãos e à sua Igreja, é também a concretização do conteúdo expresso na *ECE*, uma vez que essa é uma preocupação básica que perpassa as suas páginas. Trata-se da “defesa e desenvolvimento da dignidade humana” (*ECE* n.12), que consiste na preservação do ser humano em toda a sua plenitude. É neste mesmo horizonte cristão que deve ser pensado o significado de cada disciplina (*ECE* n.9), uma vez que todo “saber deve servir à pessoa humana” (*ECE* n.18), bem como todo o progresso educativo deve ser dirigido ao progresso integral da pessoa, enriquecendo o sentido da vida humana e lhe dando nova dignidade (*ECE* n.20). Para isso, “todos os professores devem ser inspirados por ideais acadêmicos e por princípios de uma vida autenticamente humana” (*ECE* n.22). Portanto, “o sentido da pessoa humana, a sua liberdade, a sua dignidade, o seu sentido de responsabilidade e a sua abertura ao transcendente” (*ECE* n.45) constituem um critério fundamental no cotidiano da universidade católica.

A gratuidade é constitutiva do ser divino e também um traço divino no ser humano, cuja plena realização consiste na vivência do amor. Toda instituição,

atividade, concepção de vida, só tem sentido de existir se estiver voltada para a promoção da vida do ser humano. Não é este o humanismo autêntico? Não é este o sentido do cristianismo? Não é, portanto, também essa a finalidade última da universidade católica?

O núcleo da fé cristã tem a ver com o sentido último de toda a realidade criada e de toda a existência humana. Assim sendo, a simples existência, na universidade católica, de disciplinas diversas já é indicativo de que a realidade é necessariamente abordada a partir de chaves de leituras diversas, no entanto, todas elas visando desvendar a realidade, cada uma a seu modo. Todo conhecimento pressupõe sempre um horizonte de compreensão, um prisma interpretativo, que contém uma determinada interpretação embutida. As mais diferentes ciências presentes na universidade podem apresentar tão somente objetivos parciais, funcionais; verdadeiros, porém limitados e, portanto, com validade restrita ao seu respectivo campo epistemológico.

A questão sobre o sentido último de toda a realidade não é respondida pela somatória das disciplinas isoladas. Na sua contingência, o ser humano é incapaz de explicar o porquê da própria existência e, menos ainda, o porquê da existência da totalidade da realidade. A consciência proveniente da experiência de contingência é o que remete o ser humano a uma realidade transcendente em relação à razão suficiente do mundo existente. O sentido último da realidade e da história não pode provir da razão humana, pois enquanto situada no interior da história ela é datada, limitada e em contínua mutação. Portanto, o sentido último somente pode vir do que transcenda a história e esteja, portanto, fora dela. Diante do mistério da vida se deparam tanto o ateu como o agnóstico e o cristão. Para o cristão o sentido último de tudo é inalcançável pelas leituras realizadas no nível da inteligência humana, uma vez que tanto a inteligência como, conseqüentemente as suas respectivas leituras são inevitavelmente parciais. O sentido último, para o cristão, é oferecido e captado pela sua fé nesta realidade transcendente chamada Deus, mistério em princípio, inacessível ao ser humano, porém revelado na vida e na pessoa de Jesus Cristo.

Deus pode ser negado pelos ateus, posto em questão pelos agnósticos, acolhido pelos cristãos mediante o uso da liberdade que constitui a opção da fé. Deus ultrapassa o âmbito da inteligência humana, cuja finitude coincide com os objetos de conhecimento. Para os cristãos o sentido último da existência é o próprio

Deus revelado em Jesus Cristo, um Deus que ama todos os seres humanos indistintamente (Mt 5, 45), um Deus que com ele se identifica (Mt 25,40), um Deus que se compadece de seu sofrimento (Lc 7,13), a tal ponto que crer nesse Deus, acolhê-lo, amá-lo, será sempre uma verdade salvífica – desde que o ser humano assuma o seu comportamento tal como foi revelado na vida de Jesus Cristo.

Desse modo emerge o núcleo da identidade cristã que deve conferir uma identidade a ser vivida na universidade católica. Dessa compreensão decorre que nela esteja atuante a consciência da presença de Deus como sentido último de todas as suas atividades. Não um Deus abstrato, longínquo, indefinido, como o Deus dos deístas, mas sim um Deus próximo, acessível no outro ser humano. Um Deus cujo projeto para a humanidade foi revelado na proclamação do Reino pelo mestre de Nazaré, um Deus a ser acolhido e confessado na prática da solidariedade com o próximo, um Deus que atua continuamente em cada ser humano por meio da ação do Espírito Santo, um Deus de misericórdia inesgotável. Com a velocidade das transformações socioculturais, a questão de Deus ganha atualmente uma grande importância em face de uma sociedade que não mais acredita no passado, não consegue prever o futuro e vive perplexa a complexidade do presente, ansiosa por uma referência realmente substantiva que a oriente.<sup>435</sup>

Na universidade, naturalmente, cada disciplina usufrui de plena autonomia no que se refere ao seu nível epistemológico, à sua metodologia específica e à sua racionalidade própria. Entretanto, em uma universidade católica deve estar presente e enfatizada também a preocupação com o ser humano e com os problemas que o afligem e esta deve ser uma atitude que permeie todas as áreas de pesquisas e todas as disciplinas. Essa preocupação necessita estar entre os critérios de escolha dos objetivos de cada pesquisa. Essa preocupação própria da visão cristã do ser humano e do mundo deve possibilitar que as pesquisas nas mais diferentes áreas possam desvendar a realidade em proveito da pessoa humana. Este objetivo deve estar presente nas ciências sociais, nas exatas, mas também na arte, na literatura, na história, na pedagogia etc. Neste momento histórico marcado pela hegemonia do

---

<sup>435</sup> MIRANDA, M. F., Um homem perplexo: o cristão na sociedade, p.13: “Não se pode negar que atravessamos uma época crítica, devido a uma multiplicidade de fatores, agindo conjuntamente e provocando o surgimento de fenômenos indesejados, com os quais estamos forçosamente convivendo”.

fator econômico em todas as esferas da vida, a postura de valorização da vida humana é de suma importância.

O objeto de pesquisa de cada disciplina influencia os que a ela se dedicam com o risco de confiná-los em uma modalidade específica de racionalidade, em um horizonte de compreensão determinado, em um olhar diferenciado para a realidade, que justificam compreensões e práticas. Reside aí o perigo de desconsiderar o que se situa fora de seu foco científico. A pretensão de fazer um juízo sobre toda a realidade a partir de sua própria chave de leitura deforma e delimita o que se compreende por “realidade” ou provoca pseudojuízos sobre ela. O sentido último da realidade a ser oferecido na universidade católica alerta para esta tentação, indicando que a questão de Deus ultrapassa o âmbito espaço-temporal da física, ela denuncia a pretensão de qualquer organização social querer ser perfeita e definitiva. O ser humano, embora situado sempre no interior de um determinado horizonte, acaba por se perguntar pelo sentido último de sua existência, pois toma consciência que através do exercício de sua liberdade está construindo sua própria autobiografia e constituindo, simultaneamente, a sua própria pessoa histórica.<sup>436</sup>

É necessário ter presente que todo estudioso é, antes de tudo, um ser humano, cuja vida ultrapassa o seu ramo de saber e a sua respectiva especialidade. As suas experiências humanas se revelam mais ricas e diversificadas que as suas leituras de cunho científico, por mais elevadas e sublimes que essas possam vir a ser. As experiências estéticas ou místicas, bem como a experiência da confiança, da esperança, do amor não são passíveis de verificação em laboratórios, mas nem por isso deixam de ser verdadeiras, antes apontam para a existência da fonte de conhecimento intuitivo e integral que o ser humano sente e pressente. É normal que possa surgir em qualquer setor do conhecimento a questão de prioridades na pesquisa e no ensino, bem como podem aparecer problemas éticos a serem considerados, como já se deu na engenharia genética e atualmente ocorre, por exemplo, na neurociência.

Além da pesquisa, na universidade católica, também o ensino deve se distinguir por dar importância aos valores cristãos que culminam na solidariedade e na sensibilidade em favor do outro. Isso é atualmente de grande relevância, uma vez que a cultura se encontra influenciada pelo individualismo e pela

---

<sup>436</sup> MIRANDA, M. F., O desafio do agnosticismo, p.425.

competitividade – ambos exacerbados. Vê-se muito o peso do testemunho pessoal que cada docente transparece, ainda que informalmente, no exercício de sua atividade acadêmica, devendo também se manifestar explicitamente diante das questões que exigem um juízo de valor para serem respondidas, embora sem intransigência ou apologética.

O cristianismo pode ser caracterizado como um humanismo bem qualificado, uma vez que resgata toda e qualquer atividade em favor do semelhante, sobretudo do menos favorecidos, como uma atividade cristã. Essa afirmação se situa na tônica que caracteriza a instituição como sendo católica. Essa dimensão que assinala a catolicidade da universidade deve estar presente no *campus* como uma mentalidade específica que distingue os relacionamentos humanos, as decisões a serem efetuadas, a hierarquia de valores vigentes, mentalidade essa que deve ser percebida e, no que for possível, praticada por todos que frequentam a universidade católica. Fazer o bem (Rm 2,7), testemunhar a gratuidade (Lc 14, 12-14), pôr-se a serviço dos demais (Mc 10, 43-45; Jo 13,15), levar vida aos outros (Jo 10,10) são todos valores cristãos e constituem o que diferencia a universidade católica de outras instituições de ensino.

Tais valores, claro, podem ser também encontrados na sociedade civil. Embora secularizados e ignorando suas raízes cristãs, são muitas vezes proclamados e vividos por muitos que se encontram distantes da profissão de fé cristã, pelos mais diversos motivos, mas deverão ser acolhidos nas atividades realizadas em prol da pessoa humana. Esse fato não diminui a importância da realização de atividades especificamente católicas no interior da universidade, como celebrações, proclamação da Palavra de Deus, ensino religioso, espaços de silêncio, de oração, de escuta de testemunhos pessoais, de formação teológica, além de eventos temáticos que abordem a relação fé e ciência, a linguagem bíblica e a modernidade, a pessoa e o projeto de Jesus Cristo para a humanidade, a formação de grupos de estudo e de partilha sobre a vivência da fé, dentro ou fora do *campus*, em vista da formação de um laicato adulto.<sup>437</sup>

---

<sup>437</sup> PAGOLA, J. A., Grupos de Jesus. A proposta do autor é fornecer subsídios provenientes de textos dos Evangelhos a fim de fomentar pequenos grupos cristãos para que se reúnam para ler, refletir e meditar o Evangelho, e extrair desses encontros a seiva espiritual para alimentar sua vida comunitária e sua fé.

Crer promovendo o humano no contexto universitário exige pensar conjuntamente criação e salvação, o humano histórico e o divino transcendente.<sup>438</sup> Como descobrir o divino no humano sem prejuízo à transcendência? Como não restringir o divino ao âmbito “religioso”? Como não simplificar o cristianismo reduzindo-o a um simples humanismo ou a uma religião?<sup>439</sup> Essas questões brotam do contexto sociocultural atual, elas se encontram intrinsecamente inseridas na configuração do cristianismo e sua respectiva tarefa evangelizadora. A partir da era constantiniana a religião católica passou de perseguida a religião oficial de todo o império romano. A missão evangelizadora de então consistia em “cristianizar” culturas, costumes e religiões em todo o continente europeu e a partir do século XVI essa mesma missão se estendeu a povos em outros continentes. Por detrás da evangelização desse período estava a presunção de superioridade da cultura ocidental aliada à convicção da verdade exclusiva do cristianismo.<sup>440</sup> A visão cristã do mundo que preponderou nesses vários séculos foi marcada pela união entre Igreja e Estado e gerou uma sociedade sob a égide do catolicismo. Havia o heroísmo de muitos missionários, porém é inegável a destruição de muitos povos e culturas impetrada pelos colonizadores europeus.

Com o início da era moderna e, sobretudo, pós-moderna, a cristandade perdeu força, sendo sucedida por uma sociedade pluralista e secularizada. Em lugar do teocentrismo do passado, emerge o antropocentrismo, o humanismo, a liberdade de pensamento, de opção religiosa, a autonomia do Estado, o pluralismo cultural. Essa realidade marcada por rápidas e sucessivas transformações em praticamente todas as esferas representa para o cristianismo um desafio, sua linguagem oriunda da Tradição tem tido muita dificuldade para se comunicar e caminhar na mesma velocidade das mudanças que não param de ocorrer na sociedade – uma consequência disso é o enfraquecimento da atuação apostólica no cristianismo.

<sup>438</sup> PEDROSA-PÁDUA, L., *O humano e o fenômeno religioso*, p.47: “No cristianismo, a noção de Deus é a do Deus-Ágape-Amor, revelado por Jesus Cristo, fundamento do ser pessoal da pessoa, e que longe de instrumentalizá-la, a impulsiona a se autorrealizar conforme a sua realidade pessoal”.

<sup>439</sup> “O cristianismo não é uma religião. Ou, se for, é uma religião da saída da religião. É um caminho de fé que opera pelo amor, um estilo de viver, nas pegadas de Jesus de Nazaré, que passou pelo mundo fazendo o bem. O que isso quer dizer para nós hoje? Que tudo que é religioso é mau? De forma alguma. Os gestos, os rituais, as normas, as fórmulas religiosas são boas, desde que enunciem a verdade de uma fé, de um sentido de vida que se expressa na abertura a Deus e ao outro”. BINGEMER, M. C. L., *O cristianismo: uma religião? Ou a saída da religião*.

<sup>440</sup> “Na prática, o que existia não era apenas a união de Igreja e Estado, mas a dependência da Igreja em relação ao Estado”. GRENZER, M.; IWASHITA, P. K., *Teologia e Cultura: a fé cristã no mundo atual*, posição:1098.

Diante desse cenário emergem perguntas. Como proclamar o Evangelho em uma sociedade cada vez mais marcada pela diversidade religiosa e cultural?<sup>441</sup> O contexto universitário é mais representativo desse quadro que, por exemplo, algum povoado no interior do país? A opção será partir da inculturação da fé e respeitar as especificidades de cada grupo social? Como fazer isso salvaguardando a identidade, a unidade e a universalidade próprias do cristianismo? Nos tempos em que a grande maioria da sociedade era composta de cristãos, a evangelização em todos os ambientes consistia basicamente no testemunho de vida e na pregação dos evangelizadores, no anúncio explícito da Palavra de Deus e na prática sacramental. Inclusive no ambiente universitário, apresentar doutrinas cristãs e administrar sacramentos era tido como suficiente para transmitir os valores cristãos. Essa realidade foi alterada, uma vez que de homogênea a sociedade passou a ser heterogênea, laica e pluralista. Como a universidade católica pode evangelizar no contexto atual? Apresentar manifestações cristãs de cunho devocional pode alimentar a ilusão de que isso seja evangelização, mas, pode estar sendo um cristianismo meramente tradicional, sem real incidência na vida dos que o aceitam,<sup>442</sup> assinalando a existência do hiato entre a fé formalmente professada e a vida cotidiana. A evangelização nos tempos atuais necessita considerar a pessoa concreta com os seus anseios e dificuldades reais, pois é nela que se concretiza a dimensão salvífica da mensagem cristã. Deus atua por meio dos sinais dos tempos, podendo se servir de mediações humanas, membros da sociedade, estando estes dentro ou fora de alguma profissão cristã.<sup>443</sup>

A preocupação com o ser humano constitui o ponto de partida da evangelização que considera o ser humano na sua identidade integral, essa é a vocação cristã a ser vivida e anunciada, particularmente, na universidade católica, como explicita a *ECE*, que considera o ser humano em toda a sua plenitude e o faz a partir da sua busca sincera pela verdade, como pressuposto para um “humanismo universal”(ECE n. 4); por meio da mútua colaboração em cada pessoa da razão e da fé, em vista da “medida plena de sua humanidade”(ECE n.5), pela colaboração

<sup>441</sup> OLIVEIRA, P. R., Tudo que é humano ressoa no coração da fé: discernir a missão universitária à luz dos sinais dos tempos.

<sup>442</sup> MIRANDA, M. F., A Reforma de Francisco, p.144.

<sup>443</sup> “Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo. ‘Nenhuma definição parcial e fragmentada, porém, chegará a dar razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização, a não ser com o risco de a empobrecer e até mesmo de a mutilar.’” *Evangelii Gaudium*, n.176; *Evangelii Nuntiandi*, n.17.

das diversas disciplinas “no quadro de uma visão da pessoa humana e do mundo iluminada pelo Evangelho”(ECE n.16), pela importância “da autêntica antropologia cristã” (ECE n.3), culminando no critério fundamental que é “o sentido da pessoa humana, a sua liberdade, a sua dignidade, o seu sentido de responsabilidade e a sua abertura ao transcendente” (ECE n.45).

A preocupação com o ser humano descrita na *ECE* e em outros documentos eclesiais não é um monopólio da Igreja, ela se manifesta em todos aqueles que promovem a verdade nas relações humanas, promovem a justiça social na sociedade, no esforço pela paz no mundo.<sup>444</sup> Não obstante tantos exemplos em contrário, certa sensibilidade humana pelo outro aparece nos dias atuais como um anseio comum a muitas pessoas. A constatação de que a preocupação humanista está presente para além dos pronunciamentos da Igreja pode dar a entender que há uma base comum a partir da qual poderia ser anunciada a mensagem cristã e, mais concretamente, desse modo a missão evangelizadora da Igreja na universidade católica poderia parecer uma renúncia da proclamação explícita da mensagem cristã no âmbito da universidade, porém, não é o caso.<sup>445</sup>

A preocupação com o ser humano perpassa toda a Bíblia. Ela expõe o projeto de Deus de fazer a humanidade participar de sua felicidade. A história da salvação expressa a pedagogia divina que visa educar um povo e constituí-lo como povo de Deus por meio da Torá e de líderes como Abraão, Moisés e os profetas. O ser humano é essencialmente sócio e o projeto divino que objetivava a constituição de uma sociedade sob a soberania de Deus já no Antigo Testamento era a preparação para a instauração do Reino de Deus que é o pano de fundo das palavras e ações de Jesus Cristo (Lc 4,21). A fé cristã se fundamenta no Deus de Jesus Cristo, cuja ação salvífica na história se realiza através dos seres humanos que, superando as suas tendências egocêntricas, se dedicam a ajudar o próximo. Crer no Deus do Reino proclamado por Jesus implica ser um fator de humanização na sociedade. Como afirma o apóstolo Paulo esta é em Jesus “a verdadeira fé que atua pelo amor” (Gl 5,6).

O humano integral como referência para a missão evangelizadora da universidade católica possibilita uma base comum para o diálogo e a colaboração mútua respeitando a diversidade cultural e religiosa. O humano integral inclui

<sup>444</sup> KUNG, H., *Religiões do mundo*.

<sup>445</sup> MIRANDA, M. F., *A universidade católica hoje*, p.17.

elementos crísticos na sua compreensão, as suas raízes são cristãs, mesmo que não sejam invocadas como tais. Isso justifica o esforço aqui realizado em vista da promoção da dignidade da pessoa humana como sendo um aspecto legítimo do cristianismo e não uma estratégia oportunista.

Deus não se limita aos cristãos, ele atinge todo ser humano que assume a causa do Reino em favor de uma humanidade justa e solidária. A fonte cristã do autêntico humanismo é o que constitui o querigma salvífico, fundamentado na pessoa de Jesus Cristo, na sua vida, na sua mensagem com tudo o que há de apelo à liberdade, à alegria e à realização plena do ser humano.

## 5

### **O momento do agir, o discernimento a partir do diálogo em vista da realização da missão evangelizadora da universidade católica**

Este capítulo, conclusivo desta investigação, tem como objetivo principal recolher o resultado do confronto entre a realidade percebida (capítulo 3) e a iluminação do ideal da missão evangelizadora à luz do Evangelho, de Jesus e do Reino de Deus (capítulo 4), buscando fazer uma leitura teológica dos sinais dos tempos. Este capítulo tem também escopo propositivo em relação a linhas e perspectivas de ação.

Durante todo o percurso da investigação, ponderamos que a missão evangelizadora da universidade católica não está sendo realizada em sua plenitude devido a vários fatores. A esta altura, cabe retomar a pergunta sobre os motivos pelos quais se dão as incoerências entre a realidade e o ideal quanto à missão evangelizadora da universidade católica. Tais dificuldades vão além da não realização do que é previsto nos documentos eclesiais a esse respeito – como já vimos, os textos do Magistério referentes à educação estão enraizados na longa tradição cristã e se mostram como uma de suas dimensões de atuação no mundo, segundo o mandato evangélico de serviço ao ser humano e o processo de educação na fé.<sup>446</sup> Há que se perguntar se o que é planejado nesses textos segue sendo pertinente, se podem ser aplicados do mesmo modo a todas as universidades católicas, bem como ter a consciência de que esses documentos, por melhores que possam vir a ser, possuem alcance limitado. Isso ocorre, principalmente, porque a atual sociedade tecnocrática encontra-se estruturada na produção-consumo e globalmente conectada, realidade que atualmente enfrenta desafios ainda maiores do que em outros momentos históricos para se construir qualquer síntese.

As respostas a serem dadas às questões anteriores não são óbvias, há um diálogo insuficiente em muitos níveis e também confronto de visões e de realidades. A investigação neste trabalho proposta tem a pretensão de vislumbrar perspectivas em vista da necessidade do aperfeiçoamento deste diálogo em vários âmbitos, a partir das dimensões que estamos buscando analisar no decorrer desta pesquisa.

---

<sup>446</sup> PASSOS, J. D., Ensino superior e Magistério, p.119.

Interessa-nos considerar, finalmente, qual ou como deve ser a missão evangelizadora da universidade católica a fim que responda aos anseios e, pelo menos, às principais dificuldades encontradas pelos jovens universitários contemporâneos.

A realização dessa missão pressupõe pensar teologicamente a vida concreta. Isso implica que as referências à fé (a doutrina, a tradição e a teologia), que obviamente possuem grande importância, devem estar diretamente vinculadas à vida; não podem permanecer como realidades abstratas e alocadas à parte da realidade. Fé e realidade, do ponto de vista da fé cristã, são inseparáveis e a missão evangelizadora da universidade consiste, antes de tudo, em resgatar e cultivar esse significado transcendente do real e extrair dele consequências éticas. O mistério da encarnação de Deus em Jesus Cristo, como vimos no capítulo anterior, conclui e revela essa indissociabilidade entre Deus e a criação, entre a salvação e a história, entre a contemplação e a ação (Lc 10,38-42). Este ponto de partida místico é o que fundamenta uma teologia que articula sob todos os aspectos as dimensões da fé e da vida, extraíndo daí as consequências concretas dessa circularidade. Por teologia mística entende-se, neste contexto, o encontro de Deus com o ser humano de modo que o real se estruture em múltiplas faces, com múltiplas dimensões que se interconectam de modo que o indivíduo se insira na coletividade que, por sua vez, se insere no global – de modo que cada uma dessas grandezas contenha suas necessidades e possibilidades que não se separam. Entre elas, se destacam: a espiritualidade e o afeto, a ética individual e social, a ética comunitária e planetária.

## 5.1

### **Perspectivas a partir dos desafios relacionados à missão evangelizadora da universidade católica**

No capítulo 2 fizemos uma apresentação do método ver-julgar-agir e de como iríamos utilizá-lo ao longo da pesquisa. A esta altura, na reta final, iremos retornar a seu fundamento, não a fim de exauri-lo, mas para sublinhar a sua dinamicidade tanto no passado como na atualidade, bem como a sua utilidade para o propósito desta pesquisa. Como já visto, o seu nascedouro remonta à Ação Católica Belga (JOC) – sob a liderança do Cardeal Josef León Cardijn. O método foi adotado por João XXIII (*Mater et Magistra*) e pelo CV II (*Gaudium et Spes*), tendo encontrado na América Latina um solo fértil de elaboração pastoral junto às pastorais de base,

aos estudos bíblicos, à reflexão teológica e aos textos dos magistérios continental e nacionais. Vale ressaltar, portanto, a dinamicidade, a atualidade e a pertinência desse método, que aqui aplicamos à missão evangelizadora da universidade católica, articulado à *ECE*. A fundamentação encontra-se na referência a ele feita pelo papa João XXIII:

Para levar a realizações concretas os princípios e as diretrizes sociais, passa-se ordinariamente por três fases: estudo da situação; apreciação da mesma à luz desses princípios e diretrizes; exame e determinação do que se pode e deve fazer para aplicar os princípios e as diretrizes à prática, segundo o modo e no grau que a situação permite ou reclama. São os três momentos que habitualmente se exprimem com as palavras seguintes: “ver, julgar e agir”.

Convém, hoje mais do que nunca, convidar com frequência os jovens a refletir sobre estes três momentos e a realizá-los praticamente, na medida do possível. Deste modo, os conhecimentos adquiridos e assimilados não ficarão, neles, em estado de ideias abstratas, mas torná-los-ão capazes de traduzir na prática os princípios e as diretrizes sociais. (*MM* n.235-6)

O método ver-julgar-agir, portanto, tem o mérito de favorecer a tão necessária articulação entre a teoria e a prática quanto aos planos das diversas pastorais e também de englobar, em sua dinâmica, trabalhos intelectuais e populares. Esse método, no entanto, foi muitas vezes posto em dúvida, acusado de conter perigo em relação ao risco de instrumentalização social do Evangelho, tendo sido, inclusive, abandonado por alguns relevantes documentos do magistério – como, por exemplo, Santo Domingo.<sup>447</sup>

Nos tempos atuais, o papa Francisco tem adotado o método ver-julgar-agir em suas reflexões, de modo particular em seus textos principais, porém imprimindo nele o seu estilo próprio. Francisco sustenta a necessidade desse método, e o fato de dar-lhe um modo próprio de formulação expondo os seus pressupostos teológicos faz perder força eventuais acusações de instrumentalização social do Evangelho. A esse respeito, Francisco fala em evitar o excesso de diagnósticos nem sempre acompanhados de propostas resolutivas e da pretensão de abarcar toda a realidade com um olhar sociológico; afirma que se trata de um método de fundo teológico que visa oferecer um discernimento evangélico da realidade (*EG* n.5).

Nesta moldura teológica, o papa reafirma a importância do método ao introduzir o momento do *ver* a realidade. Na *Evangelii Gaudium*, convida todos a serem vigilantes e estudarem “os sinais dos tempos, pois algumas realidades

<sup>447</sup> PASSOS, J. D., Método Teológico, p.51.

hodiernas podem desencadear processos de desumanização tais que será difícil depois retroceder” (EG n.51). Na Encíclica *Laudato Si* e na Exortação *Amoris Laetitia*, ele dá ao diagnóstico da realidade um lugar hermenêutico decisivo quanto à reflexão teológica quando afirma que “as reflexões teológicas ou filosóficas sobre a situação da humanidade e do mundo podem soar como uma mensagem repetida e vazia, se não forem apresentadas novamente a partir de um confronto com o contexto atual” (LS n.17) e que, “hoje, a mudança antropológico-cultural influencia todos os aspectos da vida e requer uma abordagem analítica e diversificada” (AL n.32).

A análise da realidade oferecida pelo método ver-julgar-agir tem, portanto, uma função cognitiva no processo de discernimento da realidade não como postura externa à fé, mas, ao contrário, inerente ao seu exercício de discernimento no interior da história. Trata-se, assim, de um método que produz conhecimento e gera posturas transformadoras quanto à realidade presente – eis porque também o utilizamos de modo livre e adaptado nesta pesquisa, na qual defendemos que a missão evangelizadora da universidade católica começa pelo exercício de pensar a fé em vistas de promover a dignidade do ser humano. Tudo isso a partir da concepção de que, em vista da efetivação da missão evangelizadora na universidade católica, a Teologia possui uma finalidade concreta e imediata que é a de favorecer que o ser humano entre em contato direto com a vida de Cristo que se oferece a todos como graça<sup>448</sup>; não é, portanto, uma teoria descolada da vida e nem tampouco distante dela, como uma espécie de abstração conceitual, mas, pelo contrário, deve prevalecer o tom prático das reflexões teológicas – o que para os defensores de uma teologia especulativa e conceitual pareceria uma reflexão de pouca densidade teológica, seria de cunho apenas pastoralista. A fim de evitar esse perigo de cunho reducionista, faz-se necessário, em todos os documentos, a referência e o convite ao encontro com a pessoa de Jesus Cristo, ponto de partida para um processo de crescimento pessoal e comunitário. Essa referência a Jesus como princípio, meio e fim de todos os processos está presente de um modo ou de outro em todos os documentos oficiais do pontificado do papa Francisco. Como aludimos no segundo capítulo, não por acaso esse método está no documento de

---

<sup>448</sup> SANTANA, L. F. R., *Liturgia no Espírito*, p.184: “(...) a revelação neotestamentária aplica – na quase totalidade de seu uso – *leitourgia* à experiência cotidiana vivida pelos cristãos, peregrinos neste mundo”.

Aparecida, em que o então cardeal Jorge Mario Bergoglio esteve ativamente presente. Essa perspectiva visa dar corpo a uma concreticidade complexa que articule as dimensões que compõem a realidade, a fim de que essa não se perca na abstração global, desconsiderando o compromisso ético. Sobre isso diz o papa:

Aqui o modelo não é a esfera, pois não é superior às partes e, nela, cada ponto é equidistante do centro, não havendo diferenças entre um ponto e outro. O modelo é o poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade. Tanto a ação pastoral como a ação política procuram reunir nesse poliedro o melhor de cada um. Ali entram os pobres com a sua cultura, os seus projetos e as suas próprias potencialidades. Até mesmo as pessoas que possam ser criticadas pelos seus erros, têm algo a oferecer que não se deve perder. É a união dos povos, que, na ordem universal, conservam a sua própria peculiaridade; é a totalidade das pessoas numa sociedade que procura um bem comum que verdadeiramente incorpore a todos. (EG n.236)

É importante ressaltar que as universidades, desde os seus primórdios, possibilitaram o desenvolvimento da livre investigação, ao mesmo tempo que colaboraram na construção do edifício metodológico e político das academias atuais. A autonomia do sujeito para pensar e agir constituiu o ideal e a conquista dos tempos modernos. A universidade antecedeu, no ideal e na prática, mesmo que em escala pequena, esta realidade que foi sendo concretizada na sociedade moderna em diversas frentes e formatos.<sup>449</sup> A educação do sujeito autônomo para ser, refletir e agir segue sendo um desafio e também o ideal da universidade católica atual. No decorrer deste estudo, temos tido por pressuposto básico que na universidade confessional a missão de educar o ser humano para que exercer sua cidadania e profissão com competência e responsabilidade é primordial e possui significado teológico.

A missão evangelizadora da universidade católica aqui é considerada como um todo, porém, primeiramente, a partir da perspectiva dos estudantes, uma vez que chegam à universidade com buscas existenciais e alternativas de humanismo. Muitos rechaçam a religião, mas na sua grande maioria estão abertos à espiritualidade. Encontram-se, também, muito condicionados a terem que dar respostas ao mercado e agir competitivamente, características predominantes da sociedade atual.<sup>450</sup> Na universidade católica, os estudantes podem encontrar

<sup>449</sup> PASSOS, J. D., Teologia e outros saberes, posição:156.

<sup>450</sup> HINKELAMMERT. Mercado versus direitos humanos. Para o autor o conflito entre mercado e Direitos Humanos é uma realidade e necessita ser enfrentada, pois, segundo ele a defesa dos Direitos Humanos é condição de possibilidade de uma sociedade alternativa e sustentável.

acolhida, oferta de formação por meio de disciplinas humanistas – algumas obrigatórias, outras optativas, que não atingem a maioria. Não se trata de impor nenhuma visão de fé, mas tão somente propor interpretações a partir das referências da fé, que visam ajudar na composição de uma visão o mais ampla possível do profissional que será formado e oferecido à sociedade ao final dos anos de educação superior.

Diferente de há algumas décadas, hoje assiste-se o surgimento de novos paradigmas culturais que requerem antropologias e epistemologias capazes de auxiliarem os universitários na busca e na construção do sentido da vida em concomitância com a respectiva preparação intelectual e profissional. As mudanças de comportamento estão muito ligadas às tecnologias e por isso são cada vez mais velozes, o que, inequivocamente, questiona a missão da universidade como um todo ou pelo menos a sua realização. A universidade católica põe em debate diretamente a missão evangelizadora, razão primeira pela qual essas universidades foram fundadas. A partir do que foi visto nos capítulos anteriores fica evidenciada a necessidade de novos paradigmas teológicos. Tais paradigmas só podem ser atingidos por meio da inculturação do Evangelho<sup>451</sup>, como atualização do significado da encarnação de Jesus Cristo sob a forma de diálogo entre o Evangelho anunciado e as sementes do Verbo já presentes nas respectivas culturas.<sup>452</sup>

O confronto entre a realidade cotidiana e o ideal da missão evangelizadora da universidade católica evidencia insatisfações e também outras questões sobre como compreender e propor uma prática religiosa adequada ao contexto de uma universidade.

O estudo de autores sobre a realidade e o ideal da missão evangelizadora da universidade aponta para respostas em forma de desafios, como a necessidade do diálogo entre fé e cultura, a implementação das “matérias de cunho formativo”, a vivência e o testemunho cristãos, a formação de comunidades de vida, a integração do saber. A partir desses sinais e desafios, as reflexões que estamos realizando irão perfilando um diagnóstico da missão evangelizadora da universidade católica a fim de se encontrar respostas que possam ser adequadas para a superação e, quiçá, a

---

<sup>451</sup> SOUZA, N., *Piedade Popular*, p.49: “A evangelização das culturas requer uma inculturação do Evangelho, que se dá ao se inserir, pessoal e institucionalmente, no interior da vida das pessoas que vivem à margem da sociedade, mergulhando na sua piedade, buscando juntos, na ligação fé e vida, possibilidades de mudança econômica e política”.

<sup>452</sup> PAGOLA, J. A., *Recuperar o projeto de Jesus*, p.37-55.

correção de pelo menos parte dos desajustes existentes. Entendemos, igualmente, que a resposta que pretendemos apresentar a um determinado desafio pode suscitar outros, que requererão novas respostas, portanto, é um processo dinâmico.

Antes de qualquer outra coisa, é mister a atitude de acolhimento, atenção preferencial às pessoas, pois é a elas que a evangelização se dirige em primeiro lugar e só depois as estruturas vão sendo evangelizadas, obviamente, à medida que seus integrantes também o sejam. O ser humano requer uma formação integral, uma vez que é constituído por um conjunto de dimensões. Desse modo, descuidar de alguma parte essencial seria miopia frente à realidade.<sup>453</sup> Os que mais requerem atenção na universidade são os estudantes, pois, na maioria dos casos, se encontram em uma etapa da vida que demanda uma presença próxima de mestres bem preparados e abertos ao diálogo. De onde se conclui que é necessário contar com professores que sejam verdadeiramente educadores e que, dentro do possível, deem testemunho da fé cristã ou que, ao menos, não a contradigam com as suas vidas, comportamentos, comentários etc. O que se almeja dos educadores não é uma perfeição em nível pessoal<sup>454</sup>, mas, sim, a busca de coerência e integração entre o que se professa formalmente e o que se vive. Isso requer uma formação permanente dos docentes.<sup>455</sup>

A importância do aprimoramento das notas essenciais da universidade católica<sup>456</sup> dá-se na referência à identidade “católica” da universidade, que entraria na tarefa de sua missão. Muito provavelmente, já no momento da escolha da universidade e da carreira, o estudante estará motivado por seus propósitos. Também por isso é importante que as características institucionais devam ser claras e estejam em sintonia com a realidade. De fato, uma grande maioria de estudantes, orientados por seus pais e outras pessoas, escolhem estudar em uma universidade

<sup>453</sup> MORAES, A., Entre mistério divino e humano, p.152: “A pesquisa teológica, justamente por se interessar pelo tema de Deus, vem se debruçando sobre um outro tema correlato: o da pessoa humana”.

<sup>454</sup> OLIVEIRA, J. A. N., Perfeição ou Santidade e outros textos espirituais, p. 18: “Em vez de optarmos pela perfeição, podemos optar pela santidade, e santidade está relacionada com compaixão, com misericórdia, com amor...”.

<sup>455</sup> Na PUCPR, a fim de que a identidade perpassasse todas as ações e todos os processos, estabeleceu-se a Área Identitária, organismo que compreende a atuação da Diretoria de Identidade e do Instituto Ciência e Fé. Seu objetivo é consolidar processos identitários de altíssima qualidade junto à comunidade universitária Disponível em: <https://www.pucpr.br/a-universidade/identidade-institucional/>. Acesso em 4 nov 2019.

<sup>456</sup> Reiteramos que segundo a *ECE* tais notas são: inspiração cristã, reflexão à luz da fé católica, fidelidade à Igreja e serviço ao povo de Deus.

católica motivados também pela formação em valores que essa oferece, e, na prática, a tradição “católica” de uma universidade de um modo ou de outro pesa e justifica que ela permaneça sendo fiel a sua inspiração cristã.<sup>457</sup>

A inspiração originária “católica” de uma universidade, no entanto, não assegura que, na atualidade, ela permaneça sendo pautada por valores cristãos. A emancipação paulatina do seio da Igreja que a engendrou tem exposto a universidade católica a forças externas hostis a seu espírito e têm desfigurado esse caráter genuíno, por isso a missão evangelizadora da universidade católica encontra-se diante do desafio da renovação e da adaptação em prol da fidelidade ao princípio original em busca do restabelecimento deste perfil. Renovação em relação ao espírito originário, retornando às fontes evangélicas e históricas e adaptação deste espírito às circunstâncias histórico-sociais atuais. Entre as ameaças externas que pressionam a universidade católica está, em particular, a mercantilização, com as suas respectivas inclinações em vistas de cooptar e comercializar a educação superior com critérios predominantemente empresariais. Ante essa ameaça, a universidade católica terá que adotar atitudes lúcidas e firmes, ao mesmo tempo que mantém abertura aos novos paradigmas. Haverá que se verificar, igualmente, porque houve o enfraquecimento da presença e da influência da Igreja na universidade católica. Uma análise que deverá se debruçar sobre o como evangelizar na universidade católica hoje e de quem, em primeiro lugar, é a competência e a responsabilidade de fazê-lo.

Entre as instâncias envolvidas na atuação da universidade – a ciência e a sociedade – se percebe atualmente a necessidade de diálogo a partir da realidade e com uma visão prospectiva, evitando apenas teorizar, e olhar essas instâncias não como realidades estáticas, senão que um vir a ser e uma projeção rumo ao futuro. No caso da universidade católica, na qual a fé é o outro interlocutor, é necessário o diálogo entre a fé e os componentes da cultura e da ciência. A universidade católica deve se apresentar como garantidora de que por meio desse diálogo entre as crenças e a intelectualidade possa lograr maior coerência para os integrantes da comunidade universitária.

Constatam-se hoje muitos desafios com os quais a universidade católica se depara, e alguns deles questionam frontalmente a sua missão evangelizadora, a já

---

<sup>457</sup> FIUC, Las culturas de los jóvenes: en las universidades católicas. Un estudio mundial, p.70-1.

citada mercantilização na e da universidade constitui um dos principais exemplos. A partir dela a universidade passa a ser considerada na lógica do neoliberalismo, na dinâmica do eixo transversal da globalização operacionalizada pelas leis do mercado. Neste âmbito, nem sempre se enfatiza a educação integral, já que na sociedade mercantilista o que mais conta é a eficácia no trabalho por meio de preparação técnica que incrementa a produção e o consumo, tudo com a maior rapidez possível.

Se forem cobrados da universidade resultados predominantemente ligados às demandas oriundas da produção técnico-científica e empresarial, torna-se difícil incrementar currículos com disciplinas e atividades humanísticas, e mais desafiador ainda será para as ações de cunho transcendentais e alternativas. Corre-se o risco de que essas sejam convertidas em meros requisitos tidos como arcaicos, que no fundo muitos dos integrantes da administração universitária desejariam, se possível, eliminar. Precisamente neste ponto a missão evangelizadora da universidade católica tem que concentrar os seus principais esforços. Sem menosprezar os ganhos provenientes da ciência e da técnica, deve-se empenhar na busca da dignidade das pessoas, buscar dar sentido à vida humana para além dos tentáculos do mercantilismo, com preocupação focada na linha de uma formação integral.<sup>458</sup>

Por isso é que não é possível pensar a universidade isolada da realidade, ela é composta de professores e estudantes, que não estão isentos, aliás são alvos das leis do mercado e a elas estão, de alguma forma submetidos, pois a universidade não é uma ilha. Diante desse quadro, há que se reiterar a incômoda pergunta: que intencionalidades, motivações e orientações a universidade católica deverá ter para ser fiel a sua missão evangelizadora? Ela terá que abrir mão dos valores do Evangelho, ou é possível aliar-se ao dinheiro a fim de que este possa tornar-se instrumento para acercar-se das pessoas que estão influenciadas por ele, mas, nas quais igualmente Cristo se faz presente? (Lc 16,1-13)<sup>459</sup>. Assim sendo, o trabalho do evangelizador enquanto anunciador do Reino de Deus a fim de torná-lo presente

<sup>458</sup> CASTILLO, J. M., A ética de Cristo, p.12: “a ética vai demasiadas vezes a reboque de interesses que nada têm a ver com a ética”.

<sup>459</sup> Trata-se da parábola do administrador astuto. É evidente que Jesus não apoia desonestidade por parte dos seus servos, mas o evangelista observa como o mundo está mais bem servido por seus servos do que Cristo pelos dele. As metas são totalmente opostas, mas os mundanos são mais diligentes em cuidar de seus objetivos do que os cristãos em cuidar das suas vidas.

deverá hauri-lo da própria realidade, mesmo que se encontre disfarçado em manifestações e situações não convencionais.

Entre os desafios básicos que a missão evangelizadora da universidade católica deve enfrentar está o da vivência do próprio evangelizador. Entende-se por evangelizador todos os que de uma forma ou de outra têm responsabilidades na universidade católica, começando pela reitoria, as diretorias, o corpo docente, os demais funcionários e os próprios estudantes que permanecem por vários anos na universidade – muitos fundam ou aderem a associações estudantis ou desempenham algum tipo de liderança em projetos solidários etc. Os cargos de diretoria, as esferas diretamente acadêmicas, na universidade católica, devem ser desempenhadas por pessoas que se relacionem e ajam pautadas por valores cristãos, formando comunidade. Dentro do que for possível, será valioso que a pessoa no ambiente da universidade católica possa transparecer um Cristo vivo e que, a partir daí, se empenhe em viver a fraternidade, tanto no seu trabalho, como também nos estudos e, inclusive, nas atividades e relações lúdicas. É um objetivo que não acontece de modo espontâneo, essa fraternidade não será possível sem que as pessoas se conheçam, por isso as relações comunitárias e fraternas são essenciais, e elas só são viáveis com pessoas próximas, porém não é possível pensar em uma comunidade composta por milhares estudantes, com seus respectivos professores e demais funcionários. É possível, isso sim, uma rede de comunidades, na qual as relações fraternas podem dar-se em cada pequeno grupo, o mesmo espírito que devem vivenciar desde os executivos de altas responsabilidades até os estudantes calouros.

A universidade católica deve ter conhecimento e consciência da situação e da dinâmica atual da sociedade, na qual estão imersos os estudantes, na sua maioria jovens. Do mesmo modo que programa as atividades institucionais, comerciais e até lúdicas, a universidade deve auxiliar o estudante a programar a sua própria vida de acordo com as suas aspirações e ideais, e que eles façam os seus respectivos projetos de vida a fim de que não permaneçam vivendo ao acaso. Uma tarefa verdadeiramente evangelizadora e, simultaneamente, educativa, que deve ser cumprida pelo docente universitário e igualmente por quem mais diretamente é responsável por evangelizar na universidade católica, é a de contemplar como germinam as “sementes do Verbo”<sup>460</sup>. Elas constituem o substrato da fé em cada

---

<sup>460</sup> Por sementes do Verbo, neste contexto, reiteramos que se entende a disposição e a boa vontade das pessoas que chegam à universidade católica a partir da sua realidade ética na qual por tradição

um dos estudantes, por meio das estratégias que a universidade contempla e de como pretendem ser as disciplinas formativas<sup>461</sup>. Nessas, os estudantes devem encontrar espaço para se expressarem de modo amplo, inclusive quanto à sua eventual crença religiosa. Compete aos orientadores dos jovens partirem da realidade destes alunos para estruturar a sua formação rumo à realidade transcendente e axiológica de relações humanas construtivas.<sup>462</sup> Não se trata de transmitir mais informações aos jovens, nem mesmo as de caráter ético ou religioso, mas, sim, de suscitar a construção com cada um do seu próprio projeto de vida, no qual Deus mesmo está atuando desde o seu interior, seja o jovem consciente ou não dessa inabitação divina nele.

Não obstante a importância da promoção da missão evangelizadora da universidade católica, que se impulsiona certamente por meio das matérias humanísticas e da pastoral universitária, é igualmente importante a forma como se planeja o esquema de ensino, as relações entre as pessoas, os modelos administrativos e o conjunto de realidades que conformam a própria vida da universidade católica, em que há uma gradação de esforços integrados para dar à instituição um estilo que valorize os que nela ingressam.

Todo este esforço não garante que não possam ocorrer incoerências entre o que os jovens buscam ao ingressar na universidade e o que de fato nela encontram; mais que isso, entre o que aspiram ao chegar e o que logram obter ao concluir o seu curso. Seguramente que também aqui se constata o hiato entre o ideal, teórico ou utópico e a realidade que se vive, pois a universidade, muitas vezes, não preenche as expectativas dos jovens que nela chegam.<sup>463</sup> Entre as incoerências existentes mencionamos:

1. Planeja-se a igualdade de oportunidades de acesso à universidade, mas na realidade tem crescido a distância entre os que querem nela ingressar e os que de fato conseguem<sup>464</sup>, bem como entre os que

---

e ou por vontade própria tem ou não crenças religiosas, culturais, costumes, etc., que os agentes de evangelização conhecem e valorizam.

<sup>461</sup> Com o objetivo de alcançar uma formação integral entram os eixos transversais ou axiológicos das carreiras que asseguram ingredientes humanísticos a carreiras técnicas ou que incrementem o teológico, o cristológico e eclesiológico nas universidades católicas.

<sup>462</sup> COSTA, R. F., Juventudes: contínuo recomeço e a persistência da vida.

<sup>463</sup> SOUSA, J. A., Juventude, caminho aberto?

<sup>464</sup> SILVA, J. S., Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade.

ingressam e os que conseguem obter a graduação<sup>465</sup>. É possível que alguma coisa não esteja conforme a verdade nas ofertas planejadas pela universidade para captar seus estudantes.

2. Temos dito, ao longo deste estudo, que é necessário conhecer a realidade sociocultural de onde provêm os estudantes e, também, que essa realidade se manifesta por meio de mecanismos variados. Muitos estudantes revelam se sentirem sós, tanto no âmbito pessoal como também no acadêmico.
3. Os encontros realizados para dar a conhecer a missão evangelizadora da universidade católica não atingem a maioria dos integrantes da comunidade universitária, seja porque poucos participam ou porque nem sempre há clareza sobre de quem é a responsabilidade dessa missão; há também dicotomias entre os planejamentos, que podem resultar teóricos, e o percebido no cotidiano das tarefas acadêmicas. Constatamos que a maioria dos professores não respaldam, muitos sequer conhecem, os planejamentos e as ações da missão evangelizadora da universidade católica.

Ainda que os planejamentos ideais da missão evangelizadora da universidade católica se esforcem por apresentar o panorama da realidade, observa-se que padecem de excessiva teorização. Por isso são interessantes algumas recomendações, a fim de que se encaminhe com mais clareza o diálogo entre o real e o ideal, que serão identificadas a seguir.

A perspectiva conceitual, doutrinal, coletivizante, moralista e dogmática da fé tradicional em Deus proposta pela hierarquia da Igreja necessita atualmente ser repensada, particularmente no âmbito universitário, devem ser reconhecidas e valorizadas experiências e vivências pessoais com Deus, particularmente, por parte dos jovens. Eles recusam tutelas, mas, aceitam de bom grado serem acompanhados por meio de mediações de proximidade e acolhimento em relação à formação acadêmica, profissional e às subjetividades afetivas e emocionais. Não há, por parte dos discentes, um rechaço à hierarquia eclesial por completo, mas, sim, almejam

---

<sup>465</sup> ZAGO, N., Do acesso à permanência no ensino superior, p.228-235.

uma mudança em relação à postura tradicional<sup>466</sup>, é fato cada vez mais evidente que os universitários recusam imposições doutrinárias de cunho religioso.

Para se trabalhar a partir dessa realidade, não basta promover a formação de grupos de quaisquer ídoles que não sejam aglutinadores dos jovens, mas, sim, importa favorecer projetos pastorais concretos ainda que não tenham grande envergadura nem requeiram muita dedicação, mas que suscitem de algum modo a integração entre a vida e a fé. Como o ambiente dos jovens atualmente está cada vez mais impregnado pelos meios audiovisuais, pelas redes sociais, pelo mundo virtual, haverá que se considerar estas mediações para procurar uma boa comunicação com e entre os jovens<sup>467</sup>.

É necessário alterar a tendência de centralização da atenção na instituição eclesial com suas estruturas muitas vezes herméticas e deslocadas da sociedade, assim como ir além do mero cumprimento de práticas religiosas, não obstante essas possam ser importantes para se trabalhar e fazer presente o Reino de Deus por meio de sinais concretos a fim de se chegar a novas formas de vivência e de participação na missão evangelizadora da universidade. É igualmente importante favorecer um clima de liberdade religiosa reconhecendo o pluralismo, o ecumenismo e o diálogo inter e trans religioso e nunca fechamento nem tampouco desclassificação de outras crenças. Considerando o papel da família na vida dos universitários e na formação de sua fé, haveria que, de algum modo e dentro do que for possível, atendê-la pastoralmente, tendo em conta a crescente variedade de formas de organização familiar.

Para a universidade católica, a educação inclui a virtude e o desejo de converter-se em um bom cidadão, a educação deve fazer desabrochar o que há de melhor nas pessoas, eis o porquê da importância de termos presente a distinção entre conhecimento e sabedoria. Enquanto o conhecimento governa a instância do saber, a sabedoria diz respeito à instância do ser. O conhecimento diz como as coisas são, a sabedoria mostra o valor que elas têm. O conhecimento exige a razão, enquanto a sabedoria tem a ver com o exercício da consciência que é a razão em sintonia com a alma. É claro que não é suficiente obter sabedoria, é preciso,

---

<sup>466</sup> FRANCISCO, Carta aos jovens do Brasil, por ocasião do encerramento do Projeto Rota 300, 3 jul 2017.

<sup>467</sup> MORAES, A., Cultura midiática e religião, p. 104: "...desejamos afirmar seriamente que a cultura midiática tem influenciado nossas vidas e modelado nossas crenças tão profundamente quanto qualquer religião".

também, saber utilizá-la. Portanto, a verdadeira educação católica não pode se resumir a encher cabeças, mas necessita se empenhar em vistas de formar boas cabeças, bons corações. Consiste no desafio de ensinar a pensar e a agir conscientemente.

Para os estudantes, em geral, o principal anseio para frequentar uma universidade, seja ela católica ou não, pode ser a obtenção de um diploma, porém, o educador cristão é cômico de que essa conquista, muitas vezes sacrificada, é apenas uma das primeiras etapas da vida. O antropocentrismo moderno ensimesmado pode ser ilustrado pelo predomínio da técnica sobre a ética na vida pessoal e social, da economia desvirtuada, da carência de espiritualidade, afinal, de uma grave crise de valores. Diante disso, a universidade necessita ajudar os estudantes a refletirem sobre o estilo de vida atualmente predominante na sociedade, há um clamor, às vezes silencioso, pelo surgimento de um “novo ser humano” que seja capaz de garantir, por exemplo, que haja um crescimento econômico que beneficie a todos e não apenas a alguns privilegiados. A propósito, afirmou o papa Francisco: “Uma educação reduzida a uma mera instrução técnica ou a mera informação torna-se uma alienação da educação, considerar que se pode transmitir conhecimento subtraindo-o da sua dimensão ética, seria como renunciar a educar”<sup>468</sup>.

## 5.2

### **Diagnóstico a partir da dialética entre a realidade e o ideal no âmbito da missão evangelizadora da universidade católica de acordo com os quatro núcleos temáticos**

Levando em consideração que toda a realidade, enquanto espaço a partir de onde se realiza a salvação, é portadora de sinais de Deus, compete à reflexão teológica interpretar esses sinais a fim de encontrar neles os desígnios e a Palavra de Deus vivida em uma história e lugar concretos<sup>469</sup>. A universidade católica acolhe em seu seio os mais diversos olhares científicos sobre a realidade, que auxiliam a

<sup>468</sup> Papa Francisco, em mensagem dirigida aos participantes do Simpósio da FIUC, no dia 4 de novembro de 2019, cujo tema era: “Novas fronteiras para os líderes das universidades. O futuro da saúde e o ecossistema da universidade”. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-11/papa-francisco-universidades-catolicas.html>>. Acesso em: 08 nov. 2019.

<sup>469</sup> MORAES, A., Entre mistério divino e humano, p.164: “...estamos assistindo à passagem de uma situação na qual a fé cristã dominava o conjunto dos setores da vida pessoal e social a uma situação onde grande número de indivíduos e coletivos torna-se independente dela”.

Teologia na leitura dos respectivos significados na perspectiva transdisciplinar, fruto da integração da ciência com conhecimento sobre a realidade humana. A reflexão teológica possibilita a construção de sínteses que compreendem a transcendência da existência humana para além das conclusões das fenomenologias das ciências naturais.

No campo do diálogo entre a fé e a cultura, entre a fé e a razão, o intelectual e o sensível, o espiritual e o físico da vida humana está o que constitui o contexto de uma teologia dos sinais dos tempos que é a que tem mais pertinência na missão evangelizadora da universidade católica. Ela é capaz de relacionar os que creem, isto é, os cristãos pertencentes à comunidade universitária, com a ciência e as suas respectivas disciplinas em uma atitude de interdisciplinaridade e também de transdisciplinaridade.

Uma teologia dos sinais dos tempos não se estrutura somente com base nos princípios e categorias teológicas, nem tampouco à revelia dos dados científicos, senão que em uma síntese dialética e dialógica entre ambos na qual estão diretamente envolvidos os conteúdos dos núcleos temáticos da missão evangelizadora da universidade católica. Esses núcleos são o Evangelho e a verdade, os dois focos conectados no processo que correspondem à identidade e a missão da universidade – a busca pela verdade e o seu caráter de “católica”, que consiste no anúncio do Evangelho. Ambos não caminham isolados, mas interagem, uma vez que a catolicidade qualifica o tipo de busca pela verdade e o ser universitário, por sua vez, qualifica o tipo de anúncio do Evangelho a ser realizado na universidade.

O diálogo fé e cultura é o contexto e o eixo fundamental no qual as responsabilidades da universidade católica são vivenciadas. A integração fé e cultura constitui o objetivo a ser alcançado por meio desse processo dialético. Desse modo, se pode discernir o significado dos sinais dos tempos no ambiente universitário. O discernimento da ação de Deus na história humana atual se faz compreensível para a razão e para a ciência por meio do diálogo de ambas com a fé. O significado de Cristo como Verbo de Deus transcendente não será jamais compreendido na sua totalidade; porém, a revelação conta com a dimensão do

“divino” no ser humano<sup>470</sup> e a obra de Deus no ser humano e com o ser humano (teantropia), cuja manifestação por excelência é Jesus Cristo. “(...) Todo o ser e o operar de Jesus, à luz daquilo que narram os Atos dos Apóstolos e os Evangelhos Sinóticos, estão sob o sinal de um kerygma, que se torna real e comunicável graças à potência dinâmica do Espírito”<sup>471</sup>.

Um dos pontos centrais do paradigma, cuja aplicabilidade estamos propondo, é que os sinais dos tempos se manifestam em uma cultura, no caso a universitária, porém necessitam ser interpretados a partir deste lugar para que sejam entendidos corretamente. Na missão evangelizadora da universidade católica há uma realidade que apresenta desafios aos quais o ideal até então proposto nos documentos eclesiais não tem conseguido responder satisfatoriamente. Constata-se um hiato entre a realidade e o ideal da missão evangelizadora da universidade católica. Com a existência de novos paradigmas, é necessário repensar o ponto de partida da evangelização – que não é simplesmente a partir da explicação e adaptação cultural dos princípios doutrinários, mas, desde as culturas, como sinais dos tempos nos quais se manifesta a ação salvífica de Deus, que chama ao comprometimento nesse plano de salvação, para só então chegar a uma missão evangelizadora da universidade católica que seja autêntica e em sintonia e coerência com a realidade.

A síntese dos quatro núcleos temáticos, presentes na *ECE* e em articulação com o método ver-julgar-agir que temos apresentado, nos permite concluir que não se trata de evangelizar as culturas a partir de conceitos abstratos, mas, antes de tudo, iluminar a experiência cotidiana a partir da própria vida; a fé que se vivifica (integração) e a vida que se faz cultura. O reconhecimento do Evangelho como fonte da Verdade não implica de modo algum que os agentes de pastoral possam se considerar seus proprietários, pois são como todas as demais pessoas – apenas iluminados pela Verdade suprema que é Jesus Cristo. Uma atitude de diálogo a partir da fé e das culturas é o que possibilita explicar os valores do Evangelho presentes nessas culturas. A Verdade está explicitada no Evangelho entendido como a Boa Notícia da salvação que Deus realiza na história de cuja expressão privilegiada, ponto de referência e consignação é, em primeiro lugar, a Bíblia e,

---

<sup>470</sup> Gn 1,27: “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”; Sl 82,6; Jo 10,34: “Eu disse: Sois deuses”; 1Cor 11,7: “O homem, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus”.

<sup>471</sup> SANTANA, L. F. R., *O Espírito Santo na vida de Jesus*, p.266.

posteriormente, o Magistério da Igreja. Eis porque este é o objetivo primordial do duplo campo de ação, enquanto busca pela verdade e anúncio do Evangelho por parte da universidade enquanto católica; porém, a verdade está também em outros campos que são igualmente objeto da ação da universidade em si mesma e de busca de sua missão mais genuína.

Em consonância direta com as viradas metodológicas da teologia católica, os ensinamentos eclesiais expressam uma longa predominância do método dedutivo de cunho escolástico (aristotélico-tomista) e uma progressiva passagem para os métodos indutivos modernos, referenciados pelo pensamento moderno e pelas ciências humanas. As encíclicas papais anteriores e posteriores ao CV II ilustram de modo claro essa virada, muito embora tenha havido um sincretismo metodológico e também retornos ao método dedutivo. O método ver-julgar-agir sob o qual nos pautamos tem estado presente nos textos de muitos papas depois do CV II, uma vez que, de fato, havia sido adotado de modo explícito na Constituição pastoral *Gaudium et Spes*.

Os métodos indutivos, nos quais estão radicados os nossos pontos de partida, rompem com regras discursivas que escondem em uma objetividade abstrata o lugar do sujeito com os quais visa dialogar e interpelar. Trata-se de uma teologia concreta e situada. O discurso da fé não é indiferente, nem genérico. A propósito afirma o papa Francisco: “As reflexões teológicas ou filosóficas sobre a situação da humanidade e do mundo podem soar como uma mensagem repetida e vazia, se não forem apresentadas novamente a partir de um confronto com o contexto atual no que este tem de inédito para a história da humanidade” (LS n.17). O contexto não apenas influencia, como também renova a Teologia. Essa concepção supera aquela que nega que a Teologia deva tomar consciência e operar a partir de contextos concretos, restringindo-se a uma espécie de discurso descontextualizado elaborado sob uma universalidade que, de tão abstrata, pode terminar por não servir a ninguém. O confronto entre os conteúdos da fé e os da realidade instiga o pensamento a reformular sempre o que já fora formulado. A reflexão teológica, desse modo, assume a realidade histórica como dado teológico que compõe os seus discursos. Trata-se de uma reflexão que se direciona para contextos e sujeitos teológicos concretos e busca aprender deles, acolher seus apelos e discernir suas

ambiguidades.<sup>472</sup> Como já foi dito, esse é o sentido que aqui damos à perspectiva e ao emprego do método ver-julgar-agir.

### 5.2.1

#### Diagnóstico a partir do diálogo entre fé e cultura

A passagem dos conhecimentos ao saber constitui o grande esforço da universidade católica, na medida em que ela se empenha no diálogo com as ciências e com os contextos culturais a fim de apresentar o sentido mais profundo da realidade. “Em toda parte o homem descobre a presença de um apelo ao absoluto e ao transcendente, lá se abre uma fresta para a dimensão metafísica do real: na verdade, na beleza, nos valores morais, na pessoa do outro, no ser, em Deus” (*FR* n.83).

A realidade econômica e social dos estudantes é bastante marcada pela competição imposta pelo mercado e, em muitos casos, a realidade familiar é cada vez mais fragmentada, portanto, é compreensível que um número significativo chegue à universidade com vazios existenciais e carecendo de orientação quanto ao próprio futuro. Muitas vezes, tampouco na universidade encontram soluções para seus conflitos, pois, não é sempre que encontram professores comprometidos com esse aspecto. Pelos mais diversos motivos, os docentes só muito raramente conseguem interagir com os discentes para além do conteúdo das respectivas disciplinas acadêmicas. Diante desse quadro, os jovens universitários vão em busca de doutrinas novas e cresce a adesão às relações virtuais, atraentes e cada vez mais facilmente acessíveis.

Esses constituem desafios que exigem do diálogo fé e cultura um exercício de atenção, acolhida e estudo para encontrar respostas em relação ao que impede que a dignidade humana e a justiça do Reino de Deus sejam concretizadas nos comportamentos humanos, inclusive no que se refere a ritos próprios de uma religião estruturada. Os canais por meio dos quais Deus se manifesta não estão prefixados nem tampouco restritos a uma religião, hierarquia ou tradição, são diversos e podem acontecer dentro da fé das pessoas no decorrer de suas vidas.

---

<sup>472</sup> MORAES, A., *Entre mistério divino e humano*, p.165: “...alguns problemas centrais dos tempos atuais foram sendo assumidos pela investigação teológica da PUC-Rio [...] A teologia da PUC-Rio vem buscando evidenciar como, a partir do crer cristão, é possível identificar e promover experiências comuns aos homens e mulheres de hoje”.

Assim, é necessária uma apresentação primeiro da espiritualidade e só depois da religião, uma religião que seja capaz realmente de “religar” o imanente com o transcendente e que valorize o clima de liberdade, de diversidade religiosa e de abertura ao pluralismo cultural, ao diálogo inter-religioso, portanto, uma prática religiosa que não esteja presa ao peso da instituição, da estrutura e da hierarquia, muito embora não deva ser à revelia dessas.

A universidade católica não se resume à recriação da ciência e da cultura, mas, pode e deve ser um lugar de encontro com Jesus Cristo e de diálogo objetivo e produtivo entre a cultura, a ciência e a fé quanto a temas e questões tanto internas quanto externas à universidade, contanto que digam respeito aos universitários de algum modo. Algumas dessas reflexões não virão do Estado, nem do mercado, devem ser geradas na universidade a fim de que exerça sua própria identidade, tanto enquanto universidade quanto católica. Na universidade católica não cabe uma espécie de Pastoral da Juventude especializada, é necessária uma Pastoral Universitária à altura dos desafios atuais e que seja capaz de suscitar compromissos cristãos sim, porém, específicos e pensados para o ambiente acadêmico.

A universidade católica é capaz de apresentar o seu ponto de vista sobre a globalização, as mudanças de época e inúmeras outras temáticas. A universidade católica tem capacidade de fazer isso valendo-se da sua função de investigadora em várias áreas do conhecimento e graças à credibilidade intelectual que possui junto à sociedade. Toda a sociedade é destinatária da missão da universidade, pois seus integrantes são membros dessa mesma sociedade. Essa tem necessidades e problemas que repercutem nos investigadores, eis porque esses problemas constituem objetos de investigação em nível acadêmico. A universidade prepara e empodera os atores sociais para uma ação da universidade nos projetos e ações sociais. Cabe sublinhar que a universidade no Brasil atualmente é caracterizada pelo tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, sendo também próprio da definição de universidade no país os três segmentos público, privado e comunitário.

Desse modo, a universidade se relaciona com as culturas particulares para que, ao mesmo tempo que contribui para a resolução dos problemas, se descubram valores já existentes bem como seja propiciada a construção de outros valores rumo a um humanismo integral, capaz de possibilitar que as pessoas possam usufruir de uma vida mais humanizada, mais digna e de acordo com a sua condição de filhos de Deus que é, para os cristãos, o mais alto grau de dignidade.

Tal como foi para os primeiros cristãos na sua cultura, o amor por Jesus Cristo conduzirá o universitário à busca pela verdade em fóruns de discussão com competência intelectual e profissional, a fim de que as pessoas descubram Cristo e o sigam em prol do desenvolvimento da própria cultura, comunhão institucional e projeção social de forma solidária. A universidade católica propicia o diálogo entre todos a partir de uma fé viva, firme e aberta. A universidade católica se converte em “laboratório cultural” em que se iluminam as criações da ciência à luz da fé, que podem impregnar a sociedade sem os dogmatismos da ciência ou da fé, o que levaria a ambas caminharem totalmente separadas uma da outra.<sup>473</sup> Do mesmo modo, à luz da fé a ser expressa sem preconceitos, a universidade católica acolhe a todos, valoriza cada uma das culturas e estimula as suas respectivas manifestações. A primeira dessas é a imagem e a linguagem; a aparência física, o rosto, o olhar, a linguagem – essas, manifestações dentre outras, constituem elementos que dão a conhecer uma determinada cultura; a atitude diante delas deve ser de escuta e de acolhimento, a partir da razão e no coração, sem preconceitos, acusações ou estranhamentos, mas, sim, mediante o esforço de ser facilitadora de uma conversão que conduz a entendimentos e desencadeia processos.

Neste movimento se manifesta a fé cristã, de modo espontâneo, vivencial, testemunhal, aberta e comunicativa, disposta a entrar em diálogo com as sementes do Verbo que vão se revelando e se descobrindo na respectiva cultura, na comunicação entre as pessoas. Acontece um intercâmbio vital e corresponsável de valores no encontro que vai pouco a pouco constituindo a “comunidade universitária”, no caso da universidade católica, se criam sensibilidades entre as pessoas, se reforçam e ampliam as redes de relacionamentos das quais decorre a ajuda mútua que facilmente se expressa na austeridade em favor de que mais estudantes possam ter acesso à universidade. Compete à universidade católica cultivar atitude de abertura, de serviço e ajuda, para assegurar que as medidas por ela mesma previstas sejam efetivas, para isso pode ser importante a realização de auditorias – e não apenas as financeiras.

A humanização da universidade católica será perceptível pelos calouros à medida que lhes for oferecida recepção e acolhimento dignos, em diálogo com as expectativas que trazem, a fim de evitar situações de solidão e isolamento, com as

---

<sup>473</sup> ARTEAGA, A., *Universidad discípula y misionera*, p.193-8.

suas respectivas consequências. Cabe à universidade oferecer-lhes espaços de expressão e formulação de interrogações pessoais, acadêmicas etc., como sendo os primeiros sinais de diálogo com as culturas que dela se aproximam. São de grande importância a realização de encontros entre os responsáveis pela universidade, reitoria, professores, estudantes e suas respectivas famílias, tais encontros podem atenuar de algum modo a “orfandade” em que vivem muitos desses e facilitar o diálogo intercultural e intergeracional em aspectos humanísticos, com a perspectiva da fé, a serem propiciados da melhor maneira possível pela universidade católica. Os conteúdos que devem permear esses encontros podem ser de caráter e cunho acadêmicos, porém, passados de modo lúdico, interativo sempre para favorecer a abertura e a proximidade, atitudes básicas para a sanidade psíquica e mental entre os jovens, em vista de crescimento quanto ao processo de humanização.<sup>474</sup>

O diálogo entre fé e cultura não pode permanecer fechado em si mesmo, como uma tautologia do diálogo pelo diálogo, ou que cada parte só pense em si e nos seus próprios pontos de vista, tornando desse modo o diálogo estéril. Deve haver entre as duas partes que se dispõem a dialogar uma terceira, que é um outro elemento no objetivo de romper o subjetivismo ou a dualidade e que seja feita a síntese como uma opção real e nova dos campos nos quais se movem as duas partes, neste caso a fé e a cultura com os múltiplos aspectos de cada uma. Dessa maneira, o surgimento dessa terceira parte resulta já incluída, por ser buscada e almejada como possibilidade ou realidade, não excluída em querer encontrá-la já que há boa parte da solução. É de se esperar, por isso, que entre ambas realidades se profile um objetivo comum em benefício de quem tenha mais necessidade de seu fruto.

A fim de que as partes interlocutoras se disponham ao diálogo, faz diferença quem toma a iniciativa e incentiva esse mesmo diálogo (pode ser, por exemplo, o evangelizador) buscando suscitar uma atitude de abertura por parte das pessoas, considerando que as realidades são abertas e que o seu fechamento diminui o diálogo, o entendimento, o acordo e a solução.

---

<sup>474</sup> JAMES, W., Vale a pena viver; JAMES, W., A vontade de crer. De acordo com W. James em uma palestra, para estudantes e professores da Universidade de Harvard ele pôe a pergunta que virou título do livro: Vale a pena viver? a resposta tem a ver com a outra obra dele “a vontade de crer” que é para muitos a maior expressão dessa capacidade de fusão e se afirmou no decorrer do tempo como a mais completa e coerente afirmação da necessidade da fé na era moderna.

Os problemas da sociedade incumbem a universidade já que esta se deve àquela, e entre ambas há uma intrínseca inter-relação. Na universidade há espaço, pessoas e conhecimento científico para abordar os problemas e buscar as soluções mais adequadas. Como fruto do diálogo fé e cultura, se podem impulsionar experiências investigativas e de cunho pastoralista, sobretudo no campo social, por meio de ajudas de voluntariado, que podem mitigar efetivamente alguns problemas pontuais. Em geral, a universidade põe o pessoal capacitado, por exemplo, professores com seus respectivos estudantes, para a investigação de uma situação específica e a realização da obra concreta, reportando a esses a parte do exercício prático de aplicação de alguma matéria, uma sensibilização com a problemática social do meio ou de algum setor marginal, a percepção dos valores existentes em outras formas de saber e a vinculação do seu saber científico integrado com a fé ao serviço das situações do povo e da sua respectiva cultura.

Há uma ampla gama de análise e investigação de problemas sociais e de atividades de voluntariado que a universidade pode realizar, não exclusivamente a católica, mas nessa isso se faz necessário, devido ao humanismo e a espiritualidade com que está mais diretamente relacionada. Do mesmo modo, sua autoridade moral é um referencial para a consulta dos setores sociais, brigadas de saúde, construção civil, cultivos, salubridade, higiene, relações humanas, liderança, missões, alfabetização etc.

### **5.2.2 Diagnóstico a partir do anúncio do Evangelho**

A Igreja está no mundo para anunciar o Evangelho. Desde *Evangelii nuntiandi* e *Puebla*, tem crescido cada mais a unidade quanto à essa consciência. Evangelizar é uma tarefa igualmente da universidade católica com a especificidade de que o seu campo de evangelização é o contexto intelectual e acadêmico. A questão se situa nas diferenças sobre a concepção da evangelização e sobre o como deve ser realizada. Conforme estamos vendo no decorrer deste estudo, para o êxito da evangelização há que se levar em conta o respeito às culturas, ao momento histórico e ao contexto local.

Os professores, como temos enfatizado, são atores de suma importância no processo de evangelização, contudo, a maioria, incluindo muitos dos que se dizem

católicos, se limita a transmitir conhecimentos específicos, não buscam formar os estudantes, muitos sequer estão preocupados em apoiar de algum modo a evangelização. Um número considerável deles chega a dar contratestemunho – com a sua vida e a sua respectiva cátedra. Há, é verdade, esforços localizados através de matérias e atividades chamadas de “formadoras”, que têm como perspectiva a formação integral endereçada especialmente aos estudantes e visando harmonizar as funções acadêmicas com o anúncio do Evangelho. Essas atividades devem acentuar a formação dos professores das diversas áreas para sincronizar o ensino no seu conjunto com a orientação fundamental da missão evangelizadora da universidade católica.

Há que se assinalar, igualmente, os significativos desafios a serem enfrentados pelos que evangelizam, dada a realidade segundo a qual chegam à Igreja poucos fiéis, podendo haver incoerências e contradições entre o que afirmam crer e o como de fato vivem. Tal cenário ocorre também no interior da universidade católica, em que os estudantes são os primeiros beneficiários da evangelização e os professores, que seriam o melhor instrumento para evangelizá-los, são também, paradoxalmente, os mais necessitados, uma vez que são multiplicadores da evangelização ou da sua ausência – e a realidade demonstra que a ausência tem sido percebida e sentida.

Os planejamentos a partir do ideal da missão evangelizadora da universidade visam pôr os evangelizadores no contexto do diálogo entre fé e cultura caracterizado sócio-historicamente por uma mudança de paradigmas – o que pressupõe consequentemente um modelo teológico igualmente renovado. A resistência existente nas estruturas eclesiais tradicionais ou na lentidão em adotar estas mudanças acarreta a demora igualmente na presença e na atuação do Reino na universidade católica, bem como na sociedade a ela inter-relacionada.

Por parte, particularmente, dos estudantes, há uma busca de sentido transcendente em suas vidas, mesmo que esteja muitas vezes inconsciente ou, pelo menos, pode ser que não saibam expressá-lo devidamente, embora o façam por meio do diálogo fé e cultura descrito anteriormente. Esse diálogo fornece à universidade católica pistas por meio das quais se pode levar-lhes a mensagem do Evangelho, sem temor e com a coragem de quem possui um tesouro que deseja repartir. É necessário reinterpretar o Evangelho a partir da realidade em que vivem os jovens, há que se fazê-lo não apenas para, mas, com eles, conhecendo as suas

vivências. É uma interpretação conjunta em vista de uma vivência compartilhada. É importante com eles e a partir do Evangelho questionar os contravalores presentes na sociedade – a mesma coisa vale em relação às falsas ofertas de sentido.

Não se pode deixar de anunciar o Evangelho na universidade católica, porém, atualmente isso deve ser realizado de modo diverso do que há alguns decênios. Não obstante a secularização, o pluralismo cultural e religioso, ainda há muitos estudantes que, motivados pelo prestígio tradicional das universidades católicas, vêm a elas dizendo, ainda que indiretamente, “queremos ver Jesus” (Jo 12,21). Mas, certamente, muitos, talvez a maioria, não frequentarão as capelas ou outros espaços semelhantes. Por isso é necessário ir ao encontro deles, como uma espécie de missão interna, proporcionando que possam ter acesso a Cristo por meios os mais diversos possíveis, a fim de favorecer que inclusive os não cristãos possam ao menos conhecer e mesmo vivenciar, na sua realidade, os valores cristãos. Um caminho possível para isso é uma evangelização a partir dos Direitos Humanos.<sup>475</sup>

Há que se valorizar os educadores que, com um compromisso de vida fundamentada no Evangelho, constituem exemplos de cristãos e testemunham Jesus Cristo – ou, pelo menos, os valores cristãos – dentro e também fora da sala de aula. Devem ser estimados como verdadeiros tesouros, luz no candeeiro que ilumina por onde passa. A universidade católica investirá na formação de seus integrantes sem a pretensão de retornos financeiros imediatos, mas, até pelo contrário, abrindo mão de lucro monetário a fim de “ganhar” pessoas, em publicações acadêmicas, atividades e eventos permanentes ou ocasionais de sentido cristão, incluindo o diálogo em fóruns ou outros gêneros de eventos com representantes de outras religiões.

Ao confessar e também anunciar um Deus criador de toda a realidade, a fé cristã abarca em sua compreensão universal toda e qualquer realidade. O que quer dizer que a natureza e a história, as produções culturais ou sociais todas devem fazer parte do horizonte cristão, sob pena de enfraquecer sua credibilidade. A noção de Reino de Deus como realidade em construção ao longo da história e como meta final da própria história exige que os fatos históricos de cunho cultural ou social

---

<sup>475</sup>A Pastoral Universitária Anchieta da PUC-Rio tem se empenhado em evangelizar interagindo com a comunidade universitária por meio dos valores éticos, humanos e cristãos. Há na mesma oferta de diversas atividades e propostas interativas a partir da promoção da dignidade e dos Direitos dos Humanos. Disponível em: <http://www.pastoraluniversitaria.puc-rio.br/>; HUNT, L., A invenção dos direitos humanos; KROHLING, A., Direitos humanos fundamentais, p.98-125.

sejam confrontados e interpretados nesta mesma perspectiva. Daí deverem ser devidamente conhecidos e avaliados, o que exigirá da fé não só entender sua linguagem, mas, de certo modo, nela se expressar, se quiser se fazer entender e ser acolhida na sociedade, naturalmente sem a pretensão de traduzir racionalmente em um contexto secularizado as verdades cristãs que apenas balbuciam o mistério divino.

Neste ponto se vislumbra um grande desafio para a Igreja, agravado nos dias atuais pela realidade da sociedade pluralista, em que a diversidade cultural é um fato incontestável. Neste contexto, a linguagem disponível para a Igreja levar adiante sua missão evangelizadora é exatamente a linguagem da sociedade do respectivo momento histórico. Por linguagem, entenda-se o conjunto das riquezas e conquistas culturais, sociais e científicas e, igualmente, os novos desafios nelas presentes e atuantes. Neste âmbito da relação Igreja-mundo se faz necessária a reflexão teológica para uma ação pastoral que seja adequada, compreensível e fecunda. Constata-se, atualmente, um descompasso, há a pregação em uma linguagem tradicional que não chega adequadamente aos ouvintes e, conseqüentemente, nem sempre é bem compreendida. Este fato é observado no âmbito litúrgico, mas também no amplo campo do pastoreio. O cristão professa sua fé no interior de um “imaginário” que lhe é familiar, mas que pode se ver ultrapassado pelo emergir de novos horizontes culturais ou de novas questões científicas (*EG* n.41). A fim de que a verdade da fé possa ser devidamente captada e assimilada, faz-se necessário que seja expressa em consonância e diálogo interativo com a cultura contemporânea. O Cristo vivo é a uma fonte de onde a vida toda emerge, é também desde onde tudo se edifica com solidez, é ainda uma fonte de renovação constante de tudo. A propósito recorda o papa Francisco:

Com a sua novidade, ele pode sempre renovar a nossa vida e a nossa comunidade e a proposta cristã, ainda que atravesse períodos obscuros e fraquezas eclesiais, nunca envelhece. Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-lo, e surpreende-nos com a sua constante criatividade divina. Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovação significado para o mundo atual. Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre “nova”. (*EG* n.11)

A tradição e a instituição não podem limitar o carisma de onde brotam, se o fizerem estarão autocentradas, terão perdido o elo fundacional. A tradição é uma

ponte, cujo objetivo é ligar a fonte à realidade presente, um canal para comunicar o Evangelho e não uma coluna rígida que engessa a Igreja como essa fosse uma estrutura imutável. Segundo Francisco: “uma pastoral em chave missionária não está obcecada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força de insistir” (*EG* n.35). A tradição consiste na transmissão sempre renovada, à medida que retorna constantemente à sua fonte primeira. O centro do Evangelho é sempre o ponto de partida de toda renovação em qualquer tempo e lugar. O retorno às fontes não constitui um movimento vertical que se distancia da realidade, mas, ao contrário, um caminho de encontro com a horizontalidade histórica, na qual estão os pobres e sofredores, o povo de Deus com muitos rostos, as culturas, os trabalhadores, os migrantes e refugiados etc. Para o papa Francisco,

o Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-o nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos. Este convite não há de ser obscurecido em nenhuma circunstância! Todas as virtudes estão ao serviço desta resposta de amor. Se tal convite não reflete com vigor e fascínio, o edifício moral da Igreja corre o risco de se tornar um castelo de cartas, sendo este o nosso pior perigo; é que, então, não estaremos propriamente a anunciar o Evangelho, mas algumas acentuações doutrinárias ou morais, que derivam de certas opções ideológicas. A mensagem correrá o risco de perder o seu frescor e já não ter “o perfume do Evangelho”. (*EG* n.39)

O pontificado do papa Francisco tem sido caracterizado pela prática do método conciliar de modo concreto, superando dualismos entre a fé e a realidade e demais polarizações que priorizem um dos dois aspectos. A leitura dos sinais dos tempos deve culminar na compreensão de que a realidade histórica é teológica e o mistério da encarnação é um dado de fé que se concretiza nas realidades; a Igreja se insere, por sua vez, em todas as realidades com a tarefa de encontrar Cristo presente nos outros e de se refazer nessa experiência espiritual e histórica.

### **5.2.3 Diagnóstico a partir da busca pela verdade**

A articulação entre a fé e a razão pode produzir resultados que contribuam com a busca permanente da verdade, ideal que rege tanto uma concepção escatológica de história quanto a concepção epistemológica que vê os modelos interpretativos como relativos (*ECE* n.17).

O propósito principal da universidade é proporcionar a expansão da maneira de ver as coisas, é a abertura da mente a horizontes novos, na universidade se cultiva o hábito de pensar, a capacidade para uma interação social e cívica. A universidade é uma comunidade de mestres e discípulos todos irmanados na busca pela verdade. Desde seus primórdios, se empenhou em cumprir o seu papel em vista da busca pela verdade, como afirma o historiador E. Grant:

O que tornou possível à civilização ocidental desenvolver a ciência e as ciências sociais de um modo que nenhuma outra civilização havia conseguido até então? Estou convencido de que a resposta está no penetrante e profundamente arraigado espírito de pesquisa que teve início na Idade Média como consequência natural da ênfase posta na razão. Com exceção das verdades reveladas, a razão era entronizada nas universidades medievais como árbitro decisivo para a maior parte dos debates e controvérsias intelectuais. Os estudantes, imersos em um ambiente universitário, consideravam muito natural empregar a razão para pesquisar as áreas do conhecimento que não haviam sido exploradas anteriormente, assim como discutir possibilidades que antes não haviam sido consideradas seriamente.<sup>476</sup>

A universidade católica é um espaço entre os mais idôneos que existem para suscitar o diálogo entre diferentes. Cabe à universidade favorecer o encontro entre as múltiplas verdades particulares das antropologias da cultura e as verdades “universais” baseadas na fé e no Evangelho. O integrismo do lado da Teologia e o absolutismo científico inviabilizam a possibilidade de diálogo em vistas de uma síntese fruto da sabedoria que se encontra para além do conhecimento tecnocientífico.

A educação está intrinsecamente vinculada à verdade, pois todo ser humano necessita orientar a sua vida pela e para a verdade. Ela se constitui, pois, um ideal para todos. A verdade possui um valor supremo para todo ser humano. A racionalidade que caracteriza todo ser humano exige a distinção entre o que é verdadeiro e o que é falso. Agostinho de Hipona dizia: “Encontrei muitos com o desejo de enganar outros, mas ainda não encontrei ninguém que quisesse ser enganado”<sup>477</sup>.

Sublinha-se a importância de se buscar a verdade no diálogo e na ação e não se firmar na crença de possuir a verdade, de modo que a universalidade da veracidade dos fatos possa coincidir com o pluralismo da verdade presente nas

---

<sup>476</sup> GRANT, God and reason in the Middle Ages, p.356 apud WOODS Jr, T. E., Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental, p.62.

<sup>477</sup> JULIATTO, C. I., Educação católica: desafios e perspectivas, p.35.

culturas. Tal pluralismo que caracteriza a Teologia é um voto de confiança na busca pela verdade, particularmente presente na teologia pastoral, em cujo contexto estamos investigando o âmbito da evangelização. Cabe enfatizar a necessidade de uma “teologia da cultura” que seja capaz de atuar a partir de documentação e reflexão adequadas, sem perder de vista que igualmente a teologia pastoral necessita das condições pessoais e sociais de acesso à verdade sob pena de incorrer em teorizações desencarnadas. É também nessas condições que se pode dar uma verdadeira inculturação do Evangelho, que não se restrinja a uma mera “adaptação”, mas, que tenha força crítica e profética.<sup>478</sup>

O docente tem um papel primordial quanto à transmissão de conhecimentos com autoridade e competência. Contudo, há que se desempenhá-lo sem arrogância, para enfrentar com o discente os problemas sociais, sempre a partir de uma orientação científica e ética a favor da vida e da justiça. Importa igualmente articular o conhecimento adquirido e a busca pela verdade a partir de uma epistemologia que respeite a realidade e que valorize outras formas de conhecimento para além do científico, tais como a arte e ou a religião, bem como rechace tanto o dogmatismo quanto o relativismo. Quando o professor é verdadeiro mestre, os estudantes o percebem como uma espécie de modelo de vida para além da respectiva disciplina. Por isso são importantes as referências de sua vida, seu estilo, não só no âmbito acadêmico – entre ele e os estudantes podem se estabelecer vínculos mais profundos. Na vida do professor que é crente e coerente com a sua fé, o estudante pode perceber a possibilidade de integração entre o labor científico e a experiência de Deus.

O encontro destes campos na universidade não é para a confrontação ou desqualificação mútuas, mas, muito ao contrário, é em busca da compreensão e da edificação também mútuas. Para se lograr esse objetivo, todos devem cultivar uma atitude de humildade intelectual e disposição para aprender o máximo possível do que a ciência pode descobrir quanto à busca pela verdade; a consciência social enquanto convencimento de que a universidade não se encontra isolada apesar de seu caráter autônomo, mas possui vínculos com a sociedade porque seus membros são integrantes de ambas e o que ocorre em uma repercute na outra. É mister que educadores e evangelizadores tenham presente a convicção de que o trabalho

---

<sup>478</sup> TORNOS, A., Inculturación. Teología y método, p.43-44.

investigativo se realiza em equipe, antes de tudo para que se garantam resultados mais confiáveis que visem beneficiar a sociedade pluralista. É importante, igualmente, estarem convencidos da possibilidade de dialogar e trabalhar em harmonia entre a investigação científica e a vivência cristã como sendo dois aspectos humanos da mesma busca pela verdade.

No labor investigativo, cada ciência é autônoma, condição que não as isenta de estenderem suas práticas tanto quanto possível, e também uma perspectiva de sentido a ser dada à vida humana na sua dignidade e transcendência e, a partir da verdade de cada um, buscar juntos, no diálogo, a verdade universal de cada ciência e do sentido último de todas elas. A investigação deve ir além das buscas de cunho econômico ou de prestígio e permanecer no espírito de serviço universal à verdade e à humanidade – que deve animar cada uma das ciências. Na universidade católica – como “universidade” e como “católica” – impõe-se uma busca conjunta não apenas de verdades parciais, mas da verdade total, a partir da fé e da ciência se busca uma aproximação da única verdade em Cristo, que mira inclusive o coração de cada ser humano e de cada cultura que dá sentido à pessoa e à ciência. Em Jesus Cristo está sintetizada a única verdade absoluta; todas as demais são relativas, portanto, absolutizá-las implica incorrer em erro epistemológico e em atentado à liberdade. A pessoa, a ciência, a religião como dimensões humanas estão libertas enquanto não se absolutizam e se ponham em relação de diálogo em distintos níveis, a fim de realizar sínteses integradoras que superem as dualidades fé-razão, fé-ciência, fé-cultura, fé-vida.

O ensino superior sempre esteve, de um modo ou de outro, entre as frentes levadas pela Igreja católica em seus processos de inserção na sociedade e no mundo das ciências, como um dos serviços prestados ao ser humano em seus diversos contextos e como uma tarefa de formação humana, cultural e de investigação enquanto busca pela verdade. O diálogo entre a Igreja e a cultura, nos mais diversos contextos históricos, pautou-se pela convicção da distinção e, ao mesmo tempo, da complementaridade das verdades da fé e da razão, adquirindo dinâmicas originais que, em meio a inegáveis tensões, possam produzir sínteses e personalidades distintas para as mais diversas ciências.

#### 5.2.4 Diagnóstico a partir da integração fé e vida

Este estudo, considerando os quatro núcleos temáticos a partir do método ver-julgar-agir possibilita o entendimento de que o objetivo final da missão evangelizadora da universidade católica expresso de modo resumido é a integração entre fé e vida, viabilizada por meio do diálogo entre a fé a cultura. Esse diálogo, embora no contexto acadêmico, não pode restringir-se ao intelectualismo, aos fóruns, às conferências e aos congressos acadêmicos. Tanto a fé quanto a cultura devem ser vivenciadas no cotidiano e nas mais diversas esferas da instituição. Do mesmo modo, o encontro com Jesus Cristo não pode restringir-se a uma abstração teórica, pois como afirma o papa Bento XVI na *Deus Caritas est*, “não se começa a ser cristão a partir de uma decisão ética ou uma grande ideia, mas do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”, a fé cristã compromete vitalmente. “Viver uma vida crente hoje, em oração e fé verdadeiras, implica em criação de cultura, só assim é possível fazer Deus verossímil culturalmente”<sup>479</sup>. É necessário empenhar-se para que os processos históricos caminhem até Deus e, por conseguinte, que não se voltem contra o ser humano. O cristão não pode fechar-se em um espiritualismo a-histórico, tal caminho não seria verdadeiro cristianismo, por outro lado, há que se ter presente que todo temporalismo que não compreende a história como lugar da revelação divina tampouco é cristão.

Na realidade universitária, é comum encontrarmos grandes tergiversações quanto à formação da fé, comportamento muitas vezes proveniente de épocas passadas nas quais prevalecia uma religiosidade só de costumes, moralizante e desarraigada na vida. No cotidiano dos universitários, os compromissos de trabalho, estudo, investigação e assistência social em geral são assumidos com responsabilidade, porém, em muitos casos encontram-se à margem das convicções religiosas. Isso evidencia a ruptura entre a fé e a vida, mas, ao mesmo tempo, constitui um valioso substrato para a sua recondução e são desafios à religião e à universidade, particularmente, a católica. Nesta se deve proporcionar a possibilidade de amadurecer a partir de uma “fé infantil” oferecendo elementos que a valorizem, cultivem, testemunhem e encarnem no meio intelectual; a vivência da

---

<sup>479</sup> DEL AGUA, A., Pastoral Universitária.

fé durante a vida universitária não pode continuar sendo vivida do mesmo modo que na família ou na catequese paroquial, uma vez que na universidade é necessário considerar de um modo específico a pessoa, enquanto o seu fundamento e o sentido da sua vida, a sua forma de amar, de orar, mas, também de refletir.

A fé só pode ser estruturada a partir de um encontro sério com a divindade e, no caso da universidade católica, o protótipo, indubitavelmente, deve ser Jesus Cristo, a partir do encontro pessoal com Ele é que se poderá reconstruir a integração entre fé e vida. A partir daí, há que se ressignificar as próprias expressões religiosas e o comportamento humano, que mudará de acordo com o comprometimento em relação aos compromissos; os mandamentos não são impostos para “cumprir-se”, mas derivam dos próprios compromissos assumidos voluntariamente a partir da experiência de fé; as crenças se harmonizam com as vivências. Eis porque afirmamos que o evangelizador, o agente de pastoral e o educador cristão têm um papel testemunhal relevante, a fim de que os compromissos suscitados e assumidos possam ir além de uma adesão meramente lógica ou emotiva. O testemunho recebido se transforma em vivência pessoal, o que torna o testemunho evangelizador sempre novo, assegurando igualmente a dinamicidade segundo a qual o evangelizado também evangeliza.

O testemunho de vida cristã tem dois polos: um que se refere à vida do sujeito como aspiração pessoal e outro que remete aos semelhantes com os quais convive, uma atitude como consequência do primeiro. Em termos evangélicos, se pode afirmar que o seguimento de Jesus Cristo implica uma prática do amor aos irmãos. Na universidade católica, esse amor se concretizará na criação de laços e vínculos cristãos entre os estudantes e igualmente entre os professores. O professor se converte de certo modo em modelo de vida para seus estudantes, em mestre não só de seu respectivo conhecimento técnico específico, mas, também, de sabedoria humanizadora.

A fim de se ressaltar a importância dos mestres na vida dos estudantes, deve-se sublinhar a necessidade de opções pelos acontecimentos que objetivam demonstrar como é necessária a integração entre a fé e a vida, e como isso pode se concretizar na universidade. No cotidiano da universidade há estudantes que se sentem sós, mas há também casos, sobretudo nas universidades católicas, de grupos que podem ser compostos só de estudantes ou ligados a algum docente. Esses grupos podem ser possibilitadores de vínculos de amizade verdadeiras, bem como podem

também ser espaço de reflexão de temas como a própria vida, o amor, a bondade, a beleza, a felicidade, a verdade, a fé etc. É possível formar grupos que se tornam comunidades cristãs, cujo centro é Jesus Cristo, ou mais precisamente, valores crísticos, uma vez que pode incluir neles também pessoas não cristãs. Muitos destes grupos consideram e julgam a realidade a partir do horizonte de Jesus, o que culmina em ajuda mútua, reflexões sobre temáticas político sociais candentes e atitudes de solidariedade para com necessitados. Tudo isso aponta para uma realidade na qual a vida concreta e cotidiana está de algum modo sendo iluminada pela fé cristã.

Para se obter isso, é preciso haver investimentos financeiros, mas não são necessárias quantias muito elevadas, pois nem é aconselhável que se façam muitos gastos como, por exemplo, palestras com pessoas muito famosas, cujos custos são enormes e a efetividade, muitas vezes se resume a aplausos efêmeros. É preferível o investimento realizado no labor continuado de integrantes da própria universidade católica, cuja vida cristã seja exemplar, porém, discreta. Dar visibilidade a essas vidas, por exemplo de jovens e ou adultos responsáveis que desempenham trabalhos solidários a partir da sua fé, sem personalismos, pode suscitar e ir criando um estilo de vida e de fé que se converte em testemunhal e apostólico, uma vez que se transmite de pessoa a pessoa entre os próprios membros da comunidade universitária. Mais que em grandes encontros, que podem ocorrer com proveito em ocasiões esporádicas, tais processos têm mais garantia de êxito se e quando são realizados em encontros domésticos habituais.

Tudo isso favorece a busca do sentido da vida, sobretudo aos jovens que ainda o constroem, principalmente, em relação àqueles que se encontram de algum modo desorientados. Igualmente, também se consolida o incremento da promoção da dignidade humana, uma vez que se criam critérios de juízo ponderado e modelos de comportamento equilibrados, que ajudam evitar o escapismo, o esnobismo e a superficialidade de vida.

Por isso, aproveitar o tempo, o entusiasmo e a energia juvenis para compartilhar como se vive a fé, por meio de realização de oficinas de reflexão orante, de estudos bíblicos, preparação e realização de voluntariados profissionais articulados com valores solidários, fóruns, mesas redondas e muitos outros tipos de experiências vivenciais, bem como levá-las a outros, é uma forma magnífica de expressar a integração entre a vida e a fé, e é também tornar a fé visível e a vida

credível. Isso é o que mais necessitam, particularmente, os jovens e é o que pedem consciente ou inconscientemente para dar sentido à sua vida. A conformação de redes de comunidades que têm essas vivências estrutura a própria universidade católica como uma grande “rede de comunidades” unidas por laços vitais, para além de acadêmicos e administrativos.

É importante realizar uma leitura dos sinais dos tempos com uma visão a partir da fé para descobrir na realidade o processo de salvação que Deus opera e nos comprometermos quanto ao chamado que Ele faz. Isso implica e pressupõe um novo tipo de evangelização que não se ocupa simplesmente em transmitir os conteúdos da Palavra escrita, mas que também busca ajudar as pessoas a descobrirem, na sua respectiva cultura e na sua realidade pessoal e comunitária, as sementes do Verbo como expressão da ação salvadora que Deus opera. É o que aqui denominamos evangelização a partir das culturas. Por isso é que se faz necessário reorientar o sentido da evangelização da cultura e das culturas. Trata-se de uma evangelização a partir das culturas, como um novo paradigma teológico, cuja visão pode ser apresentada pontualmente da seguinte forma:

1. Favorece o diálogo fé e cultura ao considerar a fé mais próxima à cultura; enriquece o encontro e melhora a fraternidade, a comunhão e a missão. Do mesmo modo, facilita o encontro, o compartilhamento, para além do dar e receber e favorece o diálogo inter-religioso, transreligioso e intercultural. Interpreta melhor os sinais dos tempos que chegam ou se geram na cultura autônoma, com suas características e suas manifestações próprias para descobrir nesses, como expressão da realidade, a salvação que Deus opera.<sup>480</sup> Estimula os compromissos dos indivíduos que tomam como pessoais, ao surgir da própria cultura, facilitando a tarefa de conversão e a difusão da Boa Nova.
2. Corrige-se o conceito segundo o qual o evangelizador é quem leva o conteúdo da fé ou do Evangelho, reconhecendo o protagonismo em quem realmente ele deve estar, isto é, o Espírito Santo com a sua ação em quem está sendo evangelizado. Ao mesmo tempo, assegura

---

<sup>480</sup> MORAES, A. A catequese hoje, p. 274: “A catequese deve fazer muito mais do que afirmar que Deus quer a salvação do gênero humano. Ela deve ser sinal eficaz desta salvação”.

no evangelizador a permanente abertura à voz do Espírito para a sua própria conversão e crescimento espiritual, deixando-se interpelar pela ação do Verbo na cultura que não é a própria.<sup>481</sup>

3. Enfatiza-se o sentido da encarnação da mensagem do Evangelho nas culturas por meio das sementes do Verbo, presentes em toda cultura. Reconhece-se a universalidade da redenção que não pode ser restrita a um povo ou a uma cultura, nem a uma época ou a uma atividade pastoral. Liberta o Evangelho do etnocentrismo e de toda restrição histórica, doutrinal e jurídica e, portanto, cultural, já que o Evangelho transcende todas as culturas. Igualmente, se perfila uma Igreja nova, sem preconceitos, mas, antes de tudo, como criação genuína do Espírito, que a dinamiza e a abre às expectativas da fé. Uma Igreja dinâmica e criativa quanto aos sinais sacramentais e também outros que possam enriquecer os tradicionais, oferecendo expressões de fé com significados renovados, a partir dos imaginários, dos costumes, folclore, ritmos, vestuário, alimentos etc. das culturas.
4. Todo ser humano é criado por Deus, mas tal consciência só pode ser reconhecida experiencialmente, a partir da cultura e da sociedade na qual o ser humano vive. Os ideais estão propostos; mas, para alcançá-los, faz-se necessário partir de situações concretas. De maneira que a evangelização a partir das culturas venha corrigir a frequente teorização ou racionalização da fé, ao vê-la evidente e atuante na vida das pessoas. Recupera-se, igualmente, a dimensão mística, experiencial, vivencial do ser humano, que remete ao coração das pessoas e das comunidades nas quais habita Jesus Cristo. Por isso, faz-se patente a presença de Jesus Cristo mais nas pessoas que nos sinais, nos escritos e ritos, mais nas experiências que nos conteúdos e nas formas, mais no espírito que na lei, mais na verdade e na realidade que na aparência e no cumprimento.

---

<sup>481</sup> PEDROSA-PÁDUA, L. Espiritualidade e Bíblia, p.72: “A espiritualidade – ‘vida inteira guiada pelo Espírito Santo’ – é sempre humanizadora de todas as dimensões do humano e integradora de todas as suas relações”.

“Uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela” (EG n.183). Por meio dessas palavras, o papa Francisco ressalta que o mundo de hoje continua sendo o resultado de grandes transformações. Tais mudanças ocorrem em todos os aspectos da vida humana e acabam por configurar um novo modo de ser e viver das pessoas, o que evoca a necessidade de um compromisso social a ser assumido pelos cristãos. Esse compromisso pressupõe uma corresponsabilidade com o projeto do Reino de Deus, cuja proposta é oferecida à toda humanidade, que no seu seguimento edificará uma sociedade mais justa e solidária. Tornar o Reino de Deus presente e atuante pressupõe a compreensão clara de que não pode haver, na vida cristã, o divórcio entre fé e vida. “Nenhuma definição parcial e fragmentária, porém, chegará a dar a razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização, a não ser com o risco de a empobrecer e até mesmo de a mutilar” (EG n.17). O compromisso social cristão nada mais é que o resultado de uma resposta de fé que o ser humano, em seu encontro pessoal com Jesus, dá ao chamado imperativo do “Segue-me”! Essa resposta tem consequências na história de cada um e na história de toda a humanidade. Trata-se de uma resposta amorosa que deve provocar consequências sociais, pois, como diz Francisco, “(...)a vida social deve ser um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos” (EG n.180). Se toda pessoa tem uma natureza social e, portanto, necessita do outro para poder ser ela mesma, pode-se afirmar que o cristão necessita do outro para compreender a própria fé. Torna-se claro que esta vocação traz consigo uma razão de agir e de amar específica, uma vez que há uma íntima conexão entre a experiência de fé e a experiência moral: Deus se torna Pai por meio de Jesus e, através dele, para toda a humanidade. A propósito enfatiza o papa:

Confessar um Pai que ama infinitamente cada ser humano implica descobrir que “assim lhe confere uma dignidade infinita”. Confessar que o Filho de Deus assumiu a nossa carne humana significa que cada pessoa humana foi elevada até ao próprio coração de Deus. Confessar que Jesus deu o seu sangue por nós impede-nos de ter qualquer dúvida acerca do amor sem limites que enobrece todo ser humano. A sua redenção tem um sentido social, porque Deus em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens (...) A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora. (EG n.178)

Na mesma linha, Bento XVI enfatiza a importância e o significado do compromisso social da Igreja no que se refere à integração entre fé e vida:

O compromisso social da Igreja não é somente algo de humano, nem se resolve numa teoria social. A transformação da sociedade, realizada pelos cristãos ao longo dos séculos, constitui uma resposta à vinda do Filho de Deus ao mundo: o esplendor de tal Verdade e Caridade ilumina todas as culturas e sociedades. São João afirma: “Nisto temos conhecido amor: no facto de que Ele (Jesus) deu a sua vida por nós. Portanto, também nós devemos dar a nossa vida pelos nossos irmãos” (1Jo 3,16).<sup>482</sup>

Igualmente, o educador Paulo Freire alude para a necessária coerência que consiste na diminuição da distância entre o que se diz e o que de fato se faz, de tal maneira que em um dado momento a fala esteja em conformidade com a prática<sup>483</sup>, perspectiva que no contexto da universidade católica tem questões e implicações concretas.

A excelência acadêmica deve estar sintonizada com o compromisso social, do contrário emerge a pergunta do que se entende pelo significado da excelência acadêmica. Quais são os critérios para defini-la? Como tem sido a formação dos docentes? Quais conteúdos são fundamentais nas matrizes curriculares? Qual a participação do corpo administrativo para se lograr tal objetivo?

A formação acadêmica, na universidade católica, deve ser marcada pela ética e pelo humanismo integral: a proposta educativa está promovendo o desenvolvimento humano e social de toda a comunidade acadêmica? Ela tem contribuído para o êxito da formação humanista e científica de profissionais competentes, que tenham como base valores da ética, da solidariedade e compromisso com o bem comum? A proposta educativa e formativa tem concorrido para uma formação solidária, interdisciplinar, transdisciplinar e humanística, orientada por uma perspectiva ética, cristã e católica? Estão sendo devidamente respeitadas a autonomia universitária e a liberdade acadêmica?

Questões de cunho ético e humanísticos devem fazer parte das matrizes curriculares: justiça, amor, liberdade, solidariedade, honestidade, sobriedade, bondade, diálogo, profissionalismo, senso de responsabilidade e de serviço ao bem comum; são esses, dentre outros, valores presentes em toda a proposta da

---

<sup>482</sup> BENTO XVI. Discurso à Pontifícia Comissão Teológica Internacional (2 dez 2011) Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/december/documents/ht\\_ben-xvi\\_spe\\_20111202\\_comm-teologica.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/december/documents/ht_ben-xvi_spe_20111202_comm-teologica.html)>. Acesso em: 5 out 2019.

<sup>483</sup> FREIRE, P., Pedagogia da autonomia, p.24.

instituição? Onde e como podem ser identificados? A ética de Jesus Cristo se faz realmente presente no cotidiano da instituição?

O compromisso social deve ser um dos distintivos de uma universidade católica: os projetos de extensão e de pastoral universitária estão voltados para o serviço da comunidade? Há investimentos suficientes para tais projetos, são considerados seriamente no orçamento? Os projetos de ação social, a política de bolsas para pessoas de baixa renda, os salários dos funcionários e a questão dos passivos trabalhistas são considerados de modo condizente com a respectiva missão da instituição?

A inclusão e a justiça social como prioridades: como tem sido feita a inclusão social? Qual é o compromisso da instituição com a justiça social? Têm sido formadas pessoas comprometidas com a justiça e que assumem a inclusão como critério evangélico nas suas propostas e serviços? Como estão sendo tratados os discentes, os docentes e o pessoal técnico-administrativo? Como tem se dado a acolhida às pessoas com deficiência? E a inclusão dos mais pobres, em geral, como tem se dado?

A universidade católica afirma o primado da pessoa humana sobre as coisas. Diante dessa afirmação, cabe a pergunta: a pessoa do estudante está acima do valor pago por ele à instituição? É possível afirmar que, considerando as opções feitas, o trabalho vale mais do que o capital? O investimento nas pessoas está na mesma proporção, ou é até prioritário, do que o investimento em infraestrutura e tecnologia?

Todos esses pontos e questões se somam a outros que podem ser indicadores de que a articulação entre a fé professada e a vida cotidiana concreta estão ou não em sintonia e coerência, uma vez que a missão prioritária das faculdades e universidades católicas é a educação, na qual a missão social está, necessariamente, incluída. A *ECE* articula a missão social da educação superior católica com as seguintes expressões: “[A universidade católica] é solicitada – sempre no âmbito da competência que lhe é própria – a ser instrumento, cada vez mais eficaz, de progresso cultural, quer para os indivíduos quer para a sociedade” (n.32). A *ECE* afirma que o papel da educação superior católica é o de ser intérprete entre a Igreja católica e a cultura contemporânea. Além de propor soluções desafiadoras, a Doutrina Social da Igreja também oferece princípios fundamentais para a educação superior católica enfrentar uma ampla variedade de questões sociais. Levando em

conta áreas de pesquisa que a *ECE* estimula a serem assumidas, a relação com a DSI resulta óbvia:

Suas atividades de investigação, portanto, incluirão o estudo dos graves problemas contemporâneos, como a dignidade da vida humana, a promoção da justiça para todos, a qualidade da vida pessoal e familiar, a proteção da natureza, a procura da paz e da estabilidade política, a repartição mais equânime das riquezas do mundo e uma nova ordem econômica e política, que sirva melhor a comunidade humana, a nível nacional e internacional. (*ECE* n.32)

Para a educação superior católica, no entanto, não é suficiente apenas estudar teoricamente os problemas sociais, a *ECE* enfatiza que a educação superior católica também tem a responsabilidade de praticar a justiça social. Por exemplo, as escolas têm que descobrir maneiras de “tornar a educação universitária acessível a todos que dela possam tirar proveito, especialmente os pobres ou os membros de grupos minoritários, que dela foram tradicionalmente privados” (*ECE* n.34). É evidente que há várias maneiras de a educação superior católica praticar a justiça social por meio de suas estruturas e políticas institucionais. Em cada caso a DSI fornece princípios fundamentais para que a educação superior católica possa cumprir a sua missão social. Em vista dessa mesma integração fé e vida, o papa Francisco afirma na sua primeira exortação apostólica:

Há políticos - e também líderes religiosos - que se interrogam por que motivo o povo não os compreende nem segue, se as suas propostas são tão lógicas e claras. Possivelmente é porque se instalaram no reino das puras ideias e reduziram a política ou a fé à retórica; outros esqueceram a simplicidade e importaram de fora uma racionalidade alheia à gente. (*EG* n.232)

Os líderes na educação superior católica podem ser inspirados por esses conselhos de Francisco para passar das ideias às ações, da teoria à realidade, dos princípios às práticas. Na posição singular que ocupa entre a Igreja Católica e a cultura contemporânea, a educação superior católica pode contribuir para traduzir a teoria presente na DSI em prática, possibilitando que se concretize a almejada integração entre a fé e a vida.

A tradição também tem grande importância enquanto transmissão para a integração do Evangelho com a vida – uma tradição autocentrada perde a própria razão de ser e vira uma repetição enfadonha que não comunica, torna-se doutrina sem vida dando segurança, falsa impressão de segurança. Quando isso acontece, “a

vida da Igreja transforma-se numa peça de museu ou numa possessão de poucos” (EG n.95). A fé e a vida não são territórios opostos, mas, ao contrário, são uma única realidade que são os seres humanos enquanto seguidores de Jesus Cristo. Tudo aquilo que afasta o ser humano da vida concreta o distancia de Deus. Portanto, “a solução nunca consistirá em escapar de uma relação pessoal e comprometida com Deus, que ao mesmo tempo nos comprometa com os outros. Isto é o que se verifica hoje quando os crentes procuram esconder-se e livrar-se dos outros (...)” (EG n.91). A tradição provém do Evangelho e deve pôr-se em movimento a fim de comunicá-lo e desse modo possibilitar a sua articulação com a vida. A tradição viva presta o serviço de vincular a vitalidade que vem do Evangelho com a vida. A tradição é a construção permanente do diálogo entre as fontes e da fé e a vida.

### 5.3

#### **Linhas de ação em vistas de orientar a missão evangelizadora da universidade católica**

Na reta final desta investigação, procuraremos vislumbrar linhas de ação que poderão servir de orientação para possíveis projetos no contexto da missão evangelizadora da universidade católica, e até mesmo possam ser úteis a outras universidades não confessionais.

A partir da realidade apreendida empiricamente por meio do contato pessoal e cotidiano com os universitários, particularmente por meio das atividades oferecidas pela Pastoral Universitária<sup>484</sup>, se constata que muitos chegam à universidade com anseios, sobretudo de conhecer e afirmar ideias e experiências, ainda que com possíveis vícios intelectuais e de linguagem, certas confusões propiciadas por ideologias ou teorias tendenciosas ou mercantilistas e hábitos relativistas ou hedonistas.

Diante disso, é importante, a partir da academia:

a) Conquistar a sua confiança e se lhes apresente uma visão da realidade e dos sinais dos tempos de forma aberta, desinteressada e objetiva. Do mesmo modo se apresenta a necessidade de dar-lhes respostas de cunho pessoal e livre, mas que sejam responsáveis e comprometidas, possibilitando oferecer um estilo de respostas

---

<sup>484</sup> No caso particular da Pastoral Universitária Anchieta da PUC-Rio cresce cada vez mais o número de atividades realizadas em parceria, ou pelo menos, em diálogo com os mais diversos Departamentos da universidade, buscando de fato concretizar o ideal de que a universidade seja toda ela cada vez mais uma universidade em pastoralidade, como já aludimos.

dadas desde a fé em um Deus que é próximo do ser humano, um Deus que está presente neles tal como em toda a realidade. A atenção voltada primeiramente às pessoas é um indicativo do humanismo que caracteriza uma universidade católica.

b) Propiciar a doação de bolsas de estudo institucionais ou, pelo menos, redução no valor das mensalidades, viabilizadas por meio de uma política geral de austeridade e redução de gastos supérfluos, constituem exemplos concretos e edificantes que justificam na universidade católica a credibilidade em sua identificação como comunitária, “sem fins lucrativos”, uma vez que nas outras, comumente, ocorre o contrário.

c) Perceber que ajuda muito na credibilidade da verdade uma atitude de transparência, que pode ser concretizada por meio da submissão da administração a auditorias ou outros modos de fiscalização periódicos e confiáveis, assim como transparência na prestação de contas, tudo isso favorece um melhor conhecimento da comunidade universitária; isso, inclusive, pode servir de testemunho que se traduz em uma propaganda da instituição muito mais autêntica e eficaz do que as tradicionais e superficiais imagens de jovens sorridentes estampadas em panfletos publicitários.

Um dos maiores louvores possíveis ao diálogo entre fé e cultura é a estruturação ou a ampliação das redes de relações entre estamentos, faculdades, decanatos, centros etc, incluindo as unidades informais a serviço do crescimento particular como tal ou em determinados contextos da fé, da cultura e do saber. É importante a criação de redes de cuidado que podem pouco a pouco ir contagiando a partir do espírito de ajuda às estruturadas redes baseadas na autoridade ou nas competências administrativas e acadêmicas. Para incrementar essas estruturas, é importante impregnar-se de um espírito de generosidade, de saída de si a fim de ir ao encontro do outro. Esta estrutura de rede de cuidado pode chegar a estabelecer fortes vínculos com pessoas próximas, bem como permanecerem vínculos fundamentais dessa estrutura de rede, com outras pessoas, inclusive desconhecidas. Elas se poderão entender ao se encontrarem, devido ao fato de falarem o mesmo “idioma”, que no caso é a linguagem da fé traduzida em cultura cristã, que deve ser a verdadeira identidade de uma universidade católica. Especificando esses pressupostos, iremos apresentar na sequência, algumas linhas que abarcam campos de ações concretas.

1) Face a constatada ruptura entre a fé e a cultura é necessário o reencontro entre ambas em forma de diálogo para construir ou, em alguns casos reconstruir, uma vivência cristã da cultura a partir das sementes do Verbo. A administração da universidade católica deve propiciar condições para a realização de encontros de diálogo entre as culturas dos jovens, seus pais e seus professores a fim de que sejam superadas sua eventual solidão e confusão – esses encontros devem partir de uma fé viva, criativa, firme e aberta a todos. A universidade católica deve interpretar os sinais dos tempos e dar respostas a partir do humanismo cristão aos problemas ocasionados pela globalização, mudanças de época e outras dificuldades que afetam a sociedade, ela poderá fazer isso, por exemplo, por meio de convocação de atividades de voluntariado e projeção social e missionária. A universidade necessita fazer uma autoanálise e uma autocrítica a respeito da brecha cada vez mais profunda entre as ofertas aos novos ingressantes e os logros obtidos quando chegam à conclusão da respectiva graduação.

2) Face ao imperialismo mercantilista que cada vez mais grassa na sociedade ocidental, a universidade católica necessita assumir atitudes por meio das quais dê exemplo, dentre outros, por meio de atos de austeridade para favorecer o acesso aos estudos a uma maior quantidade de estudantes, especialmente aqueles cujos recursos financeiros são escassos. Na mesma linha encontra-se a estruturação e o fortalecimento de redes internas e externas de relações que propiciem o encontro entre pessoas que façam a comunidade universitária visível, abrindo caminhos para a evangelização do meio intelectual, como presença da Igreja, apresentando a mensagem de Cristo de forma audaz e rechaçando valores contrários à vida e à fé.

3) Destaque deve ser dado ao papel do docente enquanto evangelizador que por meio de seu testemunho de vida seja modelo e referência para que os estudantes encontrem na sua vida um horizonte que transcenda os esquemas mercantilistas e superficiais. Isso pode ser realizado a partir de tutoria personalizada, formadora ou acadêmica. Dar a devida importância às disciplinas formativas, em cujo contexto se experimenta a harmonia entre docência e evangelização bem como um devido investimento nelas.

4) A universidade católica, a partir de suas notas essenciais como universidade e como católica, deve propiciar o encontro entre a ciência e a fé por meio de fóruns, colóquios etc. Cabe a ela promover, a partir da autonomia universitária, uma investigação baseada na consciência ética e no fomento da

transdisciplinaridade, interdisciplinaridade e da integração do saber em consonância com a busca permanente da verdade, a partir da ciência e da fé, que respeitem e promovam a dignidade e a liberdade humana<sup>485</sup>.

5) Compete à universidade favorecer a criação de vínculos de amizade e de fraternidade cristãs entre estudantes e professores por meio de encontros, seminários e formação de comunidades de vida. Será saudável uma pedagogia da insistência, como uma reiteração das ofertas a serem feitas aos jovens para facilitar a interiorização da mensagem cristã, bem como enfatizar de diversos modos os espaços e as atividades evangelizadoras a fim de assegurar, ao menos, o conhecimento deles e de toda a missão evangelizadora da universidade católica.

Tudo isso em vistas de se criar um ambiente favorável à evangelização em relação à urgência do Reino de Deus. É importante retomar esse enfoque na iluminação baseada no ideal do Reino de Deus e a partir daí contemplar a realidade com os olhos da experiência proveniente do encontro com Jesus Cristo a partir das culturas existentes na universidade católica.

Há um caráter que emerge com cada vez mais força na universidade católica que é a necessidade de se chegar a um relativo consenso que dê sentido contemporâneo e que articule, organize e impulsione a universidade enquanto instituição, com identidade, missão e lugar na sociedade, para a comunidade e com a comunidade. É a necessidade de se encontrar o carácter de totalidade, de unidade, de sentido comum e universal das ações acadêmicas de todas as áreas, de todos os profissionais; de algo que torne orgânico e não mecânico o que se faz em conjunto na universidade. Importa refletir sobre o que se faz enquanto universidade, o que se faz da universidade, o porquê se faz e o como se faz. Trata-se da necessidade de encontrar e pôr em prática aquilo que permite que se fale de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, de comunidade acadêmica em finalidade comum com as tradicionais funções da universidade, de sua mútua reciprocidade e interpenetração. É fundamental dar importância àquilo que permite falar de autonomia com sinergia ou ainda do projeto de universidade católica.

---

<sup>485</sup> SCHILLEBEECKX, E., O mundo e a Igreja, p. 377: “(...)Chegou-se a perguntar se, não tenha a universidade perdido o seu significado fundamental como fator de cultura e de humanização. Transformou-se ela num conjunto heterogêneo de especializações e de laboratórios justapostos, em que cada um segue o seu caminho”.

A universidade perderia a sua razão de ser, enquanto geradora de ideias, de pensamento original, de técnicas inovadoras, de diálogo cultural, se a própria ideia de si e a ideia do projeto de porvir humano não fossem executadas. Neste sentido, compete à universidade católica dar continuidade aos anseios cotidianos – locais, nacionais e internacionais. Pensar a universidade como um todo e cada uma de suas partes em particular exige que se tenha sempre presente, de algum modo, o serviço à comunidade.

Os que estão à frente da universidade nos mais diversos níveis são atores, mas são também espectadores em relação aos processos existentes na instituição. A fim de que o processo de se pensar a universidade e a sua respectiva missão evangelizadora implique em construir seu o perfil e que este seja adequado para o presente momento histórico-social e para o futuro, isso só pode acontecer de forma participativa.

Nas instituições em geral, a transformação costuma ser silenciosa, discreta, pois desse modo pode ter mais garantia de eficiência e de legitimidade. Na universidade, no entanto, este método não se aplica, pois, ela é lugar típico de produção de conhecimento novo, a própria ideia de si não pode ser executada sem ser discutida, pois o debate toma a forma de ato pedagógico que se transmite à cada atividade da universidade – administrativa, docente, discente, de pesquisa, de extensão. Isso torna o método possível e necessário, veículo de transformação da mentalidade, da adesão e do comprometimento – porque o debate, então, toma a forma de ato de amor, pela universidade, particularmente pela missão evangelizadora que lhe compete desempenhar. Por isso é que o processo de se autoespelhar da universidade, de se autossituar, necessita ser tema de discussão. No caso da universidade católica, pelos sinais contemporâneos que ela está emitindo, ficaria incoerente e injustificável a própria transformação se houvesse a ausência do debate.

Dois extremos devem ser evitados, um é o centralismo que se caracteriza pelo desejo de se realizar as transformações sem nenhum debate, em nome da eficiência – desse modo as coisas parecem andar mais rápidas e melhores –, o outro a ser evitado é o “assembleísmo”, que sob o pretexto do debate, acaba por propiciar que não se faça mais nada, mergulhando-se em discussões inconsequentes e emperradas.

A solução para essa aparente aporia pode estar na utilização de métodos, cujos processos sejam participativos e tragam de saída perspectivas de resultados que, quando acontecem e onde acontecem, já são por si mesmos garantia de um patamar de qualidade das ações da universidade: a prospectiva da possibilidade de que cada um possa construir seu projeto pessoal dentro do grande projeto global coletivo. Isso porque participar afeta o estilo pessoal de cada um, o modo de presença, o tipo de atuação. Por participar, entende-se, nesse contexto, ter uma missão no grupo, no conjunto; é também ter parte ativa na caminhada; é “estar mais por dentro”; é tomar parte no controle da solução de problemas; é poder trazer espontaneidade, inventividade, criatividade ao trabalho; é poder compartilhar ideias e ações; é repartir sucesso; é compartilhar o poder de realização; é ter satisfação pessoal e coletiva. O método do processo participativo traz consequências também para o estilo das instâncias de planejamento e decisão: ninguém deverá abrir mão de suas atribuições, nem da autoridade, mas ela será exercida no estilo “*co-mandar*” que se traduz em uma “gestão serviço”, uma vez que os princípios da liderança servidora podem ser aprendidos e aplicados por quem tem a vontade e a intenção de mudar, de crescer e de melhorar<sup>486</sup>. Trata-se, na universidade católica, de favorecer a unidade do que é diverso sendo que é justamente aí que está o seu diferencial e também a sua força motriz. Na união da diversidade, das diferenças, da pluralidade – é aí que se verá a capacidade de energização das lideranças e a correta medida da gestão colegiada.

A necessidade de se transformar ou permanecer sendo uma autêntica universidade tem peculiaridades específicas. Uma dessas é que a universidade em geral, enquanto instituição milenar e cada universidade em sua história particular, acumulou qualidades inestimáveis que foram consolidadas e que, conseqüentemente, consolidaram a instituição universidade. Esse dado alude a necessária e permanente transformação da universidade enquanto instituição e que tenha uma característica que é a correta combinação entre o espírito transformador e a lucidez de conservar o que de positivo já está consolidado ao longo da história, e que constitui a universidade como tal.

Outra peculiaridade característica da evolução positiva da universidade, enquanto instituição, é que ela se configura como uma instituição tipicamente

---

<sup>486</sup> HUNTER, L., Como se tornar um líder servidor.

dedicada à produção de pensamento, de tecnologias e de estratégias rumo à produção do novo. Entretanto, é importante frisar que transformar, neste caso, não significa apenas seguir a lógica de adaptar a universidade a cada nova moda que surge, mas, no caso específico da universidade católica, procurar estar na vanguarda, nas fronteiras, em preparação constante para um futuro melhor para todos.

O pensar a missão evangelizadora da universidade católica aponta para o fato de que ela é chamada a ser mais que uma universidade convencional, na medida em que é veículo, no plano humano, de especiais relações transpessoais, transociais, transculturais, trans-históricas capazes de contribuir para a dignificação do futuro, do futuro do ser humano, do projeto de pessoa humana e de sociedade.

Por isso, pensar a universidade católica implica produzir uma reflexão a partir do fundamental caráter de autotranscendência da universidade, o que quer dizer que o fato de a universidade católica apontar sempre para algo que ela não é (ou que ela ainda não é), aponta para um sentido que ela deve adquirir ou que ela deve passar à sociedade humana. A universidade católica a partir do “já” aponta essencialmente para o “ainda não” enquanto dimensão escatológica.<sup>487</sup>

É mister pensar a universidade católica como espaço privilegiado de descobertas de vanguarda, onde o saber aparece como serviço útil para valorizar o ser humano, sem isso, a universidade católica perderia a sua razão de ser e de existir e incorreria em um vazio de sentido que, no todo da universidade, nestas primeiras décadas do terceiro milênio, poderia ser comparado a inflação na economia de um país: se não se chega em tempo a uma solução satisfatória, a demora acarreta a desvalorização, sendo que no caso da universidade católica e de sua respectiva missão essa desvalorização culmina na sua desumanização.

A fim de descobrir a condição transcendente da vida universitária dentro da qual cada aspecto seu remete para mais além do que aparece ou do que as funções universitárias tradicionalmente exigem e prospectam, faz se necessário um olhar atento que se habitue a ver sincronicamente, que é ver o conjunto, capaz de captar, simultaneamente, diversos níveis da realidade, internas e externas à universidade. Uma profunda reflexão coletiva, capaz de se adiantar ao futuro e prevenir o que irá

---

<sup>487</sup> KUZMA, C., O futuro de Deus, p.52: “A missão da esperança é motivada pelo movimento de Deus em nosso favor, revelando-nos o seu futuro e convidando-nos a seguir em sua direção, mas irrompe da esperança cristã vivida junto à comunidade de fé e da sociedade em que se encontra”.

acontecer se forem adotadas certas atitudes e se forem realizadas determinadas ações. Descubrem-se processos que conduzem a universidade à evolução e outros que podem destruí-la. Ter-se-á uma ideia nítida de que nada é separado ou compartimentado na vida universitária; tudo, nela está intervencido, mantém relação dentro do grande sentido comum, vivente em cada parcela do fazer universitário, em cada fibra nervosa do tecido acadêmico.

Uma outra importante característica da universidade católica em vistas do futuro é a superação do isolamento como um todo ou dos isolamentos internos e externos, a superação dos hiatos, dos fossos, das divisões, dentro da *integração* sustentada e alimentada por um sentido comum do porquê existe uma universidade católica, do para quê existe uma universidade católica hoje.

No contexto da Revolução Industrial e sobretudo nos séculos XIX e XX, a universidade se concentrava na preparação de mão de obra, a fim de fornecer à sociedade habilidades e recursos destinados a suprir as suas necessidades. Tratava-se de uma visão meramente utilitarista, portanto, limitada em relação ao potencial da universidade. Nos dias atuais, se algum departamento na universidade permanecer nesta visão, está contribuindo para que a universidade se assemelhe a uma linha de produção de uma fábrica. Essa concepção tem como consequência que tudo o que se decide na universidade, os critérios, estabelecer prioridades, áreas de excelência, financiamentos, não vem dela própria, nem da sua propalada autonomia, mas, de fora, mais precisamente das exigências do mercado.

A formação acadêmica deve transcender o específico da sua respectiva especialização e por meio da inter e da transdisciplinaridade se defrontar com os problemas sociais. Isso pode ser alcançado por meio da valorização do ensino da Filosofia, da política de pesquisa e da extensão universitária. A universidade pode produzir robôs programados para a eficiência técnica, porém, a universidade católica é chamada a preparar, antes de tudo, líderes qualificados e capazes de dignificar o seu próprio destino, bem como o destino da humanidade, por meio de seu pensamento inovador, da sua ação nova, do sentimento característico da sua profissão.

Outro aspecto a ser superado na universidade católica é o da parcialização que implica na fragmentação da razão. Até há algumas décadas, reinavam absolutas a razão técnica e a razão científica, porém, cada vez mais se vislumbra a existência e

a importância também de outras inteligências<sup>488</sup>, cada vez mais se faz presente a consciência da necessidade da razão política, pois, a contenda entre a técnica científica e a razão política na universidade nunca foi devidamente equacionada.

Não se pode pensar a universidade sem a conjugação, a integração da razão inteira em coexistência à razão técnico científica, razão política, razão ética, razão sensível e também religiosa e espiritual<sup>489</sup>. A força proveniente do florescimento da razão ética é perceptível nas mais diversas instâncias da realidade social. Quanto à razão sensível, a sua valorização trouxe consigo a consciência da necessidade de se ter prazer no que se faz e sentir satisfação no sentido do que se faz, do porquê se faz. O prazer de estudar, de ensinar, de pesquisar, de realizar o que se aprende juntos – porque se vislumbra um sentido comum e resultados. O prazer de estar comprometido com os destinos e a história dos seres humanos. A emergência dessas instâncias da razão favorece o incremento da universidade, repercutindo nos conceitos de qualidade e de competência.

Cabe hoje a pergunta sobre o que seja qualidade em cada ação acadêmica, o que é e quais devem ser os critérios para se avaliar a competência acadêmica. Um dos principais desafios para a universidade católica é a superação dos reducionismos a fim de que ela não fique confinada ao ensino técnico-científico e/ou da razão política, caminho que gera uma universidade permeada de hiatos, de isolamentos. Um caminho para a superação dessa realidade é que as hierarquias na universidade não sejam sinônimos de divisões, de fossos, de separações, mas, sim, de instrumentos e caminhos comuns para objetivos semelhantes e a eficiência coletiva de todas as instâncias do processo.

A universidade católica não pode se transformar em uma ilha e nem um oásis de saber rodeada de um mar ou deserto de ignorância, tal concepção acarreta ou aprofunda o hiato entre a universidade e a sociedade. A universidade católica protagoniza, ou pelo menos participa ativamente, da revolução científica e tecnológica – o que é uma grande contribuição à sociedade. É igualmente necessário que a própria universidade, em primeiro lugar, prepare a si mesma para a compreensão e o domínio humano, político, ético, estético, se não o fizer se limitará

---

<sup>488</sup> GARDNER, H.; CHEN, J.; MORAN, S., *Inteligências múltiplas*.

<sup>489</sup> TORRALBA, F., *Inteligência Espiritual*, p.67: “A busca incessante, o anseio por uma vida plena, a aspiração à total realização, são características perfeitamente identificáveis no ser humano”.

a preparar instrumentos, incorrendo ela própria no perigo de ser reduzida à condição de instrumento.

Os hiatos internos que se expressam na separação dos títulos, das áreas, das funções precisam ser devidamente enfrentados, pois as áreas biomédica, técnico-científicas, sociojurídicas, econômicas, filosófico-humanísticas etc. não devem ser divisões estanques, mas apenas distinções necessárias e úteis, uma vez que constituem a riqueza transdisciplinar da universidade, por isso não devem ter umas prioridades sobre as outras.

As funções do ensino, pesquisa e extensão, na universidade católica, como em todas as demais no Brasil, são inseparáveis e de mútua necessidade, sob pena de perderem-se nos seus fins intermediários, de tal forma que, sua utilidade, seus resultados e sua perfeição, isolados, podem ficar comprometidos. O sentido atual da universidade católica pressupõe a inseparabilidade das funções e da mútua necessidade, de tal modo que o conceito contemporâneo verá uma instituição universitária como digna deste nome se as três funções clássicas - ensino, pesquisa e extensão - se interpenetram de tal modo que nenhuma possa concretizar-se realizada sozinha. Não deve haver hierarquia de nobreza de uma sobre a outra. Não deve haver o professor que ensina, o pesquisador que pesquisa, o conferencista que faz extensão, todos agindo isoladamente. Dentro do possível, deve haver a reciprocidade e a mútua compenetração, que é o que faz com que uma ação acadêmica assuma o perfil de uma ação universitária. Tudo isso em vista da superação da distância entre o corpo administrativo e o corpo docente, e da separação entre professores e estudantes; entre estudantes e corpo diretivo; entre as funções-meio (secretárias, por exemplo) e as funções-fim (docentes, por exemplo). A superação desses fossos evita que a universidade se pareça com uma terra de *apartheids*.

Caso a universidade permaneça com as tradicionais divisões estanques, ela pode funcionar, porém fica reduzida a finalidades intermediárias. Pensar a missão evangelizadora da universidade católica hoje implica em pensá-la para além do que apenas um somatório de cursos e especialidades. A tarefa de conduzir a universidade católica à sua realização enquanto universidade e à sua maturação, consiste na integração do que é função meio na totalidade do sentido-fim, que é o para que existe uma universidade católica hoje. Se a universidade católica almeja formar o ser humano integral, ela própria necessita ser e estar integrada.

A mera funcionalização dos meios como meta da universidade católica ocasiona uma constante desintegração das funções da universidade, jogando contra a realização do seu sentido, portanto, o desenvolvimento esperado para a maturidade da universidade católica contemporânea passa necessariamente pela integração crescente das suas funções, no conjunto do que se compreende por universidade católica não uma soma de mecanismos, mas, como organicidade. A tarefa de todos os membros da comunidade universitária, a começar pelos responsáveis pela direção, é mostrar, na prática, a interdependência de tudo o que se faz academicamente, das funções, dos meios, das ações da vida universitária para que a universidade católica contemporânea seja plenamente, e de fato, uma universidade.

Compete à universidade católica empenhar-se em pôr em forma a capacidade de ver em conjunto os diferentes valores construídos no seu interior e integrá-los, religá-los quando se fizer necessário, objetivando o valor maior de conjunto que está contido na resposta à pergunta: por que existe a universidade católica? Sabemos que a resposta a essa pergunta é mais ampla do que parece, principalmente se acrescentarmos o advérbio “hoje”. Em todo caso, é bastante consensual que a universidade católica atual deva ser pensada participativamente, em processo comunitário e coletivo. As sinergias compenetrantes com as autonomias.

A universidade católica atual e a sua respectiva missão evangelizadora devem ser pensadas como um todo orgânico com uma finalidade comum, buscando a superação do particularismo, do separatismo, da rotina mecânica das funções a ser ultrapassada e explicada pela universalidade criativa que decorre do seu sentido e da sua finalidade. Ela é chamada a cultivar uma atitude integradora.

A disciplinaridade, é a atual característica da estrutura departamentalizada da universidade. Na universidade católica, necessita cada vez mais ser transbordada para a interdisciplinaridade nos núcleos de estudo, na configuração dos novos currículos, na montagem dos cursos e/ou atividades de extensão e na proposição e execução de projetos de pesquisa e de projetos acadêmicos em geral. Não obstante, a sua importância histórica, atualmente, a disciplinaridade responde mais à característica especializante e fragmentária da “modernidade” do mundo do trabalho técnico e industrializado; a interdisciplinaridade emerge como exigência da mentalidade de totalidade e inteireza da realidade e, portanto, da mútua reciprocidade dos conhecimentos, das ações e das produções. A

interdisciplinaridade pressupõe a disciplinaridade, que por sua vez oferece a condição para aquela. O empenho interdisciplinar decorre mais de uma mentalidade consciente de um tipo de trabalho, de ação acadêmica, do que da simples agregação ou justaposição de disciplinas de áreas diferentes, o que se chama multidisciplinaridade ou pluridisciplinaridade.

Trabalhar interdisciplinarmente é pôr a qualidade, a competência e a especificidade especializada de uma disciplina, de uma área de conhecimento, como parte da homogeneidade de um todo plurifacetário. Promover interdisciplinaridade é o que conduz o heterogêneo ao homogêneo, o plural à unidade. No processo educativo a interdisciplinaridade aponta para o progresso integral da pessoa, uma vez que é fundamentada na participação, no trabalho de grupo, no projeto coletivo e resulta da mentalidade de organismo, de organicidade, de sentido e meta comuns. Ela é avessa aos corporativismos e aos isolacionismos e é fatora de um típico modo de ser da universidade, próprio de sua vocação, lugar das grandes sínteses do real e da cultura humana, que só podem resultar da conjugação de esforços das diferentes áreas acadêmicas que se procuram, se necessitam e se organizam dentro de um sentido/projeto comum.

Onde a universidade católica quer chegar? O que ela pretende alcançar? Esse rumo deve ser encontrado dentro da tradição e da história positiva da universidade em geral e da universidade católica em particular, e em consonância com a sua identidade e a sua missão explicitados nos documentos pertinentes, sobretudo, na Constituição Apostólica *ECE* que, como temos visto no decorrer desta pesquisa, contempla a universidade enquanto universidade e enquanto católica.

A identidade da universidade católica se concretiza na realização da sua missão evangelizadora, não há como ela tergiversar diante do seguinte desafio: como levar a cabo a missão de oferecer uma visão unitária de cunho cristão para a diversidade e a pluralidade de racionalidades e de disciplinas presentes no espaço universitário?

A fim de que na universidade católica se cumpram as exigências provenientes da mensagem recebida de Jesus Cristo é necessário que ela desenvolva uma disposição tanto pessoal como, sobretudo, comunitária, para que sejam impregnados pelo Evangelho, simultaneamente, o ver, o julgar e o agir, em vista da superação da mera manutenção de um discurso institucional mesclado, vez ou outra,

de conceitos evangélicos<sup>490</sup>. A identidade cristã na universidade católica não pode ser reduzida a adornos, a atividades esporádicas ou a um testemunho apenas ocasional<sup>491</sup>.

A identidade da universidade católica não é uma abstração, ela resulta da presença real e vivida de um espírito que deve ser caracterizado como sensibilidade, doação, cuidado, acolhimento, respeito e empenho pelo outro, sobretudo pelos mais necessitados na sociedade. Trata-se de um ideal a ser efetivado, ainda que parcial e imperfeitamente, no *campus* universitário, envolvendo diretores, professores, estudantes e funcionários. A efetivação desse ideal não se mede pela mera realização de atividades de cunho religioso, embora essas sejam necessárias, a fim de reavivar a consciência de ser comunidade universitária com um espírito que deve caracterizar a qualidade das atividades e dos relacionamentos interpessoais.

A universidade católica, em sua identidade cristã, deve colaborar com a Igreja, fazendo uso de todo o seu cabedal de conhecimentos, organizando cursos, eventos e outras ações para melhor qualificação dos agentes de pastorais, clérigos e leigos. Igualmente, cônica de sua responsabilidade na construção de uma sociedade justa e fraterna, atuando em seu eixo de extensão, deve debater e tomar posição diante dos graves problemas que atualmente afligem a sociedade – e será tanto melhor se o fizer em sintonia com a Doutrina Social da Igreja<sup>492</sup>. Não obstante o devido respeito a ser cultivado em relação à diversidade de opiniões, sempre é possível oferecer ao grande público, padrões e elementos de cunho cristão que sejam critérios de avaliações e de práticas sociais. A universidade católica enquanto espaço em que a Igreja apresenta seu pensamento e ensinamento tem a missão de educar as pessoas a ver, julgar e agir como membros de comunidades frequentadas e modeladas pela visão da justiça e da misericórdia divina, proporcionando aos estudantes e professores formação crítica e práticas transformadoras que os

---

<sup>490</sup> *Sapientia Christiana*, Parte I, art.1, art. 3,§1: “Para exercer o ministério da evangelização que Cristo lhe confiou, a Igreja tem o direito e o dever de erigir e de promover Universidades e Faculdades que dela dependam. Essas têm por finalidade cultivar e promover, mediante a investigação científica, as próprias disciplinas, e em primeiro lugar aprofundar o conhecimento da Revelação cristã e das matérias que com esta têm conexão, explicar sistematicamente as verdades que nela se contêm, considerar os novos problemas do nosso tempo à luz da mesma, e apresentá-la ao homem contemporâneo de forma adequada às diversas culturas”.

<sup>491</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO DA CULTURA, Para uma pastoral da cultura, n.4: “Evangelizar não de maneira decorativa, mas, de maneira vital”.

<sup>492</sup> FAUX, J. M., Ensino Social da Igreja, p. 62: “A justa concepção da pessoa humana e seu valor é, sem dúvida, o fio condutor do ensino social da Igreja desde o seu início. Mas essa justa concepção só foi sendo explicitada em toda a sua verdade aos poucos”.

ajudarão a se tornarem e construirão sociedades mais justas, pacíficas e sustentáveis. Isso porque a doutrina e a prática da justiça social estão entranhadas no coração da fé cristã e são, portanto, essenciais para a identidade da Igreja e da missão evangelizadora da universidade católica.

A universidade católica deve primar-se pela organização e empenhar-se por estar bem orientada, cultivando um equilíbrio entre democracia e disciplina; ela necessita de educadores bem preparados – por educadores entende-se tanto os professores, quanto os gestores e os demais funcionários; a universidade deve estar voltada à inovação e à variedade de atividades; deve promover e educar para valores, preocupada com a formação moral e espiritual dos seus estudantes. No capítulo 3 fizemos menção a uma pesquisa coordenada pela Cultura Religiosa e o Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio no ano de 2018 e, dentre vários dados coletados, destaca-se a família mencionada como um valor para 71,6% e a amizade, para 73,1%. Esses resultados aparecem ao lado de outros que outrora eram muitos significativos, porém, segundo a mesma pesquisa, estão deixando de sê-lo, é o caso da religiosidade (3,5%), do temor a Deus (7,5%)<sup>493</sup>.

São resultados elucidativos do ponto de vista que estamos afirmando no decorrer deste estudo quanto à necessidade de a universidade católica refletir sobre este novo modo de pensar dos jovens universitários. Eles manifestam apreço por valores humanitários fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e solidária, na qual haja inclusão, solidariedade, liberdade de opção, igualdade de oportunidades, justiça social dentre outros. Constata-se também na mesma pesquisa ênfase na liberdade individual (49,6%) como sendo um valor que se desdobra em uma dupla dimensão da liberdade, entendida como valorização da pluralidade, no que se refere, por exemplo, à relação com Deus, com a sociedade com a natureza e, simultaneamente, há valorização da singularidade quando se trata da relação consigo mesmo.

Essa amostragem soma-se a outras constatações, revelando-se um instrumento útil para levar a universidade católica a permanecer desperta face às mudanças de mentalidade que estão ocorrendo nos últimos decênios. Nota-se que alguns valores tradicionais permanecem e até crescem enquanto outros estão perdendo força, muitos estão sendo substituídos. O conjunto destes resultados se

---

<sup>493</sup> SIQUEIRA, J., Valores dos jovens universitários da PUC-Rio, p.12.

soma a outros dados semelhantes que servem para reforçar a consciência de que a missão evangelizadora da universidade católica necessita estar aberta para acolher os desafios contemporâneos, procurando realçar o que existe de positivo neste novo modo de pensar da juventude universitária. Cabe à universidade católica pôr-se, constantemente, a pergunta de como melhorar institucionalmente a fim de que possa testemunhar os princípios e os valores que identificam a universidade enquanto católica, confessional e comunitária.

#### 5.4

#### **A importância da Teologia no interior do *campus* da universidade católica**

A função da teologia católica tem passado por significativas alterações ao longo dos tempos. Nos primórdios do cristianismo, cabia-lhe a função de sistematizar criticamente a doutrina a fim de traduzi-la para as pessoas da cultura de então. Até o final da Idade Média, opiniões e discussões realizavam-se sob a unidade do *corpus christianum*. A partir da Reforma, o próprio cristianismo, principalmente no Ocidente, torna-se plural. O teólogo, cada vez mais é chamado à interação com a sua respectiva situação cultural, social e eclesial constituída por influências complexas.

Na Antiguidade e também no Medievo, as discussões entre as diferentes escolas realizavam-se em referência a certos pontos em comum. Os conceitos, a terminologia, os pressupostos filosóficos, o ambiente cultural e de percepção da vida ocorriam em um contexto no qual as diferenças eram pequenas. Nos tempos modernos, a teologia católica defronta-se com muitas mudanças que perpassam toda a sociedade. Por um lado, estão os desafios advindos das descobertas geográficas e da revolução científica; por outro lado, a Teologia, no Ocidente, esteve assinalada pela Contra Reforma, até o CV II. Desde então, a Teologia passou a considerar de modo mais direto e intenso a vida real dos cristãos, uma vez que cresce a percepção de que essa carece de reflexão teológica criativa.<sup>494</sup>

No período pós-conciliar, apareceu uma sucessão de teologias adjetivadas: teologia da morte de Deus, teologia da esperança, teologia da libertação, teologia feminista... essa multiplicidade de perspectivas juntamente com a pluralidade de

---

<sup>494</sup> MORI, G., A trajetória histórica da Igreja na evangelização dos jovens, p.8-10.

métodos criaram um panorama de teologias fragmentadas. A partir do Iluminismo, a Igreja Católica padeceu de uma situação de vazio, de falta de referenciais comuns, apoiando-se no sobrenaturalismo, no autoritarismo, no pietismo etc., o que gerou doutrinas abstratas, distantes da realidade concreta do mundo, de modo que nem todos os teólogos estão à altura de interagirem com as questões atuais postas pela Filosofia e pela cultura determinada pela tecnociência. Essa pluralidade indica que as teologias contemporâneas necessitam estreitar o diálogo antes de tudo entre elas mesmas, mas, também, com o mundo atual, sob pena de ficar um espaço vazio que favorece o surgimento de um novo ateísmo ou, no outro extremo, um fideísmo frágil.

Para que o pluralismo de teologias tenha credibilidade e faça jus ao nome, ele necessita estar sempre fundamentado na Bíblia, na Tradição da Igreja e no senso de fé dos fiéis. A partir do CV II, os desafios para a Teologia em âmbito acadêmico aumentaram, pois, os tradicionais conceitos metafísicos por ela utilizados (transubstanciação, moral natural etc.) não são mais unívocos. O pluralismo teológico, em princípio, não suprime a função do Magistério nem a unidade na profissão de fé, porém, para a imagem pública da Igreja e a manutenção da própria unidade da fé é indispensável a tradução da consciência de fé para o interior das novas culturas. Tal tarefa exige que Magistério e teólogos somem forças e esforços. Os teólogos necessitam estar atentos a fim de não transformarem hipóteses ou interesses ideológicos em dogmas.

O atual pluralismo teológico contemporâneo difere, qualitativamente, da concepção teológica que vigorou no mundo medieval. Novos saberes fragmentam a visão do mundo. O confronto e o diálogo do pensamento cristão já constituído com este mundo novo não se consolidam automaticamente. O referencial comum da linguagem, da Filosofia e do próprio conceito de ciência desapareceu. A metafísica é alvo de questionamento por parte de diferentes correntes filosóficas, esvaindo desse modo o seu carácter e pretensão de evidência. Compete, em primeiro lugar, ao teólogo se empenhar em vistas de edificar pontes entre passado, presente, futuro e traduzir, sem trair, a identidade cristã para o mundo atual, caracterizado por rápidas e permanentes mudanças. Vale enfatizar que é necessário fazer isso estando consciente de suas limitações, a propósito, o papa Francisco é enfático:

Ensinar e estudar teologia significa [...] se encontrar com as necessidades das pessoas às quais é anunciado de maneira compreensível e significativa. Devemos evitar uma teologia que [...] olha para a humanidade de um castelo de vidro. É aprendida para ser vivida: teologia e santidade são um binômio inseparável. [...] A teologia que elaborais [...] acompanhe também os processos culturais e sociais, em particular as transições difíceis. Neste tempo a teologia deve enfrentar também os conflitos: não só os que experimentamos na Igreja, mas também os relativos ao mundo inteiro e que são vividos pelas ruas da América Latina. [...] A teologia seja expressão de uma Igreja que é “hospital de campo”, que vive a sua missão de salvação e cura no mundo. [...] O teólogo [...] seja uma pessoa capaz de construir humanidade ao seu redor, de transmitir a divina verdade cristã em dimensão deveras humana.<sup>495</sup>

Nestas primeiras décadas do novo milênio, urge que a Teologia faça uma análise crítica das transformações, sem incorrer nas armadilhas dos discursos desprovidos de fundamento racional nem vinculados ao conteúdo da fé. O teólogo atualmente transita em diferentes contextos institucionais. Na universidade, lhe são exigidas publicações científicas, participação em associações nacionais e internacionais de pesquisadores, sendo também muitas vezes chamado para conceder entrevistas a jornais, revistas, rádios, televisão e etc.

O contexto universitário é um dos mais privilegiados para a reflexão teológica, pois, vale sublinhar que a Filosofia e a Teologia constituem a matriz geradora da universidade medieval. Na universidade, formam-se profissionais treinados para o uso crítico da inteligência. Ali organizam-se programas de pós-graduação nas mais diversas áreas de conhecimento, incluindo a Teologia e as Ciências da Religião. A fim de que esses programas cumpram sua finalidade, não é suficiente um corpo docente titulado, é igualmente necessário que seja produtivo. Sua produção deve ser de boa qualidade, de relevância religiosa e também social. Para que os doutores tenham condições de produzir pesquisas de valor, necessitam dispor de regime de tempo integral e infraestrutura adequada, isso vale para os teólogos, do mesmo modo que para todas as outras áreas.

No contexto universitário, desenvolvem-se relações complexas e diversificadas. O teólogo não pode se isolar, ele deve dialogar; acompanhar o que acontece em sua área de conhecimento e nas outras, sobretudo as afins. O professor de Teologia não pode limitar-se ao ensino, que é condição necessária, mas não suficiente. A rigor, para merecer o título de teólogo, não basta portar um diploma e

---

<sup>495</sup> FRANCISCO, Carta por ocasião do Centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina, apud MORAES, A., Entre mistério divino e humano, p.172-3.

lecionar. É preciso também publicar com regularidade, servindo de exemplo e estímulo aos jovens estudantes. É preciso acompanhar jovens na pesquisa e na orientação para a vida.

Além dos cursos de graduação em Teologia, no Brasil, surgiram nas últimas décadas, cursos de pós-graduação *lato sensu*, também chamados de especialização, e os *stricto sensu*, que são o mestrado e doutorado em Teologia. A implantação dos programas de pós-graduação *stricto sensu* impõe modificações no panorama nacional no campo da educação, incluindo a Teologia. Não é mais possível cursos livres de Teologia, sob pena de os mesmos não serem levados a sério pelos profissionais de outras áreas do conhecimento.

Todas essas transformações têm modificado as tradicionais funções, bem como o próprio perfil do teólogo. Para ser docente de Teologia, é preciso atualização contínua, é exigido também coordenação de projetos de pesquisa, participação ativa em eventos científicos. A legislação brasileira exige, além de titulação, que pelo menos um terço dos docentes da universidade tenham regime de tempo integral. O teólogo católico deve sentir-se livre e estimulado a pesquisar. A propósito, a *ECE* assegura:

A Igreja, aceitando “a legítima autonomia da cultura humana e especialmente das ciências”, reconhece também a liberdade acadêmica de cada um dos estudiosos na disciplina da sua competência, de acordo com os princípios e os métodos da ciência, a que ela se refere, segundo as exigências da verdade e do bem comum. (*ECE* n.29)

A mesma *ECE*, em seguida, explicita que também os teólogos, “desde que adiram a tais princípios e apliquem o seu método respectivo, gozam da mesma liberdade acadêmica”. No contexto da globalização, é necessário que também o teólogo ultrapasse as fronteiras individuais e institucionais dentro da internacionalização dos saberes e das profissões. O teólogo provinciano tem cada vez menos espaço. A Teologia encontra-se no contexto da nova cultura, marcada pelas conquistas da tecnociência, que supera os limites dos países e continentes. A cultura do saber é internacional. Como em todas as áreas do conhecimento, além de conhecer as línguas bíblicas, o teólogo é instado a conhecer as línguas internacionais mais utilizadas nas ciências. É fato que parte significativa dos teólogos resistiram por muito tempo à internacionalização há tempo vigorando no campo das demais ciências.

Cada vez mais cresce a importância da Teologia para a vida da Igreja e também para a sociedade. Não basta repetir doutrinas, fórmulas dogmáticas, oferecendo respostas a perguntas que não são mais feitas<sup>496</sup>. A missão da Teologia na Igreja e na universidade católica é contribuir na busca de respostas para problemas novos e velhos à luz da fé e da razão, em comunhão, mas, não submissão em relação à hierarquia eclesial. Se a fé é condição necessária para fazer Teologia, isso não implica que seja suficiente. O teólogo deve buscar “as razões de sua fé” (1Pd 3,15), no mundo de hoje, com discernimento crítico, uma plausibilidade racional da fé e falar com coerência do Deus testemunhado pelas Sagradas Escrituras<sup>497</sup>.

Ser teólogo hoje significa, pois, exercer uma atividade de cunho profissional de responsabilidade eclesial e, simultaneamente, social. A avaliação quantitativa e qualitativa da produção intelectual realizada por órgãos especializados do MEC fornece uma ideia mais objetiva quanto à relevância do que está sendo feito. Nos últimos tempos, têm surgido novas perspectivas para a reflexão teológica, como a ecologia, as éticas aplicadas (bioética etc.), as consequências da tecnociência etc. O teólogo necessita participar e colaborar na investigação de novos campos relevantes para o ser humano no planeta. Ele deve fazer isso sem abandonar aqueles temas originais que permanecem atuais como o próprio discurso sobre Deus, a relação entre fé e razão, o significado da investigação científica e técnica para o ser humano, a ética... A propósito afirma João Paulo II:

É essencial convencer-nos da prioridade da ética sobre a técnica, do primado da pessoa sobre as coisas, da superioridade do espírito sobre a matéria. A causa do homem só será servida se o conhecimento estiver unido à consciência. Os homens da ciência só ajudarão realmente a humanidade se conservarem o sentido da transcendência do homem sobre o mundo e de Deus sobre o homem.<sup>498</sup>

O ensino tem se tornado cada mais especializado desenvolvendo a capacidade de produção intelectual a partir da pesquisa. O estudante deve aprender a buscar respostas aos novos problemas. É fundamental que o docente inicie o estudante da graduação na pesquisa, pois, só assim, no final do curso, ele estará apto a produzir

<sup>496</sup> MORAES, A., Entre mistério divino e humano, p. 171: “Querendo refletir cientificamente sobre o escopo da revelação de Deus para a pessoa humana, a teologia na PUC-Rio recorreu e recorre às contribuições que as demais ciências podem oferecer no desenvolvimento dessa sua tarefa primeira”.

<sup>497</sup> RODRIGUES, M. P., Palavra de Deus palavra da gente, p.171.

<sup>498</sup> JOÃO PAULO II, Discurso na Unesco, em 2 jun 1980, citado na *ECE* n.18.

um trabalho de conclusão como resultado de uma pesquisa desenvolvida e orientada por um professor que seja de preferência um pesquisador. Por isso seria bom cada docente do *stricto sensu* ter seu projeto de pesquisa, interagindo com estudantes desde a graduação.

O ensino superior como um todo tem passado por muitas mudanças, se outrora se esperava que o professor fosse conferencista com informações organizadas, com um discurso em sala de aula rico em expressão oral, hoje é cada vez mais exigido um discurso metodológico e teoricamente orientado, com vocabulário apropriado, dialogando com os estudantes por meio de demonstrações metodologicamente corretas. O estudante de Teologia é estimulado a sair de uma escuta passiva e a participar dos debates suscitados, a sistematizar e organizar seus conhecimentos, a consultar as fontes, a analisar textos.

Na pós-graduação, o estudante espera que o professor o auxilie na introdução da pesquisa que tenha a ver direta ou indiretamente com questões atuais, aprofundando-as e confrontando as soluções com a tradição e a realidade do mundo atual, a fim de formar pesquisadores e qualificar recursos humanos de alto nível. Por isso, o professor deve acompanhar de perto as pesquisas de seus orientandos, embora por vezes seja pouco valorizada, a extensão universitária é uma das funções mais elementares do professor, que encontra nela uma oportunidade de compartilhar uma cultura geral de sua área de atuação a públicos mais amplos, por meio de atividades de extensão. Essa atividade é importante para divulgar o trabalho do teólogo e da sua respectiva instituição.

A Teologia é atividade que coenvolve fé e razão. A busca do *intellectus fidei* implica o pensar filosófico. A Filosofia desempenha uma dupla função relativamente à Teologia: hermenêutica e maiêutica. A base da Teologia é a fé, caso contrário incorre no risco de se reduzir a simples ideologia, cuja consequência seria a falta da insubstituível função crítica e libertadora que justifica a sua presença no âmbito universitário.

O teólogo necessita interpretar a experiência humana à luz da fé em Deus, mostrar que a existência humana não se reduz à racionalidade imanente. No mundo atual, o teólogo necessita mais do que nunca do diálogo entre a Teologia e a ciência, sem perder o respeito pelas respectivas autonomias. O que significa que uma não deve de modo algum instrumentalizar a outra, nem as confundir. Para dialogar com a ciência e a Filosofia contemporâneas, pressupõe-se uma razão aberta e capaz de

articular bem a questão de Deus. Deus não pode ser abordado como se fosse uma fórmula científica. Deus é um mistério e não um “objeto” do conhecimento humano.

A Teologia auxilia o ser humano na construção do sentido da vida, sentido do mundo, sentido de si mesmo.<sup>499</sup> A questão do sentido afeta a ciência, mas não pode ser totalmente respondida por ela. Esta é uma questão do domínio do saber, não do cálculo, pois transcende todas as questões às quais a ciência possa responder. A relação entre ciência e sabedoria permanece como problema constitutivo da Teologia<sup>500</sup>. Por isso, o teólogo necessita saber expressar-se em linguagem rigorosa, mas, inteligível; ele deve fazer autocrítica constantemente. A Teologia é mistagógica e, ao mesmo tempo, busca permanente da mais justa linguagem. A exigência crítica complementa a exigência mistagógica. A ausência de inteligência crítica cria espaço para fideísmos frágeis, fanatismos e fundamentalismos.

O docente de Teologia católica necessita conhecer os documentos eclesiais, a doutrina católica, mas, não pode ficar alheio às transformações que ocorrem no mundo intelectual e na sociedade. O curso de Teologia na universidade católica deve estar sintonizado com a identidade e a missão da universidade, contribuindo para que seja:

Uma comunidade acadêmica que, de modo rigoroso e crítico, contribui para a defesa e o desenvolvimento da dignidade humana e para a herança cultural, mediante a investigação, o ensino e os diversos serviços prestados às comunidades locais, nacionais e internacionais. Ela goza da autonomia institucional que é necessária para cumprir as suas funções, com eficácia, e garante aos seus membros a liberdade acadêmica na salvaguarda dos direitos do indivíduo e da comunidade no âmbito das exigências da verdade e do bem comum. (*ECE* n.12)

Em uma universidade confessional e comunitária, o professor de Teologia tem responsabilidade eclesial e intelectual. Por meio da pesquisa, cabe-lhe não só interpretar corretamente a doutrina da Igreja, mas, apontar-lhe novos caminhos na sociedade atual, abrindo novos horizontes aos profissionais dos diversos e múltiplos

<sup>499</sup> CARDOSO, M. T. F., No sentido da vida. Em diálogo sobre a prevenção do suicídio, p.318: “É importante ter uma reflexão teológica que contemple o sentido da vida. É bom experimentar o sentido da vida. É também útil encontrar elementos que favoreçam o viver. Para a reflexão teológico-pastoral e para a orientação prática, temos na fé cristã uma luz do evangelho como evangelho da vida e descobrimos na prática cristã possibilidades de serviço da vida, particularmente pelo amor e a caridade.”

<sup>500</sup> BRITO, E. J. C., Teologia e modernidade: o diálogo pelo avesso, p.141: “A resistência da teologia às mudanças provocadas pela modernidade pode ser vista como natural e até esperada, pois, o mundo pré-moderno da cristandade organizava-se em torno do religioso. A teologia era então o suporte intelectual e ideológico das relações e estruturas humanas.”

saberes. Como os pesquisadores de outras áreas do conhecimento, também o teólogo não pode se contentar com a reprodução dos conhecimentos já adquiridos, necessita ocupar-se com a aplicação desses saberes aos novos problemas científicos e práticos, bem como refletir sobre as suas possíveis consequências.

Esse profissional, na universidade, deve cultivar relações, não apenas com os estudantes e colegas, mas também interagindo com estudiosos e pesquisadores de outras áreas e de outras instituições. Deve mostrar competência e liderança nas atividades de seu respectivo campo de saber, sendo um agente de mudanças e um elo de ligação entre os diversos setores da universidade.

O teólogo, na universidade, deve ser um líder intelectual cristão, por seu saber e sua maneira de agir. Para tanto, deve desenvolver certas habilidades no exercício de suas funções acadêmicas e, por vez, também administrativas, relevantes para a sociedade. Espera-se que tenha sólida formação geral e humana, em permanente atualização. Os problemas de sua área específica sempre o confrontarão com outras áreas. Necessita saber buscar informações em fontes confiáveis em vista de uma visão mais global, alargando e aprofundando horizontes inter e transdisciplinares. Deve empenhar-se em favor do diálogo entre fé e razão.

Espera-se que o teólogo que trabalha na universidade apresente perspectivas para ser cristão no mundo de hoje e capacidade crítica para rejeitar projetos inviáveis na diagnose e solução de problemas concretos. Enquanto professor, compete ao teólogo ser educador, conduzindo e orientando os estudantes com autoridade, mas nunca com autoritarismo. Na era da globalização, a responsabilidade pública de seus atos e de suas palavras ultrapassa as fronteiras nacionais e culturais. O docente de Teologia, como em outras áreas de conhecimento, deve ter capacidade para inovar e criar, ter a competência para liderar e orientar. Isso exige pressupostos interiores e espirituais que fecundam a racionalidade e a competência adquirida. Sua ética deve ultrapassar os interesses pessoais. O fundamento do *ethos* do teólogo é a fé em Deus e nele fundamenta seu esforço para renovar o mundo. A fé, a esperança e a caridade capacitam o teólogo para assumir sua missão com coragem a fim de que ele se disponha a colaborar na construção de um mundo melhor, mais fraterno, mais solidário, mais justo, mais humano e mais cristão. A Teologia, na universidade, objetiva concretizar e explicitar a racionalidade da fé eclesial testemunhada e desenvolvida na história do povo de Deus. O teólogo deve ser um sábio, no sentido em que Tomás de Aquino

diz na *quaestio prima* da *Summa Theologiae*: a “Teologia é doutrina segundo a revelação divina”, caracterizando-a, depois, como *sabedoria*. Trata-se de ordenar, julgar e buscar uma visão de conjunto das coisas na perspectiva de Deus.<sup>501</sup>

Pode verificar-se no *campus* da universidade católica atual diversas modalidades de manifestações de fé exteriorizadas em variadas celebrações religiosas, atividades de cunho pastoral, aulas de cultura religiosa etc., contudo, tais atividades, em si legítimas, não logram atingir o nível de reflexão científico característico da universidade. É possível uma reflexão teológica em nível acadêmico, científico na universidade? A Teologia é uma ciência e enquanto tal é um produto humano, ela não é exatamente o discurso “sobre” Deus como a etimologia do termo *teo-logia* literalmente sugere. O objeto da Teologia é a revelação divina, que é a comunicação de Deus ao ser humano, feita, obviamente, em linguagem e modo humanos, assim sendo a Teologia é ciência enquanto é “um discurso sobre a experiência humana da fé em Deus e sua revelação, a Palavra de Deus, só nos é acessível em palavras humanas”<sup>502</sup>.

A presença da Teologia no âmbito universitário foi, no passado, um dado cultural aceito sem dificuldade pela sociedade e só se transformou em problema devido às transformações socioculturais, sucessivas e aceleradas, hoje experimentadas<sup>503</sup>. O fim da cristandade enquanto visão de mundo homogênea e hegemônica, como já vimos, possibilita o surgimento de concepções, mentalidades e práticas as mais variadas – é o que constitui a sociedade pluralista. Por um lado, ela é tolerante e inclusiva, mas, por outro lado, é crítica com relação, por exemplo a tradições de outrora, particularmente, as que reivindicam a verdade do ser humano e da sociedade, como é o caso da fé cristã.

A diversidade de disciplinas existentes na universidade, humanas, sociais ou físico-matemáticas só reconhece a presença da religião na academia desde que esta se situe no quadro da ciência histórica, sob a denominação de “ciências da religião”. Essa classificação cria dificuldades para a Teologia cristã, que não tem como prescindir de sua referência a Deus, de sua fonte na revelação, de sua profissão de fé no Absoluto Transcendente. A Teologia é questionada quanto à sua fundamentação epistemológica, ela tem sido acusada de ser um discurso restrito ao

<sup>501</sup> S. Th. 1, q.1 a.3 a 8.

<sup>502</sup> BRIGHENTI, A., Pastoral Dá o que Pensar, p.44.

<sup>503</sup> MIRANDA, M. F., Vislumbres de Deus, p.91-114.

subjetivismo, uma vez que sua base é a fé pessoal. Como compreender a Teologia enquanto ciência e, portanto, com legitimidade no contexto da universidade?

A questão é complexa, uma vez que a universidade, inclusive a católica, se encontra no interior da sociedade atual para a qual a ciência é, a grosso modo, definida como reflexão metódica e crítica sobre um objeto de estudo emergindo como agente primeiro a razão humana diversificada em várias ciências, produzindo racionalidades múltiplas<sup>504</sup> provenientes de seus diferentes objetos, de seus métodos de abordá-los e de suas específicas reflexões críticas a partir dos pressupostos que as fundamentam.

O carácter pluralista e tolerante que caracteriza a sociedade atual tem como consequência a diversidade presente e atuante nos membros da comunidade universitária, os desafios postos à Teologia se assemelham aos que se apresentam à Igreja, à sociedade e à universidade como um todo, portanto, não se trata de empreender uma abstração em relação à sociedade e à Igreja a fim de se considerar a função da Teologia no interior da universidade, uma vez que essas instituições estão intimamente inter-relacionadas e interagem continuamente, não podendo delas prescindir o teólogo em seu labor reflexivo e crítico. A universidade encontra-se situada em uma sociedade concreta, na qual também a Igreja desempenha seu papel social de cunho pastoral. A Igreja integra o mesmo contexto social em cujo interior o teólogo entende e expressa sua fé, pois se esta última é teologal em si mesma, ela é eclesial em sua modalidade<sup>505</sup>. A Teologia, tal como toda a universidade católica, deve estar a serviço da comunidade cristã, que se encontram desafiadas por questões postas à fé cristã e à instituição eclesial pela sociedade pluralista e secularizada, sujeita a uma racionalidade instrumental de ganhos e resultados.

Como aludimos acima, a dificuldade posta à questão da legitimidade da Teologia na universidade é como definir seu papel ao lado das demais ciências, sendo a objeção sempre recorrente situar-se no fato de o objeto da Teologia ser a revelação proveniente de Deus, que é em si inacessível ao ser humano, por ser o totalmente Outro, o Transcendente. Como, então, se pode explicar a presença constante, qualquer que seja sua modalidade, na história da humanidade? O ser humano experimenta sua contingência, não consegue explicar por que existe e,

<sup>504</sup> MIRANDA, M. F., Igreja e sociedade, p.44-49.

<sup>505</sup> LUBAC, H., La foi chrétienne, p.201-229.

menos ainda, a existência da totalidade da realidade. Se toda a realidade é contingente, então por que existe tudo o que existe?<sup>506</sup> Esta experiência básica do ser humano remete-o a uma realidade transcendente como razão suficiente da totalidade existente. Trata-se, portanto, do ser humano saber estar remetido, juntamente com toda a realidade, a uma alteridade transcendente. O discurso sobre Deus parte necessariamente da realidade humana de modo que em toda Teologia se encontra sempre uma antropologia.<sup>507</sup>

Enquanto transcendente, Deus é um mistério para o ser humano, cuja experiência lhe aparece como uma interpelação indeterminada sujeita a diversas interpretações. Diante do mistério da vida, tanto o ateu, como o cristão e o agnóstico se assemelham, porém, para o cristão este mistério é denominado Deus, a Teologia acolhe na fé este transcendente como Deus, cuja manifestação, por excelência se dá na pessoa de Jesus de Nazaré. Tal opção não se baseia em uma evidência racional, mas é uma opção livre, um ato de confiança que segundo a fé é possibilitado por Deus. A questão de Deus só surge quando se pergunta pelo sentido da totalidade e esta característica é fundamental para a Teologia.<sup>508</sup> Ela confessa Deus como o fundamento absoluto de toda a realidade, qualquer compreensão do cristianismo que utilize alguma outra chave interpretativa não poderá justificar a presença da Teologia na universidade, pois ela estará submetida a um horizonte próprio de outra ciência já presente na universidade. A Teologia se ocupa de Deus enquanto sentido último de toda a realidade, não de forma isolada, uma vez que é salutar o confronto com as conquistas das demais ciências.

Todas as ciências na universidade encontram-se sob a pressão da racionalidade econômica, que reina hegemônica, na atual sociedade. Tal racionalidade é caracterizada por uma intensa ótica produtiva, utilitarista, a ponto de influenciar todos os setores da sociedade, incluindo a própria universidade, avaliada por sua produtividade quantitativa, muitas vezes em detrimento da qualidade das suas publicações<sup>509</sup>, pois a universidade, inevitavelmente, reflete a racionalidade da sociedade.

<sup>506</sup> KUNG, H., O princípio de todas as coisas, p.34.

<sup>507</sup> RAHNER, K., Teologia e Antropologia, p.41; BRAKEMEIER, G., O ser humano em busca de identidade.

<sup>508</sup> MIRANDA, M. F., Vislumbres de Deus, p.108.

<sup>509</sup> BÉJAR, J. S., Cultura, universidad, evangelio, p. 380-83; SOSA, A., L'Università come fonte di vita riconciliata.

Até há algum tempo, toda conquista no âmbito do conhecimento e da técnica tinha sempre como destinatário final o ser humano, quanto a conhecer melhor as leis da natureza, os fatores inerentes à organização social, a pessoa humana com seus anseios e necessidades a fim de proporcionar-lhe uma vida mais humanizada e feliz.<sup>510</sup> Atualmente, o crescente afã por lucros e ganhos acarreta vultosos investimentos na indústria de armas, o consumo excessivo de drogas, o tráfico humano, tudo isso representa um enorme desafio a ser enfrentado por todas as disciplinas universitárias, particularmente à Teologia cabe difundir a visão cristã da pessoa humana, o seu valor exclusivo, tal como atestado na vida e na palavra de Jesus Cristo ao anunciar o projeto do Reino de Deus. Trabalhar em favor do ser humano é o modo de agir na linha do projeto de Deus para a humanidade.<sup>511</sup> A fé cristã oferece motivação para o agir humano que ultrapassa uma conclusão meramente racional, de onde emerge mais uma importante e urgente tarefa para a Teologia na universidade – essa missão humanizadora só pode ser levada a cabo pela Teologia se for realizada em colaboração com as demais disciplinas que não devem perder de vista esse mesmo horizonte. À universidade católica cabe a missão de cristianizar a cultura, a propósito afirma a *ECE* que “na universidade católica, a investigação compreende necessariamente: a) perseguir uma integração do conhecimento; b) o diálogo entre a fé e a razão; c) uma preocupação ética; e d) uma perspectiva teológica” (*ECE* n. 15).

A Teologia cumpre um papel particularmente importante na investigação de uma síntese do saber, bem como no diálogo entre fé e razão. Para além disso, ela dá um contributo a todas as outras disciplinas na sua investigação de significado, ajudando-as não só a examinar o modo como suas descobertas influirão nas pessoas e na sociedade, mas também fornecendo uma perspectiva e uma orientação que não estão contidas nas suas respectivas metodologias. Por seu lado, a interação com as outras disciplinas e as suas descobertas enriquecem a Teologia, dando-lhe uma melhor compreensão do mundo de hoje e tornando a investigação teológica mais adaptada às suas exigências. Dada a importância específica da Teologia entre as disciplinas académicas, segundo a *ECE* cada universidade católica deverá ter uma faculdade ou, ao menos, uma cátedra de Teologia (*ECE* n.19). A “faculdade ou

<sup>510</sup> AMADO, J. P., *Realmente livres?*, p.43: “Para a Revelação, o indivíduo é sujeito diante de si mesmo e diante das relações com a exterioridade”; OLIVEIRA, M. A., *Mística e direitos humanos*.

<sup>511</sup> MIRANDA, M. F., *A reforma de Francisco: fundamentos teológicos*, p. 144-172.

cátedra” de Teologia tem seu lugar na universidade para integrar o conhecimento, por certo, porém, ela é uma faculdade com as demais, *prima inter pares* cultivando o diálogo entre a fé e a razão e, por assim dizer, assegurando uma preocupação ética.<sup>512</sup>

Cresce uma exigência a fim de que todo o povo de Deus se prepare para empreender “com espírito” (EG Introd.) uma nova etapa da evangelização, o que requer “entrar decididamente num processo de discernimento, purificação e reforma” (EG n.30). Nesse processo, a Teologia é chamada a desempenhar papel estratégico em uma adequada renovação do sistema dos estudos eclesiais<sup>513</sup>. Esses estudos são chamados a irem além de apenas oferecer lugares e percursos de formação qualificada aos presbíteros, às pessoas de vida consagrada e aos leigos comprometidos, mas, constituem uma espécie de providencial laboratório cultural. Nele, a Igreja se exercita na interpretação performativa da realidade que brota do evento de Jesus Cristo e se nutre dos dons da Sabedoria e da Ciência, com que o Espírito Santo enriquece de várias formas o povo de Deus e a sociedade como um todo. A atualização dos estudos no âmbito da Igreja Católica não se limita à Teologia: “(...) a este compromisso, a rede mundial de Universidades e Faculdades eclesiais é chamada a prestar o decisivo contributo de fermento, sal e luz do Evangelho de Jesus Cristo e da Tradição viva da Igreja sempre aberta a novos cenários e propostas” (VG n.3).

A mudança de época e o primado da experiência de fé justificam a mudança radical de paradigma defendida na perspectiva do papa Francisco, quanto ao regime de estudos. A Teologia entendida em sua natureza profunda como discurso sobre Deus radicado na fé, no mistério cristão, não se realiza a partir de alguma de suas expressões históricas, mas a partir da experiência cristã propriamente dita, vivenciada em primeiro lugar pelos apóstolos e, posteriormente, por todos os que participam da mesma fé.<sup>514</sup> Essa participação vai além de admitir a verdade do fato por eles testemunhada, a ressurreição de Jesus, mas decorre da adesão pessoal a Deus e a aceitá-lo à luz do crer em Jesus, movido pelo Espírito, e estar em condições pessoais de captar o significado e o alcance de toda Palavra de Deus, o que não depende da evidência racional, nem de qualquer raciocínio, pois não se sabe o que

<sup>512</sup> TRIGO, P., O caminho de humanização passa pela afirmação dos seres humanos, p.181-216.

<sup>513</sup> CATÃO, F., Renovar as instituições católicas de educação superior?, p.57.

<sup>514</sup> MACDOWELL, J. A., É atual crer em Deus?, p.5-14.

é Deus, Ele não pode ser identificado senão pela negação de todo limite e composição percebida nas criaturas.

## 5.5

### A universidade católica é mais que uma universidade

No dia 9 de janeiro de 2000 foi promulgado o Decreto 01/2000 que dispõe Diretrizes e Normas para as Universidades Católicas, a partir da *ECE*, aprovadas pela 37ª Assembleia Geral da CNBB, ocorrida em abril de 1999 e confirmadas pela Santa Sé:

#### Art. 4 - Natureza da universidade católica

A universidade católica é uma comunidade acadêmica que, inspirada na pessoa de Jesus Cristo e fiel à Igreja, se dedica, de modo refletido, sistemático e crítico, ao ensino, à pesquisa e à extensão nos variados ramos do conhecimento e se consagra à evangelização e formação integral de seus membros - alunos, professores e funcionários - bem como ao serviço qualificado do povo, contribuindo para o aumento da cultura, a afirmação ética da solidariedade, a promoção da dignidade transcendente da pessoa humana e ajudando a Igreja em seu anúncio salvífico e serviço ao Reino de Deus.

Art. 5 - Missão da universidade católica é servir à humanidade e à Igreja garantindo de forma permanente e institucional, a presença da mensagem de Cristo, luz dos povos, centro e fim da criação e da História - no mundo científico e cultural e fomentando o diálogo entre razão e fé, Evangelho e cultura; favorecendo o encontro da Igreja com as ciências, as culturas e os graves problemas de nosso tempo e ajudando-a a responder adequadamente a esses desafios; consagrando-se sem reservas - pelo esforço da inteligência e à luz da Revelação à investigação livre, responsável, corajosa e alegre da verdade sobre o universo em todos os seus aspectos e em seu nexos essencial com a verdade suprema, Deus; contribuindo para aprofundar o conhecimento do significado e valor da pessoa humana; dedicando-se ao ensino e proclamação da verdade, valor fundamental, sem o qual se extingue a liberdade, a justiça e a dignidade humana; fomentando o diálogo ecumênico e inter-religioso.

Vejamos a seguir a aplicação dessas normas, de modo resumido, em três universidades católicas brasileiras.

A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, segundo o seu Marco Referencial<sup>515</sup>, prima pela produção e transmissão do saber, baseando-se no respeito aos valores humanos e na ética, visando, acima de tudo, o benefício da sociedade. A universidade afirma o primado da pessoa sobre as coisas, do espírito sobre a matéria e da ética sobre a técnica, de modo que a ciência e a técnica estejam ambas

---

<sup>515</sup> PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Marco referencial. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/sobrepuc/marcoreferencial/principal.html>. Acesso em: 4 nov 2019.

a serviço da pessoa humana. A PUC-Rio busca a excelência na pesquisa, no ensino e na extensão para a formação de profissionais competentes, inseridos na realidade brasileira e formados para colaborar, por meio dos conhecimentos adquiridos, para a construção de um mundo melhor, de acordo com as exigências da justiça e do amor cristão.

A universidade se compromete com a verdade, o pluralismo cultural, o diálogo, a simplicidade no agir, a primazia do bem comum sobre os interesses individuais e do desenvolvimento do espírito de solidariedade. Em todas as suas atividades, a PUC-Rio almeja colaborar para a construção de uma sociedade baseada no respeito e na promoção de todos, de modo especial dos mais necessitados e marginalizados, levando em conta os desafios que lhes são lançados pela situação social, política e cultural do Brasil e do mundo.<sup>516</sup> Para alcançar tudo isso, constitui-se espaço para diálogo inter e transdisciplinar e também lugar privilegiado para interrogação sobre o sentido da ciência e da vida.<sup>517</sup>

No Art. 3 do referido Marco Referencial, assim estão expressos os objetivos:

A PUC-Rio destina todos os seus recursos à consecução dos objetivos definidos em seu estatuto, a saber: a promoção da cultura, nos planos intelectual, estético, moral e espiritual, em função do compromisso com os valores cristãos e como instrumento de realização da vocação integral da pessoa humana; o desenvolvimento do ensino e aprofundamento da investigação e da pesquisa, para criar e difundir uma visão do universo e do ser humano consciente da necessária unidade que deve reger a multiplicidade do saber; a formação de profissionais competentes, habilitados ao pleno desempenho de suas funções, com sentido de responsabilidade e participação; a inserção na realidade brasileira, colocando a ciência a serviço da comunidade e orientando suas atividades para a edificação de um mundo melhor, de acordo com as exigências da justiça e do Amor; o intercâmbio e a cooperação com instituições educacionais, científicas e culturais, nacionais e estrangeiras, no intuito de emprestar universalidade ao sentido de sua missão.

A PUC-Rio busca seguir os princípios e os valores característicos da sua identidade cristã e católica e neles baseia-se para estabelecer suas diretrizes pedagógicas. Justiça, amor, solidariedade, honestidade e sobriedade são

<sup>516</sup> GONZAGA, W., Amor de Deus e do próximo, p.25: “A Igreja (...) não pode dar outra resposta senão aquela de ajudar e colaborar para o bem comum em vista da erradicação da fome e da miséria, da ignorância e da injustiça social etc., e sempre em colaboração com todos.”

<sup>517</sup> MORAES, A., Entre mistério divino e humano, p. 161: “Ao prestar cada vez maior atenção às fontes da fé cristã, a pesquisa teológica da PUC-Rio constrói-se sob a base da íntima correlação entre criação e encarnação, natureza e graça, cultura e fé, modernidade e religião, humanidade e cristianismo, razão e crença, diálogo humano e divino.”

norteadores de uma prática pedagógica que enfatiza a formação integral, equilibrada e harmônica do ser humano e o acompanhamento pessoal do estudante.

A educação na PUC-Rio pauta-se na busca pela excelência e na formação integral do estudante, inspirada em uma visão de mundo marcada pelo senso de responsabilidade e de serviço ao bem comum. A universidade destaca seu compromisso de contribuir eficazmente para a sociedade quanto a colaborar em vista de construir uma nação mais justa e livre, atuando contra a miséria e a desigualdade social. A universidade está cônica, porém, de que sua responsabilidade social deve exercer-se primordialmente por meio de suas atividades de ensino e pesquisa, pondo o seu potencial acadêmico a serviço da comunidade.

A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo<sup>518</sup>, quanto à missão, segue as diretrizes da CNBB com alguns acréscimos:

Aliar o máximo de excelência acadêmica ao máximo de compromisso social (...); a formação acadêmica marcada pela ética e pelo humanismo busca acompanhar atenta e criticamente as transformações por que passam as diferentes áreas do saber (...); a inclusão social é uma das diretrizes do projeto educacional da universidade. Ela se coloca em coerência com seu modelo de universidade privada de caráter público e comunitário. Assim tem-se desenvolvido grande quantidade de projetos (...)  
Quanto aos objetivos: ampliar o nível de excelência da universidade; fortalecer ações de compromisso social; aprimorar a gestão acadêmica, a administrativa e a financeira.

Para a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais<sup>519</sup>, sua missão é o que explicita a razão de existência da instituição:

Promover o desenvolvimento humano e social, contribuindo para a formação humanista e científica de profissionais competentes, que tenham como base valores da ética e da solidariedade e compromisso com o bem comum, mediante a produção e disseminação da ciências, das artes e da cultura, a interdisciplinaridade e a integração entre a universidade e a sociedade.

Quanto aos princípios, a PUC-Minas orienta suas ações, em consonância com o Artigo 4º do seu Estatuto:

<sup>518</sup> PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.pucsp.br/drh/quem-somos-missao>. Acesso em: 4 nov 2019.

<sup>519</sup> PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Disponível em: <http://www.pucminas.br/institucional/Paginas/missao-e-valores.aspx>. Acesso em: 5 nov 2019; SOUZA, R. S. R., Universidade e direitos humanos: Práticas desenvolvidas na PUC Minas.

Fidelidade à doutrina cristã e respeito aos princípios da Igreja Católica, em seu compromisso missionário para com a educação superior; promoção do bem comum e da dignidade da pessoa humana; promoção da formação solidária, interdisciplinar e humanística, orientada por uma perspectiva ética, cristã e católica, respeitadas a autonomia universitária e a liberdade acadêmica; compromisso com a inclusão e a justiça social; integração e pluralismo na articulação e nas concepções de ensino, pesquisa e extensão, respeitados os projetos pedagógicos e as diretrizes fixadas pelos órgãos de deliberação superior; valorização do mérito acadêmico.

Em sintonia com o Projeto Pedagógico Institucional da universidade, os seguintes valores devem ser considerados:

Igualdade – de valor dos seres humanos e garantia de que igualdade de direitos entre eles; liberdade – de criação, de expressão do pensamento e de produção de conhecimento; autonomia – capacidade de formular leis em liberdade e se reger por elas; pluralidade – expressão de igualdade e diferença entre pessoas, iguais porque humanas e diferentes porque singulares; solidariedade – adesão à causa do outro, fundada no respeito mútuo e na interlocução entre sujeitos da sociedade; justiça – orientada pela igualdade de direitos e pelo respeito às diferenças.

A novidade no modo de entender a universidade católica pode ser expressa na imagem do “laboratório” no qual todos os saberes, inclusive na esfera das ciências exatas e das tecnologias, requeridos pela vida e pelo progresso da humanidade, são exercidos experimentalmente, não só em função de seu desenvolvimento próprio, como saber especializado, mas, em última análise, como contribuição para a mais ampla e profunda manifestação do mistério cristão, que inclui, à luz da fé, todo o universo do saber humano e das múltiplas e diversas culturas.

A finalidade básica da universidade é preparar o bom cidadão, é óbvio que a sociedade necessita de profissionais competentes nas mais diversas áreas, mas precisa, simultaneamente, de bons pais e mães, de pessoas responsáveis e colaboradoras, de gente cumpridora de seus deveres pessoais, familiares e cívicos. Afinal, os estudantes são pessoas antes de serem advogados, médicos, comerciantes ou industriais, portanto, se a educação familiar e escolar for capaz de fazer deles pessoas responsáveis, eles se transformarão por si mesmos em economistas ou engenheiros etc., capazes e sensatos. Cabe aos educadores compreenderem que ajudar os estudantes a se tornarem pessoas integradas é tão ou mais desafiador e sublime do que ajudá-los a tornarem-se matemáticos, políglotas ou equivalentes.<sup>520</sup>

<sup>520</sup> JULIATTO, C. I., Educação católica: desafios e perspectivas, p. 46: “Os gestores das instituições católicas são os responsáveis pela escola que dirigem. Devem, portanto, lembrar-se de que ela precisa entregar a todos os seus formandos dois diplomas: um primeiro de aprendizagem de bom

A universidade, como já aludimos, é uma criação típica do medievo, as primeiras (Bolonha, Oxford, Paris) ganharam forma institucional no século XII, no princípio eram formações corporativas, uma espécie de livres associações de mestres e estudantes, com seus programas fixos, seus diplomas e seus respectivos graus acadêmicos.<sup>521</sup> O termo universidade, nas origens, não indicava um centro de estudos, mas sim uma associação corporativa, ou, como se diria hoje, um sindicato que tutelava os interesses de uma classe de pessoas: professores e estudantes. Em Bolonha prevaleceu a *universitas scholarium*, a corporação estudantil, já em Paris estabeleceu-se a *universitas magistrorum et scholarium*, uma espécie de corporação unitária de mestres e estudantes. Não obstante as universidades terem se originado por iniciativas eclesiásticas locais, a de Paris logo foi objeto de atenção da Cúria Romana, que favoreceu não apenas o seu desenvolvimento, como também suas tendências autonomistas, livrando-a da tutela do rei, do bispo e da sua chancelaria. Desde o início, a proteção pontifícia tornou-se o sustentáculo da liberdade de ensino e pesquisa contra a interferência dos poderes locais.<sup>522</sup>

A universidade medieval era constituída por clérigos e leigos, sendo que o caráter “clerical” se deve ao fato de seus estatutos terem sido redigidos por autoridades eclesiásticas. A Igreja também confiava aos mestres a tarefa de ensinar a doutrina revelada. Por isso, a universidade medieval protagonizou uma transformação alvissareira na própria Igreja, pois, até então, a doutrina oficial era uma exclusividade da hierarquia eclesiástica. Se até o século XII, os mestres para a Teologia e a catequese estavam ligados diretamente aos bispos, os novos mestres foram oficialmente qualificados a falar de fé e de doutrina, a decidirem com autoridade no plano doutrinário. Foi por esse caminho que Alberto Magno, Tomás de Aquino e Boaventura tornaram-se “doutores da Igreja” e, ao lado dos poderes tradicionais, o sacerdócio e o império, instaurou-se um terceiro poder, o *studium* ou a classe dos intelectuais. Esse terceiro poder teve grande influência na transformação da sociedade medieval.

A universidade tornou-se o principal caminho para a ascensão social, pois nela eram admitidos estudantes provenientes de todas as camadas sociais. Era, até

---

currículo e um segundo de ‘gente boa’. Por ‘gente boa’, entendemos bons pais e mães de família, bons profissionais, pessoas éticas, bons cidadãos, cumpridores de seus deveres.”

<sup>521</sup> BINGEMER, M. C. L., Natureza católica das instituições católicas de educação superior, p.90.

<sup>522</sup> ZILLES, U.; QUADROS, O. J., Identidade desafios futuro: Das universidades católicas, p. 09-11.

certo ponto, popular, uma vez que acolhia estudantes pobres, como filhos de camponeses e artesãos. Uma vez admitidos, diminuía-se o peso das diferenças sociais, dessa maneira formou-se uma nova consciência crítica na Igreja, e na sociedade elaborou-se uma nova cultura.

Fundadas e, durante longo período, mantidas por entidades da Igreja, as universidades europeias começaram por ser todas “católicas”. A catolicidade garantia-lhes autonomia e liberdade acadêmica.<sup>523</sup> A problemática da “universidade católica” relacionada às não católicas só apareceu quando da perda da unidade religiosa da Europa, ou seja, por ocasião da Reforma e, sobretudo, com o surgimento das universidades civis e o progresso do fenômeno da secularização nos tempos modernos. No século XVI, algumas universidades entraram em decadência, umas tornaram-se confessionais, outras leigas. A Igreja, por sua vez, fundou as escolas eclesiásticas de Roma (Pontifícia Universidade Gregoriana e outras). Ordens religiosas, como a Companhia de Jesus, fundaram universidades sob a orientação da Igreja.

A descrição do papel da universidade confessional mais clássica provém de J. H. Newman e foi elaborada por volta do séc. XIX, na Irlanda. Segundo Newman, na sua já mencionada obra, são consideradas importantes para a “ideia” de universidade: 1) Estudantes aprendendo a pensar clara e exatamente; 2) A universidade como comunidade intelectual; 3) A autonomia de cada campo do saber e o valor do conhecimento como um fim em si mesmo.<sup>524</sup>

A universidade católica tal como fora proposta por Newman se concentrava, antes de tudo, no cultivo da fé das pessoas que a frequentariam. Ele compreendia a universidade como um baluarte para a fé e, a partir daí, um meio de se ganhar respeitabilidade, credibilidade e até mesmo igualdade na sociedade civil. No entanto, aquele modelo por ele apresentado deixava a sociedade praticamente intocada.<sup>525</sup> Comentaristas de Newman condensam, nesses três pontos acima citados, a síntese do que é mais importante em sua contribuição para a “ideia” de universidade<sup>526</sup>, cujo significado é seminal, sobretudo devido à importância dada

<sup>523</sup> ZILLES, U., Desafios atuais para a Teologia, p.49-51.

<sup>524</sup>TURNER, F. M., Newman e a ideia de uma universidade.

<sup>525</sup>BINGEMER, M. C. L., Natureza católica das instituições católicas de educação superior: significado, perspectivas, desafios, p.92.

<sup>526</sup>KEER, I., The achievement of John Henry Newman; PELIKAAN, J., The idea of the University: A reexamination; SCHUTTLOFFEL, M. J., Catholic identity: the heart of catholic education.

ao conhecimento como valor em si mesmo. Diferente da proposta de Newman, há universidades confessionais que acentuam a utilidade do conhecimento para transformar a realidade socioeconômica do local em que se encontram situadas, constituindo-se um significativo exemplo a UCA de El Salvador<sup>527</sup>, universidade que possui um estatuto único. Tecnicamente falando, não é uma universidade católica, mas se autocompreende como uma universidade de “inspiração cristã”, uma vez que, não obstante não responder diretamente ao bispo local e invocar total liberdade quanto à sua reflexão acadêmica, se pauta por valores expostos na *ECE*. O projeto da UCA se caracteriza por uma preocupação central no serviço às questões dramáticas da pobreza e da opressão existentes naquele país, projeto que não se constitui, propriamente, uma contradição à proposta de Newman. Ambos coincidem ao entenderem a universidade católica como meio de evangelização. As diferenças estão nas respectivas ênfases, no caso da UCA, ela está explicitamente mais preocupada com as urgências da justiça social do que com a ortodoxia teológica, porém, o seu compromisso religioso não se separa daquele referente à transformação social, sendo que a inspiração cristã da universidade encontra-se visibilizada na interação dinâmica desses dois polos. É nesse contexto que se compreende a necessidade que a UCA vê de preservar sua autonomia e independência em relação às autoridades não apenas civis, como também religiosas e eclesiais.

No século XX, após o CV II, houve várias posturas críticas com relação à evangelização tal como vinha sendo feita durante quatro séculos. Um novo paradigma para a Igreja foi anunciado em Medellín, em 1968<sup>528</sup>, apresentando a fé e a justiça como binômio indissociável. É nesse momento também que a Igreja se aprofunda em um novo método de fazer Teologia, que é o ver-julgar-agir, e eclode um novo modelo de Igreja, mais articulada com as bases comunitárias em regiões pobres em torno da leitura da Bíblia. De acordo com um dos pioneiros desse novo modelo, G. Gutierrez, trata-se de uma reflexão crítica sobre a práxis, no entanto, ele também afirma que a teologia da libertação não tem início em uma simples análise

---

<sup>527</sup> BEIRNE, C. J., *Jesuit Education and Social Change in El Salvador*, p.36-44.

<sup>528</sup> CELAM, *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio: Conclusões de Medellín*.

crítica da realidade, mas, sim, de uma experiência mística: um profundo encontro com o Senhor no rosto do pobre.<sup>529</sup>

Atualmente, como já aludimos no segundo capítulo, na Igreja distinguem-se “universidades católicas” e “universidades (faculdades) eclesiais”. Essas últimas são regidas pelo *Código de Direito Canônico* e pela Constituição *Veritatis Gaudium*, que dá sequência a *Sapientia Christiana*. A universidade católica luta com muitas dificuldades: econômicas, políticas etc., porém, o seu maior desafio é quanto à sua própria identidade. Muitas vezes se põe a questão: é possível concretizar a identidade “católica” nos tempos atuais? Sem dúvida é difícil, mas, ao longo de todo esta pesquisa, defendemos ser possível. Entretanto, há que se ter sempre presente que, quando se discute a identidade da universidade católica, não se deve esquecer que o substantivo é “universidade”, e “católica” é o adjetivo – discutir o adjetivo prescindindo do substantivo é inócuo. A própria *ECE* começa falando da natureza e das características da universidade católica enquanto universidade.

A *ECE* é bem clara quanto à missão da universidade católica: “a missão fundamental de uma universidade é a procura contínua da verdade, a conservação e a comunicação do saber para o bem da sociedade” (*ECE* n.30). Nem sempre é possível verificar se a identidade cristã de uma universidade católica é mais obscurecida por adversidades provenientes de um meio não católico ou pela omissão, acomodação ou mediocridade profissional dos próprios católicos. Há alguns que desvirtuam a missão fundamental, querendo transformar a universidade católica em uma espécie de extensão da catequese paroquial de primeira comunhão. Neste caso, na maioria das vezes, lhes falta a devida competência profissional. Uma universidade, obviamente, que não se faz simplesmente com boa vontade. Para ser professor de uma universidade católica não é suficiente ser católico, o desafio está em aliar a competência profissional, condição *sine qua non*, com um testemunho vivo de fé cristã. De acordo com o espírito ecumênico e inter-religioso presente no CV II e da missão fundamental da universidade católica, há lugar nela também para docentes e profissionais não católicos (*ECE* n.26), que devem respeitar a identidade católica da instituição.

---

<sup>529</sup> GUTIÉRREZ, G., Teología de la Liberación.

A universidade católica oferece um contributo indispensável à Igreja mediante o ensino e a pesquisa, ajudando-a a responder os problemas e as exigências do seu tempo. É de sua honra e responsabilidade consagrar-se sem reservas à causa da verdade, pois “esta é a sua maneira de servir à dignidade do homem e à causa da Igreja” (*ECE* n.4).

A *ECE* afirma que a universidade católica “goza da autonomia institucional que é necessária para cumprir as suas funções com eficácia, e garante aos seus membros a liberdade acadêmica na salvaguarda dos direitos do indivíduo e da comunidade no âmbito das exigências da verdade e do bem comum” (*ECE* n.12). Nesse número da *ECE* há dois conceitos fundamentais: a) autonomia institucional: o governo de uma instituição acadêmica é e deve permanecer interno à instituição; b) liberdade acadêmica: a garantia dada a todos que se dedicam ao ensino e à pesquisa de, no âmbito do seu campo específico de conhecimento e de acordo com os métodos próprios de tal área, poder procurar a verdade em toda a parte a que a análise e a evidência os conduzam e ainda poder ensinar e publicar os resultados dessa investigação.

Pode-se questionar: universidade católica atual de fato goza de suficiente autonomia em relação às autoridades eclesiais? E em relação ao governo do Estado, ele exerce um controle na universidade católica igual ou maior do que o faz em relação às escolas públicas?

É compreensível que em uma universidade católica se exija do cientista e pesquisador atenção para as implicações éticas e morais de suas atividades quanto às descobertas e também quanto aos métodos. A questão está em como realizar isso sem cercear a liberdade acadêmica e sem que o adjetivo “católica” fique desvirtuado de seu sentido original, e, ainda, sem que a instituição seja prejudicada quanto ao seu ser “universidade”.

A universidade católica está fazendo verdadeira pesquisa? A pergunta é oportuna, pois ela mesma poderia incorrer no erro de se julgar de posse da verdade, o que constituiria um equívoco, pois conhecer a fonte da verdade por meio da fé não implica que se conheça racionalmente toda a verdade. O educador cristão não deve ter medo da verdade porque a Igreja tem a convicção íntima e firme de que a verdade é sua aliada e que o conhecimento e a razão são ministros fiéis da fé. A propósito, diz a *ECE*:

Portanto, sem medo algum, empenha-se com entusiasmo em todos os caminhos do saber, consciente de ser precedida por aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida, o *logos*, cujo Espírito de inteligência e de amor concede à pessoa humana encontrar com a sua inteligência a realidade última, que é a sua fonte e seu termo. (*ECE* n. 4)

Historicamente, constata-se um paradoxo. No começo todas as universidades eram católicas, o que era importante a fim de salvaguardar a liberdade acadêmica, como aludimos acima. Atualmente, em muitos casos, se busca evitar sê-lo, como vimos acima ser a realidade da UCA, justamente para garantir essa mesma liberdade acadêmica. O adjetivo “católica” perdeu o seu sentido original? Ou é a universidade católica que está deixando de ser verdadeiramente universidade?

O adjetivo “católica” objetiva: “garantir de forma institucional uma presença cristã no mundo universitário perante os grandes problemas da sociedade e da cultura” (*ECE* n.13). Por isso, a universidade enquanto católica deverá apresentar algumas características essenciais: a) uma inspiração cristã presente na comunidade universitária enquanto tal. Não se trata de apenas ter uma administração e docentes que professam a religião católica, mas de um espírito cristão que oriente metas, procedimentos e atitudes na instituição; b) uma reflexão incessante, à luz da fé cristã, sobre o tesouro do conhecimento humano, para o qual deve dar sua contribuição própria. Isso significa que uma universidade não é católica porque nela trabalham sacerdotes, religiosos e membros de movimentos católicos organizando atos religiosos, como missas de formatura, celebrações pascais etc. A Igreja espera e deseja que a universidade católica, no uso de sua autonomia e liberdade acadêmica, contribua com a reflexão e a pesquisa próprias no diálogo com a ciência e a técnica e se empenhe em favor da inculturação do Evangelho e, simultaneamente, a evangelização da cultura, na linha do que apresentamos ao longo desta pesquisa; c) a fidelidade à mensagem cristã, como é apresentada pela Igreja, trata-se, aqui, não só de repetir as palavras dos documentos eclesiais oficiais, mas, sobretudo, de interpretá-los à luz da realidade contemporânea, o que significa traduzir seu sentido e seu espírito para o mundo acadêmico atual; d) o empenho institucional no serviço ao povo de Deus e à família humana no seu itinerário rumo ao objetivo transcendente que dá significado à vida (*ECE* n.14).

Essas características pressupõem, pois, que a universidade, a fim de justificar o seu título de católica, deve, antes de tudo, ser uma universidade. O adjetivo, entretanto, lhe acrescenta a missão de, como comunidade de estudiosos dos diversos campos do saber humano, ser uma instituição acadêmica “na qual o Cristianismo

esteja presente de um modo vital” (ECE n.14). Essa presença dá-se por meio das pessoas – docentes, funcionários e discentes – porque a ciência enquanto tal não tem partido político nem religião.

O adjetivo católica é inconfundível, mas é também inseparável do substantivo universidade. Nesta busca da unidade, em uma universidade católica, a pesquisa não pode abrir mão: a) da busca de uma integração do conhecimento. As ciências, por sua natureza intrínseca, fragmentam a visão do mundo e do próprio ser humano. Neste contexto a humanidade necessita da tentativa de uma síntese do saber. No caso da universidade católica, a Filosofia e a Teologia podem atuar em vistas de unir as atividades científicas dos diversos campos em uma visão de síntese à luz da fé e da razão. Desde o final do século passado constata-se que a ciência não existe no singular. Os conhecimentos do ser humano sobre si mesmo, seu futuro histórico, sua produção material ou simbólica, individual ou coletiva, são constituídos a partir de uma vasta gama de inteligibilidades indissociadas de um dispositivo multidimensional de pesquisas. A ciência está constantemente inovando. Cada campo do saber, nas últimas décadas, definiu controvérsias e apontou tendências para o futuro. Os grandes territórios tradicionais do saber cedem lugar a novos *fronts*, constituídos de interfaces de diversas disciplinas. No atual estado de mutações científicas e tecnológicas, a maioria das questões ligadas às transformações em andamento não se endereçam exclusivamente aos conteúdos das disciplinas isoladas, mas implicam em uma mobilização dos saberes inter e transdisciplinares. O mundo vive atualmente na busca de novas sínteses, ao menos no campo prático existencial; b) do diálogo entre a fé a razão. Pedro, em sua primeira epístola, já citada neste trabalho, desafia os cristãos a saberem dar as razões de sua esperança (fé) (1Pd 3,5). Não obstante fé e razão representarem duas ordens distintas de conhecimento, cada uma autônoma em relação aos métodos, ambas, no entanto, convergem para a descoberta de uma só realidade total que possui a sua origem em Deus. Em vista de contribuir com esse diálogo entre razão e fé, além de cristão, é necessário, ao profissional na universidade, ter pelo menos algum conhecimento das ciências para não se tornar ingênuo e inútil tanto para a fé quanto para a ciência. Tal diálogo pressupõe abertura para a inter e para a transdisciplinaridade; c) a importância de uma preocupação ética. Evidentemente aqui se pressupõe a ética pessoal, porém, exige-se do cientista e pesquisador a atenção para as implicações éticas e morais de suas atividades, não apenas em

relação às descobertas, mas, também quanto aos métodos. Deve-se reconhecer uma prioridade da ética sobre a técnica, o primado da pessoa sobre as coisas, a superioridade do espírito sobre a matéria; a propósito o Papa Francisco, na *Laudato Sí*, aponta para um caminho interessante para evitar uma possível aporia, ele faz uma diferença entre a técnica e a tecnocracia ou o tecnocentrismo (cf. *LS* n.102-114) d) a perspectiva teológica: na busca de uma síntese do saber e no diálogo entre razão e fé trata-se do sentido último da ciência e da técnica para a pessoa e a comunidade. Nesse particular, compete à Teologia um papel decisivo, pois se os métodos das ciências em si são herméticos, na escolha das hipóteses há sempre um campo para ações. Nesse ponto, a Teologia transcende as metodologias científicas, porém, aos teólogos cabe aprender das ciências uma melhor compreensão do mundo de hoje tornando a pesquisa teológica mais encarnada e próxima da realidade. Esse é o caminho da inculturação para evangelizar as culturas modernas.

A identidade católica implica que o professor, o estudante e o corpo de funcionários, sejam esses adeptos de uma religião ou não, ao adentrarem na instituição deverão respeitá-la como tal. Nesse sentido, será importante que a filosofia da instituição esteja escrita em forma de “marco referencial” ou algum outro documento semelhante, acessível a todos. Será fundamental que essa identidade seja vivida na prática do cotidiano, na formação dos estudantes.

Da mesma forma que se conhece a árvore pelos seus frutos (Lc 6,44) cabe perguntar se na universidade católica têm sido formados líderes católicos: onde estão eles? Por que atualmente há tantas lideranças políticas, formadas em universidades católicas, que agem contra os valores pretendidos por essas? Diz a *ECE*:

Mediante a investigação e o ensino, os estudantes sejam formados nas várias disciplinas de maneira a tornarem-se verdadeiramente competentes no setor específico a que se dedicarão, a serviço da sociedade e da Igreja, mas, ao mesmo tempo, sejam também preparados para testemunhar a sua fé perante o mundo. (*ECE* n.20)

As orientações do magistério não deixam dúvidas quanto a não se querer apenas universidades excelentes do ponto de vista acadêmico, mas, que sejam, simultaneamente, uma presença institucional pública da Igreja no mundo da ciência e da técnica. Portanto, o adjetivo católica não serve e não pode ser utilizado como pretexto para ocultar mediocridade acadêmica. É verdade que a excelência

acadêmica por si só não satisfaz a identidade da universidade católica, que participa na missão fundamental da Igreja com contributo das características e finalidades específicas.

De acordo com a *ECE*, a universidade católica tem por objetivo principal formar uma comunidade humana autêntica, animada pelo Espírito de Cristo (*ECE* n. 21), pois, seus membros devem ter em comum a consagração à verdade, a mesma visão da dignidade humana e da mensagem e pessoa de Cristo. Como consequência, essa comunidade deverá estar animada por um espírito de liberdade e de caridade, caracterizando-se pelo respeito mútuo, pelo diálogo, pela defesa dos direitos de cada um. Em resumo, a universidade católica deverá ser um espaço de realização humana, cristã e profissional.

Assim, pressupõe-se dos docentes o empenho permanente por melhorar sua competência, cada qual a partir da sua respectiva área. Segundo a *ECE*, também a universidade católica é chamada a uma contínua renovação, pois “está em causa o significado da investigação científica e da tecnologia, da convivência social, da cultural, enfim, está em causa o significado do ser humano” (*ECE* n.7). A fim de salvaguardar a identidade e a missão da universidade católica, nela não deveria haver lugar para nenhum tipo de acomodação.

A identidade de uma universidade católica significa que, como comunidade acadêmica, tem a perspectiva de ver e realizar pesquisas, o ensino e outros serviços (extensão) próprios à luz da fé cristã; busca uma convivência fraterna dentro da pluralidade de pontos de vista que a enriquece; em outras palavras, é uma forma singular e radical de ser Igreja a serviço do ser humano em particular e da humanidade como um todo. A identidade de uma universidade católica encontra um grande desafio dentro de si mesma, na sua administração. Não é raro o paradoxo de uma universidade que forme exímios administradores ser administrada com amorismo. Há sempre o risco de se construir prédios imponentes, mas padecendo de carência do espírito universitário. Muitas vezes, se satisfaz com as administrações rotineiras e burocráticas, sem a ousadia e a preocupação com a criatividade e a busca de novas perspectivas para o ser humano de amanhã no campo da pesquisa e do ensino.

Qual é o lugar da pastoral na universidade a fim de que possa funcionar, de fato, como pastoral universitária? Para além das especificidades teóricas já elencadas a este respeito nos capítulos anteriores, cabe aqui algumas questões

práticas. É adequado estar ligada diretamente à administração central? Poderá, nesse caso, a pastoral universitária exercer, por exemplo, papel mediador em situações de crise nas relações entre administração e estudantes? A equipe de pastoral universitária não será facilmente aceita como mediadora em conflitos porque seus membros são identificados com a administração. A vinculação direta da pastoral universitária à administração superior pode incorrer no risco de suspeita e desconfiança por parte dos estudantes quanto à manipulação da religião para outros fins. Uma possível alternativa para este problema seria a criação de paróquia universitária tal como inclusive já é previsto no *CDC* número 813. Essa paróquia poderia estar situada no interior ou fora do *campus* da universidade, em todo caso há que se ter condições de conciliar interação e independência em relação ao governo da universidade.

Qual o perfil do estudante que atualmente é atingido pela atuação da pastoral universitária? Não raro, os que participam nas paróquias e em movimentos de Igreja se omitem na universidade porque ali não encontram ambiente favorável. A pastoral universitária pode correr o risco de ficar restrita a atingir apenas os jovens católicos tradicionais e piedosos ou, no outro extremo, tão somente aqueles que não são cristãos<sup>530</sup>, mas que veem na pastoral universitária um espaço de acolhida e maior liberdade para reflexão que não esteja sendo feita, por diversos motivos, em sala de aula.

O estudante é transitório na universidade, será que, da atual estrutura da pastoral universitária, ele pode esperar alguma coisa que acrescente algo de bom à sua vida? Se participa na vida da Igreja, estará integrado em sua paróquia e movimento ou grupo de jovens. Se não participa, é atingido pela pastoral universitária? Existe adequação entre os objetivos da pastoral universitária e os métodos utilizados?

A pastoral universitária é uma atividade indispensável, uma vez que “concretiza a missão da Igreja na universidade e faz parte integrante da sua atividade e da sua estrutura” (*ECE* n.38). Porém, em geral, as universidades católicas investem muito pouco nessa atividade obtendo, conseqüentemente, resultados pífios. Sendo a presença do estudante na universidade relativamente breve, é importante o entendimento e a colaboração mútua da pastoral universitária

---

<sup>530</sup> LIMA, E., *A aventura da construção de uma identidade pessoal*, p.49: “É um desafio identificar os traços culturais que subsistem à juventude atual.”

com os movimentos da respectiva diocese, da Conferência Nacional dos Bispos e outros movimentos de cunho humanistas, independente de serem ou não católicos. Há que se fazer isso com o devido cuidado, evitando sempre qualquer tentativa de domesticação ou desvirtuação dos estudantes quanto à sua mística própria.

A pastoral universitária deverá ter clareza quanto a questões fundamentais: a quem de fato se destina? O que se propõe de específico? Quais os caminhos para atingir as metas propostas? Qual o perfil dos responsáveis por sua coordenação e dos seus demais integrantes? Encontra-se atualizada para interagir com os desafios contemporâneos, como por exemplo, secularização, rupturas com líderes religiosos, diálogo inter e trans religioso, ateísmo, agnosticismo?

A pastoral universitária, na universidade católica atual, não pode restringir-se a realizar atos religiosos e nem a discutir os problemas apresentados pelos noticiários, pois não é isso que o estudante precisa e busca. A pastoral universitária é, e deve sê-lo com competência, o espaço no qual os agentes juntos com os estudantes podem dialogar com seriedade acadêmica sobre as problemáticas e as questões relacionadas à razão científica e à fé cristã, entre Evangelho e cultura e a partir daí refletir e, em seguida, agir em relação a projetos de transformação da sociedade, para que seja mais humana e mais solidária. A pastoral universitária é uma dimensão que deve, necessariamente, permear todas as atividades da universidade a fim de alicerçá-las a partir dos valores crísticos em vista de se chegar a uma universidade em pastoralidade, como já aludimos anteriormente.

Não é raro encontrar pessoas abnegadas dedicando-se com afinco à pastoral universitária, mas muitas vezes sem o devido preparo, também sem lograr os resultados esperados. Tal fato, somado a muitos outros, evidencia a urgência de se rever o projeto da pastoral universitária. Em uma instituição em que o estudante se esforça para se manter, o próprio contexto muitas vezes parece ser o maior obstáculo. Por isso, a pastoral universitária na universidade católica é um dos maiores desafios para a Igreja atualmente – um desafio no qual, sem sombra de dúvidas, vale a pena investir, mas há que se fazê-lo de modo adequado e com a devida preparação.

Nos últimos anos, como temos visto, inclusive ao longo desta pesquisa, o contexto sociocultural tem sofrido grandes mudanças em diversos níveis, mudanças que obviamente repercutem na atuação da pastoral universitária. Mencionemos algumas características dessas mudanças que constituem desafios: a) o crescimento

do individualismo e os comportamentos característicos presentes não apenas nas áreas mais urbanas, como também nas classes mais populares; b) o “retorno do religioso” se manifesta no surgimento de inúmeras seitas e no esoterismo muito presente nos meios universitários; c) a crise nas instituições tradicionais como a família, o Estado, provocando desorientação no plano ético e, ao mesmo tempo, um clamor pelo retorno da ética em todos os campos; d) a questão da privacidade e intimidade, nos tempos de efervescência das redes sociais há uma dicotomia entre o público e o privado, pois, ao mesmo tempo que se aspira uma vida social muito exposta na *internet* como um todo, o indivíduo reivindica ser senhor de suas próprias decisões, dualidade que é paralela a outras, como “o mundo da ciência” e o “mundo da vida”.

Quanto ao “retorno religioso”, ele ocorre na esfera privada. Esse fato pode ser observado nas instituições de ensino no interior em que uma significativa porcentagem de docentes, estudantes e funcionários se dizem católicos, mas a sua respectiva atuação no ambiente universitário é muito reduzida. A prática religiosa, quando ocorre, realiza-se na família, no movimento de Igreja ou na paróquia. No ambiente universitário muitos comportam-se como “secularizados”.

O grande desafio, nesse ponto, a ser enfrentado pela universidade católica é unir a busca da qualificação profissional com a formação da consciência, propor uma educação que inclua valores filosóficos e religiosos, humanísticos, enfim, uma educação que seja integral.

A universidade no Brasil é avaliada pelo Ministério da Educação, principalmente pela CAPES, contudo, é uma avaliação em âmbito acadêmico e com ênfase na pós-graduação, cuja avaliação leva mais em conta a produção científica que o desempenho docente no contato direto com os estudantes. Para a universidade católica, essa avaliação, sem dúvida necessária, porém restrita a aferir *ranking* acadêmico, deve ser acompanhada de outras como, por exemplo, saber quem a procura? Por que o faz? Certamente a maioria não é movida apenas por sua qualidade ou por sua identidade católica. A universidade católica não pode abrir mão da sua responsabilidade social e humana, pois, como diz o documento de Santo Domingo:

Um grande desafio é a universidade católica e a universidade de inspiração cristã, já que o seu papel é especialmente o de realizar um projeto cristão de homem e,

portanto, tem de estar em diálogo vivo, contínuo e progressivo com o Humanismo e com a cultura técnica, de maneira que saiba ensinar a autêntica sabedoria cristã, pela qual o modelo do “homem trabalhador”, aliado ao de “homem sábio”, culmine em Jesus Cristo. Só assim poderá apontar soluções para os complexos problemas não resolvidos da cultura emergente e para as novas estruturas sociais, como a dignidade da pessoa humana, os direitos invioláveis da vida, a liberdade religiosa, a família como primeiro espaço para o compromisso social, a solidariedade nos seus distintos níveis, o compromisso próprio de uma solidariedade nos seus distintos níveis, o compromisso próprio de uma sociedade democrática, a complexa problemática econômico-social, o fenômeno das seitas, a velocidade da mudança cultural. (DSD n.268)

São desafios enormes e por isso pressupõem uma comunidade universitária bem consolidada, o que só se consegue com o devido empenho. É muito frequente encontrar na universidade espaço para interesses ideológicos particulares de partidos políticos e sindicatos em detrimento de uma comunidade acadêmica a serviço da verdade da humanidade. Na universidade deve reinar uma responsabilidade acadêmica de quem busca a verdade toda, não se pode dar espaço nem tolerar a mediocridade científica, pois só assim a universidade católica estará à altura de contribuir efetivamente para a solução dos problemas sociais e econômicos. Diante disso, cabe a pergunta a ser respondida por cada universidade católica: quais projetos concretos estão sendo oferecidos à Igreja e à sociedade?

O documento de Santo Domingo prossegue enfatizando a necessidade de

(...) transformar a escola católica numa comunidade, centro de irradiação evangelizadora, mediante alunos, pais e mestres. Empenhamo-nos em fortalecer a comunidade educativa e nela um processo de formação cívico-social da Igreja, que responde às verdadeiras necessidades do povo. (DSD n.278)

Os dirigentes na universidade católica ficam muitas vezes demasiados absorvidos pelas questões econômicas e acadêmicas, as reuniões dos departamentos e conselhos, não raro exaurem-se em questões administrativas e burocráticas, a tal ponto que pouca energia e pouco tempo restam para as preocupações mencionadas no Documento de Santo Domingo. Para cumprir bem a sua missão, voltamos a enfatizar que a universidade católica deverá criar e cultivar um novo espírito enquanto universidade e enquanto católica, ela deve coibir o corporativismo que muitas vezes restringe-se a questões salariais que podem e devem ter espaço, mas, é totalmente diferente do corporativismo que está na origem medieval das universidades. Cada classe reivindica os seus respectivos direitos e isso é legítimo,

o problema é quando há pouca preocupação em relação aos deveres profissionais e cristãos.

“Cremos particularmente que a universidade católica, a partir da Constituição apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, é chamada a uma importante missão de diálogo entre o Evangelho e as culturas e de promoção humana na América Latina e Caribe” (SD, n.276). Quais contribuições significativas a universidade católica deu para a elaboração dos documentos de Medellín, Puebla e Santo Domingo? Qual a proposta que a universidade católica oferece enquanto agente transformador na atual conjuntura socioeconômica da sociedade? Na prática, salvo honrosas exceções, ocorre uma distância entre os objetivos propostos e a realidade concreta, mas essa distância pode e deve ser diminuída.

De acordo com a *EC*, “(...) a pesquisa universitária será dirigida a estudar em profundidade as raízes e as causas dos graves problemas do nosso tempo, reservando atenção especial às suas dimensões éticas e religiosas” (*ECE* n.32). A partir desta afirmação, cabe examinar as disciplinas de formação humanística, como Filosofia, Sociologia, Psicologia e Teologia, ministradas em todos os cursos. Não deveriam ser os docentes dessas disciplinas os mais qualificados, por exemplo, para discutir questões ético-religiosas junto aos profissionais da área médica? Os programas, geralmente genéricos, não deveriam aprofundar questões específicas das diferentes áreas? A universidade católica tem coragem e competência para questionar criticamente, do ponto de vista cristão, os valores e as normas dominantes na sociedade e na cultura contemporânea? Em que medida ela está empenhada em promover a justiça social? Caso contrário, como se pode afirmar que a universidade está contribuindo para o crescimento integral de cada ser humano?

A universidade católica é uma forma singular de ser Igreja, ela deverá promover

o desenvolvimento dos povos que lutam para libertar-se do jugo da fome, da miséria, das doenças endêmicas, da ignorância, daqueles que procuram uma participação mais larga nos frutos da civilização e uma valorização mais ativa das suas qualidades humanas; que se movam com decisão em direção à meta da sua plena realização. (*PP* n.1)

Também deve ter presente a responsabilidade de contribuir concretamente para o progresso da sociedade na qual atua, seja por meio de projetos de

investigação, seja por meio de programas de educação permanente, dentro do possível em parceria com outras instituições. É da natureza própria da universidade promover a cultura, mediante sua atividade de pesquisa e a transmitir a cultura local às gerações sucessivas – ela deve encontrar-se aberta a toda experiência humana. A universidade católica “é lugar primário e privilegiado para um frutuoso diálogo entre Evangelho e cultura” (ECE n.43). Não obstante o Evangelho não possa ser identificado com a cultura, nem com alguma determinada cultura particular, ele é vivido por seres humanos que sempre estão ligados a alguma cultura específica. Como discernir a essência da fé cristã da cultura na qual se encarna?

A universidade é desafiada pelas culturas do mundo atual. Ela deverá, portanto, discernir o valor de uma cultura a partir do sentido de pessoa humana (a sua liberdade, a sua dignidade) e de seu sentido de responsabilidade e sua abertura ao transcendente. Se a cultura humana passou de menos literária a mais técnico-científica, cabe à universidade se empenhar em vista de torná-la mais apta ao desenvolvimento integral das pessoas e dos povos. Cabe, de modo especial, examinar o impacto da tecnologia moderna, sobretudo dos meios de comunicação social sobre as pessoas, as famílias, as instituições e o conjunto da cultura moderna.

O diálogo entre o pensamento cristão e as ciências modernas situa-se tanto no nível das ciências empíricas como das ciências denominadas humanas. Se as ciências se afastarem do mundo da vida, faz-se necessário recuperar o mundo da ciência a serviço do mundo da vida. A missão fundamental da Igreja, como estamos enfatizando no decorrer deste estudo, é evangelizar, e a universidade católica é uma maneira de ser Igreja – cabe-lhe, portanto, alcançar e “transformar mediante a força do Evangelho os critérios de juízo, os valores determinantes, os centros de interesses, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que estão em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação” (EN n.18). No caso da universidade católica, trata-se de um testemunho de ordem institucional em favor de Cristo e de sua mensagem. Esse testemunho acontece quando as atividades fundamentais da universidade se realizam em harmonia com a sua própria missão evangelizadora e, por sua vez, com a missão evangelizadora da Igreja como um todo. Quando a pesquisa é conduzida à luz da mensagem cristã para colocar as novas conquistas do saber a serviço das pessoas e da sociedade; quando a formação das pessoas é feita no contexto da fé cristã,

capacitando-as para um juízo racional e crítico dos valores éticos e cristãos; quando a formação profissional estiver a serviço da pessoa toda e de todas as pessoas.

Já faz alguns anos, mas, segue atual e adequado o que afirmou o professor J. F. Morais da Faculdade de Educação da Unicamp, para quem o debate sobre a universidade de amanhã deve girar em torno de três eixos: antropológico, epistemológico e ético.<sup>531</sup> Antropologicamente, segundo autor, as universidades deverão aceitar o desafio das novas expressões culturais, recuperando o sentido humano da sociedade científico-tecnológica de consumo. Deverão fazer seu discurso acadêmico mais audível e inteligível para a sociedade, tirando da universidade a aura de reduto de excêntricos inacessíveis. Do ponto de vista epistemológico, deverão ser vistas questões abrangentes. Urge o intercâmbio entre diferentes áreas de conhecimento, favorecendo espaço à imaginação criativa. Eticamente caberá assumir os problemas mais delicados. A corrupção penetrou no cotidiano acadêmico, particularmente na ambição pelo poder. Urge resgatar um ideal de moralidade básica.

A universidade católica só se justifica como tal se for universidade no sentido pleno da palavra. O adjetivo “católica” é um acréscimo qualitativo e não quantitativo. É um predicado que determina uma perspectiva, um enfoque, a respeito da vida. Não diz respeito aos métodos científicos em si, mas ao sentido da atividade de pesquisa, ensino e serviço à comunidade. Trata-se do espírito que deverá nortear a vida da instituição em todos os âmbitos, em nível acadêmico e administrativo.

O papa Francisco, no segundo ano de seu pontificado, apresentou três pontos importantes sobre as universidades católicas, que são válidos por sua atualidade e em vista de perspectivas de longo alcance, na linha da reflexão e do diálogo:

#### 1. O valor do diálogo na educação

As escolas e as universidades católicas são frequentadas por numerosos estudantes não cristãos, ou até não crentes. Os institutos de educação católicos oferecem a todos uma proposta educacional que visa o desenvolvimento integral da pessoa e que corresponde ao direito de todos, de aceder ao saber e ao conhecimento. Mas são igualmente chamados a oferecer a todos – no pleno respeito pela liberdade de cada um e dos métodos próprios do ambiente escolar – a proposta cristã, ou seja, Jesus Cristo como sentido da vida, do cosmos e da história. As profundas transformações que levaram à propagação cada vez mais vasta de sociedades multiculturais exigem de quantos trabalham nos campos escolar e universitário, o compromisso em

---

<sup>531</sup> MORAIS, J. F. R., Universidade, p.63-4.

itinerários educativos de confronto e de diálogo, com uma fidelidade intrépida e inovadora, que saiba levar a identidade católica ao encontro das diversas “almas” da sociedade multicultural.

## 2. A preparação qualificada dos formadores

Não se pode improvisar. Devemos ser sérios! (...) A educação é dirigida a uma geração em fase de mudança e que, portanto, cada educador – e a Igreja inteira como Mãe educadora – é chamado a “*mudar*”, no sentido de saber comunicar com os jovens que estão à sua frente. Gostaria de me limitar a evocar os lineamentos da figura do educador e da sua tarefa específica. Educar é um gesto de amor, é dar vida. E o amor é exigente, requer que utilizemos os melhores recursos, que despertemos a paixão e que nos coloquemos a caminho com paciência, juntamente com os jovens. Nas escolas católicas, o educador deve ser antes de tudo muito competente, qualificado e, ao mesmo tempo, rico de humanidade, capaz de permanecer no meio dos jovens com um estilo pedagógico, para promover o seu crescimento humano e espiritual. Os jovens têm necessidade de qualidade do ensino e igualmente de valores, não apenas enunciados, mas testemunhados (...).

## 3. O não isolamento e a abertura ao mundo

[As escolas e universidades católicas e eclesiais têm a] responsabilidade de manifestar uma presença viva do Evangelho nos campos da educação, da ciência e da cultura. É necessário que as instituições acadêmicas católicas não se isolem do mundo, mas saibam entrar intrepidamente no areópago das culturas contemporâneas e estabelecer um diálogo, conscientes do dom que podem oferecer a todos.<sup>532</sup>

O papa Francisco, na *Veritatis Gaudium*, enfatiza a necessidade de todo o saber pôr-se em diálogo mediante a integração das ciências com as tradições sapienciais e religiosas. Segundo essa perspectiva, a Teologia se faz a partir da experiência cristã, razão última pela qual se estabelece o conjunto das novas normas<sup>533</sup> que devem reger o complexo conjunto da educação confessional especialmente confiado às instituições católicas e de educação superior. A partir desta Constituição Apostólica, elas tiveram reforçada sua missão de patrocinar o diálogo da fé com as culturas quanto à perspectiva da atualização conciliar que consiste em uma ampla conversão pastoral da inteligência cristã.

A Congregação para a Educação Católica declarou que “é urgente redefinir a identidade da escola católica para o século XXI”<sup>534</sup>. Por “redefinição” pode se entender também “renovação”. Renovar a partir dos conceitos de graça, misericórdia e amor ao próximo propostos por Jesus nos Evangelhos. Isso significa reconsiderar a tradição histórica na perspectiva do humanismo cristão. Trata-se de renovar o compromisso da Igreja na perspectiva da excelência acadêmica que deve

<sup>532</sup> FRANCISCO, Discurso aos participantes na Plenária da Congregação para a Educação Católica. 2014. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papa-francesco\\_20140213\\_>](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papa-francesco_20140213_>). Acesso em: 11 out 2019.

<sup>533</sup> Na Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium* encontram-se 94 artigos referentes às normas que devem entrar em vigor nas universidades e faculdades católicas, no prazo de dois anos acadêmicos.

<sup>534</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, Educar para o Diálogo Intercultural na Escola Católica, p.315.

estar sempre em função da excelência humana<sup>535</sup>. Educadores, cientistas, advogados e outros profissionais eticamente formados na tradição católica podem transformar o mundo. Para tanto, a escola católica deve ter diretores e professores capazes de testemunhar valores crísticos para estudantes e familiares. Os desafios da renovação e do aprofundamento da identidade católica são muitos, para enfrentá-los serão necessárias confiança, imaginação, audácia e flexibilidade. Diante disso é importante que todos os que atuam nas universidades e demais instituições católicas percebam que “educar não é uma profissão, mas, uma atitude, um modo de ser”<sup>536</sup>, e essa atitude tem de ser desenvolvida continuamente, o que exige trabalho em rede e partilha de recursos com outras instituições, civis e religiosas, que comungam com os valores que pautam as instituições católicas de educação. A fim de que isso se cumpra, é necessária uma compreensão realística das mudanças culturais e sociais em andamento.

A universidade nasceu no centro de um debate tenso e de uma invenção do novo, que entraria para a história do Ocidente como uma de suas instituições fundamentais. A modernidade refez a universidade, no contexto de suas dinâmicas inovadoras que rompiam com as instituições medievais. O esforço em vista da autonomia pôs a Igreja fora da esfera pública e, por conseguinte, distante do ensino superior, que ficou desde então nas mãos do poder público. A Igreja, no entanto, prossegue levando adiante sua tradição neste particular, recriando suas instituições na realidade do Estado moderno, uma vez mais comprometendo-se com a missão de investigação, em nome da fé e da razão e, assumindo a causa de um humanismo de fonte cristã.

## 5.6

### **A missão evangelizadora da universidade católica atual à luz da ECE e do humanismo cristão e integral**

A universidade teve seu início *ex corde ecclesiae* – essa expressão vai além de um fato histórico relativo aos responsáveis pelas primeiras instituições de ensino,

<sup>535</sup> Mensagem do reitor Pedro Rubens F. Oliveira por 60º aniversário da Unicap. Diz ele: “...cada qual com a sua função específica, mas com o desejo comum de fazer dessa universidade uma verdadeira comunidade que busca a qualidade acadêmica em vista da excelência humana”. Disponível em: <http://www.unicap.br/home/agenda-unicap-rumo-aos-60-anos/> Acesso em: 4 nov 2019.

<sup>536</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, Educar para o Diálogo Intercultural na Escola Católica, p.330.

expressa o apreço da Igreja por elas. O amor ao saber era, de fato, uma herança antiga que a Igreja transmitira, oriunda do pensamento grego e da própria tradição judaico-cristã. A *ECE* foi o resultado de anos de diálogo, colaboração, debate, oração, intercâmbio mútuo de respeito e confiança. Atualmente, três décadas depois, em vista da universidade católica permanecer sendo “o coração da Igreja” e a “ponte entre o Evangelho e a cultura”, o diálogo inicial que deu impulso à constituição *ECE* tem de continuar existindo e sendo constantemente atualizado. Sua importância é igual ou até maior nos dias atuais, quando a universidade católica segue lidando com questões referentes à identidade e à missão católica bem como com questões referentes à autonomia e à comunhão com a Igreja. É igualmente muito importante que os líderes da educação superior católica, religiosos ou não, dialoguem uns com os outros e com as lideranças da Igreja sobre a relação e o papel da universidade católica na Igreja e no mundo. Os conceitos “católico”, “universidade”, “autonomia”, “comunhão” seguirão em tensão dialética, porém, como tem enfatizado o papa Francisco, isso requer mais do que nunca um diálogo confiante. Esse diálogo tem que transcender questões referentes a linhas teológicas, pois, sendo “o coração da Igreja”, a universidade católica exerce uma função crítica na missão da própria Igreja em relação ao compromisso e ao serviço a ser prestado ao mundo por meio da produção e disseminação do conhecimento à luz do Evangelho de Jesus Cristo.

A universidade católica necessita se apresentar como sinal e fonte da libertação divina para a humanidade, uma libertação que ultrapasse o âmbito social, econômico e ambiental e que contemple também o existencial. A universidade católica tem a missão e a possibilidade de enfrentar os mais diversos desafios e se constituir, de fato, como expressão e sinal de esperança, uma vez que encontra-se enraizada em uma profunda tradição de fé, enfrentando o futuro com criatividade e compromisso. A universidade católica é chamada a ser modelo do que significa ser Igreja no mundo moderno e pós-moderno. Ela não logrará tal intento isoladamente, no entanto, poderá fazê-lo por meio de um esforço contínuo em vista de promover um diálogo sólido e colegiado à luz do Evangelho, de Jesus Cristo e das orientações presentes nos documentos do magistério, em particular a *ECE*, uma vez que ela é, até o momento presente, o mais completo documento da Igreja dedicado às

faculdades e universidades católicas<sup>537</sup>. Ela é, como vimos ao longo de toda esta pesquisa, um documento fundamental para o diálogo sobre a identidade e a missão da universidade católica no mundo, não obstante em alguns contextos acadêmicos seja considerada reacionária e juridicamente pesada, ou até mesmo reduzida a um manifesto contra a modernidade e, portanto, promotora de um certo retorno à “idade de ouro” da educação superior católica.<sup>538</sup>

Sobre essa crítica acima, observamos que, como qualquer outro texto ou documento, a *ECE* não pode ser considerada de forma isolada e nem tampouco descontextualizada. O seu conteúdo antes de ser interpretado e aplicado deve levar em conta a dinâmica histórica e o espírito de diálogo que caracterizou a sua produção – fora desse espírito, pode ser facilmente deturpado. A fim de manter nos tempos atuais a dinâmica e o espírito de diálogo presentes na *ECE*, faz-se necessário, antes de tudo, compreendê-la enraizada no contexto do CV II, particularmente, da *Gaudium et Spes*. As faculdades e universidades católicas do mundo todo devem considerar a *ECE* não como se ela fosse uma espécie de manual ou um código de regras, mas, sim, lograr abraçar o espírito de diálogo que a engendrou e, a partir dessa fundamentação, se empenharem para enfrentar os novos desafios e também as novas oportunidades próprias do século XXI.

O percurso histórico da *ECE* é a narrativa de um diálogo colegiado entre um leque de visionários esperançosos comprometidos em responder a essas questões, bem como defender a universidade católica em toda a sua diversidade. Segundo John Langan, a *ECE* é o resultado de 30 anos de diálogo entre autoridades eclesiais e especialistas da comunidade internacional de educação superior católica.<sup>539</sup> Esse diálogo foi firmemente enraizado nos documentos do CV II, foi

<sup>537</sup> Bem antes da *ECE*, o Papa Pio XI escreveu a Encíclica *Divini Illius Magistri* em 31 de dezembro de 1929 e *Deus Scientiarum Dominus* em 1931, ambas também tratam da relação da Igreja com o ensino superior.

<sup>538</sup>A sociedade Cardinal Newman nos Estados Unidos, estabelecida em 1993 (<http://www.cardinalnewmansociety.org/AboutUs/tabid/53/Default.aspx>) tem o propósito de “ajudar a renovar e fortalecer a identidade católica no âmbito da educação superior católica”; GREINER, K. A., Do Coração da Igreja: uma aproximação da *Ex Corde Ecclesiae*, p.149 afirma sobre a mencionada sociedade: “Esta sociedade é frequentemente criticada por outros líderes e profissionais da educação superior católica por usar táticas de “bullying” e “fiscalização” com a desculpa de seguir a *Ex Corde Ecclesiae*; ironicamente deixa de lado os valores da unidade e diversidade e da liberdade acadêmica e religiosa defendidos pelo documento. Devido ao crescimento da sua influência entre certos grupos de jovens católicos, com o conseqüente apelo para interpretar a *Ex Corde Ecclesiae* ‘corretamente’, a Sociedade Cardinal Newman é um exemplo de indevida interpretação desse documento histórico”.

<sup>539</sup> LANGAN, J., *Catholic Universities in Church and Society: a dialogue on Ex Corde Ecclesiae*, p.2.

também marcado por vários documentos-chave, como: *Gravissimum Educationis* e *Gaudium et Spes*. Ambos influenciaram diretamente a linguagem e a visão da *ECE*. A *Gravissimum Educationis*, promulgada pelo papa Paulo VI em 28 de outubro de 1965, é um documento da Igreja inovador quanto à menção à educação superior católica. A primeira parte do art. 10 confirma a vocação das universidades católicas como canal importante de ligação entre fé e razão. Ao mesmo tempo em que insiste no fato de que a identidade das instituições católicas esteja enraizada nas “pegadas dos doutores da Igreja”, o documento defende a autonomia dessas instituições: a Igreja “esforça-se que, por uma organização metódica, as disciplinas todas sejam cultivadas com princípios próprios, com métodos próprios e com liberdade própria de pesquisa científica” (*GE* n.10). A *Gaudium et Spes* é um dos mais conhecidos documentos do CV II, certamente porque é também um dos mais inovadores, que profeticamente reafirma a necessidade de respeitar e proteger a dignidade e a liberdade de todos os seres humanos no mundo, insistindo para que a Igreja, enquanto testemunha do amor de Cristo no mundo, se envolva com todas as culturas, perscrute “os sinais dos tempos” e, por meio de ação, do serviço e da fé, promova o amor e a justiça de Cristo (*GS* n.4). A *Gaudium et Spes* teve boa recepção justamente por reconhecer o crescimento das complexidades do mundo moderno, ela interpela a Igreja a defender a dignidade da pessoa humana e reforça que, com o aperfeiçoamento da tecnologia e das descobertas científicas, a Igreja necessita cuidar dos mais vulneráveis na sociedade. A *Gaudium et Spes* é de suma importância para a correta compreensão da missão evangelizadora da universidade católica porque ela incentiva e possibilita que a Igreja se engaje na busca intelectual da verdade, com a colaboração de todas as ciências. Segundo a *Gaudium et Spes*, liberdade humana e santidade estão inter-relacionadas, sendo que para a educação, particularmente a educação superior, é fundamental a existência da liberdade a fim de assegurar a verdade, a sabedoria e, por fim, a santidade.

A *ECE* já na “Introdução” expressa uma grande esperança, confiança e admiração pelo trabalho que a educação superior católica oferece à Igreja e ao mundo. Ela afirma a vocação da universidade católica quanto a ser um lugar no qual a fé e a razão dialoguem, sobretudo por meio da pesquisa e do ensino. Entendendo a universidade católica como o coração da Igreja, e servindo como uma ponte entre a cultura e a Igreja, entre a fé e a razão (*ECE* n.1 e 2). Inserida nas tradições, tanto da Igreja quanto do mundo acadêmico, a universidade católica realiza a pesquisa na

esperança de promover a mensagem evangélica de amor e solidariedade destinada a todos.

Segundo a *ECE*, a universidade católica é essencialmente caracterizada por: 1) encontrar na inspiração cristã o seu fundamento e a sua missão; 2) contribuir para a promoção da humanidade no âmbito do desenvolvimento do conhecimento humano por meio da permanente reflexão à luz da fé cristã; 3) expressar fidelidade à mensagem cristã tal como é comunicada pela Igreja católica; 4) desempenhar um compromisso institucional em relação ao povo de Deus e a família humana. Essas características assinalam o que é essencial em uma universidade católica e ou de inspiração cristã (*ECE* n.13), possibilitando que a missão da universidade católica seja, obviamente, voltada tanto para a comunidade acadêmica como para o mundo. Quanto à identidade, toda a primeira parte da *ECE* acentua que a universidade católica está “na Igreja”, isso implica que os ideais católicos devem permear de um modo ou de outro todos os aspectos da vida da universidade.

No mesmo espírito que subjaz a *Gaudium et Spes*, a *ECE* afirma que a universidade católica, graças a seu perfil específico na sociedade, não pode se omitir quanto a promover o diálogo entre os valores provenientes do Evangelho e aqueles presentes na cultura, pois só assim a universidade abrir-se-á a toda experiência humana, a todas as culturas e a partir daí poderá ajudar a Igreja e também a sociedade a dialogar com as mais diversas culturas. Por meio desse diálogo a universidade favorece que a Igreja possa seguir no seu papel de ser sinal de esperança no mundo atual. Por meio da sua interação com a cultura e com a sociedade, por meio das atividades de pesquisa, ensino e extensão, a universidade católica soma-se a toda a Igreja em sua missão evangelizadora.

Na expressão de Werner Jaeger, a Igreja constituiu uma “paideia cristã”, em continuidade de certo modo com clássica “paideia grega”<sup>540</sup>. O encontro do *logos* grego com a *sabedoria* judaico-cristã favoreceu a construção de uma cosmovisão que agregou a capacidade humana de pensar e descobrir a verdade articulada com a fé fundamentada na verdade revelada por Deus. A busca pela verdade constituía, desse modo, um exercício do ser humano enquanto capaz de pensar e de chegar a Deus por essa via. Segundo a expressão de S. Tomás de Aquino, “a verdade, venha de onde vier, é do Espírito Santo”<sup>541</sup>. S. Agostinho tornou a famosa a expressão

<sup>540</sup> JAEGER, W., *Cristianismo Primitivo y Paideia Griega*.

<sup>541</sup> S. Th. I-II, q.109 a.1.

“crer para compreender e compreender para crer”, afirmação que acompanha a história da Igreja como síntese das posturas humanas perante a realidade, quando o conhecimento das coisas reveladas por meio da fé se complementa com o conhecimento das coisas por meio da razão.<sup>542</sup>

No decorrer dos séculos o cristianismo tem se pautado pela convicção de que o ato de ensinar-aprender é uma missão inerente à fé. A verdade provém de Deus e está posta a serviço da realização do ser humano. A universidade não nasceu do nada, ela foi fruto do amadurecimento de uma longa trajetória de compreensão do ser humano, de sua natureza como criatura para a qual se orientava a ação educativa da Igreja. Desde o coração da Igreja, o ensino tem sido construído nos mais diversos contextos, sempre como um dos meios de realização do ser humano na sua participação no Reino de Deus. A partir do século XIII, como já visto, teve início a emergência de novas concepções na práxis pedagógica católica. O ser humano passa a ser compreendido como investido de autonomia. A educação da razão adquire um papel relevante e é recebida como um legítimo exercício de busca pela verdade. A compreensão do funcionamento de muitas leis naturais próprias, bem como da inteligência humana capaz de conhecer, abre uma nova etapa histórica para a Teologia e para o pensamento de um modo geral. Deus é a fonte e a razão de todo conhecimento e é também a própria Verdade da qual decorrem todas as demais. O ser humano é capaz de conhecer o mundo, a si mesmo, contudo não está isento de falhas, e não obstante isso, ele permanece reivindicando autonomia quanto ao processo de busca pela verdade.

O ensino superior moderno foi gradativamente se associando às ciências, culminando no Estado moderno, no qual se configurou uma nova universidade dedicada principalmente às ciências e às tecnologias. Neste contexto, o humanismo medieval, cuja ênfase era na dimensão espiritual é, paulatinamente, substituído por um humanismo desvinculado das bases teológicas. Como consequência, o ser humano passa a ser entendido como um fim em si mesmo e capaz de conhecer prescindindo da fé enquanto doutrina revelada – o ser humano torna-se o sujeito e também a razão da educação.

---

<sup>542</sup> PASSOS, J. D., Ensino superior e Magistério: a meta da verdade e o método do diálogo, p.126.

No contexto contemporâneo, se consolida cada vez mais um novo humanismo<sup>543</sup> e emerge também uma nova sociedade, na qual o ensino superior passa a ser paulatinamente caracterizado na dimensão da formação de cidadãos para viverem em uma sociedade plural e, a partir daí, contribuir também no âmbito profissional para o seu desenvolvimento.

O ensino superior católico não pode permanecer reticente e nem reproduzindo-se sobre si mesmo a partir dos parâmetros da antiga escolástica. Até o Concílio Vaticano I, as autonomias modernas eram vistas como sendo perigosas, no entanto, aos poucos vai crescendo a consciência de que a separação entre as verdades da fé e da razão é nociva ao ser humano e também à sociedade. Tardou séculos para que a Igreja, enfim, se voltasse para as autonomias modernas, se abrisse e também se empenhasse em dialogar com elas. O papa Leão XIII deu um passo significativo neste caminho, quando dispôs a Igreja a um diálogo oficial em duas direções que, no fundo, possuíam pontos comuns. A primeira foi a inserção dos cristãos no mundo moderno enquanto força social e política em nome da fé, o que aponta para uma antropologia que valoriza e promove a dignidade do ser humano (RN). A segunda foi quanto à importância de se voltar às fontes da escolástica consolidada havia séculos como pensamento oficial e como sistema distante das coisas novas e modernas (AP).

Com esses dois documentos pontifícios, são lançadas as bases de um humanismo que se empenha em dialogar com os desafios modernos. Até então temidas, as liberdades moderna e a tradição cristã entram em rota de confluência, após longo período de colisão. A educação católica começa a dar importância mais direta à formação do ser humano, à função social do ensino e à construção da solidariedade humana. Como mencionado no segundo capítulo, o conceito de humanismo integral trabalhado por J. Maritain expressa uma nova postura da Igreja que acolhe a ideia de que o ser humano é um valor em si e que a Igreja se apresenta como promotora e educadora desse valor. O CV II constitui o auge dessa visão. O ser humano, independentemente da idade, do gênero, da nacionalidade e da religião é digno por natureza e deve ser defendido quanto a seus direitos por parte da Igreja

---

<sup>543</sup> FORTE, B., Para onde vai o cristianismo?, p.115: “A proposta cristã - fundada na convicção de que Cristo é a plena revelação do ser humano e da sua altíssima vocação - oferece-se como *um novo humanismo* justamente em virtude da sua capacidade de suscitar novidade de vida no acolhimento do dom ‘do alto’”.

(GS); as liberdades modernas passam a ser vistas como contendo um valor a ser respeitado e promovido (DH). As ciências passam a ser tidas como meio de realização da vida humana integral e como realização do desígnio de Deus. A educação passa a ser compreendida como um direito decorrente da dignidade humana e um processo essencial para o desenvolvimento da sociedade e do próprio ser humano (GE). Como afirma Boaventura Santos, é absolutamente imprescindível “ampliar a legitimidade intelectual das lutas pela dignidade humana”<sup>544</sup>.

O ensino superior na instituição católica permaneceu sempre no coração da Igreja, a novidade a partir do CV II está na ênfase segundo a qual a Igreja pulsa no ritmo do coração humano, assinalado pelas vicissitudes, ansiedades e ambiguidades próprias da condição humana<sup>545</sup>.

Assim sendo, podemos afirmar que a missão evangelizadora da universidade católica se encaixa inclusive doutrinalmente nesse ponto de encontro entre o ser humano e o Evangelho, ou entre a ciência e a fé, entre a autonomia da história e o desígnio de Deus, entre os métodos próprios das ciências e os valores inerentes à fé. Segundo a *ECE*, trata-se de unificar existencialmente duas ordens distintas, mas, não antitéticas; “a investigação da verdade e a certeza de conhecer, já, a fonte da verdade” (*ECE* n.1), uma vez que a fé que busca ciência constitui o princípio que rege as relações de fundo da Igreja com o ensino superior desde as suas origens e permanece como princípio norteador da prática da Igreja no âmbito da cultura.

---

<sup>544</sup> SANTOS, B. S., Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos.

<sup>545</sup> ARENDT, H., A condição humana, p.51-2.

## 6 Conclusões

Esta investigação se fundamenta na constatação de que a sociedade espera da universidade uma liderança humanista no atual contexto cada vez mais marcado pela mercantilização. A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade crescentes no mundo globalizado apontam para a universidade católica instando-a a reformular sua missão evangelizadora, para que seja efetiva no contexto da sociedade atual marcada pela secularização – um contexto sociocultural marcado igualmente pelas mudanças de época, mudanças da sociedade e da cultura. Como apresentado ao longo da pesquisa, a universidade católica não é uma ilha, portanto, ela é atingida pelas mudanças que ocorrem na sociedade. Vimos que se tais mudanças forem bem compreendidas serão aliadas, mas, incompreendidas, constituem empecilho para a realização da missão evangelizadora da universidade.

No desenvolvimento da pesquisa, foi analisada a realidade da evangelização na universidade católica, os desafios que se apresentam, as orientações dadas pelos documentos eclesiais, o confronto entre eles enquanto expressão do ideal do Reino de Deus e a realidade constatada, os desafios que surgem e emergem dos novos paradigmas. Foram utilizadas, como base do processo de investigação, as quatro “colunas” a partir da *ECE* - diálogo entre fé e cultura, anúncio do Evangelho, busca pela verdade e integração entre fé e vida, relacionadas com o método ver-julgar-agir, articulando uma visão dialética entre a realidade e o ideal do Reino de Deus. Não se trata somente de julgar a realidade a partir dos princípios fornecidos pelo ideal proposto pela fé cristã, senão que se faz também uma iluminação crítica do ideal do Reino de Deus a partir dos elementos extraídos da realidade. Desse modo, apontamos para um caminho de investigação que inova ao comprovar que a não realização plena da missão evangelizadora da universidade católica em cada universidade concreta não se limita ao insucesso quanto à realização dos princípios previstos nos documentos e que tampouco a solução se resume na aplicação pura e simples de tais princípios. É necessário empreender um diálogo com a realidade, com os novos desafios que emergem cotidianamente, com os princípios apresentados para, a partir deste diagnóstico, encontrar os elementos de uma nova compreensão da missão evangelizadora da universidade católica, que leve em conta

tanto a iluminação dada pelos documentos, como os desafios que surgem das novas realidades.

Ao término da investigação, constatamos logros que afetam o campo da fé, da ciência e das pessoas envolvidas neste trabalho. Ressalta-se, em primeiro lugar, a importância de enfatizar a coerência entre a fé professada e a vivência que resulta no testemunho do evangelizador daquilo que crê e prega, pois a coerência e a integração entre a fé e a vida são essenciais para garantir a efetividade da ação evangelizadora. É certo que o protagonista da obra evangelizadora é o Espírito Santo, mas do evangelizador requer-se predisposição. É importante destacar a necessidade de se aprofundar no conhecimento da realidade envolvida, que é a missão evangelizadora da universidade católica em vista de um melhor exercício de si própria, especialmente para se adquirir uma atitude mais aberta e com menos pré-julgamentos no que diz respeito à aproximação dos integrantes da comunidade universitária.

O trabalho do evangelizador se distingue de outras atividades técnicas ou de cunho investigativo; nele se envolvem diretamente as pessoas, e se dirige igualmente a elas; portanto, coenvolve processos que não podem ser manipulados como um artefato, pois exigem uma presença crística. Nem todos, na universidade católica, têm consciência de tal presença, o que requer, por parte de quem empreende a evangelização, a tarefa de levar as pessoas a uma sensibilização e humanização. O evangelizador tem, com o concurso de toda a sua pessoa e consciência da realização da tarefa, para além de pertenças e práticas religiosas, também o objetivo de promover a dignidade humana. Nisso se manifesta não só a relação entre as pessoas como também uma nova instância a partir das relações que é a comunidade, e neste caso a comunidade universitária, que demanda seu fortalecimento e a construção de redes de comunidades no seu interior.

Do mesmo modo, emerge também na conclusão deste trabalho a consciência de que o método deve estar a serviço das necessidades que se almeja corrigir. Trata-se da sua modificação ou adaptação para a análise da realidade e sua respectiva transformação. É preciso trabalhar o ideal do Reino de Deus a partir da realidade, pois se alguns planejamentos não podem sozinhos chegar à prática devido ao desconhecimento da realidade, requer-se uma revisão e em seguida uma adequação dos métodos escolhidos.

Nesta investigação, se concretiza o reconhecimento das Sementes do Verbo presentes nas culturas, nas quais faz-se necessário reconhecer e encontrar os valores

cristãos e, a partir desses, evangelizar as culturas, bem como também deixar-se evangelizar por elas.

Apresentamos a proposta de uma perspectiva evangelizadora que, em sintonia com os sinais dos tempos, realize a missão evangelizadora da universidade católica para além da doutrina cristã. Ela deve se dar em direção às culturas, principalmente a do mundo juvenil, no qual se constata a existência de um Evangelho vivo que germina de forma pessoal e comunitária a partir das Sementes do Verbo presentes em cada cultura. A investigação apresenta linhas de ação e orientações que servem para sublinhar que não se trata de um trabalho concluído, não apresentamos respostas prontas e acabadas, ao contrário, este trabalho se caracteriza pela pretensão de suscitar questões, não a esmo, mas, fruto de reflexões fundamentadas; questões cujas respostas devem ser buscadas, construídas e postas em prática por todos os que possuem funções de liderança e responsabilidade na universidade católica, para que toda a instituição seja, de fato, uma universidade em pastoralidade.

O campo de investigação aqui trabalhado é vasto e permanece aberto para oferecer, particularmente à teologia pastoral, caminhos a serem seguidos nos contextos da evangelização por meio do diálogo fé e cultura. O papel da universidade católica na sociedade inclui a recriação de novas perspectivas teológicas e suas respectivas metodologias, tudo isso em vistas de concretizar o plano salvífico de Deus entre os seres humanos e valorizar a presença encarnada do Verbo nas culturas.

Esta pesquisa está sendo concluída no ano em que a PUC-Rio completa 80 anos de existência. Esse fato não é mera coincidência, tem influência direta nesta investigação, pois é nosso atual local de trabalho, mas, sobretudo, porque a PUC-Rio é a pioneira entre as universidades católicas no Brasil. Um projeto audacioso e exitoso, porém, a Igreja e a sociedade de hoje são muito diferentes daquelas de há oito décadas. Por isso, entendemos como, mais que oportuno, absolutamente necessário suscitar reflexões a fim de que a universidade católica siga sendo fiel ao seu propósito fundacional no contexto contemporâneo. É necessário que a universidade católica hoje tenha clareza quanto à sua identidade e que esta esteja intrinsecamente ligada à sua missão. Entendemos também que é fundamental que possa cumprir, na sociedade, uma missão que ofereça uma visão unitária de cunho

cristão para a grande diversidade plural de racionalidades e disciplinas presentes nos campos universitários.

O nosso enfoque foi em vista de integrar o âmbito pastoral e o acadêmico, a universalidade da academia e a confessionalidade da fé cristã, a liberdade acadêmica e a autoridade eclesial. O nosso objetivo, portanto, consistiu em apresentar uma base comum para um diálogo e uma colaboração mútua que respeite a diversidade cultural e religiosa em vista de constituir uma proposta que logre tocar e despertar o interesse de todos.

Faz parte do intento deste trabalho propor uma evangelização baseada no humanismo cristão e integral, o que se justifica pelo fato de que muitos dos valores invocados na sociedade atual, em defesa do “humano”, possuem raízes cristãs, embora nem sempre sejam invocados como tais. Para além disso, vimos que a ação do Espírito Santo pelo Reino de Deus não é restrita aos cristãos, mas, diz respeito a todo ser humano que atue na causa do Reino de Deus em favor de uma humanidade mais solidária. Na mesma linha, vimos que a fonte cristã do autêntico humanismo inclui o querigma salvífico, a pessoa de Jesus Cristo e a sua mensagem.

Como vimos, os estudantes chegam à universidade com representações religiosas que muitas vezes não resistem aos novos conhecimentos que então adquirem, uma vez que tais representações refletem o que receberam na infância ou adolescência. Daí a importância, e mesmo a urgente necessidade, de a universidade católica apontar-lhes o núcleo da fé cristã, para que assumam uma expressão de fé adulta e consoante à sua realidade enquanto pessoas que agregaram conhecimentos provenientes dos estudos universitários.

A nossa proposta não visa eliminar a pastoral tradicional, caracterizada pela prática sacramental, mas, sim fortalecê-la e, sobretudo, inculturá-la, uma vez que a Igreja tem despertado, cada vez mais, para escutar a sociedade, as demais religiões e, inclusive, aqueles que não professam nenhuma fé. A nossa proposta consiste em suscitar um diálogo que promova uma abertura tal que inclua a colaboração de todos, como ensina o CV II (GS 44,92), pois acreditamos que só assim poderemos ser hoje fiéis aos primórdios da universidade, às propostas presentes na *ECE*, e fazer com que a universidade católica esteja em sintonia com o papa Francisco, que desde o início do seu pontificado manifestou o desejo de uma Igreja em saída. Essa perspectiva que apresentamos parte da constatação de que a universidade católica

não é apenas uma instituição que se situa diante de uma sociedade pluralista, mas que abriga em seu seio o pluralismo.

## 7

### Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. **Juventude, juventudes**: o que une e o que separa. Brasília: Unesco, 2006.

ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. São Paulo: Unesco, 2007.

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

AGOSTINI, N. Pós-modernidade e ser humano. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v.16, n.63, p.113-26, 2008.

AGUADO, M. E. L. **Cultura e fé, um olhar pastoral interdisciplinar**. Brasília: CNBB, 2014.

\_\_\_\_\_. A presença da Igreja no meio universitário. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, v.3, n.27, p.81-96, 2012.

ALONSO, J. J. H. **La nueva creación**. Salamanca: Sígueme, 1976.

ALVES, A. A. **Doutrina social da Igreja**: um guia prático para estudo. Petrópolis: Vozes, 2014.

ALVES, R. **Por uma teologia da libertação**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

ALVES, V. P. **Universidade em Pastoral**. Petrópolis: Vozes, 2002.

AMADO, J. P. Realmente livres? A ambiguidade antropológica dos ambientes urbanos. In: GARCÍA RUBIO, A. (Org.) **O Humano Integrado**. Abordagens de Antropologia Teológica. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. Mudança de época e conversão pastoral: uma leitura das conclusões de Aparecida. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v.30, p.301-6, 2008.

\_\_\_\_\_. Evangelii Gaudium: alguns aspectos para sua leitura. In: \_\_\_\_\_.; FERNANDES, L. A. **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas, 2014.

AMALADOSS, M. **Missão e inculturação**. São Paulo: Loyola, 2000.

ANDRADE, I. C. F. **A inteireza do ser**: uma perspectiva transdisciplinar na autoformação de educadores. 2011. 2009 f. Tese. Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ANDRADE, P. F. C. Possibilidade da relação entre fé e política em uma era secular. In: BINGEMER, M. C.; ANDRADE, P. F. C. (Orgs.) **Secularização: novos desafios**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

ANDRADE, P. F. C. O reconhecimento da Teologia como saber universitário: tensões e articulações entre as dimensões confessional e profissional. In: LIGÓRIO SOARES, A. M.; PASSOS, J. D. (Orgs.) **Teologia pública**. Reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2011. p.21-36.

ANJOS, M. F. dos. (Org.) **Inculturação**, desafios de hoje. Petrópolis: Vozes, 1994.

ANTONIAZZI, A. Educação universitária: desafio para a Igreja. **Convergência**, Rio de Janeiro, v.152, n.17, p.226-39, 1982.

\_\_\_\_\_. A Confessionalidade na Universidade Católica. **Revista de Educação do Cogeime**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.95-103, 31 dez 1992.

AQUINO J. F. Cristianismo numa sociedade plural: a propósito do livro de Boaventura de Sousa Santos “Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos”. **Horizonte**, Belo Horizonte, v.13, n.40, p.2268-91, 2015.

\_\_\_\_\_. A problemática da antropologia teológica. **Atualidade Teológica**, [s.l.], v.2013, n.2, p.267-91, 25 mar 2014.

ARAGÃO, G. S. Da intolerância religiosa ao diálogo trans-religioso. **Religare**, v.12, n.1, março de 2015, p.152-71.

\_\_\_\_\_. A religiosidade popular e a fé cristã. **Teologia e Ciências da Religião**, Recife, v.1, n.1, p.38-64, 2002.

ARAÚJO, E. S. A Evangelização no mundo universitário. **Itaici**, v.48, p.82-8, 2002.

ARENDT, H. **A condição humana**. São Paulo: Forense Universitária, 1995.

ARTEAGA, A. **Universidad discípula y misionera**. El anuncio de Cristo a principios de este siglo. Conferencia inaugural del Congreso Internacional d PU, CELAM-UC, Santiago de Chile, 23 de novembro de 2006.

ASSMANN, H. **Teología desde la praxis de la liberación**. Salamanca: Sígueme, 1973.

ÁVILA, F. B. de. **Antes de Marx**: as raízes do humanismo cristão. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pequena enciclopédia de doutrina social da Igreja**. São Paulo: Loyola, 1993.

AZEVEDO, M. C. **Modernidade e cristianismo: o desafio a inculturação.** São Paulo: Loyola, 1981.

\_\_\_\_\_. **Comunidades eclesiais de base e inculturação da fé.** São Paulo: Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. **Viver a fé cristã nas diferentes culturas,** São Paulo: Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. **Entroncamentos e entrechoques: vivendo a fé em mundo plural.** São Paulo: Loyola, 1991.

\_\_\_\_\_. Universidade católica e transmissão da fé cristã. **Perspectiva Teológica,** Belo Horizonte, v.22, n.56, p.69-88, 1990.

\_\_\_\_\_. Evangelização, inculturação e vida religiosa. **Convergência,** Brasília, v.209, n.22, p.33-46, 1988.

\_\_\_\_\_. Evangelização e cultura secular. **Síntese,** Belo Horizonte, v.27, p.17-34, 1983.

BACHER, M. C. Teología pastoral inter loci. **Teología Uca,** Buenos Aires, v.47, n.106, p.385-411, 2011.

\_\_\_\_\_. **Estrellas en la noche: tres casos de solidaridad evangelizadora.** Descripción, interpretación y propuestas desde la teología pastoral. 2009. 160f. Dissertação. Curso de Teología, Pontificia Universidad Católica Argentina, Buenos Aires.

BALBINOT, R. **Educação & Espiritualidade: fundamentos da escola em pastoral.** Xanxerê: News Print, 2010.

BARBOSA, L. (Org.) **Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

BARREIRO, A. **Igreja, povo santo e pecador.** São Paulo: Loyola, 2001.

BARTH, K. **A Carta aos Romanos.** São Leopoldo: Sinodal, 2016.

\_\_\_\_\_. **Dádiva e Louvor.** São Leopoldo: Sinodal, 1986.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEIRNE, C. J. **Jesuit Education and Social Change in El Salvador.** New York/ London: Garland, 1996.

BÉJAR, J. S. Cultura, universidad, evangelio: una propuesta de discernimiento cristiano de las racionalidades. **Gregorianum,** Roma, v.99, n.2, p.373-92, 2018.

BELLOSO, J. M. R. I. **Fe y cultura en nuestro tiempo.** Santander: Sal Terrae, 1987.

BENEDETTI, L. R. Catolicismo entre a ética e a emoção: uma análise institucional a ser discutida. **REB**, Petrópolis, v.62, n.247, p.629-42, 2002.

\_\_\_\_\_. Entre pastoral e administração: dilema da universidade católica. **REB**, Petrópolis, n.251, p.570-81, 2003.

BENTO, F. R. (Org.) **Cristianismo, humanismo e democracia**. São Paulo: Paulus, 2005.

BENTO XVI. **Jesus de Nazaré**. São Paulo: Planeta, 2007.

\_\_\_\_\_. **Discurso a los participantes del encuentro de rectores y docentes de las universidades europeas sobre “Un nuevo humanismo para Europa”**: El rol de las Universidades. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007.

\_\_\_\_\_. **Discurso do Santo Padre Bento XVI para o encontro na universidade de Roma “La Sapienza”**. 2008. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/january/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20080117\\_la-sapienza.html](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/january/documents/hf_ben-xvi_spe_20080117_la-sapienza.html)>. Acesso em: 10 jan 2018.

\_\_\_\_\_. **Deus Caritas Est**. 2005. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html). Acesso em: 4 nov 2018.

\_\_\_\_\_. **Caritas in Veritate**. São Paulo: Paulinas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Confronto com as diversas culturas para harmonizar razão e fé e construir um humanismo cristão**. 2010. Disponível em: <<http://www.osservatoreromano.va/pt/news/confronto-com-as-diversas-culturas-para-harmonizar>>. Acesso em: 19 jun 2018.

\_\_\_\_\_. **L’Europa nella crisi delle culture**: per la promozione della vita e della famiglia in Europa. Subiaco: Monastero di Santa Scolastica, 2005.

\_\_\_\_\_. **Um humanismo novo integral e transcendente**: Discurso à comunidade da Universidade do Sagrado Coração. 2011. Disponível em: <<http://www.osservatoreromano.va/pt/news/um-humanismo-novo-integral-e-transcendente>>. Acesso em: 19 jun 2018.

\_\_\_\_\_. **Um novo humanismo para a Europa**. O papel das universidades: discurso aos participantes do encontro dos reitores e professores das universidades europeias sobre “Um novo humanismo para a Europa”. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/june/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070623\\_european-univ.html](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20070623_european-univ.html)>. Acesso em: 19 jun 2018.

BEOZZO, J. O. **Cristãos na universidade e na política**. Petrópolis: Vozes, 1984.

BERTOLINI, J. **Introdução a Paulo e suas cartas**. São Paulo: Paulus, 2007.

BERGER, P. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGOGLIO, J. M. **Educar**: escolher a Vida. São Paulo: Ave Maria, 2013.

\_\_\_\_\_. **Reflexões na esperança**. São Paulo: Loyola, 2014.

BETIATO, A. M. **Papa Francisco**: a semântica missionária de uma Igreja em saída. Curitiba, 2018. 122f. Tese. Escola de educação e humanidades programa de Pós-graduação em Teologia, PUC-PR.

BINGEMER, M. C. L. Natureza católica das instituições católicas de educação superior: significado, perspectivas, desafios. In: ZACHARIAS, R. **Instituições católicas de ensino superior**: natureza, inspiração e ética. São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. O cristianismo: uma religião? Ou a saída da religião. **Jornal do Brasil**, edição 14 de março de 2012.

\_\_\_\_\_.; ANDRADE, P. F. C. de. (Orgs.) **Secularização**: novos desafios. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

BOAS, A. V. Francisco e a Teologia da Cultura. **Pistis Praxis**, Curitiba, v.8, n.3, p.761-88, 2016.

BOBBIO, N. **A era dos direitos**. 9.ed. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

BOFF, C. **Teoria do método teológico**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. **A santíssima trindade**: é a melhor comunidade. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **A Trindade, a sociedade e a libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. **Cristianismo**: o mínimo do mínimo. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_.; BOFF, C. **Como fazer teologia da libertação**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_.; BETTO, F. **Mística e espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2010.

BOHM, D. **Diálogo**: comunicação e redes de convivência. São Paulo: Palas Athena, 2005.

BOING, V. M. L. B. Universidade, lugar de encontro e de esperança: um diálogo com papa Francisco. **Creatividade**, Rio de Janeiro, v. 2018, n.1, p.19-25, 4 maio 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17771/pucRio.cre.33606>. Acesso em: 4 nov 2019.

BORAN, J. **O senso crítico e o método Ver Julgar Agir**. São Paulo: Loyola, 1977.

BOTELHO, A. C. da Rocha. **Teologia na complexidade**: do racionalismo teológico ao desafio transdisciplinar. Rio de Janeiro, 2007. 457f. Tese. Faculdade de Teologia, PUC-Rio.

BOURGEOIS, H. **Libertar Jesus**: cristologias atuais. São Paulo: Loyola, 1989.

BRAKEMEIER, G. **O ser humano em busca de identidade**: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulus, 2002.

BRANDÃO, Z. et alii. **Universidade e educação**. Campinas: Papirus, 1992.

BRIANCESCO, E. Evangelización de la inteligencia y articulación del saber. **Consonancias**, Buenos Aires, v.6, n.2, p.15-27, 2003.

\_\_\_\_\_. Evangelización, cultura, universidad. **Teología**, Buenos Aires, v.25, p.96-127, 1975.

\_\_\_\_\_. Iglesia, cultura, universidad Teología. **Teología**, Buenos Aires, v.72, p.20-9, 1998.

BRIGHENTI, A. **A Igreja perplexa**. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Laudato Si` no pensamento social da Igreja**: da ecologia ambiental à ecologia integral. São Paulo: Paulinas, 2018.

\_\_\_\_\_. **A missão evangelizadora no contexto atual**. São Paulo: Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pastoral dá o que pensar**. São Paulo: Paulinas, 2009.

\_\_\_\_\_. Por uma evangelização realmente nova. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.125, p.88-9, 2013.

\_\_\_\_\_. A ação pastoral em tempos de mudança: modelos obsoletos e balizas de um novo paradigma. **Vida Pastoral**, São Paulo, v.56, n.302, p.23-34, 2015.

\_\_\_\_\_; ARROYO, F. M. (Orgs.) **O Concílio Vaticano II**: batalha perdida ou esperança renovada? São Paulo: Paulinas, 2015.

BRITO, E. J. C. Teologia e modernidade: o diálogo pelo avesso. **Espaços**: Instituto teológico de São Paulo, São Paulo, v.2, n.2, p.137-45, 1994.

BROWN, R. E. (Ed.). **The Jerome Biblical commentary**. Londres / Dublin: Geoffrey Chapman, 1970.

BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo: Cortez, 1979.

BUCKER, B. P. Utopia do bem segundo o papa Francisco. **Creatividade**, Rio de Janeiro, v.2018, n. 1, p.9-14, 4 maio 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17771/pucrio.cre.33605>. Acesso em: 12 set 2019.

BUCKLEY, M. J. **The Catholic University as Promise and Project**. Washington: Georgetown University Press, 1998.

CALDEIRA, R. C. A igreja Católica e a evolução de sua compreensão em torno dos direitos humanos. **Religião, Direitos Humanos e Laicidade**, Curitiba – Pucpr, v.5, p.9-16, 2015.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a Igreja Católica Romana e a evolução de sua compreensão sobre os direitos humanos. **Horizonte**, Belo Horizonte, v.15, n.47, p.770-796, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5752/p.2175-5841>. Acesso em: 10 jan 2018.

CÂMARA, J. B. **A universidade católica**: Carta pastoral. Petrópolis: Vozes, 1963.

CANALES, P. P. S. Cultura y universidad católica: a propósito de los 25 años de la constitución apostólica Ex Corde Ecclesiae. **Studium Veritatis**, Lima, v.19, n.13, p.163-87, 2015.

CANDAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.13, n.37, p.45-56, abr 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782008000100005>. Acesso em: 31 mai 2018.

CARDOSO, M. T. F. Ter em vista o ser humano: a Gaudium et Spes e o diálogo ecumênico. In: FERNANDES, L. A. (Org.) **Gaudium et Spes em questão**. Reflexões bíblicas, teológicas e pastorais. São Paulo: Paulinas, 2016.

\_\_\_\_\_. No sentido da vida. Em diálogo sobre a prevenção do suicídio. **Atualidade Teológica**, v.15, n.38, p. 315-34, mai/ago 2011.

\_\_\_\_\_. Paulo e o ecumenismo. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v.2009, n. 2, p.242-265, 25 set. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17771/pucrio.ateo.18307>. Acesso em: 10 jan 2019.

CARRASCO, J. C. Identidad de la teología latinoamericana y la teología de la liberación. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.50, n.1, p.19-40, 27 abr 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20911/21768757v50n1p19/2018>. Acesso em: 14 abr 2018.

CASALI, A. **Elite intelectual e restauração da Igreja**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CASTILLO, J. M. **A humanidade de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. **El Reino de Dios**: por la vida y la dignidad de los seres humanos. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1999.

\_\_\_\_\_. **El seguimiento de Jesus**. Salamanca: Sigueme, 1986.

\_\_\_\_\_. **Jesus**. A humanização de Deus. Petrópolis: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. **Deus: e nossa felicidade**. São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. **A ética de Cristo**. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. **Espiritualidade para insatisfeitos**. São Paulo: Paulus, 2012.

CASTILLO, R. B. **Ponderación teológica del método ver-juzgar-actuar**. 2004. Disponível em: [http://www.tepeyacainstitute.com/uploads/6/9/1/4/6914821/ponderacion\\_teologica\\_metodo\\_verjuzgaractuar.pdf](http://www.tepeyacainstitute.com/uploads/6/9/1/4/6914821/ponderacion_teologica_metodo_verjuzgaractuar.pdf). Acesso em: 4 fev 2019.

CASTRO, L. A. **Fe missionera, fe de primeira**. Bogotá: Paulinas, 2007.

CATÃO, F. Renovar as instituições católicas de educação superior? In: ZACHARIAS, R. **Instituições católicas de educação superior, natureza, inspiração e ética**. São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. Documento de Aparecida: uma proposta teológica? **Ciberteologia: Revista de Teologia & Cultura**, São Paulo, v.14, n.2, p.60-7, 2007.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Ave Maria, 1998.

CELAM. **Los cristianos en la universidad**. Bogotá: Departamentos de Educacion y de Pastoral Universitaria, 1967.

CELAM. **IV Conferência Geral dos Bispos**. Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã (Documento de Santo Domingo). Petrópolis: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Conclusões do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo**. São Paulo: Paulus, 2004. Coleção Documentos da Igreja.

\_\_\_\_\_. **Documento de Aparecida**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2007.

CENTRO DE PASTORAL DA PUC-RS (Org.) **Compreender para crer, universitários caminham na fé**. São Paulo: Paulinas, 2005.

CERETTA, S. B.; FROEMMING, L. M. Geração Z: compreendendo os hábitos de consumo da geração emergente. **Raunp**, Natal, v.2, n.2, p.15-24, 2011.

CESÁRIO, J. B. **Do coração da Igreja**: elementos histórico-pastorais da universidade católica: reflexões sobre a ação da Igreja na Puc-Camp. 2011. 245f. Dissertação. Faculdade de Teologia, PUC-SP, São Paulo, 2011. Disponível em: <[https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/18298/1/Joao Batista Cesario.pdf](https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/18298/1/Joao%20Batista%20Cesario.pdf)>. Acesso em: 12 fev 2018.

CNBB (Ed.). **Pastoral universitária**: documentos e conferências. Brasília: CNBB, 2010.

\_\_\_\_\_. **Setor universidades da Igreja no Brasil**: identidade e missão. Brasília: Edições CNBB, 2019.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes e normas para as universidades católicas**: evangelização e universidades. 64.ed. São Paulo: Paulinas, 1988.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil**. 45.ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

\_\_\_\_\_. **Educação, igreja e sociedade**. São Paulo: Paulinas, 1992.

\_\_\_\_\_. **Para onde vai a cultura brasileira?** Desafios pastorais. São Paulo: Paulinas, 1990.

\_\_\_\_\_. **Estudo da CNBB 102**: o seguimento de Jesus Cristo e a ação evangelizadora no âmbito universitário. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

\_\_\_\_\_. **Evangelização da juventude**: desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_. **Evangelização e pastoral da universidade**. São Paulo: Paulinas, 1988.

\_\_\_\_\_. **Igreja, comunhão e missão na evangelização dos povos, no mundo trabalho, da política e da cultura**. São Paulo: Paulinas, 1988.

\_\_\_\_\_. **Para uma pastoral da educação**. São Paulo: Paulinas, 1986.

COIMBRA, A.A. J. Considerações sobre a Interdisciplinaridade. In: PHILIPPI, A. et al. **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Signus Editora, 2000.

COLAVECCHIO, R. **Conhecendo melhor Jesus de Nazaré**: curso de cristologia. São Paulo: Loyola, 2018.

COMBLIN, J. **Cristãos rumo ao século XXI**: nova caminhada de libertação. 4.ed. São Paulo: Paulus, 1996.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **O Cristianismo e as religiões**. São Paulo: Loyola, 1997.

COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA do Grande Jubileu do Ano 2000, Jesus Cristo: Ontem, Hoje e Sempre, São Paulo, Paulinas, 1996.

COMPARATO, F. K. **A afirmação histórica dos direitos humanos**. 6.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

COMTE, A. **Discurso sobre o espírito positivo**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **A escola católica**. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_19770319\\_catholic-school\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19770319_catholic-school_po.html). Acesso em: 25 abr 2018.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar para o diálogo intercultural na Escola Católica. Viver juntos para uma Civilização do Amor. **Sedoc**, Cidade do Vaticano, v.362, n.46, p.293-330, jan 2014.

\_\_\_\_\_. **Educar hoy y mañana: una pasión que se renueva**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2014.

CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA; PONTIFÍCIO CONSELHO DOS LEIGOS; PONTIFÍCIO CONSELHO DA CULTURA. **Presença da Igreja na universidade e na cultura universitária**, Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/cultr/documents/rc\\_pc\\_cultr\\_doc\\_22051994\\_presence\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/cultr/documents/rc_pc_cultr_doc_22051994_presence_po.html) Acesso em: 2 dez 2019.

CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA. **Para uma pastoral da cultura**. São Paulo: Paulinas, 1999.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. **Diálogo e anúncio**. São Paulo: Paulinas, 1996.

CORREDOR, D. E. L. Fundamentação teológica dos Direitos Humanos. **Cadernos Teologia Pública**, São Leopoldo, v.15, n.2, p.7-22, 2005.

CORREIA JÚNIOR, J. L. A reflexão teológica no meio universitário. **REB**, Petrópolis, v.62, n. 245, p.78-94, 2002.

COSTA, R. F. Juventudes: contínuo recomeço e a persistência da vida (Medellin, 2). **Creatividade**, Rio de Janeiro, v.2019, n.1, p.18-26, 14 jun 2019. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/38297/38297.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 22 jun 2019.

COSTA, P. C. Diálogo entre Cristianismo e mundo cultural nos primeiros séculos. **Atualidade Teológica**, v.13, n.33, p. 313-31, set / dez 2009.

\_\_\_\_\_. Anunciar Jesus Cristo na pós-modernidade: desafios e perspectivas. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v.40, n.1, p.3-20, 2010.

COTHENET, E. **Paulo, apóstolo e escritor**. 4.ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

COURT, P. M. Un nuevo humanismo para la vida de la Universidad. **Persona y Cultura**, Arequipá, v.1, n.1, p.86-95, 2001.

CROLLIUS, R. Inculturación: hacia una elaboración teológico-conceptual. In: TORNOS, A., **Inculturação**. Teología y método. Madrid: Comillas; Bilbao: DDB, 2001.

CUARTAS, C. J. La idea de universidad en Juan Pablo II. **Theologica Xaveriana**, Bogotá, n.146, p.163-90, 2003.

\_\_\_\_\_. Vigencia de la universidad humanística en el siglo XXI. **Universitas Humanística**, Bogotá, n.52, p.11-21, 2001.

D'AGOSTINO, S. Veritatis Gaudium un rischioso processo di apertura e dialogo. **La Gregoriana**, Roma, v.53, p.8-10, 2018.

D'AMBROSIO, R. Diritti umani: dimenticati o rinvigoriti? **La Gregoriana**, Roma, v.54, p.27-9, 2019.

DANIELSKI, G. **Esperança cristã e juventudes**: um encontro de esperanças para a vida da Igreja. Rio de Janeiro, 2015. 212 f. Dissertação. Faculdade de Teologia, PUC-Rio.

DEL AGUA, A., **Pastoral Universitária**. Disponível em: [http://www.mercaba.org/Pastoral/U/universitaria\\_pastoral.htm](http://www.mercaba.org/Pastoral/U/universitaria_pastoral.htm) Acesso em: 5 jun 2018.

DELLA MIRANDOLA, P. **A Dignidade do homem**. São Paulo: Edições Grd, 1988.

DIANICH, S. **La Chiesa Cattolica verso la sua Riforma**. Brescia: Queriniana, 2014.

DICK, H. **Gritos silenciados, mas evidentes**. Jovens construindo juventude na História. São Paulo: Loyola, 2003.

DOIG, K G. **Juan Pablo II y la cultura en América Latina**. Bogotá: Celam, 1991.

\_\_\_\_\_. **Direitos Humanos e ensinamento social da Igreja**. São Paulo: Loyola, 1994.

DORNELLES, J. R. W. **O que são os Direitos Humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. Sobre os direitos humanos, a cidadania e as práticas democráticas no contexto dos movimentos contra-hegemônicos. **Revista da Faculdade de Direito de Campos**, Campos, v.6, n.6, p.121-53, 2005.

DREHER, M. N. A teologia e origem da universidade. **Cadernos Teologia Pública**, São Leopoldo, v.3, n.1, p.6-32, 2004

DUPONT, J. **Les beatitudes**. Tomo II. Paris: Gabalda, 1969.

ECHEGARAY, H. **A prática de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 1984.

ECKHART, M. **O Livro da Divina Consolação e outros Textos Seletos**. Petrópolis: Vozes, 1991.

EDWARDS, D. **Experiência humana de Deus**. São Paulo: Loyola, 1995.

ESTRADA, J. A. **Imagens de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_. **Para compreender como surgiu a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2005.

FAUS, J. I. G. **Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa**. São Paulo: Loyola, 1981.

\_\_\_\_\_. **Desafio da pós-modernidade**. São Paulo: Paulinas, 1996.

FAUX, J. M. **Ensino Social da Igreja**. São Paulo: Loyola, 2019.

FERNANDES, L. A. A universidade deve estar ligada, exclusivamente, à autoridade da verdade. **Franciscanum**, Bogotá, v.57, n.165, p.339-80, 2016.

\_\_\_\_\_. Ecumenismo e diálogo inter-religioso em perspectiva bíblica. **Cultura Teológica**, São Paulo, v.90, p.111-42, 2017.

\_\_\_\_\_. Missão e missiologia a partir da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. **Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais**. São Paulo: Paulinas, 2014.

FERREIRA, A. C. Viver sem Deus e sem religião: a vida possível no ateísmo. **Horizonte**, Belo Horizonte, v.8, n.18, p.85-103, 2010.

FERREIRA, A. L. C. A sinodalidade eclesial no magistério do papa Francisco. **Atualidade Teológica**, v.22, n.59, p. 390-404, mai / ago 2018.

FERREIRA, M. G. **O outro humanismo: a relação “ética” em Emmanuel Lévinas**. 2013. 112f. Dissertação. Faculdade de Filosofia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte. Disponível em: <[http:// faculdadejesuita.edu.br/documentos/151013-EbL29YKIZZoyI.pdf](http://faculdadejesuita.edu.br/documentos/151013-EbL29YKIZZoyI.pdf)>. Acesso em: 25 jan 2018.

FERREIRA, R. Papa Francisco, e o método? Considerações sobre método ver-julgar-agir utilizado pelo Papa Francisco. **Pensar: Revista Eletrônica da FAJE**, v.7, n.2, p. 215-228, 2016.

FIEVEZ, M.; MEERT, J. **Cardijn**. Lisboa: Edições Operárias Cristãs, 1982.

FIUC. **50 anos após o Concílio Vaticano II: Teólogos do mundo inteiro deliberam**. São Paulo: Paulinas, 2017.

\_\_\_\_\_. **Las culturas de los jóvenes:** en las universidades católicas. Un estudio mundial. Paris: Centro Coordinador de La Investigación, 2014.

FLORISTAN, C. **Teologia practica:** teoria y praxis de la acción pastoral. 3.ed. Salamanca: Sígueme, 1998.

FORTE, B. **Para onde vai o cristianismo?** São Paulo: Loyola, 2003.

FORTES, L. R. S. **Rousseau:** o bom selvagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FOWLER, J. W. **Estágios da fé:** a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FRAIJÓ, M. **O cristianismo:** uma inspiração ao movimento inspirado em Jesus de Nazaré. São Paulo: Paulinas, 2002.

FRANCA, L. **O método pedagógico dos jesuítas.** Rio de Janeiro: Agir, 1952.

\_\_\_\_\_. **A crise do mundo moderno.** Rio de Janeiro: Agir, 1955.

\_\_\_\_\_. **A psicologia da fé.** Rio de Janeiro: Agir, 1958.

FRANCISCO. **A verdade é um encontro:** homilias proferidas na Casa Santa Marta. São Paulo: Paulinas, 2015.

\_\_\_\_\_. **La mia porta è sempre aperta:** una conversazione con Antonio Spadaro. Milão: Rizzoli, 2014.

\_\_\_\_\_. **O nome de Deus é misericórdia.** São Paulo: Planeta, 2016.

\_\_\_\_\_. **Deus é jovem:** uma conversa com Thomas Leoncini. São Paulo: Planeta, 2018.

\_\_\_\_\_. **Discurso aos participantes na Plenária da Congregação para a Educação Católica.** 2014. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/pa-pa-francesco\\_20140213\\_](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/pa-pa-francesco_20140213_)>. Acesso em: 30 set 2019.

\_\_\_\_\_. **Novas fronteiras para os líderes das universidades. O futuro da saúde e o ecossistema da universidade.** 2019. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-11/papa-francesco-universidades-catolicas.html>>. Acesso em: 29 nov 2019.

\_\_\_\_\_. **Carta por ocasião do Centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina.** Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco\\_20150303\\_lettera-universita-cattolica-argentina.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html) Acesso em: 21 jun 2018.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica Lumen Fidei.** São Paulo: Paulinas, 2013.

\_\_\_\_\_. **Amoris Laetitia**. São Paulo: Paulus, 2016.

\_\_\_\_\_. **Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

\_\_\_\_\_. **Audiência por ocasião da Assembleia plenária da Congregação para a educação Católica**. Disponível em: [www.vatican.va](http://www.vatican.va). Acesso em: 30 set 2018.

\_\_\_\_\_. **Laudato Si'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.

\_\_\_\_\_. **Gaudete et Exultate**: sobre a chamada à santidade no mundo atual. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20180319\\_gaudete-et-exultate.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exultate.html). Acesso em: 26 abr 2018.

\_\_\_\_\_. **Veritatis Gaudium**: circa le università e le facoltà ecclesiastiche. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_constitutions/documents/papa-francesco\\_costituzione-ap\\_20171208\\_veritatis-gaudium.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20171208_veritatis-gaudium.html). Acesso em: 26 abr 2018.

\_\_\_\_\_. **Misericordiae Vultus**. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANKL, V. **Um psicólogo no campo de concentração**. Lisboa: Editorial Aster, s/d.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREITAS, M. V.; ABRAMO, H. W.; LEÓN, O. D. **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GADOTTI, M. **Educação e poder**: introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

GALLI, A. **Avvenire**, Jornal, edição de 20 de novembro de 2011.

GARCIA RUBIO, A. Orientações atuais na cristologia. In: MIRANDA, M. F. (Org.) **A pessoa e a mensagem de Jesus**. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. **Antropologia: o projeto de Deus sobre o ser humano.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2010.

\_\_\_\_\_. **O encontro com Jesus Cristo vivo.** São Paulo: Paulinas, 1994.

\_\_\_\_\_. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs.** São Paulo: Paulus, 2001.

GARDNER, H.; CHEN, J.; MORAN, S. **Inteligências múltiplas: ao redor do mundo.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

GENOLINI, A. C. M. **Pensar a fé e sua transmissão em um mundo que nunca mais será cristão: uma leitura da teologia de Christoph Theobald.** 2018. 99 f. Dissertação. Faculdade de Teologia. Unicap, Recife.

GEORGE, F. L'application d'Ex Corde Ecclesiae dans les universités catholiques américaines. **La Documentation Catholique**, Paris, v.2203, p.432-46, 1999.

GESCHÉ, A. **O ser humano.** São Paulo: Paulinas, 2004.

GODOY, M. **Eclesiologia em propulsão: papa Francisco semeador da esperança.** **Revista de Liturgia**, São Paulo, v.44, n.260, p.21-7, 2017.

GOERGEN, P. **Pós-modernidade, ética e educação.** Campinas: Autores Associados, 2005.

GOIS, E. (Org.) **Pastoral Universitária propõe jovens evangelizadores e leigos dedicados.** 2015. *Jornal Santuário*. Disponível em: <https://www.a12.com/jovensdemaria/noticias/pastoral-universitaria-propoe-jovens-evangelizadores-e-leigos-dedicados> . Acesso em: 20 abr 2016.

GONZAGA, W. O amor de Deus e do próximo na Gaudium et Spes 16 e 24. In: FERNANDES, L. A. (Org.) **Gaudium et Spes em questão.** Reflexões bíblicas, teológicas e pastorais. São Paulo: Paulinas, 2016. p.15-39.

GONZÁLEZ-DORADO, A. **Mariologia popular latino-americana.** São Paulo: Loyola, 1992.

GONZÁLEZ, M.; GONZÁLEZ, L. J. R. La Teología como ciencia en el ámbito universitario. **Alberto Magnus**, Bogotá, v.7, p.195-212, 2016.

GREINER, K. A. Do Coração da Igreja: uma aproximação da Ex Corde Ecclesiae. In: ZACHARIAS, R. **Instituições católicas de educação superior, natureza, inspiração e ética.** São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

GREISCH, J.; HÉBERT, G. **Philosophie et théologie à l'époque contemporaine IV.** Paris: Cerf, 2011.

GRENZER, M.; IWASHITA, P. K. (Orgs.) **Teologia e Cultura: a fé cristã no mundo atual.** São Paulo: Paulinas, 2018.

GROCHOLEWSKI, C. Z. A Ex Corde Ecclesiae hoje. **Reflexão**, Campinas, v.40, n.2, p.145-54, 2015.

\_\_\_\_\_. A filosofia e a teologia na Universidade Católica. **Reflexão**, Campinas, v.40, n.2, p.211-21, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.24220/2447-6803v40n2a3298>. Acesso em: 3 mar 2018.

GROSS, B. **Um papa do fim do mundo, uma teologia do terceiro mundo e uma Igreja para todo o mundo**. Rio de Janeiro, 2018. 111 f. Dissertação. Faculdade de Teologia, PUC-Rio.

GULIKERS, P. S. A. Un Cristianismo postreligional? **Horizonte**, Belo Horizonte, v.13, n.37, p.78-111, 2015.

GUSSO, E. C. **Pastoral universitária**. São Paulo: Loyola, 1977.

GUTIERREZ, G. **Teología de la Liberación: perspectivas**. Lima: Cep, 1971.

GUTIÉRREZ, A. Identidad de la Universidad Católica de cara a la evangelización de la cultura. **Theologica Xaveriana**, Bogotá, v.40, n.94, p.29-44, 1990.

HALÍK, T. **A noite do confessor**. Petrópolis: Vozes, 2016.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9.ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2004.

HAMMES, E. J. Educação e ciência na universidade católica: a perspectiva do diálogo entre teologia e ciências naturais. **Reflexão**, Campinas, v.40, n.2, p.155-66, 2015.

HERKENHOFF, J. B. **Direitos humanos: a construção universal de uma utopia**. 3.ed. Aparecida: Santuário, 2002.

HINKELAMMERT, F. J. **Mercado versus direitos humanos**. São Paulo: Paulus, 2014.

HORTAL, J. **A universidade: realidade e esperança**. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Igreja vive no mundo**. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1985.

HUMMES, C. Los centros culturales católicos: una propuesta de comunión frente al individualismo y anonimato urbano. **Medellín**, Bogotá, v.31, n.121, p.81-92, 2005.

HUNT, L. **A invenção dos direitos humanos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HUNTER, J. C. **Como se tornar um líder servidor: os princípios de liderança de O Monge e o Executivo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

INCERTI, F. **À escuta do infinito**: Estamos mais perto de Deus? Curitiba: Pucpress, 2018.

IVEREIGH, A. A opção de Francisco: evangelizar um mundo revoltado. **Itaici**, São Paulo, v.114, p.47-63, 2018.

IVERN, F. **A inspiração cristã e católica das universidades**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2007.

JAEGER, W. **Cristianismo Primitivo y Paideia Griega**. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

JAMES, W. **Vale a pena viver**. São Paulo: Editora Nós, 2018.

\_\_\_\_\_. **A vontade de crer**. São Paulo: Loyola, 2001.

JOÃO PAULO II. **Constituição apostólica Sapientia Christiana**. São Paulo: Paulinas, 1979.

\_\_\_\_\_. **Fides et Ratio**. São Paulo: Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. **Evangelium Vitae**. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=Evangelium+Vitae&oq=Evangelium+Vitae&aqs=chrome..69i57j0l5.1411j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 21 jan 2018

\_\_\_\_\_. **Redemptor Hominis**. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_04031979\\_redemptor-hominis.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html). Acesso em: 21 abr 2018.

\_\_\_\_\_. **Redemptoris Missio**. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html). Acesso em: 29 nov 2017.

\_\_\_\_\_. **Veritatis Splendor**. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_06081993\\_veritatis-splendor.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor.html). Acesso em: 21 mar 2018.

\_\_\_\_\_. **Constituição Apostólica sobre as Universidades Católicas (Ex Corde ecclesiae)**. São Paulo: Paulinas, 1990.

\_\_\_\_\_. **Pontificium Consilium pro Laicis Los Jóvenes y la Universidad**: Testimoniar a Cristo en el ambiente universitario. Cidade do Vaticano: Lib. Ed. Vaticana, 2005.

\_\_\_\_\_. **Sollicitudo rei socialis**: Carta encíclica. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1987. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_30121987\\_sollicitudo-rei-socialis.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html). Acesso em: 5 mar 2019.

\_\_\_\_\_. Discours à des universitaires. **La Documentation Catholique**, Paris, v.1808, p.468-79, 1981.

\_\_\_\_\_. Discurso a los participantes en el III Congreso Internacional de las Universidades Católicas e Inst. **L'osservatore Romano**. Cidade do Vaticano, p.3-14. 21 maio 1989.

\_\_\_\_\_. **Exortação apostólica pós-sinodal Christifideles laici**: sobre a vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo. 1988. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_30121988\\_chri](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_chri)>. Acesso em: 02 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. **Discurso do papa João Paulo II aos participantes numa conferência promovida pela congregação para**. 2002. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2002/december/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20021205\\_](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2002/december/documents/hf_jp-ii_spe_20021205_)>. Acesso em: 1 abr 2019.

JOÃO XXIII. **Encíclica Princeps Pastorum**. Petrópolis: Vozes, 1960.

\_\_\_\_\_. **Mater et Magistra**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. **Pacem in terris**. São Paulo: Paulinas, 1963.

JULIATTO, C. I. **A universidade em busca da excelência**: um estudo sobre a qualidade da educação. Curitiba: Champagnat, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ciência e transcendência**: duas lições a aprender. Curitiba: Champagnat, 1999.

\_\_\_\_\_. **O horizonte da educação**: sabedoria, espiritualidade e sentido da vida. Curitiba: Champagnat, 2012.

\_\_\_\_\_. A universidade católica a serviço da evangelização. **Revista de Pastoral da Anec**, Brasília, v.1, n.1, p.31-47, 2009.

\_\_\_\_\_. Educação católica: desafios e perspectivas. In: ZACHARIAS, R. **Instituições católicas de educação superior, natureza, inspiração e ética**. São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

JUNGES, J. R. **Evento Cristo e ação humana**: temas fundamentais da ética teológica. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

\_\_\_\_\_. O respeito à dignidade humana como fundamento de todo humanismo. In: OSOWSKI, C. I. (Org.) **Teologia e Humanismo Social Cristão**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000.

JUNQUEIRA, S. R. A. (Org.) **A identidade pedagógica da pastoral na universidade católica**. Curitiba: Champagnat, 2003.

KAUFMANN, F. X. **A crise na Igreja: como o cristianismo sobrevive?** São Paulo: Loyola, 2013.

KASPER, W. **A misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã.** São Paulo: Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. **Jesus, el Cristo.** 2.ed. Salamanca: Sígueme, 1978.

KEER, I. **The achievement of John Henry Newman.** Notre Dame: Notre Dame University Press, 1990.

KONINGS, J. **Espiritualidade no compromisso.** São Paulo: Paulinas, 1988.

\_\_\_\_\_. **Pastoral universitária: opção libertadora.** São Paulo: Paulinas, 1995.

\_\_\_\_\_. **Ser cristão: fé e prática.** 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. A teologia como ciência e a universidade brasileira. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.39, n.108, p.239-45, 2007.

\_\_\_\_\_. Humanismo e contemporaneidade. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, Belo Horizonte, v.9, n.11, p.122-32, 2014.

\_\_\_\_\_. Pastoral universitária e vida de fé. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.26, n.68, p.77-85, 1994.

\_\_\_\_\_. Teologia da libertação e universidade. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.20, n.51, p.233-42, 1988.

\_\_\_\_\_. Deus que passa. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.40, p.243-50, 2008.

\_\_\_\_\_. A Palavra de Deus humano-divina e a Evangelização. Aos cinquenta anos da Dei Verbum. **Horizonte**, Belo Horizonte, v.13, n.40, p.2096-114, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5752/p.2175-5841>. Acesso em: 4 nov 2018.

KROHLING, A. **Direitos humanos fundamentais: diálogo intercultural e democracia.** 2.ed. São Paulo: Paulus, 2010.

KUNG, H. **L'Église I.** Paris: Desclée de Brouwer, 1968.

\_\_\_\_\_. **O princípio de todas as coisas: ciências naturais e religião.** Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Religiões do mundo.** Campinas: Versus, 2004.

KUZMA, C. **O futuro de Deus na missão da Esperança.** Uma aproximação escatológica. São Paulo: Paulinas, 2014.

LADARIA, L. F. **Introdução à antropologia teológica**. 9.ed. São Paulo: Loyola, 2016.

LADRIÈRE, J. Pour une conception organique de l'Université Catholique. **Nouvelle Revue Théologique**, Bruxelas, v.2, n.90, p.155-72, 1968.

LAFER, C. **A reconstrução dos direitos humanos**: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

LAMPERT, E. O Ensino com pesquisa: realidades, desafios e perspectivas na universidade brasileira. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v.18, n.5/6, p.353-74, 2008.

LANCASTER, L. C.; STILLMAN, D. **O Y da questão**: como a Geração Y está transformando o mercado de trabalho. São Paulo: Saraiva, 2011.

LANGAN, J. **Catholic Universities in Church and Society**: a Dialogue on Ex Corde Ecclesiae. Washington: Georgetown University, 1993.

LEÃO XIII. **Aeterni Patris**. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Rerum Novarum**. Carta encíclica de sua santidade Leão XIII sobre a condição dos operários. São Paulo: Paulinas, 2010.

LEFF, E. Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v.2, n.14, p.309-335, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>. Acesso em: 10 jan 2018.

LEVA, J. U. A teologia na universidade: saber e presença em diálogo. **Reveleto**, São Paulo, v.9, n.15, p.92-106, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/issue/view/1412>. Acesso em: 10 jan 2018.

\_\_\_\_\_. A universidade e o mundo contemporâneo.: o Magistério e o mundo contemporâneo. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v.83, p.215-26, 2014.

LÉVINAS, E. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Totalidade e infinito**: ensaio sobre a exterioridade. Lisboa: Edições 70, 1980.

LEWIS, H. R. **Excellence Without a Soul**: How a Great University Forgot Education. New York: Public Affairs Books, 2006.

LIBANIO, J. B. **Igreja contemporânea**. Encontro com a modernidade. São Paulo: Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. **Evangelização e libertação**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

\_\_\_\_\_. **O que é Pastoral**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. Para onde vai a juventude? Reflexões pastorais. São Paulo: Paulus, 2011.

\_\_\_\_\_. Juventude e a fé cristã. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.126, n.45, p.235-66, 2013.

\_\_\_\_\_. Plausibilidade do cristianismo histórico nos dias atuais. **Horizonte**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.9-25, 1997.

\_\_\_\_\_. et al. **O sínodo de 1974: A evangelização no mundo de hoje**. São Paulo: Loyola, 1974.

LIGÓRIO SOARES, A. M. Teologia na Universidade, como convém. In: \_\_\_\_\_.; PASSOS, J. D. (Orgs.) **Teologia pública**. Reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2011. p.277-89.

LIMA, A. A. **O espírito universitário**. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

\_\_\_\_\_. **Os direitos do homem e o homem sem direitos**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pelo humanismo ameaçado**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

LIMA, D. N. **(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual**. São Leopoldo: IHU, 2012.

LIMA, C. B.; GUEBERT, M. C. C. **Teorias dos Direitos Humanos em perspectiva interdisciplinar**. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2016.

LIMA, E. A aventura da construção de uma identidade pessoal: Igreja e juventudes. **Itaici: Revista de espiritualidade inaciana**, São Paulo, n.116, p.49-60, 2019.

LIRA, J. L. C. **Pastoral Universitaria: Identidad y mística de sus agentes pastorales**. Santiago: Nueva Patris, 2010.

LOHFINK, G. **Deus precisa da Igreja?** Teologia do Povo de Deus. São Paulo: Loyola, 2008.

LUBAC, H. **La foi chrétienne**. Paris: Aubier, 1970.

\_\_\_\_\_. **O Drama do Humanismo Ateu**. Itapevi: Nebli, 2016.

LUCIANI, R. **Retornar a Jesus de Nazaré**. Petrópolis: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. La opción teológico-pastoral del papa Francisco. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.48, n.1, p.81-115, 5 ago 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20911/21768757v48n1p81/2016>. Acesso em: 3 mar 2018.

LUGO, H. E. La cultura, la universidad y la educación cristiana. **Theologica Xaveriana**: PUJ, Bogotá, n. 148, p.499-512, 2003.

MAC DOWELL, J. A. É atual crer em Deus? **Creatividade**, Rio de Janeiro, v.2016, n.1, p.5-14, 16 jun 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17771/pucRio.cre.26599>. Acesso em: 4 fev 2019.

MAGGIONI, B. **Era verdadeiramente homem**: revisitar a figura de Jesus nos evangelhos. São Paulo: Loyola, 2003.

MANZATTO, A. **A Teologia na universidade**. 2007. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/view/6749/4880>>. Acesso em: 20 jun 2018.

MARCOVITCH, J. **A universidade impossível**. São Paulo: Futura, 1998.

MARDONES, J. M. **A vida do símbolo**: a dimensão simbólica da religião. São Paulo: Paulinas, 2003.

MARIA, E. A. **Trajatórias de estudantes bolsistas na PUC-Rio**: permanência e mecanismos de superação. 2019. 102 f. Dissertação. Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MARITAIN, J. **Os direitos do homem**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

\_\_\_\_\_. **Humanismo integral**. 5.ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1965.

\_\_\_\_\_. **Por um humanismo cristão**. São Paulo: Paulus, 1999.

\_\_\_\_\_. **Princípios de uma política humanista**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

MARTÍNEZ, C. M. Teología Pastoral Inter Loci Una disciplina teológica ante el aporte de las experiencias creyentes en escenarios sociales contemporáneos **Revista Teología**, XLVII, n.106, p.385-411, 2011.

MARTINI, C. M.; SPORSCHILL, G. **Diálogos noturnos em Jerusalém**: sobre o risco da fé. São Paulo: Paulus, 2008.

MCCARTHY, M. C. Liberté académique et identité religibertéieuse aux États-Unis. **Études: Revue de culture contemporaine**, Paris, v.4245, p.7-18, jan 2018.

MCCARTHY, M. C. Liberté académique et identité religibertéieuse aux États-Unis. **Études: Revue de culture contemporaine**, Paris, v.4245, p.7-18, jan 2018.

MELLER, P. Universitários: El problema no es el lucro sino el mercado. **Enfoques**, Santiago, v.10, n.16, p.177-180, 2012.

- MELO, A. A. **A evangelização no Brasil: dimensões teológicas e desafios pastorais, o debate teológico e eclesial (1952-1995)**. Roma: Gregorian Biblical Bookshop, 1996.
- MELO, F.; KARNAL, L. **Crer ou não crer**. São Paulo: Planeta, 2017.
- MENDONÇA, S. Educação católica, ciências e educação: a urgência do “Instrumentum Laboris”. **Reflexão**, v.43, n.1, p.63-74, 2018.
- MERTON, T. **A Igreja e o mundo sem Deus**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- MESTERS, C. **Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho**. São Paulo: Paulus, 1991.
- MESTERS, C.; MIRANDA, M. L. **Jesus da escuta amorosa: as bem-aventuranças ontem e hoje**. São Paulo / Belo Horizonte / São Leopoldo: Paulus, O Lutador, Cebi, Ceap, 2010.
- MIDALI, M. **Teologia pratica 1: cammino storico di una riflessione fondante e scientifica**. Roma: Las, 2003.
- MIRANDA, M. de F. **A Igreja numa sociedade fragmentada**. São Paulo: Loyola, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A Igreja que somos nós**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Igreja e sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A reforma de Francisco: fundamentos teológicos**. São Paulo: Paulinas, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Inculturação da fé: Uma abordagem teológica**. São Paulo: Loyola, 2001.
- \_\_\_\_\_. **O cristianismo em face de outras religiões**. São Paulo: Loyola, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Um cristianismo desafiado: Igreja e pluralismo religioso no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Um homem perplexo: o cristão na sociedade**. São Paulo: Loyola, 1989.
- \_\_\_\_\_. (Org.) **A pessoa e a mensagem de Jesus**. São Paulo: Loyola, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A Igreja em transformação: razões atuais e perspectivas futuras**. São Paulo: Paulinas, 2019.
- \_\_\_\_\_. **Igreja sinodal: Teologia do papa Francisco**. São Paulo: Paulinas, 2018.
- \_\_\_\_\_. **Vislumbres de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2019.

\_\_\_\_\_. A configuração do cristianismo num contexto plurirreligioso. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.70, n.26, p.373-87, 1994.

\_\_\_\_\_. A volta do sagrado: uma avaliação teológica. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.21, n.53, p.71-83, 1989.

\_\_\_\_\_. A situação da teologia no Brasil hoje. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.19, n.49, p.367-76, 1987.

\_\_\_\_\_. Cultura e evangelização no Documento de Aparecida. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.40, n.110, p.77-85, 2008.

\_\_\_\_\_. Diálogo inter-religioso e fé cristã. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.29, p.33-54, 1997.

\_\_\_\_\_. A Alegria do Evangelho e sua incidência em nossa Igreja. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v.2014, n.2, p.401-16, 1 dez 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17771/pucrio.ateo.23708>. Acesso em: 15 mar 2018.

\_\_\_\_\_. A fundamentação teológica da inculturação da fé. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.32, n.86, p.25-39, 9 ago 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20911/21768757v32n86p25/2000>. Acesso em: 16 mar 2018.

\_\_\_\_\_. As religiões na única economia salvífica. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v.10, p.9-26, 2002.

\_\_\_\_\_. É possível um sujeito eclesial? **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.43, p.55-82, 2011.

\_\_\_\_\_. Em vista da Nova Evangelização. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.125, n.45, p.13-34, 2013.

\_\_\_\_\_. Evangelizar ou humanizar? **REB**, Petrópolis, v.295, p.519-48, 2014.

\_\_\_\_\_. Laudato Si': uma abordagem teológica. **Revista Teología**, Buenos Aires, v.119, p.9-21, 2016. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/revistas/laudato-uma-abordagem-teologica.pdf>>. Acesso em: 4 fev 2018.

\_\_\_\_\_. O Concílio Vaticano II ou a Igreja em contínuo aggiornamento. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.38, p.231-50, 2006.

\_\_\_\_\_. O desafio do agnosticismo. **Didaskalia**, Lisboa, v.2, p.415-37, 2008.

\_\_\_\_\_. Reforma eclesial e mística da fé. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v.55, p.154-70, 2017.

\_\_\_\_\_. Universidade católica hoje. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v.49, p.13-29, 2015.

MOINGT, J. **L'homme qui venait de Dieu**. Paris: Edition Du Cerf, 1999.

MONTES, F. **Pensando la universidad: Experiencias, lecturas y reflexiones**. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2018.

MOLTMANN, J. **Ciência e sabedoria: um diálogo entre ciência natural e teologia**. São Paulo: Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. **O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas**. São Paulo: Academia Cristã, 2014.

MORAES, A. Entre mistério divino e humano: cinquenta anos de pesquisa teológica na PUC-Rio. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v.23, n.61, p.149-79, jan / abr 2019.

\_\_\_\_\_. Cultura midiática e religião. Contribuições para uma hermenêutica prospectiva. **Atualidade Teológica**, v.14, n.34, p. 103-12, jan / abr 2010.

\_\_\_\_\_. O anúncio do Evangelho na atualidade: Uma introdução à *Evangelii Gaudium*. In: PORTELLA AMADO, J.; FERNANDES, L. A. (Orgs.) **Evangelii Gaudium em questão**. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio / São Paulo: Paulinas, 2014. p.33-48.

\_\_\_\_\_. A catequese hoje: reflexões teológico-pastorais a partir da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.) **Evangelii Gaudium em questão**. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Paulinas, 2014. p.263-276.

MORAIS, J. F. R. Universidade: seus desafios neste final de século. **Proposições**, Campinas, v.3, n.2, p.51-65, 1992.

MORI, G. L. A trajetória histórica da Igreja na evangelização dos jovens: avanços e desafios. **Itaici: Revista de espiritualidade inaciana**, São Paulo, n.116, p.7-18, 2019.

\_\_\_\_\_. A teologia e suas interfaces com as ciências sociais no estudo da religião. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.39, p.397-409, 2007.

\_\_\_\_\_. Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes*. **Cadernos Teologia Pública**, São Leopoldo, v.12, n.99, p.3-23, 2015.

MORIN, E. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MORANO, C. D. **Crer depois de Freud**. São Paulo: Loyola, 2003.

MOURA, L. D. de. **A dignidade da pessoa e os direitos humanos: o ser humano num mundo em transformação**. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. **A educação católica no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2000.

MULLER, G. L.; GUTIÉRREZ, G. **Ao lado dos pobres**: Teologia da libertação. São Paulo: Paulinas, 2014.

MÜLLER, U. B. **A encarnação do Filho de Deus**: concepções da encarnação no cristianismo incipiente e os primórdios do docetismo. São Paulo: Loyola, 2004.

MURAD, A. A “teologia inquieta” de Juan Luis Segundo. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.6, n.69, p.155-86, 1994.

\_\_\_\_\_; GASDA, E.; MORI, G. L. de. Ecos do Congresso Continental de Teologia. **REB**, Petrópolis, v.73, n.289, p.69-101, 2013.

MURPHY, T. J. **A Catholic University**: vision and opportunities. Minnesota: The Liturgical Press, 2001.

MURPHY-O'CONNOR, J. **Jesus e Paulo**: vidas paralelas. São Paulo: Paulinas, 2008.

NASCIMENTO, G. F. C. O papa Francisco e uma percepção sobre a educação. **Creatividade**, Rio de Janeiro, v.2018, n.1, p.15-8, 4 maio 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17771/pucRio.cre.33632>. Acesso em: 1 set 2019.

NASCIMENTO, V. **O cristão e a universidade**. Rio de Janeiro: Cpad, 2016.

NAVARRO, N. La evangelización en el mundo universitario. **Medellín**, Bogotá, v.27, n.105, p.108-23, 2001.

NEWMAN, J. H. **Origem e progresso das universidades**. São Paulo: Cultor de Livros, 2011.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

NODARI, P. C.; SÍVERES, L. Dos direitos naturais aos direitos humanos e a dignidade humana. **Conjectura**: Filos. Educ., Caxias do Sul, v.20, p.263-80, 2015.

NOGARE, P. D. **Humanismos e anti-humanismos**. Petrópolis: Vozes, 1983

NOLAN, A. **Jesus antes do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1988.

\_\_\_\_\_. **Jesus hoje**: uma espiritualidade de liberdade radical. 4.ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

OLIVEIRA, J. A. N. **Perfeição ou Santidade e outros textos espirituais**. São Paulo: Loyola, 2002.

OLIVEIRA, J. L. M. **Universidade em pastoralidade**. São Paulo: Loyola, 2011.

OLIVEIRA, M. A. Mística e direitos humanos. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.41, n.115, p.375-94, 2009.

OLIVEIRA, P. R. Tudo que é humano ressoa no coração da fé: discernir a missão universitária à luz dos sinais dos tempos. **Horizonte**, Belo Horizonte, v.13, n.40, p.2115-36, 25 dez 2015.

\_\_\_\_\_. **O rosto plural da fé: da ambiguidade religiosa ao discernimento do crer**. São Paulo: Loyola, 2008.

OLIVEIRA, R. A. A dimensão teológico-cristã da pessoa humana. **Horizonte**, [s.l.], v. 14, n. 42, p.557-605, 30 jun. 2016.

OLIVEIRA, S. **Geração Y: o nascimento de uma nova versão de líderes**. São Paulo: Integrare Editora, 2010.

OLIVEIRA, T. Origem e memória das universidades medievais: a preservação de uma instituição educacional. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v.23, n.37, p.113-29, 2007.

OSOWSKI, C. I. **Teologia e Humanismo Social Cristão**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000.

OTEO, F. V. **La idea de universidad en el magisterio pontificio de Benedicto XVI**. 2017. 521f. Tese. Faculdade de Educação. Departamento de Teoria e História da Educação, Universidad Complutense de Madrid, Madrid.

PAGOLA, J. A. **Jesus: uma aproximação histórica**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **É bom crer em Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2016.

\_\_\_\_\_. **Grupos de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. **Recuperar o projeto de Jesus**. Lisboa: Paulus, 2016.

\_\_\_\_\_. **Voltar a Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2016.

PALÁCIO, C. A originalidade singular do cristianismo. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v70, n. 26, p.311-39, 1994.

\_\_\_\_\_. Que lugar e que função para a teologia hoje? **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.27, n.72, p.155-67, 1995.

PARRA, A. Hacia la legitimación del creer. **Theologica Xaveriana**, Bogotá, v.50, p.292-302, 2004.

PASCAL, B. **Pensamentos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PASSOS, J. D. **Método Teológico**. São Paulo: Paulinas, 2018.

\_\_\_\_\_. **Teologia e outros saberes: uma introdução ao pensamento teológico.** São Paulo: Paulinas, 2010.

\_\_\_\_\_. **Para o diálogo com a universidade.** São Paulo: Paulus, 2016.

\_\_\_\_\_. Ensino superior e Magistério: a meta da verdade e o método do diálogo. In: ZACHARIAS, R. (Org.) **Instituições católicas de ensino superior: natureza, inspiração e ética.** São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

\_\_\_\_\_.; SOARES, A. M. L. (Orgs.) **Doutrina social da Igreja e universidade: o cristianismo desafiado a construir cidadania.** São Paulo: Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_. As reformas do papa Francisco: conjuntura, significados e perspectivas. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.2, n.49, p.353-74, 2017.

PASTOR, F. A. **O Reino e a história.** São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 1982.

PAULO VI. **Evangelii Nuntiandi.** 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. **Populorum progressio.** São Paulo: Paulinas, 1967.

PEDROSA-PÁDUA, L. **O humano e o fenômeno religioso.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2010.

\_\_\_\_\_. Espiritualidade e Bíblia. Integração e humanização geradas por um Livro vivo. **Atualidade Teológica**, v.18, n.46, p. 58-80, jan / abr 2014.

\_\_\_\_\_.; MELLO, Zeca. **Juventude, religião e ética: reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa “Perfil da juventude na PUC-Rio”.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2010.

PEIXOTO, L. F. Tensão entre fé e razão. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v.17, n.5/6, p.491-510, 2007.

PELIKAAN, J. **The idea of the University: a reexamination.** New Haven: Yale University Press, 1992.

PERESSON, M. **Evangelizar educando desde las áreas del currículo.** Bogotá: Salesiana-kimpres, 2004.

\_\_\_\_\_. **Misión profética de la educación católica en los umbrales del tercer Milenio.** Bogotá: Indo-american Press, 2000.

PHILIPPI, A. Jr. et al. **Interdisciplinaridade em ciências ambientais.** São Paulo: Signus Editora, 2000.

PIO XII. **Carta Encíclica Evangelii Praecones.** Madrid: Paulinas, 1983.

PISO, A. **Ver, julgar, agir**. São Paulo: Ave Maria, 1990.

POLICARPO, J. **Obras escolhidas**: v.3. Lisboa: Uc Editora, 2003.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. **Diretrizes**. Disponível em: <<http://www.pucminas.br/institucional/Paginas/missao-e-valores.aspx>>. Acesso em: 6 nov 2019.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Marco Referencial**. Disponível em: <https://www.puc-rio.br/sobrepuc/marcoreferencial/principal.html> Acesso em: 4 nov 2019.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. **Diretrizes**. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/drh/quem-somos-missao>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

PONTIFICIUM CONSILIUM PRO LAICIS, **Los jóvenes y la universidad**: testimoniar a Cristo en el ambiente universitario. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005.

POUPARD, P. **Buscar la verdad en la cultura contemporánea**. Madrid: Ciudad Nueva, 1995.

\_\_\_\_\_. **Dios y la libertad**: Una propuesta para la cultura moderna. Valencia: Edicep, 1997.

\_\_\_\_\_. **Hacia una cultura de la verdad**. Arequipa: Universidad San Pablo, 1999.

\_\_\_\_\_. **Iglesia y culturas**: orientación para una pastoral de la inteligencia. México: Clavería, 1988.

\_\_\_\_\_. **Hacia una nueva cultura cristiana**: Congreso sobre Evangelización y Cultura. In: Universidad Católica de Murcia. 2001. Disponível em: <[www.vatican.va/.../rc\\_pc\\_cultr\\_doc...](http://www.vatican.va/.../rc_pc_cultr_doc...)>. Acesso em: 29 mar 2019.

PUC-SP (Org.) **Sobre a Pastoral Universitária**. 2015. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pastoral>>. Acesso em: 20 abr 2016.

PUCRS, Centro de Pastoral. **Comprender para crer**: universitários caminham na fé. São Paulo: Paulinas, 2005.

PULCINELLI, G. **ABC per conoscere l'Apostolo Paolo**. Cinisello Balsamo: Edizioni San Paolo, 2004.

QUEIROZ RONSI, F. O Concílio Vaticano II e o diálogo inter-religioso: os avanços na busca por um novo paradigma teológico. **Atualidade Teológica**, v.20, n.52, p.153-67.

QUEIRUGA, A. T. **O diálogo das religiões**. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. **A revelação de Deus na realização humana**. São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2012.

\_\_\_\_\_. **Fim do cristianismo pré-moderno**. São Paulo: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Diccionario de Teología Pastoral**. Madrid: Trota, 1983.

RAHNER, K. **Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. **Teologia e Antropologia**. São Paulo: Paulinas, 1969.

\_\_\_\_\_. **O desafio de ser cristão**. Petrópolis: Vozes, 1978.

\_\_\_\_\_. **Teologia e ciência**. São Paulo: Paulinas, 1971.

RAMIREZ, A. **La inculturación de la fe, único medio para llevar el evangelio al corazón de la cultura y de las culturas**. Simposio permanente sobre evangelización de las culturas. Faculdade de la UPB. Programa de Estudios Bíblicos de la Universidad de A. Medellín. Mayo de 2015. Disponível em: [www.utp.edu.co/capellania](http://www.utp.edu.co/capellania). Acesso em: 14 mar 2019.

RAMOS, V. M. **Principios y pasos metodológicos de una evangelización inculturada**: Conferencia UP México. Disponível em: [www.gratisweb.com/kyrios\\_cmf](http://www.gratisweb.com/kyrios_cmf)>. Acesso em: 29 mar 2019.

RAMPAZZO, L. **Antropologia: religiões e valores cristãos**. São Paulo: Paulus, 2014.

\_\_\_\_\_. A identidade da universidade, da universidade católica e das IUS (Instituições Salesianas de Educação Superior). **Revista de Ciências da Educação**, Americana, v.29, n.2, p.104-18, 2013.

RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2008.

READINGS, B. **Universidade sem cultura?** Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la Real Academia Española de la lengua**. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 2000.

REMOLINA, G. El docente universitario profesor y maestro. **Revista Académica e Institucional Páginas de La UCP**, Risaralda, v.97, p.5-18, 2015.

RIBEIRO, J. C. **Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários**. São Paulo: Loyola, 2009.

RIBEIRO, E. V. Antropologia teológica e hermenêutica. **Horizonte Teológico**, Belo Horizonte, v.11, n.21, p.31-42, 2012.

RIBEIRO, C. L. **A contribuição da ética teológica no exercício da missão da universidade católica à luz do pensamento de J. H. Newman**. 2018. 202f. Tese. Faculdade de Teologia, Educação e Humanidades, PUC PR, Curitiba.

ROMERA, L. Fé cristã e cultura contemporânea. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v.2011, n.2, p.243-72, 20 set 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17771/pucRio.ateo.20330>. Acesso em: 9 ago 2019.

SANTANA, L. F. R. **Liturgia no Espírito**. O culto cristão como experiência do Espírito Santo na fé e na vida. Rio de Janeiro / São Paulo: PUC-Rio / Reflexão, 2015.

\_\_\_\_\_. O Espírito Santo na vida de Jesus: por uma Cristologia Pneumática. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v.36, p.265-92, 2010.

RICOEUR, P. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

RIO, J. del. **Educación para la ciudadanía**: la cuestión de fondo. 2007. Disponível em: <[www.zenit.org](http://www.zenit.org)>. Acesso em: 29 mar 2019.

RODRIGUES, M. P. (Org.) **Palavra de Deus palavra da gente**: as formas literárias na Bíblia. São Paulo: Paulus, 2004.

ROUTHIER, G. Les accents ecclésiologiques du pontificat du pape François: une mise en oeuvre originale de Lumen Gentium. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v.2016, n.3, p.549-63, 21 nov 2016. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27895/27895.PDFXXvmi>>. Acesso em: 22 abr 2019.

RUIZ, L. **El sacerdote y las nuevas tecnologías de la comunicación**. Conferencia del Jefe del Departamento de Internet del Vaticano a asamblea de responsables de medios de comunicación reunida en Madrid del 15 al 17 de feb. de 2010. Ciudad del Vaticano: Zenit, 2010. Disponível em: <[www.zenit.org/article-34531](http://www.zenit.org/article-34531)>. Acesso em: 26 mar 2019.

SACHOT, M. **A invenção do Cristo**: gênese de uma religião. São Paulo: Loyola, 2004.

SALES, L. M. P.; MAIA, C. P. Pastoral da juventude do Brasil: uma proposta de formação de indivíduos não individualistas. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v.15, n.1, p.96-109, 2017.

SANCHEZ, Y. **Edith Stein: un camino hacia la verdad**. 2004. Disponível em: <[www.monografias.com/trabajos16/edith-stein](http://www.monografias.com/trabajos16/edith-stein)>. Acesso em: 2 maio 2019.

SANTOS, B. S. Por uma concepção multicultural dos direitos humanos. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v.23, n.1, p.7-34, 2001.

\_\_\_\_\_. **Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2004.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SCHAULL, R. **Reforma Protestante e a Teologia da Libertação**: perspectivas para os desafios da atualidade. São Paulo: Pendão Real, 1993.

SCHILLEBEECKX, E. **Deus e o homem**. São Paulo: Edições Paulinas, 1969.

\_\_\_\_\_. **O mundo e a Igreja**. São Paulo: Edições Paulinas, 1971.

SCHNACKENBURG, R. **Jesus Cristo nos quatro evangelhos**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

SCHUTTLOFFEL, M. J. Catholic identity: the heart of catholic education. **Catholic Education**: a Journal of Inquiry and Practice, Los Angeles, v.16, n.1, p.148-54, set 2012.

SCHWARTZMAN, S. (Org.) **Universidades e Instituições Científicas no Rio de Janeiro**. Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 1982.

SECRETARIADO para os não crentes. **Diálogo com os não crentes**. Petrópolis: Vozes, 1969.

SEGUNDO, J. L. **Libertação da teologia**. São Paulo: Loyola, 1978.

SENA, L. G. de. A juventude universitária católica. **REB**, Petrópolis, n.240, p.804-29, 2000.

SHORTER, A. **Toward a Theology of Inculturation**. New York: Orbis Books, 1988.

SIBILIA, P. **La intimidad como espectáculo**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

SILVA, A. W. C.; BARBOSA, L. F. S.; ZACHARIAS, R. **Antropologia Teológica**: pensar o ser humano na universidade. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.

SILVA, E.; COSTADOAT, J. Centro Teológico Manuel Larraín: Una interpretación teológica del presente. **Teología y Vida**, Santiago, v.46, n.4, p.503-9, 2005.

SILVA, E. W. **As funções Sociais da Universidade**: o papel da Extensão e a questão das Comunitárias. Ijuí: Unijuí, 2002.

SILVA, M. R.; BRIGHENTI, A. Uma Igreja em alegre saída missionária. **Caderno Teológico da PUC PR**, Curitiba, v.3, n.3, p.5-22, 2015.

SILVA, J. S. **Por que uns e não outros?** Caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2003.

SÍNODO dos Bispos. **Evangelização no mundo de hoje** - Declaração final. 4.ed. São Paulo: Paulinas, 1974/75.

SÍNODO, Assembleia Geral Ordinária dos Bispos. **A nova evangelização para a transmissão da fé cristã**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SIQUEIRA, J. Valores dos jovens universitários da PUC-Rio **Testemunho de Fé**, v.27, n.1135, p.12. Jornal, edição de 10 a 16 de novembro de 2019.

\_\_\_\_\_. **Laudato Sí**: um presente para o planeta. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

\_\_\_\_\_. **Reflexões do mundo universitário**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2018.

SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. (Orgs.) **Teologia e ciência**: diálogos acadêmicos em busca do saber. São Paulo: Paulinas, 2008.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (Orgs.) **Teologia pública**: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOCIEDADE CARDEAL NEWMAN. 1993. Disponível em: <<http://www.cardinalnewmansociety.org/AboutUs/tabid/53/Default.aspx>>. Acesso em: 4 nov 2019.

SOMMERMAN, A. **Inter ou transdisciplinaridade?** 2.ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SOSA, A. L'Università come fonte di vita riconciliata. **La Gregoriana**, Roma, v.54, p.18-21, 2019.

SOUZA, J. N. de. **Imagem humana à semelhança de Deus**: proposta de Antropologia Teológica. São Paulo: Paulinas, 2010.

SOUZA, J. A. Juventude, caminho aberto? **Creatividade**, Rio de Janeiro, v.2019, n.1, p.6-17, 14 jun 2019. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/38295/38295.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 22 jun 2019.

\_\_\_\_\_. São Paulo era antifeminista? **Itaici**, São Paulo, v. 76, n. 18, p.81-88, 2009.

- SOUZA, J. N. A Laudato Si' na perspectiva do método: "ver, julgar e agir". **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.48, n.1, p.145-61, 2016.
- SOUZA, L. A. G. de. **A JUC: os estudantes católicos e a política**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- SOUZA, N. **Piedade Popular**. São Paulo: Paulinas, 2019.
- SOUZA, R. S. R. **Universidade e direitos humanos: práticas desenvolvidas na PUC Minas**. Belo Horizonte: Ed. Puc Minas, 2009.
- SPADARO, A. **En tu ojos está mi palabra: homilías y discursos de Buenos Aires, 1999-2013**. Madrid: Claretianas, 2018.
- SPIC, C. **O amor de Deus revelado nos escritos de São João**. São Paulo: Paulinas, 1981.
- SUESS, P. (Org.) **Culturas e evangelização**. São Paulo: Loyola, 1991.
- SUNG, J. Mo. **Cristianismo de libertação: espiritualidade e luta social**. São Paulo: Paulus, 2008.
- SZENTMÁRTONI, M. **Introdução à teologia pastoral**. São Paulo: Loyola, 1999.
- TABORDA, F. **Cristianismo e ideologia: ensaios teológicos**. São Paulo: Loyola, 1984.
- \_\_\_\_\_. Métodos teológicos na América Latina. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.19, p.293-319, 1987.
- \_\_\_\_\_. Pastoral universitária: reflexões teológicas sobre uma prática eclesial. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.14, n.33, p.191-237, 1982.
- \_\_\_\_\_. Teologia e ciência no diálogo interdisciplinar. **REB**, Belo Horizonte, v.34, p.824-39, 1972.
- TAMAYO-ACOSTA, J. J. **Nuevo paradigma teológico**. Madrid: Trotta, 2003.
- TANGERINO, M. R. P. **Pontifícia Universidade Católica de Campinas: vicissitudes históricas e busca de uma identidade**. 2004. 203f. Tese. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos**. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.
- TAVARES, S. (Org.) **Inculturação da fé**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- TAYLOR, C. **Uma era secular**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Orgs.) **As religiões no Brasil**. Continuidades e rupturas. Petrópolis, Vozes, 2011.

TEILHARD-DE-CHARDIN. **O Fenômeno Humano**. Porto: Livraria Tavares Martins, 1970.

TELES, G. M. **Do saber acadêmico à sabedoria existencial: A transdisciplinaridade como missão-dialógica da Cultura Religiosa na Pontifícia Universidade Católica**. 2007. 166f. Dissertação. Faculdade de Teologia, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0510373\\_07\\_pretextual.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0510373_07_pretextual.pdf)>. Acesso em: 25 jan 2018.

THEISSEN, G.; MERZ, A. **O Jesus histórico: um manual**. São Paulo: Loyola, 2002.

THEOBALD, C. **Urgences Pastorales: Comprendre, partager, réformer**. Paris: Bayard, 2017.

\_\_\_\_\_. **Vaticano II: do Concílio pastoral à pastoralidade conciliar hoje**. Conferência com o professor Christoph Theobald, Paris, 2012. Disponível em: <<http://unicapcursodeteologia.blogspot.com.br/2012/10>>>. Acesso em: 19 jun 2018.

THIVIERGE, G. La teología en la universidad católica. **Albertus Magnus**, Bogotá, v.1, n.1, p.35-53, 2012.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1974.

\_\_\_\_\_. **Teologia sistemática: v.III**. Torino: Claudiana, 2003.

TOMÁS DE AQUINO. **Seleção de textos**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

\_\_\_\_\_. **Suma Teológica IV**. São Paulo: Loyola, 2005.

TORGAL, L. R.; ÉSTHER, A. B. **Que Universidade?** Interrogações sobre os caminhos da Universidade em Portugal e no Brasil. Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra, 2014.

TORNOS, A. **Inculturación**. Teología y método. Madrid: Desclée de Brouwer, 2001.

TORRALBA, F. **Inteligência espiritual**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

TORRES, C. A. **Consciência e história: a práxis educativa de Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1979.

TOURAINÉ, A. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje**. Petrópolis: Vozes, 2006.

- TURNER, F. M. **Newman e a ideia de uma universidade**. Bauru: Edusc, 1996.
- TYLOR, E. **Primitive Culture I**. London: J. Murray, 1871.
- TRIGO, P. O caminho de humanização passa pela afirmação dos seres humanos: a celebração, uma oportunidade para retomar o caminho. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.44, n.123, p.181-216, 4 out 2012.
- USARSKI, F. O caminho da institucionalização da Ciência da Religião: reflexões sobre a fase formativa da disciplina. **Religião & Cultura**, São Paulo, v.2, n.3, p.11-28, 2003.
- VALDÉS, A. A. **Cosa sappiamo della Bibbia**. Vicenza: Isg Edizioni, 2004.
- VALENTINI, V.; RIBEIRO NETO, F. B.; ALVES, J. A. de S. **A missão e a identidade da universidade católica no mundo atual**. São Paulo: Educ, 2010.
- VANNUCCHI, A. **A universidade comunitária: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2004.
- VASSELAI, C. **As universidades confessionais no ensino superior brasileiro: identidades, contradições e desafios**. 2001. 195f. Dissertação. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <<http://www.cogeime.org.br/wp-content/uploads/2012/11/As-Universidades-Confessionais-no-Ensino-Superi>>. Acesso em: 3 jan 2018.
- VATICANO II. **Dignitatis Humanae**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Gaudium et Spes**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Gravissimum educationis**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Lumen gentium**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Nostra Aetate**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Unitatis Redintegratio**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- VATTIMO, G. **Depois da cristandade: por um cristianismo não religioso**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- VAZ, J. C. L. **A universidade católica no Brasil: pesquisa sobre a identidade, a situação atual e as perspectivas da universidade católica no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1983.
- VAZ, E. D. Jesus e a sua relação com o povo no Evangelho de Lucas: um estudo teológico-bíblico de Lc 4,16-30. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v.17, n.11, p.993-1005, 2007.

VAZ, H. C. L. A universidade na cultura contemporânea. **Síntese**, Belo Horizonte, v.2, n.4, p.3-11, 1975.

\_\_\_\_\_. Democracia e dignidade humana. **Síntese**, Belo Horizonte, n.44, p.11-25, 1988.

VELA, A. **Una reflexión sobre las relaciones entre evangelización y cultura**. Bogotá: Casa de La Juventud, 2002.

VÉLEZ, O. C. C. La Iglesia y la nueva evangelización, **Atualidade em debate**, v.49, p.52-74, 2015.

VERCRUYSSE, J. **Introdução à teologia ecumênica**. São Paulo: Loyola, 1998.

VERGOTE, A. **Modernidade e cristianismo: interrogações e críticas recíprocas**. São Paulo: Loyola, 2002.

VERMEYLEN, J. **Le Marché: Le Temple et l'évangile**. Paris: Cerf, 2010.

VIDAL, J. M.; BASTANTE, J. **Francisco: o novo João XXIII**. Petrópolis: Vozes, 2013.

VILELA, M. **A coragem da verdade: o presente e o futuro do pontificado de Francisco**. Curitiba: Champagnat, 2014.

VOLKMANN, M. et al. **Método Histórico-Crítico**. Rio de Janeiro: Cedi, 1992.

VIGANÒ, D. E. **Connessi e solitari: Di cosa ci priva la vita online**. Bolonha: Edb, 2017.

VON RAD, G. **Teologia do Antigo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Aste/Targumim, 2006.

WANDERLEI, L. E. **Democracia, direitos humanos e CNBB**. São Paulo: Paulus, 2013.

\_\_\_\_\_. **O que é universidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

WOODS, T. E. J. **Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2008.

ZACHARIAS, R. (Org.) **Instituições católicas de ensino superior: natureza, inspiração e ética**. São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.11, n.32, p.226-36, 2006.

ZAMAGNI, S. A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, v.185, n.11, p.3-11, 2013.

ZANIN, R. L. Interpelações metodológico-pastorais à luz da Evangelii Gaudium. **REB**, Petrópolis, v.75, n.298, p.325-50, 2015.

ZENAIDE, M. de N. T.; DIAS, L. L.; TOSI, G. **A formação em direitos humanos na universidade**: ensino, pesquisa e extensão. João Pessoa: Editora Universitária, 2005.

ZILES, U. **Desafios atuais para a Teologia**. São Paulo: Paulus, 2011.

\_\_\_\_\_. U. Liberdade acadêmica e ética na universidade católica: modelos obsoletos e balizas de um novo paradigma. **REB**, Petrópolis, v.74, n.293, p.188-96, 2014.

\_\_\_\_\_.; QUADROS, O. J. de. **Identidade, desafios e futuro das universidades católicas**. Porto Alegre: Edipucrs, 1993.

ZOAR, D.; MARSHALL, I. **Inteligência espiritual**. Rio de Janeiro: Viva Livros, 2016.